



ARTIGOS COMPLETOS	2015
RESUMOS DE PESQUISA	2327
RELATOS DE EXPERIÊNCIA	2333

19 a 23 de outubro de 2020
Anais do ENEPE
ISSN 1677-6321

Unoeste

ARTIGOS COMPLETOS

A DESCONSTRUÇÃO DA FORMA POR DANIEL LIBESKIND	2017
A REPRESENTATIVIDADE E ASCENSÃO DE ZAHA HADID	2030
ANÁLISE DA RESTAURAÇÃO CONTEMPORÂNEA DO CENTRO CULTURAL DE ARARAS SEGUNDO OS PRINCÍPIOS DA TEORIA DO RESTAURO DE CAMILLO BOITO	2047
ARQUITETURA DA SAÚDE: FARMÁCIA DE MANIPULAÇÃO.....	2058
ARQUITETURA RESIDENCIAL INCLUSIVA: CASA ACESSÍVEL AO SOBREPESO.	2068
AS PRAÇAS DE CARÁIBA	2076
CAMINHOS PARA SAÚDE MENTAL: RELAÇÃO DA ARQUITETURA COM BEM ESTAR.	2082
CARTOGRAFIA FEMININA NA PRAÇA 9 DE JULHO EM PRESIDENTE PRUDENTE-SP	2100
CASA ABRIGO: UM AMPARO A VIOLÊNCIA CONTRA MULHER.....	2110
CULTURA E ARTE URBANA COMO INSTRUMENTOS DE REINSERÇÃO DA POPULAÇÃO MARGINALIZADA EM REGIÃO CONSAGRADA DA CIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE – SP	2123
DANIEL LIBESKIND E A INCORPORAÇÃO DA ESSÊNCIA EMOCIONAL NA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA.....	2130
DIRETRIZES PROJETUAIS PARA A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE PRESIDENTE PRUDENTE – SP: RESTAURO CRÍTICO E CONEXÃO URBANA.....	2143
DIRETRIZES PROJETUAIS PARA O COMPLEXO FERROVIÁRIO DE ADAMANTINA – SP: REVITALIZAÇÃO E REINSERÇÃO URBANA.....	2158
DIRETRIZES URBANAS DE MOBILIDADE PARA TEODORO SAMPAIO/SP – RODOVIA SP-613 COMO EIXO ESTRUTURANTE	2171
ESPACIALIDADE AMBIVALENTE: A CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA NA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE TARABAI - SP.	2181
HABITAÇÕES DE INTERESSE SOCIAL: IMPACTOS AMBIENTAIS E SOLUÇÕES SUSTENTÁVEIS.....	2198
NOVOS RUMOS DA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA	2204
O DESENHO DA QUADRA EM TRÊS CIDADES NOVAS DE JOAQUIM GUEDES.....	2222
O ESPAÇO PÚBLICO DO RESIDENCIAL FLORENZA EM PRESIDENTE PRUDENTE- SP: ESTUDO E DIRETRIZES PROJETUAIS.....	2228
O PROCESSO DE RESTAURO BRANDIANO NA ARQUITETURA APLICADO AO MUSEU DO PÃO.....	2246
PAISAGENS RURBANAS: AS RELAÇÕES SOCIAIS NO ESPAÇO PÚBLICO DOS POVOADOS RURAIS DE DOM BASÍLIO – BA	2259
PROJETO ARQUITETÔNICO DE UM CENTRO DE ESPORTE E LAZER PARA O BAIRRO JOÃO DOMINGOS NETO EM PRESIDENTE PRUDENTE – SP: MEIO DE INTEGRAÇÃO SOCIAL ATRAVÉS DO ESPORTE.	2272
REVITALIZAÇÃO EM ÁREA DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE NO MUNICÍPIO DE TUPI PAULISTA-SP	2282

TEORIA DE ALOIS RIEGL E SUAS APLICABILIDADES DE VALORES SOBRE A IGREJA PRESBITERIANA DE IEPÊ-SP..... 2297

VIVÊNCIAS URBANAS DAS MULHERES NO JARDIM ESPLANADA EM TEODORO SAMPAIO – SP...2310

A DESCONSTRUÇÃO DA FORMA POR DANIEL LIBESKIND

Marco Aurélio Gimenes de Oliveira, Thaís Pichioni Pellozo, Korina Aparecida Teixeira Ferreira da Costa

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: thais.pichioni@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho, compreende uma pesquisa do tipo qualitativa, que abordará dados decorrentes de uma revisão de arquitetura, somada a uma análise sob os aspectos da teoria desconstrutivista, que seguem a metodologia de triangulação de dados de Minayo (2005), sendo assim o estudo em questão propõe a verificação do rompimento com a tradição na arquitetura por Daniel Libeskind, analisado aqui através de quatro obras importantes do arquiteto desconstrutivista, buscando dessa forma, esclarecer seu perfil projetual e pensamento arquitetônico. Este objetivo é obtido por meio de estudos bibliográficos que permitem o entendimento requerido. As obras analisadas no presente artigo são o Edifício Vitra; Museu Judaico de Berlim; e Pavilhão Vanke. A última delas, Royal Ontario Museum, possui uma análise mais aprofundada, reunindo as principais características projetuais do arquiteto, sendo também a obra mais impactante visualmente. O estudo mostra que seus projetos, apesar do cuidado formal, apresentam também um funcionalismo marcante, sendo assim, a teoria do estudo arquitetônico é o rompimento com o tradicionalismo em acordo com suas funções e busca pela sustentabilidade.

Palavras-chave: Estrutura, Formalismo, Fragmentação, Desequilíbrio, Geometria.

THE DECONSTRUCTION OF FORM BY DANIEL LIBESKIND

ABSTRACT

The present work, comprises a qualitative research, which will approach data resulting from an architecture review, added to an analysis under the aspects of deconstructivist theory, which follow Minayo's (2005) data triangulation methodology, thus being the study in question it proposes the verification of the break with tradition in architecture by Daniel Libeskind, analyzed here through four important works by the deconstructivist architect, thus seeking to clarify his design profile and architectural thinking. This objective is achieved through bibliographic studies that allow the required understanding. The works analyzed in this article are the Vitra Building; Jewish Museum in Berlin; and Vanke Pavilion. The last one, the Royal Ontario Museum, has a more in-depth analysis, gathering the main design characteristics of the architect, being also the most visually striking work. The study shows that his projects, despite the formal care, also have a remarkable functionalism, therefore, the theory of architectural study is the break with traditionalism in accordance with its functions and search for sustainability.

Keywords: Structure, Formalism, Fragmentation, Imbalance, Geometry.

INTRODUÇÃO

As mudanças culturais e científicas do início do século XX puseram por terra a confiança no progresso infinito que havia no século anterior e iniciaram uma nova etapa na cultura e na arquitetura, a qual foi capaz de criar novos modelos universais. As mudanças por trás da crise da modernidade resultam na ruptura desses modelos e na sua destruição teórica no fim da década de 1980. No final do século XX, as diferentes ciências da complexidade propõem de modo explícito a ruptura dos modelos universais de conhecimento. (PEREIRA, 2010).

Ainda segundo Pereira (2010), ao mesmo tempo a arquitetura começa a ser entendida mais como comunicação e desenho, em um processo que leva ao predomínio evidente das formas e ao neoecletismo dos processos. Os arquitetos voltam a dar valor ao complexo, ao irônico e ao ambíguo como características

positivas. Em uma espécie de escapismo futurista, se defende a ruptura dos modelos universais de conhecimento e se propõe sua destruição: sua desconstrução como oposição dialética e polêmica, em vez de qualquer ideia de composição arquitetônica.

O termo Desconstrutivismo apareceu pela primeira vez na década de 1980, como uma ideia desenvolvida pelo filósofo francês Jacques Derrida de fragmentação estrutural para explorar a assimetria da geometria, mantendo a funcionalidade do espaço. Iniciou-se uma experimentação com esses volumes, caracterizando um estilo por sua descontinuidade. As regras da arquitetura foram quebradas e a máxima moderna “A forma segue a função” foi completamente abandonada, permanecendo o refinamento e a elegância. Os edifícios foram manipulados de forma a assumir formas geométricas imprevisíveis, mas conservando sua função. (STOUHI, 2018).

O desconstrutivismo possui interpretações diferentes em relação a como ele é alcançado, porém, todas elas levam ao mesmo resultado, um rompimento irrefreável da tradição arquitetônica. Derrida (1950) diz que a desconstrução é uma investigação da técnica e da metáfora arquitetônica, capaz de conceber a ideia de construção. Segundo ele, pode-se entender a desconstrução como um retrocesso, pois desfaz um sistema construído ao longo de anos de tradição e cultura.

Segundo Bernard Tschumi (1981), a arquitetura não apresenta um conjunto de conceitos que evidencie sua continuidade de questões e as fronteiras de suas atividades. Assim, seus limites são variáveis, possuindo seus temas e seus ideais próprios para cada década. Para ele, cada forma de conhecimento usa diferentes discursos e expressões arquitetônicas, nos informando sobre a situação da arquitetura e suas preocupações e polêmicas.

Surge então a questão de que o desconstrutivismo seria a resposta de sua época e anseios das pessoas que nela vivem, e dessa forma, inevitável. Tschumi (1981) ainda aponta para os desvios do discurso formalista e a renovação do interesse por eventos arquitetônicos, que têm tomado uma forma programática e imaginária. Começa a discutir o “efeito crítico” dos tipos construtivos tidos como ideais, nascidos da função e transformados em novos programas, dizendo que “se quisermos nos ater a uma ruptura epistemológica com o que é geralmente chamado de Modernismo, então sua contingência formal também deve ser posta em questão”. (TSCHUMI, 1981, p. 187).

A arquitetura desconstrutivista provém da disjunção de elementos considerados imutáveis ou tradicionais, e indiscutivelmente associados, surgindo em oposição a isso. No entanto, essa disjunção apenas possibilita a compreensão ao longo do tempo, dos elementos separados e únicos, não precisando necessariamente estarem unidos para fazerem sentido. Assim:

O conceito de disjunção é incompatível com uma visão estática, autônoma e estrutural da arquitetura. Mas não é contrário à autonomia ou à estrutura: apenas implica operações mecânicas constantes que produzem sistematicamente a dissociação no espaço e no tempo, em que um elemento programático, com o movimento de corpos ou coisas do tipo. (TSCHUMI, 1981, p. 191).

De acordo com Eisenman (1987, p. 192), “a figura retórica é uma forma híbrida que sintetiza presença e ausência, e que contém sua própria ausência”. Uma obra deve ser representativa por si mesma e não remeter a elementos que não fazem parte de seu contexto e época. Ela deve ser real e estar contida dentro do que pretende expressar. Se diferenciando da arquitetura dos símbolos que resgatam o passado, da falsa representação, onde representa algo que não está presente. Ainda assim, ela se difere da Arquitetura Moderna, uma vez que ela modifica seu ideal totalmente funcional e o unifica ao formalismo, agregando-o a ele e tornando um edifício um misto das duas coisas, podendo ser muito bem articuladas e apresentadas em conjunto.

Segundo Mugerauer (1988, p. 215), “[...] o objetivo é continuar desconstruindo e reconstruindo, sempre tecendo de novo o novo ambiente em que habitamos.” O pensamento soa como uma crítica aos objetivos desconstrucionistas, uma vez que explicita a impossibilidade de se livrar totalmente de símbolos e a criação de um modelo que venha a se tornar tradicional, já que ao quebrar com os conceitos e caminhos existentes, criam-se novos conceitos e caminhos que os substituem.

Existem outros nomes da Arquitetura Desconstrutivista, muito importantes, que certamente se faz relevante comentar e caracterizar alguns deles, de forma breve, na intenção de expor os nomes de obras significantes para o movimento.

Conforme Oma (2020) Rem Koolhaas, arquiteto holandês, fundou o estúdio OMA em 1975 e se graduou na Architectural Association, em Londres. Seu trabalho inclui as obras da Biblioteca Nacional do Qatar e sede da Fundação Qatar (2018); Casa da Música, em Porto, Portugal (2005) e a Sede da Televisão Central da China, em Pequim (2012).

Segundo Francine Trevisan (2017, s/ p.), o escritório de arquitetura Herzog & de Meuron, fundado pelos arquitetos Jacques Herzog e Pierre de Meuron, apresentou inovações que o tornaram referência, como no caso do Estádio do Bayern de Munique, ou Allianz Arena, concluído em 2005. “Sua estrutura é mista em aço e concreto, arrematada externamente por 1056 painéis em formato de diamante, que transformam o edifício em um anel de luz, colorido conforme a camisa dos times confrontantes”.

De acordo com Duque (2017, s/ p.), Zaha Hadid foi a primeira mulher a receber o Prêmio Pritzker, e sua carreira sempre buscou expandir os limites da arquitetura através de formas contínuas e singulares que criam contrastes espaciais. “Nos últimos anos, a arquiteta teve uma série de projetos aclamados pela crítica, incluindo: Casa de Ópera Guangzhou de 2010 [...]; o Museu Riverside [...] e, o recém terminado Galaxy Soho, em Pequim.”

Em consonância com DS+R (2020), Diller Scofidio + Renfro é um estúdio fundado em 1981, que além do trabalho arquitetônico abrange também o design urbano, arte de instalação, desempenho multimídia, mídia digital e impressão. “Com foco em projetos culturais e cívicos, [...] aborda a mudança do papel das instituições e o futuro das cidades. O estúdio [...] é liderado por quatro parceiros - Elizabeth Diller, Ricardo Scofidio, Charles Renfro e Benjamin Gilmartin.” (DS+R, 2020, p. 1).

Será abordado a seguir a arquitetura e projeto de Daniel Libeskind, renomado arquiteto desconstrutivista que, segundo Libeskind (2020, p. 1) acredita que “o design atrevido deve ser realizado com tecnologia sustentável e [...] que a arte da arquitetura consiste em criar um impacto máximo dentro das restrições de orçamento e funcionalidade.”

MÉTODOS

A metodologia desse estudo baseia-se numa investigação bibliográfica somada a uma análise através de triangulação de dados, que conforme Minayo (2005, p. 01) se fundamenta numa abordagem qualitativa de pesquisas, “[...] capaz de viabilizar o entrelaçamento entre teoria e prática e de agregar múltiplos pontos de vista seja das variadas formulações teóricas utilizadas pelos pesquisadores ou a visão de mundo dos informantes da pesquisa [...]”, utilizando-se como instrumentos para levantamento livros, sites, artigos e periódicos a partir da compreensão dos fenômenos, por meio de sua descrição e interpretação. Para o presente artigo, como trabalho do tipo levantamento bibliográfico, tem-se inicialmente uma investigação das principais produções no contexto, considerando a peculiaridade do objeto de estudo arquitetônico, tendo como foco o rompimento com o tradicionalismo em consonância com o funcionalismo e a busca pela diminuição nos impactos ao meio ambiente.

RESULTADOS

Daniel Libeskind é um arquiteto americano, nascido na Polônia em 1946. Emigrou para a cidade de Nova York em 1959.

Depois de estudar música, ele recebeu seu diploma como arquiteto profissional na Cooper Union para o avanço da Ciência e Arte em 1970 e uma pós-graduação em história e teoria da arquitetura na universidade de Essex em 1972. Em 1989, depois de vencer o concurso internacional para o museu Judaico de Berlim, ele se mudou para Berlim e fundou o estúdio vivo, sua esposa Salinas, grandes projetos culturais de renome mundial. (LIBESKIND, 2020, s/ p.).

Em 2003, o Studio Libeskind se instala em Nova York, quando o arquiteto é selecionado como vencedor do concurso para projetar o World Trade Center, e se envolve em design e na realização de um grande número de shoppings e torres residenciais em todo o mundo. A arquitetura da pele, de seu

interesse, e seu profundo compromisso com a música, filosofia, literatura e poesia lírica, tem como objetivo criar uma arquitetura ressonante única e sustentável que conte uma história. “Acredito que a arquitetura comunica a riqueza da cultura, mesmo que tenha muito a ver com tecnologia e engenharia, é principalmente um campo cultural. [...] A arquitetura é arte da comunicação, é uma arte da cultura e arte do intelecto, é poesia, é música.” (LIBESKIND, 2014).

Segundo Libeskind (2020), ainda no ano de 2003, a empresa abre um escritório na Suíça para desenvolver o projeto de West City e gerenciar seus negócios na Europa a partir de 2004. Se instala em Zurich em 2012. Libeskind expande sua presença na Europa com a abertura de um estúdio em Milão, Itália, não apenas com projetos de arquitetura, mas também produtos de design industrial e design de interiores.

Figura 1. Daniel Libeskind



Fonte: 44Arquitetura, 2020.

O movimento agora conhecido como desconstrutivismo nasceu com a exposição *Arquitetura Desconstrutivista*, em Nova York, com curadoria do arquiteto vencedor do Prêmio Pritzker de 1979, Philip Johnson, com a assistência de Mark Wigley, atualmente Decano Emérito da Universidade de Columbia. A exposição foca em 7 arquitetos internacionais (Peter Eisenman, Frank Gehry, Zaha Hadid, Rem Koolhaas, Daniel Libeskind, Bernard Tschumi e Coop Himmelblau), cuja abordagem da arquitetura é muito parecida. Os projetos apresentados são uma continuação do construtivismo russo de 1920, mas o objetivo tradicional de harmonia, unidade e clareza é superado pela desarmonia e o mistério. Por fim, Mark Wigley escreve: “Os projetos desta divisão marcam uma sensibilidade e uma diferença na qual o solo em uma forma pura foi perturbado, a forma foi contaminada, o sonho tornou-se uma espécie de pesadelo”. (LIBESKIND, 2014, s/ p.).

Segundo Libeskind (2020), a reconhecida imperfeição do arquiteto do mundo moderno intencionalmente viola a ordem e o finalismo do modernismo, através do uso de volumes torcidos diagonais e deformados. Em seguida, no monte da arquitetura construtivista os projetos são ambíguos e descentralizados, apresentam torções, fragmentações e dobras e parecem estar em estado de explosão ou colapso.

Libeskind (2014) explica que sua abordagem à arquitetura não é ortodoxa e que o processo de design é inevitável, pois as ideias podem vir da música ou de um poema ou podem ser inspiradas pelas coisas mais inefáveis, como a luz e o som mais apropriado, sendo sua filosofia de design baseada na ideia

de que a arquitetura em si é comunicativa, cada um dos edifícios conta uma história única e particular que reflete tanto o conteúdo programático quanto a singularidade, que os edifícios e projetos urbanos são modelados com uma energia humana perfeita e que os edifícios têm a comunidade cultural em que são construídos, por outro lado, de acordo com o lugar, é impossível construir algo significativo se você não entender profundamente. No contexto de um projeto como esse, não apenas o ambiente físico imediato é levado em consideração, mas também a história de um local às tradições relacionadas a isso.

Finalmente, Daniel Libeskind se refere a Teoria da Arquitetura, como a arte que está constantemente progredindo e que se assemelha a um ser humano: tem vulnerabilidades, uma alma, um coração problemas e tensões. “Um projeto é produto de uma análise de lugar, como também de uma evolução que envolve a comunidade e emocionantes seres humanos.” (LIBESKIND, 2014, s/ p.).

Serão comentadas três das principais obras do arquiteto em estudo, com a intenção de melhor compreender suas características e perfil projetual. A primeira delas é o Edifício Vitra, um prédio de apartamentos localizado no bairro Itaim Bibi, na cidade de São Paulo. “É um projeto residencial luminoso próximo às vias importantes e do conhecido Parque do Povo e Ibirapuera, o primeiro projeto do Studio Libeskind na América do Sul.” (LIBESKIND, 2020, s/ p.).

Como primeira parceria entre o Studio Libeskind e Pablo Slemenson, o prédio possui 14 apartamentos, onde cada um deles apresenta uma planta diferente e ocupa um andar inteiro. (ARCHDAILY, 2015). Segundo o Libeskind (2020, p. 1), “o edifício está envolvido em um jogo de transparência e opacidade: com a progressão do sol, o vidro se alterna entre um espelho perfeito do céu e a dinâmica vida da cidade de São Paulo [...]”.

Figura 1. Edifício Vitra na paisagem urbana de São Paulo.



Fonte: Studio Libeskind, 2020.

De acordo com Archdaily (2015, p. 1), “o design ousado do edifício é multifacetado como uma pedra preciosa. As varandas de vidro com jardins verdes se alternam com as fachadas lisas do edifício.” O arranha-céu espelhado tem como conceito sua preocupação com a sustentabilidade, sendo assim, seu partido surge da adoção de diversos meios de reaproveitamento, reutilização e economia de recursos.

Um dos princípios orientadores do projeto foi a adoção de práticas sustentáveis. As soluções sustentáveis empregadas no Vitra incluem um sistema de coleta e reutilização de água da chuva, painéis solares para aquecimento de água, uso de materiais sustentáveis, baixo consumo de energia, vidros de baixa emissividade, sistemas inteligentes de gerenciamento do edifício e gerenciamento eficiente de resíduos gerados durante a construção. O projeto foi concluído em 2015. (LIBESKIND, 2020, s/ p.).

O edifício Vitra tem como um de seus destaques suas plantas que se diferenciam entre cada pavimento, oferecendo assim uma dinâmica e características únicas em cada um dos apartamentos. “Vitra possui quatorze residências e uma cobertura, cada uma com uma planta única, variando em tamanho de 6.080 a 12.325 pés quadrados.” (LIBESKIND, 2020, s/ p.).

Figura 1. Setorização da planta baixa Duplex I do Vitra, sem escala.

VITRA

1501 - Duplex inferior - 578,95m²

Fonte: Pinterest, modificado pelo autor, 2020.

Figura 2. Setorização de corte esquemático do Vitra, sem escala.



Fonte: Archdaily, modificado pelo autor, 2020.

Ao analisar as setorizações de uma das plantas e um corte do edifício, percebe-se sua categorização de espaços bastante definida, de forma funcional e proveitosa quanto suas posições e utilização. “As comodidades incluem: um jardim na base; vistas da cidade em 360 graus em todas as unidades; e instalações de bem-estar (spa, academia e piscina).” (LIBESKIND, 2020, s/ p.).

A segunda das principais obras analisadas é o Museu Judaico de Berlim, que foi aberto ao público em 2001, e expõe a história social, política e cultural judia na Alemanha desde o século IV até o presente. “Ele integra e apresenta de forma objetiva, pela primeira vez na Alemanha pós-guerra, as repercussões do Holocausto.” (LIBESKIND, 2020, s/ p.).

Figura 5. Museu Judaico de Berlim, ao lado do Museu Barroco.



Fonte: Studio Libeskind, 2020.

O projeto é formado por duas linhas que traçam o corpo do edifício. De acordo com Yunis (2016, p. 1) “nas interseções dessas linhas estão os “vazios”, espaços que se elevam a 20 metros verticalmente desde o térreo à cobertura e que representam o elemento estrutural do novo edifício e a nova conexão com o edifício antigo”. Não é possível acessar o novo museu, só podendo ser adentrado através do antigo museu barroco, localizado ao seu lado. “Um Vazio corta o plano de zigue-zague do novo prédio e cria um espaço que incorpora a ausência. É uma linha reta cuja impenetrabilidade se torna o foco central em torno do qual as exposições são organizadas.” (LIBESKIND, 2020, p. 1). As janelas em fita na fachada parecem cortar o edifício, como se ele possuísse feridas e cicatrizes.

O posicionamento das janelas, precisamente as estreitas fendas, segue uma matriz precisa. Durante o processo de projeto, Libeskind traçou as direções de cidadãos judeus e alemães de destaque em um mapa de Berlim anterior à Guerra, e uniu os pontos para formar uma “matriz irracional e invisível”, em que baseia a linguagem formal e a geometria do edifício. (YUNIS, 2020).

Grande parte das paredes do museu não contam com calefação ou condicionamento de ar, nem luz artificial, assim como a “Torre do Holocausto”. O edifício é revestido em zinco, um material que tem uma larga tradição na história arquitetônica berlinense. O zinco não tratado muda de cor e oxida-se com a exposição à luz e às intempéries, criando mudanças na fachada através dos anos. (YUNIS, 2020).

Por último, será comentado sobre uma obra temporária. “Localizado em Milão, na Itália, e exposto em 2015, o Pavilhão Vanke é um pavilhão corporativo, desenvolvido para a empresa asiática Vanke China.” (LIBESKIND, 2020, s/ p.).

Figura 3. Pavilhão de Vanke.



Fonte: Archdaily, 2020.

O Pavilhão de Vanke incorpora três ideias da cultura chinesa que fazem relação com a alimentação. Segundo Archdaily (2015, p. 3), são eles: “a *shi-tang*, uma sala de jantar tradicional chinesa; a paisagem, o elemento essencial para a vida; e o dragão, que está metaforicamente relacionado à agricultura e ao sustento.”

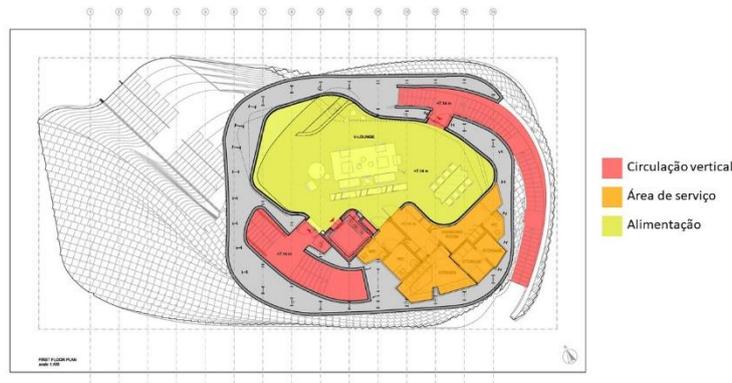
Foi dada importância para a cultura chinesa, que com as cidades forçando as pessoas a viverem próximas umas das outras, corria o risco de esquecimento perda ao longo do tempo. De acordo com Archdaily (2015, p. 4), “[...] é uma estrutura dinâmica que representa o crescimento e a resistência do povo chinês. É uma fusão completa de espaço interno e externo, o que permite um encontro inesperado entre o pavilhão e o espaço público que o envolve.

O pavilhão possuía 800 m², posicionado na extremidade sudeste do Lago Arena, e parecia surgir do Leste, criando uma paisagem dinâmica e vertical (LIBESKIND, 2015, p. 1). “Com a presença de um padrão geométrico sinuoso formado através de sua forma curva esticada e suas placas desenvolvidas especialmente para o projeto, totalizadas em 4.000.” (ARCHDAILY, 2015, s/ p.).

As placas geométricas, além de lembrarem um dragão, apresentam características sustentáveis, como autolimpeza e purificação do ar, e seu tom metálico vermelho faz com que diferentes cores sejam vistas, dependendo da luz que incide e reflete a partir de diferentes pontos de vista. (LIBESKIND, 2015).

Há uma fusão muito bem-criada entre o interior e o exterior do pavilhão. Bambu e uma floresta de telas flutuam sobre um espelho d'água irregular que se molda aos caminhos do visitante. Segundo Archdaily (2015, p. 6), “[...] os visitantes encontram um espaço de exposição preenchido com uma constelação de 200 telas montadas em uma matriz de andaimes de bambu.”

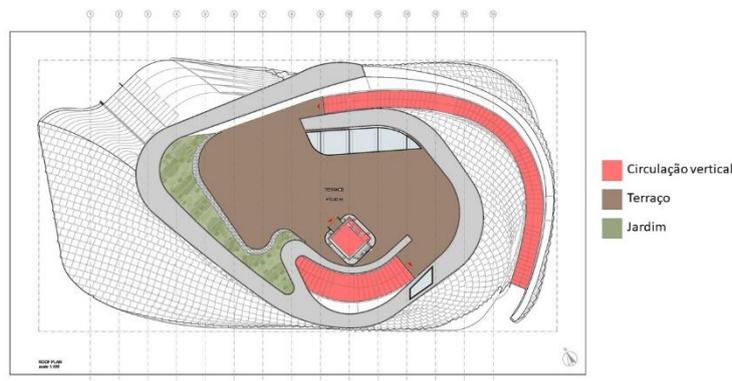
Figura 7. Planta primeiro piso, sem escala.



Fonte: Archdaily, modificado pelo autor, 2020.

Segundo Archdaily (2015, p. 6), “A grande escadaria, feita em concreto cinza é esculpida na forma avermelhada [...]. A plataforma de observação no pavimento superior com um jardim irá proporcionar uma vista deslumbrante sobre o lago [...]”.

Figura 8. Planta último piso, sem escala.



Fonte: Archdaily, modificado pelo autor, 2020.

Através das análises realizadas, é possível notar o caráter extremamente funcional no arquiteto, apesar de suas formas não tradicionais e únicas, que fogem do que as pessoas estão acostumadas a ver. Suas possuem significado, expressando-se bem diante do que elas surgem, seja no Edifício Vitra, seja no Museu Judaico de Berlim.

DISCUSSÃO

A seguir será analisada uma obra de grande relevância, escolhida com foco para este trabalho, na busca por esclarecer o perfil do arquiteto Daniel Libeskind e seu pensamento de romper com a tradição.

ROYAL ONTARIO MUSEUM

O Museu Real de Ontário, conhecido como ROM, está localizado em Toronto, no Canadá, em um dos cruzamentos mais importantes do centro da cidade, sendo o maior museu do país e atraindo mais de um milhão de visitantes por ano. Em vez de construir novos museus para manter suas condições de exposição, o museu optou pela expansão de seus muros, para acomodar melhor a história. “Projetada pelo

Studio Daniel Libeskind e inaugurada oficialmente em 2007, a extensão nomeada como Michael Lee-Chin Crystal, oferece quase 9.300 m² de espaço para exposições, nova entrada e novo saguão, uma loja e três novos restaurantes.” (LIBESKIND, 2020).

Figura 9. Situação do ROM.

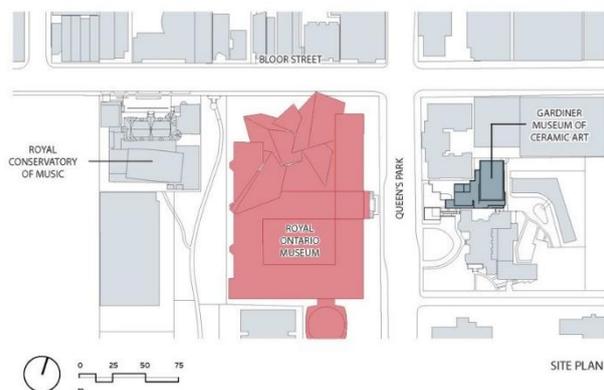


Fonte: ArchDaily, modificado pelo autor, 2020.

Conforme Arch2o (2020), a nova adição parece dominar o edifício histórico existente, não tendo problemas em forçar sua arquitetura ao tradicional prédio de 102 anos, sem criar uma transição de uma forma para outra, sendo seu nome derivado dos cinco volumes que se cruzam no edifício, lembrando cristais. Dando atenção e considerando à estrutura antiga, um grande átrio foi projetado fazendo a separação, fornecendo uma visão para as fachadas restauradas do patrimônio. Para o projeto, ainda foram renovadas dez galerias já existentes no antigo prédio.

O projeto foi ganhador de três grandes prêmios: “Ontario Steel Design Awards” pelo Instituto Canadense de Construção em Aço (2007), nomeado uma das “Novas Sete Maravilhas do Mundo” da Conde Nast Traveler (2008) e o “Sistema d’Atore Metra” do XVII Concorso Internazionale (2009). (LIBESKIND, 2020).

Figura 10. Royal Ontario Museum Crystal



Fonte: Arch2o, 2020.

O Royal Ontario Museum é um exemplo de edifício contemporâneo que acaba por estar em disjunção com seu entorno, parecendo deslocado contra o fundo de edifícios históricos. “A diferenciação é justificada pelo programa que contêm, com o choque de sua presença contribuindo para se tornar um ícone, uma vez que suas formas incomuns geram uma resposta do público, não competindo com outros a sua volta.” (CROCKETT, 2016).

A grande estrutura criada por Libeskind parece ter pousado sobre o prédio do antigo museu, ao mesmo tempo sugere que tenha brotado ali. “O acréscimo reforça a importância e a beleza do edifício

antigo, criando um ponto de contemplação para o mesmo, onde o espectador pode apreciar a beleza do velho aproveitando o espaço do novo.” (LIBESKIND, 2020).

Figura 11. Royal Ontario Museum.



Fonte: Architizer, 2020.

Segundo Architizer (2020), o programa do museu oferece uma oportunidade maravilhosa para a nova arquitetura dramática e a criação de uma grande atração pública. “O Crystal transforma o caráter secreto e parecido com uma fortaleza do ROM, transformando-o em uma atmosfera inspirada dedicada ao ressurgimento do Museu como um centro dinâmico de Toronto.” Os edifícios históricos, complementados com uma arquitetura avançada e arrojada, formam um conjunto que regenera o significado urbano do Museu, que se torna uma vitrine de pessoas, eventos e objetos, transformando o complexo em um destino de classe mundial.

Para Cao (2019), Libeskind criou uma estrutura de formas prismáticas organicamente entrelaçadas, transformando essa parte importante de Toronto e todo o complexo do museu em um farol luminoso, usando prismas de vidro e aço, onde todo o nível do solo é unificado em um espaço contínuo, com clareza de circulação e transparência, explorando as mesmas formas para forçar parte do programa do museu para fora do edifício histórico, surgindo “um espaço experimental que procura investigar conceitos de acessibilidade e os limites entre a esfera pública e privada.”

Dos cinco novos cristais criados, dois desses são dedicados ao espaço da galeria, se cruzando para criar o espaço conhecido como Spirit House, que consiste em um grande átrio que sobe do nível do solo até o quarto andar, com pontes que o atravessam em vários níveis. “Um dos cristais contém a Stair of Wonders, escadaria que apresenta vitrines de exposição, e outros dois cristais abrigam um restaurante.” (ARCH2O, 2020).

Segundo Arch2o (2020, s/p.), o edifício foi construído em estrutura de aço com revestimento de alumínio e janelas de vidro. Embora o exterior seja caótico, a interseção de espaços feitos pela forma de cristal cria uma variedade de átrios em diferentes níveis do museu, oferecendo uma ampla variedade de vistas únicas para as galerias e para o mundo que está progredindo lá fora.

Libeskind também conseguiu trazer uma sensação de urbanidade para o interior do Crystal, que parece uma série de espaços unidos por passarelas, pontes, pontos de vista e janelas. Claramente, o edifício foi projetado para proporcionar o máximo prazer aos visitantes, para ser um artefato por si só, não apenas um receptáculo, a 'caixa preta' que obcecou os curadores por muito tempo. (HUME, 2007, s/p.)

Segundo Derrida (1950, p. 164) o desconstrutivismo rompe com o sonho da forma pura da arquitetura tradicional, surgindo de uma análise do porquê um edifício não pode fugir dos padrões de estética estabelecidos com o passar dos anos, através de sistemas filosóficos e culturais, deixando claro

suas ideias de não destruição com uma estrutura aparentemente instável mas que não gera um colapso na edificação, identificando na impureza ao mesmo tempo convencimento e tortura, como um interrogatório. “A nova ala do museu provoca, instiga e choca o público, aflorando a imaginação e deixa todos atentos e apreensivos com a sensação de instabilidade aliada as dimensões do prédio, impondo sua presença como edifício expressivo que reflete a vida contemporânea.” (LIBESKIND, 2020).

Figura 12. Royal Ontario Museum, fachada, relação entre o velho e o novo.



Fonte: Architizer, 2020.

Através da sua arquitetura, Daniel Libeskind, transmite um sistema complexo de relações entre o significado da história do projeto e o projeto em si, tornando-o um elemento tangível. Fica claro que, o processo de desenho requer uma sensibilidade que somente um arquiteto pode entender e, a arquitetura dos edifícios devem contar uma história e, por sua vez, deve apresentar uma identidade do contexto em que se encontra.

O desconstrutivismo de Libeskind refere-se ao fato de que, a composição do edifício deriva da história da discussão arquitetônica de onde ele nasce, a forma, como, e por quê. Sendo assim, a arquitetura deve ser compreendida como uma forma de linguagem que permite a comunicação com as pessoas e transmite uma mensagem para elas, ou seja, os edifícios funcionam como geradores de emoções.

Devido ao constante avanço tecnológico, a inovação é um fator determinante na arquitetura, capaz de atender às atuais necessidades globais, propondo soluções adequadas ao novo contexto, mediante projetos que conciliam economia, estética e função, incluindo questões de caráter ambiental e social. Daniel Libeskind é um visionário inovador e corresponde à busca arquitetônica na contemporaneidade que associa forma à emoção humana. Sua obra é atemporal, pensada no seu contexto e, ainda capaz de atingir um design que dialoga com as pessoas e o lugar.

AGRADECIMENTOS

À Universidade, por nos possibilitar a oportunidade de participar de eventos que ampliam nosso conhecimento.

À professora Korina Costa, nossa orientadora, pelos direcionamentos para a elaboração do presente artigo e por nos incentivar a apresentá-lo no ENEPE.

A nossos amigos e familiares, pelo apoio incondicional, sem os quais a realização deste trabalho não seria possível.

REFERÊNCIAS

ARCH2O. **Royal Ontario Museum | Studio Libeskind**, 2020. Acessado em 08 Maio 2020 <<https://www.arch2o.com/royal-ontario-museum-studio-daniel-libeskind/>>

ARCHDAILY. **Expo Milão 2015: Pavilhão de Vanke/Daniel Libeskind**, 11 Maio 2015. Acessado em 01 Maio 2020 <<https://www.archdaily.com.br/br/766633/vanke-pavilion-expo-milao-2015-daniel-libeskind>>

ARCHDAILY. **VITRA/Studio Daniel Libeskind + Pablo Slemenson Arquitetura**, 06 Abr 2015. Acessado em 02 Maio 2020 <<https://www.archdaily.com.br/br/764928/vitra-studio-daniel-libeskind>>

ARCHITIZER. **Royal Ontario Museum**, 2020. Acessado em 08 Maio 2020 <<https://architizer.com/projects/royal-ontario-museum/>>

CAO, Lilly. **10 Intervenções Contemporâneas em Museus Históricos**, 15 Jul 2019. Acessado em 07 Maio 2020 <<https://www.archdaily.com.br/br/920695/10-intervencoes-contemporaneas-em-museus-historicos>>

CROCKETT, Lauren. **Protagonismo ou mimetismo? Como arquitetos lidam com o contexto**, 2016. Acessado em 08 Maio 2020 <<https://www.archdaily.com.br/br/793351/protagonismo-ou-mimetismo-como-arquitetos-lidam-com-o-contexto>>

DERRIDA, Jacques. **Uma arquitetura onde o desejo pode morar**. Entrevista a Eva Meyer. In: NESBITT, Kate (org.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura**. Antologia Teórica 1965-1995. Páginas: 166-172. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

DUQUE, Karina. **Em Foco: Zaha Hadid**, 31 Out 2017. Acessado em 22 Maio 2020 <<https://www.archdaily.com.br/br/756488/em-foco-zaha-hadid>>

DS+R, Projetos. **Studio**, 2020. Acessado em 22 Maio 2020 <<https://dsrny.com/?index=true§ion=studio>>
EISENMAN, Peter. **A Arquitetura e o Problema da Figura Retórica**. In: NESBITT, Kate (org.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura**. Antologia Teórica 1965-1995. Páginas: 193-199. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

HOME, Christopher. **Museum as Artifact**, 26 Maio 2007. Acessado em 06 Maio 2020 <https://www.thestar.com/opinion/columnists/2007/05/26/museum_as_artifact.html>

LIBESKIND, Studio. **Jewish Museum Berlin**, 2020. Acessado em 12 Maio 2020 <<https://libeskind.com/work/jewish-museum-berlin/>>

LIBESKIND, Studio. **Profile**, 2020. Acessado em 22 Maio 2020 <<https://libeskind.com/profile/>>

LIBESKIND, Studio. **Royal Ontario Museum**. Acesso em 06 Maio 2020. <<https://libeskind.com/work/royal-ontario-museum/>>

LIBESKIND, Studio. **Vanke Pavilion**, 2020. Acessado em 02 Maio 2020 <<https://libeskind.com/work/vanke-pavilion/>>

LIBESKIND, Studio. **Vitra**, 2020. Acessado em 01 Maio 2020 <<https://libeskind.com/work/vitra/>>

MINAYO MCS, ASSIS SG, SOUZA ER, organizadores. **AVALIAÇÃO POR TRIANGULAÇÃO DE MÉTODOS: ABORDAGEM DE PROGRAMAS SOCIAIS**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2005. 244 pp. <https://doi.org/10.7476/9788575415474>

MUGERAUER, Robert. **Derrida e Depois**. In: NESBITT, Kate (org.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura**. Antologia Teórica 1965-1995. Páginas: 200-177. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

OMA, Office Work Search. **Rem Koolhaas**, 2020. Acessado em 22 Maio 2020 <<https://oma.eu/partners/rem-koolhaas>>

PEREIRA, José Ramón Alonso. **Intrudução à História da Arquitetura**, [Recurso Eletrônico]. Traduzido por Alexandre Salvaterra. – Dados Eletrônicos. – Porto Alegre: Bookmam, 2010.

STOUHI, Dima. **O que é Desconstrutivismo?**, 28 Ago 2018. Acessado em 22 Maio 2020 <<https://www.archdaily.com.br/br/900679/o-que-e-desconstrutivismo>>

TREVISAN, Francine. **Herzog & de Meuron é o nome do escritório de arquitetura suíço, chefiado pelos dois arquitetos que o batizaram com seus sobrenomes: Jacques Herzog e Pierre de Meuron**, 27 mar 2017. Acessado em 22 Maio 2020 <<https://www.revistahabitare.com.br/artigos/herzog-de-meuron/>>

TSCHUMI, Bernard. **Arquitetura e Limites 1**. In: NESBITT, Kate (org.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura**. Antologia Teórica 1965-1995. Páginas: 173-177. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

TSCHUMI, Bernard. **Arquitetura e Limites 2**. In: NESBITT, Kate (org.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura**. Antologia Teórica 1965-1995. Páginas: 179-182. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

TSCHUMI, Bernard. **Arquitetura e Limites 3**. In: NESBITT, Kate (org.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura**. Antologia Teórica 1965-1995. Páginas: 184-188. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

TSCHUMI, Bernard. **Introdução: Notas para uma Teoria da Disjunção Arquitetônica**. In: NESBITT, Kate (org.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura**. Antologia Teórica 1965-1995. Páginas: 189-191. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

YUNIS, Natalia. **Clássicos da Arquitetura: Museu Judaico de Belim/Daniel Libeskind**, 09 Nov 2016. Acessado em 12 Maio 2020 <<https://www.archdaily.com.br/br/799056/classicos-da-arquitetura-museu-judaico-de-berlim-daniel-libeskind>>

A REPRESENTATIVIDADE E ASCENSÃO DE ZAHA HADID

Alana Damaris Martins Amaral Dos Santos, Karen Cristina Verduro De Souza, Lara Oliveira Nunes, Nathalia Fernanda De Mattos De Souza, Korina Aparecida Teixeira Ferreira Da Costa

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: karenc.v.s@outlook.com

RESUMO

Considerado um dos últimos movimentos a surgir no ramo da arquitetura, o Desconstrutivismo, pode ser compreendido como o ato de desmontagem ou demolição de uma estrutura construída, seja por razões estruturais ou ato subversivo. Assim, ele defende o rompimento com os paradigmas tradicionais da arquitetura e valoriza a fragmentação. Dessa forma, dentro dessa conjuntura de transformação, desponta-se a arquiteta iraquiana-britânica Zaha Hadid (1950-2016), com uma arquitetura pautada na utilização de traços únicos, marcados por curvas complexas e experimentais, que transmitem uma impressão revolucionária. Seguindo isso, será realizada uma pesquisa explicativa através de uma abordagem analítica da grande contribuição que Zaha trouxe para a arquitetura, com a sua representatividade como mulher. Além da relação que ela possui com a sua própria produção arquitetônica, em especial nas análises de forma, função, estrutura, espaço e tempo inseridas nos exemplares arquitetônicos do Porto da Antuérpia, o Centro Aquático, a Ópera House, Heydar Aliyev Center.

Palavra-chave: Desconstrutivismo, Porto da Antuérpia, o Centro Aquático, a Ópera House, Heydar Aliyev Center.

ZAHA HADID'S REPRESENTATIVITY AND ASCENSION

ABSTRACT

Considered one of the last movements to emerge in the field of architecture, Deconstructivism, can be understood as the act of dismantling or demolishing a built structure, whether for structural reasons or a subversive act. Thus, he defends the break with traditional paradigms of architecture and values fragmentation. Thus, within this context of transformation, the Iraqi-British architect Zaha Hadid (1950-2016) emerges, with an architecture based on the use of unique features, marked by complex and experimental curves, which convey a revolutionary impression. Following this, an explanatory research will be carried out through an analytical approach of the great contribution that Zaha brought to architecture, with its representation as a woman. In addition to the relationship it has with its own architectural production, especially in the analysis of form, function, structure, space and time inserted in the architectural examples of the Port of Antwerp, the Aquatic Center, the Opera House, Heydar Aliyev Center.

Keywords: Deconstructivism, Port of Antwerp, the Aquatic Center, the Opera House, Heydar Aliyev Center.

INTRODUÇÃO

O Desconstrutivismo é um movimento arquitetônico contemporâneo, registrado entre o final do século XIX e início do século XX. Essa nova visão da paisagem urbana caracteriza-se pelos princípios da “desconstrução” em crítica aos paradigmas tradicionais das produções antecedentes.

Seguindo esses preceitos a arquiteta Zaha Hadid (1950-2016) tornou-se uma referência importante para o movimento, ao expressar em suas obras os princípios de fragmentação e inovação que se materializaram em uma volumetria inédita na história da arquitetura. Em vista disso, a projetista nascida em 1950, de origem muçulmana, tornou-se a primeira mulher a receber o maior prêmio da arquitetura mundial, o *Pritzker*.

No decorrer de sua carreira, a arquiteta construiu inúmeras obras de grande valor arquitetônico, no entanto algumas foram destacadas a fim de relacionar as questões formais, funcionais e estruturais presentes em seu trabalho, como o edifício no Porto da Antuérpia, na Bélgica, construído em 2016; o Centro Aquático construído em 2012, para as Olimpíadas em Londres e a Ópera House concluída em 2010 em Guangzhou, na China.

Dentre suas produções, o edifício *Heydar Aliyev Center*, é destacado como uma obra de grande importância e recebe maior aprofundamento analítico. O edifício construído na cidade de Baku, no Azerbaijão, no contexto de independência do país da extinta União Soviética, em 1991, foi um dos símbolos de modernização da cidade, através de uma perspectiva historicista, com uma adesão de desenvolvimento através de uma interpretação firmemente contemporânea.

MÉTODOS

O presente artigo consiste principalmente em uma pesquisa quantitativa explicativa que retrata os aspectos da vida e obra da arquiteta Zaha Hadid (1950-2016), além de transcorrer a partir do método conceitual-analítico a construção de uma análise científica sobre o nosso objeto de estudo, o centro cultural *Heydar Aliyev Center*, e correlacionar as questões importantes presentes nos outros exemplares arquitetônicos também citados no decorrer do texto.

Dessa forma, o estudo consiste inicialmente em construir uma análise sobre a vertente arquitetônica do Desconstrutivismo, bem como relacionar a influência da própria arquiteta Zaha Hadid para sua construção na história da arquitetura contemporânea. Posteriormente ao analisar as obras, o conteúdo utilizará uma abordagem de contextualização de local e enquadramento de tempo. Em seguida, será exposto as pesquisas referentes a sua materialização e método construtivo, além de serem citadas as questões de funcionalidade e plasticidade de cada obra.

Para determinada finalidade, será utilizado uma metodologia analítica de pesquisas bibliográficas relacionadas a temas de contextualização histórica do período do século XIX. Sendo assim, foram analisados diversos autores que discorrem sobre o tema, como Bernard Tschumi, Jacques Derrida, Peter Eisenman, Robert Mugerauer e dentre outros pensadores que elaboraram trabalhos pertinentes ao assunto.

Assim, o artigo se encontra constituído tanto em estudos de fontes primárias, provindas de conteúdos originais produzidas pelos autores de dissertações e artigos; quanto por fontes secundárias, em análises e avaliações das fontes primárias, relacionadas a livros e artigos de revisão. Portanto, a partir dos estudos teóricos apresentaremos as linhas de pensamentos e conceitos de outros autores, que possibilitaram a elaboração de uma pesquisa completa e embasada cautelosamente no objetivo da análise.

RESULTADOS

Conforme menciona Vinicius Libardoni (2018), o desconstrutivismo é considerado um dos últimos movimentos a surgir no ramo da arquitetura e pode ser compreendido como um ato de desmontagem ou demolição de uma estrutura construída, seja por razões estruturais ou como um ato subversivo. No entanto, essa corrente arquitetônica não foi um grande movimento dentro da arquitetura, nem um movimento considerado vanguardista, devido não possuir um conjunto de regras específicos ou uma estética consensual.

Sendo assim, caracteriza-se pela insubordinação contra os paradigmas teóricos tradicionais vigentes na arquitetura por vários séculos. Com isso, se constitui como uma mistura do construtivismo, modernismo, influenciado pelo pós-modernismo, expressionismo e cubismo. Dessa forma, possui um aspecto contemporâneo e poderia ser traduzido como uma provocação, uma incitação a explorar diferentes possibilidades e uma liberdade formal ilimitada. De acordo com estudos realizados por Derrida (1996, p.168), pondera-se que “não se trata simplesmente da técnica de um arquiteto que sabe como desconstruir aquilo que foi construído, mas de uma investigação que se refere diretamente à própria técnica [...]”.

Em vista disso, o desconstrutivismo possui características aprofundadas na fragmentação, no desenho não linear, nas formas não-retilíneas, bem como os princípios de desmontar formas geométricas

planas, a superimposição poética em diagonal de formas retangulares e trapezoidais, e, principalmente, a natureza do objeto arquitetônico, além de transformar o uso de planos tradicionais (LIBARDONI 2018).

Segundo estudos do mestre e doutor Ivan Teixeira (1998), a mudança da percepção arquitetônica nesse contexto, ocorreu durante a Primeira Guerra Mundial, onde vanguardistas russos conhecidos como construtivistas, romperam com os padrões clássicos da arquitetura. Seus projetos desafiavam novos limites na forma projetual de arquitetura, proporcionando um novo ponto de vista crítico e experimental. A partir desse cenário Derrida (1996, p.165), argumenta que, “o crescente interesse pela obra do filósofo que essas publicações despertaram é típico das discussões pós-modernas em torno do significado e da busca por paradigmas teóricas de abordagem da arquitetura para além dos limites da disciplina”.

Nesse sentido, o projeto vanguardista fracassou, e surgiu o movimento moderno, representando um período de purificação da arquitetura ao desprende-la de toda a ornamentação da tradição clássica, revelando com isso a pureza da estrutura funcional subjacente. Em oposição a essa visão o desconstrutivismo, através de seus deslocamentos, e da transmissão de sensações de queda, desconforto e insegurança, altera o sentido tradicional de estrutura e de função, por meio da teoria de que a forma não segue a função, mas a função segue a deformação (TSCHUMI, 2008).

Por essa razão, a origem do desconstrutivismo ocorreu através da exploração da instabilidade do construtivismo russo e estabilidade do tardo-moderno. Em contraste, que as obras apresentadas nesta exposição não são uma projeção do futuro nem uma simples lembrança do passado, mas a arquitetura desconstrutivista parte do centro como nas margens e encontra as fronteiras, os limites da arquitetura (TSCHUMI, 2008).

Historicamente o termo desconstrutivista apareceu pela primeira vez na década de 1980, como uma ideia desenvolvida pelo filósofo francês Jacques Derrida e pelo arquiteto Peter Eisenman. Entretanto o tema somente emergiu durante o concurso de arquitetura para o *Parc de la Villette* na primeira metade dos anos 1980, como salienta Derrida (1996, p. 167):

Estes arquitetos estavam de fato desconstruindo a essência da tradição e criticando tudo que subordinava a arquitetura a outra coisa – o valor da utilidade ou beleza ou habitação, etc. – não para construir algo que fosse inútil, feio ou inabitável, mas para liberar a arquitetura destas finalidades externas, destes objetivos exóticos.

Seguindo as teorias de Derrida (1996), o objetivo dessa corrente contemporânea, é lidar com o emocional humano, por meio das sensações causadas pelas composições, que resultam em questionamentos e pôr fim na compreensão da obra apresentada. O Desconstrutivismo como premissa do projeto, cria visuais únicos, que apresentam uma contundente identidade. Dessa forma, Derrida (1996, 167) justifica que, “se toda linguagem sugere uma espacialização, uma certa disposição no espaço que, sem dominá-la, permite que dela nos aproximemos, então devemos compará-la a uma espécie de desbravamento, de abertura de um caminho”.

Em complemento a essa visão o filósofo Jacques Derrida, afirma que o conceito de desconstrução como uma palavra não possui a capacidade de expressar tudo o que se quer por ela exprimir, de modo que as palavras e conceitos não comunicam o que prometem e assim, são capazes de serem modificados no pensamento. Sendo assim, defende-se que o que vemos, ouvimos e dizemos só poderia ser de fato uma verdade imutável, se aceitarmos desconstruir, encontrar a essência, tirar o ambíguo e despertar os sentidos. Ou seja, ele argumenta que para realmente sentirmos o que a obra está nos transmitindo, se faz preciso retirar os excessos e assim somente o essencial lhe causasse uma inquietação, despertasse uma curiosidade, vontade diferente de querer saber e descobrir.

Assim, a desconstrução não é a destruição ou dissimulação, pelo contrário, a desconstrução recebe toda a sua força a partir do seu desafio aos próprios valores da harmonia, unidade, e estabilidade, propondo em seu lugar uma outra visão da estrutura. Uma vez que a arquitetura desconstrutivista busca o estranho dentro do familiar, desloca o contexto, em vez de ceder a ele (DERRIDA, 2008).

De acordo com Miguel Ângelo Pintado de Brito (2018), o suíço Bernard Tschumi (1944) e o estadunidense Peter Eisenman (1932) foram os precursores do movimento na década de 1970. Contudo encontra-se a gênese do Desconstrutivismo nos trabalhos e na teoria de Malevich, Chernikov, Leonidov e El

Lissitzky, que serviram de base para muitos arquitetos precursores deste movimento, como Rem Koolhaas (1944), Frank Gehry (1929), Daniel Libeskind (1946), Patrik Schumacher (1961), Jacques Herzog (1950), Pierre de Meuron (1950), Rafael Moneo (1937), Massimiliano Fuksas (1944), Elizabeth Diller (1954), Ricardo Scofidio (1935), Charles Renfro (1964), Farshid Moussavi (1965), Alejandro Zaera-Polo (1963) e dentre outros nomes. Em contrapartida, a ênfase será no trabalho de Zaha Hadid (1950-2016).

Dessa forma, segundo Rodrigues (apud GARCIA, 2014), Zaha Mouhammad Hadid, nasceu em Bagdá, no Iraque em 31 de outubro de 1950 (figura 1). Seu pai foi um dos líderes do progressista Partido Nacional Democrático do Iraque, porém mesmo quando o Partido conservador assumiu o poder do país, sua família continuou sendo uma das poucas a resistirem à opressão.

Mesmo com sua origem muçulmana, foi educada por freiras em um colégio católico. Após essa fase, estudou matemática na Universidade Americana de Beirute, no Líbano e se formou em 1971. Aos 22 anos, em 1972 ingressou no curso de arquitetura na *Architectural Association School of Architecture*, em Londres onde teve como mestres os renomados teóricos e arquitetos Elia Zenghelis e Rem Koolhaas.

Após a sua graduação entrou para o *Office for Metropolitan Architecture (OMA)*, trabalhando com seu antigo professor, o arquiteto Rem Koolhaas, entre os anos de 1977 e 1981. Posterior a separação, passou a estabelecer prática profissional própria em Londres com a criação do seu escritório *Zaha Hadid Architects*, onde seu nome passou a ser reconhecido mundialmente. Na década de 1980, também lecionou na Architectural Association (ARCHTRENDS PORTOBELLO, 2017).

Figura 1. Zaha Mouhammad Hadid.



Fonte: Pinterest, 2020.

Segundo Garcia (2014), somente em 1993 que o primeiro prédio projetado pelo escritório de Zaha foi construído. Após passar por um incêndio, o campus de design Vitra, na cidade alemã *Weil am Rhein*, precisou ser reconstruído e uma década depois, foi decidido que também seria erguida uma estação do Corpo de Bombeiros no campus. O projeto se ancora na linguagem desconstrutivista, revelando características que acompanhariam Zaha por toda a carreira, como a sensação de instabilidade e dinamismo causada por suas linhas, que nos projetos posteriores, tornaram-se curvas. Atualmente, o prédio não é mais utilizado pelos bombeiros e tornou-se um museu de design de móveis

Zaha Hadid foi a primeira mulher a receber o maior prêmio da arquitetura mundial, o *Pritzker*. Desde 2004, data em que ela foi laureada, apenas uma mulher recebeu a honraria, em 2010 — a japonesa Kazuyo Sejima, que, mesmo assim, dividiu o prêmio com um colega homem. Desde o início deste século, não houve sequer um ano em que Zaha e seu escritório não receberam pelo menos um prêmio, mesmo após a sua morte (GARCIA, 2014).

Em 2008, ela ocupou a 69ª posição na lista da Revista Forbes das 100 mulheres mais poderosas. Pessoalmente, Zaha recebeu uma das maiores honras do Reino Unido, em 2012, sendo declarada Dama da Ordem do Império Britânico, em lembrança ao seu legado na arquitetura. Ela foi laureada 19 vezes em várias categorias de um dos prêmios europeus de arquitetura mais importantes, o RIBA – da *Royal Institute*

of *British Architects*, quebrando a hegemonia masculina. No entanto, mesmo com sua importância incontestável, Zaha ainda assim foi alvo de críticas, sendo a mais frequente o custo elevado de muitas de suas obras. Ela faleceu em 31 de março de 2016, em Miami, nos Estados Unidos, onde estava internada para se tratar de uma bronquite quando morreu em decorrência de um ataque cardíaco (GARCIA, 2014).

O legado deixado por Zaha Hadid é grandioso. Com seu fascínio pela arte abstrata, ela deu forma concreta a projetos arquitetônicos ambiciosos que têm a marca inconfundível da arquiteta. Dessa forma, dentre eles menciona-se o Edifício no Porto da Antuérpia construído em 2016, em Antuérpia na Bélgica. Esse projeto trata-se de um edifício sobre uma construção pré-existente, onde hoje está designado como o novo porto da cidade. Por esse fato, Zaha optou por trabalhar com a história do local como conceito, embasando também a sustentabilidade que era um dos requisitos do concurso (ARCHDAILY, 2016).

Desse modo, ela elevou totalmente o projeto que mede cerca de cem metros, o fazendo flutuar e para que ele não viesse a interferir em nenhuma das fachadas do prédio antigo (figura 2). Na forma da nova obra, optou por utilizar uma volumetria abstrata, com um de seus lados mais pontiagudo se referindo a proa de um navio, aponta justamente para o Rio Scheldt, conectando o edifício com o rio onde Antuérpia foi fundada. Assim, sua fachada da extremidade sul é mais plana e conforme se direciona a fachada norte ela se torna uma superfície ondulada, tal como as ondulações na superfície da água circundante perto do Porto (DELL ANNO, 2016).

Figura 2. Vista da obra e seu entorno.



Fonte: Archdaily, 2020.

A obra é revestida por cerca de 2.000 espelhos, em forma de triângulos e quadriláteros não perfeitos, que refletem em sua superfície envidraçada as cores do céu da cidade e das águas. Possuem três diferentes tipos que intencionalmente interferem no projeto ao longo do uso diário, onde algumas facetas são transparentes, e outras opacas. Essa mistura, permite a incidência solar suficiente no interior do edifício, além de possibilitar vistas panorâmicas. Através dessa composição e dimensões o edifício transparece leveza na sua estrutura. Apoiado acima do edifício existente, é suportado por dois pilares de betão esculpido que escondem escadas e elevadores (ARCHDAILY, 2016).

Nessa visão, segundo a equipe da *Zaha Hadid Architects*, a arquiteta traduziu perfeitamente a simbologia e a carga histórica de Antuérpia através do seu projeto e da intervenção. De forma sutil, insere um contexto extremamente futurista em um edifício conservador e adaptando a obra anterior aos contextos contemporâneos sem fazê-lo perder a sua essência. Assim, produz uma perfeita harmonização entre as edificações, na forma em que elas se tornam uma só unidade, não só no caráter exterior, mas também no interior

Outra obra importante da arquiteta, é o Centro Aquático, que foi realizado para os jogos olímpicos de Londres de 2012. Posicionado ao sul do limite leste do parque com proximidade direta com *Stratfords*, um novo acesso de pedestres para o Parque Olímpico através a ponte Leste-Oeste (chamada de *Stratford City Bridge*) que passa diretamente sobre o Centro como uma entrada primária do Parque (figura 3). Várias pontes menores de pedestres conectaram o local ao Parque Olímpico sobre o canal existente. Desse modo,

o conceito do LAC foi inspirado pela geometria fluída da água em movimento, criando espaços ao redor que refletem as paisagens do local.

Figura 3. Localização.



Fonte: Google Earth. Editada pelas Autoras, 2020.

O Centro inspirado da geometria fluída da água em Movimento.

O centro foi inspirado na geometria fluída da água em movimento, a cobertura ondulada eleva-se a partir do solo como uma onda, enclausurando as piscinas do Centro com um gesto unificador de fluidez, enquanto também descrevendo o volume das piscinas de natação e de mergulho. O Centro é desenhado com uma flexibilidade inerente para acomodar 17.500 espectadores para os Jogos enquanto proporciona uma capacidade de 2000 lugares para o uso após os Jogos (HELM, 2012).

Segundo a equipe da *Zaha Hadid Architects*, o Centro Aquático é planejado em um eixo ortogonal que é perpendicular à *Stratford City Bridge*. Todas as três piscinas são alinhadas a este eixo. A piscina de treinamento está localizada sob a ponte e as piscinas de competição e mergulho estão posicionadas dentro de um grande hall fechado por uma cobertura. A estratégia geral é enquadrar a base do hall das piscinas como um pódio conectado à *Stratford City Bridge* (HELM, 2012).

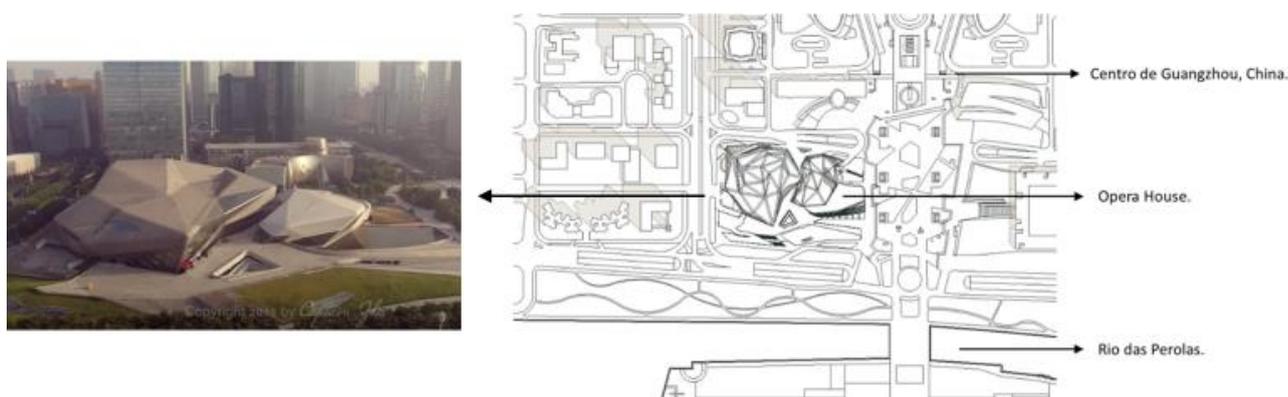
A geometria de dupla curvatura foi usada para criar uma estrutura em arco parabólico que proporciona a característica singular da cobertura. Esta ondula para diferenciar os volumes de competição dos volumes da piscina de mergulho. Projetando-se além do envelope do hall das piscinas, a cobertura se estende para as áreas externas e para a entrada principal na ponte que será o acesso primário para o centro após os Jogos. Contudo, o grande destaque do Centro Aquático, segundo a arquiteta, fica por conta de três pilares de concreto que suportam 2,8 mil toneladas de treliças metálicas, que, por sua vez, sustentam uma cobertura metálica de 160 m de extensão em vão livre, revestida por 11 mil m² de painéis de alumínio (HELM, 2012).

Outro marco na carreira de Zaha Hadid ocorreu no ano de 2002, quando o governo municipal de Guangzhou, na China, realizou um concurso internacional para eleger o projeto de um teatro. Cerca de 22.800 cidadãos votaram e o projeto de Zaha Hadid obteve um feedback positivo da maioria, assim, no ano de 2005 iniciou a construção da *Opera House*, concluída em 2010. O terreno destinado para a implantação, representado na figura 4, é referente ao eixo central da nova cidade chinesa de Guangzhou, as margens do *Pearl River* (Rio Pérola), abrangendo uma área de aproximadamente 42.000 m² (CHAVES, 2011).

Segundo a equipe de projeto, o projeto conceituou-se pela interação entre a arquitetura e a paisagem natural existente no entorno do terreno de implantação, que envolve os princípios volumétricos

dos vales fluviais e a forma em que são transformados pela erosão. “Na cultura chinesa, a ideia de seixos e rochas às margens de um rio é como uma metáfora, repleta de significados”, salienta Zaha Hadid.

Figura 4- Implantação.



Fonte: Archdaily, 2016.

Conforme Vitor Delaqua, como pedras num fluxo d’água aplainado pela erosão, a Ópera House situa-se em perfeita harmonia com o rio das Pérolas, porém sua forma irregular e escultural, cria um forte contraste visual em relação ao entorno edificado. O projeto se destaca também pela organização dos fluxos que abre o acesso às áreas ribeirinha e portuária, criando um diálogo com a cidade emergente ao funcionar como um elemento gerador de urbanidade e vida social.

A Opera House, totalizada em 73.000 m², é composta por dois corpos edificados que possuem volumes distintos, com formas irregulares, resultando em uma composição assimétrica. O prédio menor tem quatro pavimentos superiores e um subterrâneo, e comporta o salão multifuncional com 400 assentos. O maior conta com sete pavimentos superiores e quatro inferiores; nele se localiza o auditório principal, com 1,8 mil lugares e palco de 300 m², além de outras instalações auxiliares (PAULA, 2020).

No interior dos edifícios, as linhas que compõe os ambientes permitem que a luz natural entre profundamente nos ambientes, além do fato dessas angulações ajudarem a produzir uma acústica adaptada, tanto às óperas ocidentais como às chinesas. O resultado é uma programação visual de caráter pacífico, semelhante a grandes grutas, como no auditório principal, a boca de um tubarão, sob uma constelação de luzes mágicas (DELAQUA, 2020).

Conforme a equipe do projeto, de modo geral a edificação foi estruturada previamente com todos os detalhes construtivos, composto por concreto e 12.000 toneladas de aço. Os painéis de GRG que compõem as paredes foram fabricados sob medida a partir de moldes de cera, o que garantiu uniformidade de acabamento dentro da geometria dos auditórios. “Esses modelos foram diretamente produzidos a partir dos arquivos 3D de computador que nós fornecemos, assegurando total precisão no produto final”, diz a arquiteta.

DISCUSSÃO

Diante dos resultados apresentados, o presente artigo abordará com a ênfase a análise arquitetônica obra do centro cultural, denominado como, *Heydar Aliyev Center*, construído e planejado pelo escritório de *Zaha Hadid Architects*. Dessa forma, será elaborado um estudo sobre suas questões históricas, formais, conceituais, estruturais e funcionais, correlacionando assim, com a corrente arquitetônica utilizada pela arquiteta na composição da edificação.

Assim, pontua-se que o edifício se localiza na Ásia Ocidental, na cidade de Baku, no Azerbaijão (figura 5). A cidade de implantação possui uma tipologia arquitetônica marcada por preceitos de composições que remetem ao passado, principalmente ao período no qual fazia parte da extinta União Soviética (ArchDaily Brasil,2013).

Figura 5. Localização da obra arquitetônica.

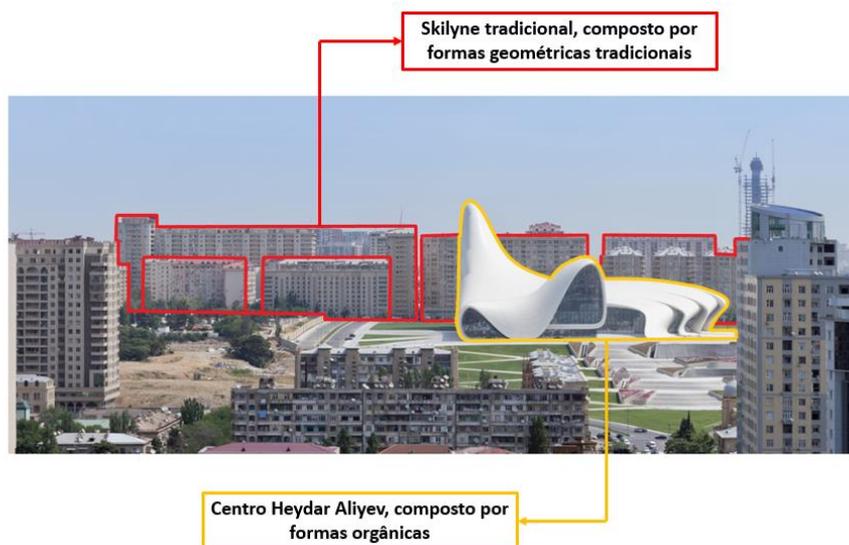


Fonte: Google maps e Google imagens, editado pelas autoras,2020.

Após a sua independência do país em 1991, o governo do Azerbaijão, destinou recursos de capital afim de promover a modernização e desenvolvimento da infraestrutura e arquitetura local, a partir do legado das diretrizes do Modernismo Soviético. Nessa perspectiva, o objetivo do centro cultural Heydar Aliyev, era ressaltar a emancipação, expressando a relação do passado histórico da arquitetura, porém com uma visão contemporânea (figura 6). Assim, como declarou Saffet Kaya Beriroglu (*apud* CERUTTI, 2020), “o centro se separada da arquitetura soviética rígida e, por muitas vezes, monumental, tão comum em Baku, expressando, ao invés disso, as sensibilidades da cultura do país e o otimismo de uma nação que olha para o futuro”.

A elaboração dessa imponente edificação iniciou-se a partir de um concurso em 2007, quando o governo local selecionou o escritório de arquitetura, *Zaha Hadid Architects* para a materialização do centro cultural. Sua inauguração ocorreu seis anos após o início da construção, em 10 de maio de 2012 e recebeu o nome do ex-diretor Azerbaijão, *Heydar Aliyev* (REIS,2019).

Figura 6. Localização do centro cultural na malha urbana



Fonte: ArchDaily Brasil 2013, editado pelas autoras, 2020.

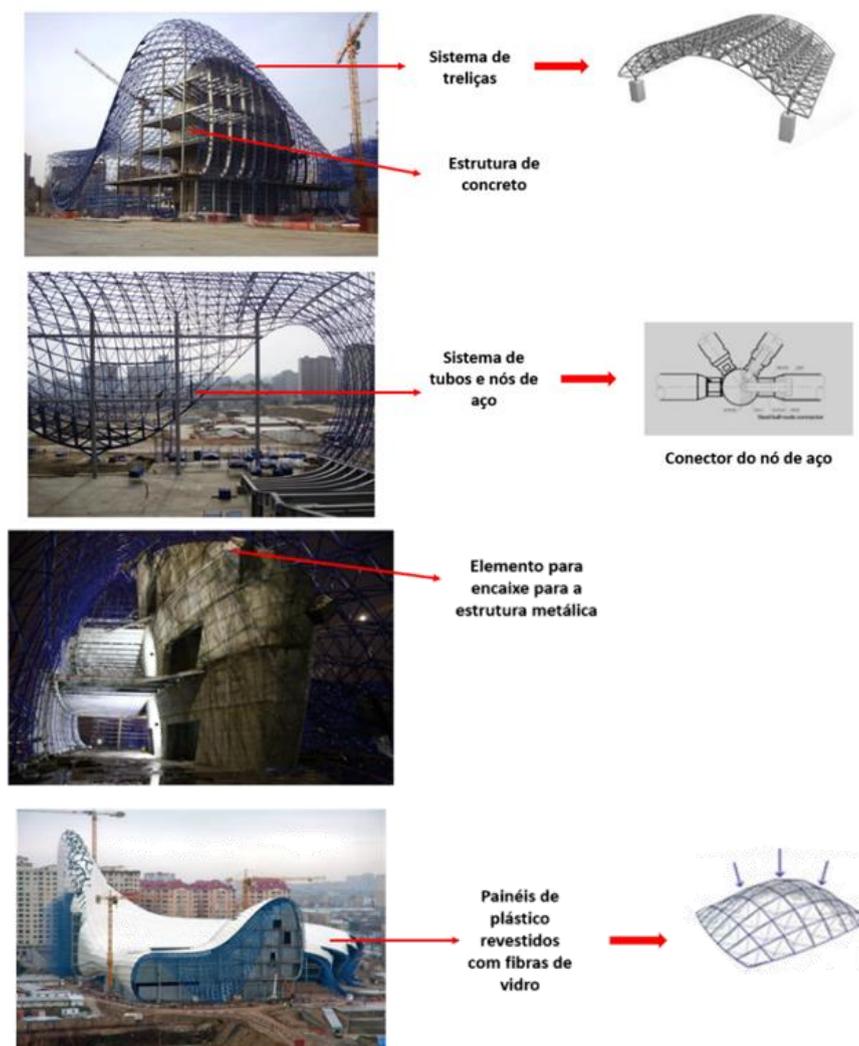
Dessa forma, o maior centro cultural do país, possui um conceito arquitetônico de integração com a paisagem, com uma relação contínua e fluida que dialoga entre sua praça circundante e o interior do edifício, valorizando a arquitetura pública e a celebração coletiva da cultura contemporânea e tradicional azeri (ArchDaily Brasil, 2013).

Sua materialização, de acordo com Kristin Dispenza (2011) é composto por uma estrutura de concreto combinada com um sistema de treliças espaciais. A partir delas permitiu-se a construção de forma livre e com economia de tempo, enquanto a subestrutura foi desenvolvida para incorporar uma relação flexível entre a grade rígida da estrutura espacial e as costuras de revestimento externas (figura 7). Dessa forma, pra evidenciar sua flexibilidade plástica, para a materialização foi utilizado o concreto reforçado com fibra de vidro (GFRC), poliéster reforçado com fibra de vidro (PRFV), estruturas de armação de aço com vigas e decks compostos por um sistema de tubos e nós de aço especial. Assim, Thomas Winterstetter, o aponta que:

Nós nos concentramos, por exemplo, em materiais de revestimento externos fáceis de limpar devido à forte poluição do ar. Existem refinarias de petróleo e outras por perto, e o revestimento é branco. Foi assim que surgiu o plástico reforçado com fibra de vidro (GFRP), que é repelente à sujeira. Em geral, todos os sistemas de construção são escolhidos para ter alta durabilidade, longa vida útil e baixos esforços de manutenção.

Na construção do edifício foram utilizados 121.000 m³ de concreto armado, 194.000 de cofragens, 19.000 toneladas de moldes de aço e para moldar a capa externa, foram necessárias 5.500 toneladas de aço estrutural. Além de cerca de 15.000 painéis, cada um com uma geometria individual, em tamanhos máximos de 1,5 metros de largura e 7 metros de comprimento. Foram utilizados ainda 40.000 metros de tubos metálicos de subestrutura 3D (DISPENZA, 2011).

Figura 7. Estrutura do centro cultural, no momento da construção.



Fonte: KIM, 2020.

Contudo, um dos ambientes mais importantes do local, o auditório, foi projetado cuidadosamente por Zaha Hadid. Para sua composição escolheu materiais isolantes, funcionais e estéticos semelhantes à arquitetura islâmica, atribuindo da melhor forma geométrica de planta baixa a propagação do som. Dessa maneira, sua forma espacial é revestida de madeira, seguidamente composta com uma câmara de ar, sistema de treliças especiais, duas camadas de poliéster robusto com fibra de vidro e uma nova câmara de ar e por fim o sistema de treliças e de concreto (CARVALHO PULI, TASCA, PEDROTTI, FRITZEN, OLDONI; 2016).

Para o isolamento acústico das fachadas foi disposto unidades de vidros isolantes temperados de 41 DB com selos de silicone estruturais das bordas. Essa escolha permitiu ainda a ocorrência do reflexo de seu entono no próprio edifício, essa materialização conseqüentemente estabelece uma relação da nova arquitetura contemporânea produzida com a arquitetura tradicionalista edificada no período Soviético, além de despertar curiosidade sem revelar completamente os espaços interiores fluidos (DISPENZA, 2011).

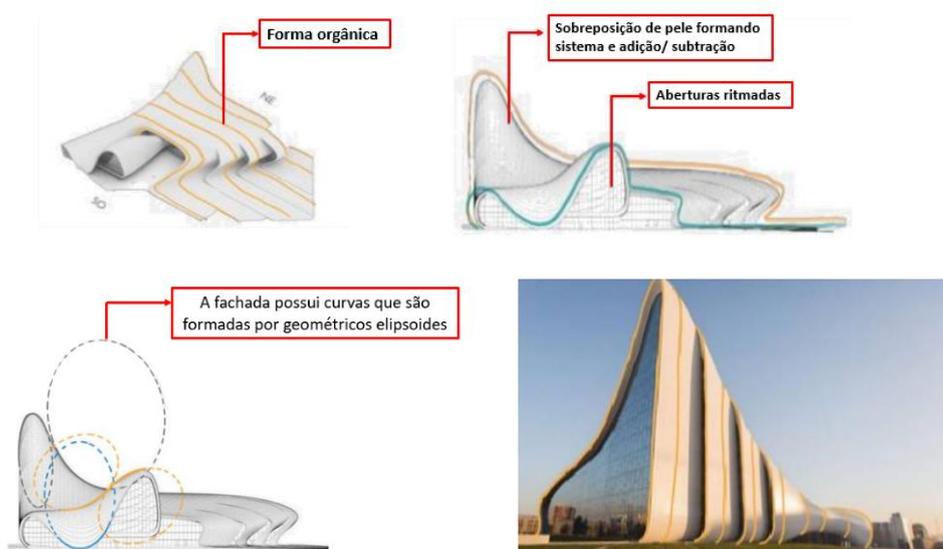
A junção dessas matérias, permitem no fim uma volumetria que reflete o diluir da linha que separa o objeto arquitetônico e a paisagem urbana, representando, como se o complexo cultural emergisse do solo da praça onde está instalado (figura 8). A escultura orgânica, é inspirada nas formas da natureza, que possuem curvas e traços que dão a impressão de movimento, no intuito de remeter a algo mais natural, aconchegante e suave, simbolizando harmonia, pureza e leveza (CARVALHO PULI, TASCA, PEDROTTI, FRITZEN, OLDONI, 2016).

Figura 8. Composição volumétrica.

Fonte: Getty Images, 2020, editado pelas autoras.

Sua geometria externa da superfície, requereu inúmeros estudos, buscando o uso racional dos painéis de cobertura, mantendo a continuidade ao longo do edifício e da paisagem. Assim, as costuras da cobertura promovem uma maior compreensão da escala do projeto, enfatizando a contínua transformação e movimento implícito de sua geometria fluida (figura 9). Oferecendo ainda uma solução pragmática para as questões práticas de construção, e respondendo a questões técnicas, tais como acomodar o movimento devido à deflexão, cargas externas, mudança de temperatura, atividades sísmicas e cargas de vento (DISPENZA, 2011).

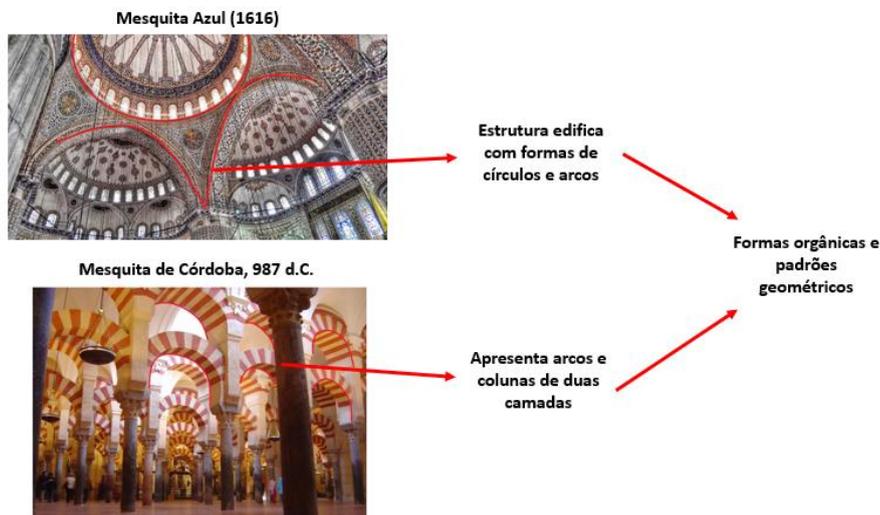
No entanto para a elaboração desse projeto, o escritório *Zaha Hadid Architects*, foi pioneiro no uso da técnica da arquitetura paramétrica. Essa metodologia permitiu o aspecto de imaterialidade do edifício, transmitido através do caráter sem peso, subjetivo, causando fortes sentimentos desencadeados pela suspensão da gravidade física. Enfatizando assim a superfície, em vez da estrutura. Segundo os representantes do *Zaha Hadid Architects* e colaboradores do projeto, explicaram que todo o design foi concebido na intenção de ocasionar a "sensação de flutuar". Dessa forma, a partir de sua composição orgânica e da quebra dos paradigmas tradicionais o centro cultural foi desenvolvido com uma volumetria peculiar que evidentemente não possui as regras clássicas de proporção e assim apresenta-se como uma edificação não simétrica

Figura 9. Volumetria e vista principal.

Fonte: Pinterest, 2020, editado pelas autoras.

Embora a forma geométrica complexa da estrutura dependa da engenharia de ponta, ela também está conectada às antigas fundações culturais da região. Saffet Kaya Bekiroglu explicou em uma entrevista que os contornos curvilíneos do edifício ecoam o fluxo cursivo da caligrafia do mundo islâmico, gravada em mesquitas espalhadas por Baku nos séculos passados (figura 10) (CARVALHO PULI, TASCA, PEDROTTI, FRITZEN, OLDONI, 2016).

Figura 10. Referências projetuais para o Centro Heydar Aliyev.



Fonte: Google imagens, editado pelas autoras, 2020.

Assim, ao projetar o centro, a *Zaha Hadid Architects* revisou um espectro de inovações arquitetônicas e culturais que apareceram em todo o mundo islâmico nos últimos 1400 anos. Em vista disso, Bekiroglu apresenta que, "a fluidez sempre fez parte da arquitetura do mundo islâmico" (CARVALHO PULI, TASCA, PEDROTTI, FRITZEN, OLDONI, 2016).

Dessa forma, uma das soluções adotadas pelo escritório de Zaha Hadid para a edificação do *Heydar Aliyev Center*, se encontra inserida da representação de uma forma fluída que emerge da topografia natural da paisagem e do envelope das funções individuais de seu interior. No entanto o fator decisivo de diretriz de projeto foi a resposta para o relevante desnível topográfico, que anteriormente dividia o local em dois. Assim, o edifício foi implantado em um platô, apresentando com isso uma paisagem de terraços que estabelece conexões e rotas alternativas entre a praça pública, a construção e o estacionamento subterrâneo (figura 11) (CERUTTI, 2020).

Figura 11. Aproveitamento da topografia.

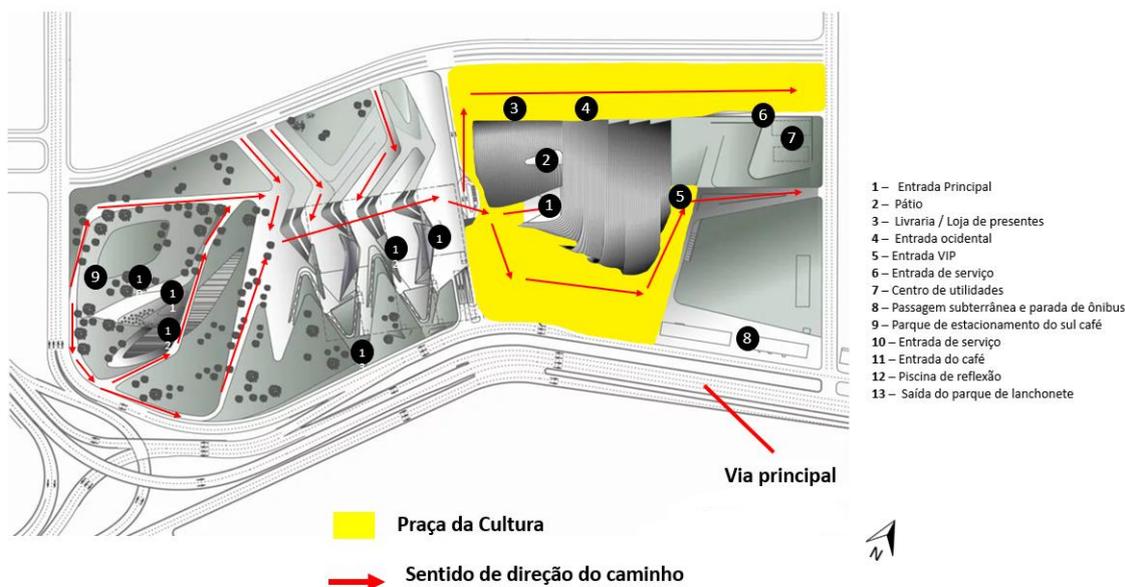


Fonte: Getty Images, 2020, editado pelas autoras.

Com essa atitude, os visitantes encontram o prédio atravessando um parque longo e íngreme, com um caminho em ziguezague que leva a uma praça, permitindo que os visitantes estabeleçam uma relação com o próprio local, evidenciando a grande acessibilidade existente (Figura 12). Dessa forma a paisagem emerge do solo até se fundir com o edifício, com isso essa superfície chamada *Plaza de la Cultura* que se encontra ao redor da edificação estabelece a relação entre a sua composição e o interior do edifício (ArchDaily Brasil,2013).

Zaha Hadid, produziu assim a fluidez das formas do centro para o meio ambiente, criando uma série de terraços entrelaçados com espelhos d'água, cachoeiras, ondulações, garfos, dobras e flexões que transformam a superfície da praça em um paisagem arquitetônica que cumpre diversas funções, acolhendo e direcionando visitantes através de diferentes níveis para o interior (ArchDaily Brasil,2013).

Figura 12. Implantação.



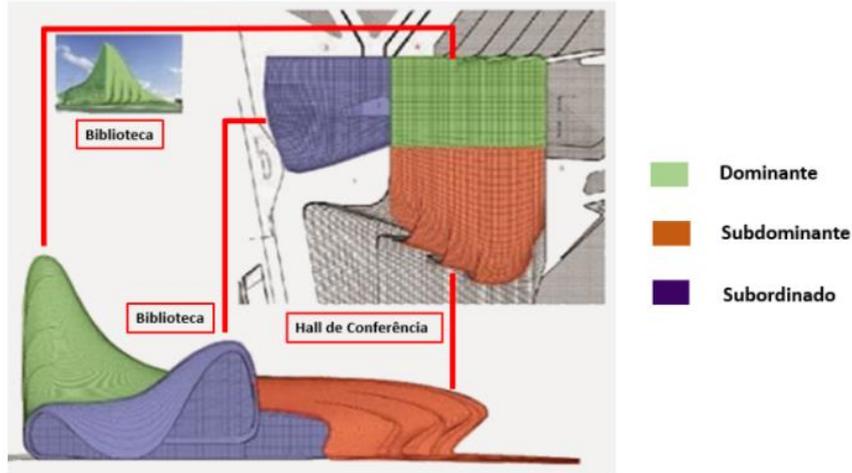
Fonte: Getty Images, 2020, editado pelas autoras.

De acordo, com Kristin Dispenza (2011) o centro cultural ocupa no total uma área do terreno 111.292 m² e apresenta uma área construída de 52.417 m² e uma área útil de 15.514 m². Sua distribuição espacial ocorre em oito pavimentos, distribuídos em um programa com sala de conferências, um auditório, sala de galeria, museu, biblioteca, salas de concerto, galeria de salão, sala de exposições temporárias e estacionamento subterrâneo (ArchDaily Brasil,2013).

Zaha Hadid, em seu processo de concepção do projeto, dividiu basicamente o complexo de Baku três edifícios (figura 13), um centro de conferências, um museu e uma biblioteca, conectados através de um espaço interior e pela pele exterior curva. Seu interior é caracterizado por superfícies contínuas que se torcem para transformar as paredes em tetos e rampas e depois continuam girando e desaparecendo, formando infinitas paisagens brancas (CARVALHO PULI, TASCA, PEDROTTI, FRITZEN, OLDONI, 2016).

Desse modo, a biblioteca é orientada ao norte para aproveitar a luz natural e possui entrada própria, além de conter um design espacialmente para o espaço de leitura e arquivo dentro das dobras do envelope externo. Os níveis dedicados à leitura e arquivos são empilhados uns sobre os outros, envolvidos nas dobras da pele externa. As plantas caem umas nas outras com rampas que as conectam e criam um caminho de circulação contínuo. A biblioteca e o museu também são conectados por uma rampa que leva, através do térreo da biblioteca, ao primeiro andar do museu (CERUTTI, 2020).

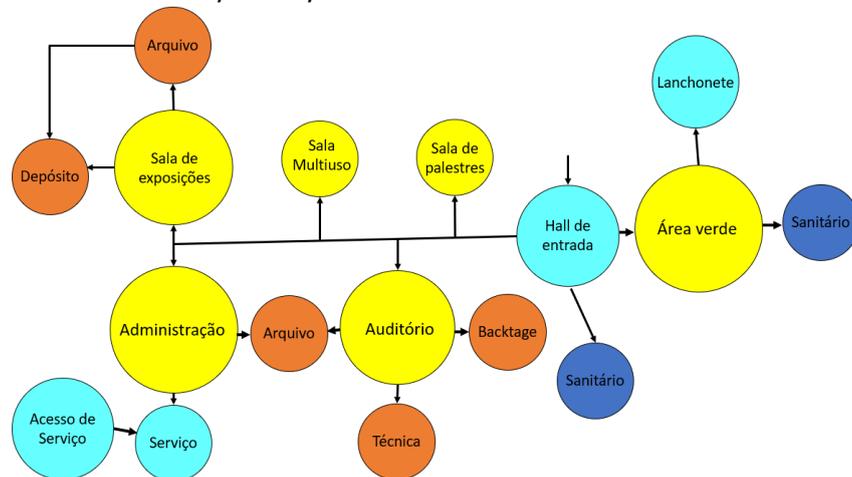
Figura 13. Hierarquia dos espaços.



Fonte: Pinterest, 2020 editado pelas autoras.

A biblioteca está conectada à sala de conferências através com uma ponte suspensa, sobre o hall de entrada. Sua forma atinge a *Plaza de la Cultura*, inclinando-se para criar a inclinação necessária que dá origem aos assentos do espaço ao ar livre. O design gera um fórum público de engajamento por meio de uma nova praça que se lê como uma extensão do próprio centro cultural. O auditório e suas instalações associadas têm acesso direto ao Plaza. A entrada principal está no vazio criado na camada externa, estendendo-se entre o volume do museu e a torre da biblioteca. A entrada secundária fica no lado norte do edifício. Assim todas as funções, se encontram em conjunto com as entradas, que são representadas por dobras em uma única superfície externa contínua. Essa forma fluída oferece a oportunidade de conectar os vários espaços culturais e, ao mesmo tempo, fornece a cada elemento do Centro sua própria identidade e privacidade (figura 14) (CERUTTI, 2020).

Figura 14. Fluxograma do centro Heydar Aliyev



Fonte: Autoras do trabalho, 2020.

CONCLUSÃO

Portanto, pode-se evidenciar que a iraquiana-britânica Zaha Hadid, é uma das arquitetas mais importantes de sua profissão, sendo considerada a maior arquiteta da história como um ícone da arquitetura contemporânea. Após seu falecimento, em 2016, deixou um legado imemorável de grandes projetos arquitetônicos globais. Sua vida profissional foi pautada pelo desenvolvimento de projetos com traços únicos, marcados por curvas orgânicos complexas e experimentais, que transmitem uma impressão futurista, inovadora e extremamente sofisticada.

A audaciosa, Hadid nunca mediu a ambição em seus projetos que, assim, ganhavam formas modernas. Contudo, como qualquer artista visionário, foi aclamada por muitos devido suas conquistas e genialidades e, no entanto, criticada por tantos outros, em consequência de muitas vezes seu trabalho ser considerado utópico e extremamente caro. Frustrações à parte, ela revolucionou a forma como entendemos a arquitetura e proporcionou, às mulheres, igualdade dentro da profissão.

Interessada em quebrar os paradigmas da arquitetura tradicional, se alinhou ao desconstrutivismo, redefinindo os valores pós-modernos. Uma tendência da arquitetura pós-moderna que quebra as regras da arquitetura moderna, abusando das formas e estruturas, suas obras sempre ganham destaque por serem algo que nos impressiona se tornando uma arquitetura inovadora com suas mais complexas formas e conceitos, nos levando a pensar uma nova maneira de ver, conceber, e interpretar a arquitetura do mundo atual.

A partir dessa linha de pensamento Zaha Hadid, visa conter em seus projetos de humanidade, a evidencia dá a relação das pessoas com as cidades onde suas obras seriam erguidas, assim, para a arquiteta, a obra em si não tem valor quando desconectada de seu contexto. Afinal, para ela, a arquitetura existe como extensão do lugar, e precisa se conectar à cidade. Hadid pensava em tudo isso para entregar um trabalho capaz de sobrepor-se ao ambiente e, assim, tornar-se parte integral dele. Portanto, essa grandiosidade presente em suas obras é resultado desses estudos, e não algo que existe apenas por existir.

Ainda ressalta-se que a arquitetura de Hadid possui relações intrínsecas com o estilo paramétrico, que se baseia no uso de programas de software, que possibilitam formas mais orgânicas e que através das formas nos dá uma solução para se ter uma estrutura e possíveis soluções para ser executado o projeto. E somente através de programas de alta tecnologia podemos obter tais projetos, pois o mesmo nos dá condições e ferramentas necessárias para fazer executar e possibilitar a melhor forma e soluções arquitetônicas.

Um grande exemplo desses parâmetros da arquitetura de Zaha Hadid é o centro cultural *Heydar Aliyev*, situado no Azerbaijão. Através do uso intenso de branco, curvas e vidro, a arquiteta deu vida a um edifício tão acessível às pessoas quanto à praça em que ele se situa. Assim, estabelece-se uma relação contínua e fluida entre sua praça circundante e o interior do edifício. Sinuoso, identitário e poético, o projeto representa uma nova etapa na construção de uma nação para o Azerbaijão e, especificamente, para a cidade e a comunidade de Baku, pois oferece um espaço literal e metafórico para o diálogo e a formação de referida identidade cultural e arquitetônica.

REFERÊNCIAS

ARCHDAILY. Centro Heydar Aliyev / Zaha Hadid Architects. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-154169/centro-heydar-aliyev-zaha-hadid-architects>>. Acesso em: 05 maio 2020

ARCHDAILY. Edifício no porto de Antuérpia / Zaha Hadid Architects. 2016. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/795945/edificio-no-porto-de-antuerpia-zaha-hadid-architects?ad_source=search&ad_medium=search_result_projects>. Acesso em: 05 maio 2020.

A trajetória de sucesso de Zaha Hadid, a rainha das curvas da arquitetura. Disponível em: <<https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetos/zaha-hadid/>>. Acesso em: 28 abril 2020

BRITO, Miguel Ângelo Pintado. Desconstrutivismo: da origem à ação. 2018. Dissertação de mestrado em Arquitetura. Universidade Lusíada de Lisboa Faculdade de Arquitetura e Artes orientado pelo Prof. Doutor Arqt. Fernando Manuel Domingues Hipólito. 9 nov. 2018.

CARVALHO PULI, Anna Karoline, TASCA, Graziela, PEDROTTI, Mariana, FRITZEN, Roselaine Fátima, OLDONI, Sirlei Maria. Análise morfológica: a obra Centro Heydar Aliyev e sua relação com o entorno. 4º Simpósio de Sustentabilidade e Contemporaneidade nas Ciências Sociais. 2016. Disponível em: <

<https://www.fag.edu.br/upload/contemporaneidade/anais/59370469176b0.pdf>>. Acesso em: 04 maio 2020

CERUTTI, Erika. Heydar Aliyev Centre, Azerbaijão. 2020. Disponível em: < <http://www.taste.com.br/heydar-aliyev-centre-azerbaijao/> >. Acesso em: 04 maio 2020

CHAVES, Pedro. "Internacionalismo crítico. A China: O Concurso para a Ópera de Guangzhou". 2011. 116 f. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura no Departamento de Arquitetura. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra orientada pelo Professor Doutor José Fernando Castro Gonçalves. 22 Jul 2011.

DELAQUA, Vitor. "Casa de Ópera Guangzhou. Zaha Hadid Architects" 30 Mar 2012. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-40830/casa-de-pera-guangzhou-zaha-hadid-architects>>. Acesso em: 26, abr. 2020.

DELL ANNO. O iluminado edifício no porto de Antuérpia. 2016. Disponível em: < <http://dellanno.com.br/blog/o-iluminado-edificio-no-porto-de-antuerpia/>> . Acesso em: 05 maio 2020.

DISPENZA, Kristin. Centro Cultural Heydar Aliyev de Zaha Hadid: transformando uma visão em realidade. 2011. Disponível em: < <http://buildipedia.com/aec-pros/from-the-job-site/zaha-hadids-heydar-aliyev-cultural-centre-turning-a-vision-into-reality?print=1&tmpl=component>>. Acesso em: 04 maio 2020

ETHERINGTON, Rose. Ópera de Guangzhou por Zaha Hadid Architects. 25 Fev 2011. Disponível em: <https://www.dezeen.com/2011/02/25/guangzhou-opera-house-by-zaha-hadid-architects/>. Acesso em: 26 abr. 2020

GALANI, Luan. Em sua última entrevista em português, a rainha das curvas defendeu casas menos muradas e mais ousadia dos arquitetos. 2019. Disponível em: < <https://www.gazetadopovo.com.br/haus/arquitetura/zaha-hadid-a-arquitetura-da-rainha-das-curvas/> >. Acesso em: 04 maio 2020

GETTY IMAGES. Centro Heydar Aliyev. 2020. Disponível em: < <https://www.gettyimages.pt/fotos/centro-heydar-aliyev?mediatype=photography&page=11&phrase=centro%20heydar%20aliyev&sort=mostpopular> >. Acesso em: 05 maio 2020

HELM, Joana. Centro Aquático dos Jogos Olímpicos de Londres 2012 / Zaha Hadid Architects. 2012. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/36372/centro-aquatico-dos-jogos-olimpicos-de-londres-2012-zaha-hadid-architects>. Acesso em: 1 Mai 2020.

KIM, Erika. Zaha Hadid: progresso da construção do centro cultural Heydar Aliyev. 2011. Disponível em: < <https://www.designboom.com/architecture/zaha-hadid-heydar-aliyev-cultural-centre-progress/>>. Acesso em: 05 maio 2020

KINDLE, Mariana. A praça que eclode em um centro cultural. 2014. Disponível em: < <https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Edifícios/noticia/2014/01/praca-que-eclode-num-centro-cultural.html> >. Acesso em: 04 maio 2020

LIBARDONI, Vinicius. O que é desconstrutivismo?. 2018. Disponível em: < <https://www.archdaily.com.br/br/900679/o-que-e-desconstrutivismo>>. Acesso em: 04 maio 2020

MERTINS, Detlef. The Modernity Of Zaha Hadid. Disponível em: < https://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1007&context=arch_papers> Acesso em: 05 maio 2020.

O mundo de Zaha: o que significa ser um arquiteto "visionário"?. Disponível em: < <https://slate.com/culture/2006/06/assessing-zaha-hadid.html>>. Acesso em: 13 maio 2020.

PAULA, Fábio. "ARQUITETURA DE SEIXOS, À BEIRA DO RIO DAS PÉROLAS". 13 Jul 2011. Disponível em: <https://www.arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/zaha-hadid-architects-teatro-guangzhou-13-07-2011>. Acesso em: 26, abr. 2020.

REIS, Nathalia. Estudo de Caso Centro Heydar Aliev / Zaha Hadid. 2019. Disponível em: <https://issuu.com/nathaliatiagodossreis/docs/projeto_arquitetonico_ii>. Acesso em: 06 maio 2020.

RODRIGUES, Guilherme. Zaha Hadid: Pensamento criativo e montagem de imagens em diálogo com a vanguarda russa. 2018. 150 f. Dissertação para Pós-Graduação (Arquitetura e Urbanismo). UNESP. Bauru. 2018.

RODRIGUES, Guilherme, AMARAL, Claudio Silveira. A evolução da expressão gráfica de Zaha Hadid. 2017. Disponível em: < <https://even3.blob.core.windows.net/anais/48853.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2020.

SEDREZ, Maycon. Projetando e fabricando complexidade. 4. Fabricação digital, 2016. Disponível em: < <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/17.065/5878?page=4>>. Acesso em: 04 maio 2020

TEIXEIRA, Ivan. Desconstrutivismo. 1998. Disponível em: < http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/Desconstrutivismo_Ivan-Teixeira-1.pdf>. Acesso em: 04 maio 2020

Zaha Hadid: conheça sua história e contribuição arquitetônica. Disponível em: < <https://archtrends.com/blog/zaha-hadid/>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

ANÁLISE DA RESTAURAÇÃO CONTEMPORÂNEA DO CENTRO CULTURAL DE ARARAS SEGUNDO OS PRINCÍPIOS DA TEORIA DO RESTAURO DE CAMILLO BOITO

Ana Paula Santos Silva, Bianca Carrara Santos, Gabriela Andrade Gomes Dos Santos, Laysa Vitoria de Oliveira Silva, Fabrícia Dias Da Cunha De Moraes Fernandes

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: bianca.carrara@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo, consiste no aprofundamento dos conhecimentos relacionados aos processos que envolvem o projeto de restauro e seus respectivos parâmetros e princípios. Por meio disto, o documento aqui dedicado obtém como referência a teoria de restauração do arquiteto e escritor Camillo Boito apresentada em seu livro “Os Restauradores”. Através deste é possível compreender acerca dos aspectos entorno do tema abordado, onde fundamenta, por meio de análises teóricas, o conhecimento e reconhecimentos dos elementos históricos, no que se diz respeito a concepção de preservação e adequação nas técnicas do restauro. Mediante a isso, busca-se analisar os métodos de aplicação da teoria e dos princípios de Camillo Boito na restauração contemporânea do Centro Cultural de Araras, de acordo com as especificações e estudos determinados ao projeto. Destarte, o artigo visa salientar o argumento sobre o discurso técnico aplicado, com estudos de análises projetuais, desenho gráfico, conceito e diálogo com o entorno e passado histórico, assim como sua preocupação com o novo, de acordo com as formatações pré-existentes.

Palavras-chave: Teoria da Restauração. Camillo Boito. Preservação. Centro Cultural de Araras. Arquitetura

ANALYSIS OF THE CONTEMPORARY RESTORATION OF CENTRO CULTURAL DE ARARAS ACCORDING TO THE PRINCIPLES OF CAMILLO BOITO'S THEORY OF RESTORATION

ABSTRACT

This article consists of deepening the knowledge related to the processes involving the reform project and its respective parameters and principles. Through this, the document dedicated here draws on the restoration theory of the architect and writer Camillo Boito presented in his book “Os Restauradores”. Through this it is possible to understand about the aspects surrounding the theme addressed, where it bases, through theoretical analyzes, the knowledge and recognition of historical elements, with regard to the concept of preservation and adequacy in restoration techniques. Through this, we seek to analyze the methods of applying the theory and principles of Camillo Boito in the contemporary restoration of the Centro Cultural de Araras, according to the specifications and studies determined to the project. Thus, the article aims to highlight the argument about applied technical discourse, with studies of project analysis, graphic design, concept and dialogue with the environment and historical past, as well as its concern with the new, according to pre-existing formats .

Keywords: Restoration theory. Camillo Boito. Preservation. Centro Cultural de Araras. Architecture

INTRODUÇÃO

O estudo realizado por meio deste, tem como objetivo compreender a inserção das técnicas de preservação e restauro e suas influências teóricas e projetuais na contemporaneidade. Além disso, analisar os processos a serem retomados, de acordo com os ensinamentos idealizados pelo teórico em estudo. Ressaltando de forma aprofundada, as semelhanças e as diferenças encontradas na esfera relacionada aos princípios que deveriam ser seguidos, para evidenciar de forma clara as distintas manifestações da conservação e restauração de obras, atentando-se as suas peculiaridades, de tal forma a caracterizar as intervenções novas dos existentes elementos históricos.

Á vista disso, mediante aos fatos mencionados, refere-se o arquiteto e restaurador Camillo Boito, figura marcada na transformação da arte e história, além do novo cenário na arquitetura italiana. Sendo assim, determinante em diversos aspectos nos projetos de restauração, como a valorização do elemento original, proporcionando o mínimo de alterações e interferências possíveis ao conjunto final. Tal como, promover formalidade, unidade e concordância a soma do presente e passado histórico.

Desse modo, através da análise do restauro da obra em estudo, Centro Cultural de Araras, situado na cidade de Araras, no estado de São Paulo, podemos identificar os princípios de Boito aplicados na concepção desta restauração contemporânea. Desse modo, é possível perceber características notáveis que correlaciona com o conceito do teórico, tendo como principal propósito, conservar e preservar as demarcações do passado, mediante uma proposta de reforma habitando com o local, métodos e materialidade construtiva, com aspectos e elementos pré-determinados.

Tendo em vista que cada época representa pensamentos diferentes, incluindo uma concepção estilística que se configura com métodos, teorias, fundamentos e prática que são variantes, torna-se possível compreender como a obra relata exatamente estas discordâncias, no entanto, independente de seguimento ou corrente, o elemento histórico é caracterizado como de sumo valor, mediante a arquitetura, a sociedade e a história.

MÉTODOS

A metodologia está fundamentada em pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, baseada no livro “Os Restauradores” de Camillo Boito, contendo o objetivo de esmiuçar e aprofundar-se no tema por meio de investigações formais na leitura em questão, além de outros aspectos documentais e bibliográficos. Desta forma, através de análises realizadas sobre os conteúdos pragmáticos, evidencia a possibilidade de correlacionar os objetos de estudos inseridos ao decorrer deste documento, ao apresentar a teoria da restauração e sua aplicação na arquitetura contemporânea, tendo com parâmetro a obra em estudo. De certo, o pensamento de Boito traz um direcionamento mais suscinto, e desse modo, se fazem necessárias as reflexões para que possa ser compreendido a teoria na época inicial e como se insere nos dias atuais.

RESULTADOS

Os resultados coletados no presente artigo visam explicar e analisar os conceitos abordados da teoria de restauração e conservação de monumentos históricos de Camillo Boito, apresentadas em seu livro de 1884, “Os Restauradores”, com apresentação de Beatriz Kuhl em 2002. Além da pesquisa se apresentar de forma qualitativa, abrangendo os dados narrativos demonstrados pelo autor e suas experiências individuais.

Inicialmente podemos observar a exposição da biografia de Boito, apresentada por Kuhl, evidenciando seus dados pessoais e profissionais, como data de nascimento, falecimento, profissão exercida, filiação e lugares de origem, tanto quanto como datas e lugares de sua formação, viagens realizadas e quais teóricos se inspirou para a realização de seus pensamentos.

Além disto, é explanado detalhadamente, a teoria desenvolvida pelo mesmo, abrangendo aspectos de diretrizes e concepções, como a classificação da qual a mesma se encaixa e as suas respectivas características, e a partir disto demonstrar como o teórico desenvolve o direcionamento de uma restauração, do mesmo assegurando a compreensão dos conceitos estilísticos que o tal exhibe. Ademais, é estabelecido como foi realizada a repercussão da teoria ao ser implantada na época, além de mostrar como

ela é vista nos tempos atuais, e, portanto, assim, analisando a forma que é utilizada no presente e seus pontos mais relevantes para a formação de novos conceitos.

Por fim, uma análise explora o restauro da obra do Centro Cultural de Araras, com o intuito de identificar os princípios de Camillo Boito inseridos nesse processo, assim como, onde foi refletido em seus aspectos apresentados as suas fundamentações e conceitos, dados históricos, ficha técnica, como se relacionou a estrutura original com a intervenção, de que modo ocorreram as modificações e se seguem no máximo o original proposto em sua materialização e elementos estruturais, além de explanar as técnicas construtivas utilizadas, apresentando acerca da tecnologia presente em sua forma de restauro e relações de memória e identidade cultural.

DISCUSSÃO

Como parte do repertório arquitetônico no âmbito de restauração, obtemos inúmeros representantes de movimentos e ideologias diversificadas, de acordo com o contexto histórico apresentado e campos de atuação possíveis. Dado a este argumento, o arquiteto, escritor, professor, restaurador e historiador Camillo Boito é o teórico em estudo. Pois, além de se destacar através de seu olhar crítico, mediante as formatações vinculadas a valorização e modos adequados de restauração e conservação, também foi considerado importante para o novo cenário arquitetônico na Itália.

Nascido no ano de 1836, na Itália, Boito obteve desde a sua linhagem inspirações do ramo artístico, em especial seu pai Silvestro Boito, que trabalhava em diversas cidades como pintor e retratista. No entanto, sua carreira deu início no ano de 1849, onde ingressou na Academia de Belas Artes, com a formação em arquitetura. Seu campo de atuação, de certo modo era continuamente vinculado a arte e arquitetura medieval nacional, inspirado no mestre Pietro Selvático, cativado pela simplicidade e aproximação com as relações da sociedade que lhe representava. Destarte, para muitos, a arquitetura que remetia um caráter medieval e histórico, eram classificados como mero elemento nacionalista, ou seja, não intensificava a ideia de centralização da Itália (BOITO, 2002).

Posteriormente, foi nomeado professor na Academia de Belas Artes, onde permaneceu no posto de docente até o ano de 1909, além de dirigir o centro de ensino por diversos anos, acrescentando assim, diversas especializações durante sua trajetória profissional. Mediante a estas oportunidades, teve com uma de suas inspirações, o arquiteto francês Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc. Essa influência ocorre a partir do momento que ele observa no autor Viollet-Le-Duc uma enorme relevância para a arquitetura medieval, onde os seus conceitos mostravam-se a reafirmação da nacionalidade, estudos abordando a preservação e a história da arquitetura que se relacionava com a da Idade Média (BOITO, 2002), e isto fez com que Boito identifica-se com essa linha de pensamento, e segue a mesma para a sua carreira, como podemos ver na intervenção feita na Porta Ticinese em Milão, onde o tal fez a liberação de construção de edifícios e a busca da unidade formal.

Enquanto a influência ligada ao teórico Selvático, é o fato de Boito se basear na arquitetura passada para a criação da contemporânea, analisando os princípios de composição para alcançar uma verdade arquitetônica, sendo assim, podemos analisar que o mesmo mostrava essas características em seus documentos de pesquisa.

“Boito reconhece em Viollet-Le-Duc um teórico de grande importância para a difusão dos conhecimentos sobre a arquitetura medieval, que tiveram repercussão também na Itália. Na França e na Itália, a busca de afirmação da nacionalidade, os estudos sobre a história da arquitetura e as políticas de preservação de monumentos históricos que estão associados ao renovado interesse pela Idade Média [...] Boito busca nas lições do passado subsídios para a criação contemporânea, não pela adoção pura e simples de estilos, mas pela análise de seus princípios de composição para alcançar a verdade [...]” (KUHL, 2002, p.13).

Seus direcionamentos em relação as obras, partiam do pressuposto da preservação da identidade natural das peças, porém também permitia a demolição de elementos introduzidos em estilos e movimentos posteriores ao original datado. A princípio, nas suas obras eram recorrentes a linguagem do

arquiteto, principalmente no quesito de unidade com os elementos provenientes da obra, e respectivamente, com os introduzidos por meio de interferências e instalações.

No livro “Os Restauradores”, sua percepção é objetiva sobre os anteparos que envolvem o princípio da restauração em diversos momentos no tempo, podendo gerar modificações e inúmeras interpretações. Além disso, em consequência de seu interesse aprofundado sobre a arquitetura medieval italiana, Boito escreveu um texto denominado “Architettura del Medio Evo in Italia” em 1880, no qual o autor busca na arquitetura antecedente referências para o modo de criar da arquitetura contemporânea. Por conseguinte, Camillo Boito continua desenvolvendo seus escritos, e em 1893 acaba por redigir o livro “Questioni Pratiche di Belle Arti”, na onde vai abordar a temática da restauração arquitetônica, evidenciando o quão relevante são os valores estéticos e históricos em uma determinada obra, e ressaltando que a estética pode estar acima do valor histórico (BOITO, 2002).

Anos após, Boito foi intitulado para restaurar a Basílica dos Santos Maria e Donato, na cidade de Murano. Com o objetivo de absorver as demais características proporcionadas através do seu passado, compactuando com propostas de harmonização e maior integração com o presente possível, com o auxílio das técnicas e métodos de construção congruentes.

Do mesmo modo, adiante é possível analisar outro projeto de restauração, representativo da forma que o utiliza dos princípios leducianos. A partir dos mesmos conceitos abordados pelo artista em considerar como principal importância o estilo material original da obra, pontuados a buscar uma unidade formal e legítima dos elementos, destaca-se pela Porta Ticinese, em Milão. Assim sendo, Boito “concebe a restauração como algo distinto e, às vezes, oposto à conservação, mas necessário. Constrói sua teoria justamente para estabelecer princípios de restauração mais ponderados” (BOITO, 2002, p.23).

Entretanto, anos após a sua afirmação de ideologia, pautada também em conhecimentos de Viollet-le-Duc, Boito apresenta uma posição contraditória ao já mencionado, agora, abordando aspectos de suma importância para as formulações e diretrizes modernas para a restauração no século XX. Considerado, no final do século XIX, práticas de restauro filológico, este que buscava enfatizar o valor documental da obra, valorizando primordialmente as edificações como um documento histórico. Contribuindo assim na definição de diversos aspectos modernos na restauração e conservação dos elementos originais da matéria, interferindo ao mínimo nas características pontuais, manutenção e harmonização das diferentes cronologias arquitetônicas (OLIVEIRA, 2009).

Por meio de adaptações e renovações ao longo do tempo, Boito defende que seus pensamentos e princípios na restauração são de âmbito geral para as todas as áreas referentes a obra. De forma com que estabeleçam ligações e referências com o passado, onde devem ser caracterizadas com a mesma importância, tanto para um edifício, pintura ou escultura (BOITO, 2002). Demonstrando assim, aos restauradores que reconhecessem o cuidado dos estilos relacionado a arte, a fim de permanecer a história eternizada.

Para continuidade, ainda discursou com o intuito de agregar o conhecimento as obras já restauradas, promovendo assim, a diferença no repertório e critérios que as intervenções ocasionam nas obras, ao todo. Onde poderiam servir de embasamento não apenas teórico, mas prático, para advertir os posicionamentos e restaurações incompletas e incongruentes, estabelecendo assim, a unidade e formalidade de acordo com o período presente (BOITO, 2002).

Desse modo, Boito declama seus sete princípios base acerca da restauração em um Congresso da área ocorrido em Roma no ano de 1883. O primeiro se trata da importância do valor documental do processo de restauro de um monumento, ressaltando que este, a priori, deve ser conservado e sua restauração só deve ocorrer quando for inevitável, para que não haja perda do aspecto pitoresco da obra, que também é evidenciado como um princípio. Nesse caso de inevitabilidade do restauro, entra um terceiro apontamento, que diz que acréscimos devem ser evitados, e se não for possível evitar, devem ser díspares do caráter do monumento. Da mesma maneira que este último, o teórico assegura para um quarto princípio a respeito dos complementos de partes que estão faltando no monumento, e ainda acrescenta a alternativa de inserir a data da restauração nesse novo elemento (BOITO, 2002).

Ademais, um quinto ponto apresentado é sobre a relevância de salvaguardar as várias fases que o monumento já vivenciou, evidenciando as marcas do tempo. O teórico pontua em seu sexto tópico sobre a

necessidade de registrar as obras para valorizar o documento com o uso de fotografias que marquem o decorrer do processo restaurativo, partindo desde antes de iniciar até o fim da intervenção. Por fim, seu último princípio discorre sobre a inserção de lápides no monumento, com a finalidade de informar as datas das restaurações ocorridas (BOITO, 2002).

Em virtude dos princípios de Boito terem sido criados em um período de inquietação intelectual, onde houveram diversos autores que abrangiam tais aspectos, que fazia com que o mesmo considerasse algumas opiniões além das já citadas acima para o desenvolvimento de seu pensamento, sendo eles: Carlo Cattaneo, Giuseppe Mongeri, Giuseppe Fiorelli e Tito Vespasiano Paravicini. Estes apresentavam o apontamento de fatores que podiam gerar a criação de um falso histórico e mostrava-se que deveria haver respeito com a forma original da obra (KUHHL, 2004). Desta forma, estes pensamentos fizeram com que Boito aderisse a essa “verdade” em suas intervenções, afirmando a necessidade de respeitar a matéria original, assim como as marcas de passagem do tempo, que vão representar as fases arquitetônicas vivenciadas por uma obra.

No entanto, segundo Kuhl (2004) a sua trajetória não foi linear, e a partir de 1880, formulou textos com propostas independentes e renovadas, mas que entravam em contradições com outras de seu passado. Desta forma, percebemos com o passar dos anos que ele foi exibindo mais a sua própria identidade, que criou e amadureceu-as a partir de suas fundamentações passadas. Além disto, os seus conceitos divergem do teórico Ruskin, criando assim um tom de crítica contra o mesmo, argumentando que não deveria deixar um monumento atingir um estado de degradação.

Outrossim, Boito defende a ideia de preservação contínua evitando a restauração, mesmo considerando um fato importante para identidade e memória. Isto ocorre devido ao fato de ele encarar a restauração como um mal necessário, chegando a comparar a atividade do restaurador com a de um cirurgião, pois acreditava que pode haver perdas significativas e irreparáveis para a história e composição do edifício, e nesse caso é necessário aceitar o estado em que se encontra o edifício, realizar a restauração mas não implantar uma falsificação no lugar do verdadeiro.

Segundo Kuhl (2004) a repercussão da teoria no momento em que foi criada ocorre de forma limitada, com um impacto bem restrito, tomando mais forma crítica posteriormente, onde pode-se notar que abriu caminhos para a atual teoria da restauração. No século XXI ela é de certa forma utilizada, pois preservamos a importância dos documentos históricos que mostram o decorrer de seu desenvolvimento ao longo dos anos, a relevância da distinguibilidade e da mínima intervenção e o fato de que a sociedade civil também é importante para a conservação da obra e não somente os órgãos responsáveis. Além do fato de que esta teoria foi apresentada na Carta de Veneza (1964), onde contribuiu para mostrar que a restauração é de caráter cultural, estabelecendo um diálogo entre histórico e fator estético.

Sendo assim, Camillo Boito vai defender acerca das restaurações, que o possível deve ser feito para conservar o aspecto pitoresco do monumento, garantindo a mínima intervenção. Contudo, se necessário que haja complementos e adições que não podem ser evitadas, o teórico argumenta que tais elementos sejam diferentes do original para evidenciar a época atual, assim como deve ser respeitada todas as contribuições de outras épocas que estejam presentes em determinado monumento (BOITO, 2002). Desse modo, compreende-se que o autor prega a precedência dos aspectos conservativos sobre a restauração, isto é, favorece atos de manutenções e consolidações, aliados as técnicas da época, para assegurar que o monumento se mantenha estável, sem a necessidade de grandes intervenções restaurativas. Ressaltando que ao ocorrer adições, se faz essencial as inserções de datas inscritas (KUHHL, 2004).

Destarte, identifica-se que Boito se insere na corrente filosófica e política do conservadorismo, esta na qual surge em oposição aos filósofos iluministas da revolução francesa, alegando que os revolucionários afrontam a ordem natural da sociedade. Segundo Trigueiro (2015), vai ser caracterizada como uma ideologia que está relacionada com a defesa da tradição e que possui caráter historicista. Desse modo, pode-se observar a relação com Camillo Boito, que afirma que “o restaurador, no fim das contas, oferece-me a fisionomia que lhe agrada: o que eu quero mesmo é a antiga, a genuína, aquela que saiu do cinzel do artista grego ou romano, sem acréscimos ou embelezamentos.” (BOITO, 2002, p. 44). Evidenciando, por conseguinte, em sua teoria a preferência pela matéria original e pela vetustez do monumento, no qual deveria optar primeiramente por ações conservativas ante as restaurativas.

Os conceitos acerca do restauro elaborados e apresentados por Boito no século XIX não apenas influenciou outros teóricos do seu tempo como também influencia a prática restaurativa até os dias atuais. Desse modo, com o intuito de relacionar a prática contemporânea com a teoria da restauração, apresenta-se que o elemento de estudo para fomentar essa investigação trata-se do restauro do Centro Cultural de Araras. O local era conhecido como o antigo complexo de uma empresa estatal paulista de transporte ferroviário, a FEPASA, e conforme mostrado na (Figura 1), está situado no centro da cidade de Araras-SP, onde inicialmente teve seu funcionamento datado em 1877.

Compreende-se que sua localização representa um marco fundamental para o desenvolvimento do entorno, tendo em vista que a economia era majoritariamente conduzida pelas lavouras de café, que empregava não só os nativos, mas também os imigrantes. A chegada das linhas férreas da Companhia Paulista de Estrada de Ferro impulsionou ainda mais seu crescimento, sendo palco da evolução da cidade entre os séculos XIX e XX, a estação ferroviária marcou a vida de muitas famílias que conseqüentemente transmitiram tal afetividade para suas gerações descendentes.

Figura 4. Imagem de satélite da cidade com a demarcação do local de estudo em vermelho



Fonte: Google Earth (2020). Modificado pelos autores.

Segundo Dantas et al. (2011), no ano de 1882 o galpão original constituído por madeira deu espaço para a utilização da alvenaria, além de outras mudanças ocorridas no decorrer do século. Ademais, os armazéns existentes no complexo têm datas de construção distintas, sendo um de 1887 e outro de 1924, desse modo engloba mais de um contexto social e histórico da sociedade.

A funcionalidade do local englobava o transporte de passageiros e cargas, onde suas funções foram efetuadas até os anos 1977 e 1980 respectivamente, desta forma, nota-se a pouca diferença entre o encerramento das atividades, o que pode-se ligar ao fato de outros meios de transportes que surgiram de mais fácil acesso, evidenciando o contexto econômico.

Após alguns anos do abandono das atividades do complexo ocorreram alguns fatos que facilitaram o aspecto de abandono e descuido do mesmo, que é possível observar através da (Figura 2) e (Figura 3). Além do desgaste ocasionado pelo tempo e por processos de reforma sem critérios adequados de restauro, houve práticas de vandalismo e trilhos retirados do ambiente, efetuando um claro processo de “apagar” a história do local para futuras gerações.

Figura 2. Foto do local antes da intervenção



Fonte: Vitruvius (2011)

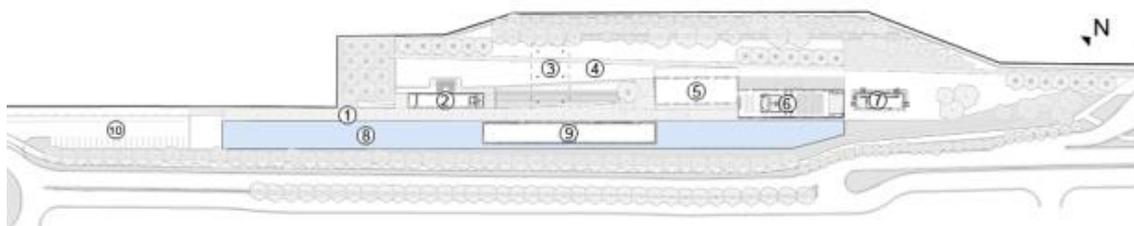
Figura 3. Foto do local antes da intervenção



Fonte: Vitruvius (2011)

Em decorrência do estado avançado de degradação que se encontrava o local, houve a realização de um concurso de âmbito nacional que tinha como objetivo a transformação da estação em um centro cultural. Este concurso era princípio da iniciativa de algumas instituições unidas, sendo estas a ACAAR (Associação de Cultura e Artes de Araras), o Instituto de Arquitetos do Brasil e a Fundação Bienal de São Paulo, além do patrocínio da Nestlé, no ano de 2003. Os vencedores do concurso foi um grupo de arquitetos, sendo eles: Bruno Bonesso Vitorino, André Dias Dantas, André Maia Luque, Fernando Botton e Renato Dala Marta (DANTAS et al., 2011).

Figura 4. Planta da intervenção



Fonte: Vitruvius (2011). Sem escala

A equipe apresentou na proposta de intervenção a ideia de restauração dos elementos construtivos existentes, tendo em vista a premissa base de resgatar e valorizar as características originais. Contudo, também constava a inserção de novos elementos para adaptação do uso, sendo estes característicos da idade contemporânea, evidenciando assim, a distinção do tempo de construção de cada um, para não criar um falso histórico. Segundo os arquitetos, o objetivo era contrastar as intervenções contemporâneas daquilo que ainda restava dos anos de 1877 e suas respectivas camadas de momentos históricos (DANTAS et al., 2011).

Desse modo, foi possível dar um novo uso para o espaço, a estação ferroviária passou a ser o Centro Cultural de Araras, que para se adequar às novas necessidades foi necessário passar por algumas modificações nos ambientes internos. Sendo assim, pode-se notar na planta de intervenção (Figura 4) a implantação dos elementos que sofreriam mudanças. Como número um identifica-se a plataforma, como número dois o edifício administrativo, como número três uma marquise e quatro sala de exposições, no cinco se situa o auditório, o seis compreende uma área de serviços, no sete uma praça, por fim, o dez que é o local de estacionamento. Na área 8 apresenta-se uma biblioteca e um novo espelho d'água, porém não foram construídos.

De acordo com Dantas et al. (2011), o grupo buscou ressaltar as características mais significativas, usando assim de pesquisa documental e levantamentos, além disso o processo de intervenção necessitou instalar novos compartimentos na área interna, para contemplar a necessidade administrativa, além de despojar de uma nova caixilharia com adornos respectivos a contemporaneidade. O projeto propôs a utilização do aço corten para a nova edificação, com objetivo de representar os vagões de trem. Ademais, segundo os arquitetos, houve a réplica dos pilares de ferro fundido da gare existente, além da restauração dos que ainda permaneciam ali, com a implantação de iluminação de piso e uma marquise de concreto aparente.

Além disso, a sala de exposições contava com a utilização de trilhos de luminárias para ressaltar a estrutura, além da criação de uma nova porta utilizando os fragmentos da original, ao passo que as docas receberiam um fechamento composto por panos de vidros. O edifício do auditório era composto de tijolos e foi identificado nesse decorrer a necessidade de reconstrução de alguns, sendo que após a restauração foi utilizado hidrofugante de siloxano para a conservação dos mesmos. Outrossim, a casa do chefe da estação aparentava um melhor estado de conservação, desse modo, a intervenção consistiu na recuperação da alvenaria da fachada e a cópia das vedações que estavam claramente bem danificadas (DANTAS et al., 2011).

Durante o processo de restauro, as intervenções provocadas no edifício foram pautadas na valorização da memória relativa do local e sua relação com o passado histórico. Em concordância com as ideologias impostas pelo teórico Camillo Boito, na qual presume a importância que a autenticidade e singularidade dos fatos históricos proporcionam ao estado atual do edifício. Do mesmo modo que, as intervenções posteriores ao conjunto original da obra obtenham equilíbrio e harmonia com o já existente, impossibilitando assim, incoerência estilística e refutação aos princípios gerados a memória do mesmo (BOITO, 2002).

Isto significa que, não somente adicionando e requalificando diversos elementos comuns da obra, como também estabelecendo ligação com o pré-existente, em conjunto com os atributos a serem incorporados aos complexos projetados, com a clara distinção do novo e original. Podendo assim, resultar em uma obra complementar, ou seja, preservando a construção presente, com o apoio de elementos estruturais e espaciais ao projeto (DANTAS et al., 2011).

Como parte do partido arquitetônico, as características formais do edifício tinham como objetivo principal a preservação, sobretudo, aos elementos que já haviam passado por inúmeras intervenções ao longo dos anos. No entanto, ao reintegrar o edifício ao contexto arquitetônico atual, foi necessário a adequação de diferentes cômodos, de modo a modificar seu uso, estética e funcionalidade. Locais como armazéns e porão, que anteriormente eram encarregados de estocar produtos e mercadorias pertencentes a estação, agora, fazem parte de um amplo espaço de apresentações e exposições culturais. Contendo também, diferentes ambientes de uso público e comum, assim como, suportes sanitários, lanchonete, cozinha e refeitório.

Além disso, o projeto ressalta diversas atribuições discutidas as edificações contemporâneas, por meio de um espelho d'água, articulado para favorecer as pendências climáticas presentes, contribuindo também para o conforto térmico e ambiental de todo o espaço. De certa forma, possível através da superfície linear e contínua do projeto, compatibilizando com a estrutura da estação ferroviária proveniente, assim como, as novas edificações adicionadas ao espaço. Ademais, o estudo incluía diversas alterações, tanto de materialidade, quanto de estruturação dos ambientes, no entanto, algumas ideias não foram sustentadas até a execução (DANTAS et al., 2011).

Figura 5. Vista externa noturna, cobertura e pilares de sustentação.



Fonte: Vitruvius (2011).

Sendo uma delas, a implantação de um bloco revestido de aço corten e vidro, sob o espelho d'água, onde teria seu uso destinado a bibliotecas de leitura, além de ateliês e oficinas compartilhadas. Sustentando assim, tal princípio destacado por Boito, onde descreve que aos itens que apresentassem características irreversíveis em relação ao seu estado de conservação, exigiriam uma diferenciação clara de sua modificação, através de sua materialidade ou documentação formal (BOITO, 2002).

À vista disso, a intervenção proposta foi fundamentada em subsídios históricos envolvendo a memória e a representatividade da sua construção. De certo modo, concedido a restaurar elementos

originais da obra, incluindo componentes necessários para a sustentação do conjunto de seguimentos da estação, além de adequar aos novos usos do ambiente. Visto que, tais alterações não comprometam a fidelidade estilística do edifício, sendo possível a identificação do atual para o antigo. Para isso, a materialidade empregada de maior predominância foi o aço corten, principalmente em grandes vãos, sendo um material de alta durabilidade, onde contém uma barreira protetora três vezes mais resistente e rígida que um aço comum, além de ser mais leve e flexível (DANTAS et al., 2011).

No entanto, alguns elementos como os pilares foram reformulados, com o intuito de se assemelhar com os demais existentes na plataforma da estação. Sendo restaurados com base nos pilares originais de ferro fundido, assim como, a cobertura que foi alterada por completa, para uma estrutura metálica, uma vez que o eixo da madeira apresentava um estado de conservação irreversível (Figura 5). Para mais, foi introduzindo juntamente com a cobertura, uma marquise de concreto armado aparente, estabelecendo uma grande representatividade da arquitetura atual, reforçando as possibilidades de abertura e extensão dos vãos, por meio das tecnologias empregadas ao material (Figura 6).

Figura 6. Marquise e pilar



Fonte: Vitruvius (2011)

Segundo Boito, o estudo do restauro, faz parte de um complexo processo de identificação e reconhecimento da obra, sobretudo, em relação as adaptações e particularidades que deveram ser respeitadas. Equitativamente, considerar e preservar as fases que a possui, autorizando somente a substituição de alguma peça, sendo ela considerada abaixo do conjunto formal da obra, em raras exceções (BOITO, 2002).

Nas salas de exposições, a fim de valorizar a estrutura e madeiramento da cobertura, foi utilizado diversas luminárias artificiais, com o intuito de ressaltar as formas originais e predominantes no seu interior, contrastando com a ambientação e layout dispostos na sala. As vedações em algumas faces do salão foram necessárias, onde esteve previsto instalações de ar condicionado e demais equipamentos elétricos, com o apoio do vidro temperado e esquadrias de madeira (Figura 7).

Figura 7. Vista interna, detalhe do madeiramento da cobertura.



Fonte: Vitruvius (2011).

Por fim, as faces que apresentavam maior demanda de tempo e especialização, incluía as paredes do edifício que continham os tijolos aparentes. Para a realização da restauração nesses trechos, foram utilizadas diversas técnicas de modelagem deste material, por meio de um processo realizado com argamassa para nivelar a textura da parede e, uma mistura protetora para preservar o visual legítimo do tijolo. Assim como os demais elementos do edifício, as reestruturações e premissas importantes para o desenvolvimento desse restauro foram baseadas nos elementos existentes, conservando as peças do complexo pouco danificadas, e replicando diversos itens originais, obedecendo os parâmetros de comparação e singularidade dos materiais, com medidas que apresentam aparência idêntica, como a alvenaria da fachada, e contraste arquitetônico do atual e antigo, como a substituição da cobertura e materialidade da mesma (DANTAS et al., 2011).

Desse modo, o restauro realizado no Centro Cultural de Araras segue os princípios apresentados pelo teórico, tendo em vista que para Camillo Boito o ideal é que seja preservada a autenticidade dos fatos históricos ainda que haja intervenções ao redor, para ele, o “novo” deve estar explicitamente inserido em seu tempo por meio de documentações, materiais e afins, porém, as características da arquitetura pré-existente devem ser levadas em consideração para que tenha harmonia no resultado final. Este no qual é de uma obra coerente com a contemporaneidade, seguindo os conceitos de restauração de Boito, os novos elementos foram adicionados de maneira a agregar valor e destacar o prédio original e suas características arquitetônicas.

CONCLUSÃO

Em suma, podemos concluir que o autor Camillo Boito, influenciado por um ambiente social com intensa confluência de intelectuais que se encontravam embasados no estudo da idade média, em decorrência de um contexto histórico de unificação da Itália, aonde identificava-se a arquitetura medieval como representante de caráter nacionalista, e portanto, sendo um acúmulo de influentes para o desenvolvimento da sua teoria, que será considerada como um marco para a historiografia da restauração até os dias atuais.

Desse modo, com a ampliação da noção de restauro na sociedade, o teórico vai desenvolver os princípios de restauração para monumentos de acordo com sua linha de restauro filológicos, que preconiza a importância da documentação histórica e da existência de uma metodologia científica, além da busca por respeito pela materialidade natural, a mínima intervenção e o desenvolvimento do conceito de distinguibilidade.

Sendo assim, Camillo Boito vai argumentar acerca da restaurações de monumentos históricos, afirmando que é necessário fazer o possível para conservar a obra em seu aspecto original e pitoresco, além de manter presente todas as marcas de passagem no tempo, com o intuito de evidenciar as diversas épocas que uma obra vivenciou, e assim, perpetuar a memória e a história daquele monumento para a sociedade.

Como propósito de elucidar a influência da teoria da restauração de Boito na sociedade atual, foi realizada uma análise do restauro realizado no centro cultural de Araras onde é possível identificar a aplicação dos princípios do teórico em uma obra contemporânea. Tal questão se torna evidente através do conceito no qual envolve a proposta de intervenção realizada, esta na qual parte da ideia de valorização da memória e história do local, buscando manter o existente, ao mesmo tempo, em que para se adaptar ao novo uso se faz necessário alguns acréscimos. Contudo, esses acréscimos são de caráter distinto do original, pois seus aspectos são pertencentes a época em que são inseridos, identificados por suas características contemporâneas.

Dessa maneira, a presença de um centro cultural em uma área repleta de memórias é uma forma manter ativa a vivência e manutenção do edifício, além de contar por meio de registros físicos, visuais e auditivos grande parte de um passado coletivo, portanto, sua atual existência é de grande importância para Araras.

REFERÊNCIAS

BOITO, Camillo. *os Restauradores*: com apresentação de KUHL, Beatriz. Cotia: Ateliê Editorial, 2002

DANTAS, André Dias et al. **Centro Cultural de Araras**: Araras SP Brasil. 131.01. ed. [S. l.], 2011. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/11.131/4072?page=4>. Acesso em: 1 ago. 2020.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **O tratamento das superfícies arquitetônicas como problema teórico da restauração**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.12. p. 309-330. jan./dez. 2004. <https://doi.org/10.1590/S0101-47142004000100021>

OLIVEIRA, Rogério Pinto Dias de. **O equilíbrio em Camillo Boito**. [S. l.], 8 fev. 2009. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.086/3049>. Acesso em: 15 abr. 2020.

TRIGUEIRO, Gabriel Romero Lyra. Conservadorismo: perspectivas conceituais. **Estudos Políticos**, Rio de Janeiro, v. 6, ed. 1, 2015.

ARQUITETURA DA SAÚDE: FARMÁCIA DE MANIPULAÇÃO

Tailiz Neri Catarino, Giovanna Oliveira Rosa, Carolina Turuta, José Luiz Tonetto Neto, Maria Eunice Carvalho Tosello

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: tailiz.catarino@hotmail.com

RESUMO

O presente estudo, procedente de uma pesquisa qualitativa aplicada através da revisão bibliográfica e análises de antecedentes, teve como principal objetivo o desenvolvimento de um projeto arquitetônico para uma farmácia de manipulação com ênfase na humanização dos espaços, otimização das atividades e fluxos e funcionalidade dos ambientes. A partir de uma breve contextualização histórica sobre a temática das farmácias de manipulação e dos estudos dos antecedentes e visitação in loco, destaca-se o projeto arquitetônico de uma farmácia de manipulação no município de Presidente Prudente, os direcionamentos projetuais empregados, partindo das normativas estabelecidas pelas resoluções voltadas para arquitetura hospitalar, RDC 50 e pela abrangência de fatores técnicos, aspectos estéticos e ambientais, voltados ao conforto e eficiência do edifício. Assim, destaca-se tamanha relevância do olhar sensível e atento do arquiteto em relação ao projeto, abrangendo não somente questões técnicas e racionais, quanto as relacionadas ao conforto e bem-estar do edifício e daqueles que direta ou indiretamente envolvem-se com o mesmo.

Palavras-chave: Arquitetura, farmácia de manipulação, ambiente hospitalar.

HEALTH ARCHITECTURE: HANDLING PHARMACY

ABSTRACT

The present study, based on a qualitative research applied through bibliographic review and background analysis, had as main objective the development of an architectural project for a manipulation pharmacy with an emphasis on the humanization of spaces, optimization of activities and flows and functionality of environments. From a brief historical contextualization on the theme of manipulation pharmacies and the study of antecedents and on-site visitation, the architectural project of a manipulation pharmacy in the city of Presidente Prudente stands out, the design guidelines employed, starting from the established norms for the resolutions focused on hospital architecture, RDC 50 and for the range of technical factors, aesthetic and environmental aspects, aimed at the comfort and efficiency of the building.

Keywords: Architecture, handling pharmacy, hospital environment.

INTRODUÇÃO

Segundo a Farmácia de Manipulação e Homeopatia FarmAkácia (2015), a origem das farmácias de manipulação e a história da medicina se confundem, desde a antiguidade para curar e se proteger das enfermidades o homem utilizava de recursos encontrados na natureza, através da observação e teste. Com o tempo, a experiência adquirida com esses testes foi se especializando, no Brasil por exemplo, os índios já praticavam a medicina antes da colonização portuguesa.

Quando os jesuítas eram responsáveis pelas boticas, no início importavam os medicamentos e produtos do velho continente, mas com o tempo – e novamente a observação e experimentação – perceberam que havia nos recursos naturais do país uma série de elementos que eram hábeis a ajudar nessa manipulação de remédios. Eles possuíam ainda um receituário próprio, com os métodos de preparação dos remédios e também de como obter certos produtos químicos como o nitrato de prata, por exemplo. (FARMAKÁCIA, 2015).

Antes do século XX, todos os remédios eram manipulados a partir de uma receita médica específica, não existia medicamentos genéricos por isso também não existia farmácias específicas de manipulação, toda farmácia se encaixava nesse conceito. As boticas passaram por diversas especializações e validações até que a indústria farmacêutica surge, no fim da segunda guerra mundial, e passa a produzir medicamentos com dosagens específicas para o tratamento de cada enfermidade. *“Se o paciente tinha uma gripe, por exemplo, um remédio pré-estabelecido serviria para o tratamento; que é como vemos hoje em dia na maioria dos casos.”* (INTERNATIONAL JOURNAL PHARMACEUTICAL COMPOUNDING, 2016)

Com o tempo a força das farmácias de manipulação sofreu uma queda devido a força que a indústria teve ao longo da história e acabou sofrendo algumas transformações, em algumas épocas sendo destaque apenas no setor dermatológico. Atualmente, a Associação Nacional de Farmacêuticos Magistrais (2018), defende que a Farmácia e os farmacêuticos presam um serviço a classe médica quando oferece opções e possibilidades terapêuticas que se encaixam no contexto ideal do paciente e do médico.

Fisicamente, esses espaços devem seguir as normas estabelecidas pela ANVISA, que buscam proteger a saúde da população por meio do controle sanitário desde a produção até o consumo dos manipulados.

Os projetos dessa área buscam então solucionar de forma eficiente todos os quesitos trabalhados na RDC 50/2002 que tem como objetivo *“Regulamento Técnico destinado ao planejamento, programação, elaboração, avaliação e aprovação de projetos físicos de estabelecimentos assistenciais de saúde, a ser observado em todo território nacional, na área pública e privada.”* (ANVISA, 2002)

O papel do arquiteto não é apenas aplicar as normas técnicas em suas projeções, mas sim, resolver de forma humanizada e racional as regras solicitadas. Para isso, se deve analisar impactos de larga escala proporcionados por determinadas regiões e culturas onde o empreendimento estará inserido e de média/baixa escala, como: terreno, insolação, ventilação, etc. O projeto da Farmácia de Manipulação apresentado nesse artigo teve o objetivo de cumprir com as normas solicitadas se destacando por uma arquitetura de qualidade e funcional.

MÉTODOS

Para fins de classificação do presente estudo, foi adotado o método apresentado por Vergara (1998), onde quanto aos fins, trata-se de uma pesquisa descritiva, levantando e expondo as características e organização espacial de uma farmácia de manipulação localizada no município de Presidente Prudente.

Em relação aos meios, foi realizado um estudo de referencial da Farmácia Navid (Pirouzi, Irã) através de revisão bibliográfica do material disponível e pesquisa documental por meio de imagens, plantas baixas e informações técnicas sobre o edifício.

Este associado a uma pesquisa de campo sobre a farmácia Campos de Manipulação, localizada no município de Presidente Prudente, que permitiu melhor compreensão e entendimento das atividades desenvolvidas nos ambientes, sua disposição e como ocorrem os fluxos de pessoas e medicamentos.

A visita in loco possibilitou a obtenção de dados referentes a elementos sobre os sistemas de estrutura organizacional e espacial, desempenho das atividades propostas, fluxo de funcionários, matéria-prima e medicamentos, processos de trabalho e normas de biossegurança e higiene.

A pesquisa bibliográfica envolveu teses e publicações relacionados a temática por meio eletrônico (internet). E a Pesquisa Documental incluiu plantas baixas e informações técnicas, além de normas e leis sanitárias, destacando a RDC 50/2002 que dispõe sobre os regulamentos técnicos para planejamento, programação, elaboração e avaliação de projetos físicos de estabelecimentos assistenciais de saúde.

Todos instrumentos metodológicos mencionados anteriormente, contribuíram e respaldaram as conclusões obtidas a partir da discussão da temática. As informações apuradas na durante a visita foram organizadas e analisadas. Foi realizada uma análise qualitativa desses dados, permitindo assim, uma avaliação acentuada da situação, para que então fosse proposto um modelo de Farmácia de Manipulação que contemplasse todo o programa de necessidades de forma racional e eficiente, influenciando positivamente todo arranjo organizacional e espacial do edifício.

RESULTADOS

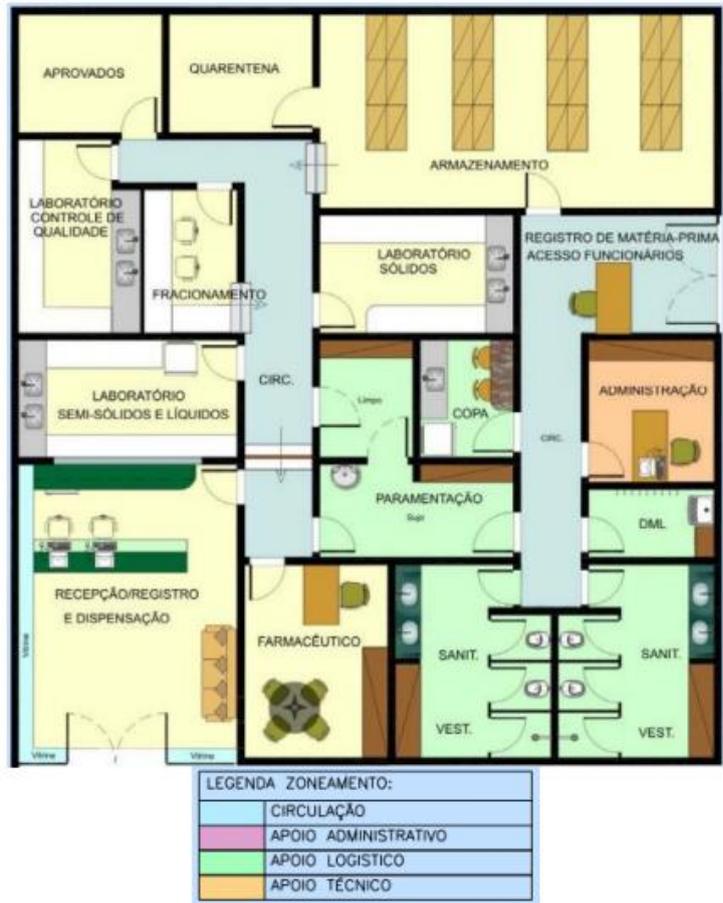
A farmácia é compreendida como uma ciência, conferida como um local para a manipulação de fórmulas officinais e magistrais, efetivada pela preparação, armazenamento e combinação de drogas e medicamentos naturais ou artificiais; baseada na comercialização de produtos com caráter privado ou complementar a unidades hospitalares. (Brasil, 1973 apud MOUSSAVOU, 2012 p. 3).

No âmbito nacional é necessário o seguimento de normas e resoluções para o devido projeto de regularização e fundamentação de uma farmácia de manipulação; composto pela Resolução de Diretoria Colegiada nº 50, de 2002, conferida como regulamento técnico para planejamento de projetos físicos de estabelecimentos assistenciais de saúde, contendo a unidade da farmácia apresentada como unidade funcional de apoio técnico, apresentando seus devidos ambientes, dimensionamento e instalações necessárias. (BRASIL, 2002)

Há também a RDC nº 67, de 2007, evidenciada como regulamento técnico que institui as boas práticas de Manipulação de Preparações Magistrais e Officinais para Uso Humano em farmácias, com objetivo de estipular os requisitos mínimos de instalações, equipamentos e recursos humanos, aquisição e controle da qualidade da matéria-prima, armazenamento, avaliação farmacêutica da prescrição, manipulação, fracionamento, conservação, transporte, dispensação das preparações; visando à garantia de sua qualidade, segurança, efetividade e promoção do seu uso seguro e racional. (BRASIL, 2007).

Segundo Moussavou (2012, p.4), todo projeto deve ser aprovado pela vigilância sanitária local; os ambientes mínimos que contemplam o projeto de uma farmácia de manipulação se apresenta por apoio técnico, contendo laboratório de manipulação, laboratório de controle de qualidade, sala de armazenamento, sala de dispensação, lavagem de utensílios e embalagem e área de pesagem; apoio administrativo, compreendido por atendimento em conjunto com a loja, diretoria e sala administrativa; apoio logístico, destinado aos vestiários, sanitários, copa e sala de paramentação, evidenciadas na imagem a seguir:

Figura 1. Planta base de setorização farmácia (Fonte: SANTOS; ZÁU, 2008 apud MOUSSAVOU, 2012 p. 5).



Sob levantamentos obtidos através de visitas em locu, realizado em uma farmácia de manipulação, localizada na cidade de Presidente Prudente, São Paulo; cuja a mesma não possui planta baixa e detalhamentos específicos. A estrutura física da farmácia se apresenta por edificação estabelecida com ampla verticalidade, dificultando acessos e fluxos rápidos necessários entre sua estrutura física; divide-se em três principais pavimentos, onde o térreo compõe-se pela área de apoio administrativo, o pavimento inferior contempla o setor de apoio logístico e o pavimento superior destina-se ao setor de apoio técnico.

Mediante a análise de antecedentes projetuais, para a obtenção de respaldo e inspiração para o projeto realizado; se destaca o estudo da farmácia Navid, proposta pelo escritório Led architects no ano de 2016, inserida no Distrito Pirouzi em uma região de vulnerabilidade do Teerã, capital do Irã; concebido a partir de uma fachada simples em concreto com vidros coloridos, e fachada permeável convidativa ao pedestre, evidenciada na figura 2. O fazer projetual do mesmo, se define sob normas diferenciadas às do contexto da saúde nacional, porém fundamentados a partir de parâmetros semelhantes.

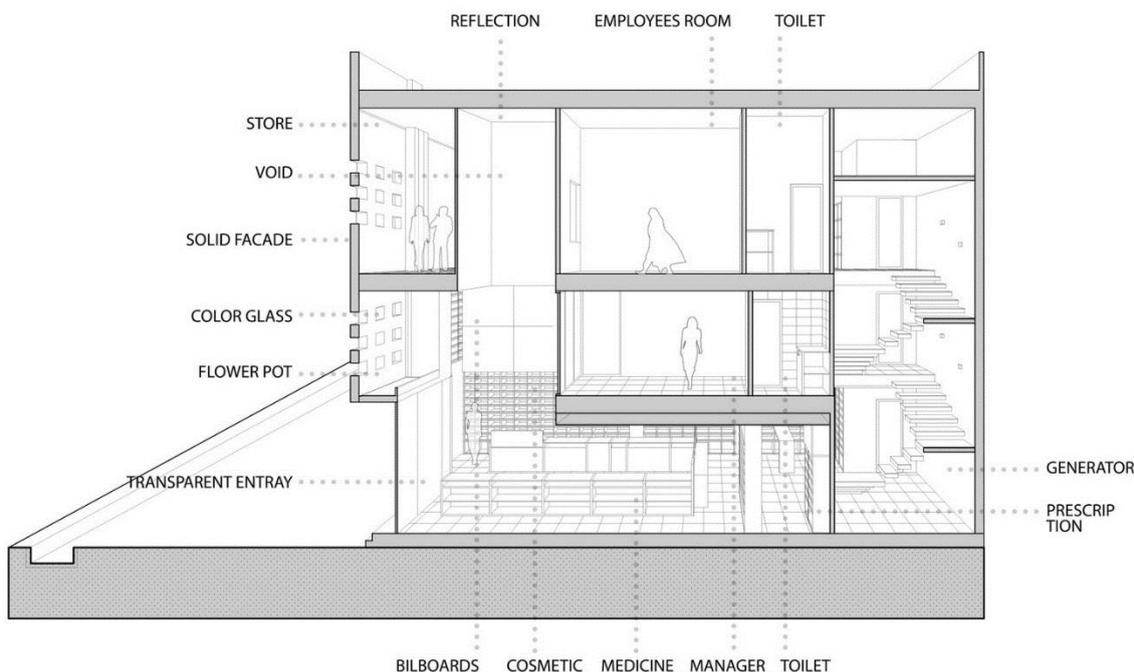
Figura 2. Fachada farmácia Navid (Fonte: FARMÁCIA NAVID, 2017 s/ p).



O edifício vertical, subdivide-se em térreo mais dois pavimentos; o térreo se apresenta com a inserção de vazios verticais, gerando diferentes vistas sob a perspectiva do cliente e maior amplitude espacial, concentrando-se a entrada transparente e acessível no nível do passeio, destinada a área de vendas e propagandas, contendo o setor de cosméticos e setor destinado aos medicamentos. O primeiro

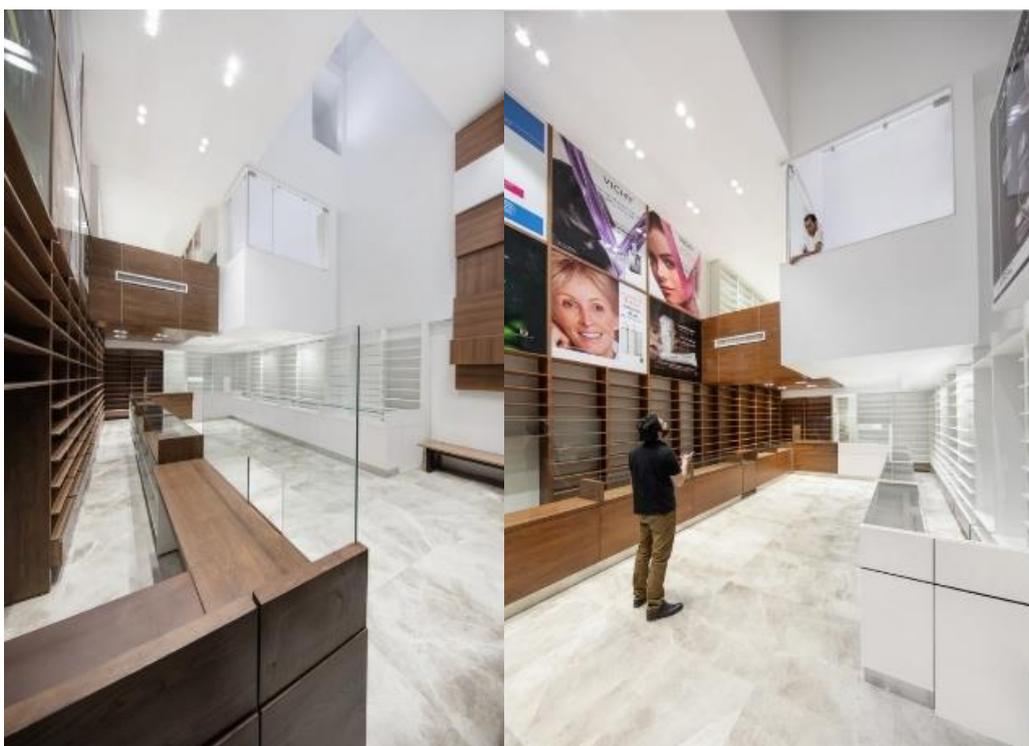
pavimento destina-se a sala administrativa com ampla visão a loja no térreo, e toailete; o terceiro contempla a sala de funcionários e toailete; evidenciados na figura 3. (LED ARCHITECTS, 2017).

Figura 3. Corte esquemático farmácia Navid (Fonte: FARMÁCIA NAVID, 2017 s/ p.).



De acordo com Led Architects (2017, s/p), o interior do projeto obtém destaque em sua setorização diferenciada, através do uso de materiais e texturas designadas com base em sua função pré-estabelecida; a parte branca é destinada a área de venda de medicamentos; enquanto a área em madeira para a comercialização de cosméticos e afins. A criação de volumes e mobiliários enfatiza a setorização designada, obtendo amplitude na comunicação do espaço e usuário.

Figura 4. Interior farmácia Navid (Fonte: FARMÁCIA NAVID, 2017 s/ p).

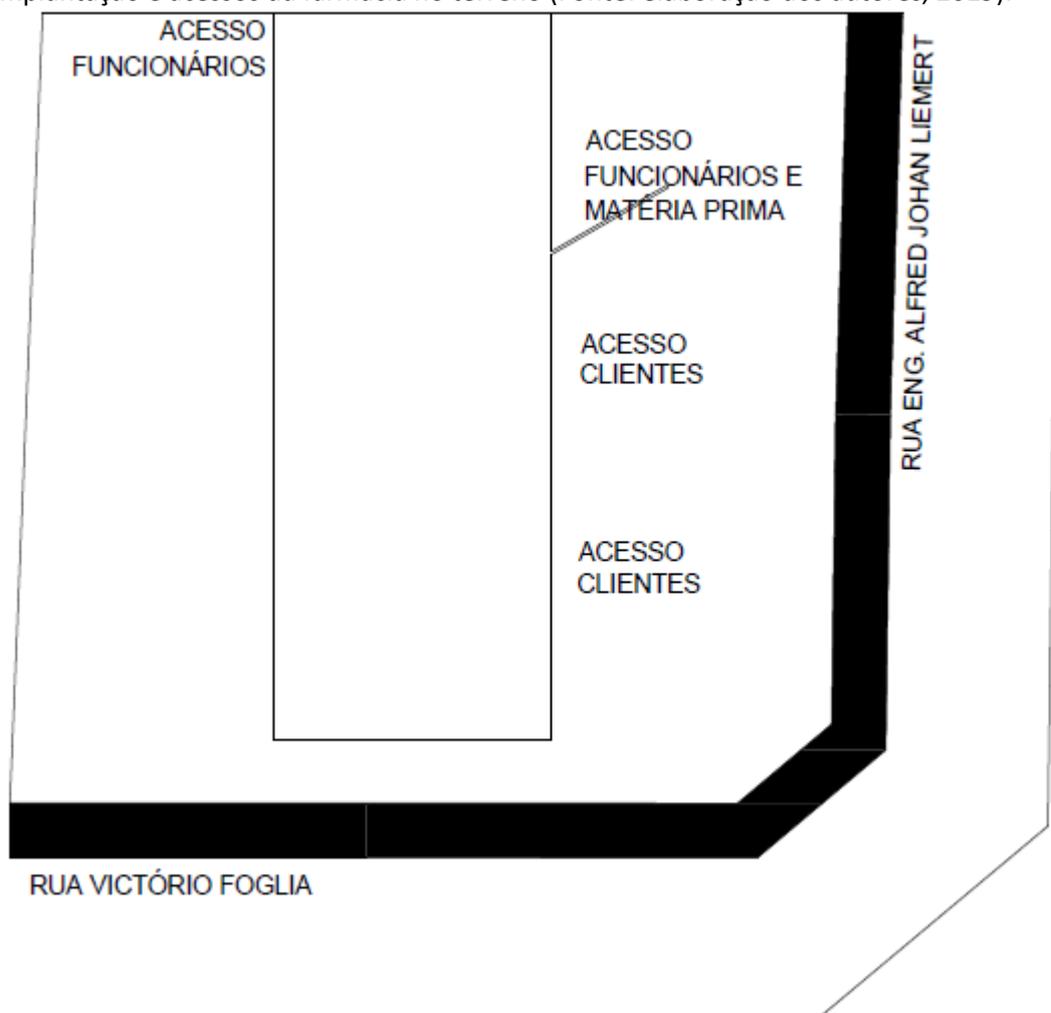


Compreende-se portanto que o projeto de uma farmácia, em especial a farmácia de manipulação de formulas, deve ser planejado não somente como um local comercial, e sim, propondo um espaço complexo destinado para prestação de serviços, seguindo normas e regras prevalentes em esfera municipal e federal, de maneira a atender, viabilizar e cumprir todos os procedimentos necessários, cumprindo devidamente a diferenciação de fluxos e acessos públicos e privados, provenientes da divisão entre funcionários e clientes; assim como, estabelecer o fluxo correto de cargas, entrada e saída de insumos e mercadorias.

DISCUSSÃO

O projeto em questão foi desenvolvido na disciplina de Projeto Arquitetônico VI (Projeto Hospitalar) do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Engenharias e Arquitetura e Urbanismo (FEPP) da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), sob orientação das docentes Stephanie Ferrari Teixeira e Maria Eunice Carvalho Tosello.

Figura 5. Implantação e acessos da farmácia no terreno (Fonte: elaboração dos autores, 2019).



O terreno escolhido localiza-se no município de Presidente Prudente, na esquina das ruas Victório Foglia e Engenheiro Alfred Johan Liemert, no Jardim Colina. A localização foi escolhida pela proximidade à hospitais e equipamentos de saúde na área, como o Hospital Morumbi e o Hospital lamada, distando 3,2 quilômetros do centro comercial da cidade.

Figura 6. Distância entre o terreno escolhido e o centro de Presidente Prudente (Fonte: Google My Maps, 2020).



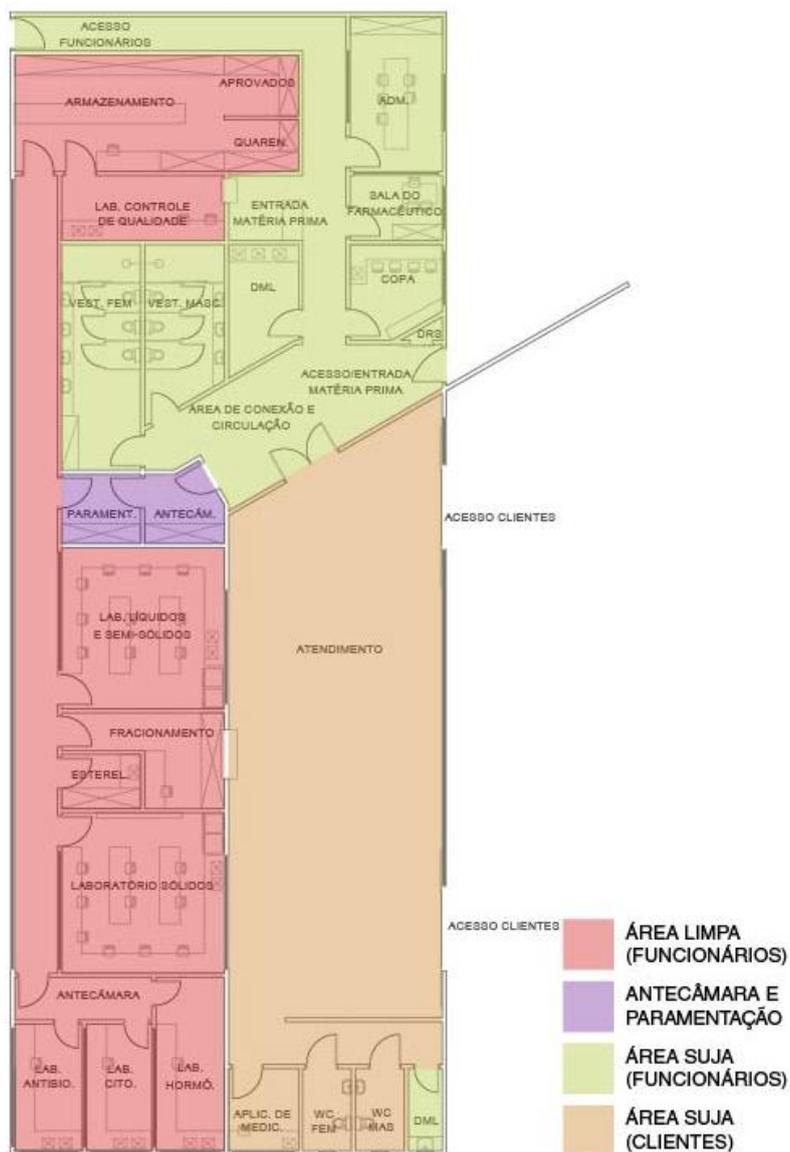
Um dos pontos mais importantes para o desenvolvimento do projeto de uma farmácia de manipulação está na correta definição e separação dos fluxos existentes, sendo que o fluxo interno (de funcionários) está dividido ainda em fluxo limpo e sujo, sendo o acesso ao primeiro feito exclusivamente através de antecâmara e câmara de paramentação e descontaminação, conforme especificações previstas na Resolução de Diretoria Colegiada (RDC) 50.

A planta do projeto abriga todo o programa de necessidades em um retângulo de 15,30 m por 40,35 m. A área limpa da farmácia de manipulação conta com os seguintes ambientes: armazenamento, laboratório de controle de qualidade, laboratório de líquidos e semissólidos (cremes), laboratório de sólidos, sala de esterilização, laboratório de antibióticos, laboratório de citostáticos e laboratório de hormônios, sendo estes três últimos acessados através de antecâmara de pressão negativa, que evita que os produtos manipulados nestes ambientes contaminem os outros laboratórios ou mesmo o meio externo.

O programa da área suja interna (fluxo de funcionários) conta com um depósito de materiais de limpeza, sala de administração, sala do farmacêutico (com eventual acesso de clientes), copa, depósito de resíduos sólidos e vestiários. Há ainda um segundo depósito de materiais de limpeza, destinado à manutenção dos ambientes de atendimento ao cliente, localizado ao lado dos lavabos para clientes. A área suja externa (fluxo de clientes) conta com um programa de necessidades menor, com apenas quatro ambientes: o salão de atendimento, sala de aplicação de medicamentos, lavabo feminino e lavabo masculino.

Os laboratórios contam ainda com instalações específicas a seu funcionamento, como é o caso de pressão negativa nos laboratórios de citostáticos, antibióticos e hormônio. O acesso a esses três ambientes é precedido por uma antecâmara, que possibilita o funcionamento do sistema que reduz a pressão nestes. Há ainda a instalação de exaustores em todos os locais onde são manipulados produtos sólidos, em pó ou ainda que liberem gases.

Figura 7. Planta de setorização projeto (Fonte: elaboração dos autores, 2020)



O conceito e partido do projeto tem íntima relação com a função da farmácia e a mensagem que esta deseja transmitir a seus clientes. A rigidez das linhas retas e contínuas, bem como a solidez do bloco arquitetônico tem como objetivo a representação da precisão e seriedade das fórmulas ali desenvolvidas, enquanto as empenas curvas e vazadas na fachada, feitas em madeira, tem como objetivo representar a organicidade e aspecto natural dos medicamentos fitoterápicos, também manipulados pelo estabelecimento. Além disso, esta empena de elementos vazados (posicionada de maneira angular na planta baixa) ajuda a tornar mais discreta a entrada e saída de funcionários e matérias primas laboratoriais, através de acesso localizado ao lado desta.

Figura 8. Renderização da fachada frontal do projeto (Fonte: elaboração dos autores, 2020).



CONCLUSÃO

Tendo em vista a temática abordada e a discussão proposta através da observação dos usos, das relações entre fluxos, ventilação e iluminação, instalações especiais e normas que regem especificamente farmácias de manipulação, compreende-se a abrangência do tema e a complexidade do projeto de um edifício que abriga uma farmácia de manipulação, exigindo assim, maior sensibilidade e entendimento do arquiteto, propondo a humanização dos espaços, tanto para o funcionário, bem como para o cliente potencial, tencionando na otimização dos fluxos e acessos, na acessibilidade no edifício, conforto higrotérmico, áreas verdes, proporcionando ambientes agradáveis, e funcionais, culminando em um atendimento completo a saúde, que traz em sua concepção valores sociais, culturais e emocionais.

REFERÊNCIAS

Brasil, Ministério da Saúde. Resolução-RDC Nº 50. **Regulamento técnico para planejamento de projetos físicos de estabelecimentos assistenciais de saúde**, 2002.

Brasil, Ministério da Saúde. Resolução-RDC Nº 67. **Regulamento técnico que institui as boas práticas de manipulação em farmácias (BPMF)**, 2007.

Brasil, Ministério da Saúde. **Sistema de Apoio à Elaboração de Projetos de Investimentos em Saúde (SOMASUS)**. 2020. Forum da Construção. Disponível em <http://somasus.saude.gov.br/somasus/consultaAtribuicao!consultaCombinada.action?SOMASUS_TOKEN=16PF-8KS8-ASY-UYO3T-BMFK-E2PT-FR02-TTP2> Acesso em 01 ago. 2020.

MOUSSAVOU, Ulrich Privat Akendengué, 2012. 8f. **Farmácia de Manipulação: Infraestrutura e requisitos para montagem de uma farmácia de manipulação**. Rede de Tecnologia e Inovação do Rio de Janeiro (REDETEC) - Rio de Janeiro, Brasil.

Farmácia Navid / L.E.D Architects. [Navid Pharmacy / L.E.D Architects]. 2017. ArchDaily Brasil. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/872314/farmacia-navid-led-architects>> Acesso em 18 ago 2020

FARMAKÁCIA. **A história da Farmácia de Manipulação. Farmácia de Manipulação e Homeopatia**, 2015. Disponível em <<http://farmakacia.com.br/dicas-informacoes/artigos-cientificos/historia-da-farmacia-de-manipulacao>> Acesso em 03 ago 2020

ANFARMAG. **A importância da Farmácia de Manipulação para a sociedade**. Associação Nacional de Farmacêuticos Magistrais, 2018. Disponível em <<https://pharmaceuticalconsultoria.com/farmacia-de-manipulacao/>> Acesso em 04 ago 2020

INTERNATIONAL JOURNAL PHARMACEUTICAL COMPOUNDING. **O que você sabe sobre farmácia de manipulação**. Compounding Today International Journal, 2016. Translated from English into Portuguese by Simonne Fonesca, RPh. Disponível em <https://compoundingtoday.com/WhitePapers/doc/O_QUE_VOCE_SABE_SOBRE_FARMACIA_DE_MANIPULACAO.pdf> Acesso em 03 ago 2020.

Miguel MD, Zanin SMW, Miguel OG, Roze AO, Oyakawa CN, Oliveira ABO. **Cotidiano das farmácias de manipulação**. Visão Acadêmica 2002. <https://doi.org/10.5380/acd.v3i2.509>

Silva, AJH. **Metodologia de Pesquisa: Conceitos Gerais**, 2014. Disponível em < <http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/841/1/Metodologia-da-pesquisa-cient%C3%ADfica-conceitos-gerais.pdf> > Acesso em 28 julho 2020.

ARQUITETURA RESIDENCIAL INCLUSIVA: CASA ACESSÍVEL AO SOBREPESO.

Tailiz Neri Catarino, José Luiz Tonetto Neto, Carolina Turuta, Giovanna Oliveira Rosa, Maria Eunice Carvalho Tosello

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: tailiz.catarino@hotmail.com

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo elucidar a importância entre a arquitetura na estância residencial e a aplicação da acessibilidade espacial; contextualizando a temática da obesidade desde seus princípios teóricos e práticos, com abrangência na otimização espacial que reflita no bem-estar físico e mental de um indivíduo que apresente sobrepeso; por meio de uma pesquisa exploratória qualitativa aplicada através da revisão bibliográfica. Com intuito de viabilizar a aplicação da pesquisa elaborada, através da inclusão e adaptação de suas necessidades, por parte da concepção de um projeto arquitetônico de uma residência ergonômica para um indivíduo com sobrepeso na cidade de Presidente Prudente - SP, a fim, de proporcionar independência, conforto e segurança ao usuário; evidenciando a importância do processo projetual criativo como um meio metodológico de aplicação de conceitos teóricos de modo a modificar padrões monótonos existentes, com a criação de uma proposta personalizada.

Palavras-chave: Arquitetura inclusiva, autonomia, conforto, obesidade, projeto ergonômico.

INCLUSIVE RESIDENTIAL ARCHITECTURE: ACCESSIBLE HOME TO OVERWEIGHT INDIVIDUALS.

ABSTRACT

The present study aims to elucidate the importance between architecture in the residential resort and the application of spatial accessibility; contextualizing the theme of obesity from its theoretical and practical principles, with scope in spatial optimization that reflects the physical and mental well-being of an individual who is overweight; through a qualitative exploratory research applied through bibliographic review. In order to enable the application of the elaborated research, through the inclusion and adaptation of their needs, by the conception of an architectural design of an ergonomic residence for an overweight individual in the city of Presidente Prudente - SP, in order to provide independence, comfort and safety to the user; evidencing the importance of the creative design process as a methodological means of applying theoretical concepts in order to modify existing monotonous patterns, with the creation of a personalized proposal.

Keywords: Inclusive architecture, autonomy, comfort, obesity, ergonomic design.

INTRODUÇÃO

De acordo com dados da World Health Organization (2006), o excesso de peso um dia foi considerado um problema apenas de países desenvolvidos, de alta renda. Porém, na última década a obesidade passou a ser um dos maiores complicadores no quesito de saúde da humanidade e em todo o mundo é um índice que continua em crescimento. Desde a infância até a idade adulta o excesso de peso tem aumentado de forma constante se associando a uma série de doenças degenerativas. (CARLUCCI, E.M. et al., 2014)

A obesidade no Brasil aumentou potencialmente ao longo dos últimos anos, segundo a Pesquisa de Orçamentos Familiares (2010) feita entre 2008 e 2009, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a predominância do excesso de peso em adultos do sexo masculino aumentou de 18,5% para 50,1%, no sexo feminino de 28,7% para 48,0%.

Os índices indicam a necessidade de se falar sobre o assunto, por isso, a obesidade se torna um tema atual e importante de ser abordado. Dados recentes mostram que o número de obesos no país aumentou 67,8% entre 2006 e 2018 mesmo que, ao mesmo tempo, a população tenha passado a adquirir hábitos mais saudáveis, é evidente que o problema de obesidade no Brasil é resultado de anos de “despreocupação”, do consumo de alimentos ultraprocessados, alto teor de açúcar e gordura. (PENIDO, 2019).

Na contramão do aumento dos percentuais de obesidade e excesso de peso, o consumo regular de frutas e hortaliças cresceu 15,5% entre 2008 e 2018, passando de 20% para 23,1%. A prática de atividade física no tempo livre também aumentou 25,7% (2009 a 2018), assim como o consumo de refrigerantes e bebidas açucaradas caiu 53,4% (de 2007 a 2018), entre os adultos das capitais. Também ao informar que receberam o diagnóstico médico de diabetes (40%), entre 2006 e 2018, os entrevistados demonstraram ter maior conhecimento sobre sua saúde, o que os motivaram a buscar os serviços de saúde, na Atenção Primária, receber o diagnóstico e iniciar o tratamento. (PENIDO, 2019).

De acordo com SEID e ZANNOM (2004), a preocupação com o conceito de “qualidade de vida” surgiu por volta de 1970 quando cientistas sociais, filósofos e políticos começaram a ansiar por melhorias no estilo de vida que a humanidade vinha levando com o intuito de proporcionar um estado de satisfação e plenitude consigo próprio e com a vida.

A obesidade causa um reflexo direto na saúde, bem-estar físico, psicológico causado por prejuízo e discriminação e, então, interfere diretamente na qualidade de vida já que a mesma se torna comprometida quando associada a comorbidades. De diferentes formas e em diferentes escalas o excesso de peso interfere nas relações sociais e profissionais do indivíduo. (TAVARES; NUNES; SANTOS, 2010).

A avaliação da qualidade de vida permite a obtenção de parâmetro de comparação da eficácia de determinado ou de diferentes modalidades de tratamento e da avaliação do impacto dessas terapêuticas sobre a função diária dos obesos, além de permitir inferir sobre os aspectos mais globais do indivíduo, considerando o seu contexto biopsicossocial e a construção da abordagem mais ampla da doença e do ser humano. (TAVARES; NUNES; SANTOS, 2010).

Abordando o tema no universo da arquitetura e urbanismo a necessidade de evoluir a compreensão de acessibilidade se destaca. Projetar ambientes inclusivos é o ponto de partida para criar espaços mais humanitários com o intuito de melhorar a qualidade de vida do usuário enquanto parte de uma sociedade. (GUIMARÃES, 2012).

MÉTODOS

Para desempenho do presente trabalho, foi realizado uma revisão bibliográfica, por meio da assimilação de publicações e materiais que contribuíssem para compreensão e entendimento do tema proposto: Ergonomia de Conceção aplicada a uma residência que atenda às necessidades específicas de um indivíduo obeso.

Trata-se de uma pesquisa exploratória, onde o principal objetivo é compreender mais a fundo o tema da obesidade, por meio de fontes de pesquisa como artigos e bibliografias, a fim de que se desenvolvesse um projeto residencial que atendesse de forma ergonômica e eficiente as necessidades específicas de um indivíduo com obesidade.

O processo projetual compreendeu o estudo do mobiliário, tanto em questões de dimensionamento e estrutura, quanto de funcionalidade e flexibilidade. Além disso, nas circulações e transição de um ambiente para o outro, buscou-se a maior fluidez possível, permitindo mais liberdade e espontaneidade durante o percurso.

RESULTADOS

A residência desenvolvida na disciplina de Ergonomia teve como conceito a inclusão do morador obeso através de total acessibilidade em todos as dependências da construção, ao mesmo tempo em que almeja a discricção a fim de evitar a aparência de ambientes hospitalares, sem deixar de lado a consideração

pelo custo construtivo. O programa de necessidades foi desenvolvido para quatro moradores, sendo um casal e suas duas filhas. Este conta com garagem, hall de entrada, lavabo social, sala de televisão, estar e jantar integradas, cozinha, área de serviço, cozinha, quarto das filhas, banheiro, suíte do casal e ainda uma sala de fisioterapia e pilares, a fim de manter o adequado condicionamento físico do morador obeso.

Figura 5. Planta baixa humanizada (Fonte: elaboração dos autores, 2020).



A circulação de todos os ambientes da casa foi aumentada, sendo a menor distância linear entre dois limites de passagem 1,15 m, enquanto as portas contam com vão livre de 1,00 m. No layout, isto se reflete em boa distância entre os mobiliários, que tiveram sua estrutura reforçada, e foram individualmente pensados para pessoas com maiores dimensões, sem prejudicar o uso pelos demais, com exceção das cadeiras da sala de jantar, nas quais há a diferenciação entre as cadeiras comuns e as projetadas para uso pela pessoa obesa.

Figura 6. Cotas de dimensionamento das circulações (Fonte: elaboração dos autores, 2020)



A fim de evitar a aparência de um ambiente hospitalar, as barras de apoio usualmente confeccionadas em metal aparafusadas às paredes foram transformadas em parte integrante da arquitetura na circulação das áreas comuns (Figura 3). Na suíte do casal, as barras retornam ao metal, no entanto, sendo confeccionadas em forma retangular. Com o intuito de facilitar diferentes ações, foram adotadas diferentes alturas para este item.

Figura 7. Apoio para circulação nos ambientes comuns (Fonte: elaboração dos autores, 2020).



Figura 8. Barras de apoio na suíte do casal (Fonte: elaboração dos autores, 2020).

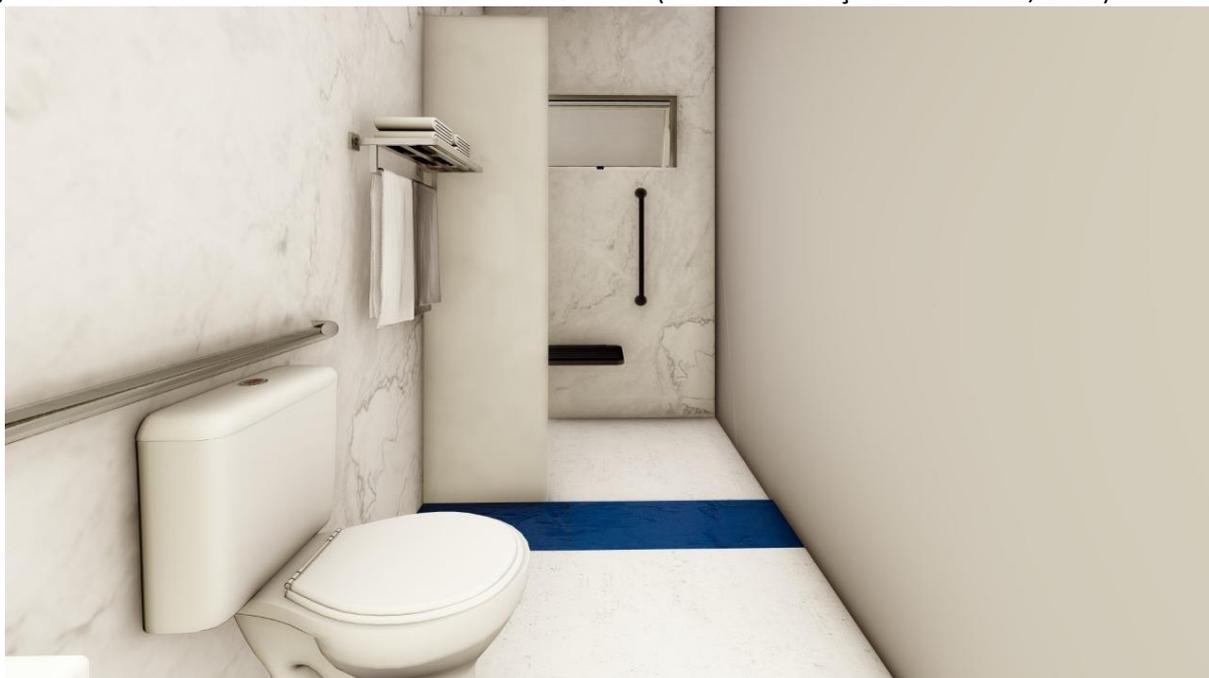


O banheiro do casal recebeu, além das barras de apoio, um assento para facilitar o momento do banho do morador obeso (Figura 5). Para facilitar a circulação e evitar acidentes, o usual box de vidro temperado foi substituído por uma folha fixa de mármore, contribuindo também para o visual contemporâneo do ambiente (Figura 6).

Figura 9. Assento para banho (em preto) e barras de apoio horizontal e vertical (Fonte: elaboração dos autores, 2019).



Figura 10. Folha de mármore substituindo o box de vidro (Fonte: elaboração dos autores, 2019).



A mobilidade reduzida da pessoa obesa levou a equipe de projeto a incluir uma sala de atendimento fisioterápico e de pilates, com o objetivo de reduzir os reflexos da condição deste morador à sua saúde. Neste ambiente estão incluídos os equipamentos necessários à estas práticas, como o *cadillac* de pilates e a piscina para exercícios aquáticos.

Figura 11. Sala de fisioterapia e pilates (Fonte: elaboração dos autores, 2020).



Com os levantamentos feitos em relação a qualidade de vida e a importância da ergonomia para garantir acessibilidade e conforto, fica evidente a necessidade de um profissional apto para a elaboração de ambientes inclusivos, neste artigo contemplados especificamente na condição de sobrepeso. O arquiteto deve ter delicadeza para criar um espaço além de ergonômico, humanizado e contemporâneo, deixando de lado a rigidez proposta em mobiliários genéricos garantindo além da segurança e autonomia, o design.

O projeto residencial apresentado buscou desmitificar a padronização de ambientes monótonos para que garantissem a acessibilidade. A edificação de médio padrão construtivo teve as soluções para tal condição física incorporadas de forma discreta garantindo o acesso do usuário característico em todos os ambientes desta casa.

DISCUSSÃO

No passado, quando se começou a pensar em uma arquitetura acessível para as pessoas com deficiência, era pensado apenas na cadeira de rodas, mas uma visão inclusiva é de um espaço em que todos possam se beneficiar. Se a gente pensa assim, todos os espaços considerados hoje mínimos passam a ser confortáveis. [...] ou seja, o espaço pensado inicialmente para a movimentação de uma cadeira de rodas passa a ser para todos (GUIMARÃES, 2012).

Segundo Orłowski (2016 apud CAMBIAGHI, 2007), os recursos básicos e necessários para conferir uma arquitetura inclusiva, se define a facilitação na utilização de ambientes ou produtos a serem projetados e contar com uma amostra representativa de pessoas para avaliação de critérios para a elaboração do projeto, a fim de assegurar a adequação de características antropométricas e funcionais ao produto.

Segundo a Norma Brasileira ABNT/NBR 9050 Todos os espaços, edificações, mobiliário e equipamentos urbanos que vierem a ser projetados, construídos, montados ou implantados, bem como as reformas e ampliações de edificações e equipamentos urbanos, devem atender ao disposto nesta Norma para serem considerados acessíveis, sendo que é facultativa a 3 aplicação desta norma em edificações unifamiliares, segundo Mazzoni (2014) a acessibilidade não deve ser caracterizada por um conjunto de normas e leis, e sim por um processo de observação e construção, feito por todos os membros da sociedade, desta forma cabe a nós analisar até que ponto temos consciência do dia de amanhã, e porque não torná-lo mais agradável a todos. (ORŁOWSKI, 2016)

O primeiro conceito de ergonomia cunhado pela sociedade francesa de ergonomia no ano de 1988, define-se como “a aplicação dos conhecimentos científicos relativos ao homem e necessários para conceber instrumentos, máquinas e dispositivos que possam ser utilizados pelo maior número de pessoas, com o máximo de conforto, segurança e eficácia” (LOPES, 2007).

O livro hábitos e tarefas na vida domésticas de Grandjean, aborda uma metodologia consistente ao ato de projetar habitações ergonômicas, partindo da análise das tarefas domésticas exercidas no local, conferidas pelo esforço muscular, consumo de energia, batimento cardíaco, tempo e movimento, aspectos que devem ser otimizados a partir da concepção e estudo entre os hábitos; as necessidades espaciais para o desenvolvimento do trabalho doméstico; aspectos do desenho do mobiliário; arranjos e dimensionamentos dos ambientes da habitação; temperatura; iluminação; ruídos; maneiras de evitar acidentes domésticos e espaços para pessoas portadoras de necessidades especiais (LOPES, 2007).

De acordo com Mendes (2019), projetar e pensar em uma residência inclusiva e acessível para pessoas obesas tem precedido os conceitos de: flexibilidade, simplicidade, facilidade, segurança, eficiência, conforto e estética. O projeto proposto neste trabalho busca sanar tais condutas se embasando pela estética, design e ergonomia, por meio de estudos multidisciplinares.

Portanto ao realizar um projeto inclusivo que relacione uma arquitetura acessível e inclusiva para as pessoas com sobrepeso é necessário considerar suas restrições e dificuldades como a mobilidade reduzida, dor nas articulações, temperatura corpórea e exclusão espacial, de forma a projetar espaços e mobiliários confortáveis que venham proporcionar bem estar e melhora em sua qualidade de vida; outro ponto relevante é a criação de espaços para reabilitação e exercícios, concedendo possibilidade de melhora na condição física e mental do usuário.

REFERÊNCIAS

Brasil, Ministério da Saúde. **Pesquisa de Orçamentos Familiares: Antropometria e estado nutricional de crianças, adolescentes e adultos no Brasil**, 2010.

CARLUCCI, E.M. et al. **Obesidade e sedentarismo: fatores de risco para doença cardiovascular**. 2014. 10f. Artigo Original (Mestrado em Promoção da Saúde) - UNICESUMAR, Maringá - PR, Brasil.

GUIMARÃES, Marcelo. **Arquitetura Inclusiva**, 2012. LIMA, Luanda. Portal BBC 07 dez 2012. Disponível em <<https://www.ebc.com.br/cidadania/2012/12/o-desafio-de-projetar-ambientes-acessiveis>> Acesso em 22 jul 2020.

LOPES, Maria Valéria A. **Ergonomia Aplicada à habitação: O caso do Usuário Enfermo**. 2006. 215 folhas, Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Univeridade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ORLOWSKI, Maria Ines. **ARQUITETURA ACESSIVEL: UMA REFLEXÃO SOBRE O DESIGN DE AMBIENTES RESIDENCIAIS**. 2016. 17 folhas. Especialização em Design de Ambientes da Faculdade Anglicana de Erechim, Rio Grande do Sul, 2016

MENDES, Gabrielle Veroneze. **Arquitetura Residencial Inclusiva**. 2019. Forum da Construção. Disponível em <<http://www.forumdaconstrucao.com.br/conteudo.php?a=32&Cod=2202>> Acesso em 22 jul 2020.

PENIDO, Alexandre. **Brasileiros atingem maior índice de obesidade nos últimos treze anos**. Agência de Saúde - Ministério da Saúde. 25 jul 2019. Disponível em <<https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/45612-brasileiros-atingem-maior-indice-de-obesidade-nos-ultimos-treze-anos>> Acesso em 22 jul 2020

SEID, E.M.E e ZANNOM, CMLC. **Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos**. Cad Saúde Pública. 2004. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2004000200027>

TAVARES; NUNES; SANTOS, 2010. 8f. **Obesidade e Qualidade de vida: revisão de literatura.** Artigo de Revisão (Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais - IPSEMG) - Belo Horizonte-MG, Brasil.

World Health Organization. **Body mass index classification - report of a WHO consultation on obesity.** Geneva: WHO; 1995. Technical Report Series 854. Disponível em: <http://www.who.int/bmi/index.jsp?introPage=intro_3.html> Acesso em 22 jul 2020

World Health Organization. **Obesity and overweight and what is the scale of the obesity problem in your country? Report of a WHO consultation on obesity.** Geneva: WHO; 2006. Disponível em: <<http://www.who.int/infobase/report.aspx?rid=118>> Acesso em 22 jul 2020.

World Health Organization. **Obesity and overweight and what is the scale of the obesity problem in your country? Report of a WHO consultation on obesity.** Geneva: WHO; 2006. Disponível em: <<http://www.who.int/infobase/report.aspx?rid=118>> Acesso em 22 jul 2020.

AS PRAÇAS DE CARAÍBA

Rogério Penna Quintanilha

Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP. E-mail: arq.rogerio@gmail.com

RESUMO

Este artigo procura apresentar e analisar a cidade nova de Caraíba – BA, projetada pelo arquiteto e professor Joaquim Guedes, sob o ponto de vista do projeto, execução e apropriação de seus espaços públicos. Tendo sido a base da estrutura urbana desde os primeiros croquis de projeto, o sistema de praças da cidade (6 praças locais articuladas a uma grande praça central) é uma excepcional porta de entrada para entender não apenas o projeto da cidade como também certos posicionamentos de Guedes sobre planejamento e projeto urbanos.

Palavras-chave: Caraíba; Cidades Novas; Joaquim Guedes; Urbanismo.

CARAÍBA'S SQUARES.

THE SQUARE SYSTEM IN THE JOAQUIM GUEDES'S CARAÍBA.

This article seeks to present and analyze the new city of Caraíba - BA, designed by architect Joaquim Guedes, from the point of view of the project, execution and appropriation of its public spaces. Having been the basis of the urban structure since the first design sketches, the city's squares system (6 local squares linked to a large central square) is an exceptional gateway to understand not only the city's design but also certain positions of Guedes on urban planning and design.

Keywords: Caraíba; New Towns; Joaquim Guedes; Urbanism.

INTRODUÇÃO

O projeto da cidade nova de Caraíba – BA (Figura 1) foi encomendado pela Caraíba Metais, empresa fundada pelo playboy Baby Pignatari para exploração de cobre no Vale do Curaçá, na Bahia, mas estatizada e transformada em subsidiária da Cia. Vale do Rio Doce em 1973. O sumário programa inicial entregue ao arquiteto paulista Joaquim Guedes incluía uma lista de 1.186 empregos diretos (esse número acaba variando durante o projeto até o número de 1.490 empregos diretos) necessários à exploração da mina distribuídos em 5 níveis, de engenheiros a auxiliares. A partir desses empregos, baseando-se em dados demográficos do Brasil e da região, Joaquim Guedes estima que, para abrigar esses trabalhadores, seria necessário um núcleo de 8.745 hab. ao final de 3 anos e mais de 10 mil hab. ao fim de dez anos. A composição dessa população citadina inclui funcionários da cia. mineradora, seus familiares, empregados de serviços (administração pública, escolas, hospitais, clubes) e comércio local e seus familiares. O refinado cálculo demográfico está registrado na tese de Livre Docência de Joaquim Guedes intitulada Um Projeto e seus Caminhos, apresentada à FAUUSP em 1982.

Além dos projetos executivos produzidos por Joaquim Guedes e uma grande equipe multidisciplinar formada para este projeto, o acervo da biblioteca da FAUUSP possui diversos croquis a partir dos quais é possível construir uma linha evolutiva do projeto e sua concepção. O objetivo dessa pesquisa é compreender o papel, desenho e evolução do sistema de praças como estrutura urbana em Caraíba - BA.

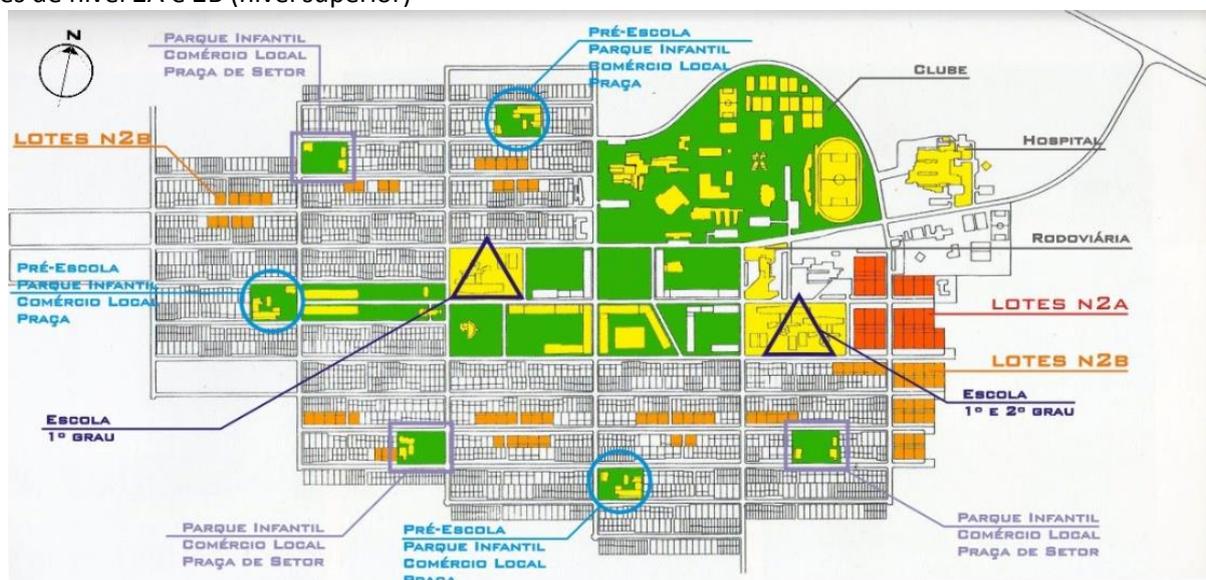
DISCUSSÃO

Desde os primeiros esboços de projeto é possível observar que Guedes parte de um sistema de praças, seis praças locais e uma central, como estrutura fundamental da cidade. A disposição das praças de

Caraíba precedem até mesmo o parcelamento geral da cidade. No croqui abaixo (Figura 2), vê-se as praças locais (em verde) já associadas a áreas comerciais (em vermelho) e uma área central mais densa, estruturas que permanecerão em um parcelamento que ainda sofrerá muitas mudanças. Durante a evolução do projeto, entretanto, essa característica permanecerá: as praças locais de Caraíba estão associadas a pequeno comércio vicinal e/ou pré-escolas e parques infantis. De alguma maneira, as praças locais idealmente estruturam vizinhanças e a vida cotidiana da cidade enquanto a praça central organiza um centro amplo com comércio geral, serviços, escolas de 1º e 2º grau e, como veremos, alta densidade populacional.

A planta baixa de Caraíba mostra que cada habitante pode alcançar uma praça local com 300 metros de caminhada, às vezes menos. Estando as praças associadas aos parques infantis e às pré-escolas, Guedes mantém o caminho da escola dentro do raio de alcance das crianças menores. Ao levar os filhos pequenos na escola, os pais podiam aproveitar para fazer pequenas compras no comércio central, descansar em um banco da praça e provavelmente encontrar-se com os vizinhos. No projeto de Caraíba, as praças locais cumprem o papel fundamental de formação de vizinhanças.

Figura 1. Planta de Caraíba indicando as praças locais, a praça central, equipamentos e distribuição dos lotes de nível 2A e 2B (nível superior)



Fonte: (QUINTANILHA, 2016).

Figura 2. Croqui inicial com hipótese para Caraíba. Nota-se a presença das praças locais associadas a pequeno comércio e a praça central densa



Fonte: (GUEDES, 1976?).

Curioso é notar que, ao contrário do que acontece com as cidades tradicionais e mesmo com muitas cidades planejadas, Caraíba possui uma mistura de classes sociais relativamente intensa. Isso acontece porque os lotes de diferentes níveis foram distribuídos pela cidade, se não uniformemente, com um grau de heterogeneidade maior do que se costuma observar em outros casos. Apesar de haver certa concentração de casas de nível superior na extremidade leste da cidade, todas as praças locais tem em sua proximidade residências de nível 2, para profissionais de nível superior, e 5, o nível mais baixo.

A grande praça central de Caraíba possui 100 m x 100 m e na realidade compõe um conjunto de praças cortadas pelos edifícios centrais de arquitetura modernista sobre pilotis de forma que há, ao menos em projeto, a ideia de edifícios “no parque”. O imenso conjunto, certamente desproporcional em relação ao tamanho da cidade (assunto que será abordado adiante), possui grande destaque no projeto como ponto de encontro, de comércio, e de alguma forma centralizando toda a vida cotidiana. Diante de tamanha força, é preciso salientar alguns aspectos que fazem desta praça tão interessante e especial.

Em primeiro lugar, deve-se notar que a área central de Caraíba concentra a maior densidade populacional do núcleo. Além disso, esses edifícios são reservados aos funcionários solteiros, normalmente de nível mais baixo, que em outras cidades de mineração não eram trazidos ao centro do núcleo mas, ao contrário, segregados, como acontece por exemplo na cidade de Serra do Navio. Isso acontece porque os solteiros, supostamente festeiros e barulhentos, são normalmente considerados uma perturbação ao cotidiano dos moradores. Corajosamente, Joaquim Guedes os trás para o centro.

Além disso, o traço modernista dos edifícios centrais, em contraste com a inspiração sertaneja das habitações térreas, é a imagem mais marcante de Caraíba e parte de seu imaginário, como retomaremos adiante. Finalmente, podemos discutir o superdimensionamento de uma praça de 10 mil m² para uma cidade de 10 mil habitantes, ou seja, 1m²/hab.

METODOLOGIA

Nesta pesquisa se utilizou principalmente o acesso às fontes primárias, sendo consulta aos projetos originais da cidade disponíveis no acervo de materiais iconográficos da biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e visita ao Núcleo do Pilar, Bahia, para pesquisas *in loco*.

RESULTADOS

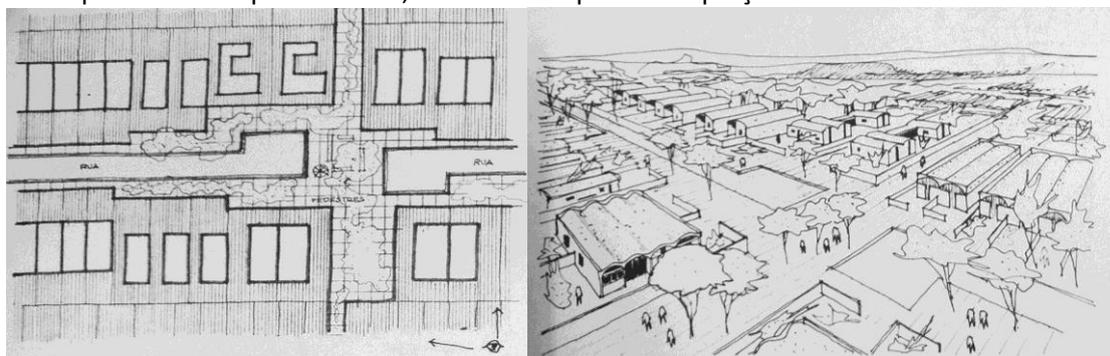
Cidades de companhia, ou *company towns*, normalmente se relacionam intimamente com a empresa que lhes motivou. Frequentemente, o edifício da fábrica ocupa o lugar central, simbólico como uma igreja nas cidades coloniais. É o caso de Pedra, atual Delmiro Gouveia, construída ao redor de uma indústria de linhas ainda durante o século XIX, e Volta Redonda, no Rio de Janeiro, que se desenvolveu ao redor da Companhia Siderúrgica Nacional. No entanto, no caso de uma cidade de mineração, não há um edifício que faça esse papel simbólico e Joaquim Guedes tampouco quis recorrer ao templo, que aqui ocupa um local discreto. Guedes organiza sua cidade ao redor do vazio, ou melhor, do espaço público a ser ocupado pela população da cidade.

Para entender as dimensões da praça, e do conjunto ao qual ela faz parte, é preciso entender o papel regional de Caraíba segundo o projeto de Guedes. Mais do que uma cidade para receber trabalhadores, a ideia é de que os investimentos no novo núcleo urbano pudessem ecoar em toda a região. De fato, hospitais, escolas, clubes, comércio e hotel de Caraíba, por exemplo, são melhores do que os de Jaguarari, sede do município. Guedes concebeu Caraíba como uma referência regional que, para tanto, deveria estar pronta a receber moradores das cidades vizinhas.

Além das praças locais e da praça central, outros espaços públicos aparecem (e às vezes desaparecem) do projeto de Caraíba. O mais interessante deles são pequenas praças nas quadras que surgem de um jogo de avanços e recuos gerados pela diferença de tamanho dos lotes conforme os níveis. Como lotes de níveis (e tamanhos) diferentes compartilham a mesma quadra e estão alinhados pelo fundo, as fachadas avançam e recuam criando essas pracinhas que originalmente, no entanto, eram mais ousadas.

Em algumas perspectivas é possível ver calçadas cruzando as vias em nível, impedindo a passagem dos carros e criando praças nos cruzamentos (Figura 3). A ideia, infelizmente, não foi adiante e parece ter sido desmontada em dois elementos incorporados ao projeto: de um lado, as vielas que cruzam as quadras pelo meio no sentido N-S e, de outro, as citadas pracinhas nos recuos das casas.

Figura 3. Croqui de Guedes para Caraíba, mostrando hipótese de praças conectando as vielas em nível



Fonte: (GUEDES, 1976?).

Embora tenha sido projetada, e sempre sido chamada por seus projetistas, de Caraíba, é outro o nome pelo qual a população conhece o núcleo projetado por Joaquim Guedes: “Núcleo do Pilar” ou simplesmente “Pilar”. O nome vem da fazenda Pilar, desapropriada para a construção do núcleo urbano e é, na realidade, um distrito da cidade de Jaguarari. Ao contrário do desejo de Guedes, após inaugurada Pilar permaneceu uma cidade fechada, isto é, sob o rígido controle da empresa mineradora que era proprietária de todos os imóveis e controlava o acesso. A situação permaneceu até a privatização da Caraíba Metais em 1994 quando o controle de acesso foi retirado e as casas foram vendidas aos funcionários em troca de dívidas trabalhistas. As praças, no entanto, nunca chegaram a ser plenamente executadas. A praça central, hoje praça Ariomar Rocha, por muitos anos permaneceu sem qualquer vegetação até ser reformada segundo projeto paisagístico diferente do original (Figura 4).

Figura 4. Praça central de Pilar, hoje Ariomar Rocha, ainda sem o paisagismo atual



Fonte: (Camargo, 2000).

Não há dúvidas, no entanto, de que a praça é o coração de Pilar. Sempre movimentada, concentra praticamente todo o comércio de porte da cidade, padarias, bares e restaurantes, lojas de móveis, colchões e igrejas. É também o cartão-postal do núcleo, reforçado pelo inconfundível desenho dos edifícios centrais únicos na região. A crescente descaracterização desses edifícios começa a gerar discussões sobre a necessidade de preservação do patrimônio arquitetônico de Pilar.

As praças locais jamais foram completamente construídas e, de fato, nunca se concretizaram como o espaço de encontro entre vizinhos imaginado por Guedes e se a falta de paisagismo e infraestrutura pode ser uma das explicações para isso também há um erro cálculo (Figura 5).

Figura 5. Praça local com pequeno comércio e pré-escola



Fonte:(QUINTANILHA, 2016)

Apesar do clima quente e seco, Caraíba é uma cidade plana e caminhar algumas centenas de metros até a praça Ariomar Rocha não é nenhum esforço, principalmente diante do surpreendente número de automóveis que vemos circular em uma cidade tão pequena. Essa proximidade dificultou o comércio na praças locais onde muitos espaços comerciais estão fechados, enquanto pressionou o comércio da praça Ariomar Rocha que ocupou mais espaços do que o originalmente previsto.

Se o uso projetado dos pilotis dos edifícios centrais era intermitente, ou seja, alternava lojas e espaços vazios por onde se podia atravessar de praça em praça por debaixo dos prédios, a pressão comercial sobre o centro da cidade aliada a falta de legislação e controle após a privatização da cidade provocou uma completa e contínua ocupação desses espaços, transformando os vazios em novas lojas. Os pilotis tornaram-se, na verdade, *loggias*, já que há uma passagem coberta que acompanha as fachadas comerciais mas não é mais possível atravessar os edifícios por baixo. Como consequência, as praças do lado oposto foram abandonadas. Para elas voltam-se estoques, saídas de lixo das lojas e outras construções e funções precárias. Parte dessas praças foi loteada pela EPC e hoje estão praticamente muradas e ocupadas por diferentes tipos de construções. Mesmo que sem paisagismo, há uma praça preservada ao menos como espaço público: é a Praça de Eventos. Ainda nos tempos de domínio da Caraíba Metais, essa praça era conhecida como Praça dos Pneus pois nela havia grandes pneus de veículos fora de estrada usados na mineração que serviam de brinquedo para as crianças e ponto de encontro para os jovens (Figura10). Os pneus foram retirados mas na praça acontece hoje o São João, a maior festa da cidade.

Figura 6. Praça dos Pneus e viela ocupada por kitnet



Fonte: (QUINTANILHA, 2016).

As pracinhas nas calçadas receberam não mais do que um mobiliário precário com bancos e talvez uma árvore. Sem sombreamento, não são convidativas durante o dia quando o sol é forte. Depois da

privatização da cia. mineradora e da cidade, muitas casas avançaram sobre esses recuos, criando, por exemplo, garagens cobertas em casas onde não havia espaço para carros. Nesse processo, muitas das pracinhas nas calçadas foram devoradas.

Da mesma forma, as vielas que cortam as quadras também carecem de problemas. Embora sejam mais sombreadas do que as ruas pela orientação, largura e vegetação, a falta de aberturas e contato com as casas desincentivam seu uso. Além disso, novamente, o descontrole da cidade pós-privatização permitiu que algumas delas fossem tomadas por construções particulares, chamadas de kitnetes, que não são mais do que habitações de um ou dois cômodos com banheiro, tornando-as ainda mais estreitas (Figura09).

Finalmente, um novo espaço público surgido nos últimos anos foi o espaço da feira-livre, em um caso que ilustra a relação de Guedes com o projeto de Caraíba e a realidade de Pilar. Originalmente, o arquiteto previa que a feira-livre acontecesse na praça central, respeitando observações que tinha feito em sua pesquisa prévia de que no interior da Bahia, ao contrário da prática do sudeste de feiras lineares, as feiras-livres são feitas retangulares, em praças. O uso, no entanto, não foi autorizado pela cia. mineradora o que gerou reclamação de Guedes (PROJETO, 1989). Hoje, a feira-acontece em uma área coberta para este propósito, como previa Guedes, retangular como uma praça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cidades novas como Caraíba sempre tem uma certa aura de experimento de laboratório, com um pé na reprodução de hábitos e o outro na transformação da sociedade e os espaços públicos de Caraíba são um bom exemplo dos ideais de Guedes para o bom funcionamento da cidade e da sociedade. Entre esses ideais estão claramente os espaços públicos como ponto de encontro e de fortalecimento de vínculos sociais, espaços democráticos de construção da pólis. Por outro lado, Guedes também é grande defensor da liberdade de apropriação da cidade por seus moradores, o que inclui sua transformação para além dos domínios rígidos do projeto inicial. Quarenta anos depois dos projetos, podemos avaliar que alguns espaços públicos de Caraíba funcionaram como ou melhor do que o previsto, outros nem tanto, tanto por falha de projeto como por falhas em sua execução. Caraíba segue, no entanto, sendo um extraordinário e ainda pouco discutido exemplo de planejamento e projeto urbano no Brasil, merecedor de pesquisas do tamanho de sua qualidade e importância.

REFERÊNCIAS

GUEDES, Joaquim. Croquis e Projetos Originais para a Cidade de Caraíba em posse da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP. São Paulo: [s.n.], [1976?]

GUEDES, Joaquim. Um projeto e seus caminhos. Tese de Livre Docência - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP, São Paulo, julho de 1981.

QUINTANILHA, Rogério Penna. As cidades que criamos: A arquitetura de cidades novas a partir da experiência da Caraíba de Joaquim Guedes. Tese de doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

CAMINHOS PARA SAÚDE MENTAL: RELAÇÃO DA ARQUITETURA COM BEM ESTAR.

Tailiz Neri Catarino, Korina Aparecida Teixeira Ferreira da Costa

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: tailiz.catarino@hotmail.com

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo elucidar a importância da inter-relação entre a dimensão do espaço humanizado e arquitetura na estância psicológica; contextualizando a temática desde sua origem histórica, até a análise de políticas públicas nacionais, com abrangência na saúde psíquica; de modo a viabilizar a aplicação dos conceitos e programas abordados através do estudo da psicologia ambiental e humanização arquitetônica, com intuito de construir redes de apoio e pertencimento, promovendo o bem-estar do indivíduo de modo positivista e integrativo, levando em consideração os fatores biopsicossociais e culturais, evidenciando o contexto onde cada ser está inserido. O trabalho fundamenta-se mediante a análise de antecedente projetual nacional, direcionado a implantação de uma Clínica Escola de Apoio Psicossocial, no Campus II da Unoeste, localizada em Presidente Prudente-SP, propondo um novo bloco do curso de psicologia existente na universidade, considerando seus programas de atendimentos pré-existent na clínica da psicologia, oferecendo espaços que permitam vir a ser ferramenta para construir lugares que melhorem a qualidade de vida dos habitantes.

Palavras-chave: Apoio psicossocial, psicologia ambiental, arquitetura humanizada, terapia ocupacional, conforto.

PATHWAYS TO MENTAL HEALTH: ARCHITECTURE'S RELATIONSHIP WITH WELL-BEING.

ABSTRACT

The present study aims to elucidate the importance of the interrelation between the dimension of the humanized space and architecture in the psychological environment; contextualizing the theme from its historical origin, to the analysis of national public policies, covering psychic health; in order to make possible the application of the concepts and programs approached through the study of environmental psychology and architectural humanization, in order to build support and belonging networks, promoting the individual's well-being in a positivist and integrative way, taking into account the biopsychosocial factors and cultural, showing the context where each being is inserted. The work is based on the analysis of national project antecedents, directed to the implantation of a Clinical School of Psychosocial Support, on Campus II of Unoeste, located in Presidente Prudente-SP, proposing a new block of the psychology course existing at the university, considering its pre-existing care programs in the psychology clinic, offering spaces that allow it to become a tool to build places that improve the quality of life of the inhabitants.

Keywords: Psychosocial support, environmental psychology, humanized architecture, occupational therapy, comfort.

INTRODUÇÃO

A saúde mental é uma temática de suma importância que necessita de maior disseminação no contexto nacional. Segundo dados da Organização mundial de saúde (2011) mais de 450 milhões de pessoas no mundo sofrem de algum tipo de doença mental. No país, o número chega a 25 milhões, e dentre estes, 5 milhões de nível moderado a grave; o Brasil é o país com o maior número de pessoas ansiosas no mundo e o quinto em casos de depressão. (OMS, 2018)

A forma de lidar com a loucura foi transformada por um longo processo evidenciado através do tempo e espaço; na antiguidade não existia ao certo um lugar pensado propriamente para pessoas em

sofrimento mental, apresentava-se variados espaços para os mesmos, que sofriam não somente com os problemas destinados a doença, mas também, com o preconceito e a segregação da sociedade.

Conceituando a origem dos espaços de loucura integrados a arquitetura, surgiram em padrões específicos, onde não eram pensados de maneira integrada a viabilizar a cura e o bem-estar do paciente, como cita Fontes (2003, p. 03):

No que se refere à arquitetura dos espaços destinados à assistência à saúde, verificamos que suas primeiras configurações decorreram das carências provocadas pelas primeiras experiências da vida em comunidade. A assistência aos necessitados se fundamentava nos conceitos de caridade e filantropia e era realizada em espaços vinculados às práticas religiosas, destinados ao abrigo, não só de doentes, mas também de toda a sorte de marginalizados, como ladrões, loucos e indigentes. A chamada loucura, tem, portanto, sua história inserida neste contexto, numa história de assistência aos necessitados.

A revolução francesa foi um dos principais momentos para a determinação de um local destinado para o tratamento de doenças mentais, não mais exclusivamente tido como instituição assistencial e de caridade, buscou-se cumprir um papel de controle social e político, evidenciado pela criação em 1656 do Hospital Geral, na França. “ O filósofo Michel Foucault [...] referiu-se ao Hospital Geral como “ O grande Enclausuramento”, destacava o fato de a instituição exercer a prática sistemática e generalizada de isolamento e segregação de significativos segmentos sociais. ” (Apud AMARANTE, 2008, p. 23).

Pinel, conhecido como o fundador da psiquiatria, em 1793, passou a dirigir uma das unidades do Hospital Geral, onde criou o termo de alienação mental, propunha um tratamento afim de reeducar os pacientes, com o isolamento como principal recurso. Sob os conceitos de Esquirol, as principais funções de um hospício seriam: “garantir a segurança pessoal do louco e de suas famílias (as demais são: liberá-los das influências externas; vencer suas resistências pessoais; submetê-los a um regime médico; e impor-lhes novos hábitos intelectuais e morais). ” (AMARANTE, 2008, p. 35).

Segundo Amarante (2008, p. 40), após a Segunda Guerra Mundial, com os olhares voltados para a dignidade humana, foi observado a precariedade dos lugares destinados ao tratamento mental, assim, originou-se as primeiras reformas psiquiátricas; contando com dois direcionamentos, o primeiro grupo abordava-se a Comunidade Terapêutica e a Psicoterapia institucional, já o segundo grupo se compunha pela Psiquiatria de Setor e a Psiquiatria Preventiva.

Franco Basaglia, foi um grande nome para a ruptura psiquiátrica; no início de sua carreira atuou em instituições com bases manicomiais, onde notou as falhas da prática e propôs um pensamento para se opor a tais conceitos segregativos, colocando a doença como plano de fundo, ao evidenciar o indivíduo e suas experiências. (AMARANTE, 2008, p. 66)

Os primeiros serviços substitutivos foram os centros de saúde mental (CSM), [...] centros que, atuando no território e reconstruindo as formas como as sociedades lidam com as pessoas com sofrimento mental, passariam a restabelecer o lugar social da loucura. [...] outras estratégias diziam respeito às possibilidades reais de inclusão sócia, seja através da criação de cooperativas de trabalho ou da construção de residências para que os ex-internos do hospital passassem a habitar a própria cidade, seja através da invenção de inúmeras formas de participação e produção social (grupos musicais e de teatro, produtora de vídeos, oficinas de trabalho, dentre muitas outras). (AMARANTE, 2008, p. 58).

Portanto, mediante a análise histórica mundial, abordando todo o contexto desde a forma de lidar com a loucura de forma segregativa e manicomial, surgem as evoluções de pensamento mediante as reformas psiquiátricas difundidas por diversos nomes com foco na saúde mental da sociedade, esta mudança de paradigma nos levam aos tempos atuais, onde o modelo psicossocial se destina como o principal método de tratamento integrativo.

Mediante as lutas para um sistema que aborde um melhor tratamento a pessoas em sofrimento mental, surge os modelos psicossociais, visando transpor o modo asilar, baseado na psiquiatria clássica, onde o foco se concentrava no diagnóstico da doença, com uso de medicação e a busca pela cura, construído por relações hierárquicas entre médico e paciente; já o modelo psicossocial foca-se na visão da

existência e sofrimento, não pensando em cura e sim na promoção de vida, evidenciada pela integração do indivíduo como cidadão participante da sociedade, considerando seu contexto e cultura, não sendo mais visto apenas como um paciente portador de uma doença.

Deste modo, os principais recursos de atendimentos atuais se conceituam através do modelo psicossocial; atuando como instrumentos públicos do Sistema Único de Saúde (SUS), a proporcionar saúde mental, sob parâmetros gratuitos e universais; como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e as Unidades de acolhimento (UA), que atuam em função das Redes de Atenção Psicossocial (RAPS).

Referente ao CAPS, seu objetivo é evidenciado a proporcionar o acesso da saúde mental gratuita, com a utilização de recursos que visem estabelecer a inter-relação do indivíduo com a comunidade, criando redes de apoio; evidenciado a seguir:

O CAPS opera nos territórios, compreendidos não apenas como espaços geográficos, mas territórios de pessoas, de instituições, dos cenários nos quais se desenvolve a vida cotidiana de usuários e familiares (Brasil, 2005) e constituem-se como um “lugar” na comunidade. Lugar de referência e de cuidado, promotor de vida, que tem a missão de garantir o exercício da cidadania e a inclusão social de usuários e de familiares. (MINISTÉRIO DA SAÚDE/BRASIL, 2013, p.07).

Segundo o Ministério da Saúde (2004), os CAPS estão organizados em seis modalidades de atendimento, designados pela portaria Nº 366/GM de 2002; são diferenciados pela estrutura física, profissionais e diversidade nas atividades terapêuticas (CAPS I, CAPS II e CAPS III); assim como quanto a especificidade da demanda e faixa etária, ou seja, crianças e adolescentes (CAPS i); usuários de álcool e outras drogas (CAPS ad) ou para transtornos mentais graves e moderados.

De acordo com Brasil (2012a, apud MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013, p. 08), as principais atividades fornecidas pelo CAPS, ocorrem por intermédio da Portaria SAS/MS n. 854/2012, na qual refere-se que cada caso, poderá compor com singularidade os Projetos Terapêuticos Singulares (PTS), utilizando diversas estratégias, com ações tanto individuais, quanto em grupos, assim como destinadas as famílias e as comunidades. As principais atividades são o acolhimento inicial; atenção às situações de crise; práticas corporais; práticas expressivas e comunicativas; ações de reabilitação psicossocial e ações de redução de danos.

Considerando as práticas a serem desenvolvidas, os espaços do CAPS assumem alta importância: com o objetivo de projetar serviços públicos de saúde, atuando como referência nos territórios e comunidades, de modo a possibilitar livre acesso e trocas sociais. Em síntese, espaços que venham servir de ferramenta a cuidar e apoiar pessoas com experiências de sofrimento mental e, ao mesmo tempo, espaço social no sentido de promover os projetos de vida e de exercício de direitos como cidadão. Portanto o projeto de um edifício para atender um Centro de Atenção Psicossocial deve contar, no mínimo, com os seguintes ambientes:

Tabela 1. Programa de necessidades CAPS (Fonte: Adaptado de Ministério da Saúde, 2013).

Programa de necessidades mínimas CAPS

- | |
|--|
| 1. Recepção compreendida como espaço de acolhimento |
| 2. Salas de atendimento individualizado |
| 3. Salas de atividades coletivas |
| 4. Espaço de convivência |
| 5. Banheiros adaptados para pessoas com deficiência |
| 6. Sala de aplicação de medicamentos |
| 7. Posto de enfermagem |
| 8. Quarto coletivo com acomodações individuais e banheiros (suites) |
| 9. Quarto de plantão (Sala de repouso profissional) |
| 10. Sala administrativa |
| 11. Sala de reunião |
| 12. Almojarifado |
| 13. Sala para arquivo |
| 14. Banheiro com vestiário para funcionários |
| 15. Copa (cozinha) |
| 16. Refeitório |
| 17. Depósito de material de limpeza (DML) |
| 18. Rouparia |
| 19. Abrigo de recipientes de resíduos e Abrigo externo de resíduos sólidos |
| 20. Área externa para embarque e desembarque de ambulâncias |
| 21. Área externa de convivência |

Há também as Unidades de Acolhimento (UA), que atuam como lares temporários com duração de até 06 meses, para indivíduos que tiveram seus laços familiares rompidos e precisam de acompanhamento terapêutico e protetivo de caráter transitório; as unidades são diferenciadas por faixa etária, a Unidade de Acolhimento Adulto (UAA) destina-se para pessoas que fazem o uso de álcool e outras drogas, acima de 18 anos; já a Unidade de Acolhimento Infanto-Juvenil (UAI) para crianças e adolescentes entre dez e dezoito anos incompletos, de ambos os sexos.

MÉTODOS

O desenvolvimento do estudo define-se através da abordagem de modo qualitativo a partir de uma pesquisa descritiva de levantamento histórico e analítico referente a temática da saúde mental, utilizando como instrumento para embasamento teórico revisões de literatura e pesquisa bibliográfica, fundamentados em livros, revistas físicas e eletrônicas e artigos científicos. Em conjunção com análise de antecedente projetual que virá a dar respaldo para o desenvolvimento das diretrizes projetuais para a concepção da clínica escola de apoio psicossocial na universidade.

RESULTADOS

O apoio psicossocial possui grande relevância, a fim de propor um espaço que qualifique ajuda a pessoas que passam por situações de sofrimento psíquico, inserir esta proposta em uma universidade se faz ainda mais congruente, tendo em vista o panorama de estresse e grande carga emocional que universitários tendem a sentir, nesta mudança de ciclos da vida.

Quase metade dos universitários apresentaram algum sofrimento emocional vivenciado no último ano letivo. Onde os maiores índices de transtornos nos alunos são os de depressão e ansiedade, relacionado a diversos fatores, como a excessiva carga de trabalhos acadêmicos; dificuldades financeiras; mudança de cidade e dificuldades interpessoais, contribuem para a fragilidade mental. (FONAPRACE (2011, apud COSTA ET AL MOREIRA, 2016, p. 73).

Segundo estudo nacional da ANDIFES (2014) sobre os tipos de dificuldades emocionais que podem ter interferido na vida acadêmica de universitários nos últimos 12 meses na região sudeste conforme a (tabela 2); a ansiedade foi a mais assinalada com 64,4%. Em seguida, outras quatro dificuldades se

destacaram, como desânimo/falta de vontade de fazer as coisas (44,19%), insônia ou alterações significativas de sono (33,84%), a sensação de desamparo/desespero/desesperança (24,99%) e sentimento de solidão (22,01%). Em torno de 20% dos estudantes também marcaram “tristeza persistente” e “sensação de desatenção/desorientação/confusão mental”.

Tabela 2. Tipos de dificuldades emocionais na vida acadêmica

Tipos de dificuldades emocionais (Sudeste)	Freq. %
Ansiedade	64,4%
Tristeza persistente	20,18%
Timidez excessiva	15,21%
Medo/ pânico	11,02%
Insônia ou alteração significativas de sono	33,84%
Sensação de desamparo/desespero/desesperança	24,99%
Sensação de desatenção/desorientação/confusão mental	21,02%
Problemas alimentares	12,41%
Desânimo/falta de vontade de fazer as coisas	47,19%
Sentimento de solidão	22,01%
Ideia de morte	6,61%
Pensamento suicida	4,35%
Total = 100%	Freq. 287.087

(*) O estudante poderia assinalar mais de uma dificuldade.
Por isto, a assoma das frequências não é igual ao total de pesquisados.

Fonte: Adaptado de CEPES/IEUFU. IV Pesquisa do Perfil do Graduando das IFES, 2014)

Deste modo, são necessárias medidas para contrariar tais resultados e buscar minimizar tais problemas, Perez; Brun; Rodrigues (2019), evidenciam a necessidade de propor espaços de acolhimento aos estudantes, de modo a criar o semblante de pertencimento ao coletivo, a fim de ressignificar a solidão e o sofrimento vividos no campo acadêmico, oferecendo atividades permanentes ao contexto social inserido.

Para a criação de espaços coletivos que sirvam de acolhimento e cuidado, é necessário abandonar conceitos antigos e buscar focar no indivíduo como membro participativo da sociedade, ao invés do foco em suas doenças, obtendo lugares terapêuticos que efetivem a escuta e o compartilhamento de suas experiências vivenciadas, com teor subjetivo e caráter social para a diversidade e inclusão. (AMARANTE, 2008)

Em função às atividades que proporcionam melhora na saúde mental, se apresentam as terapias ocupacionais, efetivadas pelas oficinas terapêuticas, conceituada por FARIAS (2016, apud COSTA, VC.; et al, 2017, p. 302), a oficina terapêutica apresenta-se como grande mediadora das relações humanas de interação, onde o indivíduo se reconhece sob sua complexidade. Compreende-se como um dispositivo para fomentar trocas, assim, permitindo o aumento da capacidade de expressão individual e fortalecimento de rede de apoio grupal, ao enxergar o diferente como semelhante.

Para formular um projeto de um espaço que permita servir de ferramenta para o apoio psicológico e social; e assim propiciar o aumento da saúde mental de seus ocupantes, se faz necessário a pesquisa de conceitos que posteriormente serão aplicados ao pensar arquitetônico, de modo a viabilizar as práticas na espacialidade do edifício.

Inicialmente um tópico relevante a ser abordado é o da psicologia ambiental, Harrouk (2020) cita como “a disciplina que estuda o comportamento humano em suas interrelações com os espaços onde a vida humana transcorre. Condições de iluminação, de escala e proporção assim como os materiais e suas texturas são características espaciais que emitem informações para nossos sentidos.”

Migette Kaup (psicóloga ambiental e designer de interiores), sinaliza os fatores mais elementares aos quais precisamos estar sempre conscientes ao projetar um ambiente como: segurança dos usuários, a

sociabilidade, a facilidade de orientação e outros estímulos sensoriais; por exemplo, projetos que incorporam noções de equilíbrio, proporção, simetria e ritmo são capazes de provocar uma sensação de tranquilidade e harmonia. (HARROUK, 2020)

A atual ótica sob a perspectiva da evolução da saúde mental, se permeia sob os princípios da humanização do tratamento, assim como, do espaço hospitalar, reconhecendo o paciente como cidadão (indivíduo social participativo), evidenciado no trecho a seguir:

O conceito de humanização, presente atualmente em várias áreas do conhecimento, tem sido largamente divulgado e aplicado nos projetos recentes em arquitetura da saúde, e representa um desdobramento de um novo enfoque em saúde, centrado no usuário, que passa a ser entendido de forma holística, e não mais como um conjunto de sintomas e patologias a serem estudadas pelas especialidades médicas. (FONTES, 2003, p. 02)

A humanização aproxima os valores humanos a forma de pensar no edifício, através de ferramentas projetuais que permitem provocar estímulos sensoriais favoráveis aos seres humanos; a Integração do interior ao exterior se torna peça fundamental para a efetivação do conceito no espaço, pois a natureza e presença de áreas verdes dentro do ambiente, ou o contato com o espaço indireto, além de trazer benefícios físicos como melhora no conforto térmico, permite também ao usuário uma grande e variada fonte de estímulos, como por exemplo, sons, aromas, texturas, ventilação, iluminação natural, além de cores e formas diversas. (VASCONCELOS, 2004)

Conforme Lima (2004, p. 50), deve-se possibilitar no projeto de arquitetura hospitalar a junção entre humanização e funcionalidade. As imagens da relação com a natureza e da integração entre a arquitetura e obras de artes, são evocadas como possibilidade de humanização dos hospitais, a beleza é vista pelo arquiteto João Filgueiras Lima (Lelé) como a chave para a humanização:

Ninguém se cura somente da dor física, tem de curar a dor espiritual também. Acho que os centros de saúde que temos feito provam ser possível existir um hospital mais humano, sem abrir mão da funcionalidade. Passamos a pensar a funcionalidade como uma palavra mais abrangente: é funcional criar ambientes em que o paciente esteja à vontade, que possibilitem sua cura psíquica. Porque a beleza pode não alimentar a barriga, mas alimenta o espírito. (Apud Lukiantchuki e Souza, 2010, s/p).

O conceito de humanização é um dos tópicos abordados pelo conforto ambiental, relacionado com o utilizado na ABNT (2009, apud SAMPAIO et al CHAGAS, 2010, p. 157), norma de desempenho para edifícios habitacionais de até cinco pavimentos, que diz que a exigência dos usuários quanto à habitabilidade pode ser expressa pelos fatores: estanqueidade; conforto térmico; conforto acústico; conforto lumínico; saúde; higiene e qualidade do ar; funcionalidade e acessibilidade; conforto tátil e antropodinâmico.

De acordo com Sampaio et al Chagas (2010), existe uma tabela dividida em categorias segundo os aspectos considerados relevantes para projetos da área de saúde, foi desenvolvida baseada na ferramenta de avaliação Aedet (2009), utilizada no Reino Unido para avaliar a qualidade de projetos da área da saúde. Possui cinco categorias principais: aspectos ambientais (sustentabilidade); de conforto e qualidade; funcionais; construtivos e estéticos; conforme caracterizados nos quadros 1 e 2.

Quadro 1. Humanização (adaptado de AEDET apud SAMPAIO et al CHAGAS, 2010)

Humanização	
Cores	São utilizadas cores variadas nas paredes, tetos e pisos para tornar os ambientes humanos, aconchegantes e tranquilos
	São propostos painéis, quadros coloridos e obras de arte
	É utilizada iluminação colorida
Dignidade	A disposição dos leitos com relação às áreas comuns permite a privacidade do paciente
	Os sanitários estão localizados próximo aos leitos
	Há privacidade visual e acústica para o paciente
Aberturas	Há abertura para o exterior (noção do tempo meteorológico)
	Os ambientes têm janelas que permitam aos usuários a visualização de cenas e paisagens exteriores
	Há fácil acesso a áreas externas ajardinadas, sombreadas e com bancos para o paciente

Quadro 2. Conforto Acústico.

Conforto Acústico	
Ruídos internos	Há um zoneamento espacial com a setorização dos ambientes de atividades ruidosas e ambientes que necessitam de silêncio
	Nos ambientes que abrigam equipamentos ruidosos há um tratamento acústico – piso flutuante, isolamento acústico- e setorização adequada
	Há especificação de materiais com absorção sonora nos ambientes de permanência prolongada
Ruídos externos	Os fechamentos possibilitam o isolamento de ruídos de fontes externas como carros, aviões e outros
	Há vegetação externa localizada estrategicamente para a atenuação de ruídos pelas suas características não reverberantes

Fonte: Adaptado de AEDET apud SAMPAIO et al CHAGAS, 2010

Como foi descrito no (quadro 2), existem diversas maneiras de minimizar os ruídos internos e externos indesejados, com a utilização de isolamentos, escolha de materiais e vegetação, porém, pode-se criar aspectos positivos acústicos no projeto, com a presença de sons naturais, caracterizado abaixo:

Sons naturais, principalmente causados pela água, além de ter efeito calmante e relaxante, ajudam a diminuir a intensidade de outros sons indesejáveis. O uso de fontes de água e de jardins internos tem aumentado consideravelmente nos projetos hospitalares por causa dos efeitos visuais e sonoros que causam. Esse lado positivo do som, proveniente de diversas fontes, causa a redução da dor e a distração para situações de desconforto. O som positivo evoca uma resposta emocional, altera o humor e aguça os outros sentidos. (Vasconcelos, 2004, p. 56).

Vem de encontro a complementar os conceitos de humanização para a realização de um bom projeto, o conforto visual, composto principalmente pela qualidade e quantidade de luz natural e artificial a ser distribuída uniformemente evitando desfoques ou excessiva exposição solar, para que a realização de tarefas visuais aconteça de maneira satisfatória, evitando causar desconforto ou cansaço visual; segundo CORBELLA & YANNAS (2003, apud SAMPAIO et al CHAGAS, 2010, p. 159).

O conforto térmico, Stouhi (2019) o cita como a criação de sistemas construtivos adaptados ao ambiente local e às funções do espaço. Sendo essencial considerar o seguinte ao projetar: Isolamento, que permite reduzir o ganho de calor, da proporção de áreas envidraçadas e quantidade de elementos de sombreamento; Inércia Térmica, componentes que reagem com o ambiente externo; e Ventilação de Ar, sendo crucial para um ambiente confortável, correntes de ar estáveis proporcionam um fluxo de ar positivo.

Outro fator de grande importância na concepção arquitetônica, citado por Vasconcelos (2004), são as cores e suas percepções, responsáveis pela criação de estímulos sensoriais em nossa relação psíquico-espacial, pode ser aplicada ao ambiente com a intenção de destaque arquitetônico, tornar o ambiente mais aconchegante, ou simplesmente afim de criar uma atmosfera de alegria.

Mas as cores existem sem a presença da luz, “a cor não tem existência material: é apenas sensação produzida por certas organizações nervosas sob a ação da luz – mais precisamente, é a ação provocada pela ação da luz sobre o órgão da visão”. A cor está intimamente ligada a estímulos psicológicos e pode ser trabalhada em conjunto aos volumes, aberturas e recuos. (PEDROSA, p.20, 2009 apud PEREIRA, 2018, s/p)

De acordo com Pereira (2018), uma das cores utilizadas com maior frequência em espaços ligados a saúde e tratamentos, é o verde, evocando uma sensação de tranquilidade e serenidade e violeta transmitindo bem-estar, calma e suavidade; o laranja propõe entusiasmo, criatividade e intensidade, utilizado frequentemente em estúdios e escolas, posteriormente pode ser usado nas oficinas criativas da proposta.

Walsh (2017), aponta que atualmente existe uma abordagem baseada em dados para verificar o desempenho da construção focado exclusivamente na saúde e no bem-estar humano, caracterizado como

WELL Building Certification. O WELL reconhece a relação entre edifícios e usuários; esses testes de desempenho abordam vários parâmetros relacionados à saúde humana no ambiente construído - qualidade do ar, qualidade da água, iluminação, acústica, aptidão física, conforto e mente. Um espaço com este certificado, pode melhorar a saúde mental e o desempenho dos seus ocupantes.

Portanto, se faz extremamente necessária a conjunção entre os conceitos arquitetônicos analisados, da psicologia ambiental; humanização do espaço; conforto acústico, visual e térmico; e a psicologia das cores, servindo como diretriz ao pensamento arquitetural do projeto, como ferramenta de apoio psicossocial, de maneira a unir os aspectos físicos aos simbólicos na criação de ambientes que auxiliem tanto no conforto físico, quanto no conforto mental do usuário do espaço.

DISCUSSÃO

A Clínica Escola de psicologia e fisioterapia da FVS (Faculdade Vale do Salgado) está localizada em Icó no sertão do Ceará, Brasil. O edifício possui 3.948 m², projetado no ano de 2016, em um sítio arquitetônico do século XVIII, está inserido no limite do perímetro de tombamento municipal; o edifício se efetivou mediante a diretrizes exigidas pelo IPHAN, como utilizar gabarito de 7m, assegurar a edificação sem recuo frontal, buscar pela materialidade e paleta de cores local, de forma a imprimir uma leitura contemporânea na cidade tombada pelo IPHAN, respeitando seu entorno. (LINS ARQUITETOS ASSOCIADOS, 2019).

Figura 2. Localização e fachada setor terapêutico da Clínica Escola FVS

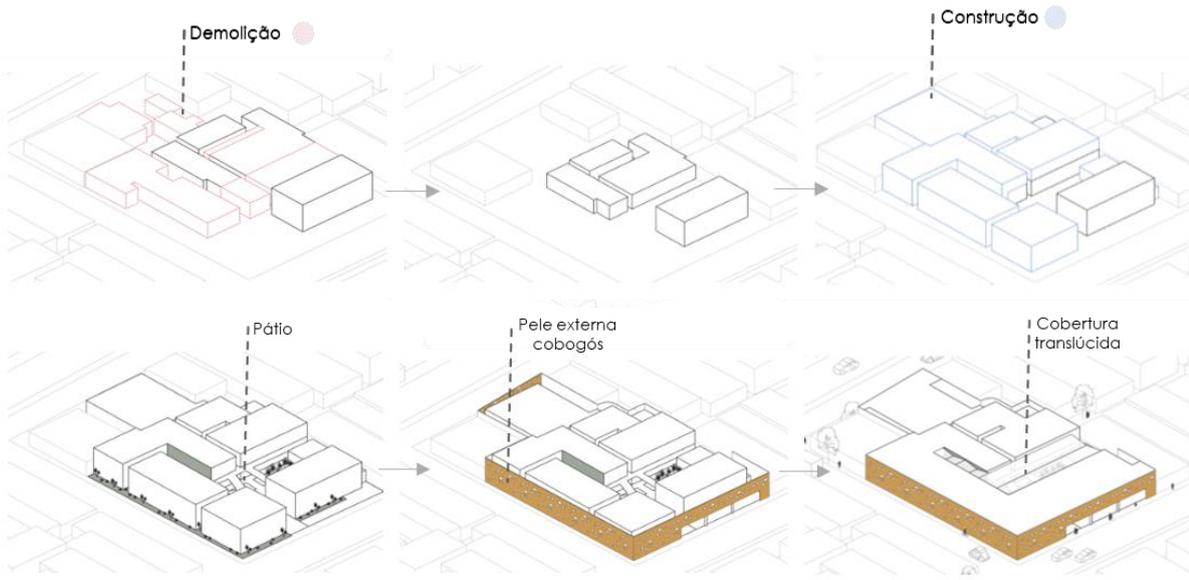


Fonte: Adaptado de Archdaily, 2018 / IBGE

O edifício foi projetado pelo escritório Lins Arquitetos Associados. A equipe atua no sertão nordestino, prezando pelo respeito ao local de intervenção, com relação ao clima, aspectos culturais e utilizando materiais e mão-de-obra regionais; a fim de trazer inovação, sem abrir mão de técnicas construtivas já consolidadas. (LINS ARQUITETOS ASSOCIADOS, 2019).

Segundo os arquitetos, no lote do projeto havia como pré-existência uma maternidade e uma delegacia de polícia desativadas, assim como, três residências. A delegacia e o conjunto de casas foram removidos, a maternidade foi parcialmente preservada, alterando-se apenas sua cobertura para translúcida, proporcionando a criação de um pátio aberto interno, que propicia iluminação e ventilação zenital.

Figura 3.: Diagramas de projeto da Clínica Escola FVS .



Fonte: Adaptado de Archdaily, 2018

A função organizacional, ocupada pelo lote com três frentes, obtém três acessos diferentes, o acesso de estudantes, funcionários e serviços é feito pela rua oposta ao acesso público, conferindo assim maior privacidade e divisão de fluxos. O programa de necessidades se subdivide em pavimento térreo e superior, nos principais acessos efetivado pelo pavimento térreo se concentra o setor pedagógico , contando com salas de aula e biblioteca; setor administrativo, contando com coordenação, direção e sala de professores, voltada para alunos e funcionários; o acesso da fachada norte se direciona ao setor terapêutico, configurado por uma clínica de fisioterapia com piscina de reabilitação e sala de atividades, e uma clínica de psicologia para universitários, funcionários e a comunidade local, contando com salas de atendimento psicoterapêutico de forma individual, em grupo, infantil e para casais; evidenciados na figura 4.

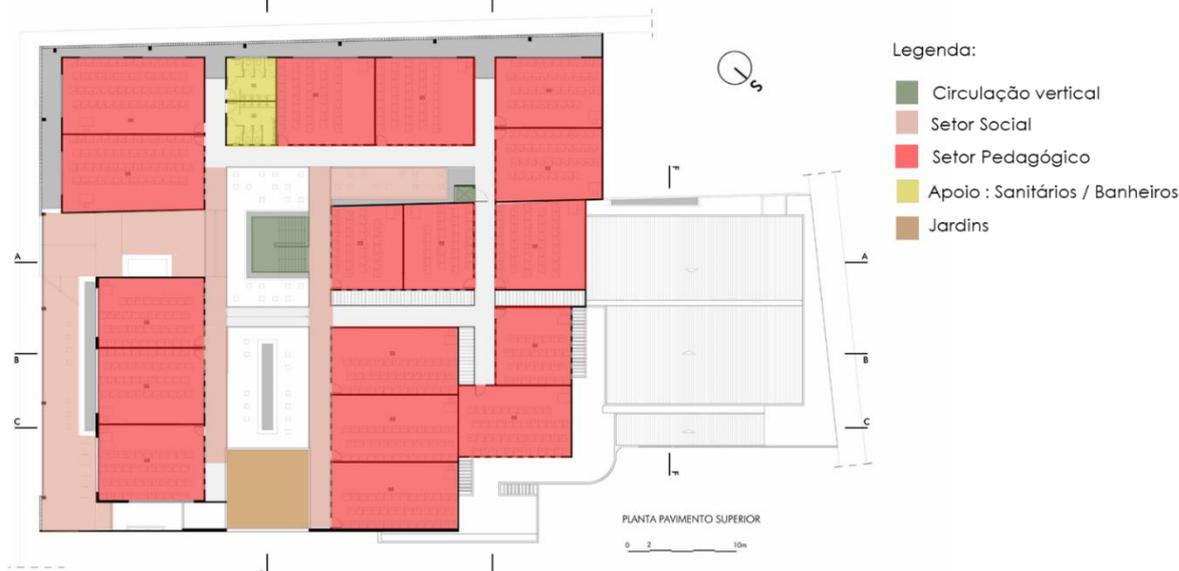
Figura 4. Setorização em Planta pavimento térreo Clínica Escola FVS



Fonte: Archdaily, 2018.

O pavimento superior obtém acesso através de circulação vertical dispostas nos pátios abertos do setor social, realizadas por escada centralizada e elevador lateral. Neste piso se concentram funções do setor pedagógico, conferindo salas de aula acadêmicas e auditório dos cursos de psicologia e fisioterapia, a presença de jardins verticais e cobertura translúcida de modo a proporcionar iluminação zenital ao pátio central, (figura 5).

Figura 5. Setorização em Planta pavimento superior Clínica Escola FVS



Fonte: Archdaily, 2018

De acordo com Lins Arquitetos Associados (2018), o acesso de estudantes e funcionários ao setor pedagógico, se configura por três grandes portas de 9 metros de comprimento, pensadas de forma a proporcionar a integração entre o espaço público e o espaço interno, criando uma praça interna de convivência. Às fachadas apresentam ritmo e movimento, com esquadrias compostas por aberturas de diferentes dimensões; segundo os arquitetos: “o respeito aos materiais e à cultura do local alinhados a um desenho com traços marcantes gerou uma forte identidade ao prédio, além de se adequar ao clima da região”. Conforme a figura 6.

Figura 6. fachada Clínica Escola FVS



Fonte. Adaptado de Archdaily, 2018

Segundo os arquitetos, a solução projetual usada pelos arquitetos para respeitar a diretriz do IPHAN em alinhar o edifício ao terreno, foi resolvida criando uma pele externa de cobogós em todo o seu perímetro; entre os cobogós e as paredes da sala de aula criou-se um jardim, propiciando maior qualidade térmica e acústica ao edifício; a estrutura se estabelece por alvenaria, a cobertura translúcida com caída em duas águas, confere destaque ao pátio principal, configurado como área social de convivência para o setor acadêmico, conferindo ao edifício, inserido no sertão com grande incidência solar, maior sustentabilidade e conforto térmico. Conforme a figura a seguir:

Figura 7. Perspectiva sustentabilidade da Clínica Escola FVS



Fonte: Adaptado de Archdaily, 2018

O ponto norteador da proposta se conforma através do pátio interno com jardins centrais e verticais, obtendo função de integração e convivência, situado na área acadêmica do edifício, no qual confere visibilidade tanto do pavimento superior onde estão dispostas as salas de aula, quanto do pavimento térreo onde o mesmo está inserido; a área conta com a presença de mobiliários fixos em concreto aparente e piso de tijolo cerâmico, com uma cobertura translúcida central, proporcionando iluminação zenital ao projeto, conforme a figura 8. (LINS ARQUITETOS ASSOCIADOS, 2019)

Figura 8. Pátio de convivência setor acadêmico da Clínica Escola FVS



Fonte: Adaptado de Archdaily

Portanto os pontos positivos observados no projeto em análise, se estabelecem de forma a proporcionar uma arquitetura humanizada e de qualidade para abrigar a Clínica Escola de fisioterapia e psicologia, pensada previamente para valorização do clima da região com grande foco solar e utilizando cores e materiais que remetessem ao contexto local. O eixo do projeto foi se apropriar de uma forma

inteligente da pré-existência e terreno com três frentes, criando um programa de necessidades que setoriza adequadamente os limites entre a área terapêutica, área acadêmica e administrativa.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019), o município de Presidente Prudente está localizado à sudoeste do estado de São Paulo (figura 9), contando com área territorial de 560,637 km², e população estimada em cerca 228.743 pessoas, sendo o 36º mais populoso do estado de São Paulo e o 1º com maior nível populacional no ranking da microrregião. A cidade foi emancipada de Conceição de Monte Alegre (atual Paraguaçu Paulista) em 1910; atualmente é formada pelos distritos de Ameliópolis, Eneida, Floresta do Sul, Montalvão e a Sede, subdivididos em cerca de 220 bairros. (Prefeitura de Presidente Prudente, 2014)

Figura 9. Mapa de situação do município de Presidente Prudente



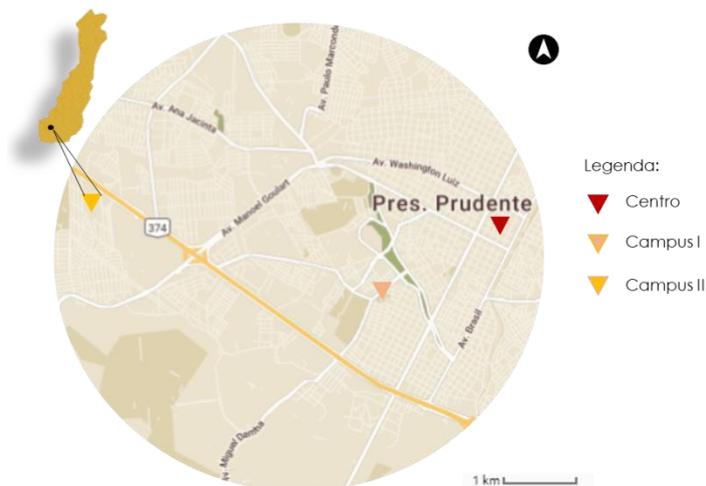
Fonte: Adaptado de IBGE, 2020

Considerado atualmente um polo atrativo para o Oeste Paulista, Presidente Prudente se caracteriza como um município concentrador de funções, atraindo diariamente centenas de moradores de toda a região, oferece variados níveis de equipamentos urbanos, como áreas de comércio, serviços, lazer, saúde e educação; possui quatro instituições de ensino superior: Universidade Estadual Paulista (UNESP); Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE); Instituto de Ensino Superior de Presidente Prudente (IESPP) e Associação Educacional Toledo, concentrando em média vinte mil universitários.

Deste modo, o projeto da Escola Clínica de Apoio Psicossocial, se estabelecerá com a função contrária a de substituir ou suprir as necessidades presentes na área da saúde mental do município, mas sim, de agregar e somar positivamente com os equipamentos e programas já existentes, vinculando parcerias público privadas com a prefeitura da cidade, para o devido encaminhamento da comunidade necessitada, diretamente dos locais que fornecem saúde pública, serviço social, escolas, entre outros.

A proposta da Clínica Escola de apoio Psicossocial, irá se inserir no Campus II da Universidade, localizado a leste da cidade de Presidente Prudente, no bairro Jardim Vale do Sol, apresenta o acesso a entrada principal a partir das vias de acesso da Rodovia Raposo Tavares, Rua José Palácio e Av. Eme Albem Pioch. (Entrada portão pedestres), a entrada a partir do portão 2, ocorre a partir da Rua José Luiz da Silva.

Figura 10. Situação Campus Unoeste em relação ao centro



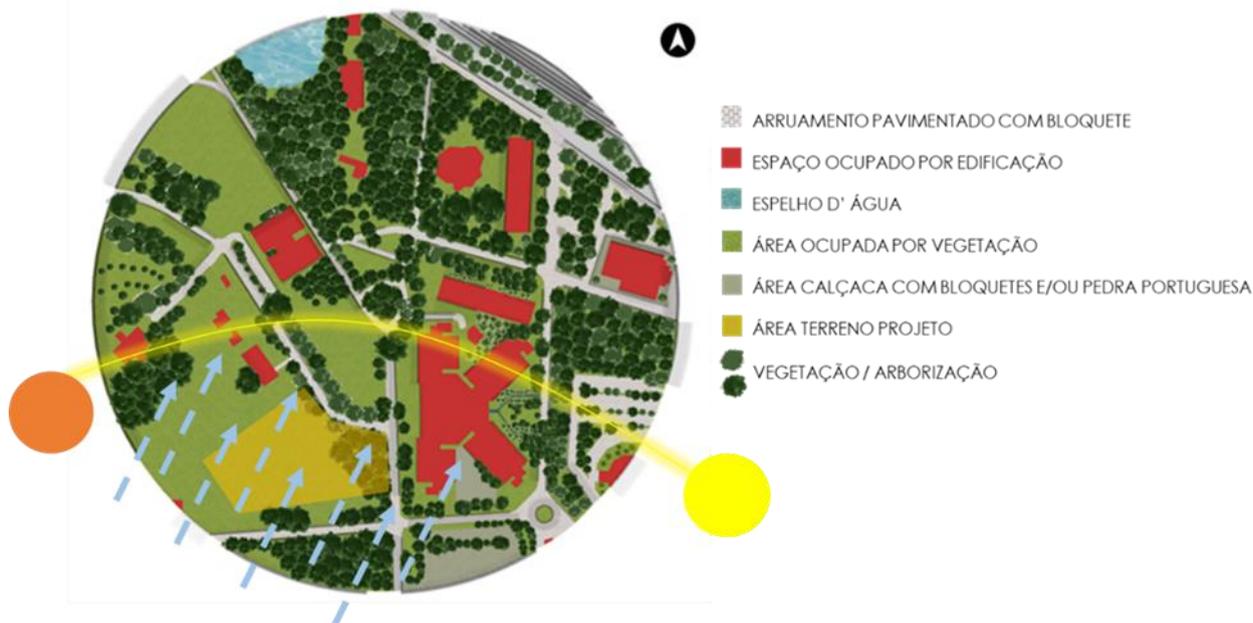
Fonte. Elaborado pela Autora, 2020

O campus II possui grande infraestrutura, se constituindo como um grande complexo arborizado, contando com três entradas por distintos acessos; espaços de salas de aula, laboratórios, biblioteca, salões sociais, áreas de convivência, esporte e lazer. No entorno do terreno de inserção da proposta, se apresenta um dos edifícios com maior fluxo de estudantes (Bloco B3), assim como o centro tecnológico de alimentos, Bloco Q e Bloco B2.

Figura 42: Mapa do Campus II - Unoeste (Fonte: adaptado de Unoeste, 2019).

Mediante a análises, a proposta deveria ser implantada em um local de fácil acesso, que permitisse a integração de profissionais interdisciplinares com a sociedade necessitada, portanto a escolha do Campus II da Unoeste na cidade de Presidente Prudente, se enquadra com eficiência em tais quesitos, permitindo a conexão entre o público e o privado, o curso de psicologia da universidade já conta com programas de atendimento psicológico gratuito a população, assim a escolha do terreno segue a premissa de se estabelecer próximo ao bloco B3, onde se insere o centro universitário de psicologia; criando a conjunção direta entre o projeto, os profissionais (professores e estagiários) e a comunidade.

A insolação presente no empreendimento se constitui pela grande incidência solar da região do oeste paulista, se concentrando como fachada de menor incidência a lateral leste (destinada ao nascer solar) e inferior sul; como foco de maior incidência a fachada lateral oeste e a principal setorizada ao norte. Com relação a ventilação, o local de estudo apresenta a direção média horária predominante do vento ao sul e leste (sudeste) durante todo o ano ao campo de permanência.

Figura 11. Mapa Insolação e Ventilação

07 – Mapa – Insolação

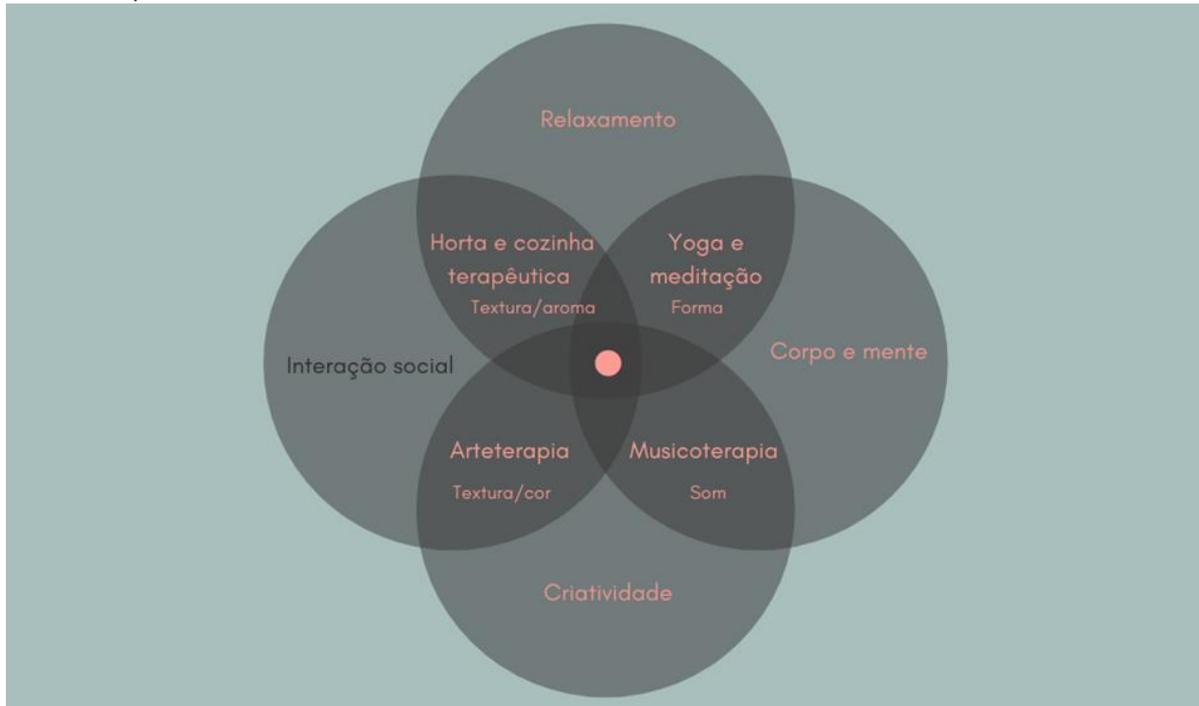
Escala: 1:55

Fonte. Elaborado pela Autora

Será utilizada como diretriz a topografia natural do terreno com acentuada aclividade de 5m , criando um edifício em bloco escalonado; a escolha do terreno seguiu a premissa de se estabelecer próximo ao bloco B3, onde se insere o centro universitário de psicologia existente na universidade; criando a conjunção direta entre o projeto, o campus, os profissionais e a comunidade, conforme a figura 12.

Figura 12. Topografia e bosque terreno**Fonte.** Elaborado pela Autora

As atividades propostas, foram pensadas de maneira a trabalhar aspectos como a criatividade, interação social, o relaxamento e a calma, como suporte de controle emocional e mental. Como a arteterapia, musicoterapia, cozinha terapêutica, horta terapêutica, yoga e meditação; de forma a priorizar terapias e oficinas em grupo, com o intuito de criar o semblante de pertencimento à comunidade abordado na (figura 13).

Figura 13. Proposta Sensorial

Fonte. Elaborado pela Autora, 2020

O projeto se constitui de modo a criar um diálogo entre as características marcantes físicas e estéticas pré-existentes da universidade, de maneira a conectar o edifício com o entorno, sem destoá-lo; obtendo um semblante entre a forma e composição, composta por uma arquitetura racional e geométrica, contando com elementos naturais, como água e vegetação; assim como, elucidar elementos com a cor símbolo da Unoeste, o verde. A materialidade buscará uma arquitetura ágil e industrializada, com elementos pré-fabricados, de fácil acesso, maior custo benefício e rápida construção.

O projeto da clínica escola de apoio psicossocial se apresenta de modo a aproveitar maior parte da topografia existente, de maneira a compor as necessidades existentes na proposta, identificando a evolução das ideias preliminares projetuais, constituída através de análises e estudos por organograma, setorização, plantas básicas e cortes representativos, para a composição do volume ideal, no qual será elucidado nas páginas a seguir.

A ideia inicial da proposta se efetiva ao implantar o edifício criando dois principais pavimentos, uma das principais diretrizes era a locação da sala de yoga e meditação próxima ao bosque, criando possibilidade de aulas ao ar livre e integração com a natureza. Deste modo, no pavimento térreo foram inseridos uma área de convivência e os ateliês de terapia ocupacional, representando o setor terapêutico.

Figura 14. Ideia inicial pavimento térreo.



Fonte: Elaborado pela autora, 2020

O pavimento superior na Ideia inicial, foi composto pelo setor social, com sala de espera, recreação infantil e recepção, a área administrativa foi locada no setor próximo a localidade da recepção, mediante a necessidade de fluxos das recepcionistas para o setor administrativo, como sala de arquivos, descanso e banheiros, o setor terapêutico destinado as salas de atendimento psicológico também se inserem neste pavimento, para unirem os fluxos da sala de estagiários e todo o setor estratégico por trás do CEUP.

Figura 15. Ideia inicial pavimento superior



Fonte: Elaborado pela autora, 2020

A volumetria consiste na criação de dois blocos escalonados aproveitando a topografia existente, permitindo a criação do pátio verde centralizador do projeto no térreo, com sua abertura exterior no pavimento superior com recuo para a configuração de um teto verde de convivência e visualização externa, possibilitando a permanência de iluminação natural zenital e ventilação para o edifício (fachada leste).

A materialidade do edifício se estabelecerá de modo econômico, rápido e racional; com paredes externas em placa de concreto pré-moldado e paredes internas em drywall, esquadrias em vidro e estrutura metálica, haverá elementos principais em cobogó, evidenciando a fachada no lado leste, utilizada

para filtrar o sol, criar sombra e como elemento estético; as cores utilizadas no exterior serão branco e verde (símbolo da unoeste), favorecida pelo verde dos jardins; criando pontos de cor pontuais nos ambientes internos.

Portanto, a pesquisa apresentada, direcionou-se de modo a elencar uma discussão mediante a relevância da busca por saúde mental e emocional com foco em estudantes universitários, levantados como principais problemas enfrentados a ansiedade, depressão e transtornos alimentares. A proposta de uma Clínica Escola de Apoio Psicossocial, no Campus II da Unoeste, evidencia a busca por programas e medidas arquitetônicas que venham a servir de ferramenta para a criação de espaços sensoriais, com terapias ocupacionais que priorizem a expressão, criatividade, interação social, relaxamento e sobretudo o bem-estar pessoal; concretizados mediante ao pensar projetual em conjunto com aspectos como a humanização, psicologia ambiental, sustentabilidade, conforto térmico e acústico, funcionalidade, aspectos construtivos e estéticos.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo. **Saúde mental e atenção psicossocial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2008. 117 p.

ANDIFES - Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. **IV Pesquisa Do Perfil Sócioeconômico e Cultural dos estudantes de graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras (IFES)**. – Uberlândia: Centro de Pesquisas Econômico-Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (Cepes/UFU), 2014.

Archdaily. **Clínica Escola FVS / Lins Arquitetos Associados**. 2019. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/922135/clinica-escola-fvs-lins-arquitetos-associados>. Acesso em: 28 maio 2020.

Archdaily. **1º Lugar no Concurso para a Unidade Básica de Saúde em Parque do Riacho - CODHAB-DF**. 2020. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/874775/1o-lugar-no-concurso-para-a-unidade-basica-de-saude-em-parque-do-riacho-codhab-df>. Acesso em: 29 maio 2020.

ARRUDA, E. **Terapêutica ocupacional psiquiátrica**. Rio de Janeiro: [s.n.]. 1962. p. 23-38.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Manual de Estrutura Física dos Centros de Atenção Psicossocial e Unidades de Acolhimento: Orientações para Elaboração de Projetos de Construção de CAPS e de UA como lugares da Atenção Psicossocial nos territórios**. - Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial**. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

FONTES, Maria Paula Zambrano. **Imagens da Arquitetura da Saúde Mental: Um Estudo sobre a Requalificação dos Espaços da Casa do Sol, Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira**. UFRJ/FAU/PROARQ, Rio de Janeiro, 2003.

HARROUK, Christele. **Psicologia do espaço: as implicações da arquitetura no comportamento humano** [Psychology of Space: How Interiors Impact our Behavior] 2020. ArchDaily Brasil. (Trad. Libardoni, Vinicius). Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/936143/psicologia-do-espaco-as-implicacoes-da-arquitetura-no-comportamento-humano>. Acesso em: 27 março 2020.

LINS. **Clínica Escola e blocos de sala de aula – FVS.** 2020. Disponível em: <https://www.linsarquitetos.com.br/clinica-escola-fvs>. Acesso em: 27 maio 2020.

LUKIANCHUKI, Marieli Azoia et al SOUZA, Gisela Barcellos de. **Humanização da arquitetura hospitalar: entre ensaios de definições e materializações híbridas.** 2010. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.118/3372>. Acesso em: 25 março 2020.

PEREIRA, Matheus. **O papel da cor na arquitetura.** 2018. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/894425/o-papel-da-cor-na-arquitetura>. Acesso em: 25 março 2020.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Saúde mental no Brasil.** São Paulo: Arte & Ciência, 1999. 192 p. (Coleção Universidade aberta).

SABOIA; RUIZ. **Escritório Saboia + Ruiz arquitetos.** Disponível em: <http://www.saboiaruiz.com.br>. Acesso em: 24 maio de 2020

STOUHI, Dima. **Como projetar para atingir conforto térmico (e por que isso é importante).** 2019. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/910400/como-projetar-para-atingir-conforto-termico-e-por-que-isso-e-importante>. Acesso em: 26 março 2020.

VASCONCELOS, Renata Thaís Bomm. **Humanização de ambientes hospitalares: características arquitetônicas responsáveis pela integração interior/exterior.** 2004. 175 p. Dissertação (mestrado) - UFSC/ARQ, Florianópolis, 2004.

WALSH, Niall. **Certificado WELL: Uma ajuda arquitetônica para a saúde e bem-estar humano.** [WELL Building Certification - An Architectural Aid for Human Health] 2017. ArchDaily Brasil. (Trad. Baratto, Romullo). Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/868405/certificado-well-uma-ajuda-arquitetonica-para-a-saude-e-bem-estar-humano>. Acesso em: 26 março 2020.

World Health Organization regional office for the Americas. Pan American Health Organization. **The Burden of Mental Disorders in the Region of the Americas.** - . Washington, D.C, PAHO; 2018.

CARTOGRAFIA FEMININA NA PRAÇA 9 DE JULHO EM PRESIDENTE PRUDENTE-SP

Amanda Carolina Felicio Vantini, Victor Martins De Aguiar, Yeda Ruiz Maria

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: amandavantini@outlook.com

RESUMO

Essa pesquisa visa compreender o cotidiano urbano contemporâneo das mulheres, em suas adversidades e em seus limites na Praça 9 de Julho em Presidente Prudente (SP) através de levantamentos in loco e da observação participante do deslocamento. Tem-se como objetivo apresentar uma discussão teórico-prática sobre a praça, a fim de elucidar o ofuscamento da mulher no espaço urbano e de modo que se analisem as atividades vividas que se reestruturam ao longo do passar do tempo, considerando sua importância para a cidade. Interessa, portanto, investigar a presença feminina de diferentes faixas etárias que se desloca pela praça e a que permanece; dessa forma, para uma compreensão mais ampla dos dados observados, foi adotada como metodologia a elaboração de uma cartografia temática a partir dos croquis de arquitetura produzidos pela pesquisadora.

Palavras-chave: Espaço Público; Mulher; Praça 9 de Julho; Presidente Prudente.

FEMININE CARTOGRAPHY AT SQUARE 9 JULY IN PRESIDENTE PRUDENTE-SP

ABSTRACT

This research aims to understand the contemporary urban daily life of women, in their adversities and in their limits in Praça 9 de Julho in Presidente Prudente (SP) through surveys in loco and participant observation of displacement. The objective is to present a theoretical and practical discussion about that square, in order to elucidate the dazzling of women in the urban space and in order to analyze the activities that have been restructured over time, considering its importance for the City. Therefore, it is interesting to investigate the female presence of different age groups that move around the square and the one that remains; thus, for a broader understanding of the observed data, the development of a thematic cartography based on the architectural sketches produced by the researcher was adopted as a methodology.

Keywords: Public Space; Woman; 9 de Julho Square; Presidente Prudente.

INTRODUÇÃO

O gênero é uma construção cultural de papéis atribuídos aos sexos, e articula-se nessa definição sociocultural uma organização excludente sobre o que é apropriado para cada sexo, em que cada um deles corresponde a um espaço: a casa e a cidade, reservada a ordem doméstica para a mulher e o urbano, para o homem. Tais pares complementares e antagônicos estabelecem prioridades: o privado e o público (MONTANER; MÚXI, 2014).

Como consequência dessa organização excludente é possível enunciar a realidade das nossas cidades a partir de duas experiências: a vivência na cidade da mulher e a do homem. Conforme seus papéis atribuídos, portanto, homens e mulheres vivem os espaços de maneira diferente, pois a experiência de ser mulher se dá de forma social e historicamente determinada. Tais maneiras decorrem de uma hierarquia cultural, educativa e social, conforme aponta Punt 6 (2020). Observar através da perspectiva de gênero significa entender, por um lado, que essas duas experiências são de mundo diferentes, por obrigações e por tempos diferentes que determinam o uso da cidade de forma distinta (COTA, 2018).

A vivência pública da mulher sempre foi pautada na condição de acompanhante ou na atribuição que tem condicionada ao gênero mulher: mãe, cuidadora e nutridora. Mesmo assim, elas sempre estiveram

e ainda hoje estão presentes no espaço público. Segundo Folha de São Paulo, a primeira greve geral do país foi iniciada por mulheres em junho de 1917, na qual cerca de 400 operários - em sua maioria mulheres - da fábrica têxtil Cotonifício Crespi na Mooca, em São Paulo, paralisaram suas atividades por aumento de salários e redução das jornadas de trabalho, que até então não eram garantidos por lei (COSTA, 2017).

Em algumas semanas, a greve se espalharia por diversos setores da economia, por todo o Estado de São Paulo e, em seguida, para o Rio de Janeiro e Porto Alegre (COSTA, 2017). Era a primeira "greve geral" no país. Neste contexto a mulher vem desempenhando papéis diferentes dos atribuídos no passado, ou seja, alcançaram a vida pública participando como ser ativo na produção econômica e até de revoluções políticas e civis (OLIVEIRA, 2019). Para Múxi (2018, p. 25):

Por que é tão difícil encontrar uma rua, uma praça ou um espaço público comemorativo com o nome de uma mulher (que não seja uma rainha ou uma santa), sendo uma maneira direta e óbvia de reconhecer presença e construir discurso e história?

O próprio espaço urbano infelizmente se encarrega de contar os limites da história da mulher. As cidades foram idealizadas e erguidas desconsiderando a presença feminina nas escolhas, visto que à mulher coube a função do lar. Seu acesso à cidade se resume a expansão do privado, então, as mulheres não vivem o espaço público, apenas o percorrem (ASSAD, 2019).

Montaner e Múxi (2014) alegam que os edifícios, os bairros e as cidades foram projetados para manter as mulheres no lar e a relação delas com o exterior costuma se dar através das experiências do homem da casa. Observar a rua pela janela ou pela televisão, logo, são os meios por qual o feminino acessa o exterior. Dessa forma, vivem uma realidade mediada e vivida por outros; uma realidade que não lhes cabe.

Segundo Tonkiss (2016), os locais que podem ser percorridos pelas mulheres mudam de acordo com os horários e os tipos de uso do espaço urbano, o que acaba restringindo sua circulação e acesso à cidade gerando uma "geografia reduzida de cidade". Segundo a reflexão da antropóloga Jirón (2016) essas barreiras tornam a cidade "mais espessas" para as mulheres devido à naturalização da invisibilidade de sua experiência, pela questão do medo e da violência de gênero.

O direito à cidade desaparece em um assobio, em uma passada de mão, no direito de ir e vir subtraído por uma rua escura; verifica-se de forma explícita a hostilidade que as mulheres sentem no território, em camadas físicas e subjetivas de violência (GARCIA, 2019). Cota (2018) ressalta que para elas as questões de maior relevância estão associadas às violências físicas e contra a dignidade, enquanto para os homens o tipo de insegurança está relacionado com o patrimônio.

Neste sentido, é preciso ter ruas seguras. Na escala da urbanidade, a insegurança está associada à iluminação pública inadequada, às calçadas ladeadas por muros extensos sem comunicação visual entre pedestres e moradores, em paradas de ônibus inseguras, em transportes coletivos insuficientes e mal equipados e em terrenos baldios, por exemplo (HELENE; TAVARES, 2017). Outras formas de insegurança também são sentidas de forma dramática quando se é mulher:

[...] demonstrar que o simples fato de serem mulheres, com as imposições e encargos da sociedade, interfere em sua mobilidade e em sua utilização do espaço público e privado, e que se acentua as dificuldades quando se tornam mães. Além de que a violência urbana se manifesta de forma específica em relação às mulheres, com os espaços vazios, com terrenos abandonados e parques, sem segurança, com falta de iluminação pública e com itinerários dos ônibus mal planejados, contribuindo para a não proteção das mulheres (GONZAGA, 2011, p. 81).

Como aponta Janes Jacobs (1961) o urbanismo do século XX configurou, juntamente com os ideais modernos, cidades cujo desenho e cuja dinâmica de vivência se centralizam na socialização humana voltada para o homem. O desenho da cidade muitas vezes impede a diversidade de usos e de melhorias que poderiam evitar certas violências urbanas, pois a partir desses usos tem-se a possibilidade de mais segurança, uma vez que ampliam a presença de pessoas nas calçadas.

As pessoas que usam e transitam por essas calçadas acabam exercendo uma vigilância natural, os "olhos da rua", e as ruas com movimentação de pessoas tendem a tornarem-se mais seguras, o "balé das ruas", em que vários atores saem às ruas em horários diversificados para diferentes atividades. Essas

atividades interagem entre si, constituindo uma teia de interação social e de cuidados mútuos (JACOBS, 1961).

A questão urbana revela condições de uso da cidade que impedem uma maior apropriação do espaço perante as mulheres, onde a infraestrutura, a mobilidade e a própria configuração espacial para o caminhar seguro apontam barreiras não só físicas, mas ideológicas, de um planejamento urbano historicamente excludente. Essa suposta neutralidade está relacionada à constituição patriarcal da sociedade que contribui para perpetuar privilégios na cidade e seus espaços públicos (OLIVEIRA, 2019).

Todos os contextos e cidades podem possivelmente se adaptar, como aponta Punt 6 (2020), às cinco qualidades urbanas para minimizar as desigualdades espaciais de gênero: a proximidade permitindo que tudo seja perto, assim há a possibilidade de caminhar ou pegar o transporte público; a diversidade de equipamentos e de comércios; a autonomia de sentir-se seguro e livre para usar os espaços; a vitalidade da memória e história da cidade; a representatividade na participação em decisões urbanas.

Portanto, o planejamento urbano na perspectiva de gênero é uma ferramenta analítica que torna visíveis as diferenças no uso dos espaços entre mulheres e homens, assim como as tarefas, os estereótipos e os papéis atribuídos a cada um deles. Ao analisar como os papéis de gênero influenciam e têm implicações diretas nas decisões urbanas, percebe-se a necessidade de repensar a sociedade a partir dos espaços públicos porque estes contribuem para reconfigurar realidades socialmente mais justas (PUNT 6, 2020).

Para abordar as construções do papel de gênero na sociedade e as limitações espaciais como forma de elucidar as questões urbanas que limitam as vivências na cidade, elege-se neste trabalho a Praça 9 de Julho em Presidente Prudente, município do Estado de São Paulo. A praça, ponto de encontro de diversas temporalidades, histórias e identidades inter-relacionadas, pode ser considerada a “porta de entrada” do centro da cidade.

Um espaço sexuado em que os homens e as mulheres se encontram, se evitam ou se procuram. Nessa dualidade se pode entender o lugar das mulheres, nessa relação dinâmica, ao mesmo tempo que a regula e a exprime, a torna visível. O interesse dado aqui a investigar essas relações que assumem formas variáveis conforme as épocas, assim como, a maneira de geri-las (PERROT, 1998).

MÉTODOS

No desenvolvimento do objetivo proposto, houve revisão bibliográfica e documental para a compreensão cultural e histórica e foram realizados levantamentos *in loco* e observação direta e participante na Praça 9 de Julho em diferentes dias e horários, a fim de caracterizar as relações que se estabelecem as dinâmicas comportamentais quanto ao uso do espaço. Os deslocamentos e as permanências mapeados foram traduzidos em uma cartografia temática através do *software Illustrator*, assim, elaborando um estudo de sintaxe espacial para avaliar a forma urbana e os deslocamentos urbanos.

Tais levantamentos na Praça 9 de Julho se basearam na técnica da Contagem; mapear; traçar os deslocamentos; Rastreamento; procurar traços de comportamento; desenhar; testar caminhadas, conforme propõe Jan Gehl e Birgitte Svarre, no livro “A vida na cidade: como estudar” de 2018, e resultaram em mapas de comportamento. Estes mapas têm o intuito de analisar da divergência de sexo desses indivíduos, a invisibilidade e a visibilidade feminina na praça e das atividades que realizam.

Com o objetivo de evidenciar a percepção acerca da dimensão generificada das experiências que se dão cotidianamente, os processos e as dinâmicas atuais dos encontros e dos atravessamentos destas mulheres pela Praça 9 de Julho, os levantamentos foram feitos *in loco* em janeiro e fevereiro de 2020 e evidenciaram os limites visíveis da noção hegemônica e consensual pressuposta antes do atual cenário da pandemia COVID-19, de tal modo que, conforme decreto municipal nº 30,731/2020, houve a interdição da praça e a proibição de uso de espaços públicos para encontros de lazer em Presidente Prudente (figura 1).¹

¹ Disponível em: <<https://www.imparcial.com.br/noticias/parte-da-praca-nove-de-julho-e-interditada,33451>>. Acesso em: 18 de agosto de 2020.

Figura 1. Local de lazer dos idosos na Praça 9 de Julho interditado.



Fonte: <<https://www.imparcial.com.br/noticias/parte-da-praca-nove-de-julho-e-interditada,33451>>. Acesso em: 14/09/2020.

RESULTADOS

O quadrilátero central delimitado pelas atuais avenidas Coronel Marcondes, Manoel Goulart, Washington Luís e Brasil (Figura 2), consolidou-se como espaço central, caracterizado pelo comércio, serviços e administração pública, mas também pela sociabilidade e o lazer, representados, sobretudo, pelas Praças 9 de Julho e Monsenhor Sarrion, por causa do calda de cana e da espera dos ônibus, bem como pela presença da Catedral de São Sebastião (GÓES; SPOSITO, 2016).

Figura 2: Mapa Presidente Prudente com destaque as principais vias.



Fonte: Google MyMaps, editado pela autora, 2020.

Segundo Resende (2017), urbanizada e inaugurada em 1935, a Praça 9 de Julho, por muitas décadas, foi considerada o principal espaço público da cidade, local de encontro e articuladora das relações; uma referência na memória de mulheres e homens. Do outro lado da avenida Coronel Marcondes, a construção da imponente catedral de estilo *art déco* e da Praça Monsenhor Sarrion em 1940 constituiu um conjunto arquitetônico-paisagístico único na cidade. Emoldurada pela fonte da Praça 9 de Julho, a catedral de São Sebastião tornou-se um marco na paisagem central (Figuras 3 e 4). Rezende (2006, p. 207) relata que a praça:

[...] tornou-se a magia da cidade. Dos seus quatro lados, cada face do quadrado possuía uma empolgação. A fé se representava pela Matriz de São Sebastião. O lazer, pelo Cine Joao Gomes. A política, pelo Bar Cruzeiro do Sul. E a tradição, pela casa avarandada de Pedro Furquim. À medida que a cidade crescia, as árvores ficavam frondosas, agasalhando pássaros, casais de namorados e o povo, felizadamente comunitário.

Figuras 3 e 4. Praça 9 de Julho em 1960 e 2015.



Fontes: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/19.222/7216>>.;<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vista_da_CatedralPra%C3%A7a_9_de_Julho_-_Presidente_Prudente_-_SP.jpg>. Acesso em: 18/08/2020, editada pela autora, 2020

A praça ainda é a evocação de uma memória histórica coletiva: o produto das várias gerações materializadas no espaço. As apresentações musicais que aconteciam no coreto, a pipoca, o algodão doce e o *footing*² representam estes diferentes momentos das gerações (figura 5) (RESENDE, 2017; BISPO, 2011). Hirao (2008) trata a forma de apropriação do espaço público, que interligava a esfera do público e privado, no desfile das pessoas a integração com edifícios privados de acesso público, cinema, bar³ e café.

Figura 5. *Footing* em 1970 na Praça 9 de Julho.



Fonte: Fotos Históricas e Boas Lembranças em Presidente Prudente, Grupo público Facebook.

Em 1950, em Presidente Prudente, segundo Souza (2013), havia espaços e práticas de sociabilidade que eram proibidas às mulheres e moças, como alguns bares do Centro e imediações eminentemente apenas masculinos. Tais interdições eram menos pronunciadas na década de 1970, devido a uma sociedade mais complexa socialmente e com maior pluralidade de opções de espaços e práticas de sociabilidade. Para a autora, é evidente a importância do Centro como área comercial, para onde convergiam fluxos tanto em busca de mercadorias e serviços, quanto em busca de locais de sociabilidade (SOUZA, 2013).

A praça sofreu diversas remodelações desde a sua criação. Em 1920, era um amplo descampado sem equipamentos de lazer. Foi urbanizada em 1935 com a construção de um coreto, instalação de bancos e arborização (figura 6). A maior reurbanização (1990) se deu a partir da troca de piso, da recuperação da fonte luminosa, da construção do Teatro de Arena Mario Celestino Teixeira, de instalação de sanitários, de elaboração do paisagismo e da área de lazer com mesas para a prática de jogos de tabuleiro e baralho⁴. Na recente reforma (2013), em sete meses, a praça passou por um restauro, as pedras portuguesas foram

² Uma das principais atividades sociais em que homens e mulheres desfilavam enquanto um alto falante na praça transmitia recados amorosos e músicas dedicadas (ALVIM, 2019).

³ Espaços eminentemente masculinos interditados às mulheres (SOUZA, 2013).

⁴ Disponível em: <<http://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/noticias.xhtml?cod=25938>>. Acesso em: 18 de agosto de 2020.

mantidas e ela ganhou acessibilidade com piso tátil, disponibilidade de internet sem fio gratuita, reforma dos banheiros, do teatro de arena, da instalação do posto da polícia militar novas mesas e bancos⁵.

Figura 6. Coreto na antiga Praça 9 de Julho, anos 40.



Fonte: Fotos Históricas e Boas Lembranças em Presidente Prudente, Grupo público Facebook.

Novos equipamentos remodelaram a praça (2013) e bancos de concreto. Os rebatimentos destas reformas nos mostram a expressão que esse espaço caracteriza como lugar distinguido de uma identidade e permitindo seu reconhecimento ao uso cotidiano, ampliando o espaço principalmente de mesas e bancos, ocupado por homens que jogam cartas nas mesas de concreto (figura 7), afirma Giddens (2002, p. 112):

Reunidos nas mesas sombreadas da Praça 9 de julho, em área contígua ao calçadão, jogando Damas. Os tradicionais jogadores de dominó são, inevitavelmente, os frequentadores permanentes, e o futuro é assim representado como extensão do presente inexorável ou por ele “colonizado”.

Figura 7. Homens idosos jogando cartas na Praça 9 de Julho.



Fonte: <<https://www.prudesan.com.br/pa-9-julho>> Acesso em: 18/08/2020.

Os elementos urbanos inseridos nas reformas estruturam e enfatizam no cenário a vivência do homem na Praça 9 de Julho, não se resumindo apenas à circulação, constata-se permanências, materialmente fundamentadas no mobiliário urbano inserido. Há uma recíproca entre produção do espaço e produção social de modo que as estruturas do espaço social são indissociáveis das estruturas do espaço físico (SILVA, 2003).

⁵ Disponível em: <<http://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/noticias.xhtml?cod=25938>>. Acesso em: 18 de agosto de 2020.

O espaço da praça catalisa processos de sociabilidades agenciadas por questões culturais, que aparecem como não autorizado para as mulheres e por conta disto, revela-se uma hostil exclusão, naturalizada, que continua a reproduzir um espaço legitimado como ambiente masculino (MAGNANI, 2002). Nessa perspectiva, na praça torna-se evidente que os homens e as mulheres situam-se nas duas extremidades, em uma escala de valores opõem-se: o homem público, que desempenha um papel mais participativo do espaço, enquanto, a mulher pública constitui território de passagem, que sem se aproximar, ao atravessar elas optam por caminhar em pontos onde os homens não estão, portanto tem aqui dois sentidos que parcialmente se recobrem e rompem na cidade (PERROT, 1998).

RESULTADOS

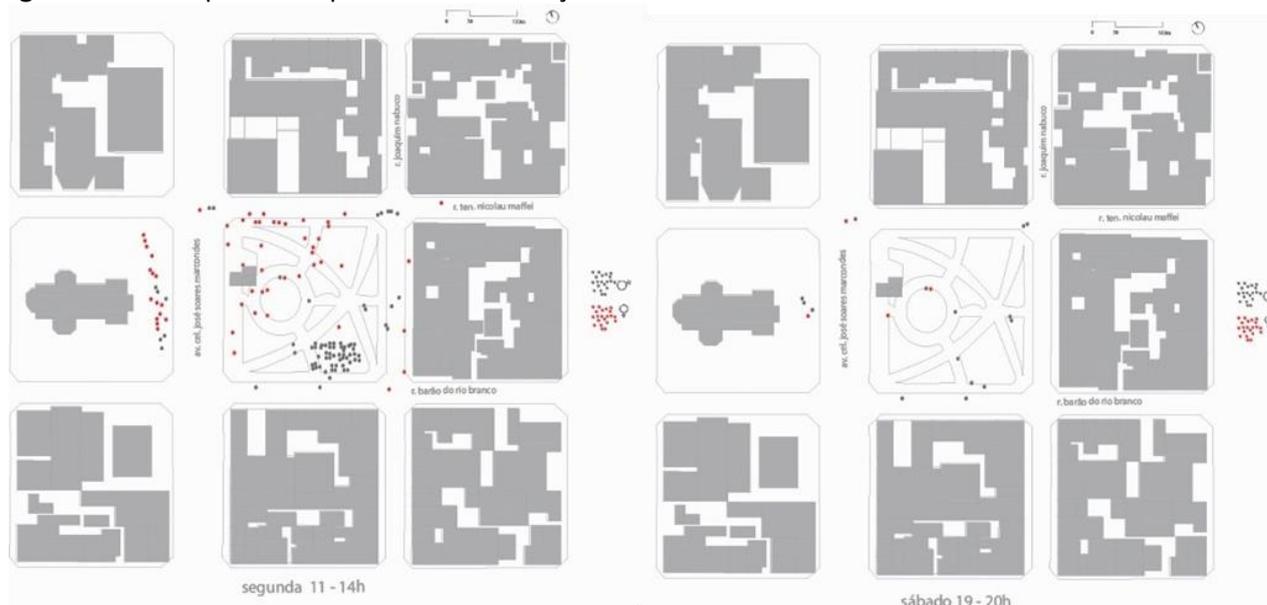
A Praça 9 de Julho possibilita práticas espaciais que podem ser tanto banais, como cotidianamente reiteradas e mediadas pelo consumo, como fugazes e imprevistas. Aparecem como prática espacial a sociabilidade que permeiam a relação de compra e venda no varejo, predominante nessa área do centro principal da cidade, norteada pelo comércio, meios de transporte coletivo, que garantem acesso, implicam em encontros, que o produzindo apropriam-se. Já destacado por Goes; Sposito (2016, p. 42):

As práticas espaciais expressam dimensões da vida social, micropolíticas e culturais, assim, sua inter-relação com a subjetividade é complexa: sentidos, significados e imagens sobre os espaços se constroem e tomam forma, no desenvolvimento das práticas e, ao mesmo tempo, uma vez construídos, condicionam as práticas futuras.

Conversando em pequenos grupos, mas, sobretudo, reunidos nas mesas sombreadas da Praça 9 de julho, homens idosos, os tradicionais jogadores de dominó, são os frequentadores permanentes, os quais em sua maioria se retiram no fim da tarde. Há uma predominância feminina na circulação, especialmente daquelas que cruzam apressadamente em direção aos serviços e das múltiplas temporalidades impostas ao espaço associadas aos interesses do consumo (figuras 8 e 9).

Próximas ao ponto de ônibus (figura 8) acompanhada de crianças mas em sua maioria sozinhas, silenciosas, menos depressa que ônibus, carros e bicicletas, com mais objetividade que os idosos que ali permanecem jogando cartas, percorrem aos encontros ordinários, com rapidez e propósito de chegarem a outro lugar, despercebidas e sempre à espreita reúnem-se nos pontos de ônibus, aguardando para chegarem a outro lugar. Àquelas que ficam, vendem alimentos e as que sentam nos bancos da praça limitam-se a proximidade dos banheiros e do posto policial. Durante a noite, a cidade se esvazia e a praça acompanha, mulheres apenas acompanhadas de homens (figura 9).

Figuras 8 e 9. Mapa de comportamento na Praça 9 de Julho.



Fonte: Autora, 2020.

Essas representações (figuras 8 e 9) demonstram a simbólica diferença entre os sexos que se assumem no espaço, isso se traduz por uma divisão racional dos papéis, das tarefas e dos espaços sexuais que ao longo dessas fronteiras móveis, as relações entre homens e mulheres modificam-se, como figuras de um interminável balé (PERROT, 1998).

Certos limites se deslocam mais do que outros, certas zonas resistem mais do que outras. Ao longo dessas fronteiras móveis, nota-se uma proximidade com a diversidade de equipamentos e de comércios, permitindo a autonomia de sentir-se livre para usar os espaços de forma a sentir-se também segura, como já foi destacado por Punt 6 (2020), dentre as cinco qualidades urbanas para minimizar as desigualdades espaciais de gênero.

O que é ser mulher pública em uma praça no interior de São Paulo? apressadas aos seus afazeres, povoam uma estatuária onipresente (PERROT, 1998), enquanto no passado, estavam às voltas da fonte com uma cidadania social, uma vez que havia a associação da Praça 9 de Julho como forma de lazer e que hoje não mais (Figura 6).

DISCUSSÃO

Considerando os papéis socialmente construídos há necessidade de uma política de mobilidade urbana mais eficaz em relação às mulheres.

Como é trazido por Jane Jacobs (2011), o urbanismo do século XX configurou, juntamente com os ideais modernos, cidades cujo desenho e dinâmicas de vivências se centralizam na socialização humana voltada para o homem, pode-se afirmar que a mulher é desconsiderada no desenho do tecido da cidade, visto que, por muitas vezes, esse traçado é planejado em cima da perspectiva do ser humano que se sente mais livre para se locomover.

Antes de ser atrativa, a cidade é necessidade, mas as mulheres estão onipresentes na monumentalidade urbana, perante a segregação sexual do espaço público, que aqui em análise é mais um lugar de circulação do que de troca. A sociabilidade feminina na cidade encontra-se em espaços privados e aquelas que circulam mais livremente, de classes populares, atravessando praças, a sociabilidade é no mercado e na busca por serviços. Os homens têm sua sociabilidade própria, onde o jogo, ocupam o lugar e a medida que estes espaços supostamente se politizam, as mulheres deles são excluídas (PERROT, 1998).

CONCLUSÃO

A colocação aqui em pauta se expressa ao analisar que o urbanismo ortodoxo e tradicional, como coloca Jacobs (2011), ou seja, o urbanismo que replica modelos que não mais cabem nas novas e atuais demandas das cidades, continua recriando uma urbe que não atende às atuais necessidades sociais, principalmente quando se trata de mulheres e cidade.

Baseando-se em estudos de Perrot (1998), o lugar do homem no espaço público supõe uma forma de lazer oposta ao das mulheres. A simples observação diagnóstica evidencia uma condição das construções culturais provenientes inúmeras desigualdades que se desenvolveram e vêm se acirrando ao longo da história, produzindo significados e testemunhando o espaço em uma posição inferior de caricatura naturalizada aos homens publicamente ativos.

Essas observações demonstraram que os lugares femininos na praça aparecem a função mercantil, elas inscrevem-se no espaço para usufruir do consumo na diversidade de suas funções, numa espécie de fronteira do cotidiano, em plenitude e em equilíbrio, num indo e vindo, para se chegar à arte de estar. Assim, a identidade estabelece um modo da virilidade, tanto no nível do cotidiano e do privado, quanto do público e político, evidenciando a abstração da diferença dos sexos que percorre e faz o traçado da cidade (DIAS, 2011).

A revitalização da praça demonstra como, na produção do espaço público, entram em conflito os interesses: a reforma pública priorizando a remodelação e modernização, recebe jardins, arborização e mobiliário, reforçando a presença daqueles que ali jogam cartas e o reflexo de espaços menos igualitários que moldam o comportamento dos diferentes gêneros que através do desenho urbano tem-se a possibilidade de melhorias que poderiam ampliar a presença feminina (JACOBS, 2011).

Analisar o deslocamento das mulheres nos mostra modelos de mobilidade que derivam de seus

papéis estabelecidos pela sociedade patriarcal onde o cotidiano é utilizado como ferramenta de análise do tempo e do espaço evidenciando a distribuição desigual de tarefas e responsabilidades condicionadas a cada gênero, permitindo analisar o espaço desde a continuidade e a experiência incorporada na vivência urbana através dos corpos (PUNT 6, 2019).

Em cidades médias como Presidente Prudente (SP), surgida no século XX em plena sociedade capitalista, pautada em interesses fundiários, neste caso, de dois coronéis, Goulart e Marcondes, fortemente associado à produção agrícola (GÓES; SPOSITO 2016), constata-se a necessidade de explorar as questões de gênero tendo em vista o contexto de formação da cidade pelas relações patriarcalistas que direcionam a forma de inserção nos espaços.

REFERÊNCIAS

ALVIM, Angélica Benatti. Memórias e atualidade. Espaços públicos da área central de Presidente Prudente. **Minha Cidade**, São Paulo, ano 19, n. 222.01, Vitruvius, jan. 2019.

ASSAD, Camila. **Desterro**. São Paulo: Macondo, 2019.

BISPO, Thaís Mitie Shiguematsu. **As praças Centrais de Presidente Prudente-SP**: avaliação do caráter como subsídio para intervenções projetuais. 119f. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2011.

COSTA, Camilla. 1ª greve geral do país, há 100 anos, foi iniciada por mulheres e durou 30 dias, **Folha de São Paulo**, 28 de abr. de 2017. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/mercado/2017/04/1879407-1-greve-geral-do-pais-ha-100-anos-foi-iniciada-por-mulheres-e-durou-30-dias.shtml?mobile>>. Acesso em: 18 de agosto de 2020.

COTA, Daniela Abritta. Entrevista com Zaida Múxi. Cidade, política e gênero. **Entrevista**, São Paulo, ano 19, n. 075.02, Vitruvius, set. 2018.

DIAS, Alfrancio Ferreira. O lugar da mulher no cotidiano da cidade. *In*: Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”, 5, 2011, São Cristovão. Anais eletrônicos [...] São Cristovão, 2011. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1050>>. Acesso em: 02 jul. 2020

GARCIA, Cecília. Mulheres caminhantes, **Portal Aprendiz**, 05 de maio de 2018. Disponível em: <<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2018/06/15/mulheres-caminhantes-aborda-direito-cidade-na-perspectiva-de-mulheres-diversas/>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte. **A vida na cidade**: como estudar. São Paulo: Perspectiva, 2018.

GIDDENS, Antohny. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GÓES, Eda Maria; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Práticas espaciais, cotidiano e espaço público: o consumo como eixo da análise do Calçadão de Presidente Prudente-SP. **Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (AMPEGE)**, n.19, 2016, p.39-65. <https://doi.org/10.5418/RA2016.1219.0002>

GONZAGA, Terezinha de Oliveira. **A cidade e a Arquitetura também mulher**: planejamento urbano, projetos arquitetônicos e gênero. São Paulo: Editora Annablume, 2011.

HELENE, Diane; TAVARES, Rossana. Gênero e estudos urbanos, uma conciliação necessária, **Archdaily**, 11 de out. de 2017. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/881263/genero-e-estudos-urbanos-umaconciliacao-necessaria>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

HIRAO, Hélio. **Arquitetura moderna paulista, imaginário social urbano uso e apropriação do espaço**. 2008. 224f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2008.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol.17, n.49, 2002, p. 11-29. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>

MONTANER, Josep Maria; MÚXI, Zaída. **Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

MÚXI, Zaída. **Mujeres, casas y ciudades: más allá del umbral**. Barcelona: DPR-Barcelona, 2018.

OLIVEIRA, Chrys de Araújo. Percursos femininos no espaço urbano: da teoria à prática das trajetórias cotidianas da mulher em Macapá – AP. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 18, 2019, Natal. Anais eletrônicos [...] Natal, ENANPUR, 2019. Disponível em: <<http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=1077>>. Acesso em: 02 jul. 2020

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PUNT 6, Collectiu. **Urbanismo feminista**. Por una transformació radical de los espacios de vida. Barcelona: Virus Editora, 2019.

PUNT 6. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dI4TOCPMMBA&t=6s>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

RESENDE, Benjamin. **Raízes Prudentinas Centenárias**. Presidente Prudente: Senac, 2017.

SILVA, Joseli. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. In: **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, n. 8, p.31-45, 2003.

SOUZA, Fernanda Aparecida de. Presidente Prudente: um estudo sobre os tempos e espaços da sociabilidade juvenil das gerações de 1950 e 1970. In: **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 35, p.107-117, 2013.

TONKISS, Fran. **Space, city and social theory: social relations and urban forms**. Oxford: Polity Press, 2016.

CASA ABRIGO: UM AMPARO A VIOLÊNCIA CONTRA MULHER

Giovanna Oliveira Rosa, Maria Eunice Carvalho Tosello

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: giovannarosa2910@gmail.com

RESUMO

A violência contra mulher aos poucos se torna uma pauta ainda mais significativa dentro da sociedade brasileira, grupos pertencentes a diferentes esferas lutam diariamente para dar mais visibilidade a questões como violência doméstica e familiar, violência de gênero, violência sexual e o feminicídio. Por isso, o propósito deste artigo é contextualizar a amplitude e atualidade da violência de gênero, abordando o fenômeno da violência doméstica, a rede de enfrentamento e a estruturação de Casas-Abrigo para as Mulheres Vítimas de Violência Doméstica, afim de expor a importância de uma arquitetura de qualidade no processo de cura da vítima. Os levantamentos acontecem mediante a pesquisa bibliográfica multidisciplinar envolvendo o serviço social, sociologia, história e da análise de um referencial arquitetônico internacional, a Casa-Abrigo de Telavive. Estudos fomentam a necessidade de dar a vítima respaldo físico, psicológico e jurídico num espaço seguro que seja estimulante contribuindo com a formação de novas mulheres e de como a arquitetura pode contribuir nesse processo evolutivo chegando a possíveis diretrizes a serem adotadas em projetos desta terminologia.

Palavras-chave: Casa-Abrigo. Violência Doméstica. Violência contra a Mulher. Acolhimento.

SHELTER HOUSE: A SUPPORT TO VIOLENCE AGAINST WOMEN

ABSTRACT

Violence against women gradually becomes an even more significant issue within Brazilian society, groups belonging to different spheres struggle daily to give more visibility to issues such as domestic and family violence, gender violence, sexual violence and femicide. Therefore, the purpose of this article is to contextualize the breadth and timeliness of gender violence, addressing the phenomenon of domestic violence, the coping network and the structuring of Shelter Houses for Women Victims of Domestic Violence, in order to expose the importance of quality architecture in the victim's healing process. The surveys take place through multidisciplinary bibliographic research involving social work, sociology, history and the analysis of an international architectural reference, the Casa-Abrigo de Tel Aviv. Studies foster the need to provide the victim with physical, psychological and legal support in a safe and stimulating space, contributing to the training of new women and how architecture can contribute to this evolutionary process, reaching possible guidelines to be adopted in projects of this terminology.

Keywords: Shelter for Women. Domestic Violence. Violence against Women. Refuge.

INTRODUÇÃO

Dentro do contexto histórico patriarcal, a mulher sempre foi submissa ao homem. Segundo Arjona (2016), em antigas sociedades a figura feminina estava ali para procriar e possuía a obrigação de servir o homem, cozinhando, cuidando da casa e filhos, sem ter participação em qualquer assunto que ultrapasse suas obrigações, estritamente domésticas. Somente os homens tinham o poder de decidir o que era bom ou ruim para a sociedade, por isso, se sentiam respaldados em abusar da violência para punir suas esposas quando se sentissem desagradados ou desconfortáveis.

De acordo com Moraes (2018), no ano de 2018, 104 países ainda impediam que mulheres praticassem determinadas tarefas simplesmente por serem mulheres. No Irã, mulheres foram impedidas de ingressar em 77 cursos universitários de algumas instituições do país por não serem considerados cursos adequados a natureza feminina.

O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, afirmou que o mundo só vai se orgulhar de ser igualitário e consequentemente justo, quando as mulheres estiverem livres do medo e da insegurança cotidiana. Dados da organização sinalizam que 35% das mulheres em todo o mundo já sofreram algum tipo de violência física ou sexual e em 38% dos homicídios de mulheres, o assassino é um parceiro íntimo da vítima (ONU Mulher, 2019).

Segundo Gomes (2019), o Brasil ocupa o 5º lugar entre os países que mais matam mulheres no mundo. O número de mortes aumentou em 6,5% entre 2016 e 2019, foi de 4.201 casos para 4.473, significa que no Brasil, pelo menos, uma mulher é assassinada a cada duas horas. Mesmo com dados alarmantes, apenas 8% dos municípios brasileiros possuem Delegacia de Defesa da Mulher, evidenciando, mais uma vez, o quanto o tema abordado é invisível para a sociedade.

Contextualizando a violência contra mulher no cenário pandêmico de 2020, onde mundialmente o isolamento foi reconhecido como o método mais eficaz para combater a rápida disseminação do vírus Covid-19, diversos comportamentos sociais foram revelados e com isso, o aumento dos índices de violência doméstica. (MAGALHÃES, 2020).

O confinamento promove preocupações com segurança, saúde e a economia. Mlambo-Ngcuka (2020), diretora-executiva da ONU Mulheres, em um artigo sinalizou a problemática do isolamento das mulheres com parceiros violentos que as separa das pessoas e dos recursos que podem melhor ajudá-las, cita ainda que “a quarentena é uma prisão com o seu torturador para milhões de mulheres” (não paginado). Pode ser visto o reflexo do isolamento social em relação a violência doméstica em todos os países afetados pelo vírus, mas, o Brasil se destaca nessa estatística já que aumentou em 50% o número de denúncias em relação a março de 2019.

Os Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM), Casas-Abrigo e mais tarde a Lei Maria Da Penha (Lei 11340/20060), junto a outros programas, são conquistas dentro da magnitude invisível que um dia foi a violência contra mulher (GARCIA, 2016). Por isso a escolha do tema de estudo se justifica por sua amplitude e a atualidade.

A violência contra a mulher é um problema de saúde pública de proporções epidêmicas no Brasil, embora sua magnitude seja em grande parte invisível [...] a prevenção e o enfrentamento da violência contra a mulher passam necessariamente pela redução das desigualdades de gênero e requerem o engajamento de diferentes setores da sociedade, para se garantir que todas as mulheres e meninas tenham acesso ao direito básico de viver sem violência. GARCIA (2016).

A rede de enfrentamento contra a violência de gênero e especificamente em relação a violência doméstica aborda o conjunto de ações e serviços de diferentes setores que visam: a ampliação e a potencialização da qualidade no reconhecimento, no encaminhamento adequado, na humanização do atendimento. Essa rede busca suprir a complexidade da violência contra as mulheres em seu caráter multidimensional conta com áreas como: saúde, educação, segurança pública, assistência social, justiça, entre outros. (LOPES, 2011).

Segundo o Governo do Distrito Federal (2016), dentro da rede de enfrentamento existem diversos serviços, entre eles as Casas-Abrigo que possuem a função de colaborar com as instituições e serviços oferecidos à mulher.

Mundialmente esse tipo de instituição já é conhecida, para exemplificar a forma como esses espaços funcionam a Casa Abrigo para Mulheres de Telavive – Israel, é analisada neste artigo. As tomadas de projeto influenciam diretamente no processo de cura da mulher, uma vez que, os ambientes propostos no programa de necessidades buscam ser confortantes espacial e psicologicamente desde o conceito até o partido arquitetônico, trabalhando a partir de fluxos específicos, materiais e texturas acolhedoras, garantindo a individualidade de cada história acolhida e criando espaços sociais relevantes. A partir da análise, diretrizes gerais foram propostas para que possam ser adotadas em projetos de tal cunho como forma de concluir o artigo.

MÉTODOS

O método utilizado como caminho para chegar a compreensão do tema girou em torno de uma pesquisa bibliográfica quantitativa que abrangeu publicações, leis e cartilhas sobre a temática da violência de gênero, envolvendo especificamente a violência doméstica, a criação de redes de enfrentamento e a associação da rede com Casas-Abrigo para Mulheres.

O estudo de um referencial arquitetônico por meio de uma pesquisa qualitativa entre plantas baixas, cortes esquemáticos, imagens e informações sobre o edifício, contribuíram para que uma análise física fosse feita ressaltando os pontos positivos da obra que podem vir a ser replicados.

As informações obtidas foram analisadas e organizadas permitindo que um programa de necessidades fosse moldado após a avaliação minuciosa do tema de forma que correspondesse com todas as normas nacionais para a criação de Casas-Abrigo.

RESULTADOS

Segundo a Secretaria de Políticas para as Mulheres (2011a), o conceito da rede de enfrentamento está na conexão entre as instituições/serviços governamentais, não-governamentais e a comunidade, aspirando o progresso de táticas de prevenção e de políticas que certifiquem o empoderamento e a autonomia das mulheres, seus direitos, a responsabilização dos agressores e assistência qualificada a situação de vulnerabilidade. Portanto, a rede de enfrentamento tem como objetivos o combate, prevenção, assistência e garantia de direitos.

O caminho do atendimento à mulher vítima de violência no Brasil baseado na lei Maria Penha, conta com os seguintes serviços especializados: Centros de Atendimento à Mulher em situação de violência, Casas Abrigo, Casas de Acolhimento, Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (Postos ou Seções da Polícia de Atendimento à Mulher), Núcleos da Mulher nas Defensorias Públicas, Promotorias Especializadas, Juizados Especiais de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, Central de Atendimento à Mulher - Ligue 180, Ouvidoria da Mulher, Serviços de saúde voltados para o atendimento aos casos de violência sexual e doméstica, entre outros. (BRASIL, 2006).

Em 2009, as Casas-Abrigo, passaram a ser entendidas como um “serviço da proteção social especial da alta complexidade”, sob a denominação de “serviço de acolhimento institucional para mulheres em situação de violência”. É um equipamento de caráter sigiloso e temporário, no qual as usuárias poderão permanecer por um período determinado. (SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA MULHERES, 2011a, não paginado).

Segundo o Governo do Distrito Federal (2016), o local oferta refúgio para mulheres contempladas na Lei Maria da Penha, junto aos seus dependentes. O acesso as Casas-Abrigo se dão por encaminhamento de um dos equipamentos de enfrentamento (Delegacia Especial de Atendimento à Mulher ou Casa da Mulher, etc.). O período de permanência na instituição é de até três meses, esse prazo pode ser alterado dependendo da situação em que se encontra a vítima. Por motivos de segurança, preferencialmente, o local da Casa-Abrigo é mantido em sigilo. (GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL, 2016).

Segundo a Secretaria de Políticas Para Mulheres (p.18, 2011b, grifo nosso) as orientações em relação ao abrigamento pautadas pelas diretrizes da “Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres” são:

Reconhecer a violência de gênero, raça e etnia como violência estrutural e histórica que expressa a opressão das mulheres e que precisa ser tratada como questão da segurança, justiça, educação, assistência social e saúde pública.

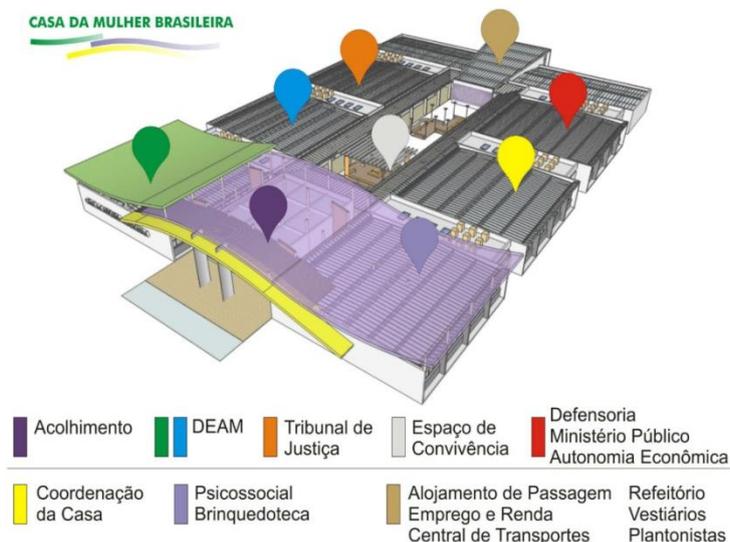
Implementar políticas de abrigamento, que se articulem de maneira integrada com as áreas de saúde, educação, assistência, habitação, trabalho, direitos humanos e justiça.

Incentivar a formação e a capacitação de profissionais para a assistência qualificada e humanizada à mulher em situação de violência, em especial no que tange ao abrigamento. Garantir a articulação permanente dos serviços de abrigamento com a segurança pública, no sentido de assegurar a proteção, a segurança e o bem-estar físico, psicológico e social da mulher em situação de violência.

Reconhecer as diversidades de raça, etnia, orientação sexual, de deficiência e de inserção social, econômica e regional existentes entre as mulheres na implementação de ações voltadas para a assistência, em especial no tocante às políticas de abrigamento.

A primeira Casa-Abrigo do Brasil foi implantada em São Paulo, em 1986 Centro de Convivência para Mulheres Vítimas de Violência Doméstica (Convida). Com o passar dos anos se difundiu pelo país e, em 2003, havia no território nacional um total de 42 casas-abrigos. A primeira casa de acolhimento do estado de São Paulo foi a Casa da Mulher Brasileira (figura 1).

Figura 1. setorização da Casa da Mulher Brasileira



Fonte: ArcoWeb (2015)

A maior parte se trata de serviços governamentais (municipais e/ou estaduais), sendo a maioria dos equipamentos estão atrelados à Assistência Social, com algumas exceções em que as Casas-Abrigo estão ligadas à Segurança Pública, à Justiça ou a Saúde. Afim de orientar o processo de criação de novas Casas-Abrigo criou-se então as diretrizes gerais para tais instituições (tabela 1). (SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA MULHERES, 2011B).

Tabela 1. Diretrizes gerais para Casas-Abrigo

DIRETRIZES GERAIS	
VINCULAÇÃO	As Casas-Abrigo deverão estar vinculadas a assistência social. Isso proporcionará maior garantia de sustentabilidade. As Casas-Abrigo deverão estar vinculadas a assistência social. Isso proporcionará maior garantia de sustentabilidade.
INSTITUCIONALIZAÇÃO	As Casas-Abrigo deverão ser criadas por lei e estabelecer parcerias com serviços e órgãos gestores. A institucionalidade permite maior segurança para as mulheres e profissionais do serviço.
ARTICULAÇÃO PERMANENTE COM A SEGURANÇA PÚBLICA	O serviço deverá estabelecer parcerias formais com a segurança pública para garantir a proteção da mulher abrigada e de seus filhos.
SIGILO	Inúmeras hipóteses fazem com que o sigilo não seja garantido, obrigatoriedade do mesmo acaba sendo rediscutida. Outras estratégias que garantam a segurança do espaço podem ser adotadas.
ACOMPANHAMENTO PÓS ABRIGAMENTO	A mulher que está em processo de desabrigamento deverá ser acompanhada. Estratégias conjuntas devem garantir acesso à habitação (auxílio aluguel) e ao trabalho. Tais medidas deverão ser formalizadas.

O **Abrigo para Vítimas de Violência Doméstica em Telavive** (figura 2), localizado em Israel, foi projetado pelo escritório, *Amos Goldreich Architecture*, que possui sua sede em Londres, juntamente com a empresa local, *Jacobs-Yaniv Architects*. Telavive, a cidade na costa israelense do mar Mediterrâneo que

abriga o edifício possui estatísticas recentes de que mais de 45% das mulheres da região são vítimas de violência doméstica em algum momento da sua vida. (ARCHDAILY, 2018).

Figura 2. foto em perspectiva da Casa Abrigo – Telavive.



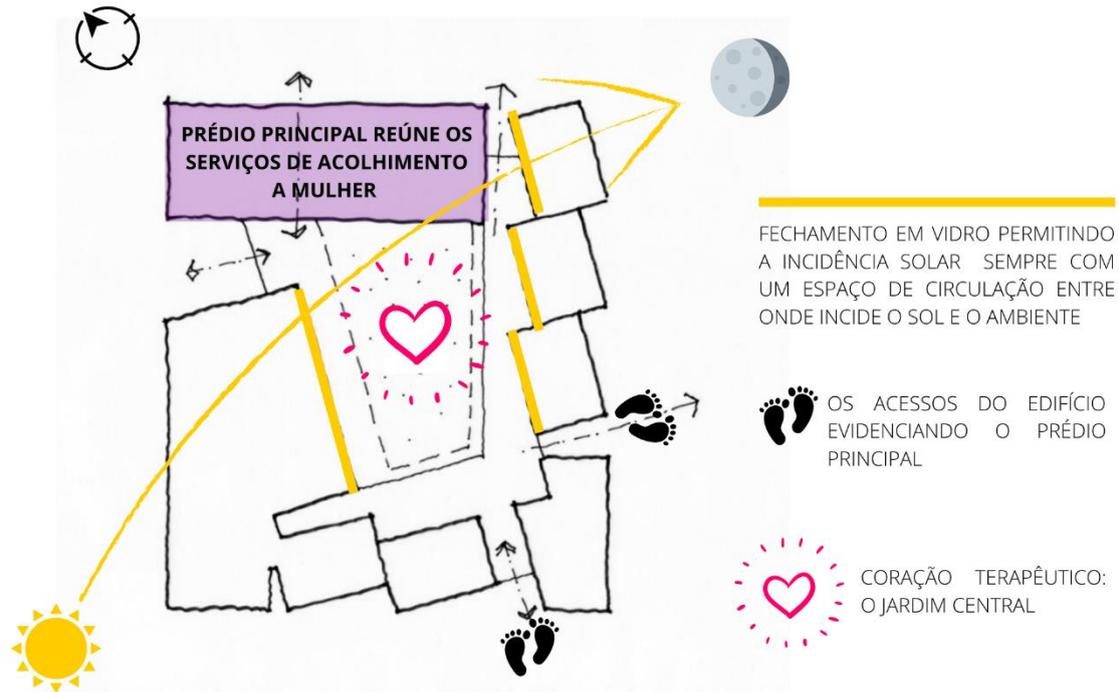
Fonte: ArchDaily (2018)

O refúgio acomoda de forma fixa profissionais qualificados como psicoterapeutas, terapeutas artísticos; profissionais da área da saúde em consultas periódicas e também voluntários como esteticistas, cabeleireiros, massagistas, educadores físicos, professores, entre outros especialistas. O espaço se configura não apenas como abrigo físico, mas também como uma reabilitação psicológica importante após o trauma. (ARCHITECTURAL DESIGN SCHOOL, 2018).

O acolhimento psicológico proporciona ao acolhido(a) um outro olhar de si mesmo(a) quanto à situação que vivencia, ou seja, não se focaliza somente o ato de violência, mas sim as repercussões deste na vida integrada do sujeito, em seus diferentes aspectos, como o histórico familiar, cultura, crenças, valores, escolaridade, entre outros. Recomenda-se, portanto, que esses espaços especializados no atendimento a mulheres em situação de violência tenham equipes qualificadas e providas de ambiente apropriado para favorecer a escuta da queixa e prestar orientação quanto às medidas cabíveis. BECKER (2018, não paginado)

O abrigo está localizado em um bairro residencial tranquilo, é cercado por uma mistura de casas particulares e apartamentos. Uma das normas vigentes para a criação do abrigo públicos especificou que a casa fosse implantada em uma área que possuísse fácil acesso a comunidade, ou seja, que estivesse inserido entre lojas, possíveis empregos, clínicas de saúde, escolas, parques, instalações recreativas. O terreno possui 1.600m² e trata de terras doadas, a instalação pode acomodar até dez famílias, individualmente, de modo que coexistam entre si. Segundo dados governamentais de Telavive, cada família tem em média três filhos; portanto, a concepção do projeto se baseia em uma população de mais de 30 pessoas (mulheres e crianças) residindo no espaço mutuamente. (GOLDREICH, 2019).

Figura 3. croqui esboçando o conceito e partido do projeto



Fonte: Goldreich (2019) editado pela autora (2020)

O conceito do projeto (figura 3) conserva duas palavras de conforto num momento tão delicado na vida das mulheres em situação de violência: calma e segurança. A edificação baseada em uma pedra escavada, possui duas superfícies: uma externa bruta/rústica e, outra, a interna lisa e delicada, características que fazem menção as terminologias do conceito (calma e segurança). O partido arquitetônico do edifício gera duas fachadas, uma que é a voltada ao exterior que enfatiza a temática de segurança e proteção que quer ser transmitida, e a outra, a fachada interna, que volta todos os lados da vila a um jardim central o "coração" terapêutico do abrigo. O bruto e o delicado das superfícies criadas. (YANIV, 2016).

O abrigo proporcionará um refúgio muito necessário para mulheres vítimas de abuso - elas chegam em um estado de sofrimento real, essas pessoas têm problemas psicológicos profundos, assim como seus filhos, portanto o abrigo deve fornecer-lhes com uma sensação tangível de calma e segurança. Um lar longe de casa, um lugar onde pessoas de origens díspares podem lidar com seus traumas individuais, onde poderão ajudar a reconstruir suas vidas, dar orientação e apoio durante um período chave de transição. YANIV (2016, não paginado)

O projeto tem como área dominante o "coração" terapêutico (figura 3), então todas as atividades estão dispostas ao redor dessa praça principal que atua como espaço de convivência, circulação e permite a permeabilidade visual em qualquer ponto do abrigo. Esse espaço (figura 4 e 5) foi uma jogada arquitetônica para garantir sensações prazerosas de trocas sociais entre os usuários, ao redor dele os quartos individuais estão dispostos, junto a área de atendimento e serviços.

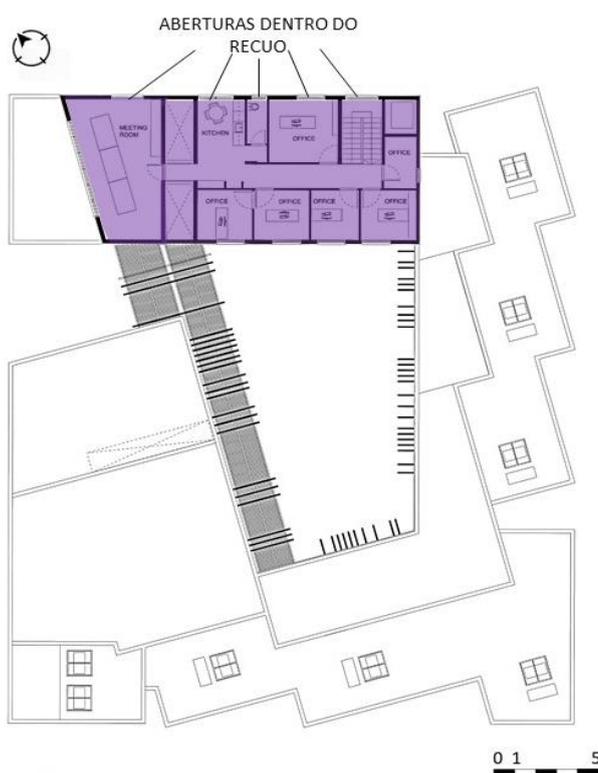
Figura 4 e 5. fotos internas da Casa Abrigo de Televive.



Fonte: Goldreich (2019)

Uma gama de funções será atendida no programa de necessidades do abrigo: áreas comuns, jardim de infância, sala de informática, lavanderia, cozinha e refeitório, além de alojamentos independentes para cada família, acomodação para funcionários, áreas de escritório para o gerente e funcionários do abrigo—incluindo assistentes sociais, psicólogo infantil, madrinhas, assistente social e advogado de meio período (figura 6). (AMAZING ARCHITECTURE, 2019).

Figura 6. planta baixa primeiro e segundo pavimento.



	CASAS INDIVIDUAIS		SALA DOS FUNCIONÁRIOS		ACOLHIMENTO E ADM
	SALAS DE USO COLETIVO		SALA DE EDUCACIONAL		PATIO INTERNO
	REFEITÓRIO / COZINHA		CRECHE + PLAYGROUND		PATIO EXTERNO

Fonte: Goldreich (2019) editado pela autora (2020)

A área privada, que se trata das moradias individuais, está posicionada em duas extremidades do

terreno, logo a frente se vista a área social, de convivência e, só depois, os serviços são abrigados. Idealizado de forma que as famílias pudessem ter uma rotina semelhante a que já tinham fora do abrigo, as zonas criam um cenário correlativo aos costumes: o cidadão para acessar qualquer serviço deve sair da sua casa (privado), circular por algumas vias (de uso coletivo) até que chegue ao seu destino final (serviço).

A setorização (figura 6) acontece da seguinte forma: o serviço de apoio está concentrado no prédio mais alto do projeto, estabelecendo visualmente uma hierarquia entre o coletivo e o privado; ao lado dele foi criado uma área de recreação que possui brinquedos infantis ao ar livre; no centro, o coração, o pátio verde, zona onde mulheres e crianças irão sempre manter as relações sociais vivas; no entorno da área de convivência se encontra os alojamentos divididos individualmente entre as famílias e; frente a eles o refeitório e a cozinha.

Figura 7. corte esquemático sinalizando as aberturas do edifício



Fonte: Goldreich (2019) editado pela autora (2020)

A maior parte as aberturas dos espaços criados são voltadas para o interior do imóvel (figura 7) onde o sol não incide diretamente já que a região é extremamente quente e, essa escolha acentua a sensação de proteção e acolhimento as vítimas. (GOLDREICH 2019).

O abrigo de Telavive hierarquiza suas funções inicialmente meio da altura dos prédios, combinado a isso, os materiais aplicados a essas funções influenciam no objetivo: concreto e vidro, assim, a permeabilidade visual integra os ambientes e amplia os espaços de convivência. O prédio fechado para o mundo e aberto para o coletivo particular enfatiza todas as idealizações para uma Casa-Abrijo pois transmite segurança para mulheres ameaçadas e cativa as atividades em grupo, garantindo a individualidade de cada abrigada.

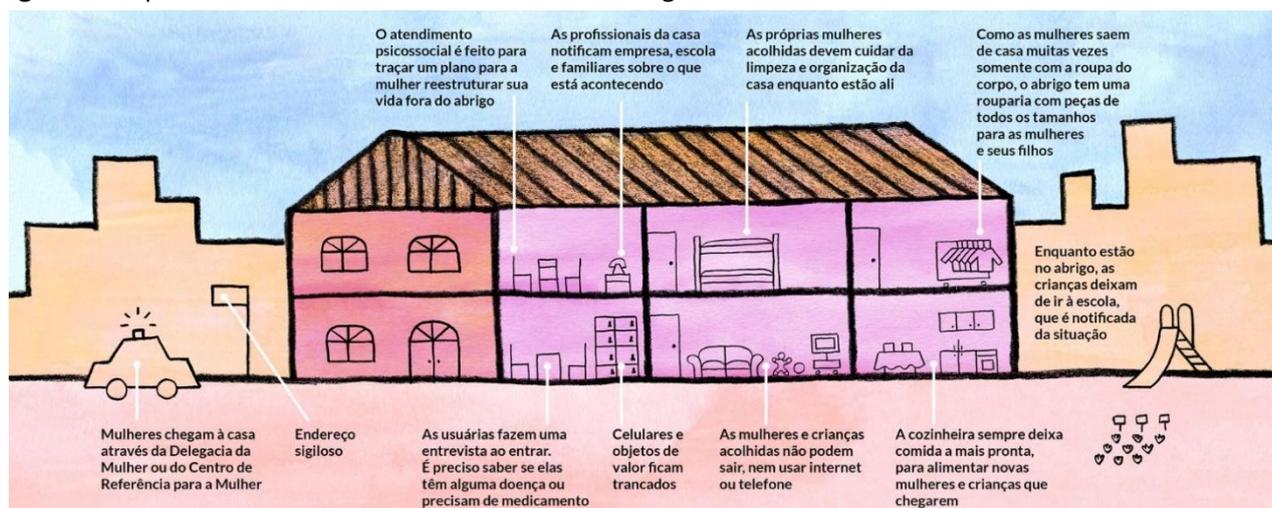
As soluções arquitetônicas no projeto deste abrigo são simples, agradáveis e humanizadas por isso, se torna um potencial arquitetônico acerca do tema. Os revestimentos quando pensado desde suas texturas para que transmitissem sensações de rigidez e aconchego, combinado aos fluxos e caminhos que se assemelhem com a rotina da mulher antes da vida no abrigo, fazendo com que ela circule por todo o complexo, trazendo ainda aberturas seguras estrategicamente posicionadas garantindo segurança e, principalmente, combinando com a implantação de um coração terapêutico em forma de praça que se torna espaço flexível, resultam em ambientes de qualidade onde, a cura acontece não apenas pelo tratamento oferecido mas também, pelos impactos positivos causados em viver neste lugar, mesmo que, por um curto espaço de tempo.

DISCUSSÃO

Por se tratar de um serviço preferencialmente sigiloso os esquemas disponíveis sempre são croquis que não comprometam a integridade do local (figura 8), os esquemas frios muitas vezes não conseguem transparecer a importância de uma arquitetura de qualidade já que ela deve vir de encontro a intenção

dessa instituição por isso, cada detalhe deve ser pensado no usuário em questão, a sensibilidade do profissional deve percorrer todas as fases projetuais bem como acontece no abrigo de Telavive, Israel.

Figura 8. esquema do atendimento feito nas Casas-Abriço.



Fonte: AzMina (2018)

A partir do esquema anterior (figura 8) junto as análises levantadas no estudo do referencial arquitetônico, foi elaborado um programa de necessidades que transpõe diretrizes de um abrigo para 20 mulheres vítimas de violência doméstica (tabela 2). O programa proposto contempla as necessidades básicas de um abrigo para mulheres vítima de violência doméstica junto aos seus dependentes, pode vir a ser um modelo de base para criação desta instituição.

Tabela 2. proposta de programa de necessidades para casa abrigo

SETOR INTÍMO	AMBIENTE	ÁREA (m²)	QNT.	ÁREA TOTAL(m²)
	DORMITÓRIO PARA 2 PESSOAS COM BANHEIRO	12,50	6	75
	DORMITÓRIO PARA 3 PESSOAS COM BANHEIRO	15,00	8	120
	DORMITÓRIO PARA 4 PESSOAS COM BANHEIRO	20,00	6	120
	TOTAL			315,00
SETOR SOCIAL	AMBIENTE	ÁREA (m²)	QNT.	ÁREA TOTAL (m²)
	SALA DE ESTAR	40,00	1	40,00
	COZINHA + REFEITÓRIO	50,00	1	50,00
	BRINQUEDOTECA	20,00	1	20,00
	ÁREA DE CONVÍVIO	X	X	X
TOTAL			110,00	
SETOR ATENDIMENTO DE	AMBIENTE	ÁREA (m²)	QNT.	ÁREA TOTAL (m²)
	SALA DA PSICÓLOGA	7,50	1	7,50
	ENFERMAGEM	10,00	1	10,00
	SALA ATEND. JURÍDICO	7,50	1	7,50

	SALA MULTIUSO	15,00	1	15,00	
	SALA INFORMATIZADA	15,00	1	15,00	
	BIBLIOTECA E SALA DE LEITURA	20,00	1	20,00	
	AUDITÓRIO	30,00	1	30,00	
	TOTAL			105,00	
SETOR SERVIÇOS	DE	AMBIENTE	ÁREA (m²)	QNT.	ÁREA TOTAL (m²)
		RECEPÇÃO	10,00	1	10,00
		SECRETARIA	7,50	1	7,50
		SALA DE REUNIÕES	7,50	1	7,50
		SANITÁRIO E VESTIÁRIO (FEM)	15,00	1	15,00
		COPA	7,5	1	7,5
		LAVANDERIA	10,00	1	10,00
		DEPÓSITO	5,00	3	15,00
		DORMITÓRIO PARA FUNCIONÁRIOS	7,50	2	15,00
		TOTAL			90,50

As pesquisas bibliográficas apresentadas contextualizam uma realidade invisível, a análise arquitetônica do complexo do amparo a vítima de violência doméstica em Telavive exemplifica abordagens favoráveis que garantam a qualidade de vida e, por fim, a elaboração do programa de necessidades amarra tais diretrizes, que poderão ser aplicadas de inúmeras formas.

É importante que as intenções de projeto para a criação da Casa-Abrigo para mulheres vítimas de violência sane as necessidades dos usuários, onde a vítima se sinta realmente em casa e acolhida. Por isso, ao projetar esse tipo de edificação o arquiteto cumpre com seu papel social, utilizando de métodos que garantam que o ambiente terapêutico seja contemplado de forma humanizada e racional.

REFERÊNCIAS

AMAZING ARCHITECTURE. **The Ada and. Tamar House - Shelter for Victims of Domestic Violence**. 15 Mai 2019. Disponível em < <https://www.amazingarchitecture.com/post/the-ada-and-tamar-house-shelter-for-victims-of-domestic-violence>> acesso em 28 fev. 2020

ARCHDAILY Brasil. **Abrigo para Vítimas de Violência Doméstica / Amos Goldreich Architecture + Jacobs Yaniv Architects" [Shelter For Victims Of Domestic Violence / Amos Goldreich Architecture + Jacobs Yaniv Architects]** 08 Jun 2018. Acessado 28 Fev 2020. <<https://www.archdaily.com.br/br/895789/abrigo-para-vitimas-de-violencia-domestica-amos-goldreich-architecture-plus-jacobs-yaniv-architects>> ISSN 0719-8906

ARCHITECTURAL DESIGN SCHOOL. **Não à Violência Abrigo / Jacobs-Yaniv Architects + Amos Goldreich Architecture**, 09 Ago. 2018. Disponível em. < <https://por.architecturaldesignschool.com/no-violence-shelter-87558>> Acesso em 28 fev. 2020

ARJONA, Reciane Cristina. **Violência Doméstica Contra Mulher**, 2019. Revista Jus Navigandi v.52, jun. 2019.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Índice Paulista de Vulnerabilidade Social**. São Paulo, 2010. Disponível em <<http://ipvs.seade.gov.br/view/index.php#>> Acesso em 20 mar 2020

BARRETOS, Clara. **Coronavírus: tudo o que você precisa saber sobre a nova pandemia**. PEBMED, 16 abr 2020. Disponível em <<https://pebmed.com.br/coronavirus-tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-a-nova-pandemia/>> Acesso em 17 abr 2020.

BECKER, Ana Paula Sesti. **Acolhimento psicológico para mulheres vítimas de violência conjugal. Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei , v. 13, n. 2, p. 1-12, ago. 2018 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082018000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 28 fev. 2020.

BRASIL. **Lei Maria da Penha. Lei n. 11.340/2006. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher**. Presidência da República, 2006.

COSTA, Rodrigo. **Índice de violência doméstica é maior para mulheres economicamente ativas, 2019**. Instituto de Pesquisa Economica Aplicada. Ipea.gov.br. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34977&catid=8&Itemid=6>. Acesso em: 17 fev. 2020.

GARCIA, Leila Posenato. **A magnitude invisível da violência contra a mulher**. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, v. 25, n. 3, p. 451-454, set. 2016. Disponível em <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742016000300451&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 fev. 2020. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742016000300001>

GOLDREICH, Amos. **Shelter for Victims of Domestic Violence**. Londres, 2019. Disponível em <<https://www.agarchitecture.net/shelter-for-victims-of-domestic-violence>> acesso em 28 fev. 2020

GOMES, Gabriela. **Aluna bauruense ganha prêmio com projeto de conscientização contra a violência feminina**. Bauru: Social Bauru, 9 jan. 2019. Disponível em: <https://www.socialbauru.com.br/2019/01/09/violencia-feminina-bauru/>. Acesso em: 22 fev. 2020.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL (GDF). **Casa Abrigo**. Distrito Federal, 2016. Disponível em: <<http://www.df.gov.br/casa-abrigo/>>. Acesso em 21 fev. 2020

LOPES, Iriny. 2011. **Rede de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres**. Brasília: Ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres.

MAGALHÃES, Amanda. **Quarentena com o inimigo: o aumento dos índices de violência doméstica em tempos de Covid-19**. Rio de Janeiro, 16 abr de 2020. Disponível em <<https://www.migalhas.com.br/depeso/324827/quarentena-com-o-inimigo-o-aumento-dos-indices-de-violencia-domestica-em-tempos-de-covid-19>> Acesso em 19 de abr de 2020

MLAMBO-NGCUKA, Phumzile. **Violência contra mulheres e meninas é pandemia das sombras**. ONU Mulheres, 08 abr 2020. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/artigo-violencia-contra-mulheres-e-meninas-e-pandemia-das-sombras/>> Acesso em 20 de abr de 2020.

MORAIS, Pamela. **7 direitos das mulheres negados ao redor do mundo**. Politize!, 02 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/7-direitos-das-mulheres-negados-no-mundo/#toggle-id-1>> Acesso em 05 mar 2020

ONU MULHERES. **Violência contra as mulheres é 'pandemia global'**. ONU Brasil, 2019. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/violencia-contra-as-mulheres-e-pandemia-global-diz-chefe-da-onu/>>. Acesso

em: 18 fev. 2020.

SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES / PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (SPM/PR). **Diretrizes Nacionais para o Abrigamento de Mulheres em Situação de Risco e Violência**. Brasília: Assessoria de Comunicação da Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2011b.

SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES / PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (SPM/PR). **Rede de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres**. Brasília: Assessoria de Comunicação da Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2011a.

YANIV, Jacobs. **SHELTER FOR BATTERED WOMEN**. Israel, 2016. Disponível em < <http://www.jacobs-yaniv.com/projects/shelter-for-battered-women/>> Acesso em 28 fev. 2020

CULTURA E ARTE URBANA COMO INSTRUMENTOS DE REINserÇÃO DA POPULAÇÃO MARGINALIZADA EM REGIÃO CONSAGRADA DA CIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE – SP

Isadora Aparecida Leal Faria, Fabrícia Dias Da Cunha De Moraes Fernandes.

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: isadorafaria16@hotmail.com

RESUMO

A Cultura Urbana e a Arte Urbana atualmente são instrumentos influenciáveis nas paisagens urbanas e nas vivências dos espaços pela população, retratando o cotidiano e a realidade das cidades, atende ainda a necessidade de uma fácil identificação entre as massas heterogêneas urbanas as quais não se familiarizam com os cânones da cultura tradicional, juntamente com os centros culturais, que possuem papéis significativos aos contextos e regiões onde estão inseridos. Na cidade de Presidente Prudente - SP é possível encontrar locais de cultura e lazer, porém ainda tidos por parte da população como elitizados, ao passo em que coletivos e movimentos urbanos de jovens aumenta na cidade, sem espaços adequados. O presente trabalho realiza o mapeamento de alguns desses movimentos e coletivos, para propor um local ideal de implantação de um Centro de Arte Urbana com o intuito de reinserção e afirmação identitárias da população prudentina de baixa renda em contextos aos quais ela ainda não exista, mas que deva existir por direito. A metodologia usada consistiu na realização de estudos bibliográficos, documentais e mapeamento.

Palavras-chave: Cultura Urbana, Arte Urbana, Centro Cultural, Movimentos e Coletivos Urbanos, Presidente Prudente - SP.

URBAN CULTURE AND URBAN ART AS INSTRUMENTS FOR THE REINserATION OF THE MARGINALIZED POPULATION IN TE CONSECRATED REGION OF THE CITY OF PRESIDENTE PRUDENTE – SP

ABSTRACT

Urban Culture and Urban Art are currently influential instruments in urban landscapes and in the experiences of spaces by the population, portraying everyday life and the reality of cities, it also meets the need for easy identification among the heterogeneous urban masses that they are not familiar with. the canons of traditional culture, together with cultural centers, which have significant roles to the contexts and regions where they are inserted. In the city of Presidente Prudente - SP it is possible to find places of culture and leisure, but still considered by the population to be elite, while collectives and urban youth movements increase in the city, without adequate spaces. The present work maps out some of these movements and collectives, in order to propose an ideal location for the implantation of an Urban Art Center with the aim of reinserting and affirming the identity of the low-income prudentine population in contexts where it does not yet exist, but it must exist by right. The methodology used consisted of bibliographic, documentary and mapping studies.

Keywords: Urban Culture, Urban Art, Cultural Centers, Moviments and Collectives Urban, Presidente Prudente – SP.

INTRODUÇÃO

A Cultura Urbana e as artes advindas do cotidiano urbano das cidades, são instrumentos cada vez mais familiarizados por uma grande massa excluída e periférica a qual não possui acesso a demais meios que promovam ações artísticas e culturais. Essa cultura nasce na rua, e transforma manifestações que reproduzem a realidade cotidiana dos menos favorecidos, em coletivos e movimentos que absorvem da luta pela democracia dos espaços, artifícios para se transformarem em arte. Porém ao passo que esses

coletivos aumentam, os espaços destinados a eles se esgotam sendo assim, uma vez que a cultura está diretamente ligada ao desenvolvimento socioeconômico da sociedade, os espaços que as fornecem se fazem de extrema importância.

Em Presidente Prudente o cenário citado acima é o mesmo, é possível encontrar espaços destinados a cultura e ao lazer, que ainda são bastante elitizados e conseqüentemente locais segregacionistas, atendendo uma parcela pequena da população e não sendo ocupados e pertencidos por todos. Tendo como ponto de partida estas questões, é proposto no presente trabalho um centro cultural que promova a cultura e a arte urbana nas proximidades do Parque do Povo de Presidente Prudente (região consagrada), ao qual forneça espaços de coletividade, convivência e ainda integração e fluidez em relação ao parque.

CULTURA E ARTE URBANA

A cultura sendo um instrumento pelo qual nós humanos nos fazemos humanos, ao que diz respeito as relações, de todos os tipos, e que temos com os diversos indivíduos na sociedade, instrumento também pelo qual pertencemos e nos identificamos em determinados grupos, sejam eles políticos, religiosos, econômicos, artísticos e outros. É nesta atmosfera de diferentes relações e grupos, que nos deparamos com a cultura como um divisor de valores e tendenciosamente discriminatória. No embargo desses discursos se gera a concepção de padrões culturais, e conseqüente a marginalização social e espacial de tantas outras (PALLAMIN, 2000).

Salvo os locais aos quais já conhecemos como difusores da cultura em todos os sentidos eruditos da palavra, existem também espaços que foram socialmente construídos e percebidos ao longo do tempo, por uma massa, onde é possível o convívio e o relacionamento entre indivíduos socialmente e culturalmente diferentes. É, portanto, desse viés de signos e códigos compartilhados nos espaços públicos que a cultura urbana se faz presente (URIARTE, 2011).

Segundo Pallamin (2002), a relação entre ações artísticas e ambientes públicos urbanos são de extrema importância, e tem como instrumento eficaz a arte urbana, e assim, através dela os espaços se desviam do caminho estetizado e começam a significar e reforçar as dinâmicas reais das diversas classes, inclusive das menos favorecidas. Na esfera da sua tematização se revela o que realmente constitui o espaço público e toda a movimentação de democratização e cidadania que são atribuídas a ele.

De tal perspectiva, a arte urbana sobreleva tal lateralidade que, por vezes, a tem caracterizado na prática artística tomada em termos mais amplos. Nessa sua acepção procura enfatizar a via pela qual os valores da arte contemporânea não são vistos separadamente de problemas da vida urbana e cotidiana. Sua concreção estética, as significações e os valores com os quais trabalha, incitam ao questionamento sobre como e por quem os espaços da cidade são determinados, que imagens, representações e discursos são aí dominantes, quais ações culturais contam ou quem tem exercido o direito à fruição, à participação e à produção cultural (PALLAMIN, 2002, p. 106).

A arte urbana tem como uma de suas funções a “prática crítica” segundo Pallamin (2002, p. 107), trazendo consigo a ressignificação dos espaços urbanos, mostrando seu poder político, e manifestando simbolicamente sua importância.

As obras de arte encontradas nos muros e ambientes urbanos, são, muitas vezes, o primeiro contato e identificação com a cultura para aqueles que não possuem oportunidades de visitarem lugares como museus e galerias, a arte de rua, como o próprio nome já revela, espelha a vida e o cotidiano das pessoas na cidade real, do modo como se portam e se colocam em sociedade e de suas experiências, com isso se tem uma fácil identificação e sensação de pertencimento das diversas camadas sociais nos mais variados ambientes urbanos (PALLAMIN, 2000).

Em suma, é instrumento da cultura das cidades, que para além do fato desta ser formada por diferentes grupos heterogêneos, ela também diz respeito a forma como eles se relacionam homogeneamente, que ainda Segundo Pallamin (2000, p. 23), “a arte urbana é uma prática social”, e à ela confere a maneira de como os diferentes indivíduos se apropriam do espaço urbano e a forma de como cultura e política permeiam sobre os diversos grupos da cidade sendo importante artifício público e

simbólico, enuncia muito sobre relações interpessoais, e sobre a relação do público com o espaço e da memória histórica do mesmo.

CENTROS CULTURAIS E SUA IMPORTÂNCIA SOCIAL

Os centros culturais atuam como um sistema institucional importante para o desenvolvimento de uma população, uma vez que cria laços aos ambientes urbanos em que estão inseridos e também por serem um dos principais pontos de lazer nas comunidades. Além de contribuir para a formação educativa das pessoas, também se fazem presentes na carreira profissional dos artistas locais, que produzem ações artísticas direcionadas a essa população, inclusive a mais carente.

Os centros culturais são instituições criadas com o objetivo de se produzir, elaborar e disseminar práticas culturais e bens simbólicos, obtendo o status de local privilegiado para práticas informacionais que dão subsídios às ações culturais. São espaços para se fazer cultura viva, por meio de obra de arte, com informação, em um processo crítico, criativo, provocativo, grupal e dinâmico (NEVES, 2013, não paginado).

O carácter popular, e de relações heterogêneas dos centros de cultura, destina, de forma espontânea, esses espaços a regiões menos favorecidas e que sofrem com as segregações espaciais e sociais. Em contrapartida nos deparamos com a cultura erudita que leva esses espaços para os centros urbanos elitizados, reforçando os conceitos de alta cultura e marginalizando as demais. De espanto os centros culturais elitizados não perdem sua função e poder de inovação, mas de certeza fere seus objetivos principais baseados na diversidade (NEVES, 2013).

Toda informação, e o poder de criação e autonomia que os centros culturais proporcionam para os indivíduos sociais, afeta de maneira significativa, no desenvolvimento pessoal, coletivo e econômico dos mesmos. Lapidam capacidades já existentes e os transforma em agentes importantes da manutenção das cidades. Oferece conhecimento erudito aos marginalizados e os conscientizam da própria pobreza, e os instigam a reconhecer os verdadeiros culpados da sua real situação (MILANESI, 1997).

Para além, os espaços culturais se tornam artifícios disciplinadores, principalmente para a população mais jovem, disseminando possibilidades e caminhos para uma vida mais justa, de qualidade e igualitária, e partindo disto a obtenção de uma sociedade mais desenvolvida, e conseguinte, cidades também desenvolvidas. Os centros culturais traçam as ações sociais e artísticas, inserido e reinserindo, as pessoas aos locais e aos cenários urbanos a que elas pertencem por direito, e revela como e por quem devem ser ocupados.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada teve como base pesquisas qualitativas bibliográficas e documentais, uma vez que se fez necessário o entendimento da cultura e da arte urbana em relação aos indivíduos e os espaços urbanos, e também pesquisas relacionadas aos centros culturais e sua importância social, e posteriormente um levantamento em campo tendo como escala a cidade de Presidente Prudente, e o mapeamento de coletivos e movimentos nos espaços públicos para melhor compreensão espacial e social dos equipamentos de lazer e de cultura da cidade.

Assim adquiriu-se o entendimento das formas como a população ocupam estes espaços e de como se identificam com eles, além de analisar a região de reinserção consagrada escolhida, para que possíveis condicionantes em relação ao seu carácter integrador fossem sanadas.

DISCUSSÃO

Os espaços de maiores capacidades e concentração voltadas ao lazer e a cultura, atualmente na cidade de Presidente Prudente são o Parque do Povo e o Sesc Termas ambos públicos, mas que não se fazem tão acessíveis a uma grande maioria da cidade, tanto pela sua localização privilegiada na malha urbana, quanto pela sua utilização pela elite prudentina. Para os indivíduos residentes das regiões mais periféricas da cidade (fruto da expansão sentido oeste da mesma), o acesso a estes espaços são dificultados, uma vez que os munícipes dependem dos transportes públicos, que não possuem qualidade

efetiva para os deslocamentos, conseqüentemente sendo árdua a tarefa de se locomover para tais espaços de lazer (HAGA; ALBANO, 2017).

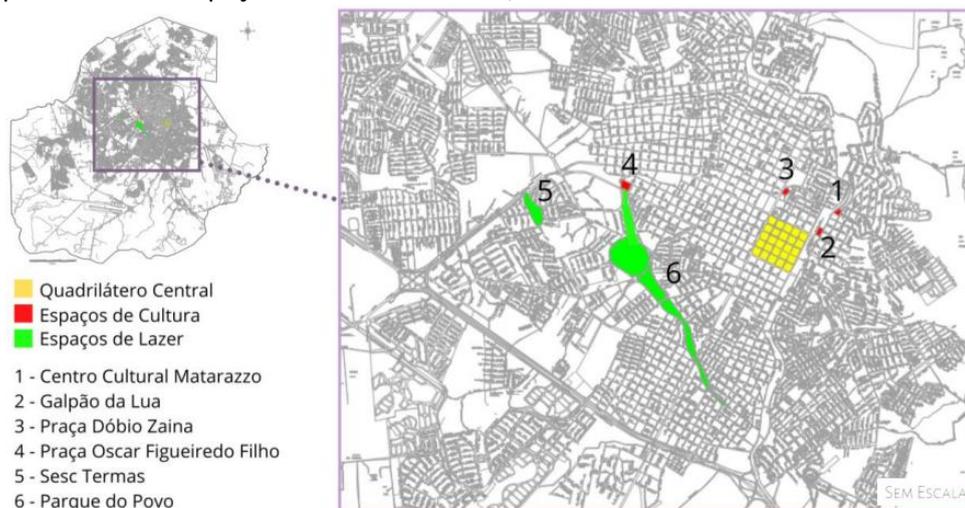
Ainda que o Sesc Termas e o Parque do povo tenham um distanciamento espacial e social, em relação a parcela leste da cidade, é possível notar grupos, principalmente de jovens, que resistem a esses impasses segregacionistas, e que frequentam e ocupam de forma efetiva, e de direito, esses espaços tidos como elitizados da cidade. Para além dos espaços já normatizados como promovedores de cultura e lazer já citados, percebe-se atualmente uma grande movimentação 52 cultural em locais que anteriormente não tinham a difusão da cultura e da arte como função original.

Os diferentes grupos da cidade passaram a utilizar e ocupar diversos espaços públicos de Presidente Prudente, no intuito de pertencer e de se tornarem agentes da formação da cidade e da sua paisagem urbana. Na contramão da cultura tradicional, que os espaços normatizados de cultura já consagrados da cidade fornecem, esses movimentos incorporam na mesma as culturas urbanas e a arte de rua como forma de fácil identificação de uma massa tida como marginalizada.

Abordaremos movimentos e espaços culturais, aos quais estão ganhando destaque no cenário cultural urbano de Presidente Prudente, e que possuem objetivos, como reinserção dos indivíduos as centralidades da cidade, e a requalificação dos ambientes urbanos, assim como a utilização de espaços antes despercebidos e a democratização de todos eles. Na Figura 1 são mapeados estes espaços, incluindo os já citados, que consiste nos espaços culturais e de lazer mais utilizados da cidade.

No mapa estão localizados além dos equipamentos culturais e de lazer já mencionados, é também mapeados outros espaços da cidade que promovem manifestações artísticas e culturais que se desviam do tradicional, e se baseiam na realidade da vida urbana como o Galpão da Lua (Figura 20), ponto de cultura que reside em um galpão antigo na linha férrea, a Praça Dóbio Zaina que se tornou espaço para manifestações de um coletivo chamado Slam Quilombo de Dandara, e a Praça Oscar Figueiredo Filho, onde semanalmente acontece batalhas de rimas do projeto chamado Batalha do Vale 018.

Figura 01 Mapeamento dos espaços culturais e de lazer, mais relevantes na cidade de Presidente Prudente



Fonte: Prefeitura de Presidente Prudente 2016; elaborado pela autora (2020).

Para além destes movimentos aos quais vem ganhando o cenário prudentino, ainda existem diversos outros coletivos aos quais atuam em diversas áreas da cidade, maioritariamente formado por jovens, e que possuem como objetivo desenvolvimento cultural, social e econômico, como feiras de mulheres, campeonatos de skates e outros não normatizados e que ainda não são tão disseminados e reconhecidos, mas que são importantes vínculos de criação e formação das paisagens urbanas da cidade.

Reflete-se que, estes movimentos poderiam acontecer naturalmente sobre o contexto aos quais lhes são atribuídos, reafirmando as identidades e vínculos afetivos dos locais periféricos perdidos ao longo do tempo, mas que existem de tal maneira, de outra perspectiva a migração destes movimentos aos locais antes julgados como elitizados, se fazem de suma importância, pois afirmam a identidade e a sensação de

pertencimento aos demais espaços da cidade em relação a população periférica que anteriormente não existiam, mas que devem ser promovidas por direito e pela cidadania.

O Parque do Povo, uma vez que se concebe como espaço significativo da cidade, atrai um público diversificado, possuindo diferentes manifestações e usos, se tornando local ideal para reafirmações identitárias de uma população que ainda não se sente pertencente. Esta falta de sensação de pertencimento de camadas mais vulneráveis ao Parque do Povo, segundo Bortolo (2013), tem relação direta a atmosfera capitalista que o parque carrega, ou seja, só se faz pertencente a ele aqueles que participem do consumo monetário do mesmo.

Contudo o Parque do Povo, de toda forma, faz com que seus signos criem vínculos fortes de identidade com seus usuários prudentinos que o frequentam regularmente, e até mesmo aos que periodicamente usufruem do lugar, gerando uma concepção de pertencimento dos munícipes, que enxergam o parque como motivo de orgulho da cidade, para além, essas diversas formas de apropriação deste espaço, gera conflitos de interesses, manifestações e fusão de classes, importantes para a fomentação das dinâmicas da função social que o Parque do Povo representa, gerando ainda um ciclo fechado dessas interações, que se fazem necessárias para a significação do mesmo (SOBARZO, 2004).

RESULTADOS

O mapeamento dos equipamentos de lazer e cultura da cidade de Presidente Prudente mais frequentados pelos munícipes e principalmente da população jovem através dos movimentos e coletivos, norteou a região consagrada da cidade, a qual propõe-se a inserção de um Centro de Arte Urbana. Sendo assim temos o Parque do Povo (figura2) como um importante equipamento integrador neste contexto, mas que ainda se fragmenta ao longo do seu percurso, possuindo perfis diferentes em cada um deles.

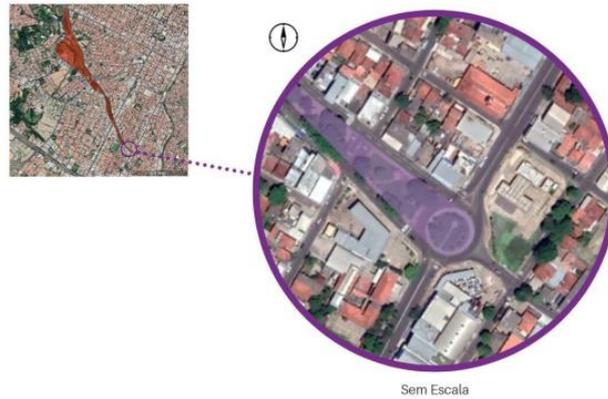
Figura 02. Parque do Povo de Presidente Prudentes-SP.



Fonte: Google Earth, editado pela autora (2020).

Analisando as faces e fragmentos do Parque do Povo é possível notar uma ocupação e movimentação menos intensa ao final sul da sua extensão, não sendo tão utilizada como o resto do parque, e deste modo despertando o interesse de reativação deste espaço, e da reintegração dos jovens periféricos às centralidades da cidade, através de um local que reproduzam as suas identidades.

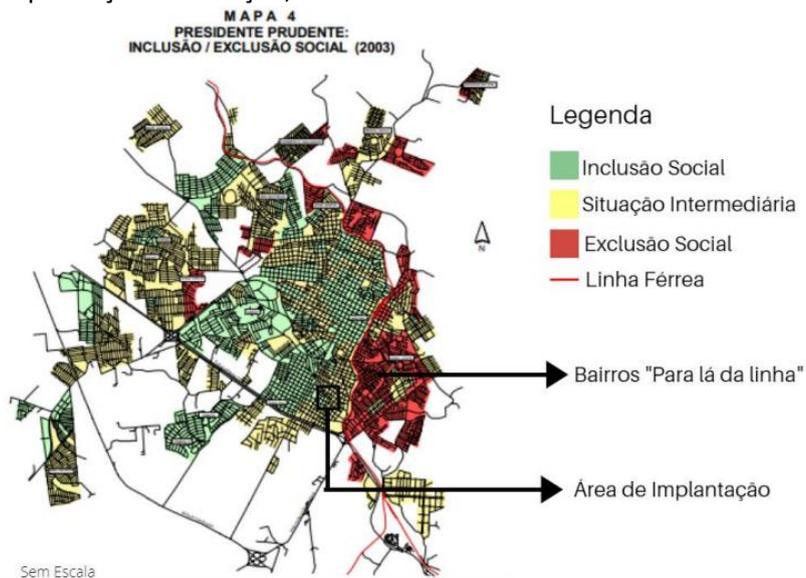
Figura 03. Região escolhida (fragmento sul do Parque do Povo)



Fonte: Google Earth, editado pela autora (2020).

Como consequência do interesse por locais às margens do Parque do Povo, surge a preocupação em relação ao carácter integrador do espaço, uma vez que muitas pessoas não possuem um acesso facilitado a este equipamento. Para que esta condicionante seja solucionada, incluímos a Avenida Brasil, via importante de acesso dos bairros ditos como “para lá da linha” aos quais possuem maior vulnerabilidade social, ao restante da cidade, inclusive ao Parque do Povo – percursora da escolha do sítio.

Figura 4. Região de implantação em relação, aos bairros de maior vulnerabilidade.



Fonte: Oscar Miño (2004), editado pela autora (2020).

A partir das análises apresentadas é proposto a inserção de um centro cultural que fomente ações e movimentos culturais e artísticos urbanos na região escolhida, como forma de reinserção e afirmação identitárias de uma população desfavorecida da cidade, gerando o sentimento de pertencimentos e ocupação efetiva destas classes sociais aos meios consagrados, o que de fato são de direito de todos os integrantes da sociedade.

Este centro cultural que usa como artifício de acolhimento da população mais vulnerável a cultura urbana, deve promover ainda um espaço de integração direta como o Parque do Povo, por meio de uma fluidez de circulação ou até mesmo de extensão do fragmento sul do mesmo, para que ambos, parque e centro cultural, atraiam públicos diversificados aos dois espaços de forma ainda mais democráticas, consistindo em um meio físico de estética contemporânea (corriqueira de espaços culturais) e ao mesmo tempo carregada de significados e similaridade com tipologias periféricas e/ou tradicionais.

CONCLUSÃO

A cultura e arte urbana e os centros culturais, como elementos separados, são importantes equipamentos em contextos reais e vulneráveis das cidades, sendo artifícios de reafirmação identitárias das classes desfavorecidas, sendo estas identidades de fato já existentes e reconhecidas, sendo necessário apenas a sua retomada, uma vez que é deixada de lado em uma atmosfera de dificuldades diárias enfrentadas por essa população.

Porém em contrapartida o presente trabalho apresentou a necessidade da junção destes dois equipamentos e de sua inserção em ambientes consagrados da cidade e que gozem de diferentes usos (maioritariamente frequentados pela elite), atraindo uma população mais carente e periférica, diferenciando o contexto atribuídos a ela no intuito, não de reafirmação, mas de afirmação de identidades as quais ainda não existam, contribuindo ao conhecimento, pertencimento e democratização de direito destas pessoas a quaisquer ambientes públicos da cidade.

REFERÊNCIAS

BORTOLO, C. O Espaço Público do Parque do Povo - Presidente Prudente sp: Reflexões Geográficas. **GeoAltos**, Presidente Prudente, n. 13, v.1, p. 50-65, 2013. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/2306>. Acesso em: 27 de mar. 2020.

HAGA, J. ALBANO, M. Escolha de uma nova área para implantação de um centro de cultura e lazer em Presidente Prudente- SP. **Colloquium Socialis**, Presidente Prudente, v. 01, n. Especial, p.175-181 jan/abr 2017. Disponível em: <https://www.unoeste.br/site/enepe/2016/Anais/CienciasSociaisAplicadas/05-Arquitetura.pdf>. Acesso em: 27 de mar. 2020. <https://doi.org/10.5747/cs.2017.v01.nesp.s0028>

MILANESI, L. **A casa da invenção: Biblioteca, Centro Cultural**. 4ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/38758259/milanesi-a-casa-da-invencao>. Acesso em: 10 de mar. 2020.

NEVES, R. Centro Cultural: a Cultura à promoção da Arquitetura. **Especialize**, Goiânia, v. 01, n. 005, Jul. 2013. Disponível em: <http://www.ipoggo.com.br/uploads/arquivos/55d81f6d4bcb86ffeb259195254b6ff5.pdf> Acesso em: 06 de mar. 2020.

PALLAMIN, V. **Arte urbana: São Paulo: Região Central (1945-1998) obras de caráter temporário e permanente**. São Paulo: ANNABLUME, FAPESP: 2000. Disponível em: http://www.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/09/arte_urbana_livro.pdf. Acesso em: 20 de fev. 2020.

PALLAMIN, V (org.). **Cidade e Cultura: esfera pública e transformação urbana**. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2002, 118 p. Disponível em: http://fau.usp.br/arquivos/docentes/vpallamin/cidade_cultura.compressed.pdf. Acesso em: 16 de fev. 2020.

SOBARZO, O. **Os espaços da sociabilidade segmentada: a produção do espaço público em Presidente Prudente**. 2004. 224 f. Tese (Doutorado em Geografia) Presidente Prudente: UNESP/FCT, 2004. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/105050>. Acesso em: 29 de mar. 2020.

URIARTE, U. Cronistas da cidade e cultura urbana em inícios do século XX: Os costumbristas de Lima e João do Rio. **Ponto Urbe**, São Paulo, v. 9/2011, n.9, 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/254>. Acesso em: 18 de fev. 2020.

DANIEL LIBESKIND E A INCORPORAÇÃO DA ESSÊNCIA EMOCIONAL NA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA

Rebeca Maria Silva Zago, Caroline Lima Zavatieri, Korina Aparecida Teixeira Ferreira Da Costa

Universidade do oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: rebecazago@hotmail.com

RESUMO

O Desconstrutivismo foi um elo da corrente da arquitetura pós-moderna, reconhecido em 1988, tendo como base o Suprematismo e o Construtivismo russo e a filosofia de Desconstrução de Jacques Derrida. Apareceu como forma de quebrar as convenções espaciais impostas pelo modernismo, desconstruindo todo o tipo de noção limitadora convencional dos espaços. O estudo elaborado nesse artigo apresenta uma metodologia de pesquisa qualitativa, onde foram recolhidas informações que auxiliaram no desenvolvimento das análises, conforme o método de triangulação de dados de Minayo. Daniel Libeskind ficou conhecido pelo trabalho desconstrutivista, suas obras são instantaneamente reconhecidas ao usar formas geométricas e ângulos que se intersectam, além de vazios e cores, o arquiteto transfere para o seu trabalho a memória cultural. Uma de suas principais obras foi o Pavilhão de Vanke, na cidade de Milão, que incorpora três ideias da cultura chinesa relacionada a shitang, sala de jantar chinesa; a paisagem, elemento essencial para a vida; e o dragão, relacionado à agricultura e ao sustento. O arquiteto incorpora a memória, a tecnologia e a sustentabilidade em suas obras por meio das formas não lineares, ângulos ousados, curvas, cores, vazios e o trabalho com a luz.

Palavras-chave: Desconstrutivismo, Jacques Derrida, pós-modernismo, contemporaneidade, Pavilhão de Vanke.

DANIEL LIBESKIND AND THE INCORPORATION OF EMOTIONAL ESSENCE IN CONTEMPORARY ARCHITECTURE

ABSTRACT

Deconstructivism was a link in the chain of postmodern architecture, recognized in 1988, based on Suprematism and Russian Constructivism and Jacques Derrida's philosophy of Deconstruction. It appeared as a way of breaking the spatial conventions imposed by modernism, deconstructing all kinds of conventional limiting notions of spaces. The study prepared in this article presents a qualitative research methodology, where information was collected that helped in the development of the analyzes, according to Minayo's data triangulation method. Daniel Libeskind became known for his deconstructivist work, his works are instantly recognized when using geometric shapes and intersecting angles, as well as voids and colors, the architect transfers cultural memory to his work. One of his main works was the Vanke Pavilion in the city of Milan, which incorporates three ideas from Chinese culture related to shitang, a Chinese dining room; the landscape, an essential element for life; and the dragon, related to agriculture and livelihood. The architect incorporates memory, technology and sustainability in his works through non-linear shapes, bold angles, curves, colors, voids and working with light.

Keywords: Deconstructivism, Jacques Derrida, postmodernism, contemporaneity, Vanke Pavilion.

INTRODUÇÃO

O Desconstrutivismo foi uma corrente arquitetônica pós-moderna, reconhecido em 1988, em Nova Iorque, através de uma série de exposições e debates no MoMA. Teve como base por um lado, o Suprematismo e o Construtivismo russo e por outro lado a filosofia de Desconstrução de Jacques Derrida. Foi primeiramente aplicado no sentido literário, nas décadas de 60 e 70, onde inúmeros arquitetos

tentaram reinterpretar e aplicar à arquitetura, contando com a participação do próprio Derrida (BRITO, 2018).

Segundo Derrida (1986), um dos gestos da desconstrução é não naturalizar o que não é natural, não assumir como natural o que é condicionado pela história, pelas instituições ou pela sociedade. A desconstrução não acontece do exterior para o interior, é uma operação que já está a acontecer no interior do trabalho.

Em 1988, o MoMA lançou a exposição *Deconstructivist Architecture*, que procurava definir as tendências arquiteturais emergentes através de uma série de projetos de sete arquitetos europeus e americanos: Frank Gehry, Daniel Libeskind, Rem Koolhaas, Peter Eisenman, Zaha Hadid, Bernard Tschumi e Coop Himmelblau. Tinham em comum uma linguagem dinâmica de formas abstratas, refletindo a preocupação intelectual com a desconstrução aplicada na arquitetura e desafiando as formas puras da arquitetura modernista no início do século XX (BRITO, 2018).

Segundo Brito (2018) o desconstrutivismo apareceu como forma de quebrar as convenções espaciais impostas pelo modernismo e pós-modernismo, desconstruindo todo o tipo de noção limitadora convencional dos espaços. À medida que este movimento progrediu, também as tecnologias de representação digital evoluíram e os arquitetos, em especial Rem Koolhaas, Daniel Libeskind, Diller Scofidio, Herzog, Pierre de Meuron e Zaha Hadid, aliaram a tecnologia aos seus projetos.

A pesquisa sobre o Desconstrutivismo é importante para compreender o papel da arquitetura no mundo contemporâneo, onde os profissionais da área possuem mais liberdade de criação por conta das tecnologias modernas e dos inúmeros materiais e técnicas construtivas exploradas até hoje. Sendo assim, esse artigo procura entender a metodologia desconstrutivista e como é incorporada no meio urbano atual, e como essa corrente rompe com a tradição sem abandonar a memória local dos edifícios.

MÉTODOS

Os estudos e análises realizadas nesse artigo foram pautados na metodologia de pesquisa qualitativa. Foi realizada uma revisão de literatura sobre o desconstrutivismo, o arquiteto Daniel Libeskind e suas principais obras, seguido de uma análise específica e aprofundada sobre o Pavilhão de Vanke, contendo análise do local onde a obra foi implantada e análise formal, funcional e estrutural, assim como o rompimento com a tradição. O estudo foi efetuado como parte das avaliações da disciplina Arquitetura Contemporânea, visando salientar essa busca do rompimento com a tradição por meio desta corrente arquitetônica.

Obtivemos informações através de diversas fontes, sendo a principal delas, a coletânea “Uma nova agenda para arquitetura”, de Kate Nesbitt (2008), onde conta com argumentos e reflexões de autores como Jacques Derrida, Bernard Tschumi, Peter Eisenman e Robert Mugerauer, de onde recolhemos informações sobre o desconstrutivismo e estudos arquitetônicos que ajudaram nas análises formais, funcionais e estruturais.

A grande parte do conteúdo e informações da vida pessoal do arquiteto, tanto quanto a sua carreira e sua importância na arquitetura, foram recolhidos de seu site Studio Libeskind. Já as informações de suas obras, além do site do arquiteto, foram consultados sites de autores confiáveis e que possuem informações relevantes ao artigo, sendo alguns destes Archdaily, Vitruvius, Arquitecturismo, Arcoweb e Arch20, que serviram para apresentar informações necessárias e indispensáveis, também auxiliando no desenvolvimento do artigo e das análises realizadas no mesmo.

Após a coleta de dados de revisão de literatura, destacadas acima, desenvolveu-se a triangulação dos dados, conforme apresenta Minayo (2005), que tal método é capaz de estabelecer as devidas relações entre os conteúdos decorrentes de uma pesquisa teórica e uma análise prática, através de múltiplos pontos de vista e assim, pode-se efetuar um estudo analítico, focado nos aspectos do rompimento da tradição presente nas obras de Daniel Libeskind, cujo estudo partiu da investigação das suas principais produções, focando na peculiaridade decorrente da liberdade de expressão e dos aspectos desconstrutivistas presentes. em consonância com o funcionalismo e a busca pela diminuição nos impactos ao meio ambiente.

RESULTADOS

Derrida e o desconstrucionismo têm tido grande influência na teoria da arquitetura e na atividade projetual desde os anos 1980. Chama a atenção para a intersecção entre filosofia e arquitetura, para o fato de o pensamento filosófico recorrer a modelos urbanísticos e arquiteturais, e também analisa oposições para mostrar que eles não são naturais (DERRIDA, 1950).

A grande questão da arquitetura é a do lugar e ter lugar no espaço, o próprio conceito de desconstrução parece ser uma metáfora arquitetônica. Costuma-se dizer que a atitude desconstrutiva é negativa, muitas vezes é isso o que acontece não se trata simplesmente da técnica de um arquiteto que sabe como desconstruir aquilo que foi construído, mas de uma investigação que se refere diretamente à própria técnica, à autoridade da metáfora arquitetônica e que, portanto, institui sua própria retórica arquitetônica (DERRIDA, 1950).

Conforme Bernard Tschumi (1980), a progressiva redução da massa volumétrica das construções ao longo de séculos representou para os arquitetos a possibilidade de compor, decompor e recompor volumes arbitrariamente, segundo leis formais e não estruturais. O interesse do modernismo pelo efeito das superfícies privou ainda mais os volumes de sua substância material. Há uma evidente mudança no status da arquitetura, em sua relação com a sua linguagem, os materiais que a compõem, e com os indivíduos ou sociedades.

Peter Eisenman vê o campo da semiótica e dos pressupostos estruturalistas, pretende libertar a cultura arquitetônica da monotonia da retórica arquitetônica clássica, utilizar as liberdades que a disciplina potencialmente disponibiliza. Desse modo, se inicia a aceitação à qualidade ficcional da realidade e à qualidade real da ficção. A cultura, a história e a arquitetura não são fixas ou meramente aditivas, mas são um processo constante de reiteração e simultânea deslocalização que, a cada momento, modificam o significado e a estrutura do instante anterior (EISENMAN, 1987).

Segundo Mugerauer (1986), Derrida assimila a desconstrução com os deslocamentos, sendo estrategicamente algo que consiste em se modificar perante o entorno e com muitos meios de interpretação. Exemplifica que a arquitetura moderna e principalmente a pós-moderna, fora uma desconstrução da nossa compreensão tradicional projetual, onde observamos as formas e o modo a construir, assim desconstruindo a própria arquitetura para um novo meio de interpretação e construção.

Nascido na Polônia, em 1946, Daniel Libeskind teve uma infância difícil, já que ele e sua família foram perseguidos pelo Partido Comunista por serem judeus e seguirem uma ideologia diferente. Assim, eles se mudam para Israel quando Libeskind tinha 11 anos. Vivem no país por dois anos e, em seguida, se estabelecem nos Estados Unidos e se estabeleceu no Bronx (PAPOCA, 2019).

Recebeu uma bolsa de estudos da Fundação Cultural Americano-Israel e atuou como virtuoso musical, antes de finalmente deixar a música para estudar arquitetura. Em 1970, recebeu seu diploma profissional em arquitetura da Cooper Union para o Avanço da Ciência e Arte e logo após realizou sua pós-graduação em história e teoria da arquitetura pela Escola de Estudos Comparados da Universidade de Essex, na Inglaterra, em 1972 (LIBESKIND, 2020).

Segundo Papoca (2019) o arquiteto já casado com Nina Lewis, passa a dar aulas em diferentes universidades espalhadas pelo mundo. Em 1989, ele se muda para Berlim, ano no qual vence um concurso para expandir o Museu Judaico de Berlim. Ao se mudar para Nova York, rapidamente se envolveu no projeto e na realização de um grande número de centros comerciais, como Westside em Berna, Crystals em Las Vegas e Ko-Bogen em Düsseldorf, além de torres residenciais em Busan, Cingapura, Varsóvia, Toronto, Manila e São Paulo.

Conhecido pelo trabalho desconstrutivista, caracterizado por desenhos e formas não lineares. As obras de Daniel Libeskind são instantaneamente reconhecidas ao usar, de forma inusitada, formas geométricas e ângulos que se intersectam, além de fragmentos, vazios, cores e luzes, o arquiteto transfere para o seu trabalho a evocação da memória cultural, reconhecível pelas formas angulares e planos que se interseccionam, apresenta mais de 20 edifícios concluídos e muitos outros atualmente em construção em todo o mundo (PAPOCA, 2019).

Figura 1. Centro de Mídia Criativa Run Run Shaw

Fonte: (Dezeen, 2011)

O Run Media Shaw Creative Media Center (Figura 1) é um edifício acadêmico no campus da City University de Hong Kong, que foi construído em 2011. Está localizado na Avenida Tat Hong, Kowloon Tong, Kowloon, ao norte do campus principal da City University. Um design elegante e de baixa tecnologia colocado a serviço da invenção de alta tecnologia. Este edifício cristalino de nove andares foi projetado para acomodar uma variedade de ambientes flexíveis para pesquisa e experimentação (LIBESKIND, 2010).

Figura 2. Iluminação natural

Fonte: (Gollings Photography, 2011)

Cada espaço, independente ou aberto, é único. A dramática escada central gira em espiral para cima, com voltas e curvas irregulares, criando espaços inesperados de encontro. Janelas assimétricas cortam as paredes de salas de aula, salas de aula e laboratórios de informática, permitindo que a luz natural (Figura 2) encha até as salas mais internas do Centro. Os espaços são projetados para incentivar trocas inesperadas e colaboração espontânea (LIBESKIND, 2010).

Segundo Vieira (2011) a estrutura, típica de Libeskind, é um concreto e aço sólido cristalino irregular e dinâmico. Esse design exclusivo aproveitou abordagens passivas de design e métodos simples de construção para elevar seu desempenho em sustentabilidade. Mantendo uma vasta extensão da encosta e replantando um grande número de espécies vegetais nativas, contribuiu para o equilíbrio ecológico do local (VIEIRA, 2011).

Figura 3. Museu Judaico de Berlim

Fonte: (Archdaily, 2018)

Conforme Papoca (2019) inaugurado em 2001, o Museu Judaico de Berlim (Figura 3) foi o primeiro projeto criado pelo polonês Daniel Libeskind. Conectando a arquitetura com o tema de museu, esse edifício cheio de simbolismo é uma obra de arte da arquitetura contemporânea. O museu apresenta um design em zig-zague, o que sugere uma associação entre a vida dos judeus na Alemanha.

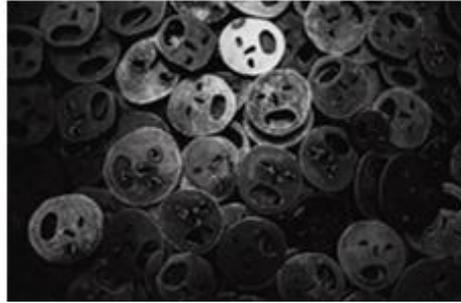
A proposta do arquiteto exprime uma grande força conceitual, que pode ser lida de várias maneiras. Isso porque não só o edifício aborda o tema da história e da memória, como Libeskind as incorpora em sua arquitetura, por meio de um método intuitivo. A forma do projeto nasceu de uma deformação da Estrela de David, expandida em torno do terreno e seu contexto (PAPOCA, 2019).

Figura 4. Vazio da Memória



Fonte: (Archdaily, 2018)

Figura 5. Rostos de barro



Fonte: (Archdaily, 2018)

Segundo Yunis (2017) somente pode-se acessar fisicamente o último dos vazios, o Vazio da Memória (Figura 4), onde se encontra a instalação Shalechet de Menashe Kadishman. Esta obra está composta por milhares de rostos de barro (Figura 5) que emitem um ruído quando as pessoas passam sobre, criando um assustador eco através do vazio.

Figura 6. Museu Real de Ontário



Fonte: (Architizer, 2020)

O Museu Real de Ontário (Figura 6) está localizado em Toronto, antiga capital do Canadá. Começou a ser construído na Província de Ontário em 1912, abrindo dois anos mais tarde em 1914. Devido a cada vez mais aumentar sua coleção, o Museu Real de Ontário teve que ser expandido três vezes (LIBESKIND, 2020).

Libeskind criou uma estrutura de formas prismáticas organicamente entrelaçadas, transformando esse ponto importante de Toronto e todo o complexo do museu em um farol luminoso. O amplo átrio de entrada, o Gloria Hyacinth Chen Court, separa o antigo edifício histórico do novo, proporcionando uma visão quase completa das fachadas restauradas dos edifícios históricos. O Chen Court também serve como espaço para todos os tipos de eventos públicos, todo o nível do solo é unificado em um espaço contínuo, com clareza de circulação e transparência (LIBESKIND, 2020).

Figura 7. Crystal

Fonte: (ARCH20, 2020)

O Crystal (Figura 7) apresentou um desafio único para construir e estava entre os projetos de construção mais complicados da América do Norte. Não há ângulos retos e apenas uma parede vertical na estrutura, os cinco cristais são projetados como estruturas autossustentadas interligadas. As equipes de projeto e empreiteiros gerais desenvolveram estratégias inovadoras com as tecnologias existentes para regularizar a construção e reduzir custos (LIBESKIND, 2020).

DISCUSSÃO - ANÁLISE DO PAVILHÃO DE VANKE

O pavilhão corporativo explorou questões fundamentais relacionadas com o tema da Expo (Alimentar o Planeta, Energia para a Vida). Tanto no pavilhão como na maioria de suas obras, o arquiteto consegue conceituar e fazer matéria perceptível, a possibilidade de abrir um leito teórico que incorporasse a dimensão da essência emocional na arquitetura contemporânea (ZANNORI, 2015).

Figura 8. Pavilhão de Vanke

Fonte: (Archdaily, 2015)

O conceito para o Pavilhão Vanke (Figura 8) incorpora três ideias provenientes da cultura chinesa relacionada à alimentação: a *shi-tang*, uma sala de jantar tradicional chinesa; a paisagem, o elemento essencial para a vida; e o dragão, que está metaforicamente relacionado à agricultura e ao sustento. Todos esses três conceitos são incorporados na exposição, na arquitetura e no programa do Pavilhão Vanke (ZANNORI, 2015).

Figura 9. Localização

Fonte: (Google Earth, 2020; modificado pelas autoras, 2020)

O Pavilhão de Vanke fica localizado na cidade de Milão (Figura 9), na Itália, sendo uma capital mundial da moda e do design e se trata de um centro financeiro também conhecido pelas suas lojas e pelos seus restaurantes sofisticados. A área da Expo Milão 2015 abrange mais de 1 milhão de metros quadrados dispostos ao longo de 2 eixos ortogonais. A ilha, circundada por água, conta com uma extensa área verde e representa o tema do evento: Alimentar o planeta, energia para a vida (BETONI, 2015).

Figura 10. Expo Milão

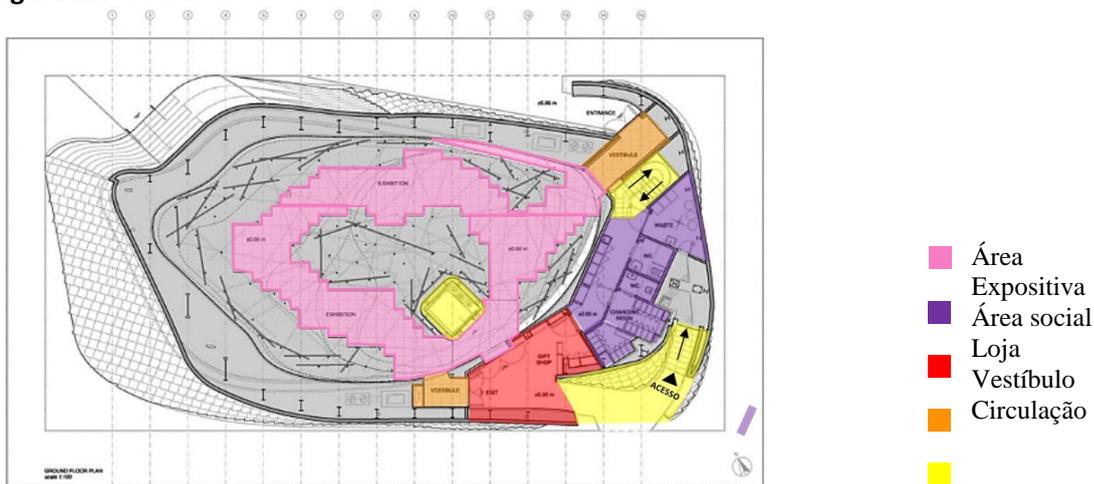


Fonte: (Archdaily, 2015; modificado pelas autoras, 2020)

O pavilhão de 800 m² parece surgir a partir do leste, formando uma paisagem dinâmica e vertical, situado na extremidade sudeste do Lago Arena (Figura 10), uma área de espetáculos e concertos, composta de um chafariz central circundado por uma arquibancada para 3.000 pessoas sentadas e uma praça com capacidade para 20.000 pessoas, sendo o maior espaço aberto da Expo (BETONI, 2015).

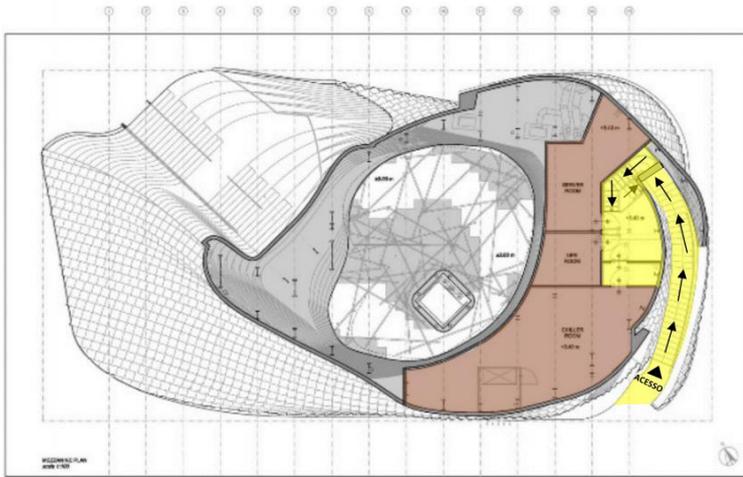
O programa de funcionalidade é distribuído ao longo de todo o edifício, a grande escadaria orienta os visitantes até o nível superior, a plataforma de observação no pavimento superior com um jardim proporciona uma vista deslumbrante sobre o lago e sobre o pavilhão italiano. É uma fusão completa de espaço interno e externo, o que permite um encontro inesperado entre o pavilhão e o espaço público que o envolve (LIBESKIND, 2020).

Figura 11. Nível 1



Fonte: (Archdaily, 2015; modificado pelas autoras, 2020)

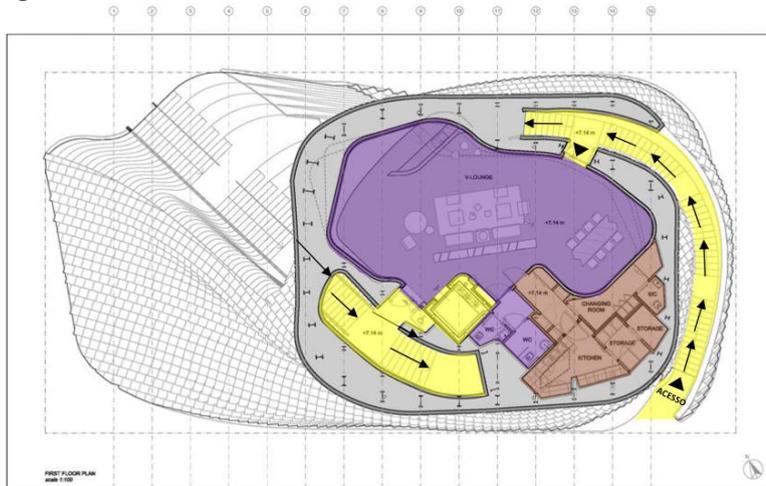
Conforme Rigoni (2015), o primeiro nível (Figura 11) é composto por uma grande área expositiva, loja, espaços sociais e de apoio como sanitários e vestiários, além das áreas de circulação e dos vestíbulos. Observamos que o primeiro nível é dedicado às exposições e espaços sociais, tendo uma grande área com funções bem definidas e é bem utilizada e funcional, apesar de sua forma diferenciada e orgânica que também transparece internamente.

Figura 12. Nível 2

■ Área privada
■ Circulação

Fonte: (Archdaily, 2015; modificado pelas autoras, 2020)

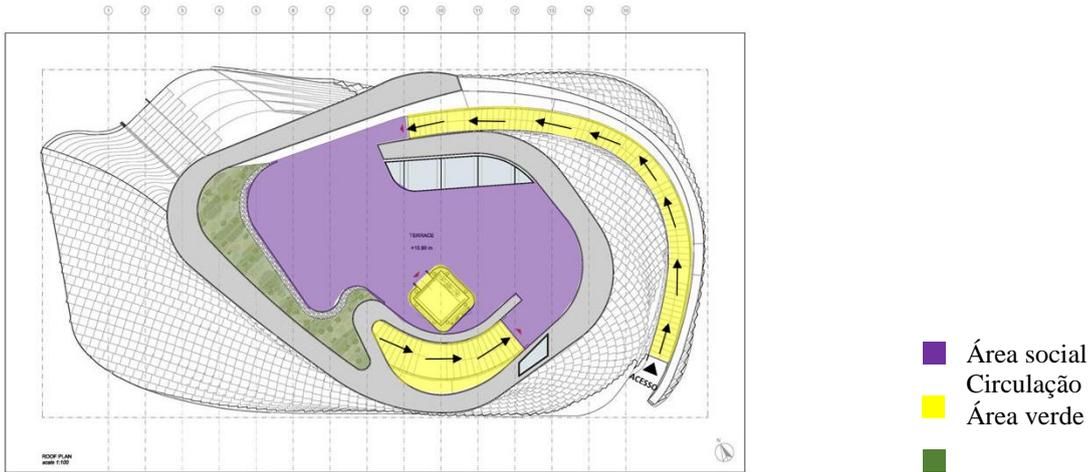
Segundo Rigoni (2015), o segundo nível (Figura 12) é composto por áreas privadas como a sala de refrigeração, a sala de serviço e a sala UPS. No segundo nível observamos que se localizam ambientes mais privativos de acesso exclusivo, possui uma menor área de utilização no total e uma visão para o térreo através de um grande vão que não é ocupado nesse pavimento. A estrutura do pavilhão interfere no formato dos ambientes, porém cada ambiente cumpre bem sua função conforme adaptado ao seu formato.

Figura 13. Nível 3

■ Área social
■ Área privada
■ Circulação

Fonte: (Archdaily, 2015; modificado pelas autoras, 2020)

Também conforme Rigoni (2015), o nível superior do pavilhão, sendo identificado como o nível três (Figura 13), fornece um espaço particular para acomodar pequenos eventos e áreas VIPs. Nesse nível observamos que é utilizado para eventos e possui um lounge, sendo uma área para socialização e outra área para serviços e usos de apoio como despensa, cozinha, sanitários e espaços para circulação. Esse pavimento também possui utilização e aproveitamento de todo o espaço, utilizando o formato e estrutura ao seu favor e sendo bem funcional.

Figura 14. Nível 4

Fonte: (Archdaily, 2015; modificado pelas autoras, 2020)

A setorização realizada nos quatro níveis do pavilhão, sendo que um deles é a cobertura, concluímos que o terraço é utilizado de forma mais diferenciada e conceitual, já que causa um efeito diferenciado. Acompanhado de um jardim, o deck (Figura 14) é utilizado para observação e como mirante, tendo vista para o Lago Arena e, permitindo ao visitante, observar todo o entorno do local.

Portanto, olhando em primeiro instante temos a percepção de que o Pavilhão de Vanke é uma obra meramente formalista, devido ao seu formato e o impacto que a sua estrutura causa no local em que está inserida. Porém, cada ambiente é disposto de uma maneira específica e é utilizado com êxito em seu formato, já que as divisões dos espaços são pensadas e bem feitas, além disso, os ambientes são funcionais apesar do local possuir uma forma e, conseqüentemente, uma estrutura diferenciada.

Figura 15. Formato dinâmico e vertical

Fonte: (Archdaily, 2015; modificado pelas autoras, 2020)

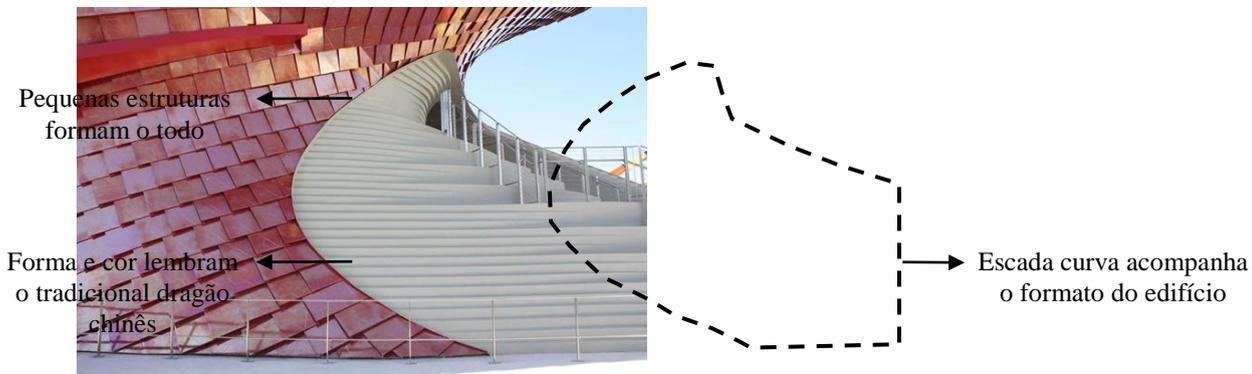
O Pavilhão de Vanke possui 12 metros de altura e forma uma paisagem dinâmica e vertical (Figura 15). A volumetria contrasta com o padrão geométrico das telhas metalizadas que a revestem e mudam de cor dependendo do ponto de vista (RIGONI, 2015).

Segundo Karim (2015), diretor do Studio Libeskind, o objetivo principal do autor era criar algo sobre a paisagem chinesa, não apenas a paisagem física na China, mas a representação da paisagem em pinturas em rolo, tendo muitas camadas e desenrolando. A escada central, além de proporcionar uma circulação de forma circular, confere ao pavilhão uma finalidade teatral e funcional, como todos os projetos do autor, a forma orgânica de Vanke começou como um esboço.

Segundo Rigoni (2015), em relação às telhas, a alusão é instantânea, o assentamento, cor e formato lembram a pele do tradicional dragão chinês. O shi-tang é reinterpretado por Libeskind não através de uma

volumetria em especial, mas sim por meio do seu conceito um espaço de reflexão e celebração, da união de muitas culturas, característica muito presente no desconstrutivismo.

Figura 16. Escada curva

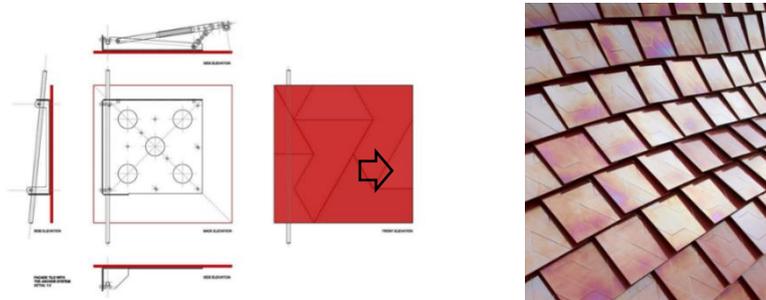


Fonte: (Arquiteturismo, 2015; modificado pelas autoras, 2020)

Além disso, uma grande escada acompanha as curvas do edifício (Figura 16) e leva a um grande terraço descoberto, com uma visão incrível do lago, situado logo a frente, e dos outros pavilhões e assim se faz uma metáfora à importância da paisagem na cultura chinesa (ELSTON, 2014).

Assim, podemos dizer que o formato do pavilhão segue um eixo central invisível aos olhos, porém presente, onde a estrutura segue esse plano, se retorcendo através dele e dando forma ao edifício. O objeto se articula com o ambiente de forma contrastante por sua forma diferenciada e sua cor, onde a incidência da luz é propagada de forma heterogênea, possibilitando que o mesmo reaja com o ambiente e apareça de formas diversas durante o dia.

Figura 17. Painéis de cerâmica geométricos



Fonte: (Archdaily, 2015; modificado pelas autoras, 2020)

Segundo o Studio Libeskind (2020), o pavilhão é uma estrutura dinâmica que representa o crescimento e a resistência do povo chinês. É revestido por mais de 4.000 telhas vermelhas metalizadas que Libeskind projetou com a empresa italiana Casalgrande Padana. Os painéis de cerâmica geométrica (Figura 19) não apenas criam um padrão expressivo que remete a uma pele de dragão, como também possuem propriedades altamente sustentáveis de auto-limpeza e purificação do ar.

A superfície tridimensional é revestida com uma coloração metálica que muda conforme o ponto de vista e incidência de luz. Ela, às vezes parecerá carmesim, em seguida ouro, e até mesmo, em certos ângulos, um branco brilhante. Os azulejos são instalados com um sistema de apoio que confere um padrão rítmico e uma forma matemática para um elemento retorcido. Duas escadas em espiral ecoam a forma e elevam-se até o sul e norte a partir da entrada do Rio Arena, servindo tanto como circulação quanto como estar (RIGONI, 2015).

Figura 18. Interior do Pavilhão

Fonte: (Studio Libeskind, 2020; modificado pelas autoras, 2020)

Segundo Rigoni (2015), dentro do pavilhão, os visitantes encontram um espaço de exposição preenchido com uma constelação de 200 telas montadas em uma matriz de andaimes de bambu (Figura 18). A floresta de telas e bambu flutua acima de um espelho d'água sinuoso que faz fronteira com o caminho do visitante. Como os visitantes movem-se através do espaço, uma experiência narrativa de dez minutos é apresentada através das telas e de 22 canais de áudio.

O Desconstrutivismo apareceu como forma de quebrar as convenções espaciais impostas pelo modernismo e pós-modernismo, assim, Daniel Libeskind trabalha com designs e métodos simples de construção, aproveitando referências musicais, literatura, filosofia e poesia como base para uma arquitetura única e sustentável.

A desconstrução compõe o edifício com suas identidades culturais, necessitando assim, de uma interpretação do ambiente para realizar uma construção. Libeskind tem fortes obras baseadas nesta característica, como o Pavilhão Vanke e o Museu Judaico de Berlim, nos quais Daniel incorpora referências de acontecimentos históricos, simbolismos e de elementos culturais dos locais que estão inseridos e do que representam.

Figura 19. Pavilhão de Vanke iluminado

Fonte: (Arcoweb, 2014)

O Pavilhão Vanke (Figura 19) incorpora características da contemporaneidade abandonando os suportes tradicionais e aproximando a obra com a cultura popular. O conceito do pavilhão possui subjetividade e liberdade artística, realizando uma fusão entre a obra e a cultura chinesa e interagindo com o espectador. São levadas em conta três ideias provenientes da cultura chinesa que está metaforicamente relacionado à agricultura e ao sustento, onde todos são incorporados na exposição, na arquitetura e no programa do Pavilhão Vanke (LIBESKIND, 2020).

Por meio de formas não lineares, ângulos ousados, curvas, cores, vazios e o trabalho com a luz, Daniel incorpora a memória, a tecnologia e a sustentabilidade em suas obras. As obras em estudos possuem relação quanto ao fato de que se comunicam com o ambiente em que estão inseridas. Elas promovem sensações para quem está tanto no exterior quanto no interior delas.

Daniel Libeskind varia de acordo com a função de cada obra, sendo um design elegante como para o Run Media Shaw Creative Media Center ou até com a dramaticidade do Museu Judaico de Berlim, cada qual com seu impacto. É possível comparar diferentes aspectos nas obras como o uso da luz. O Museu Real de Ontário tem janelas em tiras que cortam o edifício buscando as emoções privadas de cada um, já o Pavilhão de Vanke não possui janelas, apenas uma abertura de circulação até o terraço.

A grande semelhança entre elas é como o arquiteto pensa na função, mesmo com suas formas ousadas, com diferentes materiais e a ausência de ângulos retos, ele se baseia na função do edifício, e por meio disso busca as referências que promovem a comunicação da construção com as pessoas e o entorno.

REFERÊNCIAS

BETONI, S. **Estrutura e números da Expo Milão 2015**. Milão. 2015. Disponível em: <<https://www.oguiademilao.com/estrutura-e-numeros-da-expo-milao-2015/>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

BRITO, M. **Desconstrutivismo: da origem à ação**. Lisboa. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/mia_miguel_brito_dissertacao.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2020.

DERRIDA, J. **Uma arquitetura onde o desejo pode morar**. In: NESBITT, K. (Org). **Uma Nova Agenda Para a Arquitetura**. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. Cap. 3, p. 164-172.

EISENMAN, P. **A arquitetura e o problema da figura retórica**. In: NESBITT, K. (Org). **Uma Nova Agenda Para a Arquitetura**. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. Cap. 3, p. 191-199.

ELSTON, D. **Expo 2015 terá pavilhão desenhado por Libeskind**. São Paulo. 2014. Disponível em: <<https://www.arcoweb.com.br/noticias/arquitetura/pavilhao-libeskind-expo-2015-inspirado-tradicao-chinesa>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

LIBESKIND, D. **Expo Milão 2015: Pavilhão de Vanke / Daniel Libeskind**. São Paulo. 2015. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/766633/vanke-pavilion-expo-milao-2015-daniel-libeskind>>. Acesso em: 07 mai. 2020.

LIBESKIND, D. **Museu Real de Ontário**. Nova Iorque. 2020. Disponível em: <<https://libeskind.com/work/royal-ontario-museum/>>. Acesso em: 22 abr. 2020

LIBESKIND, D. **O Centro De Mídia Criativa Run Run Shaw**. Nova Iorque. 2020. Disponível em: <<https://libeskind.com/work/the-run-shaw-creative-media-centre/>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

LIBESKIND, D. **Pavilhão Vanke**. Nova Iorque. 2020. Disponível em: <<https://libeskind.com/work/vanke-pavilion/>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

MINAYO M.; ASSIS S.; SOUZA E. (Org). **Avaliação por Triangulação de Métodos: Abordagem de Programas Sociais**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 244. <https://doi.org/10.7476/9788575415474>

MUGERAUER, R. **Derrida e depois**. In: NESBITT, K. (Org). **Uma Nova Agenda Para a Arquitetura**. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. Cap. 3, p. 199-216

PAPOCA, A. **Daniel Libeskind, o desconstrutivista que provoca e emociona**. São Paulo. 2019. Disponível em: <<https://laart.art.br/blog/daniel-libeskind/>>. Acesso em: 22 abr. 2020

RIGONI, N. **Daniel Libeskind e o Vanke Pavilion**. Vitória. 2015. Disponível em: <<https://arquiteturismo.wordpress.com/tag/vanke/>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

TSCHUMI, B. **Arquitetura e limites I.** In: NESBITT, K. (Org). **Uma Nova Agenda Para a Arquitetura.** 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. Cap. 3, p. 172-177.

TSCHUMI, B. **Arquitetura e limites II.** In: NESBITT, K. (Org). **Uma Nova Agenda Para a Arquitetura.** 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. Cap. 3, p. 177-182.

TSCHUMI, B. **Arquitetura e limites III.** In: NESBITT, K. (Org). **Uma Nova Agenda Para a Arquitetura.** 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. Cap. 3, p. 182-188.

TSCHUMI, B. **Introdução: notas para uma teoria da disjunção arquitetônica.** In: NESBITT, K. (Org). **Uma Nova Agenda Para a Arquitetura.** 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. Cap. 3, p. 188-191.

VIEIRA, R. **Arquitetura e Empreendedorismo.** Blumenau. 2011. Disponível em: <<http://arquitetoroger.blogspot.com/2011/07/centro-de-midia.html>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

YUNIS, N. **Clássicos da Arquitetura: Museu Judaico de Berlim / Daniel Libeskind.** São Paulo. 2016. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/799056/classicos-da-arquitetura-museu-judaico-de-berlim-daniel-libeskind>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

ZANNORI, J. **A empresa China Vanke Pavilhão para a Expo abre em Milão 2015.** São Paulo. 2015. Disponível em: <<https://pt.socialdesignmagazine.com/mag/blog/architettura/il-padiglione-aziendale-per-vanke-cina-apre-a-milano-expo-2015/>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

DIRETRIZES PROJETUAIS PARA A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE PRESIDENTE PRUDENTE – SP: RESTAURO CRÍTICO E CONEXÃO URBANA

Cleysielly Mayara Santos Gomes, Fabrícia Dias Da Cunha De Moraes Fernandes

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: cleysiellymayara@gmail.com

RESUMO

O presente artigo visa apresentar e discutir o desenvolvimento do município de Presidente Prudente a partir da Linha Férrea, apresentando as características arquitetônicas da edificação da Estação Ferroviária do município. Presidente Prudente foi um dos núcleos urbanos que surgiram no início do século XX com o desenvolvimento da Estrada de Ferro Sorocabana para o oeste do Estado de São Paulo. O prédio da Estação Ferroviária possui suas fases e evoluções ao longo do tempo, sofrendo marcas mediante as mudanças que lhe foram propostas para atender as necessidades. O artigo tem o objetivo de gerar diretrizes projetuais para a Estação, visando assim sua requalificação. A metodologia deste artigo baseou-se em pesquisas documentais e bibliográficas sobre a história e desenvolvimento do município e da Estrada de Ferro Sorocabana juntamente com levantamentos *in loco*. Dando ênfase a importância que esse Patrimônio histórico, a Estação Ferroviária, exerceu sobre o desenvolvimento urbano e econômico da cidade, e que pode potencializar a cultura. Concluindo que esse artigo dispõe de informações que facilitam a compreensão da valorização e restauração dessa preexistência que agrega valor histórico e cultural ao município.

Palavras-chave: Presidente Prudente, Linha Férrea, Estação Ferroviária, Restauro.

PROJECT GUIDELINES FOR THE PRESIDENTE PRUDENTE RAILWAY STATION - SP: CRITICAL RESTORATION AND URBAN CONNECTION

ABSTRACT

This paper aims to present and discuss the development of the municipality of Presidente Prudente from the Railway Line, affecting the architectural characteristics of the building of the Municipal Railway Station. Presidente Prudente was one of the urban centers that emerged at the beginning of the 20th century with the development of the Sorocabana Railway to the west of the State of São Paulo. The building of the Railway Station has its phases and evolutions over time, suffering marks due to the changes that were proposed to meet the needs. The article aims to generate design guidelines for the Station, therefore, its requalification. The article methodology was based on documentary and bibliographic research on the history and development of the municipality and the Sorocabana Railway along with on-site surveys. Emphasizing the importance that this Historical Heritage, the Railway Station, exerted on the urban and economic development of the city, and that can potentiate the culture. Concluding that this article has information that facilitates the understanding of the valorization and restoration of this pre-existence that adds historical and cultural value to the municipality.

Keywords: Presidente Prudente, Railway Line, Railway Station, Restoration.

INTRODUÇÃO

Com o avanço e desenvolvimento do café no Estado de São Paulo, diversos municípios foram se formando, principalmente no início do século XX quando a Estrada de Ferro Sorocabana se estendeu para a região oeste do Estado, se tornando um eixo potencializador para os futuros núcleos urbanos.

Com a expansão da Estrada de Ferro Sorocabana para essa região do estado e com o crescimento da produção cafeeira, a colonização no município tornou-se mais rápida e fácil, havendo assim um

crescimento repentino no município (ABREU, 1972). Apesar de Presidente Prudente ter passado por um processo muito próspero condicionado pela produção de café, outros ciclos econômicos foram movimentando a economia local. Atualmente, o comércio é o maior gerador econômico do município.

A cidade se desenvolveu e ganhou destaque, tornando-se conhecida como a capital da Alta Sorocabana devido ao seu desenvolvimento territorial e econômico superior as cidades vizinhas. Desde a fundação do município até a atualidade muitas mudanças aconteceram, a evolução urbana e social com o objetivo atender as necessidades, desse modo, construiu-se memórias e identidade. No presente trabalho será discutido a importância da linha férrea para o desenvolvimento do município e as marcas deixadas por ela atualmente.

Dessa forma, o objetivo respalda-se em discutir o desenvolvimento do município de Presidente Prudente levando em consideração a importância que a Linha Férrea desempenhou, identificando as características e valores arquitetônicos deixados através da edificação da Estação Ferroviária.

METODOLOGIA

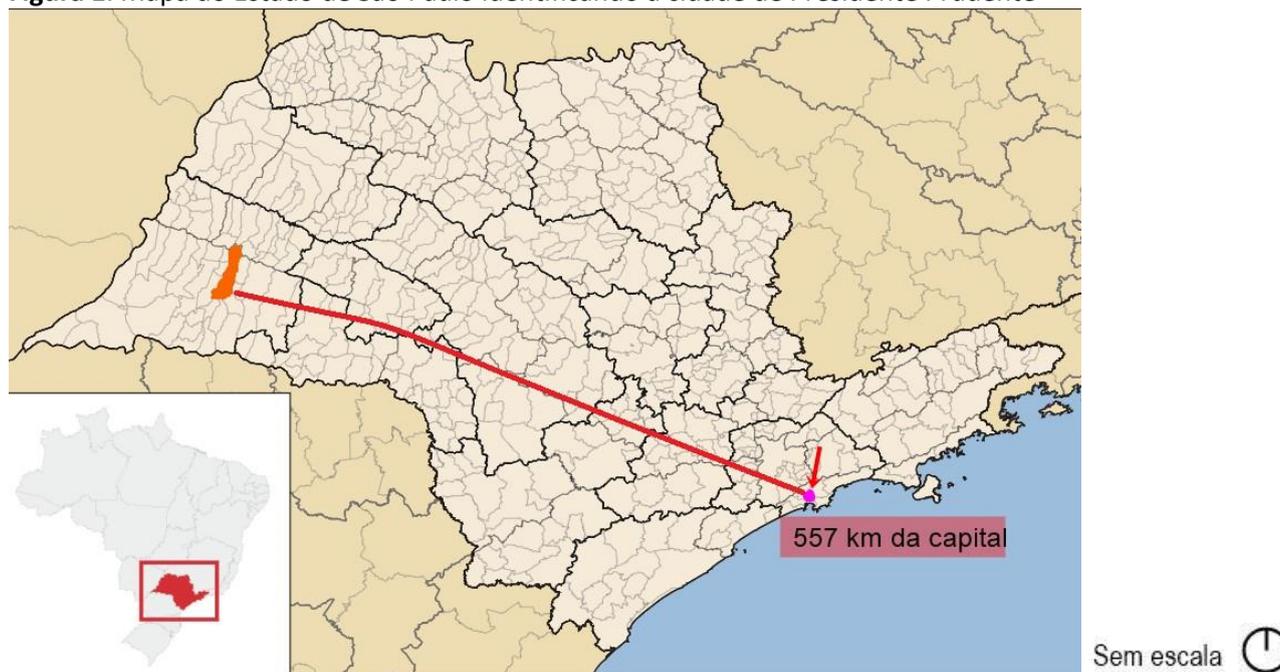
Para o desenvolvimento e estruturação do trabalho, foram realizadas pesquisas bibliográficas e documental, com o objetivo de aprofundamento teórico em relação ao tema discutido, realizado através de leituras e pesquisas embasadas em livros, artigos, teses, dissertações e materiais disponibilizados na *internet*, além de levantamentos *in loco*. Com a finalidade de absorver informações provenientes da compreensão do desenvolvimento do município e da linha férrea.

RESULTADOS

O presente trabalho analisou a história e desenvolvimento do município de Presidente Prudente, a partir da linha férrea, propondo uma requalificação para o local, com o objetivo de potencializar a área criando espaços sociais e interativos além de proporcionar cultura. Sendo assim, os resultados obtidos foram frutos dos dados obtidos a partir dos estudos e visitas realizadas.

A cidade de Presidente Prudente, pertence à mesorregião e microrregião de mesmo nome, localiza-se a oeste da capital do Estado, distando desta cerca de 558 km. Na Figura 1 observa-se a situação da cidade em relação ao Estado de São Paulo. Presidente Prudente ocupa uma área de 560,637 km², sendo que 16,5600 km² estão em perímetro urbano. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2020, a população da cidade foi estimada em 230 371 habitantes, sendo então o 36º mais populoso de São Paulo e primeiro de sua microrregião (IBGE, 2020).

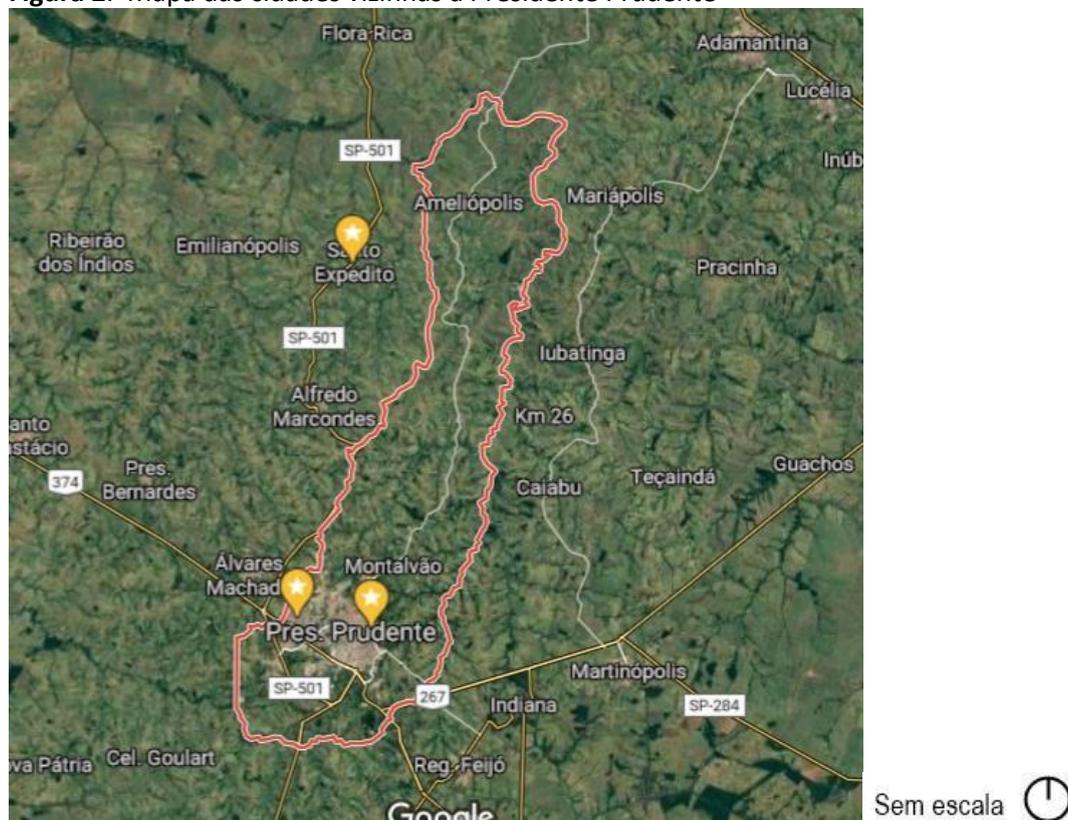
Figura 1. Mapa do Estado de São Paulo identificando a cidade de Presidente Prudente



Fonte: Portal Prudente (2020), modificado pela autora.

As cidades vizinhas a Presidente Prudente são: Álvares Machado, Presidente Bernardes, Regente Feijó, Martinópolis (Figura 2), entre outras, todas estão ligadas a capital do Oeste Paulista, seja economicamente, culturalmente ou para lazer (FIORIN, 2015; HIRAO, 2015).

Figura 2. Mapa das cidades vizinhas a Presidente Prudente



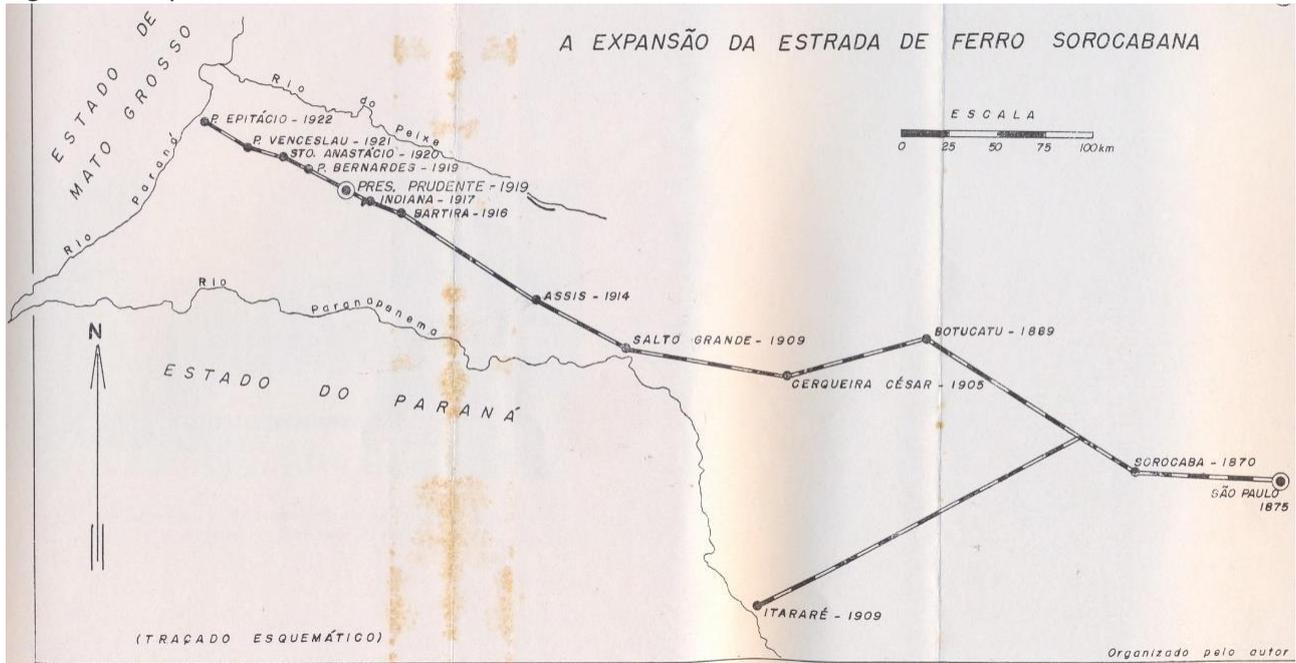
Fonte: Google maps (2020), modificado pela autora.

Presidente Prudente passou diversos ciclos econômicos que movimentaram a economia da cidade, desde o café, algodão, pecuária. Esses ciclos econômicos são responsáveis pelo desenvolvimento da cidade, visto que devido a expansão cafeeira, através da aquisição de lotes ao longo da Estrada de Ferro Sorocabana. Depois disso, conforme as necessidades do mercado, outros influenciaram a economia local e regional. Atualmente, a economia local é movida por mercados atacadista, setores imobiliário, de serviços e comércio que mais geraram emprego no município (HAMANDA, 2016).

A atividades da Estrada de Ferro Sorocabana (EFS) surgiu em 1875 com o objetivo de utilizar os trens para o transporte de ferro da fábrica São João de Ipanema, em Sorocaba, para São Paulo e demais localidades do país. O primeiro trecho da Estrada ligava São Paulo à Sorocaba, mas, 47 anos depois a Sorocabana atingiu as proximidades do Rio Paraná, alcançando cerca de 900 km de distância (ABREU, 1972).

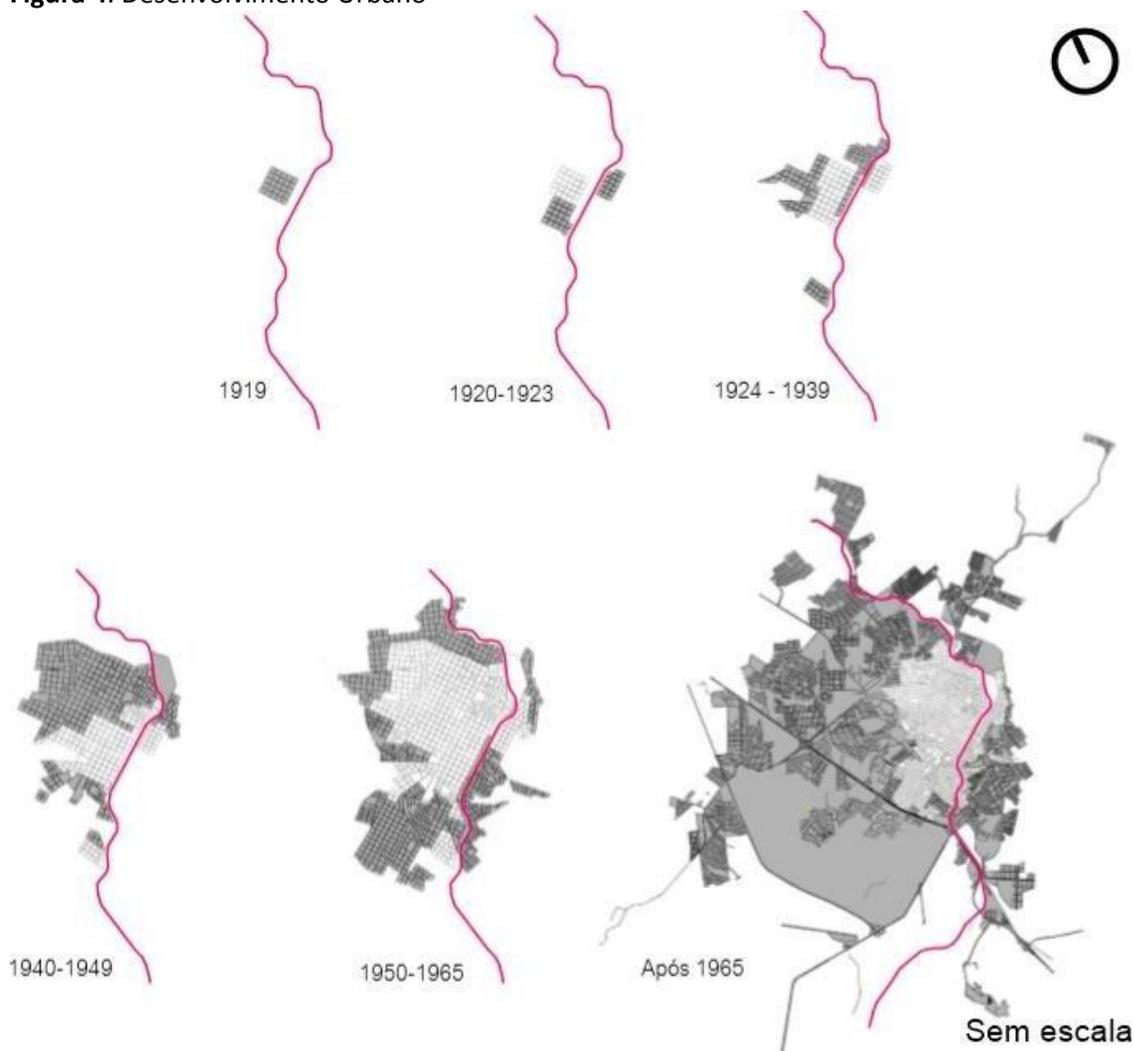
O avanço da agricultura cafeeira no oeste do Estado de São Paulo no início do século XIX fez com que a EF Sorocabana se interessasse por expandir para essa Região. Interligando através dos trilhos, a capital o interior, os produtores e os portos. Na Figura 3 observa-se essa expansão através dos trilhos para o interior do estado de São Paulo se estendo até o Rio Paranapanema, percorrendo todo esse trecho dentro do Estado de São Paulo. Foi com crescimento que a EFS foi uma das ferrovias que que formou a estatal FEPASA (Ferrovia Paulista S/A) (ABREU, 1972).

Figura 3. A Expansão da Estrada de Ferro Sorocabana



Fonte: Dióres Santos de Abreu (1972).

Durante o período de expansão da Estrada de Ferro Sorocabana para o interior do, vários núcleos urbanos, que posteriormente tornaram-se municípios, foram surgindo a partir da linha férrea (ver Figura 03), que eram abastecidos de mercadorias pelos trilhos (ABREU, 1972). Assim como essas cidades, Presidente Prudente também surge nesse período de expansão da EFS, que chega à cidade em 1919. Sendo assim, o surgimento, desenvolvimento e abastecimento da cidade está relacionado diretamente a ferrovia, um elemento evidente de um período econômico em ascensão, a agricultura cafeeira, que foi responsável pelo desenvolvimento da região oeste do estado (ABREU, 1972). Posto isso, é notório que a EFS relembra um período econômico de grande ascensão, também é uma herança deixada pela arquitetura industrial. Portanto, é indiscutível a relevância que a Estrada de Ferro teve no desenvolvimento da cidade, sendo um eixo divisor no desenvolvimento da malha urbana (ver Figura 4).

Figura 4. Desenvolvimento Urbano

Fonte: Raboni, 2019, apud Francisco, 2015, p. 85.

Assim como o desenvolvimento urbano do município de Presidente Prudente aconteceu a partir da linha férrea, é notório como a cidade ficou marcada por ela, seu crescimento aconteceu potencialmente para a região oeste a partir da linha férrea, se tornando também um eixo socialmente segregador no município.

As Estações de Ferro são construídas em pontos estratégicos, para que haja uma melhor locomoção de mercadorias, assim sendo, o trajeto da EFS em Presidente Prudente não é diferente, observa-se um padrão de construções industriais próximos a Estação, essas edificações, apesar de serem rudimentares, possuem grande valor histórico (RABONI, 2019 *apud* HIRAO, 2015).

Figura 5. Linha Férrea e Principais Edifícios Industriais do Entorno

Fonte: Prefeitura Municipal de Presidente Prudente, modificado pela autora (2020).

Portanto, com a Estação Ferroviária e os edifícios surgindo ao entorno, temos esse corredor histórico nessa zona da cidade. O corredor histórico (ver Figura 6) no qual a estação ferroviária está inserida, ou seja, está é composto por edifícios que participaram do desenvolvimento econômico da cidade, possuindo um valor cultural, apesar de atualmente terem outros usos, agregam valor ao patrimônio cultural edificado do município. O novo uso desses edifícios garantiu que sejam preservados e conservados apesar das intempéries sofridas.

Figura 6. Corredor Histórico

Fonte: Google maps, modificado pela autora (2020).

É importante ressaltar, que a Estação Ferroviária, inaugurada em 1919, sofreu algumas modificações no decorrer dos anos. Essas modificações no edifício original duraram até que um novo prédio foi construído em seu lugar, no ano de 1944, com as características *Art Déco* (Figura 12) (ABREU, 1972). Esse novo prédio construído foi resultante de um novo programa de necessidades, com dois pavimentos, uma escadaria suntuosa no saguão e a fachada envidraçada, contribuindo para o aspecto de desenvolvimento no contexto de sua execução (ver Figura 09).

Figura 7. Estação Ferroviária na década de 1930



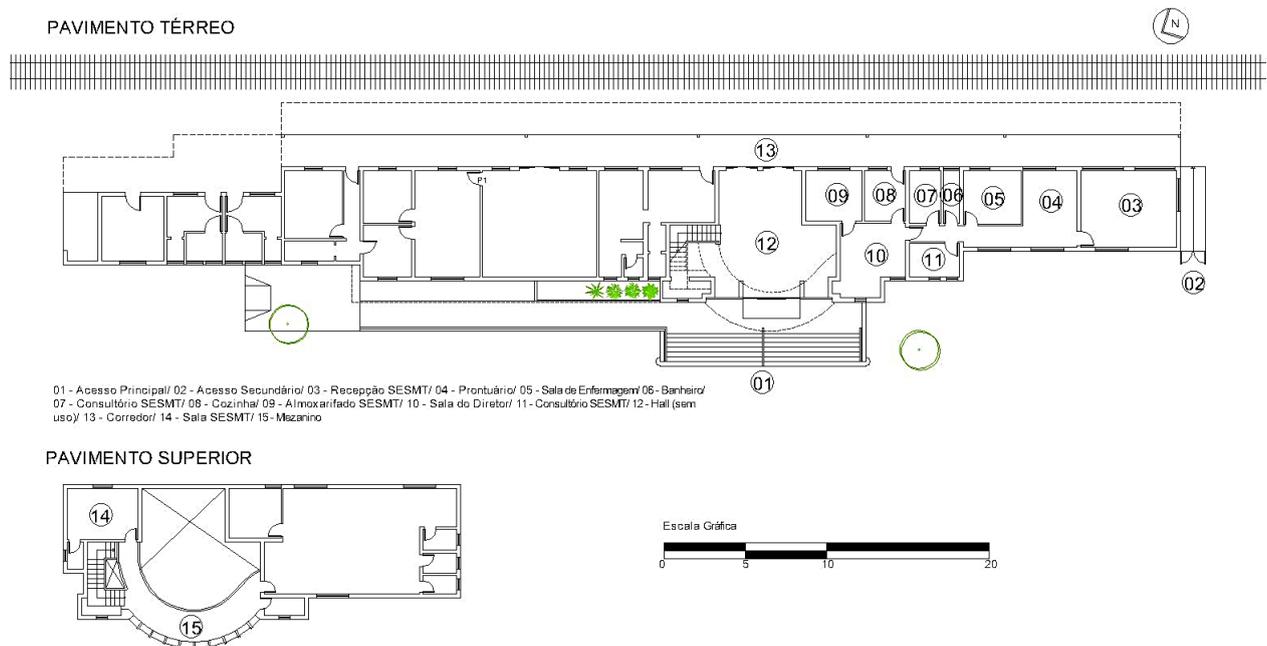
Fonte: Museu de Arquivo Histórico de Presidente Prudente(1930).

Figura 8. Estação Ferroviária na década de 1950



Fonte: Museu de Arquivo Histórico de Presidente Prudente (1950)

Figura 9. Planta Baixa da Estação Ferroviária



Fonte: Autora (2020).

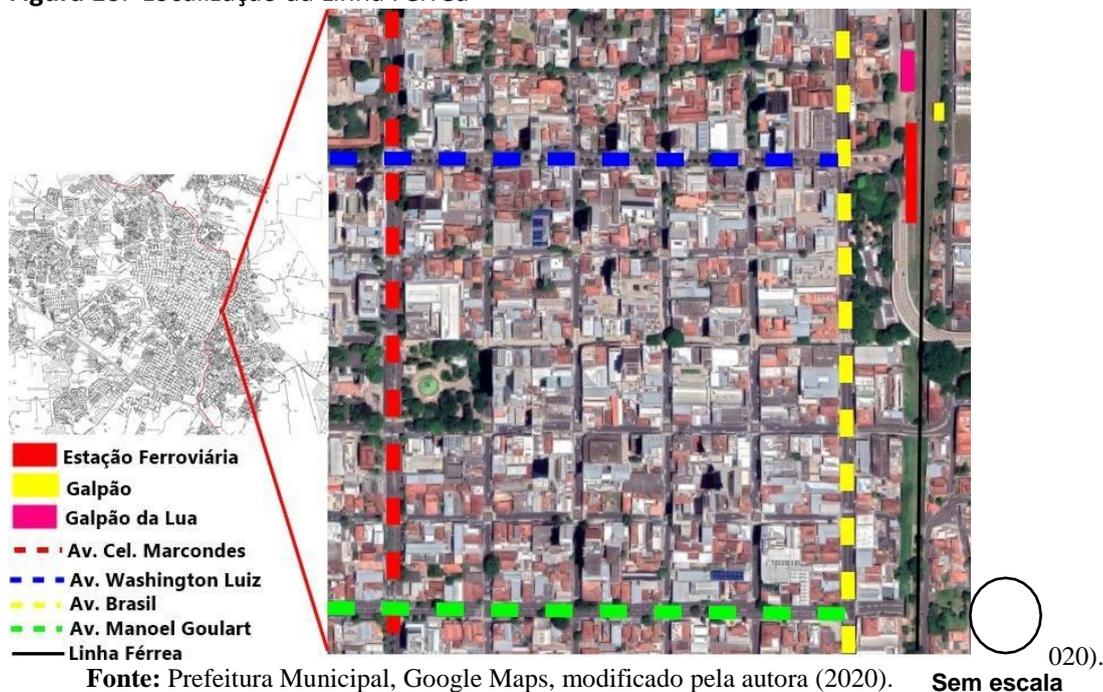
Apesar de sua importância para o desenvolvimento da cidade e a ligação que fazia com economia entre o interior e a capital, em 1999, o tráfego ferroviário de passageiros em Presidente Prudente foi interrompido (GIESBRECHT, 2018). Desde então, a Estação ficou desativada, até que em 2016, o prédio passou a ser sede do Procon na cidade, onde permaneceu até o início de 2020. Atualmente, uma parte do edifício é utilizada para o Serviço Especializado em Engenharia de Segurança em Medicina do Trabalho (SESMT).

Observa-se como a Linha Férrea foi e é importante para o município, fazendo parte e contribuindo

para o desenvolvimento da mesma, carregando com ela valor histórico e patrimonial para a identidade do município. O Edifício da estação carrega consigo sua própria identidade arquitetônica, marcada por um momento estilístico que o contexto nacional passava.

O surgimento e desenvolvimento da cidade de Presidente Prudente foi marcado pela linha férrea, sendo ela um eixo estruturador na formação da cidade, sua localização estratégica, próxima a avenidas importantes que liga todos os pontos da cidade (ver Figura 10). Alguns edifícios estão próximos a Estação Ferroviária, esses edifícios poderão contribuir positivamente caso haja uma requalificação do edifício, interligando-os para que haja troca de atividades culturais.

Figura 10. Localização da Linha Férrea



O edifício passou por várias reformas, e tendo três grandes inaugurações, em 1919, 1926 e em 1944, que é a mais relevante. A inauguração da década de 1940, aconteceu devido ao fato de que o prédio até então existente foi demolido e construído um novo no estilo *Art Déco* (ver figura 12). A Estação Ferroviária manteve suas atividades até o final da década de 1990, onde encerrou totalmente suas atividades. Esse novo edifício que foi construído permanece até os dias atuais, apesar de ter passado por algumas reformas a fim de manter sua estrutura em ótimas condições. Art Deco: influência no município e na Estação Ferroviária

Segundo D'Elboux (2013) o *Art Déco* foi um estilo considerado moderno, que teve sua fase de produção, principalmente, no período entre guerras. No início do século XX, com o fim da Primeira Guerra Mundial que causou vários impactos em todas as áreas, a sociedade estava passando por um período de rompimento com o modo de vida anterior, e mudanças do estilo de comportamento que a população utilizava, além do uso das novas tecnologias que vinham surgindo. É nesse contexto entre guerras, acontece a Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas (*Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes*), em 1925, em Paris, e surge o estilo Art Deco, entretanto, a denominação se consolidou apenas em 1966, decorrente do termo abreviado "*Art Décoratifs*" (CASSETTA, 2019 *apud* DUDEQUEO, 2001).

O estilo teve grande aceitação na sociedade em geral, pois conseguiu transmitir o conceito de modernidade, se estendendo para várias áreas, como na arquitetura, artes decorativas, esculturas, designer de interiores e industrial, tendo especial influência na publicidade e nos meios de comunicação da época, como cinema e revistas. Sua aceitação internacional se deve ao fato de que o estilo absorveu com

facilidade os valores e influências locais, com versões readequadas de cada lugar. Com isso, o Art Déco atingiu seu apogeu na década de 1940 (D'ELBOUX, 2013).

Segundo Correia (2008) o estilo *Art Déco* se opõe ao estilo anterior a ele, o Art Nouveau, que valorizava inspirações na natureza, com o uso de materiais que buscavam referenciar o movimento das árvores, e as linhas curvas, o oposto ao *Art Déco*, que por influência de um conjunto de expressões artísticas como o, cubismo, futurismo e expressionismo, esses movimentos artísticos buscavam trazer aspectos mais modernos e futurísticos, assim como o *Art Déco* que, faziam referência à modernidade, a época da evolução da urbana e o uso das máquinas, com um caráter inovador, simplificações geométricas de elementos decorativos. Foi o momento da construção dos arranha-céus em edifícios institucionais ou residenciais, que apontavam para essa busca de modernidade e evolução tecnológica.

O *Art Deco* pode ser caracterizado na arquitetura com um decorativismo expresso através da volumetria em composições marcadas pelo jogo de formas geométricas, pela adoção de simetria, hierarquia na distribuição da planta, na disposição da volumetria e na ênfase dada ao acesso principal, o princípio de hierarquização na fachada acontece em formas escalonadas. As construções muitas vezes, estrutura-se através de uma composição volumétrica integrando formas geométricas, sendo elas prismas retangulares, elementos cilíndricos, volumes arredondados ou planos, verticais ou horizontais (CORREIA, 2008).

Segundo Correia (2008), outros elementos presentes na arquitetura *Art Déco* são: marquises, balcões em balanço, colunas, frontões, capitéis, pilastras, platibandas e volutas de formas esquemáticas, gradis e caixilhos de metal, inclusive do tipo basculante, ornatos em alto ou baixo relevo, representando formas geométricas, linhas retas, em ziguezague, ou linhas em espirais. Os vãos surgem retangulares, circulares, escalonados ou acompanhando as superfícies curvas das quinas das fachadas. Texturas nas superfícies e padrões esquemáticos de cores são outros recursos empregados.

No Brasil o estilo teve seu auge nas décadas de 1930 e 1940, o Art Déco mostrou-se capaz de expressar a modernidade tanto desejada naquele momento. Nas construções novas ou nas reformadas, linguagem do estilo foi tomando espaço, e nesse período de apogeu do Art Déco no Brasil, o estilo foi considerado como a expressão de renovação da arquitetura junto com outros segmentos da sociedade, se tornando popular entre a elite, classe média e a classe popular em geral (CORREIA, 2008).

Correia (2008, p. 57), apresenta como o repertório Art Déco estava presente em diversos tipos de edifícios:

Nos arranha-céus, a altura era sublinhada por composições escalonadas ou por elementos verticais de coroamento. Em edifícios institucionais, pretensões de monumentalidade eram favorecidas por composições de matriz clássica que incorporavam decorativismo e hierarquização volumétrica. Os recursos cenográficos que a estética *déco* oferecia eram solidários com o *glamour*, a magia e o fascínio suscitados por um cinema, que então explorava recursos técnicos e dramáticos inéditos e alcançava uma grande popularidade entre as massas. Em fábricas, tal vocabulário conciliava uma imagem de modernidade com parcimônia de meios e economia de custos. O grande porte dessas construções e as estruturas de concreto presentes em muitas delas eram solidários com os motivos decorativos simples e geométricos.

A cidade de Presidente Prudente, por ter seu desenvolvimento acontecendo nesse período do *Art Déco*, recebeu várias influências arquitetônicas do estilo na cidade, onde são encontrados vários edifícios pertencentes ao estilo, que permanecem até os dias atuais, como igrejas, prédios comerciais, edifícios públicos e em geral.

Como pode ser observado na Figura 11, com um mapeamento de alguns edifícios em estilo *Art Déco* na cidade, podemos observar que a maioria se encontra no centro da cidade, visto que a cidade se desenvolver a partir dessa área central. A Estação Ferroviária, localiza-se nesse entorno central da cidade, possuindo, portanto, o estilo arquitetônico, muito comum em edificações da época.

Figura 11. Mapeamento de Edifícios com Características Art Déco



Fonte: Prefeitura Municipal, modificado pela autora (2019)

Como o estilo *Art Déco* foi muito disseminado no Brasil, ele foi se readequando aos locais, encontrando-se com uma diversidade de expressões do estilo, sendo assim, o estilo acabou de dividindo em três vertentes: o *streamlined modern*, o *zig-zag modern* e o *classic modern* (CASSETTA, 2019 apud GALEFFI, 2004).

EDIFÍCIO DA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

As características arquitetônicas da Estação Ferroviária caracterizam-se por ser do tipo *streamlined*, a fachada (Figura 12), de forma regular e aerodinâmica está totalmente preservada, devido a última reforma que sofreu em 2010, com o objetivo de atender as necessidades a serem exercidas do Procon. Encontra-se na fachada a presença de reentrâncias e volumes destacados, com uma marquise. Ao percorrer toda a fachada, estão dispostas janelas de forma simétrica, também seguindo a característica da arquitetura déco.

Figura 12. Elementos Art Déco na Fachada da Estação Ferroviária (a) imagem da fachada atual; (b) croqui sem escala

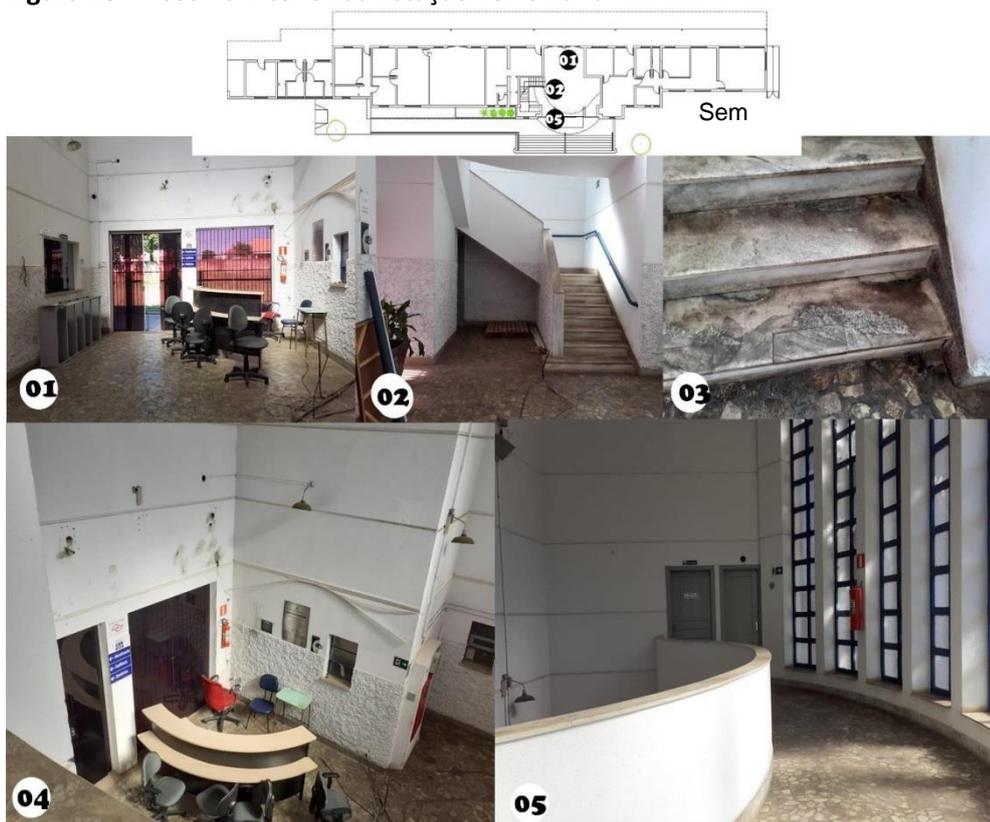


Fonte: Autora (2020).

Portanto, apesar de ser um edifício da década de 1940, o período do apogeu do *Art Déco*, o prédio da Estação Ferroviária não foi descaracterizado, e suas marcas estilísticas originais permanecem visíveis. Entretanto, desde a saída do Procon do prédio o edifício permanece em desuso.

Para melhor compreensão de como o edifício da estação está atualmente os levantamentos realizados mostram a situação estrutural e algumas patologias encontradas, para que isso seja solucionado com um projeto arquitetônico que explore todas as potencialidades do edifício e de seu entorno.

Toda a construção da edificação é de alvenaria, contando com portas de madeira e vidro, e janelas de ferro, em algumas partes a edificação possui laje, em outras, forro de PVC. As condições estruturais da edificação estão em boas condições, apenas com algumas patologias no interior, como infiltrações e alguns trincos nas paredes. Na Figura 13, nota-se que no interior da edificação possui diferentes tipos de pisos, sendo eles piso de caquinhos e mármore branco, a maioria desgastada devido aos anos que já estão lá.

Figura 13. Pisos no Interior da Estação Ferroviária

Fonte: Autora (2020).

Já na fachada do edifício se encontra algumas patologias, a pintura está descascando devido a algumas manchas e infiltrações (ver Figura 14). Na fachada também se encontram algumas pichações que são marcas do vandalismo que o edifício recebeu, caracterizado pela falta de conhecimento e consciência do patrimônio cultural edificado que é uma marca do desenvolvimento do município. As patologias encontradas na fachada também são marcas das intempéries que a edificação vem sofrendo, entretanto, essas patologias não prejudicam a estrutura do prédio.

Figura 14. Patologias na Fachada da Estação Ferroviária

Fonte: Autora (2020).

Já no interior do edifício não foram encontradas muitas patologias, assim como na fachada, foram encontradas algumas manchas de infiltração, no corredor posterior a paginação do piso está pouco deteriorada, porém com muitos buracos que acabam prejudicando a acessibilidade, dificultando a passagem de um cadeirante (ver Figura 15). Entretanto, não é prejudicial a estrutura do edifício.

Figura 15. Patologias no Interior e Exterior da Estação



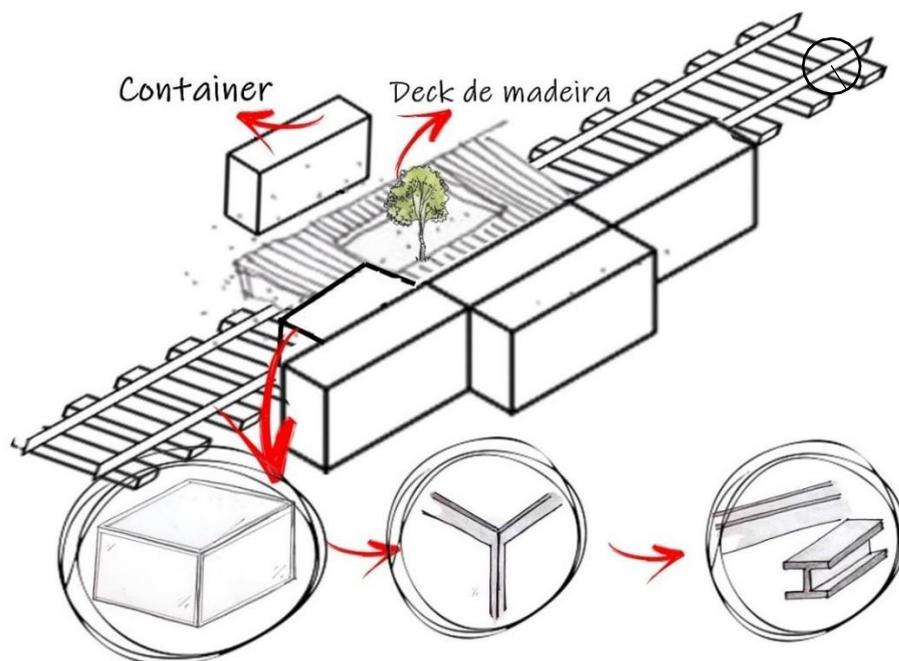
Fonte: Autora (2020).

DIRETRIZES

Após análises e estudos realizados, propõe-se que a edificação da Estação Ferroviária seja requalificada e utilizada como um meio potencializador de cultura, atrelada ao Centro Cultural Matarazzo, observando as condicionantes existentes a proposta é de uma expansão da Biblioteca Municipal para o prédio, além de utilizar a linha férrea como um espaço de lazer. Respeitando os critérios de restauro em uma edificação de valor histórico, seguindo a teoria do restauro de Cesare Brandi e legando em consideração as Cartas Patrimoniais, principalmente a Carta de Veneza e a Carta do Patrimônio Industrial, será proposto o restauro do edifício em análise. Visto que, a requalificação do edifício tem o objetivo de resguardar a história do mesmo, garantindo que ele seja preservado das descaracterizações e reformas que não respeitem a originalidade e valor histórico e cultural do edifício.

Sendo assim, a proposta acontecerá com a inserção de um *deck* de madeira elevado dos trilhos da linha férrea, para que não entre em contato direto evitando que cause danos. A cafeteria será de *container* elevado, seguindo os mesmos critérios do *deck*, além de fazer referência aos vagões que trem que passavam ali anteriormente. E, será inserido um bloco anexo ao edifício, entretanto, a inserção desse nosso elemento seguirá os critérios da Teoria do Restauro Crítico de Cesare Brandi (2008), respeitando a originalidade da obra, não se destacará mais que o edifício histórico, e haverá a diferença dos materiais utilizados, mostrando a relação do antigo e do novo.

Figura 12. Croqui da Proposta



Sem escala

Fonte: Autora (2020).

CONCLUSÃO

O município de Presidente Prudente passou por diversas fases até a atualidade. Seu desenvolvimento marcado pelo avanço da indústria cafeeira e a expansão da Estrada de Ferro Sorocabana produziu a história e identidade do município, construindo assim a história dos próprios cidadãos. Na medida em que o município foi se desenvolvendo ele foi se adequando as necessidades que o momento apresentava, e com isso, a desativação da linha férrea ocorreu na década de 1990, mas deixou consigo um legado de desenvolvimento urbano, econômico e de patrimônio histórico e industrial.

O edifício da estação ferroviária que participou de todos os processos vividos pelo município é um potencializador cultural caso seja restaurado e utilizado para fins culturais. É perceptível os benefícios que a requalificação desse edifício agregará para seu entorno e para o município, levando em conta fatores econômicos, sociais e culturais. Portanto, observou-se através dos resultados essa significância que o edifício representa, com isso, as diretrizes arquitetônicas se estabelecem para proporcionar o resgate de memória que ali se encontra, utilizando tecnologias arquitetônicas que não venham descaracterizar a edificação, mas que venham somar no edifício, potencializando seus usos e difundindo a história desse Patrimônio Cultural Edificado.

REFERÊNCIAS

ABREU, D. **Formação histórica de uma cidade pioneira paulista: Presidente Prudente.** Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Presidente Prudente, 1972.

BRANDI, C. **Teoria da Restauração.** Tradução de Beatriz Mugayar Kühl. Cotia - Ateliê Editorial, Coleção Artes & Ofícios, 2008.

CASSETTA, A. **Revitalização da Estação Ferroviária de Santo Anastácio – SP.** 2019. (Graduação) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2019.

CORREIA, T. **Art Déco e indústria Brasil, décadas de 1930 e 1940.** v.16, n.2, p. 47-104, jul-dez 2008. Disponível
https://www.researchgate.net/publication/43530845_Art_deco_e_industria_Brasil_decadas_de_1930_e_1940/fulltext/568a008108ae1e63f1f95ebf/43530845_Art_deco_e_industria_Brasil_decadas_de_1930_e_1940.pdf?origin=publication_detail. Acesso em: 17 de abr. de 2020.
<https://doi.org/10.1590/S0101-47142008000200003>

D'ELBOUX, J. **Tipografia como elemento arquitetônico no Art Déco paulistano: uma investigação acerca do papel da tipografia como elemento ornamental e comunicativo, na arquitetura da cidade de São Paulo entre os anos de 1928 a 1954.** 2013. (Tese de Mestrado) – Universidade de São Paulo de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 2013.

FIORIN, E; HIRAO, H. **Cidades do interior paulista: Patrimônio urbano e arquitetônico.** 1. ed. São Paulo: Paco Editorial, 2015. Acesso em 10 de março de 2020

GIESBRECHT, R. **Estrada de ferro Sorocabana.** 2018. Disponível em:
<https://www.estacoesferroviarias.com.br/p/presprudente.html>. Acesso em: 27 de mar. de 2020.

HAMADA, H. **Desafios para Presidente Prudente rumo ao centenário.** 2016. Disponível em:
<http://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2016/09/economistas-avaliam-desafios-para-pres-prudente-rumo-ao-centenario.html>. Acesso em: 22 de abr. De 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS (Brasil).

PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE. **Presidente Prudente-SP.** Disponível em:
<http://www.presidentepudente.sp.gov.br/site/index.xhtml>. Acesso em: 10 de março de 2020.

RABONI, C. **Reedificar Memórias – Biblioteca Infantil em Presidente Prudente.** 2019. (Graduação) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2019.

DIRETRIZES PROJETUAIS PARA O COMPLEXO FERROVIÁRIO DE ADAMANTINA – SP: REVITALIZAÇÃO E REINSERÇÃO URBANA

Rafaela Marques Costa, Fabrícia Dias Da Cunha De Moraes Fernandes.

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: argrafaelamarques@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo refere-se a um capítulo extraído do TCC da autora, onde visa apresentar o complexo ferroviária de Adamantina – SP, destacando seu Armazém, um edifício de valor histórico para cidade. Sendo apresentado nos resultados as problemáticas presentes no Armazém, juntamente com a discussão, onde é apontado possíveis diretrizes projetuais, com a finalidade de solucionar-las. Desta forma, é analisado profundamente sua atual situação e, como os anos e as intervenções feitas interferiram na edificação. Dando ênfase, a um assunto que muitos desconhecem, sendo o patrimônio histórico e sua importância, propriamente dito, a pré-existência, que carrega consigo uma bagagem histórica gigantesca, contudo, não recebe a devida valorização e manutenção, para continuar propagando essa história. Concluindo, que nesse artigo de modo geral, dispõe informações que facilitam na compreensão no que se diz respeito a essa valorização de Pré-Existências atualmente. E, a metodologia foi fundamentada por meio de pesquisas de campo, levantamentos bibliográficos e documentais, com embasamento em livros de arquitetura e urbanismo.

Palavras-chave: Patrimônio Histórico. Adamantina. Linha Férrea. Armazém. Centro Cultural.

PROJECT GUIDELINES FOR THE RAILWAY COMPLEX OF ADAMANTINA - SP: REVITALIZATION AND URBAN REINSERTION

ABSTRACT

This article refers to a chapter extracted from the author's TCC, where it aims to present the Adamantina railway complex - SP, highlighting its Warehouse, a building of historic value for the city. Being presented in the results the problems present in the Warehouse, together with the discussion, where possible design guidelines are pointed out, with the purpose of solving them. In this way, its current situation is deeply analyzed and, how the years and the interventions made interfered in the building. Emphasizing, a subject that many are unaware of, being the historical heritage and its importance, properly speaking, the pre-existence, which carries with it a gigantic historical baggage, however, it does not receive the due valuation and maintenance, to continue propagating this story. In conclusion, that in this article in general, it has information that facilitates the understanding with regard to this valorization of Pre-existences today. And, the methodology was based on field research, bibliographic and documentary surveys, based on books on architecture and urbanism.

Keywords: Historical Heritage. Adamantina. Railway. Warehouse. Cultural Center.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a preocupação preservadora por parte do governo em relação aos patrimônios, é relativamente nova. E, preservar esses bens culturais, é preservar toda uma história, garantindo a compreensão de nossa memória social, salvando assim toda a história de um local e, de uma época. (LEMOS, 2012).

Sendo assim, o presente artigo aborda uma análise aprofundada da pré-existência, sendo um edifício de importância histórica para o município de Adamantina – SP, cidade do interior do estado de São

O acesso principal ao Armazém se dá pela Avenida Antônio Tiveron, localizada no Bairro Jamil de Lima e, tem ligação com a Avenida Marechal Castelo Branco, sendo a principal avenida de acesso ao município através da Rodovia Comandante João Ribeiro de Barros (figura 02).

Figura 02. Acesso ao empreendimento através da Av. Antônio Tiveron.



Fonte: Street View, editado pela autora. (2020).

O estado de degradação estrutural do Armazém, demonstra a lamentável situação de um patrimônio com grande significância histórica e, de identidade local na cidade, estando com nítidas patologias, devido: as intempéries da natureza, falta de restauros e manutenções corretas, verbas e interesse do poder público, podendo visualizar melhor na figura 03 abaixo.

Figura 03. Diagramação da Fachada Oeste, destacando suas intervenções.



Fonte: Acervo da Autora. (2020).

Na fachada Oeste (figura 03, pelo o número um), considerada a fachada principal, voltada para a rua. Podemos ver as intervenções feitas humanamente, como a pintura verde acrescentada por uma boa parte da fachada, sem levar em consideração o mínimo do senso histórico da edificação.

Ainda a fachada do Armazém (figura 03, sendo o número dois), vem sofrendo drásticas mudanças, sejam elas, causadas pelo tempo ou, pelas restaurações feitas humanamente. Onde, fora pintada na cor verde, acrescentado o emblema da empresa e, uma rampa de acesso, sem o mínimo de cuidado ao patrimônio.

Visto que, toda a estrutura da cobertura se manteve original, sendo uma estrutura metálica, como vimos na figura 03, pelo número três acima. Estando em estado de conservação mediano, levando em considerações todas as mudanças que ocorreram. E, sua cobertura, trata-se de telhas de aço galvanizados, também da estrutura original.

Também destacando na figura 03, através do número três, as microempresas que atuam no Armazém ainda, improvisaram um anexo novo, o mesmo tem a função de sanitário, afim de atender as necessidades dos funcionários. E, novamente vemos o quão fora desconsiderado toda a estrutura original na hora de introduzir esse anexo novo.

Na figura 03, sendo pelo número quatro, vemos ainda que na frente da fachada Oeste há um grande espaço livre, sendo de terra com alguns pontos gramados. Atualmente, utilizado como estacionamento ou, descartes de materiais das microempresas que funcionam no Armazém. Havendo uma massa arbórea considerável, contudo, a falta de iluminação adequada deixa o ambiente no período noturno perigoso.

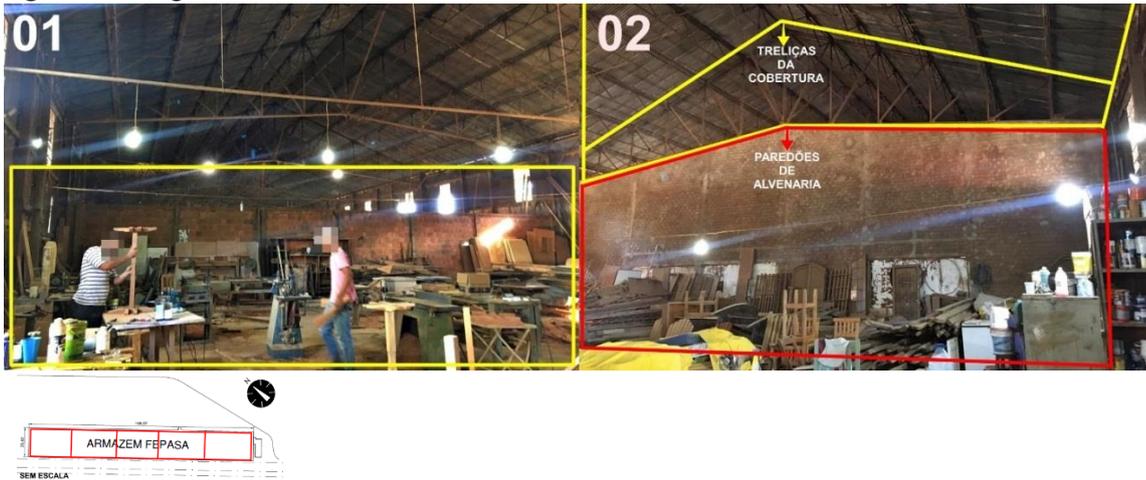
Fazendo parte do Armazém ainda, uma casa em alvenaria, na figura 04, podemos observar como está sua situação atual. Nitidamente com grandes patologias sofridas durante o decorrer dos anos, destacando rachaduras e, as pinturas que se encontram em péssimo estado, ainda, todo o toldo que está enferrujado.

Figura 04. Patologias na casa fixada ao Armazém.



Fonte: Acervo da Autora. (2020).

Como já citado acima, atualmente, o Armazém abriga diversas microempresas do município, tais como: depósitos de construções, serralherias, oficinas de carretas e outras funções, como podemos observar na figura 05, no número um. Sendo que quase toda estrutura fora afetada, causando um falso histórico.

Figura 05. Diagrama do interior do Armazém.

Fonte: Acervo da Autora. (2020).

Ainda que, foram construídos paredões em alvenarias no interior do Armazém, alçando todo o seu pé direito, afim de subdividir tais oficinas que atuam no local. Descaracterizando toda sua originalidade de indústria, como vemos na figura 05 acima, pelo número dois, destacado em vermelho.

Todas as treliças internas da cobertura também se mantiveram originais, ressaltando que são estruturas metálicas, também apresentadas na figura 05 acima, pelo número dois, destacadas em amarelo. Atualmente precisam de manutenção, porém, visto o tempo de construção, as mesmas se encontram em estado mediano de conservações.

O Armazém conta com aberturas de portas por toda sua volta em completo, sendo amplas e de aberturas duplas, possuindo uma altura de 2,10 m. Essas portas são feitas em madeiras, sendo da construção original, como vemos na figura 06, pelo número um, destacados pela cor vermelha.

Atualmente se encontram em estados medianos de conservações, sendo que suas maçanetas estão enferrujadas e, todas as porções que ficam expostas para o lado de fora, sofreram ações humanas, sendo pichadas com desenhos variados, como vemos também na figura 06, no número 02, destacadas em amarelo e laranja.

Figura 06. Diagramação das aberturas.

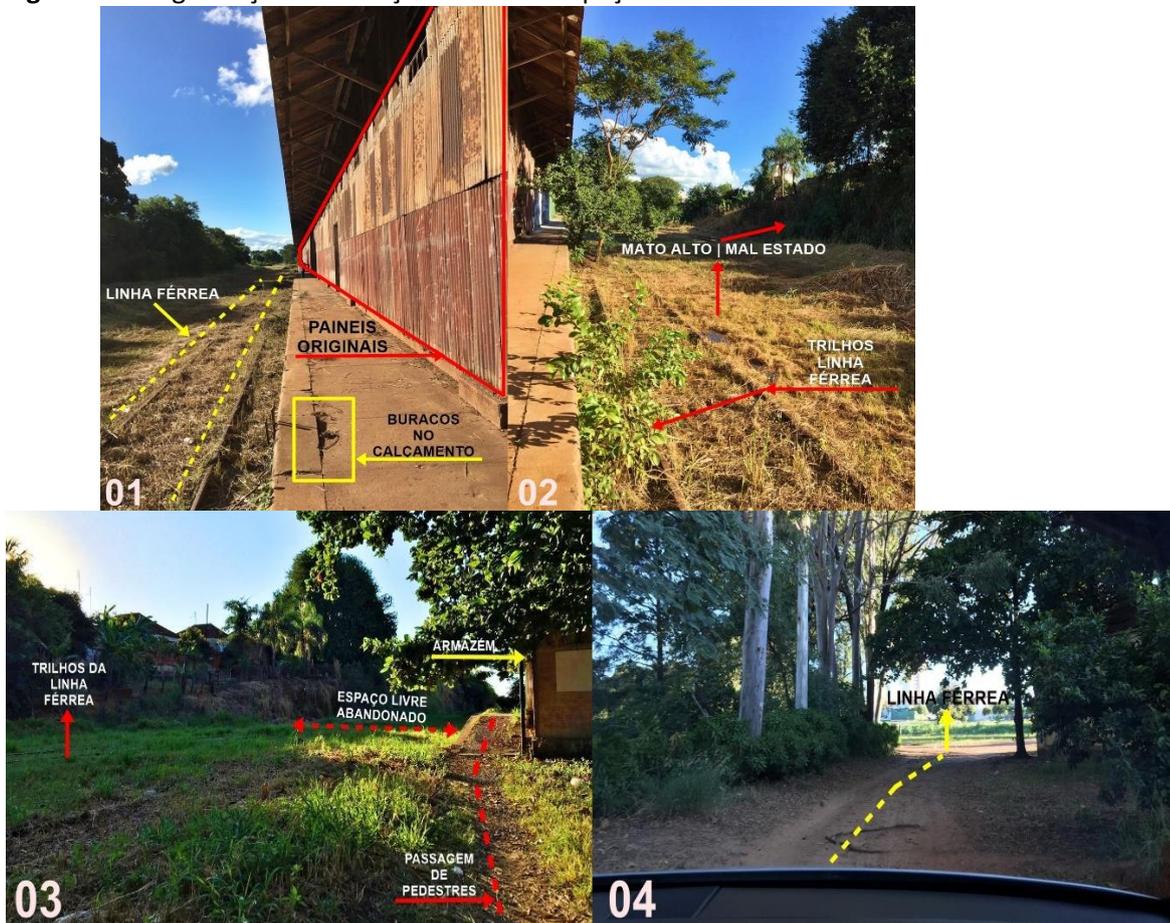
Fonte: Acervo da Autora. (2020).

Ainda que, as aberturas denominadas janelas do Armazém, se localizam ao alto do mesmo, sendo em formato retangular vertical. Numa malha quadriculada de ferros, material original da construção. Notável ainda, que tais aberturas são vazadas, não possuindo nenhum fechamento como vidro ou qualquer outro tipo de material, visualizados melhor na figura 06 acima, pelos números três e quatro, destacadas em amarelo.

Na fachada Leste podemos observar que os painéis se mantiveram originais da construção, sendo painéis em madeiras, estando em um estado de conservações precários, pois alguns painéis estão caindo e, sofreram com as consequências das estações naturais. Notável ainda, que o caminho em frente ao galpão é de concreto, necessitando reparos, uma vez que, são notáveis buracos, destacados na figura 07, no número um.

Ainda, defronte a fachada Leste do Armazém, estão situados os trilhos da linha férrea. O local é bem amplo e, encontrando-se em estado de abandono, uma vez que os matos já cobrem os trilhos, como vemos na figura 07, através do número dois. Notando ainda, que uma grande área verde se criou com o tempo, em frente também do galpão, similar a um grande paredão verde. Tendo um déficit de iluminações, deixando o ambiente noturno perigoso.

Figura 07. Diagramação da situação atual dos espaços livre do Armazém.



Fonte: Acervo da Autora. (2020).

Na figura 07 acima, pelo número três, ainda vemos de outro ângulo, esse espaço amplo defronte ao Armazém, sendo notável como se encontra abandonado, com matos altos que cobrem os trilhos. E, a

passarela do mesmo, serve ainda como passagens para pedestres, contando somente com a iluminação natural, se tornando perigoso ao anoitecer.

E, ainda na figura 07 acima, pelo número quatro, temos ao sul do Armazém, uma passagem para automóveis e pedestres, sendo de terra. Um percurso que cruza a linha férrea, dispendo de uma boa arborização, contudo, também não possui iluminação noturna artificial, deixando o período noturno perigoso.

Após todos esses levantamentos apresentados e analisados, vemos claramente como a população desconhece a história de um edifício histórico, logo, não valorizam o patrimônio de maneiras adequadas, nem fornecem todas as manutenções necessárias e, usos adequados que fizessem com que a história do complexo ferroviário se mantivesse viva, mesmo depois de sua desativação.

DISCUSSÃO

Seguindo os resultados, vemos como o conjunto ferroviário é importante, devido a bagagem histórica que carrega, e, como passou por marcantes modificações ao longo de sua existência. Muitas peças se perderam e outras foram acrescentadas. Estando localizado como um todo, nas atividades centrais da cidade.

O antigo Complexo Ferroviário, atualmente, é composto ainda pelo antigo armazém de cargas, pelas casas dos antigos funcionários da ferrovia, pela praça Euclides Romanini, pelo Terminal Rodoviário, pela antiga plataforma de embarque, pelo pátio de manobras da estação, e pela praça Deputado José Costa, além de toda a área verde de seu entorno (figura 08).

Figura 08. Atualmente, a composição do antigo complexo ferroviário.



Fonte: Google Maps, editado pela autora. (2020).

Fazendo parte desta composição, temos a área de aproximadamente 16.600m² (figura 08, número um) onde existem: o Pátio da Feira-Livre, a Estação Recreio, a Praça José Costa, o Parque infantil. Ainda, compondo esse conjunto, temos o Terminal Rodoviário (figura 08, número dois), sendo uma área de 8.200m², possuindo 2.200m² de área construída, encontra-se em bom estado de conservação, sendo necessário melhorias minuciosas.

A Praça Euclides Romanini (figura 08, número três), que é conhecida popularmente como Lagoa dos Patos, possui uma área de 6.400m², atualmente, se encontra em bom estado, contudo, o local necessita de melhorias, pois, ao anoitecer, se torna um lugar perigoso, devido sua má iluminação artificial.

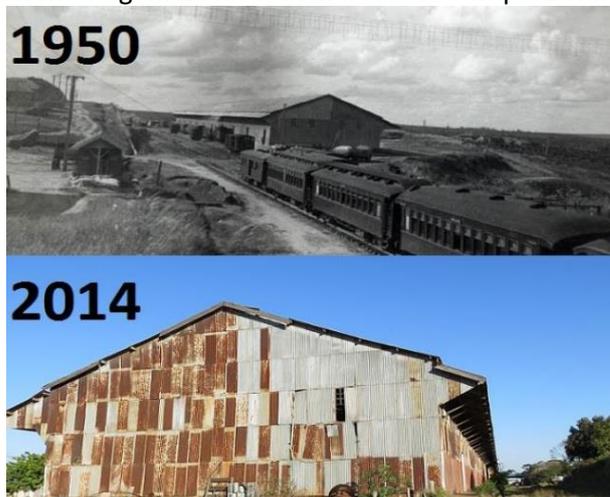
E, o Antigo Armazém da FEPASA (figura 08, número quatro), apresentado detalhadamente nos resultados anteriormente, tem aproximadamente 46.000m² e, uma construção de 4.200m², atualmente abriga diversas microempresas do município, tais como: depósitos de construções, serralherias, oficinas de carretas e outras funções.

O edifício da antiga FEPASA (Ferrovia Paulista S/A - Fepasa), que é a empresa estatal paulista de transporte ferroviário de cargas e de passageiros, fora constituída mediante a unificação das empresas

Companhia Paulista de Estradas de Ferro, Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, Estrada de Ferro Sorocabana, Estrada de Ferro Araraquara e Estrada de Ferro São Paulo e Minas. (GORNI, 2002).

Começou suas atividades em outubro de 1971, até maio de 1998, quando foi extinta e incorporada à Rede Ferroviária Federal, tendo seu fim devido a diversificação econômica do país e, conseqüentemente, do declínio da economia cafeeira. E, desde então, o patrimônio vem sofrendo com as ações do tempo (figura 09), bem como todas as análises apresentadas nos resultados acima. (GORNI, 2002).

Figura 09. Montagem de fotos com intensão comparativa.



Fonte: Acervo de fotos municipal, editado pela autora. (2014).

De acordo com Beatriz Kuhl (1998), as estradas de ferros deram início a um novo tipo arquitetônico, acarretando consigo as construções de armazéns, depósitos e oficinas de locomotivas, etc.

Sendo assim, vemos a importância do Armazém ferroviário de Adamantina (figura 10), e, seguindo o mesmo material da estação, o Armazém também é uma bela construção em madeira. Na figura 10, o mesmo, não havia sofrido nenhuma intervenção humana, estando da sua forma original. (ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL, 2018).

Figura 10. Armazém Fepasa.



Fonte: Foto por Ricardo Bispo. (20-?).

A área é pertencente a Prefeitura de Adamantina, localizando-se às margens da ferrovia, e a Avenida Antônio Tiveron, na vila Jamil de Lima, um trecho que vai desde a rotatória do Cristo até a divisa com uma propriedade particular nas proximidades do Almoarifado Municipal (figura 11). (PORTAL NOSSA LUCÉLIA, 2012).

Figura 11. Área do antigo armazém da FEPASA.



Fonte: Nossa Lucélia. (2012).

Dado que, é necessário preservar as integridades de um bem cultural como um dever de patriotismo, respeitando todos os componentes do Patrimônio Histórico, garantindo a compreensão da memória social, preservando o que for significativo, salvando assim, toda a história de um local e da época. (IPHAN, 2014).

Desta forma, afim de preservá-lo, desde 2005 havia um termo de Cessão de Uso do Imóvel para o Armazém da Fepasa, com duração de 5 anos. Contudo, ao vencer em 2010, foi constatado na vistoria para sua renovação, que o imóvel se encontrava em situação precária e, ocupado por empresas sem regularizações (figura 12). (PORTAL NOSSA LUCÉLIA, 2012).

Figura 12. Armazém da FEPASA.



Fonte: Nossa Lucélia. (2012).

“Preservar não é só guardar uma coisa, um objeto, uma construção, um miolo histórico de uma cidade velha. Preservar também é gravar depoimentos, sons, músicas populares e eruditas. Preservar é manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes populares.” (LEMOS, 2010, p. 29).

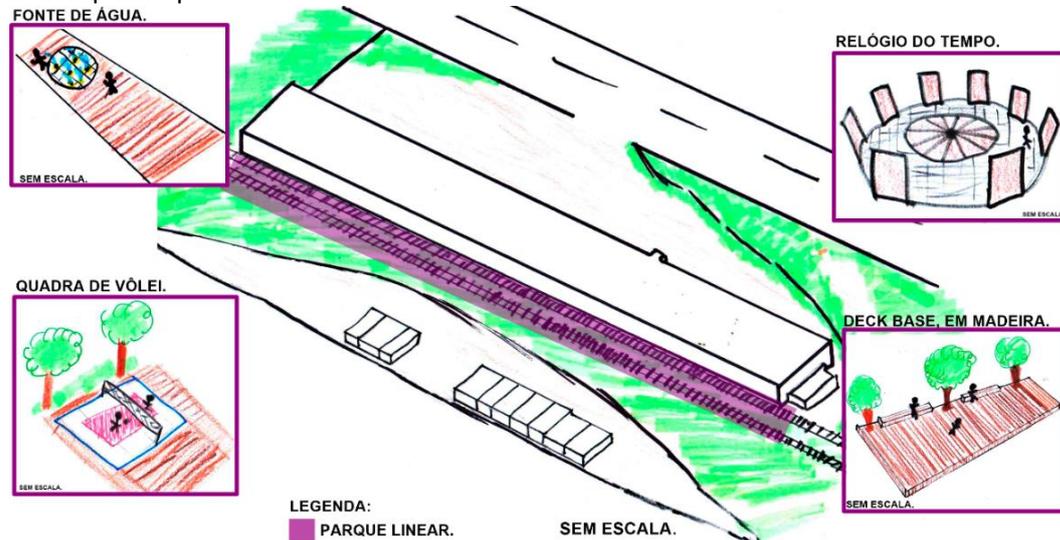
Seguindo essa citação, vale ressaltar que o artigo se refere a um capítulo de TCC regido pela autora também, desta maneira, algumas diretrizes serão apontadas para possíveis soluções das problemáticas da pré-existência, apresentadas nos resultados.

A proposta é que haja a revitalização do Armazém da Linha Férrea, situados no município de Adamantina – SP, transformando-o em um Centro Cultural, tratando-se de um déficit da cidade em questão. Esse projeto visa o desenvolvimento social do local e daquela região, não havendo localidade melhor para se concentrar um Centro Cultural, uma vez que, o Armazém mais a Linha Férrea traz consigo uma bagagem histórica.

Vemos claramente a importância e o valor histórico da edificação para o município, por isso, qualquer intervenção proposta seguirá uma nova linguagem, priorizando e, dando destaque a essência do Armazém. Sendo assim, o projeto vem com o intuito de abri-lo para a cidade, já que muitos desconhecem sua história, mantendo ainda suas características originais.

Deste modo, ocorrerá a adição de um Parque Linear na linha férrea (figura 13), tendo como base um deck de madeira, visto que não pode haver construções diretamente na linha. Tal Parque Linear vem para abrir o centro cultural para a cidade, onde todas as peças novas conversarão perfeitamente com o Galpão já existente no local.

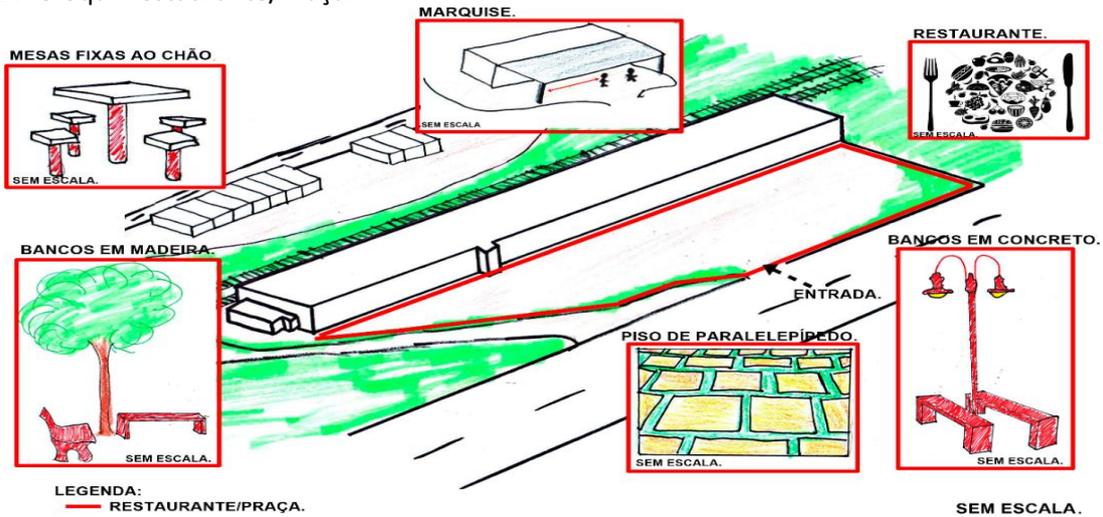
Figura 13. Croqui Parque Linear.



Fonte: Croqui realizado pela autora. (2020).

E para complementar essa abertura a cidade, será implantado um restaurante/praça no espaço livre dentro do lote (figura 14), as mesmas serão executadas de tal maneira a não ofuscar todas as estruturas originais do Armazém, deixando-o em destaque. Sendo acrescentada para agregar valores e, fazer com que o Centro Cultural dialogue com seu entorno, logo, com a cidade.

Figura 14. Croqui Restaurante/Praça.

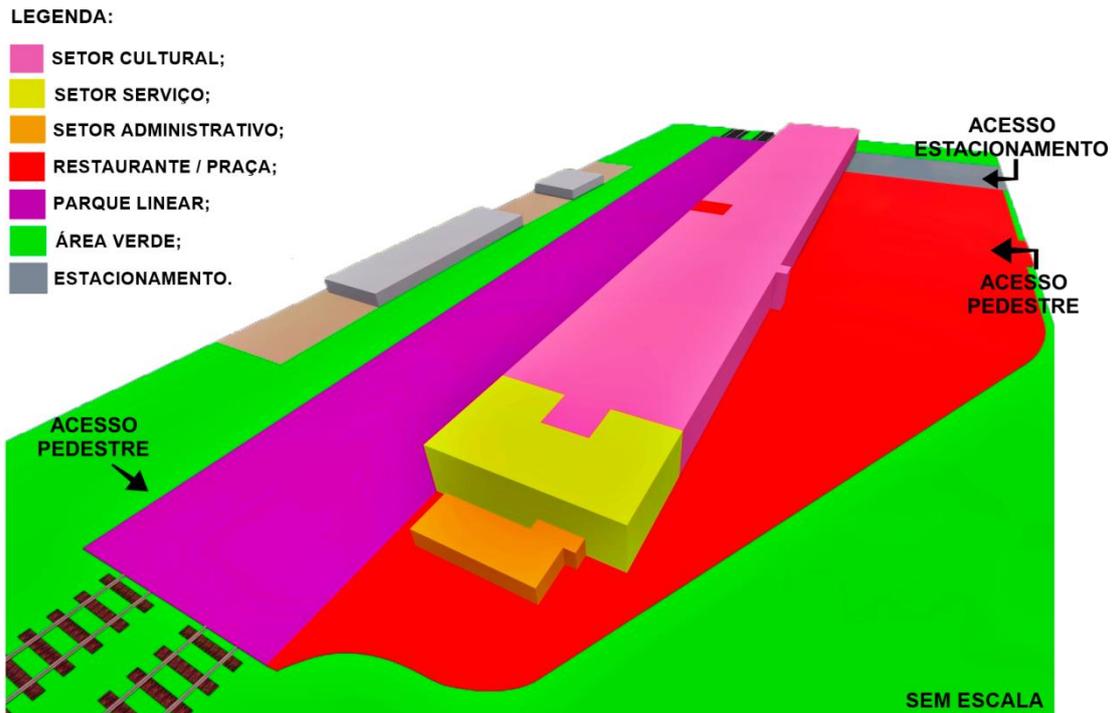


Fonte: Croqui realizado pela autora. (2020).

Brandi (2008), diz que a restauração pode contar com toda e qualquer forma de intervenção humana, desde que traga evidência ao prédio novamente, e, como consequência o seu uso.

Desta maneira, serão construídos espaços internos, buscando a liberdade dos indivíduos, trabalhando isso nos fluxos, estabeleceremos a conexão com o exterior. E, seguindo essas organizações apresentadas na figura 15, serão alcançados este objetivo de liberdade individual.

Figura 15. Setorização por blocos, do projeto proposto, o Centro Cultural.



Fonte: Autora. (2020).

Ainda que, o Armazém, logo o Centro Cultural, também é utilizado como caminho de passagem de pedestres para o outro lado da cidade, desta maneira, serão mantidos os acessos por ambas as fachadas como vemos na figura 15 acima, dialogando perfeitamente com a inserção do Centro Cultural, estabelecendo uma conexão direta com obra x público.

Aproveitando desta maneira, toda área do lote do Armazém em questão, transmitindo as sensações de pertencimentos para os usuários frequentantes, ou até mesmo para aqueles que utilizam o espaço como passagens, ressaltando assim a necessidade de cuidar do ambiente, sem que o mesmo caia em desuso.

E, com essas diretrizes projetuais, o mesmo terá um funcionamento adequado, respeitando toda sua história, e convidando a população a contemplar os espaços, despertando o interesse de adentrá-lo. Sendo essencial que o Centro Cultural proporcione espaços de vivências agradáveis para que o indivíduo tenha a curiosidade e, a vontade de sempre voltar a utilizá-lo.

Essa parte afetiva, ainda está prevista na Carta Patrimônio Industrial (2003), dizendo que o patrimônio industrial reveste um valor social como arte do registro de vida e, conferindo um importante sentimento identitário, representando as atividades que tiveram e, que ainda têm profundas consequências históricas.

Portanto, desta maneira, o antigo Armazém que antes servia como depósito de materiais e mercadorias para a ferrovia, agora abrigam cultura de maneira adequada e, ainda, mantém toda a sua identidade histórica viva, perante a sociedade atual.

CONCLUSÃO

Concluiu-se, portanto, que o complexo ferroviário de forma conjunta, carrega consigo uma bagagem histórica gigantesca, ainda que, o Armazém de forma especial, ao ser analisado como vimos nos resultados, é notável como ele está prejudicado devido as ações do decorrer dos anos e, também, pelas ações realizadas humanamente.

Mas observamos também, como ele dispõe de espaços com grandes potencialidades e, as diretrizes apresentadas na discussão vem com o intuito de trazer um novo uso adequado para o Armazém, logo, resgatando toda a história de uma pré-existência ignorada, propagando-a assim para toda a sociedade.

Ainda que, é possível concluir, como os Centros Culturais influenciam de maneira benéfica, diretamente no crescimento dos indivíduos perante a sociedade que vivem. Ainda, como agregam valor no local onde está inserido, tal valor aumenta quando o mesmo se situa em um edifício de valor histórico.

REFERÊNCIAS

BRANDI, Cesare. **“Teoria da Restauração”**. 3ª Edição. Cotia: Ateliê Editorial, Coleção Artes e Ofício, 2008.

CARTA PATRIMÔNIO INDUSTRIAL, 2003. Disponível em: <<https://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL. Cia. Paulista de Estradas de Ferro e FEPASA. 2015. Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/a/adamantina.html>>. Acesso em: 01 mar. 2020.

FEPASA, Ferrovia Paulista -. **Ferrovia Paulista SA - FEPASA.** São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.tsfr.org/~efbrazil/fepasa.html>> Acesso em: 26 mar. 2020.

GORNI, Antonio Augusto. **A ELETRIFICAÇÃO NAS FERROVIAS BRASILEIRAS,** 2002. Disponível em: <http://www.gorni.eng.br/Gorni_ElectroBras_2003.pdf> Acesso em: 26 mar. 2020.

IPHAN. **Patrimônio Material.** 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218//>> Acesso em: 25 mar. 2020.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Arquitetura do ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo, reflexões sobre a sua preservação.** São Paulo, Ateliê, SEC, FAPESP, 1998.

LEMOS, C. A. C. **“O que é Patrimônio Histórico”**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

LIMA, Cândido. J.de. **Jubileu de ouro de Adamantina**. Adamantina, 1999.

Portal Nossa Lucélia. Notícias. **Prefeitura de Adamantina conquista área de 46 mil m² e "Barracão da Fepasa"**. Lucélia. 11/01/2012. Disponível em: <<http://www.nossalucelia.com.br/n8377.html>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

UNESCO. **Patrimônio Cultural no Brasil**. 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/agencia/unesco/>> Acesso em: 25 mar. 2020.

DIRETRIZES URBANAS DE MOBILIDADE PARA TEODORO SAMPAIO/SP – RODOVIA SP-613 COMO EIXO ESTRUTURANTE

Anágela Alves Siebra Da Silva, Yeda Ruiz Maria

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: anagela2007@hotmail.com

RESUMO

A circulação nas cidades, a partir do modernismo, priorizou a individualização do transporte motorizado, elencando os automóveis e a ampliação da rede viária como principais elementos. Deste modo, a mobilidade urbana, que compreende as condições ofertadas para possibilitar o deslocamento de pessoas e cargas, foi cada vez mais afastada de sua aplicabilidade prática igualitária, pois as cidades consideraram cada vez menos os pedestres e os ciclistas. No Brasil, as rodovias – construídas para viabilizar o escoamento das mercadorias após o declínio da ferrovia – tornam-se atrativos para a urbanização em seu entorno principalmente nas cidades de pequeno e médio porte, gerando travessias urbanas e, conseqüentemente, conflitos entre pedestres e o tráfego rodoviário. Neste contexto, se tem como base o município de Teodoro Sampaio/SP, o qual possui uma rodovia intermunicipal que o entrecorta e que, concomitantemente, é o eixo viário principal e estruturador da cidade, acarretando em conflitos e insegurança nos tráfegos motorizados e não motorizados. Diante disso, o presente artigo objetiva a compreensão de como o espaço urbano em questão pode priorizar pedestres e ciclistas, alavancando a mobilidade urbana e as possibilidades de permear na cidade de modo mais igualitário e acessível. A metodologia se deu através de pesquisas bibliográficas, documentais e análises urbanísticas *in loco*.

Palavras-chave: Planejamento Urbano, Transportes e Rodovias, Travessias Urbanas, Urbanismo Rodoviário.

URBAN MOBILITY GUIDELINES FOR TEODORO SAMPAIO/SP - HIGHWAY SP-613 AS A STRUCTURING AXIS

ABSTRACT

A circulation in cities, starting with modernism, prioritized the individualization of motorized transport, listing cars and expanding the road network as main elements. In this way, urban mobility, which comprises the conditions offered to enable the displacement of people and cargo, has been increasingly removed from its egalitarian applicability, as cities consider pedestrians and cyclists less and less. In Brazil, highways — built to facilitate the flow of goods after the decline of the railroad — they become attractive for urbanization in their surroundings, mainly in small and medium-sized cities, generating urban crossings and, consequently, conflicts between pedestrians and road traffic. In this context, it is based on the municipality of Teodoro Sampaio/SP, which has an intercity highway that intersects it and which, concomitantly, is the main and structuring road axis of the city, leading to conflicts and insecurity in motorized and non-motorized traffic. Therefore, this article aims to understand how the urban space in question can prioritize pedestrians and cyclists, leveraging urban mobility and the possibilities of permeating the city in a more equal and accessible way. The methodology took place through bibliographic, documentary research and urban analysis *in loco*.

Keywords: Urban Planning, Transport and highways, Urban Crossings, Road urbanism.

INTRODUÇÃO

O termo “mobilidade” diz respeito a possibilidade de moção, ou seja, de movimento (MICHAELIS, 2019). Deste modo, a mobilidade aplicada ao contexto urbano contempla a viabilidade de um indivíduo se deslocar dentro das cidades.

Conforme Gehl (2013), a urbanização sob a égide do modernismo gerou consequências no desenvolvimento das cidades. Os espaços de uso público como praças, parques e ruas foram deixados em segundo plano, pois os planejamentos efetuados eram prioritários ao transporte motorizado individual, com ênfase nos automóveis. Ainda neste contexto, para Alves (2014), as cidades se desenvolveram em um modo de mobilidade insustentável, pois o incentivo aos modais motorizados como forma mais eficiente para deslocamento acentua a desigualdade econômica, uma vez que parte da população não pode ter acesso a um veículo particular.

Corroborando com esse incentivo no cenário brasileiro, a partir da eclosão da Revolução Industrial que promoveu a expansão da indústria no século XIX, o transporte optado para atender a demanda de distribuição dos produtos foi a estrada de ferro (GUIMARÃES, 2004). Com o declínio do modal ferroviário, a partir dos anos 40 do século seguinte houve o fomento da indústria automobilística, que estimulou o transporte rodoviário e a ideia de interligar todo o território nacional por meio de rodovias, implantada no governo do presidente Juscelino Kubitschek, conforme os autores Santos, Faria e Silva (2006) afirmam.

A partir disso, segundo Freire (2003), as cidades de pequeno e médio porte, atraídas pelas rodovias e suas infraestruturas já existentes, seguiram a urbanização de forma linear ao sistema rodoviário, que tiveram seu contorno urbanizado sem planejamento, constituindo travessias urbanas. Posteriormente, esse modo de urbanização sem determinações prévias gerou conflitos existentes entre a dualidade do tráfego rodoviário e a vida urbana.

As cidades, por cada vez mais se voltarem aos veículos, comprometeram a qualidade dos transportes individuais naturais, como o próprio caminhar, pois as calçadas se tornaram inexistentes ou totalmente inseguras na concorrência com os carros por um espaço nas vias (GEHL, 2013).

Diante disso, tendo como objeto de estudo o município de Teodoro Sampaio, localizada no extremo oeste do estado de São Paulo com pouco mais de 21 mil habitantes, que possui como principal eixo viário – ou eixo estruturante – a Rodovia Arlindo Bettio (SP-613), a presente pesquisa visa a compreensão das problemáticas que essa dinâmica de transportes acarreta na cidade e como o planejamento urbano pode promover qualidade na circulação intraurbana.

ACERCA DA MOBILIDADE URBANA E DAS TRAVESSIAS URBANAS

Os cidadãos, como protagonistas do cenário urbano, necessitam de espaços acessíveis para desempenhar suas atividades cotidianas, que devem ser estruturados para receber múltiplas possibilidades de transporte, assim como assegura o direito de ir e vir nas cidades, previsto pelo artigo 5º da Constituição Federal de 1988, inciso XV, e, mais tarde, reafirmado pela instituição da Política Nacional de Mobilidade Urbana (BRASIL, 2013), a qual reconhece a necessidade de melhoria da mobilidade urbana através do incentivo ao uso de transportes não motorizados ou motorizados coletivos.

Conforme destaca Silva (2010 *apud* ZANETTINI, p. 16, 2018) a mobilidade urbana, que diz respeito às condições em que se realizam os deslocamentos de pessoas e mercadorias num espaço urbano, é obtida através de políticas de transporte e circulação que objetivem a o alcance da acessibilidade e mobilidade das pessoas e das cargas na cidade, priorizando os modos de transporte coletivo e não motorizado de modo efetivo, inclusivo e ecologicamente sustentável.

Deste modo, a cidade se torna mais vívida, passível de ser apropriada por adultos, crianças, pessoas com dificuldade de locomoção, como idosos e deficientes, e toda a sociedade, dispendo espaços de qualidade voltados a circulação pedonal (a pé) e de bicicleta, por serem transportes mais democráticos em comparação aos veículos, desassociando essa condição à classe social.

A vivacidade das cidades, para Gehl (2013), versa a permanência das pessoas nos espaços urbanos, que devem ter suas necessidades básicas atendidas e acessíveis. Mediante a este princípio, o autor estabelece quatro questões para o alcance dessa resultante positiva, que, em suma, são embasadas pela capacidade de mobilidade urbana.

Os quatro objetivos-chave – cidades com vitalidade, segurança, sustentabilidade e saúde – podem ser imensamente reforçados pelo aumento da preocupação com pedestres, ciclistas e com a vida na cidade em geral. Um grande reforço desses objetivos é uma intervenção política unificada por toda a cidade para garantir que os moradores sintam-se

convidados a caminhar e pedalar, tanto quanto possível, em conexão com suas atividades cotidianas (GEHL, *op. cit.*).

Sendo assim, a importância e o impacto da mobilidade urbana efetivada nas cidades consistem na prática desses objetivos através da fortificação da permeabilidade a pé – ou pedestrianismo –, o ciclismo e a unificação dessas atividades à utilização do transporte público coletivo, tornando as cidades mais sustentáveis. Nessa vertente, a qualidade da infraestrutura viária e suas condicionantes, provenientes do planejamento urbano, se interligam de modo direto na promoção da qualidade de circulação no espaço urbano.

O planejamento urbano dos municípios, a partir da Constituição Brasileira no ano de 1988, impõe a necessidade da elaboração do plano diretor para cidades que excedem a 20.000 habitantes. No entanto, para Freire (2003), as áreas urbanas de pequeno e médio porte que margeiam as rodovias, em geral, não atendem o proposto, pois são reduzidas em habitantes, fazendo com que o desenvolvimento das mesmas seguisse de forma natural, sem planejamentos prévios. Contudo, foi somente a partir da década de 80, com as reformulações técnicas de planejamento atreladas a questões ambientais – Resolução nº 1/86 do Conselho Nacional do Meio Ambiente – que os impactos associados a presença de rodovias em áreas urbanizadas obtiveram relevância.

Conforme Cupolillo (2006), essa ocorrência recebeu a denominação de travessias urbanas, que se trata da concentração populacional no entorno de trechos rodoviários com planejamento escasso, resultando em áreas urbanas que acabam por deter a rodovia como parte integrante. Como destaca Freire (*op. cit.*), sua origem ocorre por meio da ocupação de pontos estratégicos dos trechos rodoviários que se tornam cada vez mais potenciais para concentrar estabelecimentos e condicionar economicamente os serviços prestados ao tráfego de passagem, intensificando o uso do solo e gerando conflitos de necessidades entre os espaços viário e o urbano.

A caracterização das travessias urbanas ocorre à vista das intervenções realizadas na rodovia, desinentes do volume de tráfego, do adensamento urbano e dos conflitos existentes, apresentando cinco tipologias retratadas na tabela a seguir (tabela 1), de acordo com o que afirma Trinta (2001).

Tabela 1. Caracterização das Travessias Urbanas.

Travessia simples ou de pequeno porte	Travessia utilizando segmentos de ruas locais	Travessia com acesso controlado	Travessia com acesso bloqueado	Contorno urbano
Rodovias de longo percurso que atravessam uma área urbana mantendo suas características funcionais, ou seja, o traçado permanece inalterado, mesmo mediante ao adensamento urbano que a margeia esse trecho.	Ocorre quando o tráfego de passagem, proveniente da rodovia, faz uso de ruas e avenidas locais da área urbana que cruza.	Quando há separação entre o tráfego de longa distância e o local, com controle de acessos, ocorrendo apenas nos locais permitidos.	Isola totalmente o tráfego local do tráfego de passagem, visto que a entrada na rodovia e saída de veículos é proibida.	Quando a fluidez da via está comprometida pelas interferências do tráfego rodoviário com o tráfego local, levando a proposição de um novo traçado urbano. Este novo percurso, se não forem dadas as devidas diretrizes, acabará por replicar os mesmos problemas anteriores.

Fonte: Trinta (2001) adaptado pela autora (2019).

Para efeito deste estudo, serão pautadas alternativas relacionadas às tipologias visando a minimização do tráfego de passagem da rodovia que cruza o município de Teodoro Sampaio, entendido

como conflitante e causador de impactos em relação ao tráfego do pedestre e dos demais modais. O município atualmente se encaixa nas tipologias “Travessia simples ou de pequeno porte” e “Travessia utilizando segmentos de ruas locais”, e o estudo apresentará como amenização da problemática em questão, posteriormente, a diretriz urbanística de contorno urbano.

Em relação ao uso do solo, a implantação de uma rodovia num núcleo urbanizado exerce forte poder de atração, movida pelos interesses dos que desejam expor produtos e serviços aos usuários da via e aos que buscam estes acessos. Em contrapartida, essas implementações ocasionam na perda da operacionalidade da rodovia, por conta do elevado número de travessias de pedestres; afetam a comunidade, pois comprometem a segurança na efetuação dessas travessias e, por fim, a alteração do uso do solo de modo desordenado, podendo provocar a supervalorização ou desvalorização dessas áreas, trazendo consequências de ordem econômica, social e cultural, como a favelização de áreas urbanas (BRASIL, 2005).

Ainda conforme Brasil (2005), outras problemáticas oriundas das travessias urbanas são as poluições advindas dos veículos motorizados, que quando parados ou em baixas velocidades produzem de modo mais intenso os gases poluentes nocivos à saúde (como o CO²), podendo gerar doenças respiratórias; ruídos de motores, frenagens bruscas e buzinas afetam o sistema auditivo, configurando a poluição sonora; e as vibrações, originadas pelo tráfego de veículos pesados – carretas e caminhões, articulados ou não – ocorrente de modo constante, podendo sobrevir trepidações no pavimento, afetando as construções que margeiam a rodovia.

Para Barbosa (*apud* CUPOLILLO, 2006, p.10), esses conflitos gerados devem ser solucionados de modo equilibrado, porém, privilegiando a categoria que mais será afetada pelas problemáticas causadas. Diante disso, a regulamentação prevista no art. 29, § 2 do CTB – Código de Trânsito Brasileiro (BRASIL, 1997), determina que os veículos de maior porte serão responsáveis pela segurança dos menores, do mesmo modo que os motorizados pelos não motorizados, reconhecendo, assim, a vulnerabilidade do pedestre nessa hierarquia (CUPOLILLO, 2006).

A relação de áreas urbanas entrecortadas por rodovias explanada anteriormente, constitui uma das principais características do município de estudo deste trabalho, a qual afeta a mobilidade urbana entre as regiões da cidade, prejudicando principalmente a experiência de pedestres e ciclistas, que se torna cada vez mais escassa e constitui um cenário favorável e mais atrativo ao tráfego com veículos motorizados individuais.

MÉTODOS

O desenvolvimento dessa pesquisa, com metodologia qualitativa exploratória, foi ordenado inicialmente pela definição das áreas, dentro do município de Teodoro Sampaio, a obterem a aplicação deste estudo. Utilizando como critério de escolha as regiões que mais possuíam atrativos de fluxos e possíveis conflitos de tráfego, como concentrados de áreas comerciais, institucionais e de lazer. Foram delimitadas 5 regiões, sendo cada uma pertencente a um bairro distinto – Vila Minas Gerais, Centro, Vila Furlan, Vila São Paulo e Cohab – nos quais o trajeto de acesso passa, em sua maioria, pelo eixo estruturante.

Através de levantamentos bibliográficos realizados em livros, artigos científicos, teses e dissertações, foi possível o aprofundamento acerca da mobilidade urbana e sua importância aos pedestres e ciclistas, à acessibilidade, segurança pública e sustentabilidade, os transportes e como se relacionam com a questão das travessias urbanas, além de informações verbais coletadas em palestras com abordagem dessas temáticas, delineando o embasamento teórico da pesquisa e a compreensão de como esses quesitos se encontravam no objeto de estudo.

Para compreensão dos instrumentos urbanísticos regulatórios da cidade, de como os órgãos municipais, estaduais e federais competentes atuam e como isso influencia a mobilidade urbana, foram efetuadas análises bibliográficas e documentais, tais como o Plano Diretor Municipal (2016), Lei de Parcelamento do Solo (2007) e o andamento do Plano de Mobilidade Urbana, até o momento em fase de conclusão. Também foram consultados mapas e imagens de satélite do município de vários anos, para

constatar como a urbanização se deu ao redor do eixo estruturante e para qual direção a urbanização, atualmente, mais se direciona.

As análises *in loco* foram realizadas objetivando a compreensão de cada uma das cinco áreas delimitadas, a fim de compor um acervo fotográfico sobre a relação entre os fluxos motorizados e os não motorizados e o espaço destinado aos pedestres e ciclistas nas vias. Para entendimento dos pontos de vista tanto do motorista quanto do ciclista, as visitas foram feitas tanto de bicicleta quanto de automóvel, experienciando de fato as condicionantes ofertadas no trajeto, nos horários comerciais e de entrada e saída de alunos das instituições de ensino, onde haviam maior concentração de fluxo dos modais motorizados e não motorizados.

LEVANTAMENTOS DOCUMENTAIS, FÍSICOS E OBSERVACIONAIS

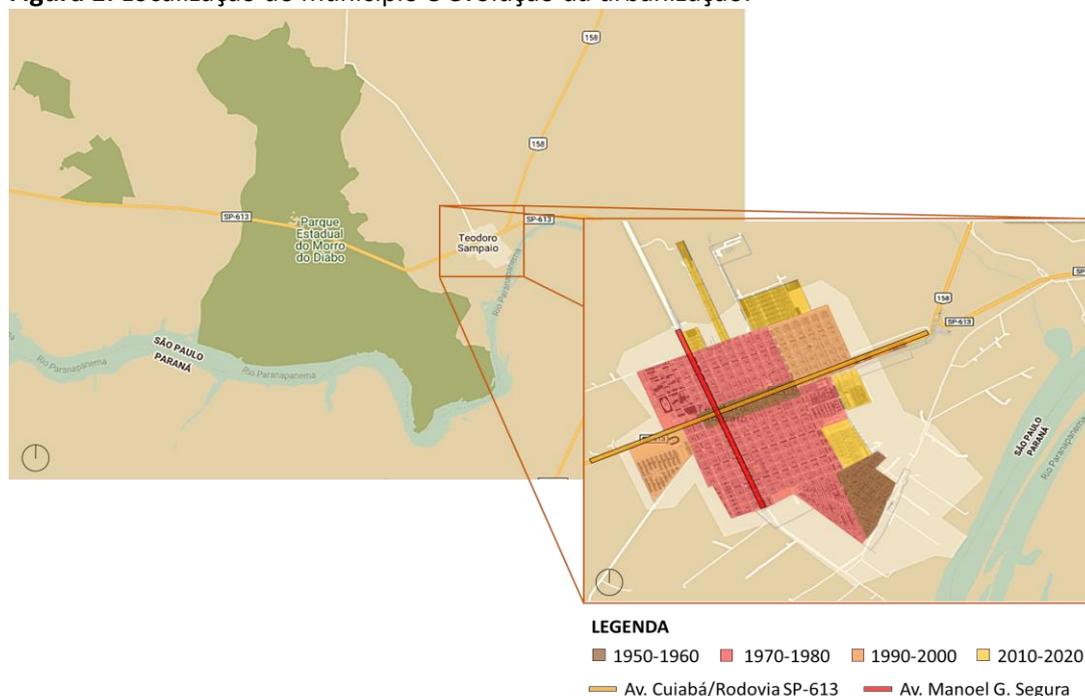
A partir do aprofundamento dos conceitos e aplicabilidades da mobilidade urbana e de como a presença de travessias urbanas podem interferir nessa condição, seguidos dos levantamentos e análises do local, com a descrição das áreas delimitadas para o estudo, foram propostas as diretrizes urbanísticas e projetuais para a efetivação da mobilidade urbana no município de Teodoro Sampaio, constituindo os resultados da pesquisa.

O MUNICÍPIO DE TEODORO SAMPAIO/SP

Do ponto de vista histórico, o município se originou de parte das terras que compunham a antiga Fazenda Cuiabá, a qual também deu origem a outros municípios da região (PREFEITURA DE TEODORO SAMPAIO, 2020). Após a área ser demarcada em sítios e vendida, em meados de 1950, famílias começaram a chegar e dedicaram-se ao cultivo de café, algodão, arroz, amendoim, milho e à extração de madeiras.

Ainda conforme a Prefeitura de Teodoro Sampaio (2020), Cuiabá e Paranapanema foram os nomes dados as duas primeiras ruas traçadas na cidade (figura 1), atual Avenida Cuiabá e Avenida Manoel Guirado Segura, respectivamente, a partir de 1953, quando surgiram as primeiras residências. Em 1964, através da Lei nº 8.092, o município é criado. Em 1981, por meio do decreto de Lei N. 3.021, se dá a denominação “Arlindo Bettio” à rodovia SP-613, que liga Teodoro Sampaio do município de Rosana.

Figura 1. Localização do município e evolução da urbanização.



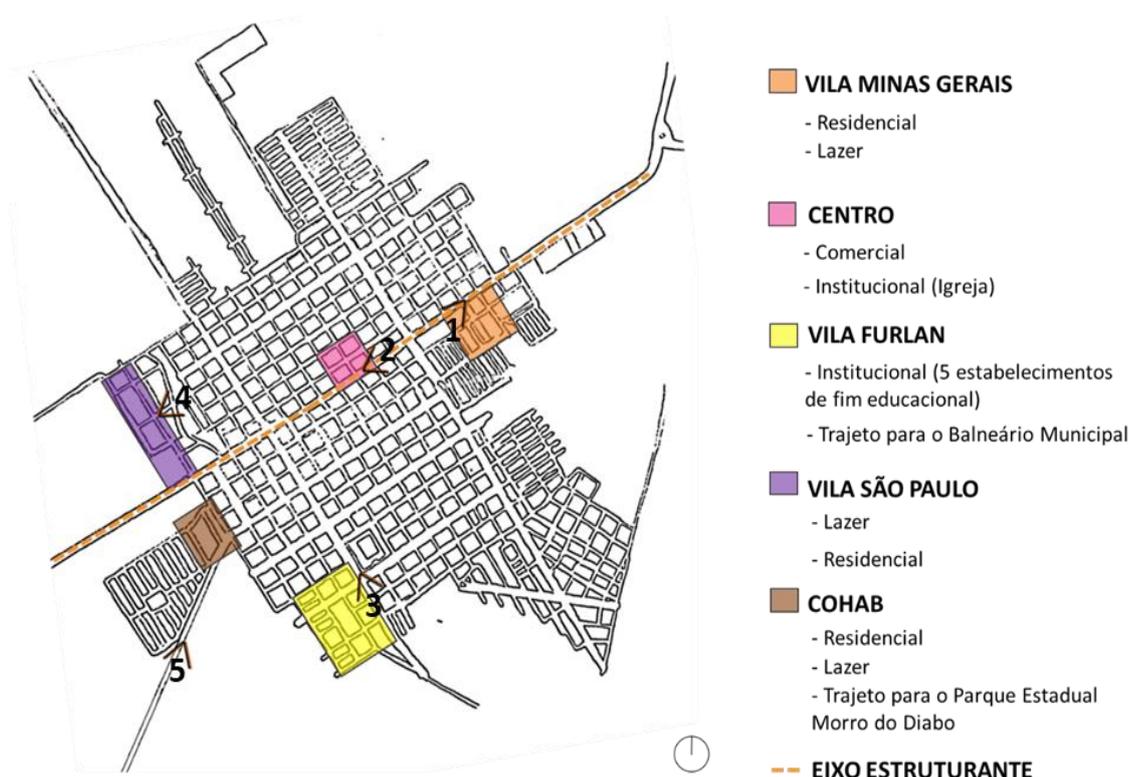
Fonte: Google Maps Styling Wizard, 2020. Prefeitura Municipal de Teodoro Sampaio, 2016. Editado pela autora, 2020. Sem escala.

Conforme descrito, a atual Avenida Cuiabá foi uma das primeiras a serem traçadas no município. Seu entorno já aglutinava, além de residências, as primeiras edificações de cunho comercial. A partir da criação da rodovia Arlindo Bettio, em 1981, a cidade obteve avanço em seu desenvolvimento, com aumento de áreas comerciais margeando essa área, visto com bons olhos pelos moradores locais da época, alavancando o movimento e a economia (informação verbal)⁶. Atualmente, o uso comercial nas margens da avenida em questão é predominante, tornando a área sempre movimentada.

Por obter localização contemplada em meio a mata atlântica, o município possui elementos naturais que o incrementam com o viés turístico e o desenvolvimento socioeconômico da área. O Parque Estadual do Morro do Diabo, aberto para o contato direto com a natureza, é um grande atrativo turístico regional, pela possibilidade de visitação e realização de atividades de educação ambiental. O município também é banhado pelos rios Paraná e Paranapanema (figura 1), que reforçam a pesca e o ecoturismo como atividades recorrentes no município. O Balneário Municipal é um dos locais de atrativo turístico, promovendo passeios de barco e quiosques para permanência dos visitantes (SÃO PAULO, 2019).

Considerando a relevância da Avenida Cuiabá (Rodovia SP-613) como o eixo estruturante principal do município, e como os transportes que a perpassam, principalmente de carga pesada, tornam conflituosa a mobilidade dos pedestres e ciclistas, foram elencadas cinco áreas do município, sendo estas pertencentes a bairros distintos, que concentram o maior número de estabelecimentos comerciais e institucionais – consequentemente de maior fluxo – e de lazer, sendo o eixo estruturante a principal via de acesso para todas essas áreas (figura 2).

Figura 2. Croqui com delimitação das áreas analisadas e seus usos predominantes.



Fonte: A autora (2019). Sem escala.

As análises urbanas realizadas coletaram dados sobre o grupo social pertencente, atividades desenvolvidas no bairro, acessibilidade a comércios e serviços, infraestrutura, equipamentos urbanos,

¹ Informação fornecida por Maria Nelma Fernandes Aguiar, moradora do município desde 1976, em entrevista realizada em janeiro de 2020.

predominância do gabarito de altura das edificações que margeiam as vias principais de acesso e o tipo e a intensidade dos fluxos.

O intuito principal do estudo *in loco* dessas áreas fundamentou-se em compreender o comportamento dos fluxos e dinâmicas particulares de cada área em relação ao espaço e sua infraestrutura (figura 3), obtendo direcionamentos para a proposição de um modo de interliga-las trabalhando as escalas macro, abrangendo e articulando os 5 bairros, e micro, concedendo suporte necessário para melhorar a qualidade da experiência para os fluxos não motorizados e, assim, ampliar as possibilidades de circulação com qualidade no espaço urbano.

Figura 3. Dinâmica em relação aos fluxos e infraestruturas dos bairros analisados.



Fonte: A autora (2019). Sem escala.

REORDENAÇÃO VIÁRIA COMO IMPLEMENTO DA MOBILIDADE URBANA

Para a aplicabilidade da mobilidade urbana no município em estudo, diante das análises realizadas, constatou-se que os espaços viários precisam ser reordenados e redimensionados, de modo que o desenho urbano possibilite calçadas maiores, acessíveis e de maior qualidade, bem como a oferta de um espaço voltado ao ciclista, criando um relação mais favorável aos modais não motorizados e incentivando a população a aderi-los como principais meio de transporte.

Contudo, para possibilitar o tráfego seguro de pedestres e ciclistas que a proposta enfatiza, o tráfego rodoviário motorizado de carga pesada deve ser retirado, predispondo um espaço urbano mais seguro e agradável, livre de poluições prejudiciais à vivência da população. Portanto, recomenda-se como diretriz projetual a construção de um contorno viário, ou desvio, voltado exclusivamente aos caminhões de grande porte.

O trajeto rodoviário atual, passante dentro do município, compreende a distância de cerca de 4km que tangem o perímetro urbano. Uma das pré-disposições que induziriam o uso do contorno viário apenas aos caminhões de carga é que esse novo percurso tenha distância maior a ser percorrida em relação a passagem intraurbana. Assim, o desvio não teria adesão de uso pelos veículos de pequeno porte, como os automóveis, que continuariam passando pela cidade, questão que envolve o consumo dos comércios do município e corrobora para a aceitação da proposta por parte dos comerciantes e órgãos públicos. No entanto, o aumento excessivo da distância do percurso poderia se tornar um quesito negativo do ponto de vista dos caminhoneiros, podendo acarretar na inutilização do mesmo.

A área considerada para a implantação do desvio está a sul, desviando o fluxo de toda a área urbana e, do mesmo modo, devolvendo-o a Rodovia SP-613 após o perímetro urbano (figura 4). A relevância para a consideração dessa área é a existência de uma delimitação urbana natural – Rio Paranapanema – que pode atuar como uma barreira para a urbanização acentuada, caso haja expansão ao

redor da via de contorno proposta. O eixo de desenvolvimento da cidade se direciona a noroeste, no sentido oposto ao desvio proposto, minimizando a possibilidade de urbanização nessa área. A distância do desvio proposto possui cerca de 6,0 km, maior do que o trajeto intraurbano, reforçando o uso exclusivo para os caminhões conforme apresentado anteriormente.

Figura 4. Croqui da alternativa de proposta para o contorno viário.

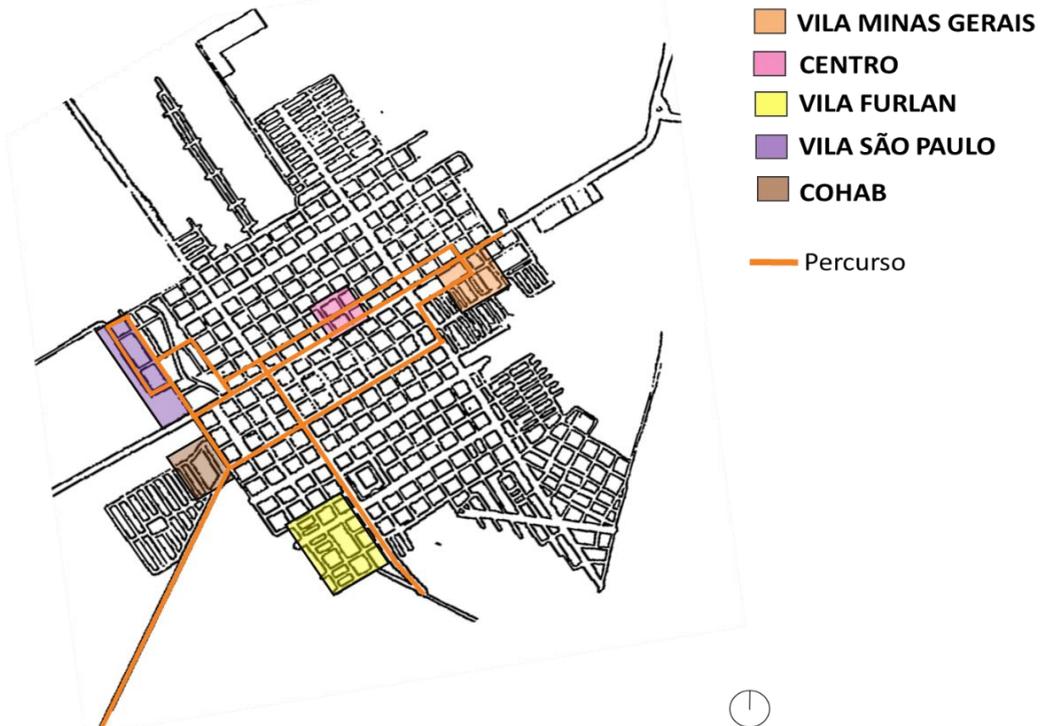


Fonte: A autora (2019). Sem escala.

Contornos viários compreendem um novo tipo de fluxo direcionado. Diante de novos fluxos, há possibilidades de atração para novos usos e ocupações, principalmente de caráter comercial, para atendimento da demanda de motoristas. Neste caso, é de suma importância que haja um arcabouço de instrumentos urbanísticos, como a lei de uso e ocupação do solo, bem como estudos de impacto de vizinhança, a fim de determinar as atividades permissíveis ou não na zona, controlando a urbanização e, assim, evitando que a problemática referente as travessias urbanas seja replicada nas margens do contorno viário proposto.

Partindo dessa alteração rodoviária, propõe-se um percurso com infraestruturas categóricas aos pedestres e ciclistas, o qual conta com a ampliação e inserção de piso tátil e rampas de acessibilidade nas calçadas, assim como a implantação de ciclofaixa, promovendo a conectividade de modo acessível entre as cinco áreas da cidade (figura 4). O eixo estruturante Avenida Cuiabá, que conduz o fluxo da Rodovia Arlindo Bettio (SP-613), por ser a via principal do município em função dos usos e fluxos atraídos, tanto rodoviários quanto comerciais, é a principal via integrante desse percurso.

Figura 4. Croqui do percurso proposto em relação aos pontos analisados.



Fonte: a autora (2019). Sem escala.

Com o eixo estruturante recepcionando apenas veículos de pequeno porte, o percurso proposto torna-se viável, o qual considera a reordenação viária da Avenida Cuiabá e de vias secundárias, para possibilitar o acesso às áreas em questão e a circulação entre as mesmas. (figura 4). Além da articulação e acesso favorável aos bairros, os usuários são também oportunizados à condução aos pontos turísticos que a cidade já possui, assim atribuindo suporte aos usos já existentes e deflagrando novos usos por meio dos novos fluxos enfatizados, ressaltando a vivacidade do espaço urbano.

DISCUSSÃO

A partir das análises e estudos realizados, tanto bibliográficos quanto *in loco*, foi compreendida a importância da mobilidade urbana no acesso à cidade, atrelada à presença das travessias urbanas, que podem segregar e reduzir a democratização desse acesso, pela ausência de projeções voltadas aos pedestres e ciclistas no desenho urbano.

De modo amplo, a solução imposta para enfatizar a prioridade dos espaços viários aos modais não motorizados apresentou-se na ótica de escalas abrangentes, do macro ao micro, ordenando e determinando o tráfego rodoviário, que deve ser assegurado pelo arcabouço de instrumentos regulatório urbanísticos, e inserindo o ciclista como um protagonista da cidade, designando espaço ao mesmo, bem como a melhoria da experiência do pedestre na permeabilidade urbana.

A proposta do percurso, inicialmente conduzida pela interligação de apenas cinco pontos – ou áreas – de apoio, pode ser posteriormente ampliada, abrangendo mais áreas da cidade, ampliando as oportunidades de acesso à área central e de estabelecimentos essenciais, bem como ao turismo e lazer e, assim, garantir que não haja nenhum tipo de segregação de acesso.

REFERÊNCIAS

ALVES, Priscila. **Mobilidade urbana sustentável: diretrizes da política brasileira.** Cadernos Adenauer XV, n. 2, p. 41-53, 2014.

BRASIL. **Código de Trânsito Brasileiro** (1997), Capítulo III - DAS NORMAS GERAIS DE CIRCULAÇÃO E CONDUTA, Art. 29. 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9503.htm. Acesso em: 01 out. 2019.

BRASIL. Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes. **Manual para ordenamento do uso do solo nas faixas de domínio e lindeiras das rodovias federais**. 2. ed. Rio de Janeiro, 2005. 106p.

BRASIL. Ministério das Cidades. Secretaria Nacional de Transportes e Mobilidade Urbana. **Política Nacional de Mobilidade Urbana**. 2013. 37 p.

CUPOLILLO, M. T. A. **Estudo de Medidas Moderadoras do Tráfego com o Objetivo de Reduzir a Velocidade e os Conflitos nas Travessias Urbanas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Transportes). Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro – RJ, 2006.

FREIRE, L. H. C. V. **Análise de tratamentos adotados em travessias urbanas – Rodovias arteriais que atravessam pequenas e médias cidades no RS**. 2003. 148 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
Google Maps Platform Styling Wizard. Disponível em: <https://mapstyle.withgoogle.com/>. Acesso em: 12 jul. 2020.

GUIMARÃES, P. P. **Configuração urbana: evolução, avaliação, planejamento e urbanização**. São Paulo: Prolivros, 2004. 257p.

MOBILIDADE. *In*: MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues>. Acesso em: 13 set. 2019.

PREFEITURA DE TEODORO SAMPAIO. **Teodoro Sampaio**. Disponível em: <https://www.teodorosampaio.sp.gov.br/?pag=T1RjPU9EzZ1PVFU9T0dVPU9HST1PVEE9T0dFPU9HRT0=&idmenu=214>. Acesso em: 13 jan. 2020.

SANTOS, N. C.; FARIA, C. A.; SILVA, A. T. B. **A simulação do fluxo de veículos pesados em cidades de pequeno porte como um instrumento de planejamento**. *In*: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO PARA O PLANEJAMENTO URBANO, REGIONAL, INTEGRADO E SUSTENTÁVEL, 2, Pluris, 2006. 11 p.

SÃO PAULO. Governo do Estado de São Paulo. **Parque Estadual Morro do Diabo**. Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/parques-e-reservas-naturais/parque-estadual-morro-do-diabo/>. Acesso em: 06 out. 2019.

TRINTA, Z.A. **Contribuição ao estudo das travessias urbanas de pequeno e médio porte por rodovias de longo curso**. 2001. Dissertação (Mestrado) – Programa de Engenharia de Transportes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

ZANETTINI, F. L. **Cidade de Sorocaba: mobilidade urbana e sistema de ciclovias**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias, Pós-Graduação em Urbanismo. 2018. 110 p.

ESPACIALIDADE AMBIVALENTE: A CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA NA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE TARABAI - SP.

Felipe Da Silva Paulino, Víctor Martins De Aguiar, Yeda Ruiz Maria

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: tj_felipe@outlook.com

RESUMO

Os centros urbanos desempenham importante papel no processo de construção e perpetuação da memória social coletiva, tornando-se responsáveis por conferir identidade a determinados grupos ao passo que absorvem signos para os indivíduos e se perpetuam como “lugares de memória”, características que não são suficientes para inibir deterioração do tempo e o abandono. Em cenários similares a estes, coletivos urbanos se propõe a discutir a importância da memória na construção e ativação de espaços públicos históricos, reflexões adaptadas para a antiga Estação Ferroviária de Tarabai (1954), espaço fundamental para o desenvolvimento do município, que após a sua desativação viu-se abandonada (1984), mesmo com a implementação de intervenções por parte do poder público com o intuito de transformá-la em espaço de lazer (1992). Desta forma, o trabalho se propôs a observar e compreender as dinâmicas de uso, de apropriações realizadas local salientando a importância da memória coletiva para a sua ativação. Para tanto, foram necessárias observações diretas realizadas na Estação Ferroviária a fim de registrar suas práticas espaciais, havendo a interpretação de tais dados através de “mapas mentais”. As observações realizadas no local foram complementadas com levantamentos bibliográficos e documentais com o propósito de dar suporte teórico aos levantamentos realizados *in loco*, ponderando sobre a importância da memória coletiva. **Palavras-chave:** práticas espaciais, lugares de memórias, memória coletiva, Estação Ferroviária, Tarabai - SP.

AMBIVALENT SPACIALITY: COLLECTIVE MEMORY CONSTITUTION AT THE ESTAÇÃO FERROVIÁRIA TARABAI - SP.

ABSTRACT

Urban centers play an important role in the process of building and perpetuating collective social memory, becoming responsible for giving identity to certain groups while absorbing signs for individuals and perpetuating themselves as “places of memory”, characteristics that are not enough to inhibit deterioration of time and abandonment. In scenarios similar to these, urban collectives propose to discuss the importance of memory in the construction and activation of historic public spaces, reflections adapted to the old Estação Ferroviária de Tarabai (1954), a fundamental space for the development of the municipality, which after its deactivation was abandoned (1984), even with the implementation of interventions by the government in order to transform it into a leisure space (1992). In this way, the work proposed to observe and understand the dynamics of use, of appropriations carried out locally, emphasizing the importance of collective memory for its activation. For that, direct observations made at the Railway Station were necessary in order to record their spatial practices, with the interpretation of such data through “mind maps”. The observations made on site were complemented with bibliographic and documentary surveys with the purpose of providing theoretical support for surveys carried out on the spot, pondering the importance of collective memory.

Keywords: space practices, memory places, collective memory, Estação Ferroviária, Tarabai – SP.

INTRODUÇÃO

Para compreender o conceito e a importância da memória em nossa sociedade, o princípio desta pesquisa baseia-se na linha de pensamento do historiador francês Pierre Nora (1931), que discute a respeito do tema e coloca em pauta a dialética ambivalente, latências e a vinculação da memória, ao conceito de coletividade, explorado pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877 – 1945).

De acordo com Nora (1993), a memória sempre está ligada a grupos sociais e, conseqüentemente, em permanente evolução, visto que as sociedades se transformam constantemente. Neste sentido, a memória carrega a ambivalência de ser um “elo vivido no eterno presente”, mesmo que retrate o passado (NORA, 1993, p. 9). Ao passo que ela também é deformável por se embasar em lembranças vagas, espelhando a necessidades de consagrar-lhe lugares.

A memória instala a lembrança no sagrado [...]. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o de, que há tantas memórias quanto grupos que existe; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada (NORA, 1993, p. 9).

No processo de construção social e constituição de vínculos, a importância da memória é dupla, visto que não existe memória espontânea e natural, mas recordações que resultam das interações sociais e culturais entre os indivíduos (NORA, 1993).

Conseqüentemente, a memória depende de se resguardar e se instalar em algo que possa ser percebido e apreciado pelo sistema sensorial humano, pois ela é frágil. Sendo assim, é estritamente necessário que exista locais para a memória se apoiar a fim de evitar o processo de esquecimento, sejam eles ambientes concretos, como os museus, ou abstratos, como os aniversários ou as cerimônias fúnebres. A perpetuação desses locais sagrados se justifica pelo fato de não habitarmos nossas memórias, necessitando que elas estejam presentes nas instâncias físicas e culturais das sociedades⁷ (NORA, 1993).

Além desses locais de apoio, a memória depende diretamente das relações sociais coletivas, manifestando seu caráter plural no ato de abranger mais de uma visão histórica sobre um determinado acontecimento, resultando na “sociedade-memória” (NORA, 1993, p. 8). Nora (1993) argumenta que essas sociedades são grupos que compartilham memórias em comum, constituindo comunitariamente as mais variadas identidades. Contudo, a memória não se restringe apenas à coletividade, ela também é construída no particular, resguardando o direito de cada indivíduo de ter suas próprias lembranças pessoais sobre determinados acontecimentos. Mesmo assim, essas memórias individuais não estão isentas da necessidade de “consagrar lugares” (NORA, 1993, p. 8).

Entretanto, as relações de memória na contemporaneidade estão sofrendo uma ruptura advinda da globalização e da massificação cultural, agravando o processo de perda de identidade de grupos étnicos e sociais. Essa brecha causa o enfraquecimento dos meios que mantinham a força da memória coletiva por meio de laços comunitários, permanecendo resquílios que favorecem discussões com o propósito de preservá-las (NORA, 1993).

Parte constituinte do processo de preservação da memória se dá através dos centros urbanos, onde estão os “pontos de ancoragem da memória” (PESAVENTO, 2008, p. 1). Esses pontos são formados por espaços urbanos, práticas culturais e pela arquitetura, e se mantêm inerentes aos mais variados processos de desenvolvimento e mudanças da sociedade. Reconhecidos como lugares de memória, esses ambientes preservam as vivências sociais passadas e as cargas simbólicas, responsáveis por dar identidade a determinadas comunidades (NORA, 1993).

Para Pierre Nora, esses lugares como “antes de tudo, restos” (1993, p. 12). Restos no que tange a valorização do novo em detrimento do antigo, vislumbre do futuro ante o passado, em um processo de abandono dos locais sagrados de memória. Sobre este contexto, descreve:

Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhos de uma outra era, das

⁷ A Constituição Federal de 1988 através dos arquivos 215 e 216, divide o conceito de patrimônio em duas instancias: imateriais – “saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas”, e materiais – “mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas” (IPHAN, 2014, s.p.).

ilusões de eternidade. Daí o aspecto nostálgico desses empreendimentos de piedade, patéticos e glaciais (NORA, 1993, p. 13).

Porém, a compreensão a respeito desses lugares é complexa, ao passo que eles pertencem sempre a dois domínios, “o da simplicidade e da ambiguidade, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração” (NORA, 1993, p. 12).

Além do caráter de complexo entendimento, para um determinado lugar ser considerado necessariamente em espaço de memória, é preciso que ele respeite três diferentes instâncias existenciais; material, simbólico e funcional, requisitos que devem ser indissociáveis e em eterna coexistência. A exemplo, apesar de um depósito de arquivos existir materialmente e ser funcional no objetivo de resguardar documentos, só se enquadraria como lugar de memória se existisse uma carga simbólica inerente ao edifício, garantindo uma ligação entre a comunidade e o espaço (NORA, 1993).

Parte desse simbolismo sagrado vem, portanto, da construção coletiva de vivências nesses lugares, do habitar, resguardando e rememorando a união e o sentimento de comunidade, que colaboram entre si para a manutenção dessas memórias coletivas com o propósito de que elas não se percam com o passar do tempo, mas mantendo ou pelo menos conservando as identidades sociais.

Diferente de um depósito de arquivos, a Estação Ferroviária de Tarabai (1954), patrimônio material, cumpre as três diferentes instâncias para ser considerada um espaço de memória⁸. Por diversos anos manteve-se funcional; inicialmente quando transportava materiais agrícolas e a população do município e, posteriormente, como espaço de lazer. Mesmo abandonada em 1984, existe sua materialização concreta, tornando-se símbolo de desenvolvimento econômico da cidade nas décadas de 1960 e 1970, o que a consagra, portanto, em um importante espaço de memória coletiva.

Para compreender a importância da memória na constituição identitária, é importante investigar a teoria de Halbwachs, primeiro estudioso a usar o termo “memória coletiva” e o fenômeno além da esfera individual, entendendo a memória como “fato social que poderia ser delimitado através da pesquisa de padrões de comportamento” (CASADEI, 2010, p. 154).

Halbwachs (1925) afasta a ideia da memória individual, postulando que a memória se esvai quando nos afastamos do grupo a quem ela está ligada, de maneira que ela é uma combinação aleatória de lembranças de diferentes grupos que influenciam um indivíduo, já que cada pessoa guarda memórias distintas de um acontecimento em comum (CASADEI, 2010).

Portanto, “as memórias não estariam materializadas nos corpos ou mentes, mas na sociedade circundante, através dos diversos grupos que a compõe” (CASADEI, 2010, p. 156). De modo, que essas lembranças se apoiem em convenções sociais e nos lugares de memória, demonstrando o caráter coletivo no processo de mantê-las vividas e sujeitas aos suportes sociais.

Dentro das cidades, a atuação da memória é essencial, dependendo dos meios de perpetuação e das comunidades para se resguardar e permanecer viva, ligada à “vitalidade das relações sociais do grupo”, que “dá vitalidade às imagens que constituem a lembrança” (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 288). Sendo assim, as relações sociais são as responsáveis por criar e estabelecer a manutenção da memória coletiva, que ligada à afetividade e aos lugares de memória, prolonga e dá consistência às lembranças sociais.

MÉTODOS

Com relação ao objetivo proposto por este trabalho, conforme aprovado pelo Programa Especial de Iniciação Científica (PEIC) da UNOESTE, foram levados em consideração os registros de memória da área e as intervenções realizadas pelo poder público na Estação Ferroviária de Tarabai. Também foram realizados levantamentos de campo em diferentes dias e horários da semana, a fim de observar as dinâmicas comportamentais quanto ao uso do espaço pelos usuários da Estação em diferentes dias da semana e horários do dia, pontuando as ocupações dos moradores do município.

⁸ Embora a teoria de Pierre Nora (1993) não reconheça ‘patrimônios materiais’ como lugares de memória, a leitura proposta por este trabalho entende que o simbolismo e os signos imateriais presentes na Estação Ferroviária para os moradores de Tarabai delineiam este espaço como um ‘lugar de memória’.

As práticas presentes na Estação Ferroviária foram catalisadas e expressadas através de croquis, que permitiram a elaboração de “mapas mentais”, conforme propõe Kevin Lynch (1997). Posteriormente, houve a elaboração de diagramas digitais com o auxílio do *software Illustrator* para melhor compreensão da situação espacial da Estação. Nos diagramas foram anexadas fotografias tiradas durante os levantamentos e editadas através do *software Photoshop*.

Embora o uso dos “mapas mentais” auxilie na compreensão das relações espaciais que os moradores de Tarabai exercem na Estação Ferroviária, a edição de fotografias tiradas no espaço compõe parte importante dos levantamentos realizados in loco, ajudando a salientar as apropriações existentes na Estação e identificar o processo de abandono que o espaço se encontra.

As observações diretas realizadas na Estação Ferroviária de Tarabai foram complementadas com revisão bibliográfica, pesquisas em bancos de teses e dissertações, artigos científicos embasando o aporte teórico sobre: lugares de memória, práticas espaciais, espaços públicos em pequenas cidades.

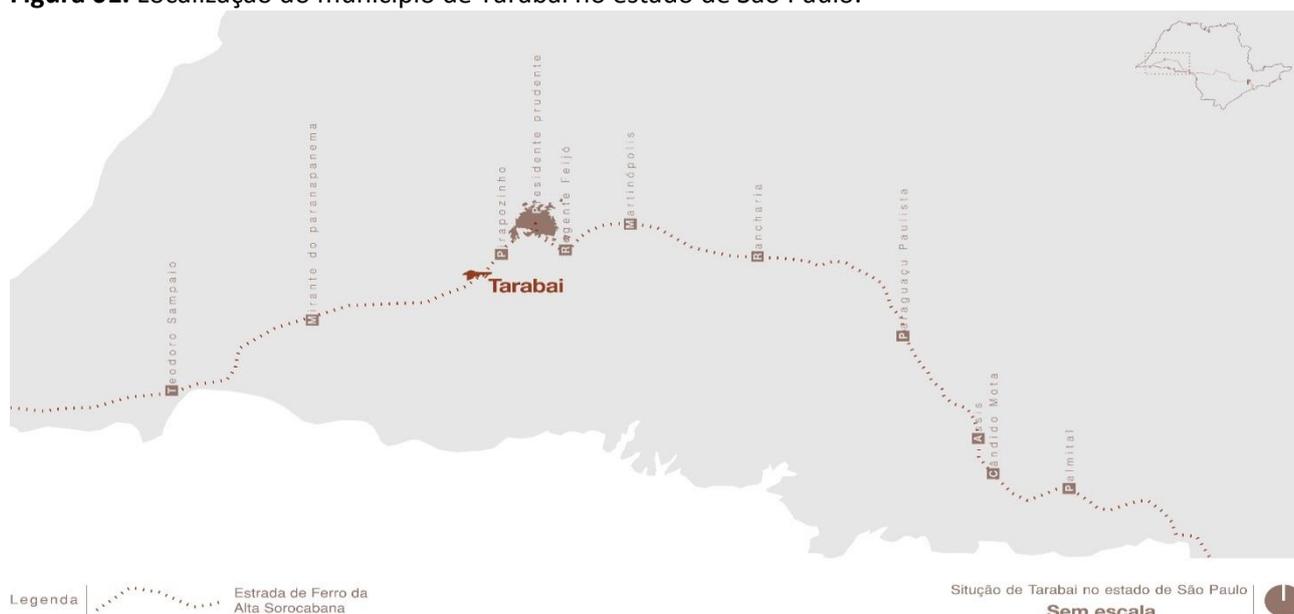
RESULTADOS

Apesar da abundância de discussões que permeiam a vida urbana, a maioria dos estudos se concentra em compreender as médias e grandes cidades, excluindo por consequência, a maioria dos municípios brasileiros do crivo acadêmico, visto que 70% das cidades brasileiras contam com população inferior a 20 mil habitantes (MATÉ; SANTIAGO, 2017).

Entretanto, a análise da estruturação cartográfica dos pequenos centros urbanos pode colaborar na identificação de suas particularidades, como a configuração tipológica e morfológicas de seus espaços públicos, a influência da memória coletiva na construção e perpetuação dessas áreas e suas potencialidades da autogestão (MATÉ; SANTIAGO, 2017). Entre as cidades que corriqueiramente não são analisadas pela academia, está Tarabai, município localizado no oeste paulista, com população aproximada de 7,5 mil habitantes (IBGE, 2019).

A MEMÓRIA DE TARABAI: COMPREENSÃO E RECONHECIMENTO DA ESPACIALIDADE

“Tarabai foi fundada por João Boff, em 1939” (IBGE, 2017, s.p.). O imigrante italiano tinha como objetivo fundar uma vila a 28 km do principal centro urbano da região oeste de São Paulo, Presidente Prudente (Figura 01). Para isso, dividiu a área recém-adquirida em 500 lotes, e iniciou a construção da sua casa no dia 15 de agosto de 1939. Após a construção de sua casa, João Boff fundou a vila e a nomeou de Nova Itália, nome que logo foi alterado em consequência da 2ª Guerra Mundial, quando o então presidente Getúlio Vargas decretou a proibição do nome “Itália em território nacional, forçando a mudança da nomenclatura da cidade para Nova América” (MEMORIAL DOS MUNICÍPIOS, s.d.).

Figura 01. Localização do município de Tarabai no estado de São Paulo.

Fonte: Governo do estado de São Paulo (1977), adaptado pelos autores, 2020.

Ao longo do processo de desenvolvimento inicial, a cidade contou com grande número de imigrantes vindos de outras regiões do país e de outros países, como foi o caso do Espanhol “Ulpiano Sevilha, que veio de Birigui, com sua mulher, Beatriz Grima, e os filhos Roque e Paulo, em 1941”, responsável por comprar os 500 lotes disponíveis da vila, interessado por suas terras férteis (MEMORIAL DOS MUNICÍPIOS, s.d., s.p.).

A base econômica era a agricultura rudimentar. Entretanto, a partir desta data começa aumentar o número de famílias que mudavam para Nova América, impulsionando o crescimento da vila. Migrantes nordestinos, vindos de Pernambuco, Ceará, Paraíba, Minas Gerais, entre outros, e imigrantes japoneses, italianos e espanhóis, escolheram a região para morar (MEMORIAL DOS MUNICÍPIOS, s.d., s.p.).

Com o crescimento populacional da vila, em 1946, foi erigido a primeira Capela em madeira, com torre e sino em um terreno doado por Ultiano Sevilha, ficando por muitos anos sob tutela do Padre Hilário, que visitava o local a cavalo. O espaço foi usado até o ano de 1954, quando o Padre Hilário decide construir uma nova Capela, que contava arquitetonicamente, com duas sacristias e capacidade para 30 bancos (MEMORIAL DOS MUNICÍPIOS, s.d.).

Em consequência ao desenvolvimento econômico do povoado de Nova América, no ano de 1948, Ulpiano e seus moradores passaram a defender a elevação da condição de vila para distrito de Pirapozinho, o que ocorreu no ano de 1949 através da Lei Estadual nº 2456, renomeando como Distrito de Paz de Nova América (MEMORIAL DOS MUNICÍPIOS, s.d., s.p.).

Na década de 1950, é implantado no município o primeiro cartório, a rodoviária, o posto de saúde e o primeiro Grupo Escolar através da Lei Estadual nº 36509 decretada pelo então Governador Adhemar de Barros (Figura 02). Nesta mesma ocasião, o Governador manifestou “a vontade de homenagear o amigo, Deputado Estadual Felício Tarabay”, através da mudança do nome do Distrito, que passou de “Nova América para TARABAI” (MEMORIAL DOS MUNICÍPIOS, s.d., s.p.).

Figura 02. Primeira escola instalada na cidade de Tarabai.



Fonte: Lourdes Encarnação Calvo/Maria Branquinho Calvo, 1967.

Já com o nome de Tarabai e após muitos embates políticos, no dia 28 de fevereiro de 1964, o Distrito é elevado à categoria de Município, se desmembrando da cidade de Pirapozinho por meio da Lei Estadual 8.092 (IBGE, 2017). Conseqüentemente a emancipação político-administrativa, a capela é elevada ao título de Paróquia, período em que as missas eram realizadas pelo Padre José Strona (MEMORIAL DOS MUNICÍCIPIOS, s.d.).

Apesar da emancipação municipal e o ritmo do desenvolvimento lento em seus primeiros anos, a paisagem da cidade de população predominantemente rural começa a mudar quando, no ano de 1954 a empresa Camargo Corrêa instala acampamento para a construção do ramal ferroviário de Dourados na cidade (MEMORIAL DOS MUNICÍCIPIOS, s.d.).

A Estação Ferroviária foi implantada no município em 1958, sendo apenas um “ponto de parada, que pertencia ao Ramal Dourados” (KAWAKAMI; FERNANDES, 2017, p. 770). A linha implantada com o propósito de possibilitar o escoamento das produções agrícolas da região oeste do estado de São Paulo também levou o desenvolvimento as cidades ameaçadas pela estagnação econômica de Pirapozinho, Tarabai, Teodoro Sampaio e Euclides da Cunha, chegando a Dourados e Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul (ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL, 2016).

Os benefícios foram vistos também no comércio do município, devido a aproximação da Estação ao centro da cidade de pequeno porte, que contava com intensa comercialização de tecidos. Conseqüentemente, novos moradores chegaram a região e o vínculo econômico que Tarabai tinha com o município de Pirapozinho se intensificou. Porém, o pleno funcionamento das locomotivas que passavam pelo ramal de Dourados não durou muito, limitando o uso de passageiros em 1973, que voltou anos depois. Em 1980, é retomada o transporte de cargas, dois anos depois da sua interrupção (ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL, 2016, p. 01).

Esta breve retomada no funcionamento do transporte ferroviário do Ramal de Dourados durou até o ano de 1984, quando as locomotivas pararam de rodar pelos trilhos e a paisagem de abandono da estrutura usada se torna predominante, situação que foi amplamente noticiada na época:

[...] na estação de Tarabai, aparecem as marcas do abandono, com vidraças quebradas, destelhamento, desmoronamento de paredes, piso, além do acúmulo de entulhos nos portões malcheirosos (ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL, 2016, p. 01).

Entretanto, a paisagem de abandono perdurou até o início da década de 1990, quando o espaço da Estação Ferroviária do município passou por um processo de reforma, implementada pelo então prefeito da cidade, Waldemar Calvo, que põe em prática o plano de integrar a área como local de “lazer de Tarabai” (KAWAKAMI; FERNANDES, 2017, p. 771). Entre as reformas implementadas, foi instalada iluminação pública, parque infantil e quadra poliesportiva (Figuras 03), que anos após sua implantação se encontram novamente em desuso e abandono.

Figuras 03. Situação da Estação Ferroviária após a implementação de melhorias em sua infraestrutura.



Fonte: Lourdes Encarnação Calvo/Maria Branquinho Calvo, 1992.

Apesar das intervenções aplicadas no período, melhorando o sistema de iluminação e redirecionando o uso do local como área de lazer, o estado de abandono volta a ocupar a paisagem, processo que tem início ao final da década de 1990, quando os trilhos que permaneciam instalados no espaço são retirados, representando um ato de ruptura da memória local, desvinculando a representação da época do funcionamento do transporte ferroviário no município.

Portanto, a descaracterizações realizadas pelo poder público na área da Estação Ferroviária foi um marco de ruptura em seu processo histórico, desvinculando o espaço de suas memórias. Embora realizadas de maneira centralizada, estas intervenções não se configuraram como um inibidor para que haja apropriações atualmente no espaço, já que seus moradores usam da sua estrutura diariamente, manifestando sua importante para o cotidiano da população Tarabaína, que informalmente rememoram o tempo em que o trem passava pela cidade, demonstrando que o local está vivido em seus imaginários pessoais.

DISCUSSÕES

As discussões propostas por este trabalho sintetizam as apropriações realizadas no espaço da Estação Ferroviária pelos moradores de Tarabai, entendendo a relação do espaço com a memória local dentro da realidade urbana do município. Para tanto, é necessário entender a estruturação urbana da cidade e a influência da Linha Férrea para seu desenvolvimento histórico e socioeconômico.

Responsável por propiciar desenvolvimento e atrair novos contingentes migratórios populacionais para o município de Tarabai, a Linha Férrea do Ramal de Dourados foi também influente na constituição do traçado urbano da cidade, à segregando em duas áreas – Norte e Sul. Esta divisão consequentemente, propiciou em caracterizações particulares de cada região, como a presença predominante do comércio local à norte e o caráter residencial de maior vulnerabilidade social na parcela sul.

Dentro deste contexto urbano dividido pela Linha Férrea, a parte norte do município conta com os principais equipamentos urbanos implantados em Tarabai, como bancos, mercados, praças públicas, escolas, creches, UBS's e a única rodoviária da cidade. Está concentração de equipamentos variados fomentam a circulação de pessoas, atraindo usuários e transeuntes, perpetuando está região como uma centralidade (Figura 04).

Figura 04. Mapa da cidade de Tarabai, destacando o perímetro da Fepasa e da área de estudo.



Fonte: Prefeitura Municipal de Tarabai, adaptado pelos autores, 2020.

Está divisão da cidade de Tarabai e a consequente setorização de funções propiciada pelo traçado da Linha Férrea do Ramal de Dourados condiciona para que os moradores exerçam apropriações particulares no espaço da Estação Ferroviária, como a circulação diária pelo local, realizadas majoritariamente nas direções norte > sul e sul > norte, com o propósito de alcançar os mais diversos objetivos.

Apesar de realizadas diariamente por seus moradores, este fator não é suficiente para a constituição de relações mais estreitas entre os usuários e o espaço da Estação Ferroviária, que conta com equipamentos implementados e mobiliários urbanos em estado de abandono em seu território (Figura 05).

Figura 05. Mapa do perímetro da Estação Ferroviária de Tarabai.



Fonte: Prefeitura Municipal de Tarabai, adaptado pelos autores, 2020.

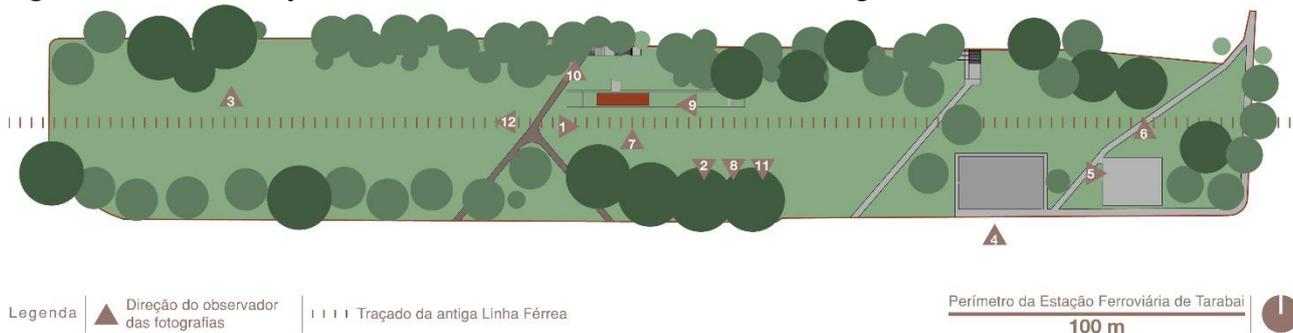
Entre os equipamentos urbanos implantados na Estação Ferroviária, está uma academia de idosos e uma quadra poliesportiva, ambas localizadas a leste. A parte central conta com a presença da Plataforma Ferroviária, principal elemento histórico do espaço e que se encontra em total estado de abandono e

próximo a alguns brinquedos para crianças, também degradado. A oeste a paisagem muda, já que não conta com nenhum tipo de equipamento urbano, existindo apenas uma horta implantada por um dos moradores da cidade.

RELAÇÕES ESPACIAIS LEVANTADAS EM VISITAS *IN LOCO* NA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE TARABAI

Durante a primeira visita no dia 06 de janeiro de 2020, no período da tarde (18h), realizada na área da antiga Estação Ferroviária de Tarabai (Figura 06), um circo estava sendo instalado no local, causando movimentação atípica na área.

Figura 06. Área da Estação Ferroviária de Tarabai, com indicativo das figuras.



Fonte: Prefeitura Municipal de Tarabai, adaptado pelos autores, 2020.

É bastante comum a instalação desse tipo de estrutura na área da antiga Estação, ocasionando o aumento da movimentação de moradores, que passam a frequentar o espaço (Figura 07). Além do circo, parques de diversão itinerantes também se instalam no local por períodos que variam de uma a duas semanas em diferentes épocas do ano, independente dos períodos de festividade da cidade, como aniversários municipais ou festas religiosas.

Nesta mesma visita, além da movimentação causada pela chegada do circo, duas crianças, um menino e uma menina com aproximadamente 10 anos de idade, utilizavam os brinquedos do parquinho, adaptando seus usos para brincar em um dos balanços, já que todos os mobiliários instalados nesta área estavam em estado de degradação e quebrados (Figura 08).

Figura 07 e 08. Instalação do circo no espaço da Estação Ferroviária e uso dos brinquedos do parquinho por um grupo de crianças.



Fonte: Autores, 2020.

Mais a leste, próximo a horta existente na área, alguns moradores com faixa etária de 20 anos estavam reunidos e conversavam enquanto usavam alguns bancos e mesas de madeira ali instalados, que apresentavam aspectos de baixa conservação, já danificados decorrente de intempéries do tempo. Estas

apropriações comprovam que existe, além da horta mantida particularmente, usos não planejados realizados por parte dos moradores no perímetro da Estação Ferroviária (Figura 09).

Figura 09. Uso da estação para além dos mobiliários instalados pela prefeitura – Horta e bancos de madeira.



Fonte: Autores, 2020.

Quanto a situação dos mobiliários urbanos, destaca-se o estado de abandono destes, especialmente da quadra poliesportiva, onde a estrutura do piso está danificada e irregular. Além do piso, parte da mureta que cerca a quadra desmoronou e os escombros permanecem ao seu redor, sem previsão de serem recolhidos e reparados. Já os componentes necessários para as práticas esportivas estavam em falta ou danificados, como os gols, a rede de voleibol e também as cestas de basquetebol (Figura 10).

A condição da área dedicada a academia de idoso não se diferencia muito da quadra poliesportiva, pois também se encontra em estado de completo abandono por parte do poder público. A sensação é intensificada quando se trata do guarda corpo que cerca o local, danificada em consequência de um acidente anos atrás, quando um veículo invadiu a área e desde então não foi reparada pelo poder público. Situação similar se encontra os mobiliários dedicados ao exercício, que também estavam danificados e sem previsão de concerto.

Além da degradação, o espaço não conta com nenhum tipo de estrutura de sombreamento, visto que a antiga árvore que sombreava a área morreu e foi podada, desestimulando o uso dos mobiliários em dias de sol intenso, situação comum no ano inteiro na cidade. Se durante o dia a luz natural direta é um problema, nos períodos noturnos a falta de iluminação artificial aumenta a sensação de insegurança, formando mais uma barreira de uso (Figura 11). Essas situações contribuem para que não haja novas apropriações realizadas rotineiramente pelos moradores de Tarabai, limitando o potencial de uso que o espaço pode oferecer.

Figura 10 e 11. Estado de abandono da quadra poliesportiva e da academia de idosos.



Fonte: Autores, 2020.

Durante esta mesma visita, notou-se a presença do mato alto no espaço da Estação, contribuindo para a formação de uma paisagem de completo abandono, embora não foi visto em nenhum ponto o acúmulo de lixo. Essas situações justapostas não constituem, entretanto em um inibidor de circulação no espaço, visto que os moradores mantinham seus fluxos cotidianos na área.

Com a implantação da linha férrea no município de Tarabai na década de 1950 e o consequente desenvolvimento da cidade neste mesmo período, diversos projetos de conjuntos habitacionais de interesse social foram implantados no município nos anos seguintes, principalmente na parte sul do perímetro urbano da cidade em relação à linha (Figura 12). A implantação desses conjuntos habitacionais sem a previsão de espaços para o comércio junto à fraca economia local trouxe um forte caráter residencial para esses bairros.

Figura 12. Mapa da localização dos principais conjuntos habitacionais implantados na cidade de Tarabai.



Fonte: Prefeitura Municipal de Tarabai, adaptado pelos autores, 2020.

Além disso, a proximidade desses bairros com o centro da cidade reforçou a perpetuação de uma única centralidade no município, onde estão instalados os principais pontos comerciais e equipamentos urbanos. A principal consequência do processo de expansão urbana sem o suporte de planejamento foi a divisão do município em norte e sul, reforçando o aspecto de passagem na Estação.

Ao dividir a cidade em norte e sul, a Estação Ferroviária reforça perante os moradores de Tarabai o seu caráter como área de passagem, que se intensifica em horários que os ônibus da empresa Jandaia chegam e partem para Presidente Prudente do terminal rodoviário (5h00, 6h00 e 18h00), levando um

grande fluxo de pessoas a passarem pela área, que almejam alcançar o ponto de partida do transporte público ou então suas residências na parte sul (Figura 13).

Figura 13. Uma das três passagens usadas pelos moradores da Estação Ferroviária em estado de abandono.



Fonte: Autores, 2020.

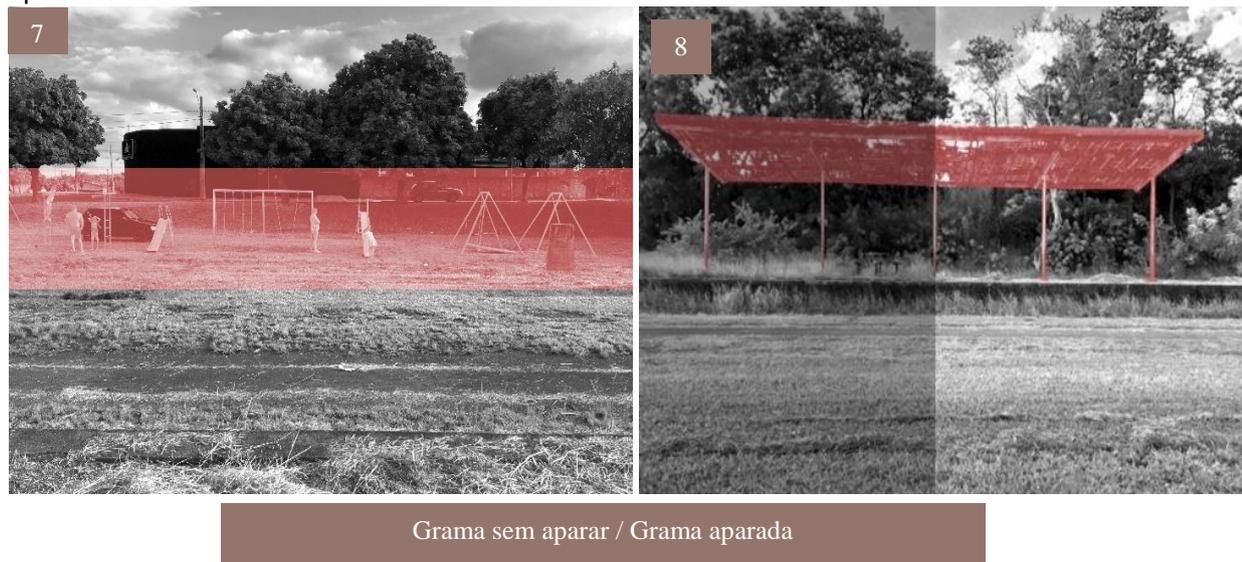
Outro fator que colabora para a consagração da Estação Ferroviária como local de passagem é pelo fato de uma das escolas (Escola Estadual Deputado Felício Tarabay) estar ao sul da Estação, levando os alunos a passarem pelo espaço. Apesar desse fluxo diário, constante e em diferentes períodos, poucas pessoas estabelecem na área algum tipo de uso regular além da passagem, tratam o local com certa apatia.

A visita realizada durante o dia 23 de fevereiro de 2020 ocorreu no período da tarde (17h45), em um domingo de tempo aberto e temperatura agradável. Apesar do clima favorável para realização de atividades externas e do domingo ser um dia em que normalmente as pessoas estão em casa e predisposta a saírem, poucas foram vistas no espaço, demonstrando a ociosidade da área mesmo em condições que favoreçam seu uso.

A percepção de abandono permanece mesmo que parte do local esteja com a grama aparada, o que facilita a circulação pela área, situação diferente vista durante a última visita. Porém, partes do perímetro ainda mantem a grama alta, especialmente na plataforma da Estação Ferroviária (Figura 14).

No que tange as apropriações realizadas pelos moradores no espaço, observou-se: uso dos brinquedos para crianças por um senhor de meia-idade que realizava exercícios, cena vista em outras visitas. Diferentes dos levantamentos anteriores, neste dia duas crianças (um menino e uma menina na faixa etária de 10 anos) foram vistas usando os brinquedos infantis sozinhas, além de uma senhora junto a uma terceira criança, que chegaram posteriormente e começaram a brincar, apesar da condição precária desses equipamentos, apresentando risco de machucar os usuários (Figura 15).

Figura 14 e 15. Situação de abandono por parte do poder público permanece, mesmo com parte da grama aparada.



Fonte: Autores, 2020.

Durante essa visita, foi visto um casal heterossexual com idade aproximada de 30 anos circulando pelo local. O mesmo atravessou a área na direção transversal, subiram na plataforma da Estação e seguiram caminho a passos lentos (Figura 16). Isso demonstra que, apesar das pessoas buscarem na área um local de lazer, os poucos atrativos e o estado de abandono não são suficientes para estabelecer laços de permanência na área.

Figura 16. Casal passeando pelo perímetro da Estação Ferroviária.



Fonte: Autores, 2020.

Mesmo com as apropriações pontuais, a ociosidade da Estação do ponto de vista macro permanece, caracterizando o local como de passagem; onde os usuários realizam trajetos principalmente nas direções norte/sul e sul/norte.

Os trajetos realizados pelos moradores de Tarabai na Estação são divididos em três, se diferenciando pelas suas respectivas estruturas e acessos que fornecem, denominados de trajeto 1, trajeto 2 e trajeto 3 para esta análise, organizados da esquerda para a direita, ou de oeste para leste. O trajeto 1 conta com uma escadaria fora das normas da NBR9050 sem a presença de pavimentação na maioria do seu caminho. Já o trajeto 2, conta com uma rampa e uma escadaria, ambas em estado de abandono, porém com pavimentação, situação similar ao trajeto 3 (Figura 17).

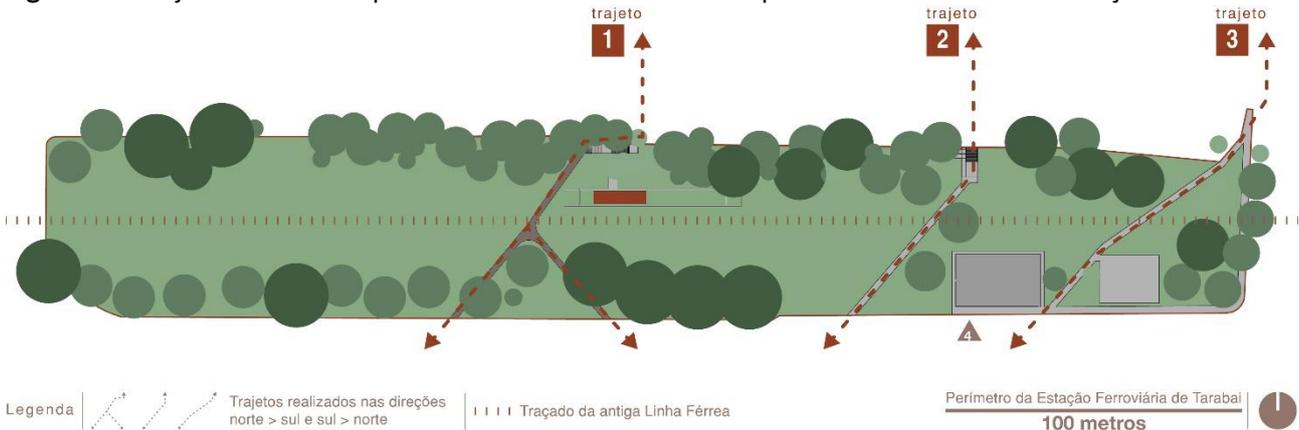
Figura 17. Diferentes percursos realizados pelos moradores no perímetro da Estação Ferroviária.



Fonte: Autores, 2020.

Esses caminhos realizados pelos moradores e usuários da área se destacam pelo fato de não apresentarem nenhuma infraestrutura, faltando pontos de acessibilidade, de iluminação e a presença do mato alto que os cercam, deixando esses locais com pouca visibilidade e aumenta a sensação de insegurança. Em certos pontos, a situação é mais grave, já que em trechos próximos a plataforma da Estação (trajeto 1), o trajeto não conta com pavimentação, o que dificulta o uso em períodos de chuva, já que parte do espaço empoça de água (Figura 18).

Figura 18. Trajetos realizados pelos moradores de Tarabai no perímetro de estudo da Estação Ferroviária.



Fonte: Prefeitura Municipal de Tarabai, adaptado pelos autores, 2020.

Este trajeto muito se assemelha aos caminhos criados pelos próprios usuários, conhecidos popularmente como “linha de desejo”, reforçando as apropriações não planejadas e a caracterização do espaço como local de passagem, principalmente por parte dos moradores da parte Sul do município (Figura 18), que desejam alcançar os equipamentos urbanos ou comércio a Norte da Estação Ferroviária (trajetos 2 e 3).

Além disso, todos os pontos da linha interurbana do transporte público estão implantados a Norte da área da Estação Ferroviária. Conseqüentemente, essas rotas acabam sendo obrigatórias para quem necessita do transporte coletivo e de algum tipo de atendimento nos equipamentos urbanos. Apesar dos fluxos diários, os moradores dessa área não demonstram estabelecer laços com o local, situação que não colabora para a realização de usos mais diversificados.

Durante a última visita realizada na área da Estação Ferroviária, na sexta-feira, dia 28 de fevereiro de 2020 por volta das 13h30, foi observado que a ociosidade do local se intensifica em horários comerciais,

em contrapartida ao fluxo de pessoas transeuntes em determinados trechos, que é maior do que os vistos aos finais de semana. A ausência de apropriações neste período transforma a paisagem de maneira a transparecer calmaria.

Áreas que anteriormente foram vistas em uso, como os brinquedos para crianças também estavam ociosas, apesar do recesso escolar por conta do feriado de carnaval (Figura 19). A grama que anteriormente estava alta, causando a sensação de completo abandono foi aparada completamente, aumentando a visibilidade no local.

Figura 19. Brinquedos para crianças em ociosidade.



Fonte: Autores, 2020.

Destaca-se a intensidade de fluxo neste horário em direção a parte mais central da cidade (trajeto 3), onde está a Praça Matriz e os principais comércios do município. O caminho realizado para o terminal rodoviário também é bastante usado pelos moradores, justificando-se pelo horário do transporte público, que chega e parte para o município de Presidente Prudente, mesmo em situações onde a passagem não apresenta condições propícias em consequência da chuva que alaga parte da Estação Ferroviária (trajeto 1) (Figura 18).

De modo geral, as intensidades dos fluxos no espaço mudam de acordo com as necessidades imediatas dos moradores e também dos horários que essas atividades ocorrem. Exemplificando a situação atual de ocupação da Estação a partir da necessidade dos moradores da zona sul, que passam pelo espaço quando precisam chegar aos comércios do município e demais serviços, dando preferência ao trajeto 2 e 3. Já quando desejam chegar ao Terminal Rodoviário, dão preferência ao trajeto 1.

Outro ponto importante a se destacar e que é característico do perímetro da Estação Ferroviária é quanto à época de chuva e como ela muda a paisagem local. Isso ocorre visto que, parte da área da Estação alaga quando o volume de chuva é muito alto, impossibilitando o uso e a passagem de pessoas (Figura 20). Em consequência, os usuários desses caminhos alagados acabam alterando seus trajetos quando desejam chegar ao Terminal Rodoviário, de forma que aumenta a distância percorrida.

Figura 20. Área da Estação Ferroviária alagada, mudando consequentemente a paisagem local.



Fonte: Autores, 2020.

Apesar dos fluxos de usuários realizados na Estação, não foi avistado nenhuma ocupação permanente realizada pelos moradores durante está visita. Parte dessa situação pode ser explicada pelo horário comercial em que o levantamento foi realizado e pela falta de atrativos que a área conta, que poderiam propiciar a permanência.

Portanto, apesar das diferenciações de ocupações realizadas pelos moradores de Tarabai na Estação Ferroviária em diferentes dias da semana e horários, as apropriações são realizadas de maneira esporádicas e pontuais, situação que pode ser explicada pelo abandono que o espaço se encontra, colaborando para que os moradores não estabeleçam laços profundos com o local, existindo a necessidade da conscientização da sua importância através da memória comunitária.

A análise historiográfica da Estação Ferroviária de Tarabai é colaborativa para o processo de compreensão da importância do local no desenvolvimento socioeconômico do município e a formação da paisagem urbana como é tida hoje, visto que a sua implantação foi um vetor culminante ao traçado da cidade e sua respectiva divisão em norte e sul, obrigando os moradores a circularem pelo espaço, que ganha um novo significado; o de passagem.

Apesar dos caminhos serem realizados diariamente, nenhum tipo de relação é concretamente definitiva, mesmo com alguns moradores procurando aos finais de semana um lugar de lazer no espaço, o que lhes é negado pela situação de degradação e falta de atrativos, manifestando que, assim como outros 'lugares de memória', a Estação Ferroviária também passou pelo processo de valorização do novo em detrimento do velho, levado ao abandono por parte do poder público e da sociedade civil Tarabaína, que realiza ali algumas atividades corriqueiras, embora não estabeleçam laços e relações sólidas com sua espacialidade.

Portanto, através das análises espaciais e históricas é possível concluir que o poder público municipal demonstra ser ineficiente ao lidar com este espaço, impedindo que os moradores de Tarabai passem pelo processo de reconhecimento da importância das memórias contidas na Estação Ferroviária e seu papel dentro da história do município. Consequentemente, estas limitações levam ao distanciamento popular em relação ao espaço, exigindo medidas ativas e participativas para que as futuras gerações percebam a sua notoriedade e se veem diariamente cada vez mais próximos deste local.

REFERÊNCIAS

CASADEI E. B. Maurice Halbwachs e Marc Bloch em torno do conceito de memória coletiva. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, nº 108, mai. 2010, p. 154-161.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL. **E. F. Sorocabana (1958 – 1971) FEPASA (1971 – C. 1988)**. 03 nov. 2016. Disponível em: <https://www.estacoesferroviarias.com.br/t/tarabai.htm>. Acesso em: 03 ago. 2020.

IBGE. Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. **História**. 12 out. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/tarabai/historico>. Acesso em: 03 ago. 2020.

IPHAN. **Patrimônio Imaterial**. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 03 ago. 2020.

KAWAKAMI, A. Y; FERNANDES F. M. Uma linha e uma história: a Linha Férrea de Tarabai - SP. 2017. 228f. **Colloquium Socialis**, Presidente Prudente, v. 01, n. Especial 2, Jul/Dez, 2017, p. 766 – 773. 2017. <https://doi.org/10.5747/cs.2017.v01.nesp2.s0226>

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MATÉ, C.; SANTIAGO, A. G. Espaços livres privados nas pequenas cidades. **Paisag. Ambiente: Ensaios**, São Paulo, nº 40, 2017, p. 59 -85. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i40p59-85>

MEMORIAL DAS CIDADES. **Memorial de Tarabai: Histórico**. S.d. Disponível em: <http://www.memorialdosmunicipios.com.br/listaprod/memorial/historico-categoria,255,H.html>. Acesso em: 03 ago. 2020.

NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 10, 1993.

PESAVENTO, S. J. História, memória e a centralidade Urbana. **Revista Mosaico**, Goiânia, v. 1, nº 1, 2008, p. 3-12.

SCHMIDT, M. L. S; MAHFOUD, M. Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência. 1993. **Psicologia USP**, São Paulo, 4(1/2). p. 285 – 298, 1993.

HABITAÇÕES DE INTERESSE SOCIAL: IMPACTOS AMBIENTAIS E SOLUÇÕES SUSTENTÁVEIS

Ana Livia Silva Fundador¹, Bruno Magro Rodrigues², Letícia Aparecida Costa Magro²

¹Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN, Dourados – MS. ²Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: analivia.lsf@gmail.com

RESUMO

A construção civil pode ser caracterizada como um indicador econômico de um país, além de gerar empregos, proporciona inúmeras inovações no campo social. O estudo analisa e propõe novas medidas e técnicas construtivas economicamente viáveis, socialmente favoráveis e ambientalmente benéficas para o local e cenário da região. Além disso, apresentar um panorama de possibilidades de construções sustentáveis que promovem incontáveis benefícios sociais. O desenvolvimento possui metodologia de pesquisa qualitativa, na perspectiva de analisar as habitações sustentáveis, a partir de artigos científicos que detêm relação com o tema discutido. É necessário atentar-se a técnicas construtivas que atendam ao tripé da sustentabilidade, visando atender não somente aos quesitos ambientalmente adequados e socialmente justos, mas também possuir coerência quanto a viabilidade econômica. Desse modo, destaca-se que mediante ao incentivo a ciência e tecnologia, dentro e fora da universidade, o setor da construção civil poderá se reinventar e atender às necessidades da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Construção Civil. Habitações Sustentável. Sustentabilidade.

SOCIAL INTEREST HOUSING: ENVIRONMENTAL IMPACTS AND SUSTAINABLE SOLUTIONS

ABSTRACT

Civil construction can be characterized as an economic indicator of a country, besides generating jobs, it provides innumerable innovations in the social field. The study analyzes and proposes new measures and construction techniques that are economically viable, socially favorable and environmentally beneficial for the region's location and scenery. In addition, to present an overview of the possibilities of sustainable buildings that promote countless social benefits. The development has a qualitative research methodology, with the perspective of analyzing sustainable housing, based on scientific articles that are related to the topic discussed. It is necessary to pay attention to constructive techniques that meet the sustainability tripod, aiming to attend not only to the environmentally adequate and socially just requirements, but also to be coherent in terms of economic viability. Thus, it is highlighted that by encouraging science and technology, inside and outside the university, the civil construction sector can reinvent itself and meet the needs of contemporary society.

Keywords: Construction. Sustainable Housing. Sustainability.

INTRODUÇÃO

O setor da construção civil é de suma importância para o desenvolvimento das sociedades e percebe-se que é necessário o aprimoramento desse setor visando atender as novas demandas da sociedade observando urgências que exige de todos os setores em um panorama universal. Além de ser um grande impulsionador da economia local, há efeitos negativos ocasionados dessa grande atuação que impactam e interferem diretamente no ambiente natural, no meio social e no urbano, ou seja, em toda a estrutura de uma região (SILVA, 2017). Um dos grandes objetos de atuação do setor construtivo são os programas habitacionais de interesse social, programas esses que visam a promoção de moradias dignas e acessíveis para a população de baixa renda, dentro desses programas há subdivisões onde há uma

classificação que destina as moradias aos cidadãos conforme o valor da renda base daquela família (MONTEIRO; VERAS, 2017).

No Brasil, dados referentes ao ano de 2018 apontavam que o déficit de moradias no país alcançava o número de 7,7 milhões de pessoas que não possuíam acesso à moradia digna (EXAME, 2019) direito qual, é assegurado pela Constituição Federal, dentro dos direitos e garantias fundamentais (sociais) do Estado para com os cidadãos. Além da lei de número 10.257- Estatuto da Cidade- que trata dos artigos 182 e 183 da Constituição Federal, cujo qual trata das políticas urbanas do país (BRASIL, 2001); e por fim, a lei de número 11.124, que dispõe especificamente sobre o Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social (BRASIL, 2005). Em geral, os programas de habitação social possuem como principal objetivo a diminuição do déficit habitacional do país, isto é, oferecer moradias adequadas em quesitos de habitabilidade, salubridade, acessibilidade e que respeite as necessidades de cada família (DA SILVA RAMOS; NOIA, 2016).

O trabalho justifica-se, pois, um dos problemas latentes na construção de conjuntos habitacionais é a repetição indiscriminada em massa de sua tipologia, desconsiderando diferenças regionais, climáticas, socioculturais, características urbanas e ambientais, disponibilidade de materiais e afins. A falta desses estudos que levam em conta as condições locais, os materiais a serem empregados e um resultado positivo a longo prazo, refletem negativamente sobre esses empreendimentos, tornando-os exorbitantes em custos e ineficazes em habitabilidade. Copiosas vezes, muitos moradores que são contemplados com as moradias não se sentem inseridos e acabam por desfazer-se desse bem, voltando a morar de modo informal, tornando assim o déficit habitacional um ciclo sem fim.

O objetivo do presente estudo analisa e propõe novas medidas e técnicas construtivas que sejam economicamente viáveis, socialmente favoráveis e ambientalmente benéficas tanto para o local de inserção do projeto, quanto para o cenário total da região. Além disso, apresenta um panorama de possibilidades de sistemas construtivos sustentáveis que promovem incontáveis benefícios sociais.

MATERIAIS E MÉTODOS

O desenvolvimento desse estudo possui como metodologia de estudo a pesquisa qualitativa, na perspectiva de analisar as habitações sustentáveis, a partir de artigos científicos que detêm relação com o tema a ser discutido. A partir disso, apresenta uma base de elementos que, contribuem para a formação de um embasamento teórico de possíveis soluções que, admitem ser empregues na prática da situação problema de modo a resolvê-la.

RESULTADOS

Desde os primórdios, o homem sempre procurou onde abrigar-se, cada qual com seu estilo de vida e com os elementos disponíveis ao seu alcance, ou seja, os recursos naturais. Seja em cabanas feitas de fibra natural, palha, folhagens, terra ou até mesmo as cavernas, subterrâneas ou não, a habitação sempre esteve presente e com uma grande importância na evolução, tanto da mesma quanto do homem.

Com o aumento repentino da população, as cidades não conseguiam suportar o inchaço urbano sem precedentes de modo que, a infraestrutura da cidade era insuficiente e com o tempo tornaram-se ineficazes, como não havendo moradias suficientes para abrigar a nova demanda da população, muitos foram obrigados a se instalarem em assentos marginais, cortiços e vilas operárias, esses espaços eram totalmente insalubres e sem nenhuma infraestrutura.

A partir de 1986, o cenário da construção de habitação popular sofre uma ruptura, com o fim do Banco Nacional de Habitação (BNH) e a instauração do Ministério das Cidades. No ano de 2003, com essa reforma, a questão da oferta de moradias sociais retoma notoriedade com a criação de dois programas ativos até hoje: o Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) de 2007, e o Programa Minha Casa Minha Vida de 2009. O Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV), ainda que definido como um grande programa eficiente na construção de habitação sustentável, possuem um histórico predominantemente estigmatizado que, não possuem relação alguma com o centro e as áreas urbanizadas da cidade, além de não serem dotadas de infraestrutura urbana básica, como equipamentos e otimização da mobilidade urbana (DOS SANTOS, 2017).

Com o passar do tempo, as inovações tecnológicas tomaram espaço em quase todos os cenários do

cotidiano. Infelizmente no setor da construção civil não houveram mudanças significativas em seu modo de atuação, isto é, o sistema de construção ainda continua e é considerado como arcaico (SANTOS, 2018). Muitas vezes esse padrão segue consistente ou pelo fato da falta de conhecimento de novos materiais, mas há falta de adesão dessas novas técnicas, pois além de conhecimento específico é necessário a contratação de mão-de-obra especializada. Destaca-se que o preço desses materiais não é tão acessível quando se visa um retorno econômico a curto prazo.

O conceito de sustentabilidade, entendido como conservar ou cuidar, foi inserido no campo de discussões no ano de 1972, ano da Conferência da Organização das Nações Unidas sobre Ambiente Humano, onde falava-se sobre a degradação ambiental e a poluição. Logo depois, em 1992, houve a Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento que, ficou popularmente conhecida como Eco-92 ou Rio-92, essa conferência aconteceu no Rio de Janeiro e serviu como cenário onde foi consolidado o conceito Desenvolvimento Sustentável que se entende como a instauração de um desenvolvimento a longo prazo de modo que não prejudique as populações futuras por uma possível falta de recursos naturais utilizados pelos homens (BERCHIN; CARVALHO, 2016).

ROMERO (*apud* SANTOS, 2018, p. 10) propõe ainda um urbanismo sustentável baseado em premissas de desenho participativo, arquitetura da paisagem, bioclimatismo e eficiência energética. A sustentabilidade emerge da integração de quatro elementos: 1. Desenvolvimento econômico, que inclui habitação acessível, segurança pública, proteção do meio ambiente e mobilidade; 2. Inclusão social, reconciliando interesses para identificar e alcançar valores e objetivos comuns; 3. Previsão de objetivos em longo prazo (preservação para as gerações futuras); 4. Qualidade pela preservação da diversidade e não a quantidade.

Os resíduos provenientes da construção civil correspondem a 50% dos resíduos produzidos no país, eles podem ser classificados e diferenciados da seguinte forma: resíduos de construção e demolição; resíduos da construção civil; resíduos sólidos da construção civil (DA SILVA; SANTOS, DE ARAÚJO, 2017). Esses materiais, no canteiro de obras, possuem papel importante e decisivo pois, é através do reaproveitamento desses insumos que se produzem parcela de sua matéria prima. Diante disso, é necessário que dentro do canteiro de obra seja desenvolvido um sistema de separação dos resíduos de acordo com sua classificação para que, em seu destino final os mesmos possam ser direcionados corretamente ao seu curso último para possível futura reutilização (BRASILEIRO; MATOS, 2015). OLIVEIRA (2017 *apud* ARAÚJO, p. 33), discorre que: “O reaproveitamento e destinação correta dos RCC promovem um benefício ambiental, por aumentar a vida útil de aterros sanitários e diminuir a poluição gerada durante o transporte e geram economia na própria construção”.

Além dessas alternativas apresentadas, que são facilmente encontradas no país, é possível observar também as opções de novas técnicas presentes e empregues em outros países, como principalmente nos Estados Unidos, pode-se observar a utilização de processos industrializados na construção como o *steel frame*, *wood frame* e *drywall* (ARAÚJO, 2017).

Apesar da adoção de materiais que preservam recursos naturais e facilitam a execução da obra, outro ponto a ser observado na construção sustentável é a associação do desenvolvimento do empreendimento juntamente compatível ao planejamento urbano do entorno, de modo a favorecer o desempenho desses equipamentos. A construção sustentável relacionada ao planejamento urbano possui premissas que se relaciona à vários pontos, mas focaremos em dois principais que podem gerar diversos impactos, como a captação da água pluvial e drenagem e filtração da água pluvial.

Os mais relevantes por serem, no contexto físico construído, os que desenvolvem um papel importante no ambiente, como vantagem, regulam o clima local, já como desvantagem, caso o sistema não seja eficientemente projetado, pode favorecer inundações ou alagamentos. Sendo assim, as possibilidades empregues e inseridas no projeto buscam favorecer a captação parcial e a infiltração de águas pluviais. Já as propostas podem ser desenvolvidas principalmente através do paisagismo, com a inserção de jardins, jardins de chuva, lagos de biorretenção, telhados verdes, jardins verticais e cisternas de captação de águas pluviais.

DISCUSSÃO

Como modo de incentivar a adoção de um novo método construtivo ambientalmente favorável, as técnicas a serem propostas são novos materiais a serem empregues na construção, concomitantemente ligado ao planejamento urbano e a logística do processo construtivo. Os materiais ecologicamente corretos consistem em uma avaliação do todo, desde seus insumos, recursos necessários e sua distribuição (DOS SANTOS, 2017).

As vantagens do uso de materiais sustentáveis, tais como madeira plástica, bambu, tijolos ecológicos e agregados de resíduos da construção civil estão relacionados principalmente à sua produção pois, pode-se notar uma redução da demanda energética (DOS SANTOS, 2017). O reaproveitamento de resíduos diversos, facilidade de execução, o encaixe entre si possível de ser executado com pouca ou nenhuma argamassa, melhoria da produtividade na obra, viabiliza melhorias no assentamento e melhores condições, e por fim, a redução dos resíduos de construção a serem descartados (DOS SANTOS, 2017).

Logo as vantagens são delineadas principalmente pela desconfiança por parte dos usuários, dificultando a adesão do material. A questão do custo se comparado aos blocos de cerâmica e a impossibilidade de uso em paredes de contraventamento, ou seja, de sustentação contra a ação dos ventos, esses blocos podem ser usados apenas com a função de vedação (FIAIS; DE SOUZA, 2017).

Apesar da adoção de materiais que contribuem para a preservação de recursos naturais e facilitam a execução da obra, outro ponto a ser observado na construção sustentável é a associação do desenvolvimento do empreendimento juntamente compatível ao planejamento urbano do entorno, de modo a favorecer o desempenho desses equipamentos.

CONCLUSÃO

A reprodução indiscriminada dos empreendimentos destinados à habitação social torna-se uma problemática no tocante da construção civil e no sentido de atuar como grande gerador de impacto no ambiente, principalmente em termos de sustentabilidade. O impacto no ambiente pode caracterizar-se por positivos ou negativos. Como o estudo desenvolvido apresenta possíveis soluções e alternativas construtivas de modo a contribuir com a preservação dos recursos naturais no cenário atual, é possível notar que mesmo com uma considerável resistência por parte das indústrias, construtoras e até mesmo dos cidadãos aos quais são destinados as moradias, as práticas sustentáveis são propostas que cada vez mais tomam espaço no cenário social. Desse modo, percebe-se o quanto é necessário se investir em emprego de tecnologias e em ciência, de forma a disseminar informações pela mitigação do uso de recursos naturais.

Além disso, a questão pela qual o setor continua com sua produção arcaica possui relação com a condição cultural do país, a grande influência de se construir sempre com cimento e tijolo, constituindo a alvenaria, algo forte, sólido, seguro e resistente no entendimento do senso comum, não que realmente não o seja, mas outros materiais também oferecem esses mesmos requisitos e uma melhor condição ambiental, tanto dentro da construção, como fora, no ambiente.

É necessário que a reflexão não se limite apenas sobre a preservação do meio ambiente, mas também em como proporcionar ao homem que se desenvolva em suas relações sociais e com o meio de forma digna e eficaz, com a intenção de preconizar a produção de boas moradias, espaços urbanos, mobilidade e acessibilidade para todos e em todo o perímetro da cidade. O acesso à moradia digna não deve ser apenas assegurado em lei, mas é preciso que a sociedade, como um todo que é, tenha acesso a esse direito, respeitando suas necessidades presentes e também futuras.

Não menos importante, é necessário também atentar-se a técnicas construtivas que atendam ao tripé da sustentabilidade, visando atender não somente aos quesitos ambientalmente adequados e socialmente justos, mas também possuir coerência quanto a viabilidade econômica. Desse modo, destaca-se que somente mediante ao incentivo a ciência e tecnologia, dentro e fora da universidade, será possível o setor da construção civil se reinventar e atender as necessidades da sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

BERCHIN, Issa Ibrahim; CARVALHO, Andréia de Simas Cunha. O papel das conferências internacionais sobre

o meio ambiente para o desenvolvimento dos regimes internacionais ambientais: de Estocolmo à Rio+ 20. DEBATESVII, p. 167, 2016.

Disponível em: http://www.unisul.br/wps/wcm/connect/7c137789-3183-40e6-ac62-1dcca60f5b48/artigo_gt-ca_issa-andreia_vii-spi.pdf?mod=ajperes. Acesso em 11 jun.2020.

BRASIL, LEI Nº 11.124, DE 16 DE JUNHO DE 2005. Dispõe sobre o Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social – SNHIS, cria o Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social – FNHIS e institui o Conselho Gestor do FNHIS. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11124.htm. Acesso em 18 jul. 2020.

BRASIL, LEI Nº 10.257, DE 10 DE JULHO DE 2001. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10257.htm. Acesso em 18 jul. 2020.

BRASILEIRO, L. L.; MATOS, J. M. E. Revisão bibliográfica: reutilização de resíduos da construção e demolição na indústria da construção civil. Cerâmica, v. 61, n. 358, p. 178-189, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ce/v61n358/0366-6913-ce-61-358-00178.pdf> . Acesso em 13 jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0366-69132015613581860>

DA SILVA RAMOS, J.; NOIA, A. C. A construção de políticas públicas em habitação e o enfrentamento do déficit habitacional no Brasil: uma análise do Programa Minha Casa Minha Vida. Desenvolvimento em Questão, v. 14, n. 33, p. 65-105, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/3194> . Acesso em: 12 jul. 2020. <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2016.33.65-105>

DA SILVA, W. C.; SANTOS, G. O.; DE ARAÚJO, W. E. L.. Resíduos Sólidos de Construção Civil: caracterização, alternativas de reuso e retorno econômico. Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental, v. 6, n. 2, p. 286-301, 2017. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/gestao_ambiental/article/view/3790 . Acesso em: 10 jun. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rgsa.v6e22017286-301>

DOS SANTOS, R. L.; SANTANA, J. C. O. Materiais de construção sustentáveis em empreendimentos de habitação de interesse social financiados pelo PMCMV. Mix Sustentável, v. 3, n. 3, p. 53-62, 2017. Disponível em: <http://ojs.sites.ufsc.br/index.php/mixsustentavel/article/view/1892/1312>. Acesso em 16 jul. 2020. <https://doi.org/10.29183/2447-3073.MIX2017.v3.n3.53-62>

EXAME, 2019. Deficit Habitacional é Recorde no Brasil. Disponível em: <https://exame.com/brasil/deficit-habitacional-e-recorde-no-brasil/>. Acesso em: 16 jul. 2020.

FIAIS, Bruna Barbosa; DE SOUZA, Daniel Sarto. Construção sustentável com tijolo ecológico. Revista Engenharia em Ação UniToledo, v. 2, n. 1, 2017. Disponível em: <http://www.ojs.toledo.br/index.php/engenharias/article/view/2559>. Acesso em: 23 jul. 2020.

MONTEIRO, Adriana Roseno; VERAS, Antonio Tolrino de Rezende. A questão habitacional no Brasil. Mercator (Fortaleza), v. 16, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/mercator/v16/1984-2201-mercator-16-e16015.pdf>. Acesso em 16. Jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4215/rm2017.e16015> . <https://doi.org/10.4215/rm2017.e16015>

SANTOS, A. F. dos; SILVA, J.da; SILVA, C. A. R. da. HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL: A SUSTENTABILIDADE APLICADA EM CONSTRUÇÕES POPULARES. 2018. Disponível em:
[https://servicos.unitoledo.br/repositorio/bitstream/7574/2167/1/HABITA%
c3%87%c3%83O%20DE%20INTERESSE%20SOCIAL%20-%20A%20SUSTENTABILIDADE%20APLICADA%20EM%20CONSTRU%
c3%87%c3%95ES%20POPULARES.pdf](https://servicos.unitoledo.br/repositorio/bitstream/7574/2167/1/HABITA%c3%87%c3%83O%20DE%20INTERESSE%20SOCIAL%20-%20A%20SUSTENTABILIDADE%20APLICADA%20EM%20CONSTRU%c3%87%c3%95ES%20POPULARES.pdf). Acesso em 15 jul. 2020.

SILVA, Sabrina Caroline da. Sustentabilidade aplicada à habitação horizontal de interesse social. 2017. Disponível em: <http://rdu.unicesumar.edu.br/handle/123456789/424>. Acesso em 15. Jul. 2020.

NOVOS RUMOS DA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA

Jean Bonfim Flores Da Silva, Kelly Ayumi Yasunaga, Roney Carlos Dos Santos Ajala, Larissa Santos Zanetti, Korina Aparecida Teixeira Ferreira Da Costa

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: jean.bfsilva175@gmail.com

RESUMO

A pesquisa contém como finalidade demonstrar de forma ordenada e articulada a Tela, sendo um dos quatro conceitos da Arquitetura Contemporânea abordada por Richard Scoffier. Tal proposta requer reconhecer suas vertentes e conceitos, como a perda de profundidade, signo e reflexo que serão explicados de forma detalhada ao longo da pesquisa, através de obras arquitetônicas do século XXI dos arquitetos Jean Nouvel e Paulo Mendes da Rocha, no qual, os aspectos são demonstrados na composição da Fundação Cartier, localizado na França e no Sesc 24 de Maio, em São Paulo, que serviram de apoio para análise comparativa afim de promover apontamentos sobre os rumos da arquitetura nas últimas décadas do século em discussão.

Palavras-chave: Arquitetura, Fachada, Tela, Scoffier, Nouvel.

NEW DIRECTIONS FOR CONTEMPORARY ARCHITECTURE

ABSTRACT

The research contains the purpose of demonstrating in an orderly and articulated way the Canvas, being one of the four concepts of Contemporary Architecture addressed by Richard Scoffier, such proposal requires recognizing its aspects, such as the loss of depth, sign and reflection that will be explained in detail through architectural works of the 21st century by architects Jean Nouvel and Paulo Mendes da Rocha that emphasize aspects in the composition of the Cartier Foundation located in France and Sesc 24 de Maio in São Paulo that served as support for comparative analysis between both in order to bring notes about the architecture in the last decades of the century under discussion.

Keywords: Architecture, Facade, Screen, Scoffier, Nouvel.

INTRODUÇÃO

O conteúdo a seguir, provém de uma série de estudos da Arquitetura Contemporânea Brasileira decorrente a partir do contexto do século XX, logo após o Movimento Moderno, no qual deixou direcionamentos para a construção de novas ideias no ramo arquitetônico. Dessa forma, o artigo decorre nos principais conceitos que vieram a fazer parte no século XXI, como abordado em “Os quatro conceitos fundamentais da Arquitetura Contemporânea” por Richard Scoffier que são importantes para o campo disciplinar da arquitetura.

A presente escrita, reúne diferentes abordagens trazidas no volume teórico, que serviram de bases para comparativas, críticas ou reconhecimento que Scoffier indagou sobre produções artísticas ou arquitetônicas. Assim, sua teoria dividida entre objeto, meio, tela e acontecimento são explanados brevemente para melhor compreensão do assunto principal, a tela que vem a ser identificada com a perda de profundidade, signo e reflexo e relacionados com a Fundação Cartier do arquiteto Jean Nouvel e o Sesc 24 de maio de Paulo Mendes da Rocha.

A tela que será aprofundada mais adiante, esconde e protege seu espaço interno do espaço externo desempenhando a função de intermediário entre esses dois mundos, cuja relações vão regredir até tornarem-se quase umbilicais. A tela constitui-se como uma superfície lisa sem protuberâncias nem

incisuras, não há mais nenhuma transparência, ela se torna opaca para tatuar-se e enaltecer-se ou recobrir-se de sinais e siglas (SCOFFIER, 2009).

MÉTODOS

Por meio da primeira edição referente a conceitos do livro *Leituras em Teoria da Arquitetura* (2009), que reúne abordagens de autores individuais como a de Richard Scoffier no capítulo “Os quatro conceitos da Arquitetura Contemporânea”, foi possível iniciar um estudo mais aprofundado sobre a Tela. Para compreender o assunto, a pesquisa decorreu da leitura de cada elemento que o constitui, após isto, os discentes reuniram e compartilharam as principais informações que contribuem para o tema.

Dessarte, expandiu-se para uma revisão bibliográfica a fim de relacionar o conteúdo com outros autores e conseqüentemente teorias como de Adolf Loos, artigos e dados online. Como resultado, a pesquisa voltou a uma análise expositiva e comparativa, ou seja, que identifica e demonstra a Tela através de obras arquitetônicas e suas diferenças e semelhanças dentro do mesmo assunto.

RESULTADOS

Ao analisar a linha do tempo arquitetônica é possível considerar que a Revolução Industrial do século XVIII e XIX e a Segunda Guerra Mundial em 1945 foram principais fatores resultantes de um conjunto de mudanças que influenciaram criações futuras. Após inúmeras transformações projetuais dentre várias realidades, os desejos das pessoas e da nova sociedade de consumo, assim como, das solicitações de planejamento e projeto do espaço urbano, ganharam destaque.

Hoje sabemos que o domínio da tecnologia e, em particular, dos métodos construtivos mais avançados é o primeiro degrau de uma explanação a ser continuada, e foi, de fato, empregado para idealização de novos cenários, pequenos, grandes e enormes (BENÉVOLO, 2007. p.137).

Assim, houve o surgimento de uma nova demanda de grandes obras que se iniciaram no século XX, após o Modernismo. Estas, não geraram separações estritas de funções, ao contrário, as novas tendências conduziram uma multiplicidade de cenas dentro de um mesmo ambiente que ao mesmo tempo foram humanizadas estabelecendo características sensíveis e poéticas com abordagens que prolongaram a história vivida e seus traços passados.

A arquitetura que significou a adaptação da condição de um lugar a determinado tempo considerando a natureza do novo espaço urbano incorporada com o público é conhecida como Contemporânea, um termo utilizado para esse novo momento que se estendeu até os dias atuais do século XXI. Conseqüentemente a linha arquitetônica serviu de referência para muitos que a exploraram, como o escritor a ser citado posteriormente que considerou quatro conceitos que exemplificam e explicam como ela é expressa nas obras.

Os quatro conceitos ditos por Scoffier (2009), o objeto, a tela, o meio e o acontecimento, regem secretamente o mundo Contemporâneo e regulam a vida cotidiana, ou seja, a realidade de todos os dias. Dessa forma, o presente artigo abordará parte dos assuntos que o autor Richard Scoffier trouxe em seu livro “Os quatro conceitos da Arquitetura Contemporânea” que em sua totalidade cita a construção e o objeto dizendo que tudo que se produz e que nos rodeia não tem automaticamente direito ao status de objeto. Este, não pode ser confundido com o instrumento, nem com mercadoria. Ao contrário, ele pode se definir pela resistência à instrumentalização e à troca. O objeto é radicalmente assombrado pelo que precede seu surgimento, seu momento pré-objeto, onde as coisas não estavam ainda diferenciadas.

O objeto em seu sentido mais profundo, afirma-se ao mesmo tempo como luto e como promessa de ressurreição dessa comunidade original. Ele é aberto e singular, estabelecendo relações de sedução, de fascínio quase hipnótico com o sujeito como se, invertendo a interpretação habitual, ele lhe permite ocorrer (SCOFFIER, 2009).

Ao contrário, Scoffier (2009) transmite o conceito de lugar e o meio-lugar, na qual, com a globalização, os sítios mais distantes aproximam-se e perdem pouco a pouco suas últimas especificidades.

Como lugar, desaparece toda a profundidade histórica, mas entre meio muitos querem protegê-lo ou se opor a esse movimento. No entanto a ideia melhor seria definir claramente esses espaços aculturados que se impõem, a fim de inventar os novos dispositivos arquitetônicos que lhe correspondem.

Logo, o meio-lugar define um espaço que recusa a plenitude do lugar, e afirma-se como algo inacabado, embrionário, um espaço que recusa também o peremptório, o testamental, o monumental. O meio-lugar evoca assim a utopia de um espaço branco, de um espaço neutro, de um espaço que não há nada na memória e nos liberta do peso da cultura e de suas convenções (SCOFFIER, 2009).

Em outro momento, o uso e o acontecimento indicam que o edifício não é mais considerado como uma construção, mas como um objeto. Sua fachada não se exhibe, nem nada informa sobre sua interioridade, mas constitui-se numa membrana apta a receber outros tipos de informações. Seu interior se recusa a muito se especificar e permanece indeterminado (SCOFFIER, 2009).

Conforme Scoffier (2009), o uso se constitui pela recondução de gestos, de posturas, transmitidos de geração, o acontecimento se opõe a ele de forma absoluta como algo que não se pode prever. O uso, determinado pelo peso das condicionantes físicas e sociais, assegura a continuidade, a repetição, enquanto o acontecimento, que emerge com a redução ou o desaparecimento dessas condicionantes, afirma a descontinuidade, a irredutibilidade de cada instante.

Com a substituição do uso pelo acontecimento, é toda a temporalidade que se transforma não há mais o mundo onde passado e futuro se sucedem e comungam através da repetição de gestos idênticos ou levemente modificados, mas um mundo da acumulação, onde o inabitual sucede permanentemente o inabitual. Cada instante se recusa a passar e ser assim repellido, esquecido, destruído, pelo instante seguinte, promovendo por seu próprio acontecimento (SCOFFIER, 2009).

Por conseguinte, tela responde ao mundo Contemporâneo onde a função de ver tende a se atrofiar enquanto a do ler é cada vez mais solicitada. E assim, é possível ter um mundo de visão, de um mundo da profundidade, da perspectiva, da experimentação ao mundo pacífico da leitura (SCOFFIER, 2009). Para mais, tal conceito agrega três vertentes, sendo a perda de profundidade, signo e reflexo que após seu entendimento serão analisados com base na obra internacional Fundação Cartier e na de nacionalidade brasileira, o Instituto Moreira Salles ou Sesc 24 de maio.

Segundo Scoffier (2009), a fachada relacionada a perda de profundidade, designada também como tela, tinha como foco demonstrar duas funções perante o edifício, sendo uma enunciar a transparência de seu interior através de suas aberturas e a outra, relaciona-se com a técnica construtiva da época. Para exemplificar tais conceitos, as aberturas do Palácio Rucellai (figura 1), localizado em Florença, segue o pensamento de Michelangelo, no qual se cria uma profundidade perspectiva através dos elementos maiores, juntamente com os elementos menores, compondo as janelas ordenadas, resultando na transparência das ações.

Figura 1. Palácio Rucellai, Florença.



Fonte: Alberti (2018).

Em pressuposto a isso, a Vila Savoye de Le Corbusier (figura 2), carrega consigo duas representatividades procedentes da dupla funcionalidade, a transparência e a instigação da lei da

gravidade. Sua janela em fita resulta em uma fachada Moderna translúcida, não pondo em causa a profundidade espacial. Assim, como os pilotis estruturais que sustentam o peso da materialidade, no qual, não mascara a estrutura da construção, se mantendo totalmente isotrópico a exterioridade (SCOFFIER, 2009).

Figura 2. Vila Savoye



Fonte: Wikipedia (2020).

Já a Arquitetura Contemporânea para Scoffier (2009), esconde sua verdadeira função, através da perda de profundidade da tela que mascara seu uso, podendo confundir as construções e induzir ao erro, assim como acontece entre os apartamentos com os escritórios. Caminhando para se tornar um prédio autônomo sem ligação ou envolvimento com a ocupação de seu interior, chega-se ao ponto de instigar o espectador da obra a ignorar os precedentes históricos, assim como sua fabricação e seu valor.

Esta provém de uma cultura de novas tecnologias da construção e no consumismo em ascendência na sociedade. Sendo um exemplo o museu de Arte Contemporânea Kunsthaus de Graz (figura 3), localizado na Áustria pertencente a Arquitetura Futurista, inspirado no Plugin City. No qual, mantém suas fachadas fechadas para o exterior, sem revelar seu uso de espaços expositivos, revertendo sua atenção para a forma orgânica e para os jogos de luzes existente entre o dia e a noite, resultado dos lanternins e das luzes artificiais implantadas (SCOFFIER, 2009).

Figura 3. Museu Kunsthaus de Graz



Fonte: Harry Schiffer (2019).

Segundo Scoffier (2009) no signo da Tela, a planeza dos quadros foram expressadas por meio da pintura de Jasper Johns (figura 4), que originou a bandeira americana conhecida como Flag (1954), tal obra veio a antecipar as faixas paralelas de dimensões idênticas dos Black Paintings de Frank Stella (1959) se diferenciando através das cores e retângulo azul composto por diversas estrelas que em composição ao todo, desconfigura o real significado da obra, ou seja, a interpretação pessoal se sobrepõe ao místico. De

fato, cria-se assim uma profundidade, ou seja, uma distância entre o signo que seria o significado ou conteúdo que constituiu a materialidade e o sentido, da qual é significante, aquilo que reconhece o conjunto, sensações e estímulos através da visão, audição e tato.

Figura 4. Flag em exposição.



Fonte: Steven Zucker (2012).

Nesse contexto, Robert Venturi investiga a profundidade observando as lojas situadas as margens das estradas americanas a fim de distinguir os conjuntos de construções. Com isso, observou que existem as obras que mantem relação com as mercadorias vendidas no estabelecimento, sendo assim, uma associação a Arquitetura Moderna, principalmente pela expressão “A forma segue a função” de Louis Sullivan em *The Tall Office Building Artistically Considered* (1896, p. 403) denominada por Venturi (2009, p.190) como “Ducks” e as que apresentam uma caixa com letreiro que seria o galpão decorado ou “derocated sheds”, contendo duas maneiras, a com painel sobreposto a caixa e a totalmente separada situada perpendicularmente a via para melhor visualização. Entretanto, a fachada dos comércios se torna independentes sem ter interrupções do próprio edifício (SCOFFIER, 2009).

O arquiteto e escultor renascentista Brunelleschi citado por Scoffier (2009) nesse momento, responde as organizações autênticas da cidade americana de Las Vegas que valoriza o signo trazido por Robert Venturi e foi muito criticada pelos modernistas. Formulando assim, que nos percursos da cidade espaços se articulam uns com os outros, detalhe que relembra aos projetos modernos de Le Corbusier no Plano Voisin para Paris, enquanto de outra visão, os letreiros cintilantes em ritmo regular com aspecto cinematográfico se exibem sobre os para brisas dos automóveis que fazem o papel da experimentação física e do nascimento da ciência experimental que resulta na simulação das ciências contemporâneas vistas ao percorrer o caminho.

Em vista disso, Venturi estabelece três conceitos definidos por Vitruvius, as *soliditas*, *comoditas* e *venustas* para propor um novo aspecto que levará a dissidência da construção a função e da beleza ou tela simbólica sobre o significado da obra. Ademais, Robert extrai preceitos operatórios que alteraram cada obra independentemente dos programas e localização dos mesmos. Dessarte, o arquiteto produzirá projetos semelhantes a objetos desestruturados que devem ser lidos por fora sem analisar profundamente e vivenciados por dentro, fator que determina o papel do arquiteto (SCOFFIER, 2009).

Sendo assim, para Scoffier (2011), a National Gallery em Londres (figura 5), na qual, sofreu extensões, retrata em sua fachada o aspecto neoclássico mantendo relação com a obra original de ordem coríntia produzida por William Wilkins no século XIX. Porém, os detalhes não evitam um olhar crítico de Richard Scoffier sobre as colunas imaginárias que causam um ritmo acelerado ausentando a presença de uma estrutura construtiva. Ademais, vidros estampam a lateral do edifício de forma inadequada em conjunto com a propaganda que esconde o espaço de exposições.

Figura 5. National Gallery em Londres

Fonte: Tom Ravenscroft (2019).

Em virtude dos fatos, nota-se que o signo e os edifícios em si passaram a se enfraquecer, como Adolf Loos abordou em seu livro *Ornamento e Crime*, se tornaram escondidos por fachadas que remetem a uma “tatuagem” cheia de ornamentações que se exaltam por cima da função ou do real significado da obra (SCOFFIER, 2009).

Conforme Scoffier (2009), para exemplificar o último elemento da Tela, o reflexo, nos anos de 1970 os prédios tinham suas fachadas espelhadas que trouxeram uma primeira alternativa para a transparência. Mas eles apagavam-se, as vezes completamente, apenas deslocando o problema, como a John Hancock Tower de lo Ming Pei. Já em outro período, a Torre John Hancock Tower (figura 6), por exemplo, é coberta por uma imensa lâmina que reflete fielmente o céu e as nuvens, ao mesmo tempo maciça e furtiva para melhorar inserir-se nesse bairro de Boston marcado por construções patrimoniais do século XIX. Os projetos de Jean Nouvel refletem ao mesmo tempo que conservam certa transparência e provoca assim múltiplas interferências, de ambiguidades desestabilizastes.

Figura 6. Torre John Hancock Tower

Fonte: Pei Cobb Freed & Partners (2020).

O edifício Galleries Lafayette (figura 7) é envolvido por uma fita de vidro fume onde são colocados os anúncios de grandes marcas. A tela reflete as ornamentações das fachadas da Friedrichstrasse, uma importante rua comercial e cultural no centro de Berlim, ao mesmo tempo que destila, por transparência a presença de uma loja de departamentos em uma rua principal deve ser um evento e uma atração para os clientes que fazem suas compras em um espaço público interno que ao mesmo tempo amplia o espaço externo da Friedrichstrasse (SCOFFIER, 2009).

Figura 7. Edifício Galeries

Fonte: Ateliers Jean Nouvel (2020).

Na Fundação Cartier, uma fachada de vidro alinha-se respeitosamente entre os limites do terreno a fim de respeitar as continuidades urbanas. O edifício permite que seja possível ver através dele as árvores do jardim, enquanto ele se recua e se liga por elementos em V. Ademais, o jogo de reflexo é tão grande que é difícil dissociar as árvores do jardim da imagem refletida que pontuam o Boulevard Raspail (SCOFFIER, 2009).

O edifício se exhibe numa transparência absoluta como um puro instrumento com explica Argan a respeito do trabalho de Walter Gropius. Ao contrário do que foi estabelecido por Masaccio e Brunelleschi, nos quais a cidade está definitivamente diante dos passantes e depende dele e não existe sem ele, Jean Nouvel é o contrário que se produz. Mais do que o esmaecimento do objeto é o eclipsar do sujeito e o edifício põe a cena (SCOFFIER, 2009).

O dispositivo instaurado por Jean Nouvel na Fundação Cartier é retomado e levado a seu ponto de incandescência por dois de seus antigos associados, Jean-Marc Ibos e Myrto Vitart, na extensão do palácio de Belas-Artes de Lille, um edifício do século XIX e que permaneceu inacabado. Os arquitetos não acabaram o edifício, preferiram deixá-lo tal qual e erigir, nos limites do terreno, uma caixa de vidro independente, ligada ao exterior por uma sala de exposição subterrânea. Essa construção tem sete pavimentos e é composta por um painel envidraçado, por uma galeria de distribuição e por uma parede opaca, dando acesso a uma fita de escritórios e ateliês (SCOFFIER, 2009).

DISCUSSÃO

A seguir, serão abordadas duas obras que se encontram em diferentes localidades do mundo, uma em Paris, na capital da França e outra na Capital Paulistana do Brasil. Estas, expressam a tela que Scoffier ressaltou em seu livro como um novo rumo que a Arquitetura Contemporânea se delineou. Dessa forma, o intuito é trazer as características que mais se destacam dentro do tema para análise, como o reflexo, profundidade, signo e detalhes que a complementam como forma de destacar as relações nacionais e internacionais dentro da Arquitetura Contemporânea.

Ademais, as obras arquitetônicas de diferentes arquitetos contribuem para importância do contexto urbano e histórico, pois, são aspectos que influenciam no seu resultado espacial e material. Entretanto, ao aprofundar em uma análise teórica e técnica, é possível destacar suas semelhanças e diferenças para compreender como cada produção passou a ser trabalhada com as novas tecnologias, urbanização, culturas e afins decorrentes do processo de globalização.

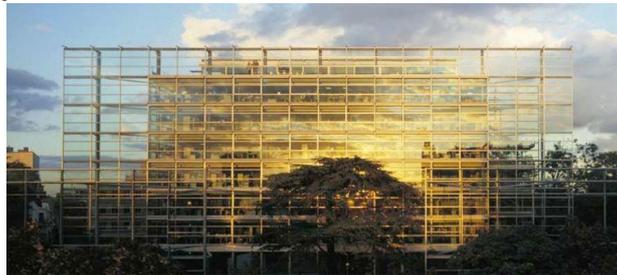
FUNDAÇÃO CARTIER

Dedicado totalmente à arte contemporânea e abrangendo a pintura, escultura, design, fotografia, moda e outras expressões artísticas, a instituição francesa Fundação Cartier (figura 8), foi criada em 1984 pela Maison Cartier, uma marca mundialmente reconhecida pela sua produção de jóias, dentre elas o

relógio que já foi até mesmo já encomendada por Santos-Dumont que veio a ser de grande incentivo para materialização da Fundação já que os objetos de luxo estavam sendo copiados e falsificados. Então, sob presidência de Alain Dominique Perrin, inicia-se sua história em Jouy-em-Josas, uma Comuna francesa próximo a Versalhes para representar obras originais em função da proteção dos direitos autorais dos artistas (MANARELLI; GAZEL, 2014).

Em 1993 quando é disponibilizado um terreno no Boulevard Raspail, a Fundação migra-se para os Bulevares de Paris, construindo um novo prédio composto de aço e vidro, aos cuidados do arquiteto Jean Nouvel. Assim, o prédio foi inaugurado em 1994 e apelidado pelo dito popular como edifício fantasma, devido a sua transparência na fachada e verdade na materialidade, tendo como caráter investigativo o despertamento da curiosidade do visitante. A leveza carregada consigo, é ditado por uma arquitetura dinâmica, entre desfocar os limites tangíveis do plano e torná-la supérfluo de um volume sólido. Por conseguinte, o seu impacto visual, é resultado de condicionantes importantes, adotado por Nouvel como conceito projetual (LEEMAN, 2015).

Figura 8. Fachada da Fundação Cartier.

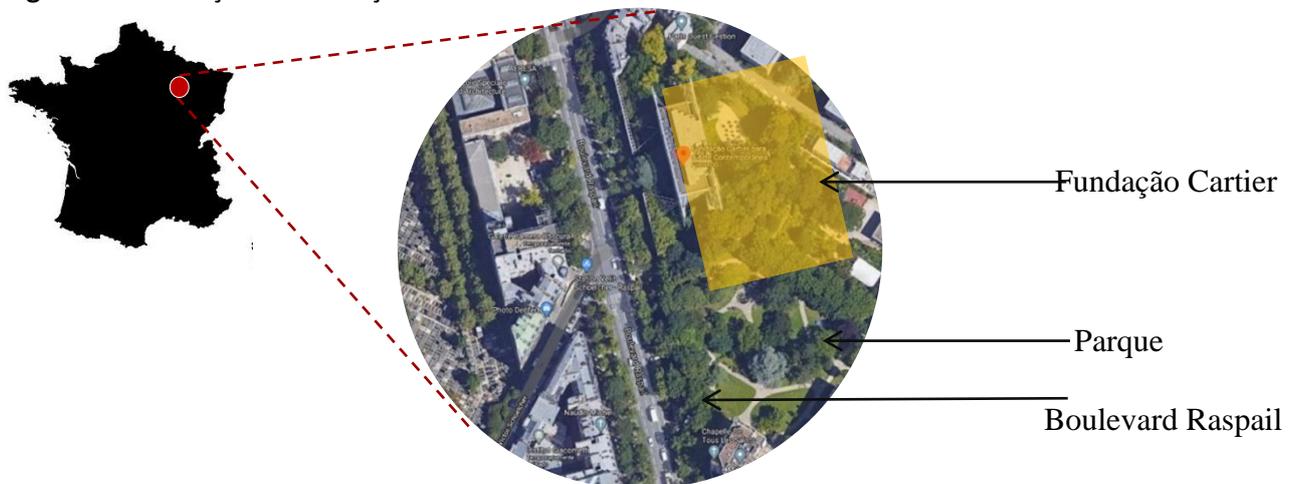


Fonte: Hometaka (2013).

A intenção do arquiteto foi desmaterializar a estrutura da obra, para não criar conflitos com a arquitetura do entorno, já que a mesma se localiza no centro de Paris e possui construções representativas para a história. Pois para ele, é importância levar em consideração o lugar e o contexto no qual se insere, prosseguindo o processo construtivo existente, para que as seguintes gerações consigam entender nitidamente onde iniciou-se e onde está a continuidade histórica (PINTO, 2015).

Implantado no Boulevard (figura 9), a Fundação Cartier é rodeada por um jardim rico em arborização com 35 espécies diferentes e 200 espécies vegetais da flora francesa, como figueiras, morangos silvestres, violetas e cerejeiras. Em toda a extensão da rua, a área verde se faz presente nas laterais das avenidas, devido a localidade no centro. Para tanto, Jean Nouvel utilizou-se desse fato como conceito do projeto, integrando-o junto ao próprio edifício construído (SVEIVEN, 2010).

Figura 9. Localização da Fundação Cartier.



Fonte: Google Earth (2020).

Dentro do complexo da área, foi pensado em um jardim privativo de própria responsabilidade do edifício. Nela, as árvores são separadas por um muro de vidro, que dividi também, toda a extensão do prédio com o Boulevard. Assim, a estratégia de Nouvel para reluzir a ambiguidade da fachada, foi utilizar materiais de vidro para preservar a transparência do conjunto. Outro elemento de vidro utilizado em abundância, foram as janelas, em especial as deslizantes que separam o espaço interno com a galeria exterior (figura 10), no qual podem ser removíveis, permitindo uma fusão entre ambientes (SVEIVEN, 2010).

Figura 10. Vista externa para o jardim



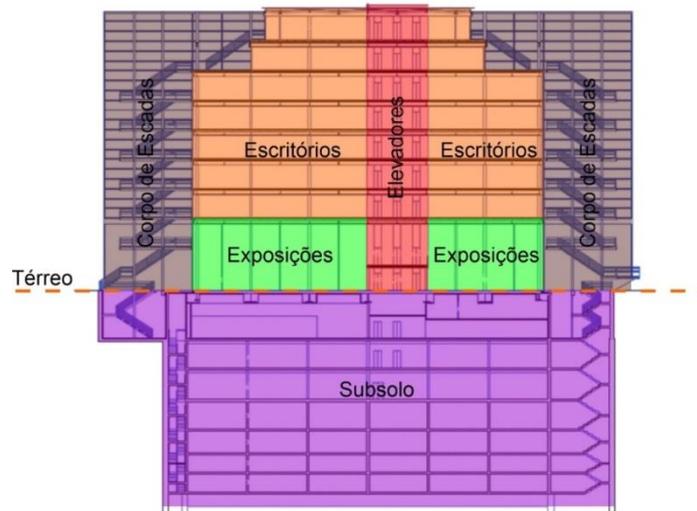
Fonte: Fondation Cartier (2020).

Além da questão visual e interação dos espaços interno e externo, Nouvel teve como intuito potencializar a luz natural que adentra na construção, algo bastante característico do arquiteto. Para tanto, o vidro foi posicionado de forma que evite a exposição direta com a luz e o seu jardim, utilizado como

barreira protetora, no qual ajuda também na redução da temperatura climática, devido a grande massa arbórea. Assim, a fundação se resultou em um jogo dinâmico entre a luz natural e o reflexo, a transparência e a continuidade espacial (LEEMAN, 2015).

Mesmo com um espaço de 10.500m² que possibilitaria uma construção mais horizontal, foi restrito devido as objeções de uma possível perda de espaço verde e exterior, com isso a estrutura em aço e vidro ergue-se a mais de 30m acima do nível da rua. Contendo sete pisos de escritórios acima do piso de exposições que fica no nível térreo. No edifício contamos com três elevadores a eixo e de frente para a porta de entrada, duas caixas de escadas exteriores nas duas extremidades. Abaixo do piso térreo se encontram mais oito pisos enterrados destinados a um segundo espaço expositivos, zonas de serviço e arquivo e estacionamentos com capacidade para cento e vinte e três carros com o acesso é feito por dois elevadores exteriores que são voltados para a rua (figura 11), (PINTO, 2015).

Figura 11. Corte longitudinal da Fundação Cartier.

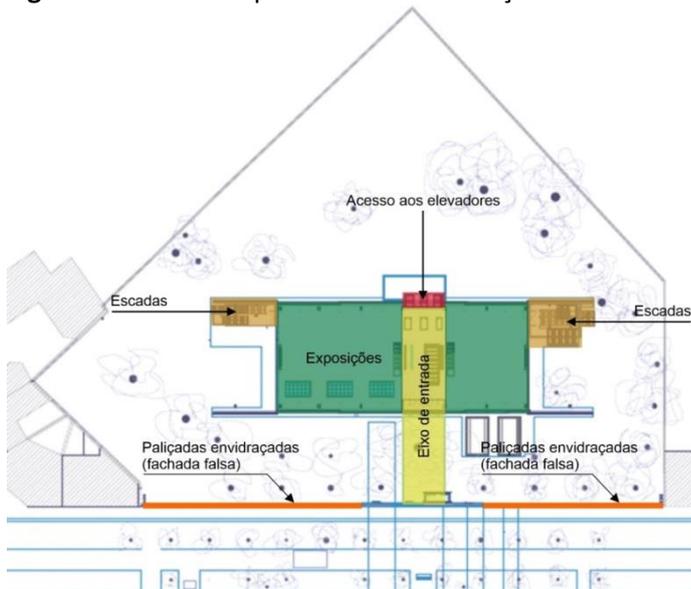


Fonte: Pinto (2015) – Editado pelos autores.

Uma das várias concepções de Jean Nouvel, é a busca da transparência absoluta e clara que é possível graças ao uso inteligente do vidro explorando suas qualidades físicas e com isso causando uma sensação de incerteza, dentro-fora, presença-ausência. E segundo Francisco Amoedo Pinto (2015) a implantação de três superfícies paralelas de vidro, permitiu Jean Nouvel criar uma ambiguidade que fez com que os visitantes se questionarem se o jardim foi construído, se foi encerrado, se o que veem é a realidade ou os reflexos resultantes de um jogo de luz e sombra (PINTO, 2015).

No piso térreo (figura 12) se encontra o espaço que é responsável pelas exposições temporárias e com um pé-direito maior que 8m, o arquiteto cria uma relação importante entre exterior e interior e por meio do vidro ele completa e dá continuidade ao efeito de transparência, onde ele deixou esse espaço livre de elementos que comprometessem essa concepção. E mesmo estando em frente a fachada do edifício é possível enxergar árvores na fachada oposta, e assim, uma continuidade da vegetação, dando essa sensação de amplitude espacial e desmaterialização da forma, causando um efeito de reflexos multiplicando árvores e aumentando a profundidade do terreno (PINTO, 2015).

Figura 12. Planta do piso térreo da Fundação Cartier.



Fonte: Dissertação de mestrado, Pinto (2015) – Editado pelos autores.

Com a ausência de paredes, cada exposição pode criar seu próprio espaço, reinventá-lo, criando um novo ambiente (figura 13). Já na parte superior, que é restrito ao público, estão os escritórios que são separados por divisórias de vidro areado/fosco, que além de esconder as pessoas que ali trabalham ainda conseguem dar continuidade luminosa e espacial do todo. O que interessa Jean Nouvel é a experiência cinematográfica, a transmissão de emoção do espaço além das três dimensões, fugindo da geometria rígida e racional da proporção de comprimento, largura e altura (PINTO, 2015).

Figura 13. Estruturas em “X” para resistência à Tração e Compressão.



Fonte: Jean-Pierre Dalbéra (2019). Editado pelos autores (2020).

SESC 24 DE MAIO

O Sesc 24 de Maio ou Serviço Social de Comércio inaugurado em 2017, é uma obra de autoria do escritório MMBB formado por Fernando de Mello, Marta Moreira e Milton Braga em parceria com Paulo Mendes da Rocha. Sua implantação se encontra no Brasil, no centro de São Paulo, na esquina da Rua 24 de Maio com a Rua Dom José de Barros (figura 17). Nele abriga um conjunto de instalações de recreação e serviços de acordo com os programas baseados na educação, saúde, cultura, lazer e assistência. O projeto se voltou a um restauro que se iniciou em 2001, onde aproveitou e adaptou as instalações que eram originalmente de uma antiga loja conhecida como Mesbla (figura 14), transformando os espaços internos a partir da estrutura existentes e criando uma nova estrutura (MOREIRA, 2014).

Figura 14. Prédio da antiga loja Mesbla



Fonte: Vimeo (2014).

Para que o projeto fosse possível, houve a demolição oportuna de partes do conjunto existentes, criando um vazio no interior do edifício e a construção de uma nova estrutura independente apoiada em quatro pilares principais que atravessam o vazio central. A ideia foi de recuperar e aproveitar a construção

já antiga para que os novos usos se adequassem priorizando o bem-estar social dos empregados que utilizam o prédio e de seus familiares, no entanto, aberto à comunidade em geral (MOREIRA, 2014).

A estratégia da ocupação do espaço para o fim privativo com escritórios comerciais, também se tornou uma arquitetura pública, ou seja, um equipamento urbano de escala metropolitana que se relaciona com seu entorno e recupera memórias. Em termos de ligação, Paulo Mendes da Rocha menciona que não há espaço individual, o único é o raciocínio e se isso não se tornar público, ninguém conhece, portanto, o conceito de espaço para um arquiteto já significa público (MENDES, 2017).

O centro de São Paulo, é uma região que desde o início concentrou diversas funções que fazem parte da história de sua formação urbanística. O resultado foi uma região muito deteriorada, com patrimônios históricos e edificações verticalizados e aglomerados que não podem ser excluídos ou nem destruídos e sim incluídos e adaptados a essa nova época (figura 15). Então, o Sesc 24 maio veio a transformar a vida cotidiana das pessoas por meio da arquitetura e de seus programas culturais (FELDMAN, 2017).

Figura 15. Sesc 24 de Maio e a Urbanização



Fonte: MMBB (2020).

A criação de Mendes e MMBB (figura 16) fica próximo à Praça da República (figura 17), que é um dos pontos mais visitados por turistas e moradores da cidade devido à sua localização a qual se encontra avenidas de grande movimento, como a Av. Ipiranga e a Av. São Luís. Outros indispensáveis pontos turísticos, são o Teatro Municipal (figura 18) com aspectos Renascentistas, Barrocos e Art Nouveau e a Galeria do Rock (figura 19), que possui curvas exuberantes, chamando a atenção de quem passeia, juntamente com a sua entrada elevada e aberta.

Figura 16. Sesc 24 de Maio – Localização



Fonte: Google Earth (2020) – Editado pelos autores.

Figura 17. Praça da República



Fonte: Miguel Garcia (2018).

Figura 18. Teatro Municipal

Fonte: Sylvia Mazini (2020).

Figura 19. Galeria do Rock

Fonte: Medium (2020).

Logo, ao lado do próprio edifício em discussão, nota-se o contraste desse contexto urbano (figura 20), por meio de uma Arquitetura Eclética que se consolidou por volta de 1940, período do alto crescimento da cidade com obras arquitetônicas referentes a galerias que tinham a proposta de integração com a cidade, ou seja, a possibilita de circular de uma rua a outra através do próprio edifício (LIMA, 2017).

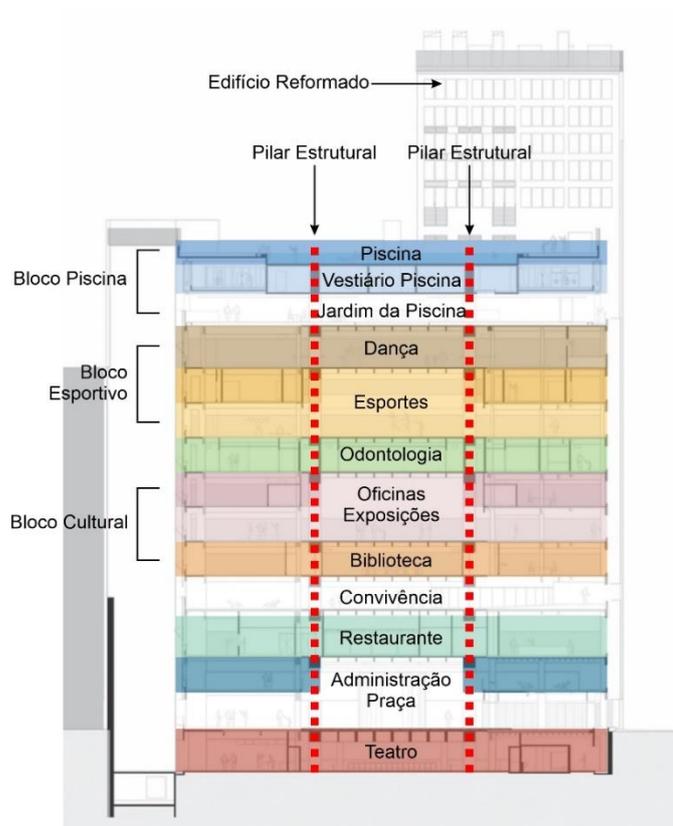
Figura 20. O novo e o antigo

Fonte: MMBB (2020).

Na prática as cortinas de vidro dão continuidade ao contexto refletindo seu entorno como se fosse uma união e meio de pertencimento a esse lugar. O conceito de tornar o espaço público se transformou em um térreo ou praça aberto para rua, espaços flexíveis e acessíveis que se dividem em quinze pavimentos ligados por circulações verticais com rampas e elevadores.

Com uma estimativa de receber 5 mil pessoas por dia, o Sesc 24 foi organizado em dois programas, o prédio principal recebeu todos os espaços onde serão realizadas as atividades, como o teatro no antigo subsolo da garagem, que foi rebaixada para completar o volume do teatro e seus anexos, respeitando os limites de proximidade e área de influência das fundações existentes e das construções vizinhas, segundo Paulo Mendes da Rocha, a graça do projeto é que o teatro tem ligação direta com a rua, sendo servido por um café anexo (FARIAS, 2018).

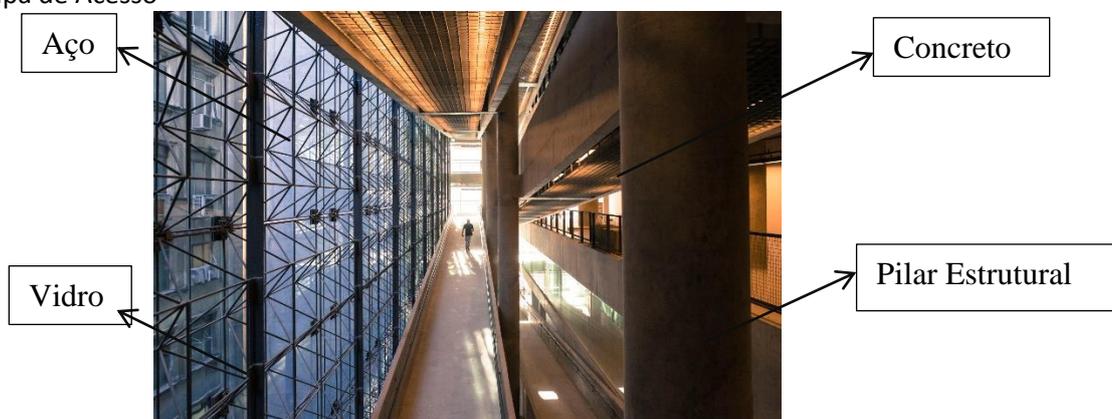
Dessa forma, a edificação principal abriga em sua totalidade espaços para convivência, cafeteria, biblioteca, área de exposição, clínica odontológica e com 14 consultórios e salas de raio-X, área para prática esportiva e atividades corporais, área de tecnologia e arte e solário. Além do mais, para dar suporte ao anexo principal, um edifício antigo foi reformado logo ao lado na Rua Dom José de Barros e reservado para os espaços não recreativos, como o complexo auxiliar de serviços e máquinas, banheiros, depósitos, instalações para funcionários e outros (figura 21).

Figura 21. Setorização

Fonte: Pedro Vada (2018) – Editado pelos autores.

Além do simples aproveitamento e adaptação de instalações que originariamente atendiam a usos de natureza tão diversos aos que estão sendo agora propostos, o prédio contribui de forma efetiva na desejada recuperação de área tão notável da cidade. O projeto abriga uma praça sob o edifício existente, com a ideia de transformação do lugar (VADA, 2018).

A “praça do Sesc”, com caráter de galeria de passagem livre, se relaciona com a animação da vizinhança, sendo ligado também pelo conjunto de rampas, com um circuito claro e contínuo, construídas na beira de uma parede de vidro sustentada por uma estrutura de ferro, capaz de transformar o largo espaço público do recinto, nos diversos lugares de atividades específicas aos programas do Sesc. As linhas retas com ar modernista do projeto, segundo Mendes da Rocha, também têm como finalidade animar o prédio com seu concreto aparente (figura 22), (VADA, 2018).

Figura 22. Rampa de Acesso

Fonte: Roberto Araújo (2017) – Editado pelos autores.

No centro do prédio, onde antes havia uma cúpula para iluminar a sobreloja, hoje se destaca um espaço, de 14x14 m (figura 23), criado para integrar andares, ampliar alguns pés direitos e dar ao projeto a unidade e o ar que ele exigia. Foi fundamental a demolição oportuna de partes do conjunto existente, que não ofende a estrutura básica original, incluindo-se o saguão coberto da antiga Mesbla para criar um vazio no interior do edifício existente.

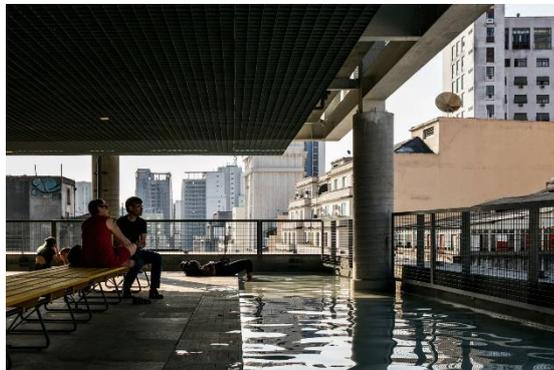
Figura 23. Antiga cúpula



Fonte: Flagrante (2017).

A construção de uma nova estrutura independente se apoia em quatro pilares principais que atravessam o vazio sustentando os grandes salões intercalados. Os pilares percorrem o edifício desde a fundação até o último andar suportando um dos protagonistas do projeto: a piscina, que dá livre acesso ao público. Para complementar, o espelho d' água no penúltimo andar (figura 24), sendo um espaço acolhedor, contribui com o reflexo, contemplação da paisagem, iluminação e ventilação natural (VADA, 2018).

Figura 24. Espelho d'água, 11º andar.



Fonte: Nelson Kon (2018).

A grande surpresa do Sesc sempre foi o diálogo com o público e a cidade. Aparentemente fechado em um bloco espelhado, ao menos para quem vê de fora, o edifício repleto de janelas, e com uma praça aberta no 11º andar, surpreende ao manter o público ciente do entorno praticamente em toda as salas, chegando até a coincidir alguns dos andares com o piso das galerias ao redor.

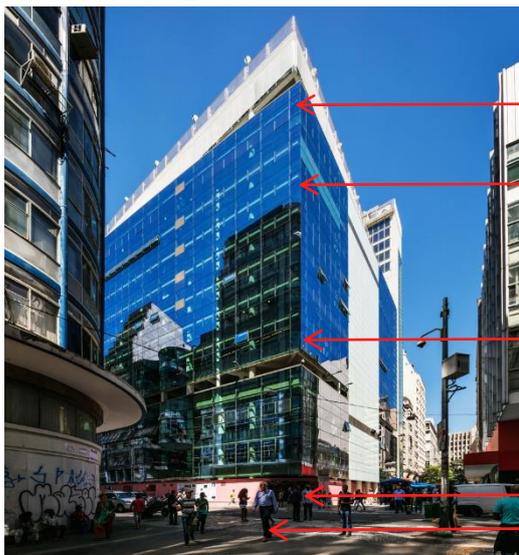
ANÁLISE COMPARATIVA

Tendo como base principal o texto “Os quatro conceitos fundamentais da Arquitetura Contemporânea” escrito por Richard Scoffier, nota-se que as obras descritas, possuem ligações através da linguagem principal de manifestação, a tela. Estas, se encontram sobre influência de sua materialidade com

o espaço externo, compondo o elemento visual, onde representa a continuidade espacial para o entorno urbano, porém ambas de modo singular.

Como abordado no início dessa pesquisa, a Arquitetura Contemporânea iniciou-se ainda dentro do século XX se estendendo até os dias atuais. Nesse ínterim, as duas obras analisadas se encontram em décadas e lugares diferentes, uma em 1994 e outra em 2017, porém, ambos mantêm relações por meio do contexto urbano e histórico, detalhe relevante para suas origens. Tanto Jean Nouvel como Paulo Mendes da Rocha, trouxeram a relação com o entorno e sua valorização através da profundidade perspectiva, termo utilizado por Scoffier no conceito de Tela, que refere-se a uma transparência ocasionada por cortinas de vidros em toda edificação, esta, não mascara a estrutura da construção, e sim a evidencia, como também não sobrepõe as obras históricas existentes ao redor (figura 25).

Figura 25. Fachada Sesc 24 de maio.



Transparência dando destaque a estrutura sem omiti-la e sem sobrepôr as obras existentes no entorno.

O desapego com a ornamentação e a possibilidade do uso múltiplo e não predefinido, por meio de uma fachada mais universal.

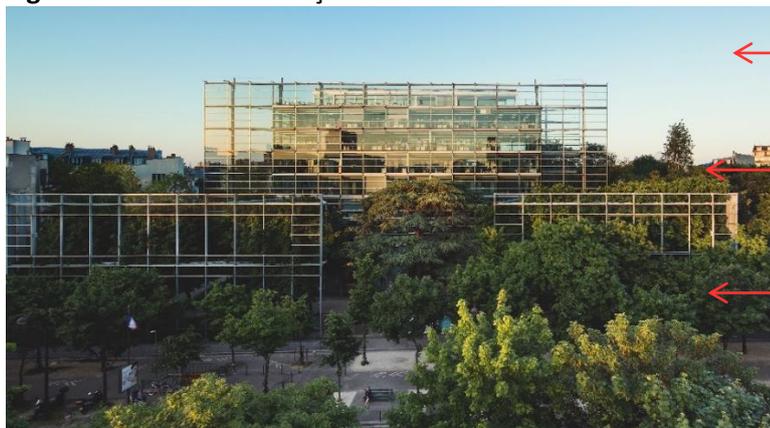
Influência da materialidade com o espaço externo, onde é possível ver e ser visto.

Relação entre os espaços internos e externos, aproveitando a continuidade urbana.

Fonte: Nelson Kon (2018) – Editado pelos autores.

Na obra internacional por exemplo (figura 26), é destacado em especial o jogo de reflexo causado pela sua materialidade, o vidro e o seu entorno e o jardim amplo que transmite um equilíbrio ecológico. Scoffier defende que o edifício carrega consigo a transparência absoluta, tendo aproveitamento da continuidade urbana, elementos na qual, o Sesc 24 de maio também carrega.

Figura 26. Fachada Fundação Cartier.



Aqui a estrutura está bem mais aparente que no Sesc, revelando realmente como é feito o edifício.

Pele envidraçada que se estende por todo o plano das fachadas e Transparência absoluta, onde é possível ver até mesmo uma árvore no lado oposto.

Influência da materialidade com o espaço externo. Criando um prolongamento e uma maior interação com o público.

Fonte: Luc Boegly (2013) – Editado pelos autores

Com relação ao signo, tendo como base o pensamento de Adolf Loos, em seu livro “Ornamento e Crime”, no qual faz um paralelo entre o uso da tatuagem e o uso da ornamentação no edifício, descreve como algo desnecessário, como se precisasse de uma marca para dar sentido ou significado à obra, desconfigurando e sobrepondo a sua verdadeira função (LOOS, 1931).

Por conseguinte, a Fundação Cartier e o Sesc atuam de forma independente, se desvinculando do seu uso já predefinido, podendo ser adaptados para outras finalidades. Ao olhar a tela de ambas, se torna difícil identificar quais atividades estão sendo exercendo no interior do prédio. Visto que, a alta tecnologia que vem crescendo acaba se destacando por meio de esquadrias translúcidas e estruturas que remetem ao High-Tech, detalhes que automaticamente funcionam como uma ornamentação que se desliga de seu interior.

Tendo em vista os estudos apresentados no material, a partir de análises sobre o segundo dos quatro conceitos da Arquitetura Contemporânea, embasado por Richard Scoffier, pode-se explanar a importância da tela nas obras e sua representatividade para a Contemporaneidade. Sua função de proteger o espaço interno do externo, onde sua fachada desempenha a função de intermediar os dois mundos, se aplica diretamente nas obras apresentadas.

Com exemplos práticos deferidos na obra internacional e na obra nacional, expõe tais conceitos abordados, utilizando-se da materialidade em comum para transpor a significância do signo na fachada e do reflexo no entorno, no qual dão continuidade ao contexto urbano, cuja relação foi estabelecida por ambos os arquitetos responsáveis. Como visto na análise comparativa, as características de ligação entre as duas obras distintas de tempo e lugar, conclui-se que o pensamento deixado pelo autor, permanece sendo abordado até nos dias de hoje, no qual continua presente nas discussões de arquitetura e principalmente em obras Contemporâneas.

REFERÊNCIAS

BARATTO, Romullo. **Sesc 24 de Maio de Paulo Mendes da Rocha e MMBB é inaugurado em São Paulo**. 21 de agosto 2017. ArchDaily. Disponível em: > <https://www.archdaily.com.br/br/878078/sesc-24-de-maio-de-paulo-mendes-da-rocha-e-mmbb-e-inaugurado-em-sao-paulo>. Acesso em: 13 maio 2020.

BARATTO, Romullo. **Sesc 24 de Maio vence o Prêmio ArchDaily Building of the Year 2019 na categoria 'Arquitetura Pública'**. Archdaily. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/912988/sesc-24-de-maio-vence-o-premio-archdaily-building-of-the-year-2019-na-categoria-arquitetura-publica>. Acesso em: 07 maio 2020.

BARATTO, Romullo. **“Abre a mais nova franquia do SESC de Paulo Mendes da Rocha e MMBB em São Paulo”** [Sesc 24 de Maio de Paulo Mendes da Rocha e MMBB é inaugurado em São Paulo] 31 de agosto de 2017. ArchDaily . (Trans. Carvalho, Guilherme). Disponível em: <https://www.archdaily.com/878167/paulo-mendes-da-rocha-and-mmbbs-newest-sesc-franchise-opens-in-sao-paulo>. Acesso em 20 ago 2020.

DESCOLS, Francois. **Fondation cartier**. Abril de 2018. Disponível em: https://www.google.com/maps/uv?hl=pt-BR&pb=!1s0x47e671c80c12b47d%3A0x225ddbf564cf5d5a!3m1!7e115!4shhttps%3A%2F%2Fh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipMTJVawqn-8Rrxjs5ij_kNqqoAKNSkU3dzZhAZy%3Dw307-h160-k-no!5sfondation%20cartier%20-%20Pesquisa%20Google!15sCgIlgAQ&imagekey=!1e10!2sAF1QipPU-edWWDoarJ25mbX5cM2Q-OkP7wcCNxi3qTT&sa=X&ved=2ahUKEwjn5-T-q5rqAhViA9QKHYSAA_MQoiowFnoECBgQBg. Acesso em: 24 jun. 2020.

FARIAS, Nuri. **Um presente para a cidade**. Galeria da Arquitetura. Disponível em: >https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/mmbb-arquitetos_paulo-mendes-da-rocha_/sesc-24-de-maio/4578. Acessado em: 13 maio 2020.

MANARELLI, Marcos; GAZEL, Claudia Kronka. **30 anos da Fondation Cartier pour l'art contemporain: Mémoires Vives**. 13 de maio de 2014. Disponível em:

<http://aviagemcerta.com.br/2014/05/30-anos-da-fondation-cartier-pour-lart-contemporain-memoires-vives/>. Acesso em: 17 ago. 2020.

MOREIRA, Marta. **Marta Moreira do MMBB explica o processo de projeto e construção do Sesc 24 de Maio**. Archdaily. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/878223/marta-moreira-do-mmbb-explica-o-processo-de-projeto-e-construcao-do-sesc-24-de-maio>. Acesso em: 07 maio 2020.

NADER, Carlos. **Sesc 24 de maio, documentário**. Vimeo. Disponível em: https://vimeo.com/278353996?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br. Acesso em: 09 maio 2020.

OLIVEIRA, Beatriz Santos de; LASSANCE, Guilherme; PEIXOTO, Gustavo Rocha; BRONSTEIN, Lais. Leituras em teoria da arquitetura, 2. textos, 2009. FAPERJ. Editora Viana & Mosley. SCOFFIER, Richard. **Os quatro conceitos fundamentais da Arquitetura Contemporânea**. Edição 1/2009. p. 162- 203.

PINTO, Francisco António Amoedo Luís Amorim. **O MUSEU TRANSPARENTE: fondation cartier e palais de tokyo**. 2014. 222 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto, 2015.

REDMOUNTAINS, Paul. **A arquitetura de Jean Nouvel**. Anual Design. Disponível em: > <https://www.anualdesign.com.br/blog/2651/a-arquitetura-de-jean-nouvel/>. Acesso em: 10 maio 2020.

SVEIVEN, Megan. **Clássicos da arquitetura: Fundação Cartier**. ArchDaily. Disponível em: > <https://www.archdaily.com/84666/ad-classics-fondation-cartier-jean-nouvel>. Acesso em: 10 maio 2020.

VADA Pedro. **Sesc 24 de Maio / Paulo Mendes da Rocha + MMBB Arquitetos**" 28 Feb 2018. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/889788/sesc-24-de-maio-paulo-mendes-da-rocha-plus-mmbb-arquitetos>. Acesso em: 13 maio 2020.

O DESENHO DA QUADRA EM TRÊS CIDADES NOVAS DE JOAQUIM GUEDES

Rogério Penna Quintanilha

Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP. E-mail: arq.rogerio@gmail.com

RESUMO

Este trabalho propõe uma breve análise do desenho das quadras em 3 cidades novas projetadas pelo escritório do arquiteto paulista Joaquim Guedes nos anos 70, sendo a cidade de Nova Marabá, não construída, no Pará (1973), a cidade de Caraíba, atual Núcleo do Pilar, na Bahia (1976), e Barcarena Nova, atual Vila dos Cabanos, também no Pará (1978). A partir dos projetos, tentamos compreender como os parcelamento do solo acontece em cada um dos projetos, quais suas intenções e consequências na cidade construída e ocupada. A pesquisa é, dessa forma, uma contribuição à compreensão do pensamento urbanístico de Joaquim Guedes, um dos principais urbanistas brasileiros do século XX.

Palavras Chave: Joaquim Guedes; urbanismo; marabá; caraíba; barcarena; cidades novas;

BLOCK'S DESIGN IN THREE JOAQUIM GUEDES'S NEW TOWNS.

ABSTRACT

This paper proposes a analysis of the block's design in 3 new towns by the architect Joaquim Guedes in the 1970s: Nova Marabá, not built, in Pará (1973), the city of Caraíba, current Núcleo do Pilar, in Bahia (1976), and Barcarena Nova, now Vila dos Cabanos, also in Pará (1978). From the projects, we try to understand how the parceling of the land happens in each of the projects, what are their intentions and consequences in the built and occupied city. In this way, research is a contribution to the understanding of urban thinking by Joaquim Guedes, one of the main Brazilian urban planners of the 20th century.

Keywords: Joaquim Guedes; urbanismo; marabá; caraíba; barcarena; new towns;

INTRODUÇÃO

Durante a década de 70 o escritório do arquiteto paulista Joaquim Guedes projetou 3 cidades novas para clientes diferentes. A primeira, Marabá (ou Nova Marabá), no Pará, foi projetada em 1973 para o SERFHAU, Serviço Federal de Habitação e Urbanismo, como apoio à exploração do minério em Carajás, distante 200 km. Com a extinção do SERFHAU em 1975, o projeto de Guedes foi abandonado e substituído por outro de autoria do arquiteto H. J. Cole. A segunda cidade, Caraíba, foi projetada e construída para a Caraíba Metais entre 1976 e 1982 como apoio à exploração do cobre na região e hoje é conhecida como Núcleo do Pilar, distrito de Jaguarari, Bahia. Além do desenho da cidade, o escritório de Joaquim Guedes também projetou e construiu as casas de diferentes níveis, os alojamentos, e demais edifícios como escola, clube, hotel e etc.. Finalmente, a cidade de Barcarena (ou Barcarena Nova) foi projetada para a Sudam como base para os trabalhadores da ALBRÁS/ALUNORTE, foi construída parcialmente e hoje é chamada de Vila dos Cabanos. As arquiteturas em Barcarena não são de Guedes.

As três cidades apresentam parcelamento da terra em lotes individuais de proporções semelhantes, ao contrário do que acontecia, por exemplo, na proposta não vencedora de Guedes, como membro do grupo STAM, para a nova capital federal no concurso de 1957. Vale dizer que o projeto de Marabá não chega a trazer a divisão em lotes mas apenas das quadras e o de Barcarena, como veremos, tem alguns problemas em aberto. Ainda assim, o que vemos são três situações diferentes para as quais Guedes apresenta três soluções igualmente distintas: malha sinuosa em Marabá, quadra retangular em Caraíba e setor em Barcarena.

METODOLOGIA

Para a pesquisa foram consultados os planos originais de cada uma das cidades disponíveis no Fundo Joaquim Guedes localizado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo. Também foram consultados os memoriais dos planos para Marabá (GUEDES, 1973) e Barcarena (GUEDES, 1980), além de sua tese de livre-docência (GUEDES, 1981) que apresenta, justamente, o projeto de Caraíba.

Dessa forma, os três projetos de Guedes foram investigados, comparados e localizados dentro da trajetória de Guedes, com foco na forma de parcelamento do solo. Outro projeto que poderia ser de interesse nessa trajetória, o projeto de Joaquim Guedes, como membro do grupo STAM, para o concurso da nova capital federal em 1957 foi descartado justamente por não promover esse parcelamento. Assim, as principais fontes analisadas aqui foram:

- Joaquim Guedes e Associados (1973), Plano de Desenvolvimento Urbano de Marabá, volume 2, cap. 4 Estrutura Urbana Proposta.
- Joaquim Guedes (1981), Um projeto e seus caminhos, Parte V, Critérios/conceitos de parcelamento.
- Joaquim Guedes e Associados (1980), Plano Urbanístico Básico de Barcarena. volume 2, cap. 6, o desenho da cidade.
-

Dentre os planos selecionados, os citados memoriais de projeto de Marabá e Barcarena e a tese sobre Caraíba foram analisadas como ponto de convergência das especulações projetuais reveladas na investigação do acervo do escritório Joaquim Guedes que hoje se encontra na FAUUSP. Esse acervo, que inclui croquis e projetos rejeitados, serviu para a melhor compreensão dos processos que engendraram as soluções finais. Também existem detalhes apresentados nas pranchas que não estão presentes, ou não podem ser claramente notados, nas reproduções dos memoriais e teses, como por exemplo o desenho de cada uma das quadras de Caraíba. Os memoriais e a tese também são fontes dos processos projetuais de Guedes uma vez que apresentam eles mesmos alternativas adotadas ou não pelos arquitetos, por exemplo, quanto a localização dos núcleos, suas principais características e, evidentemente, a forma de parcelamento do solo.

Finalmente, procedeu-se a visita do núcleo do Pilar, como é atualmente chamada a cidade de Caraíba, a fim de verificar *in loco* os detalhes da execução e as transformações durante as mais de três décadas de ocupação do núcleo.

RESULTADOS

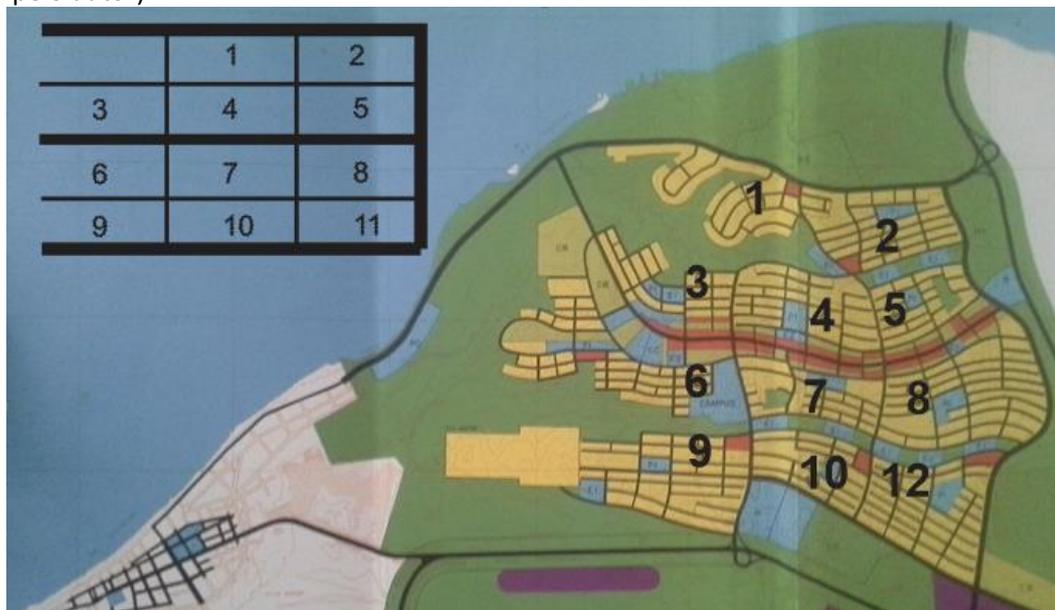
Os três projetos de Guedes parecem se utilizar de estratégias diferentes de projeto diante das diferentes particularidades de cada um e o mais visível é o sentido entre ruas e quadras. Em Marabá, as ruas aparecem antes das quadras e o desenho destas é sua consequência. Em Caraíba e Barcarena, as quadras são definidas e desenhadas as ruas. O resultado é uma malha sinuosa em Marabá e ortogonal nas outras duas cidades. Isso acontece porque, enquanto Caraíba e Barcarena são terrenos com baixíssima declividade, Marabá precisa se adaptar ao terreno íngreme e, em parte, alagável.

DISCUSSÃO

O desenho de Marabá (GUEDES, 1973) começa no desenho do sistema viário geral da cidade, a partir de uma hierarquia de vias. Apesar do resultado final, podemos imaginar Marabá também a partir de uma estrutura geométrica. Primeiro são postas três vias expressas delimitando a cidade e protegendo-a do rio Tocantins a norte e das rodovias PA-70 e Transamazônica a Leste e Sul. O quarto lado do quadrilátero é dado pela área alagável não edificável. Depois, a figura é dividida em 4 partes pela via central e vias secundárias no sentido L-O e em 3 partes por vias secundárias no sentido N-S, como uma grade 4x3. A grande, então se deforma para se adaptar ao terreno, evitando as áreas de maior declividade. Na Figura 1 podemos comparar esse retângulo estrutural com a cidade projetada.

Essa adaptação das vias força uma sinuosidade das quadras dentro delas, e as soluções são distintas, algumas mais sinuosas como os setores 3 e 7, outros menos, como os setores 2 e 9. Apesar disso, os setores mantêm a divisão interna de quadras retangulares de dois lotes de profundidade com faces N-S.

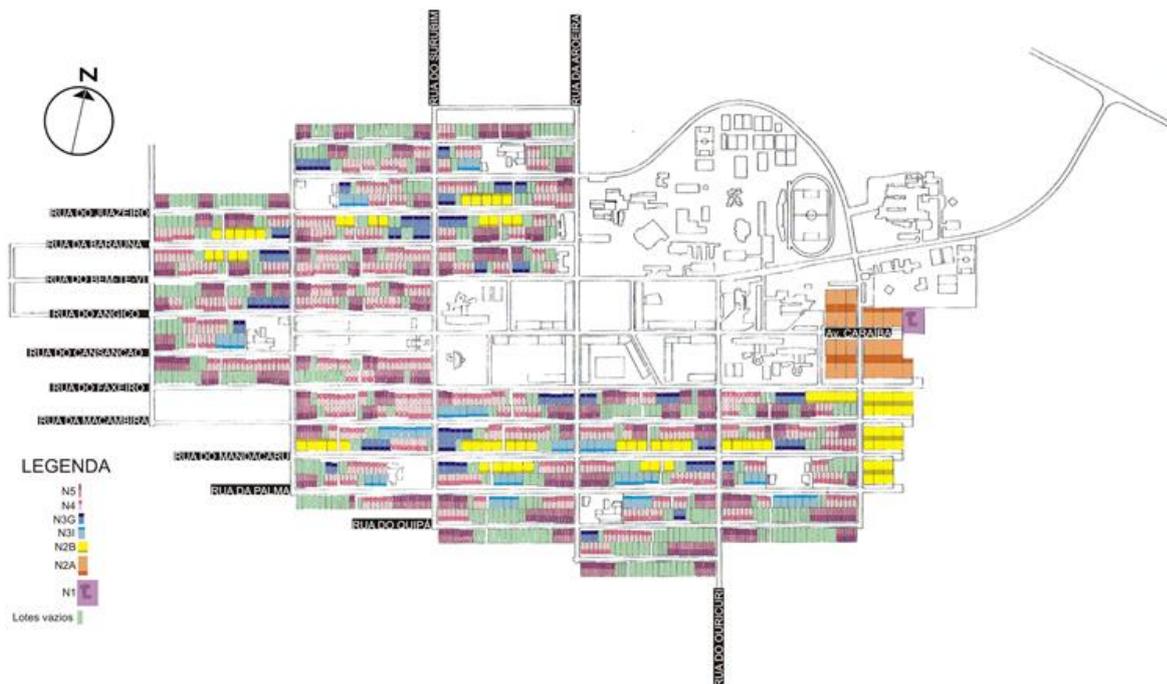
Figura 1. Estrutura ideal e cidade projetada por Guedes para Nova Marabá - PA. (Fonte: GUEDES, 1973 adaptado pelo autor)



A divisão de cada um dos setores em quadras também possui uma série de adaptações. O setor 4, por exemplo, abre espaço para escola, parque infantil e áreas verdes, além de adotar algumas vias exclusivas para pedestres. Cada um desses parcelamentos mereceria uma análise particular, mas o que importa aqui é o tipo de quadra retangular que todos perseguem. Ainda sobre Marabá, ausente do projeto o parcelamento dos lotes, o que temos é uma indicação sobre sua área média sendo, descontada as habitações coletivas, 80% deles de 250m², 16% de 600m² e 4% de 1200m².

Ausentes os problemas de declividade, Guedes preferia manter a malha ortogonal que, como sabemos facilita o desenho dos lotes. Em Caraíba (GUEDES, 1981) esta vantagem é especialmente fundamental uma vez que as residências obedecem a um certo número de padrões de modo que exigem padronização também nas dimensões dos lotes.

Figura 2. Composição das quadras com diferentes tipos de lotes. (Fonte: QUINTANILHA, 2016)



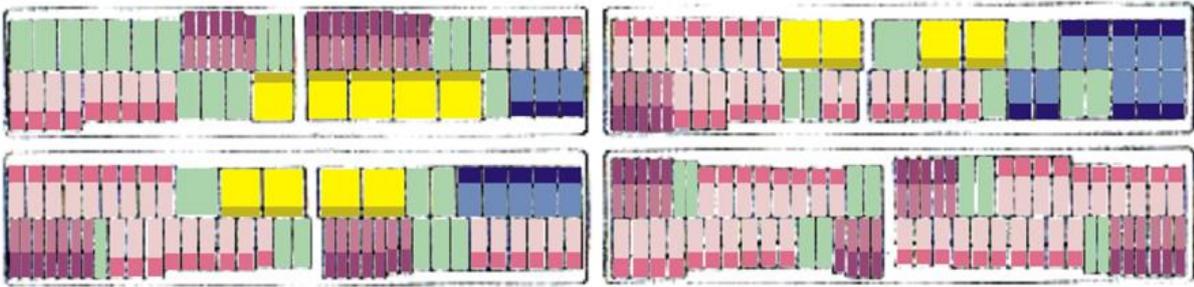
O desenho das quadras é um cuidadoso gradiente social, misturando lotes de diferentes tipos/larguras que, portanto, precisam obedecer certos padrões de medidas. A profundidade do lote básica, por exemplo, é de 30m embora possa variar para 27, 24 ou 42m, conforme certas estratégias, como veremos. As larguras também são múltiplos de 3m, formando 6, 9, 12, 15 ou 24m. As diferentes composições de lotes podem ser vistas na Figura 2.

Como dito, a baixíssima declividade do terreno conduziu desde o início à adoção da malha ortogonal para a cidade. Há ainda, entretanto, diversas possibilidades na proporção entre os lados das quadras desde o quadrado, muito comum, até diferentes retângulos mais ou menos alongados. Como se sabe, a quadra quadrada conduz, dadas as proporções mais comuns de lotes, que haja fachadas voltadas para todos os lados. O clima do sertão, entretanto, fez com que Guedes optasse por permitir apenas fachadas Norte - Sul, mais protegidas do Sol, e portanto quadras retangulares com 2 lotes de profundidade, ou seja, 60m neste caso. No entanto, nem sempre 2 lotes de Caraíba somam 60m uma vez que temos lotes menores. Neste caso, os metros faltantes se tornam uma pequena praça em frente às casas de nível mais baixo, ou seja, dos lotes menores. Por isso, essas casas nunca aparecem sozinhas mas em pequenos grupos a fim de criar um espaço público maior. Curiosamente, muitos desses recuos foram posteriormente ocupados pelos moradores que criaram garagens em frente às casas.

As quadras tem por sua vez, descontadas as calçadas, 275 m de largura, ou seja, tendo os lotes sempre larguras múltiplas de 3, sempre restarão ao menos 2m. Esses metros adicionais criam uma viela para pedestres na metade de cada quadra.

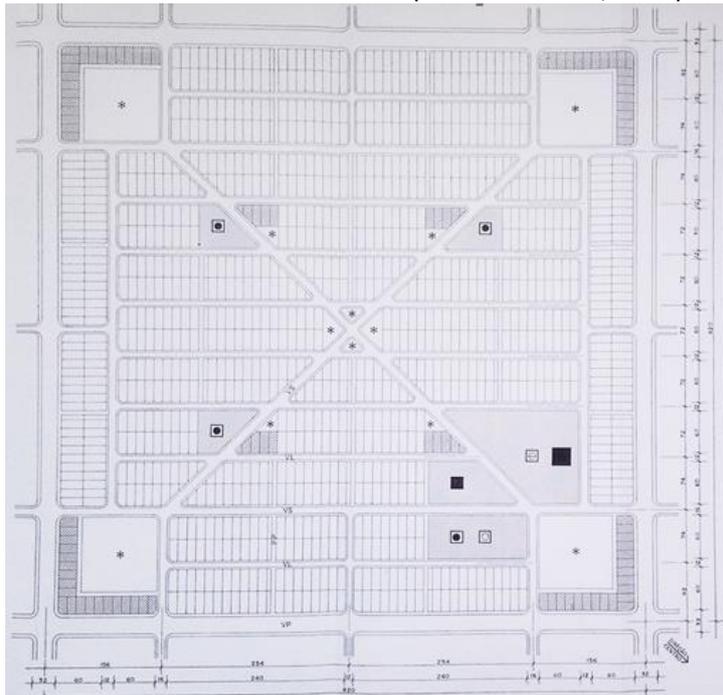
Algumas das vielas formadas pelos metros restantes nas somas das larguras dos lotes acabaram sendo ocupadas por habitações irregulares construídas para moradia ou aluguel. As chamadas “kitnets”, habitações pequenas chegam a ocupar parte da viela deixando ainda um estreito espaço de passagem.

Figura 3. Exemplos de quadras com diferentes composições (Fonte: QUINTANILHA, 2016)



Barcarena por sua vez extrapola a quadra e cria um módulo quadrado de 800m de lado que vai condicionar tanto a malha quanto os lotes dentro dele (GUEDES, 1980). O tamanho do módulo faz baseia-se nas possibilidades de deslocamento das crianças até a escola como era comum nas Unidades de Vizinhança do século XX, embora o conceito não possa ser utilizado aqui sem reflexão. A princípio, Guedes divide esse módulo em lotes de mesmo tamanho, 12m x 30m, em quadras retangulares de dois lotes de profundidade assim como em Caraíba. As faces são predominantemente N-S mas para fechar o desenho, os lotes nas quadras laterais tem face L-O. Poucas quadras, no entanto, permanecem íntegras pois a adição de duas diagonais corta todos os blocos centrais criando problemas na divisão dos lotes nas pontas das quadras com lotes triangulares e pequenos demais. Observando a parte da cidade que foi construída vemos que esses lotes algumas vezes foram incorporados aos lotes vizinhos e outras acabaram gerando edificações adaptadas, ocupando todo o lote e voltadas para a esquina.

Figura 4. Parcelamento do solo em módulo de Barcarena (Fonte: GUEDES, 1980).



As quadras retangulares laterais tem o mesmo comprimento das quadras de Caraíba, 60m x 250m e a mesma solução das vielas, apesar de lotes regulares de 12m x 30m. Atualmente, essas passagens estão abandonadas e algumas não podem ser nem mesmo reconhecidas.

Figura 4. Construções nos lotes triangulares em Barcarena. (Fonte: Google Earth, 2019)



CONCLUSÃO

Não há dúvidas que o parcelamento do solo é um dos temas fundamentais do desenho de cidades novas e a observação das opções e resultados nos projetos de cidades novas consistem em uma rica base de reflexão para projetos futuros. Deste modo, observamos nesta pesquisa que Guedes mantém ao longo dos 3 projetos uma preferência pelo mesmo tipo de quadra, retangular de dois lotes de profundidade, muito embora o desenho das vias tenha causado distorções neste padrão em Marabá e Barcarena. Outras estratégias como as vias de pedestres igualmente se mantém, embora a implantação e manutenção destas tenham sido problemáticas tanto em Caraíba quanto em Barcarena.

REFERÊNCIAS

GUEDES Sobrinho, Joaquim Manoel. **Considerações sobre planejamento urbano, a propósito do Plano de Ação Imediata de Porto Velho.** Tese de Doutorado – Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, 1972.

GUEDES Sobrinho, Joaquim Manoel e Associados (Bsp). **Plano de desenvolvimento urbano de Marabá.** São Paulo, Serphau, 1973.

GUEDES Sobrinho, Joaquim Manoel e Associados. Croquis e Projetos para a Cidade de Marabá em posse da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

GUEDES Sobrinho, Joaquim Manoel e Associados. Croquis e Projetos para a Cidade de Caraíba em posse da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

GUEDES Sobrinho, Joaquim Manoel e Associados. Croquis e Projetos Originais para a Cidade de Barcarena em posse da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

GUEDES Sobrinho, Joaquim Manoel e Associados (Bsp). **Plano urbanístico de Barcarena.** São Paulo: [s.n]. 1980.

GUEDES Sobrinho, Joaquim Manoel. **Um projeto e seus caminhos.** Tese de Livre Docência - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP, São Paulo, julho de 1981.

Google Earth. Software. Google Inc, 2020.

QUINTANILHA, Rogério Penna. **As cidades que criamos: A arquitetura de cidades novas a partir da experiência da Caraíba de Joaquim Guedes.** Tese de doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

O ESPAÇO PÚBLICO DO RESIDENCIAL FLORENZA EM PRESIDENTE PRUDENTE- SP: ESTUDO E DIRETRIZES PROJETUAIS

Bianca Akinaga Botti, Fabrícia Dias da Cunha de Moraes Fernandes

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: bianca.akinagabotti@gmail.com

RESUMO

O espaço em análise trata-se de uma área de lazer definida pelo loteamento do bairro residencial Florenza, localizado em Presidente Prudente-SP, que dispõe de uma vista favorecida para a paisagem da cidade, onde a mesma atrai muitos visitantes do município e de cidades vizinhas e foi nomeada pelos moradores como “Pico da Neblina”, que faz referência ao nome do ponto mais alto do Brasil, localizado no Amazonas. O presente estudo traz um diagnóstico aprofundado do local, evidenciando suas problemáticas e potencialidades, com a finalidade de promover soluções que explore seus usos e que abranja as relações democráticas a partir de diretrizes projetuais. Para isso será analisado o contexto em que o espaço público se insere, incluindo sua desvalorização e os agentes que apropriam desses espaços inacabados da cidade, que demonstram grande importância dos espaços públicos como catalizadores de relações, e respiro para a vida contemporânea. Sendo assim, a metodologia se dará por meio de levantamento bibliográfico, fotográfico e in loco, mapeamento e produção de diagnóstico para o entendimento da área em estudo, que culminará em diretrizes projetuais.

Palavras-chave: Espaço público. Pico da Neblina. Presidente Prudente. Área de lazer. Residencial Florenza.

THE PUBLIC SPACE OF RESIDENTIAL FLORENZA IN PRESIDENTE PRUDENTE- SP: STUDY AND PROJECT GUIDELINES

RESUMO

The space under analysis is a leisure area defined by the subdivision of the residential neighborhood Florenza, which in view of its topography, the area has a favored view of the landscape, where it attracts many visitors from the municipality and neighboring cities and was named by the residents of Presidente Prudente as “Pico da Neblina”, which makes reference to the name of the highest point in Brazil, located in Amazonas. Where the present study provides an in-depth look at its problems and potential, leading to solutions that explore its uses, and that encompass democratic relations based on design guidelines. Soon the context in which the public space is inserted will be analyzed, including its devaluation and the agents that appropriate these unfinished spaces in the city, which demonstrate the great importance of public spaces as catalysts of relationships, and I breathe for the contemporary life race. Therefore, the methodology will be based on a bibliographic, photographic and in-place survey to understand the area under study, which will culminate in design guidelines.

Keywords: Public space. Pico da Neblina. Presidente Prudente. architectural intervention.

INTRODUÇÃO

Para compreensão do espaço público, se pretende explorar o conceito de Silva (2006), cuja definição não seria de apenas como um local de livre acesso, ou que estejam em oposto com o espaço privado, mas o termo “público” traz também um conceito estatal, gerenciado pelo governo, e também está relacionado ao uso comum. Espaço esse que traz diversos tipos de encontros e convívios entre diferentes, e que fisicamente, é um local sem bloqueios de acesso.

Trevisan (2009) percebe que a dinâmica do espaço público atual, tem grande influência a partir das mercadorias imobiliárias, como os shopping centers, condomínios fechados, que são reconhecidos segundo Carlos (2001 *apud* TREVISAN, 2009), como os novos espaços públicos, semipúblicos, ou até os fictícios espaços públicos. Ainda citando Carlos (2001 *apud* TREVISAN, 2009), o autor afirma que em atribuição ao consumo estabelecem regimentos que por consequência mediam as relações sociais, que fizeram do espaço moderno áreas controladas e com vigilâncias, levando a práticas de exclusão.

O autor Laurentino (2006) aponta também que em países subdesenvolvidos como o Brasil, é comum o funcionamento correto desses espaços de uso público, porém em países em desenvolvimento, nem sempre há verbas para os espaços de lazer, priorizando, portanto, as instituições, transportes etc. E através dessa discussão, entendemos que as áreas de lazer do bairro em análise, o residencial Florenza, se manter sem nenhuma construção por falta de verba municipal, já que os investimentos ainda são destinados as necessidades básicas da cidade.

Com base em Santos (1996 *apud* TREVISAN, 2009), existem três maneiras de agir sobre o espaço, sendo eles o agir técnico, que são as materialidades, ações e formas utilizadas; o agir formal, que são as leis e normas sobre a gestão do espaço, e o agir simbólico, que são as ações culturais e políticas, que envolvem a emoção, construindo assim o espaço geográfico. O espaço público contemporâneo modifica os espaços sem levar em conta o processo atual que a cidade se organiza, e as diferentes formas que a cidade dialoga de maneira local.

O planejamento deve vir de soluções que entendam o tempo, o local e as que levem a um reconhecimento espacial. Sendo necessário planejar diretamente para as relações que acontecem no espaço. (PINTAUDI, 2007 *apud* NARSCISO, 2008).

Segundo Dizeró (2006), os urbanistas veem a necessidade da construção de espaços para o avanço do ser humano, que ofereça lazer, sendo uma trégua para os pensamentos, com o reflexo automático da industrialização. E com o surgimento do automóvel, os espaços públicos foram transferidos para estacionamento, e a transição desses transportes, gerando assim, uma mudança na paisagem das praças.

Dessa forma, o presente estudo tem o intuito de entender as relações locais, no tempo e espaço que a pré-existência se encontra, para atuar de forma assertiva no espaço público do Residencial Florenza, no município de Presidente Prudente – SP, cidade localizada no interior do Oeste Paulista, e se encontra em uma área definida como área de lazer do bairro, sendo um espaço vazio e inacabado, localizado no alto da topografia do bairro, e que recebe visitantes de diversos grupos sociais e faixa etárias para apreciar a paisagem.

Vale destacar que o presente artigo é referente a uma parcela do Trabalho de Conclusão do Curso desenvolvido pela autora, que tem como intuito entender o valor e contexto do espaço local, e sua importância para a sociedade como um espaço de trocas, encontros e conflitos entre diferentes, a partir de análises das condições contextuais e físicas do local, e gerar diretrizes de possíveis soluções para as problemáticas e otimizar suas potencialidades.

MÉTODOS

A metodologia se deu a partir de uma breve revisão bibliográfica, com base nos estudos sobre a contextualização e características dos espaços públicos e praças, com o intuito de levantar reflexões sobre as características locais. Foram confeccionadas observações diretas da área de intervenção por meio de levantamento fotográfico, visitas e análise dos usos atuais, posteriormente a produção de mapas para entender assim, as possíveis formas de solucionar as problemáticas da área, que será apresentado em diretrizes, concluindo assim em formas de solucionar e potencializar as situações que o espaço se encontra, trazendo assim, um lazer público de qualidade, sendo essencial para a população como respiros da corrida vida na cidade, e como prática de cidadania.

RESULTADOS

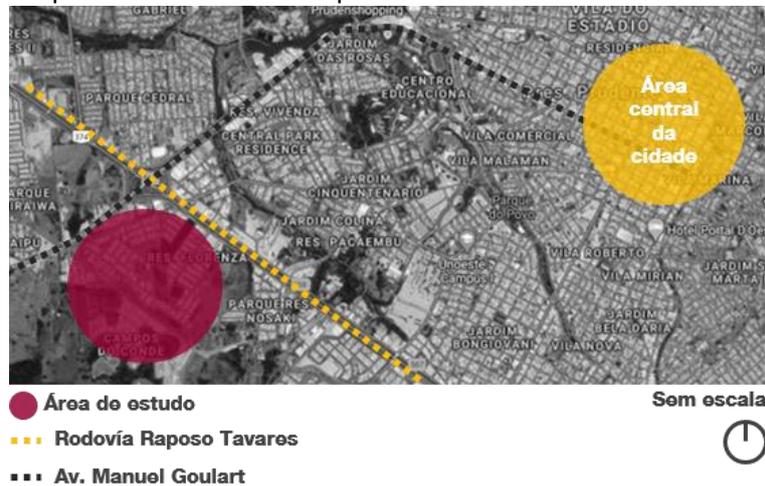
O estudo trará aqui, análises sobre a preexistência que está localizado no bairro residencial Florenza em Presidente Prudente – SP, onde Segundo o autor Miño (2004), a cidade teve seu crescimento a partir da expansão cafeeira em 1907, em que diante da estação ferroviária, o coronel Goulart deu início ao

quadrilátero central da cidade. E com o crescimento do perímetro da cidade, segundo o autor, algumas áreas ficaram desprovidas dos equipamentos de qualidades suficientes para a demanda. E com a especulação imobiliária, e a valorização da área central, ocorreu um distanciamento das habitações de classes baixas, gerando uma segregação socioespacial no município.

Juntamente com segregação, vieram os condomínios e a valorização de espaços de lazer privado, que segundo o autor isso acarreta a um distanciamento nas relações sociais entre diferentes, gerando complicações e quebras do espaço urbano. E é nesse distanciamento, que geram uma supervalorização dos espaços privados, e a desvalorização nos espaços públicos, levando a uma cidade fragmentada, onde segundo o autor, Presidente Prudente segue a mesma leitura, onde não se praticam a construção de espaço mistos desde o seu início, e que hoje se nota uma renegação de parte da população em relação a cidade aberta (MINÕ, 2004).

O Residencial Florenza, onde se localiza a preexistência, foi construído entre 1998 e 1999, a 7 km de distância do quadrilátero central da cidade. Também localizado próximo ao cruzamento da rodovia Raposo Tavares com a avenida Manuel Goulart (Figura 01), e é um reflexo dessa segregação socioespacial estudado pelo autor Minõ (2004), sendo uma área que inclui habitações sociais, de classe média e baixa, que sofrem com o desserviço da prefeitura, e que entram em contraste com os condomínios da zona sul da cidade, com equipamentos e serviços de qualidade.

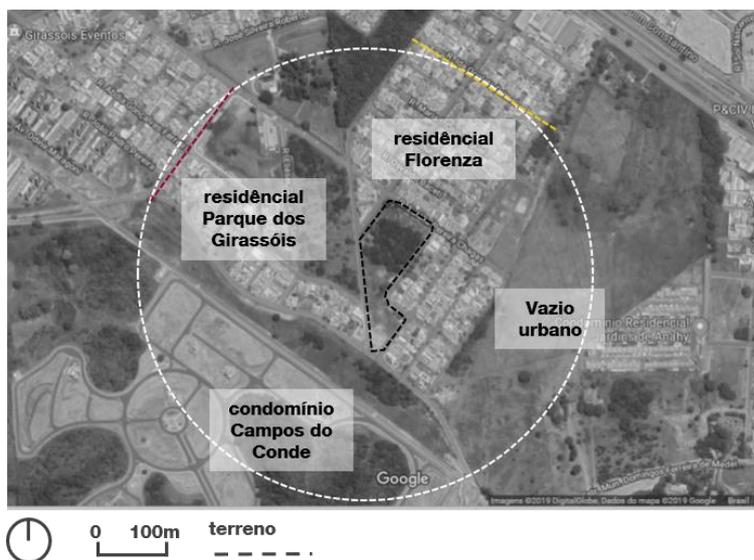
Figura 01. Localização da preexistência no município de Presidente Prudente.



Fonte: Google Maps, editado pela autora. (2020).

E está localizada entre três loteamentos, sendo o residencial Florenza e o Parque dos Girassóis com uma dinâmica semelhante, já que tiveram seu início na mesma época em vazios urbanos, e o Condomínio Campos do Conde, que além de ser mais recente, se diferencia dos outros bairros por sua restrição de acesso (Figura 02).

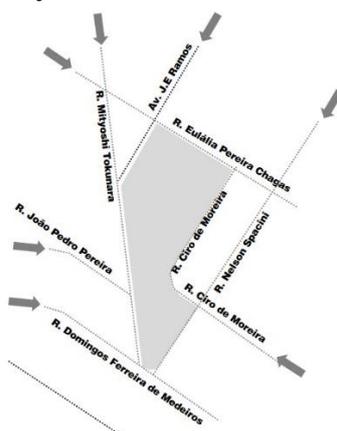
Figura 02. Localização da preexistência no município de Presidente Prudente.



Fonte: Google Maps, editado pela autora. (2020).

Os acessos para a área de intervenção, se dão a partir da rua Mityoushi Tokunara, a rua Domingos Ferreira de Medeiros, a Nelson Spacini e a Rua Ciro de Moreira (Figura 03), que são vias que tem grande influência no bairro já que dão acessos as vias arteriais do entorno.

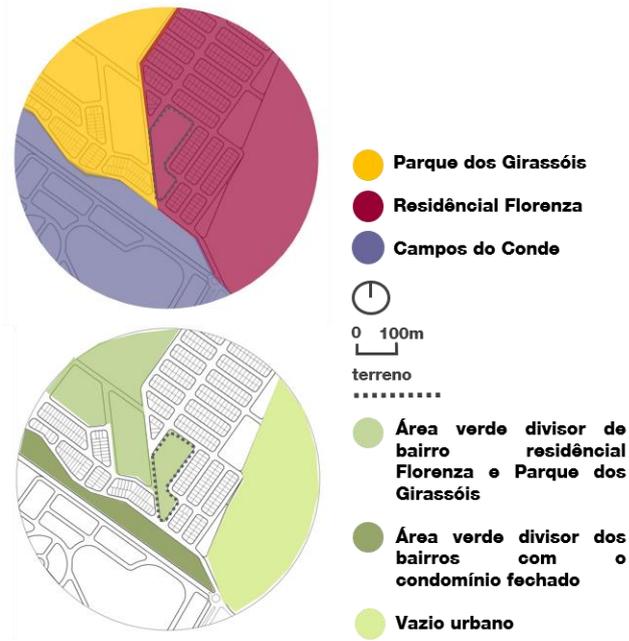
Figura 03. Acessos para a área de intervenção.



Fonte: Street View, editado pela autora. (2020).

O residencial Florenza está situado no limite da malha urbana, ao lado de um amplo vazio urbano, gerando um bairro com pouco fluxo de veículos em suas vias transversais, já que o mesmo não é utilizado para acesso de outros bairros, ou vias de alto fluxo, tornando assim um bairro restrigido de acessos de externos; diferente do Parque dos Girassóis que se mantém em fluxo e é usado por moradores do bairro residencial Florenza para acesso as vias de maior fluxo do entorno, mas que pouco frequenta o residencial Florenza, por estar além de um recorte de áreas verdes, incluindo o terreno do Pico da Neblina, que se torna um limite entre os bairros, criando um recorte; e ambos estão distantes do condomínio fechado Campos do Conde, que se isola por muros, e também por uma área verde, onde é possível entender a necessidade de um espaço integrador dessas habitações distintas (Figura 04).

Figura 04. Limites divisor das habitações do entorno do terreno em análise.



Fonte: Elaborado pela autora. (2020).

O terreno em análise contém quatro características distintas, onde ao topo está localizado o Pico da topografia, espaço que conta com a apropriação de visitantes externos por conta da vista privilegiada para o entorno; ao centro do terreno, a área foi apropriada para travessia de pedestres; após a mesma, contém uma área verde preservada pela prefeitura que recebe manutenções dos moradores e da prefeitura, e por fim, a área mais baixa do terreno, onde antes havia um espaço livre entre a área preservada e a rua Eulália Pereira Chagas, que passou pela ocupação da vizinhança, que deram início a uma horta, hoje com permissão da prefeitura, que se mantém aos cuidados do “Seu Zito” com ajuda de outros moradores, que também se apropriaram do local, criando um espaço de descanso ao longo da calçada, com bancos feitos a mão, criando também espaços de convivência, frequentada pela vizinhança local nos finais de semana por conter sombra das árvores, mobiliários de permanência, e caracterizando um espaço seguro de brincar, identificando assim os costumes e dinâmica envolvida no terreno com os moradores e visitantes (Figura 05).

Figura 05. Usos distintos do terreno em análise.



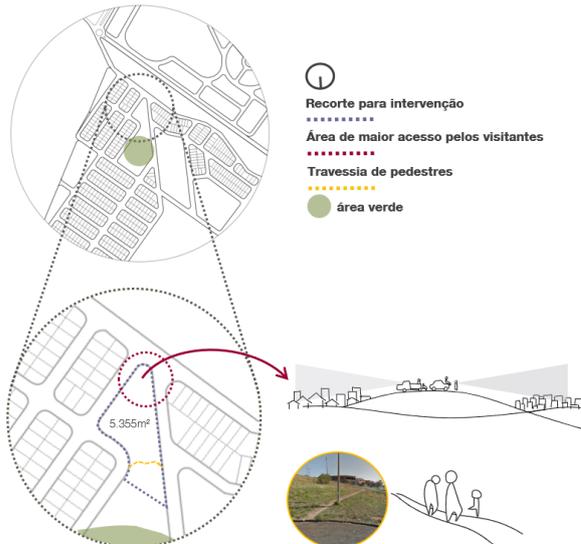


“tem coisas que só o Zito faz pra você”

Fonte: Arquivos da Autora. (2020).

Para a intervenção, definimos um recorte abrangendo o topo do terreno, que é um espaço com forte apropriação por ser um mirante reconhecido por muitos moradores da região como Pico da Neblina, que sofre com a falta de estruturas de apoio e manutenção, induzindo a usos inapropriados que geram diversas problemáticas locais. Incluindo também a área de transição apropriada pelos moradores para terem acessos ao bairro ao lado, já que como dito anteriormente, o terreno de intervenção é um dos limites entre os bairros Residencial Florenza e o Parque dos girassóis, influenciando assim, os pedestres a cortarem caminho pelo terreno, gerando um traçado de terra feito pelo próprio caminhar dos pedestres, recebendo também forte insolação (Figura 06).

Figura 06. Recorte do terreno para análise da intervenção arquitetônica.

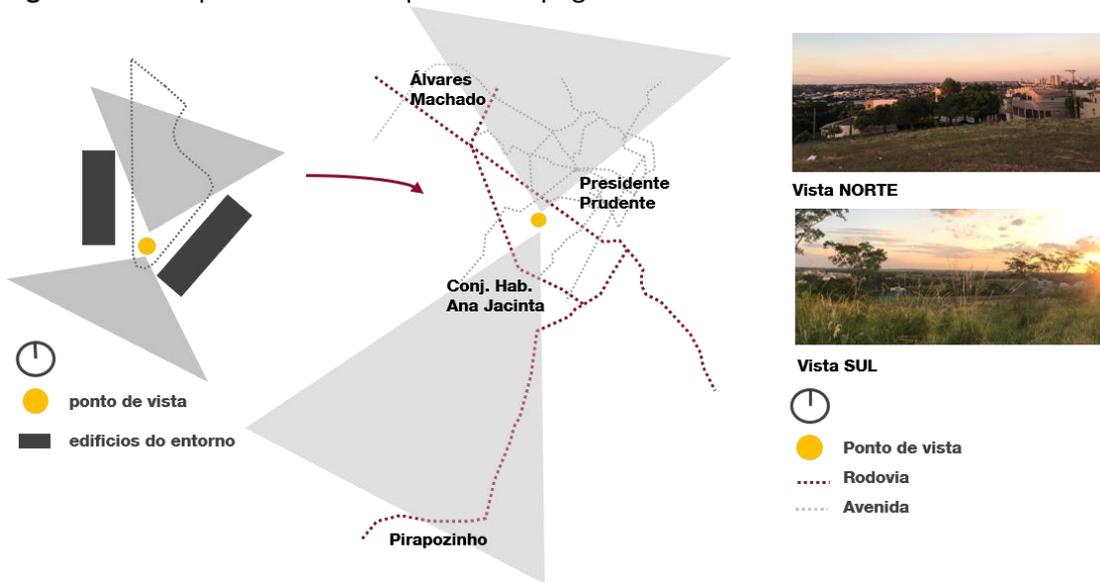


Fonte: Elaborado pela Autora. (2020).

Sendo assim, com o intuito de preservar e potencializar a área preservada, e manter a horta feita pelos moradores do inferior do terreno, que como já visto, é um local com diversas potencialidade, a praça terá seu foco nos espaços superiores, sendo os menos favorecidos e mais utilizados para uso comum. Com isso, o recorte contará com uma área projetual de 5.355 m². No qual será pensado também em diretrizes e planos de ações para futuras intervenções temporárias para a horta e a área preservada, com a intenção de interligar e dar suporte para ambos os usos.

A topografia do terreno também tem grande relevância, já que faz parte do nível mais alto do raio de estudo com altitude de 471m permitindo uma vista privilegiada para a cidade. Porém a área conta com edificações em seu entorno imediato, criando bloqueios visuais, fazendo com que os usuários consigam ver apenas as paisagem sentido norte e sul (Figura 07), que inclui uma parcela da cidade de Presidente Prudente e Álvares Machado ao norte, e o Conjunto Habitacional Ana Jacinta e Pirapozinho ao sul da paisagem.

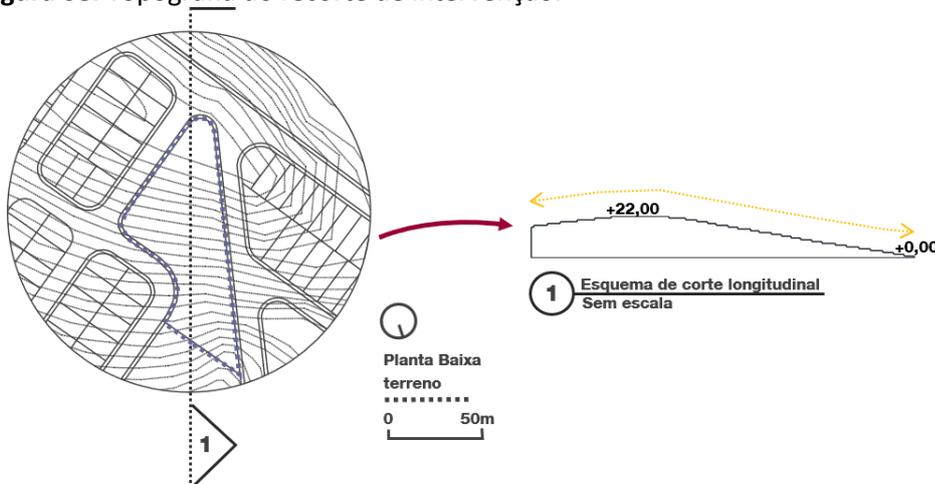
Figura 07. Vista para o entorno a partir da topográfica.



Fonte: Elaborado pela Autora. (2020).

O recorte do terreno definido para a intervenção projetual, tem um declive que atinge a altitude de 450 m, somando assim 22 metros de caída ao longo de 150 metros de terreno (Figura 08).

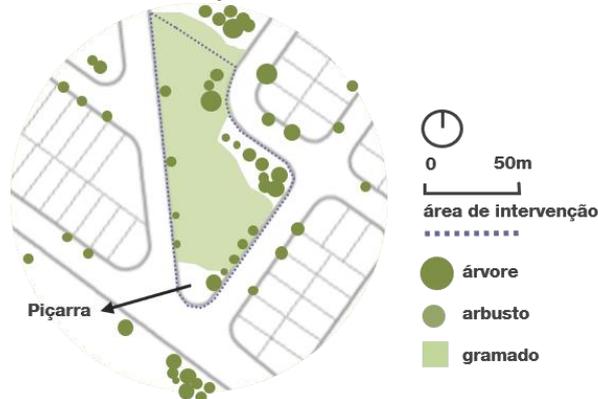
Figura 08. Topografia do recorte de intervenção.



Fonte: Elaborado pela Autora. (2020).

Em questão da arborização desse mesmo recorte, segundo levantamento in loco, é possível identificar pouca arborização no entorno do terreno, contendo maior sombra apenas nas vias com residências (Figura 09), e no interior do terreno, identificamos apenas gramas e arbustos. A área mais acessada por veículos do terreno, é um espaço apenas de piçarra, dificultando também o plantio de árvores.

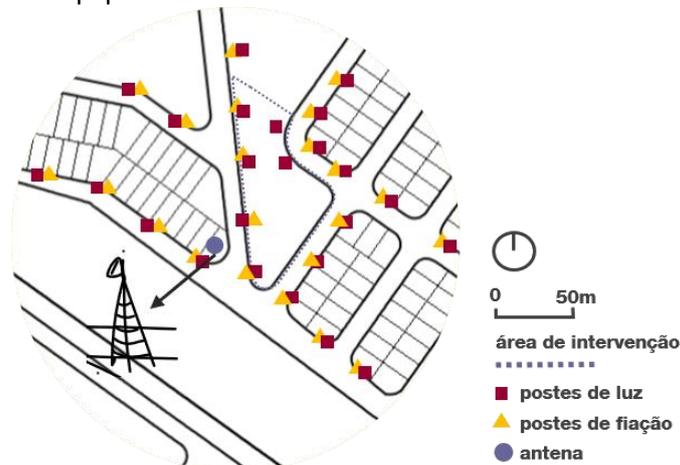
Figura 09. Arborização do recorte de intervenção.



Fonte: Elaborado pela Autora. (2020).

Seguindo a uma análise de equipamentos da área, a área de intervenção contém postes de baixa e média tensão, com postes de iluminação de lâmpadas de vapor de sódio amarela, que mantém a área com uma baixa iluminação noturna, que influencia na sensação de insegurança pelos visitantes, que também tem forte influência no uso inapropriado. A área também possui uma antena instalada no terreno ao lado do Pico, contendo aproximadamente 10 metros de altura (Figura 10).

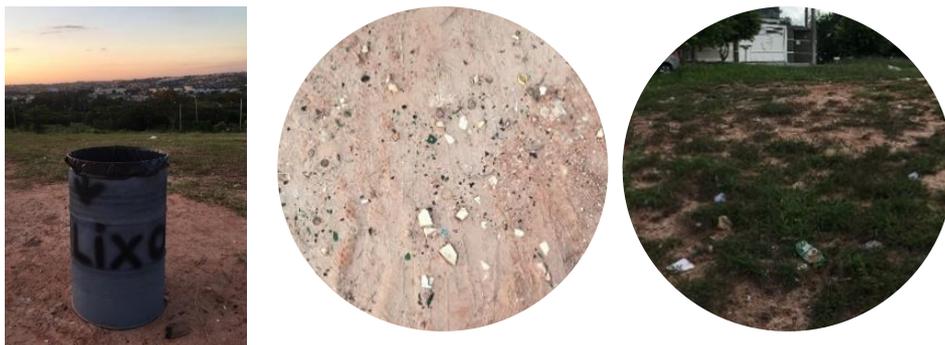
Figura 10. Levantamento de equipamentos da área.



Fonte: Elaborado pela Autora. (2020).

Nota-se também a falta de mobiliários públicos fixo, e apenas alguns temporários feitos pelos próprios moradores e usuários, que dão apoio aos usos do espaço, que a partir de visitas e levantamentos fotográficos, é visível a presença de apenas uma lixeira temporária feita recentemente pelos usuários, e também o descarte inadequado de lixos, podendo identificar assim, cacos de vidros, plásticos e restos de entulhos no terreno (Figura 11).

Figura 11. Intervenções sobre o local.



Fonte: Arquivos da Autora. (2020).

Com a falta de assentos e mesas e outros mobiliários urbanos de apoio para uso de permanência e contemplação do espaço, os usuários utilizam seus próprios veículos como assento, levando os visitantes a entrarem com suas motos e carros na área mais plana do terreno para manter o conforto, onde a partir de visitas foi possível identificar momentos em que o espaço chegou a ter acesso de aproximadamente 20 veículos tanto dentro do terreno, como estacionados nas calçadas do entorno. Além do uso de assentos improvisados para apreciação da paisagem (Figura 12).

Figura 12. Mobiliários temporários.



Fonte: Arquivos da Autora. (2020).

Diante de um levantamento fotográfico, é notável a falta de manutenção das áreas verdes do entorno e algumas pichações nas edificações não residenciais do entorno imediato, além da pouca iluminação local noturna, horário em que muitos dos visitantes vão ao local para consumir alimentos e bebidas alcoólicas, além de fazer uso inapropriados e vandalizar o local (Figura 13). Essas problemáticas levam a um distanciamento da vizinhança e crianças com o espaço, além de causar conflitos entre eles, tendo uma perspectiva negativa vindo de alguns moradores.

Figura 13. Estado de conservação do local e influências.



Fonte: Arquivos da Autora. (2020).

Tendo em vista os levantamentos apontados anteriormente, é possível visualizar o espaço como um local de grande importância para a população como um ambiente de descanso, reflexões, reconhecimento da cidade sobre a paisagem, incluindo as apropriações já existentes a partir das necessidades locais, que traz um reconhecimento sobre o espaço e cuidados com o local de modo independente. Porém a área e seu entorno ainda se encontram sem estruturas, e atrações visuais (fora a paisagem), que desvalorizam o espaço, e geram também usos inadequados, sendo necessário uma intervenção arquitetônica que contemple todos potenciais da área, e induza a novas experiências com o local, gerando assim, melhores relações entre usuários e o local.

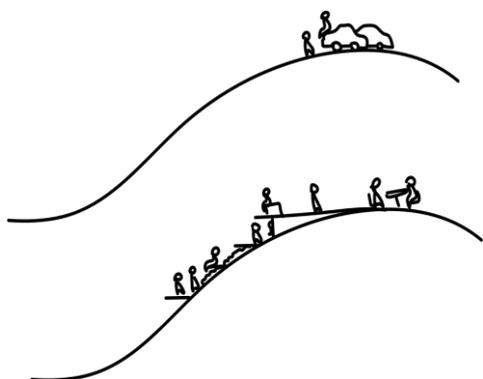
DISCUSSÃO

Onde seguindo os resultados da análise, e diante da importância das praças para os encontros entre diferentes, reuniões e refúgio dos cidadãos, a inclusão desses espaços são essenciais à cidade de maneira coletiva, criando assim uma identidade e apropriação com o espaço. E segundo a autora Dizeró (2006), com os interesses capitalistas, ocorreu um enfraquecimento dos setores públicos na sociedade contemporânea, porém mesmo com a rejeição das classes dominantes e do poder público, a praça continua sendo uma área essencial para a prática da cidadania.

Seguindo os dados anteriores, é válido reiterar que o artigo é referente a uma parcela do Trabalho de Conclusão do Curso produzido pela autora, que trará consigo, diretrizes projetuais, solucionando as problemáticas da pré-existência apontada nos resultados.

E assim como já dito, a área de intervenção é um espaço vazio, sem estruturas e se mantém com poucas manutenções, gerando assim, usos inapropriados. Em vista disso, seria interessante seguir um conceito arquitetônico, de um espaço integrador das relações externas, e conector das edificações do entorno, a partir do uso de cores e cenários divididos em setores que delimitaram as áreas para eventos, espaços recreativos, de contemplação, área de apoio e as áreas de transição, no qual, além de fazer o uso de todo declive para observação da paisagem, também traria uma função recreativa e de permanência, despertando o observar dos usuários ao múltiplos usos no interior da praça, e para as paisagens externas, explorando assim as possibilidades que o espaço pode proporcionar (Figura 16).

Figura 16. Novos espaços.

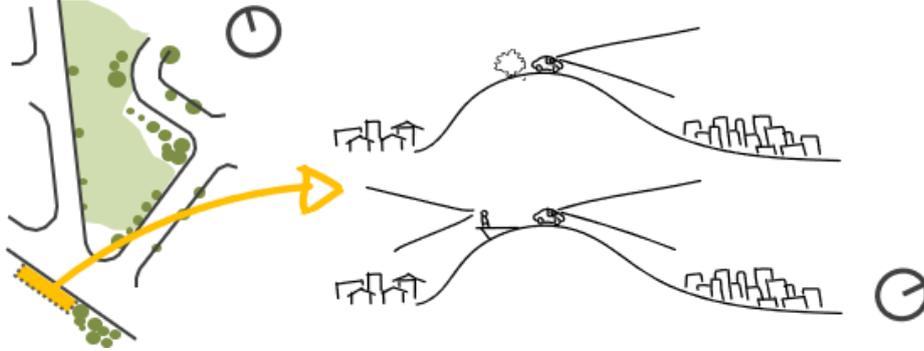


Fonte: Elaborado pela Autora. (2020).

Sendo assim, as soluções permeiam a criação de novos espaços que deem suporte para os usos e potencialize o local, com intuito de promover encontros entre diferentes e induzir ao uso do espaço público como prática de cidadania. Contando também com diretrizes de atuação no espaço, de forma inclusivas para os moradores juntamente com os visitantes, para possíveis atividades culturais e diretrizes que integrem a diversidade cultural local, do modo que convide todas as faixa etária para áreas a partir de equipamentos de recreação, e dando suporte para esses usos com a inserção de edificações de apoio como sanitários e comércio. A implantação uma passarela de ligação dos bairros, atendendo as necessidades dos pedestres e gerando assim, configurando um espaço integrador de bairros.

O espaço utilizado pelos visitantes contém um foco maior para a vista norte da cidade, já que a vista para o lado sul do entorno recebeu condomínios recentemente, criando paisagens ainda não exploradas, também por conta da falta de manutenção das vegetações do local. Dessa maneira, seria anexado um tablado que levará os visitantes a ter um olhar para outros horizontes, com foco ao sul do entorno, contemplando vistas para a cidade de Pirapozinho, bairro Ana Jacinta, e para os condomínios do entorno (Figura 17).

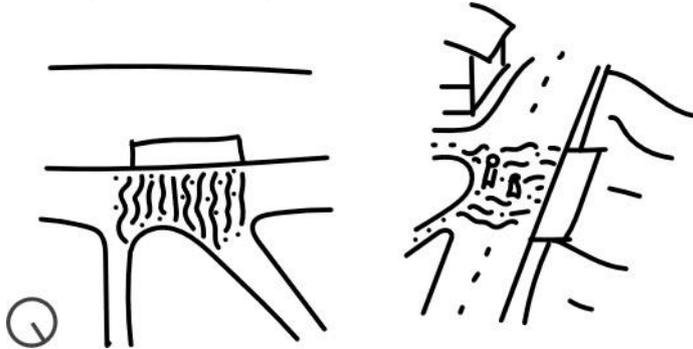
Figura 17. Croqui da proposta para vista sul da área.



Fonte: Elaborado pela Autora. (2020).

O tablado do mirante sul está locado além da rua de acesso ao Pico, onde teremos como diretriz, a pintura da rua transformando-a em uma via compartilhada entre pessoas e veículos, com sinalizações que serão necessárias uma travessia mais segura para os visitantes (Figura 18), e que guiará os mesmos a novas experiências.

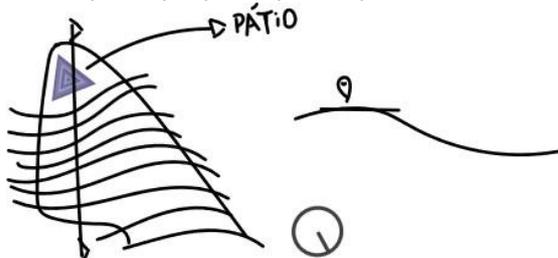
Figura 18. Croqui do mirante para vista sul.



Fonte: Elaborado pela Autora. (2020).

A proposta para o topo do terreno, área com ampla vista do entorno, poderá ser um espaço em nível, sem muitos volumes para que não haja bloqueios visuais da paisagem, portanto, a área terá um grande pátio colorido destinada para eventos e feiras temporárias (Figura 19).

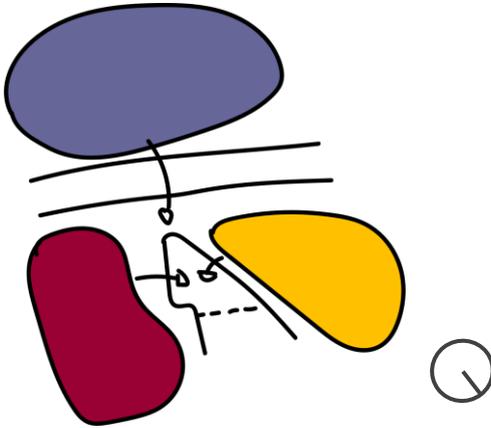
Figura 19. Croqui da proposta para o pátio de eventos.



Fonte: Elaborado pela Autora. (2020).

Assim como citado anteriormente, o Pico da Neblina está locado em uma área verde que faz divisão entre o Parque dos Girassóis, Residencial Florenza e o Condomínio Campos do Conde, dessa maneira, o projeto traria consigo a integração entre ambos a partir de sua representação com três cores integradas no projeto e com a implantação de novos usos, e passeios (Figura 20).

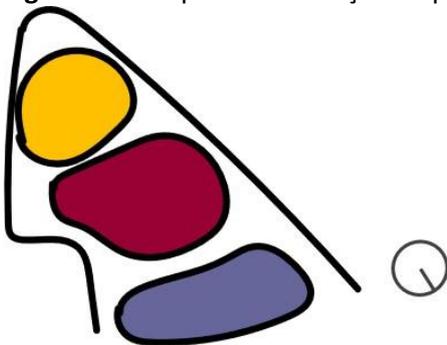
Figura 20 – Croqui da área de intervenção como local de integração.



Fonte: Elaborado pela Autora. (2020).

Para concepção do projeto, também seria relevante trabalhar a partir da sua setorização interna dividida pelas três cores representantes dos bairros do entorno, trazendo múltiplos usos pra o local, com a implantação setorizada entre áreas de eventos, contemplação e lazer no declive, além de atividades próximas que gerem uma integração entre públicos diferentes (Figura 21).

Figura 21 .Croqui da setorização da praça a partir de cores e tons.



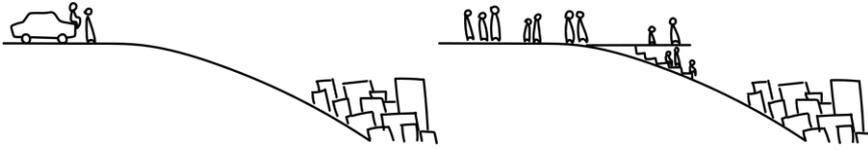
Fonte: Elaborado pela Autora. (2020).

Os muros laterais, que não são residenciais, receberão grafites feitos por artistas locais da cidade juntamente com os moradores a partir de intervenções temporárias (Figura 23), criaria uma sensação de pertencimento com o local e induzindo a preservação.

Ainda no topo seria implantado um estacionamento na lateral do terreno, já que mesma não afeta a paisagem por conta de já conter muros. Eventualmente poderia ser usado com um local para foodtrucks, que acompanhado de um espaço para permanência, tende a servir como uma área de alimentação (Figura 24). O nível do topo do terreno terá um avanço que permitirá uma vista mais ampla, já que as edificações do entorno limitam as vistas laterais, proporcionando novas experiências para o usuário diante da vista já existente. O início do declive do terreno, também é contemplado da vista para a cidade, e que atualmente é apenas um gramado. Partindo assim, de uma proposta de arquibancada seguindo esse declive (Figura 22),

que permitirá o acesso aos níveis mais abaixo e ao seu uso como descanso, contemplação e permanência no local.

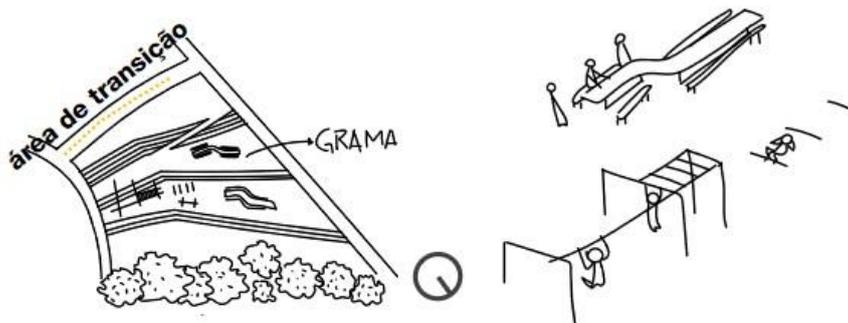
Figura 22. Croqui do uso do declive para arquibancadas de contemplação.



Fonte: Elaborado pela Autora. (2020).

O espaço próximo a área de transição tem a principal função em atender os moradores do entorno, já que os mesmos já fazem o uso da horta de frente a rua Eulália Pereira Chagas, como dito anteriormente, para encontros e lazer infantil. Que levará os moradores a apropriação do espaço a partir do uso do espaço inferior, visto como um local mais íntimo e seguro diante dos moradores, sendo assim, o projeto pretende adequar o espaço para permanência e convívio entre moradores (Figura 23).

Figura 23. Croqui do uso do declive para arquibancadas de contemplação.



Fonte: Elaborado pela Autora. (2020).

A área de transição pretende reestruturar o caminho existente feito por pedestres sobre a grama, para uma proposta de passagem com iluminação e sombreamento a partir de pérgolas e trepadeiras (Figura 24), criando uma conexão entre bairros de maneira mais atrativa e protegida das intempéries.

Figura 24. Croqui da proposta para a área de transição para ligação entre bairros.

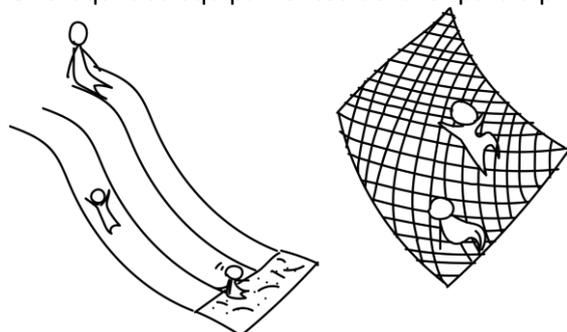


Fonte: Elaborado pela Autora. (2020).

A proposta também vê a importância de se utilizar chafarizes e pérgolas (Figura 29), que forneçam sombreamento e conforto térmico para os dias quentes do município, e protegendo a área também da forte insolação que incide no terreno. As atividades recreativas a partir de equipamentos de lazer se

concentrariam no centro da praça (Figura 25), atraindo além de crianças, também adolescentes e adultos integrando assim, diferentes faixas etárias.

Figura 25. Croqui dos equipamentos de lazer para a praça.

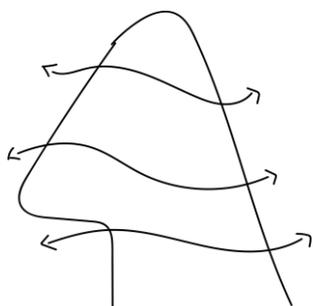


Fonte: Elaborado pela Autora. (2020).

Seria de grande valor implantar espaços determinados para a plantação de hortaliças, sendo aplicadas a partir de intervenções temporárias com mudas disponibilizadas por plantação da horta com instruções voluntárias, para que assim, incentivem os moradores e visitantes a se integrem, gerar relações positivas e manter os cuidados com o local.

O paisagismo também seria utilizado como método de segurança para menores de idade, criando assim limites no entorno da praça, com a intensão de garantir maiores cuidados com as crianças das ruas do entorno e para que as mesmas se mantenham dentro da praça, ao alcance visual dos responsáveis. O projeto para a praça do Pico, também terá como diretriz, o distanciamento das atividades para que assim, induza os usuários a percorrer toda a praça, possibilitando o mesmo de explorar do espaço por completo, para que ele não se limite ao topo. Onde será implantado passarelas transversais, para que a praça seja um ambiente integrador dos bairros, que além de conectar os mesmos, e as atividades, elas também criarão possibilidades de acesso a praça (Figura 26).

Figura 26. Croqui das passarelas transversais da praça.



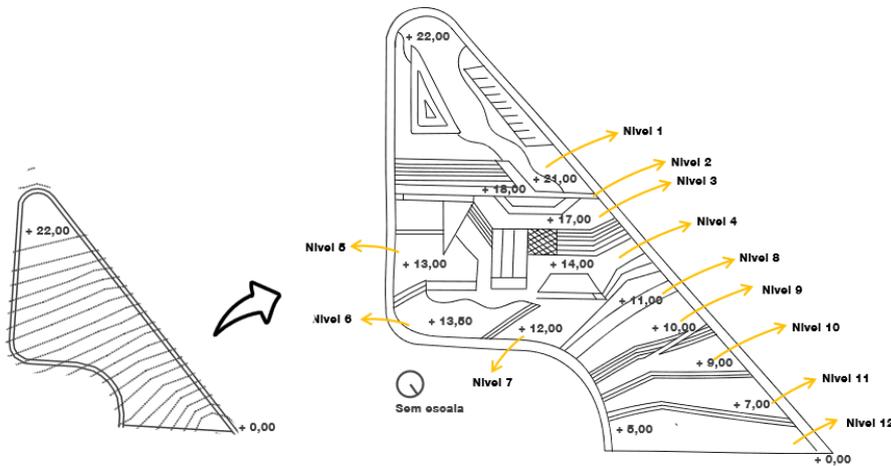
Fonte: Elaborado pela Autora. (2020).

E para garantir vitalidade para a praça, segundo Narciso (2008) as intervenções temporárias seguem dinâmicas diferentes para cada necessidade local, onde a partir de parcerias públicas ou privadas, é possível gerar construções de espaços de convivência, do modo que transformem o local de modo positivo, gerando relações sociais temporárias com impactos permanentes. E para isso, será desenvolvido um plano de ações para intervenções temporárias, que envolvam os moradores do entorno juntamente aos visitantes, para oficinas e atividade que ajude na integração entre usuários, e para dar melhorias a área inferior do terreno, onde há uma horta e apropriações, levando assim, a dinâmica de apropriação, para todo o terreno.

E seguindo as diretrizes aqui levantadas, o recorte para intervenção, seguirá uma topografia que distribuirá seus 22 metros de declive pelo terreno a partir de escadarias, rampas, arquibancadas de permanência e acesso, além de prolongar os níveis para formar assim coberturas contra intempéries

abrigando também espaços comerciais e equipamentos de lazer, e também fazendo uso da mesma para aumentar o alcance das vistas para o entorno (Figura 27).

Figura 27. Proposta para mudança topográfica da intervenção.



Fonte: Elaborado pela Autora. (2020).

Com o intuito de integrar seu entorno com a implantação da intervenção projetual, será adotado três cores separando os setores da praça, para facilitar sua identificação e para representar os bairros do entorno que o projeto compreende integrar. Dividindo a área mais alta para eventos, já que a mesma recebe maior atenção pela paisagem; a área central será destinada a contemplação a partir das arquibancadas do declive e recreação, fazendo uso da topografia para a implantação dos equipamentos e o nível mais baixo destinado a área de transição, com a reestruturação da existente (Figura 28).

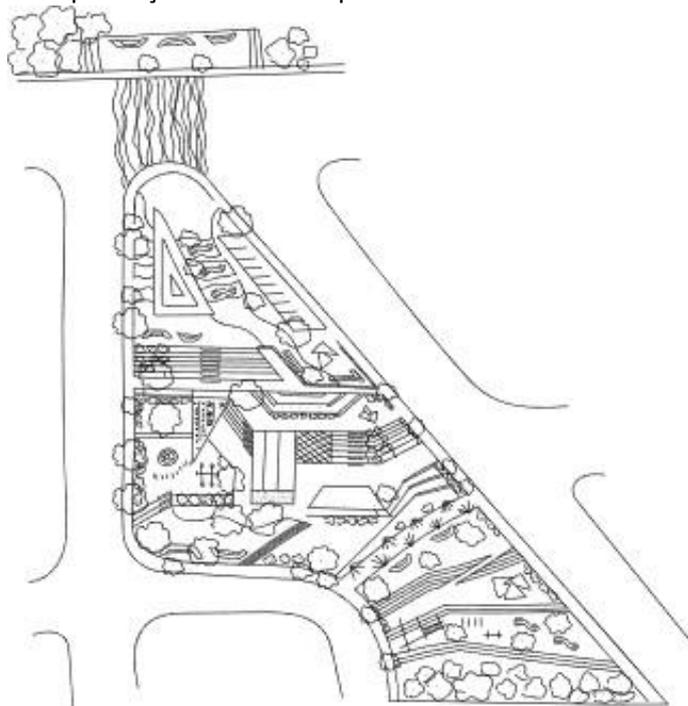
Figura 28. Proposta de setorização.



Fonte: Elaborado pela Autora. (2020).

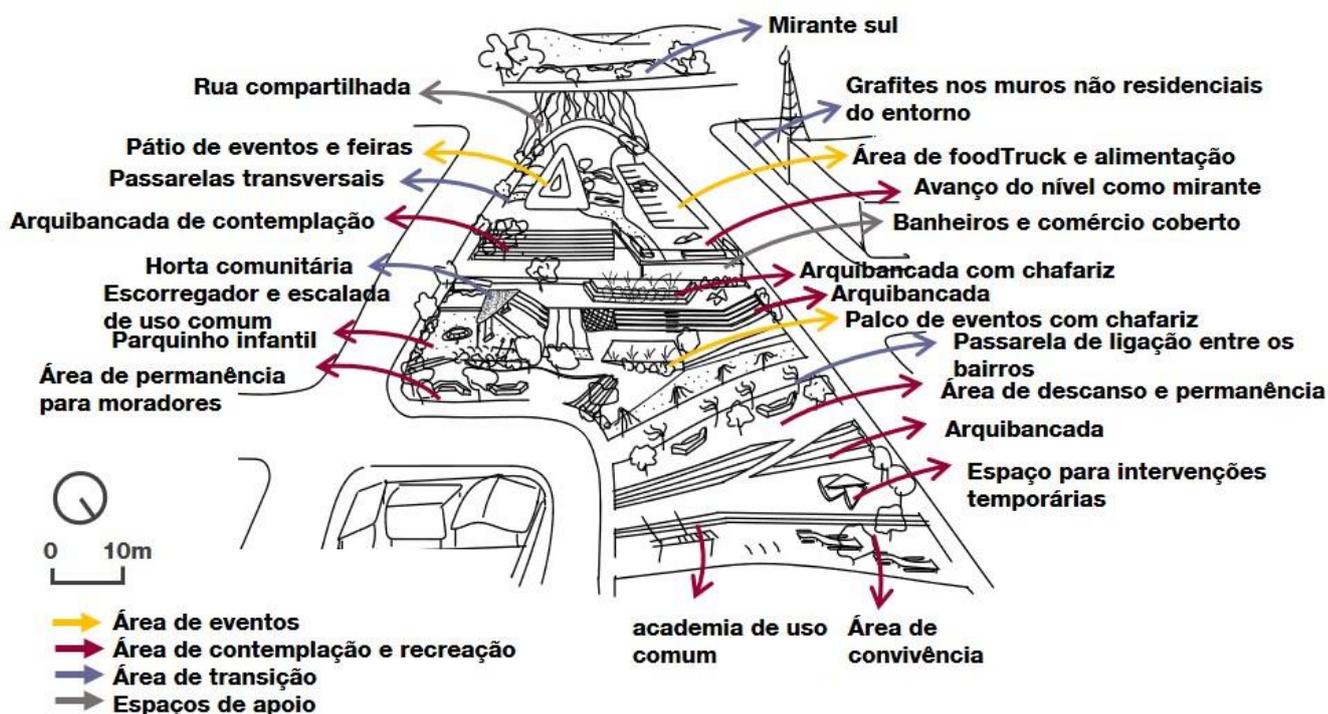
Gerando assim, uma proposta de implantação (Figura 38), que também pretende agregar a integração ao cenário do espaço, materializando as três distintas habitações do entorno através de cores, que serão representados em toda praças, de modo com que essas cores e tons delimite seus setores e usos (Figura 29).

Figura 29. Implantação do novo empreendimento.



Fonte: Elaborado pela Autora. (2020).

Figura 30. Perspectiva da proposta de intervenção projetual.



Fonte: Elaborado pela Autora. (2020).

Dessa forma, devido a situação local e suas problemáticas levantados nos apontamentos anteriores, o trabalho é desenvolvido a partir do contexto dos espaços públicos, os fundamentos da praça e as potencialidades que se afirmam diante de encontros, a proposta de resgate as relações entre diferentes, e a valorização do uso aos espaços públicos. Onde a partir das diretrizes dadas neste trabalho, de acordo com o contexto e tempo da área, a nova intervenção culminará em usos apropriados ao local, participação

da comunidade com as atividades e dinâmica da praça, e dará a oportunidade ao acesso de um espaço público de qualidade que gere encontros, debates, experiências, e a sensação de pertencer ao espaço de uso comum.

Logo, o espaço hoje existente, ainda sem estruturas e mobiliários de suporte para seus variáveis usos, onde os veículos ainda são prioridade para o conforto, passará a ser um local com novas possibilidades de utilização, de trocas, de reconhecimento espacial, de modo que garanta a integração entre diferentes e democratize o livre acesso ao espaço de convivência e lazer de qualidade.

CONCLUSÃO

Portanto, foi possível concluir, a maneira que o Pico da Neblina contribuí para o desenvolvimento do espaço público, agregando nos convívios entre sociedade, reconhecimento entre diferentes e possibilitando encontros. Sendo assim, um espaço de livre acesso, espaço esse que envolve várias formas de agir sobre o local.

Porém, também é notável na área em análise a contemporaneidade da urbanização, onde espaços de livre acesso sofrem com a troca por mercadorias imobiliária, sendo esses, os shopping centers, clubes privados e condomínios fechados, que passam a ideia de um espaço público, porém fictício e com prática de exclusão. Além da falta de verba destinada aos espaços de lazer, já que ainda há é necessário priorizar os serviços básicos de saúde e transporte do município, e quando construído, são feitos a partir de modelos padronizados, sem seguir o contexto local.

Mas, também concluiu o potencial contemplativo e de convívio que o Pico da Neblina carrega, mesmo sem conter estruturas, se efetivando através de apropriações e pela necessidade local. E as diretrizes possíveis para a valorização desses potenciais já existentes, junto a espaços que integrem pessoas, e dê suporte para novas possibilidades e utilização. Trazendo assim, respiros da corrida vida contemporânea, e uma praça pública de qualidade e de livre acesso.

REFERÊNCIAS

DIZERÓ, Joselle Davanço. Praças do interior paulista: estudos de casos nas cidades de Ribeirão Preto e Monte Alto. Campinas, 2006. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp058098.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

LAURENTINO, Fernando de Pádua. ESPAÇO PÚBLICO: ESPAÇO DE CONFLITOS, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2449/1546>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

SOBARZO MIÑO, Oscar Alfredo. Os espaços da sociabilidade segmentada: a produção do espaço público em Presidente Prudente. 2005. 221 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/105050> Acesso em: 21 ago. 2020.

NARCISO, C. A. F. Espaço público: desenho, organização e poder: o caso de Barcelona. Dissertação de Mestrado. Lisboa, Universidade de Lisboa, 2008. <Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/1736>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

SILVA, Elizete Américo. Espaços públicos e territorialidades: as praças do Ferreira, José de Alencar e o Passeio Público. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

TREVISAN, Camila Orsi. Espaço Público – Espaço Privado: reflexões sobre o espaço urbano metropolitano, Apresentação de trabalho/comunicação, São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/47743135-Espaco-publico-espaco-privado-reflexoes-sobre-o-espaco-urbano-metropolitano-camila-orisi-trevisan.html>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

O PROCESSO DE RESTAURO BRANDIANO NA ARQUITETURA APLICADO AO MUSEU DO PÃO

Wilson Alves De Azevedo Junior, Kelly Ayumi Yasunaga, Larissa Santos Zanetti, Jean Bonfim Flores Da Silva, Adriano Marques Tavares Da Silva, Fabrícia Dias Da Cunha De Moraes Fernandes

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: wilsonjrpv@gmail.com

RESUMO

O presente artigo visa analisar os procedimentos técnicos e conceituais do projeto de restauro do Museu do Pão no Rio Grande do Sul de responsabilidade do escritório Brasil Arquitetura, sob a óptica do restaurador Cesare Brandi o qual permitiu a realização da análise crítica e teórica. Para tanto, abordam-se os mais diversos conceitos presentes na sua produção a Teoria da Restauração os quais permitem então a associação e comparação aos processos de restauro na obra arquitetônica, suas influências permitindo então a compreensão do valor de memória e representatividade. Assim, notando-se então, a relação de memória e o respeito aos monumentos antigos, juntamente de como estes atos de restauro possam ser importantes para o desenvolvimento socioeconômico de um meio urbano.

Palavras-chave: Restauração. Museu do Pão. Cesare Brandi. Brasil Arquitetura.

THE BRANDIANO RESTORATION PROCESS IN ARCHITECTURE APPLIED AT MUSEU DO PÃO

ABSTRACT

The current article Works on analyzing those technical processes about restorariion at the Museum of Bread in the Rio Grande do Sul, the responsibility of the museum is by Brasil Arquitetura, followed by the knowledge about the restorer Cesare Brandi that allowed by a critical and theoretical analysis. Therefore, approach all of the diverse concepts in his book The Theory of Restoration allows the association and compares the processes of restore in that architecture, your influences which give the knowledge about memory valor and own representative. So it notices the relation between memory and respects all trough old monuments followed by how those acts of restoration can be important for human development and an urban environment.

Keywords: Restoration. Museum of Bread. Cesare Brandi. Brasil Arquitetura.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa realizar uma análise aprofundada da obra de restauro do escritório Brasil Arquitetura, o Museu do Pão, antigo Moinho Colognese, em Ilópolis (RS). Para isso, se embasará conceitos de restauração de Cesare Brandi, descritos em seu livro Teoria da Restauração (1963). Para a contextualização, fez-se necessários descrever e analisar seus pensamentos sobre a restauração de obras de arte, que incluem segundo o próprio teórico pinturas, esculturas, monumentos e obras arquitetônicas, ou seja, todos elementos que fazem parte da história e espiritualidade humana, evitando assim, intervenções inadequadas. Como resultado, Brandi conseguiu expandir sua intelectualidade e sua Teoria do Restauro Crítico, ou brandiana, como é conhecida, para outros profissionais do ramo, que a qualificaram ou criticaram desde do século XX ao século XXI.

Ademais, juntamente com a análise da obra, o volume teórico trouxe a oportunidade de identificar as correntes filosóficas propostas por Brandi (2008), dentre elas, a fenomenologia de Edmund Husserl que se adequa a “*epoché*” que é a abstenção do pensamento ante a constância do “espetáculo do mundo”. Todavia, a tese aborda outros influenciadores como Alois Riegl e de como isso veio se direcionamento diante dos restauros recentes de obras antigas.

A iniciativa do estudo, surge para que a partir da demonstração da obra de restauro realizada o Museu do Pão, à luz dos conceitos brandianos, os quais permitem a exposição das vantagens sociais perante o processo de restauro para profissionais em restauração e especialmente arquitetos. Para que então, possa ser tomado como nota e reconhecer que existem as diversas formas de agir sobre os patrimônios históricos que carregam demasiadas memória e representatividade de um povo.

MÉTODOS

Como foco no processo de restauração da obra Museu do Pão, o qual foi aplicado a teoria brandiana, que se encontra no livro Teoria da Restauração (1963), foi de grande auxílio para maiores esclarecimentos e para a formação das ideias principais a serem levantadas no artigo, assim como, outros volumes teóricos que abrangem seus princípios de restauro, expressados em várias áreas da arquitetura, em especial do século XX e XXI. Elemento esse, determinante para o objeto principal em estudo.

Além disso, o artigo possui como base, a concepção de correntes filosóficas, a repercussão dessa teoria e suas críticas na atualidade, sua filiação estilística arquitetônica que Brandi defende e como eram as práticas de restauro da época. Sendo a análise realizada através do método de pesquisa bibliográfica, o qual abstraiu o conhecimento acerca do tema de restauro, para então a comparação dos diversos aspectos apresentados do restauro em relação a obra arquitetônica Museu do Pão, para então comparar os pontos apresentados e permitir a análise final sobre o impacto de tais medidas.

RESULTADOS

Conforme Brandi (2008) a restauração é considerada uma função da própria atualização da obra de arte na consciência de quem a reconhece como tal, seria possível crer erroneamente que essa atualização pudesse ser uma fulguração confiada no instante, em tal caso, haveria um duplo erro, porque apesar da fulguração da obra de arte acontecer no tempo histórico, a duração não é subdivisível com o tempo histórico em que se insere. Ou seja, para realizar plenamente o significado da obra de arte, se demora alguns anos luz, onde são reunidos os elementos que servem de valor semântico para ela.

É nesse tempo então, que é necessário elaborar e coacervar os dados, como a própria atualização da arte dividido em duas fases, a primeira é a reconstituição do texto autêntico da obra e a segunda é a intervenção sobre a matéria que compõe essa obra, podendo colaborar ativamente com a intervenção da obra e realizar acréscimos, superfetações, mascaramentos, até o sepultamento, voluntário ou não. (BRANDI, 2008).

Para Brandi (2008) depois do exame do tempo na obra de arte, devemos passar por exame no espaço da obra, para ver qual é o espaço que deve ser tutelado pela restauração. Essa espacialidade chega então a se inserir no espaço físico que é o próprio espaço em que vivemos, e chega a insistir no espaço, sem ao menos participar dele.

É por isso que a primeira intervenção conforme Brandi (2008) da obra é voltada a assegurar as condições necessárias para que a espacialidade da obra não seja obstaculizada no seu afirmar-se dentro do espaço físico existente, mas acima de tudo constitui a enucleação da espacialidade da obra, o seu reconhecimento e portanto os expedientes postos em prática para que seja tutelada pelo espaço físico.

Para Brandi (2008) a noção de preservação se dá para obra de arte, monumento, escultura, pintura e obras arquitetônicas a ideia que são compostos por diversas matérias, sofrem alterações de vários gêneros ao longo do tempo. A partir de então, através das alterações que sofrem, modificando a matéria, a imagem ou ambas, determinam o nível das intervenções do restauro.

Seu contraponto está que a possibilidade de prevenir que essas alterações ocorram, depende exatamente das características físicas e químicas das matérias de que são feitas. A noção que está vinculado a restauração preventiva, se dá pelo momento metodológico do reconhecimento da obra de arte pelo valor estético e histórico, ou seja, o comportamento do indivíduo que reconhece a obra de arte como tal, sente-se no dever de conservar e transmitir a obra de arte para o futuro. (BRANDI, 2008).

Conforme Brandi (2008) essa própria linha, colocamos a área de prevenção como medida tutelar, removendo os perigos, assegurando as condições favoráveis. Mas assim como para tornar a obra um Patrimônio, para iniciar o processo de prevenção é necessário que a obra seja examinada, levando em

conta a eficiência da imagem dela e o estado de conservação das matérias que são feitas. Juntando assim, o campo da filosofia e científica. Sem essa precisa indagação, nem a autenticidade da obra como tal poderá ser confirmada na reflexão, nem a obra será assegurada para o futuro.

DISCUSSÃO

CESARE BRANDI E A TEORIA DA RESTAURAÇÃO

Figura 1. Cesare Brandi.



Fonte: alchetron, Siddhesh Joshi (2018).

Cesare Brandi (figura 1) nasceu em 8 de abril de 1906 em Siena, na Itália e faleceu em 19 de janeiro de 1988, também em Siena, Itália. Foi historiador e crítico de arte, ensaísta e especialista na teoria de restauração, do qual é dono do conceito do restauro crítico. A vida do teórico desde pequeno foi voltada para a arte, história e restauração, fator que o levou a iniciar no ano de 1930, seus trabalhos como supervisor de monumentos e galerias e na administração das antiguidades de Belas Artes, em Siena, Itália. Em paralelo a isso, Brandi também participava, em outras instituições, como escritor e palestrante. (BRANDI, 2008).

Em uma de suas participações na Universidade de Roma, foi convidado pelo inspetor da direção geral de Belas Artes e Professor de história de Arte Moderna, Giulio Carlo Argan, para ajudá-lo a construir em Roma, um instituto para a conservação de obras de arte. Assim, em 1938, Brandi ficou responsável pelas obras, por responsabilidade do instituto Central de Restauro (ICR), no qual se tornou diretor da mesma em 1939, onde permaneceu até o ano de 1960. (DO CARMO *et al*, 2016).

Segundo Cunha (2004), a sociedade se encontrava em um contexto de pós segunda guerra mundial, com saldos negativos, onde havia uma ampla destruição do patrimônio histórico europeu. Nesse contexto, em busca de combater os agravantes, surge na Itália a criação duma importante corrente, sustentada por teóricos como Cesare Brandi, Pietro Gazzola, Roberto Pane e Renato Bonelli, que através de seus posicionamentos, abriram caminho para uma nova teoria, cujo objetivo era tornar fácil a recuperação do cenário.

Por conta própria, deixa a direção do ICR como cargo de diretor e passa a se dedicar inteiramente aos estudos sobre a arte e a literatura por trás das obras e monumentos. Para ele se tratava dos mesmos temas, só que de maneira mais articulada e complexa. Foi desta forma que Brandi desenvolveu as primeiras linhas gerais sobre o tema de sua principal contribuição para a área, denominada e conhecida como a teoria do restauro crítico. (CUNHA, 2004).

Conforme Cunha (2004), o esforço de Brandi e seu acúmulo de experiências na área, se resultou em grandes publicações de trabalhos, como o livro Teoria da Restauração em 1963. O escrito resume suas experiências práticas e teóricas em relação ao restauro, desenvolvidas durante o período de 1940. Conhecida também como teoria Brandiana, esta enfatiza-se a preservação de bens culturais, restaurações de patrimônios e aplicação dos conceitos em obras de arte e monumentos. Posteriormente, sua obra veio a

ser grande influente na elaboração da Carta de Restauo Italiana de 1972, conduzindo assim, outros pensamentos filosóficos.

É evidente que as atuais teorias acerca da preservação do patrimônio, são fundamentadas ao longo dos anos, resultando em traduções do livro original da Teoria de Restauo para várias línguas, inclusive o português em 2004. Essa ação, difundiu ainda mais seu estudo e compreensão de seus conceitos:

“A partir de então, muito se tem discutido sobre a pertinência da teoria brandiana para as intervenções de restauo nas preexistências arquitetônicas e urbanas. Um relevante caminho de investigação, contudo, ainda tem sido pouco explorado no contexto brasileiro”. (RUFINONI, 2018, p.2).

Já no século XXI, em 2006, a teoria brandiana é relembada por meio de um seminário em comemoração ao centenário de nascimento do autor, que contextualiza e analisa seu livro através de arquitetos e professores da FAU/USP. Dentre as discussões, trouxeram um exemplo atual de conservação com as raízes do pensamento de Brandi, a Fundação Casa de Rui Barbosa, detalhe que ressalta a sobrevivência dos ideais por meio dos acervos. (KUHL, 2007).

Para melhor compreensão do conceito brandiano, é necessário abordar a linha filosófica que o teórico se inseri e as soluções para os problemas das obras de arte danificadas. Brandi demonstra que se deve reconhecer cada detalhe da obra de arte, para que seja reconhecido todo seu processo criativo, assegurando acima de tudo a racionalidade. Detalhe esse, que vai contra o empirismo.

Assim a produção de Brandi (2008) considera os aspectos questionadores de sua essência, elementos que vão da existência material a partir do artista, do seu estado de conservação até a exposição. Essa ação deverá ser executada através da *epoché*, expressada pelo filosofo do século XX Edmund Husserl, que é a interpretação a partir da suspensão psicológica, ou seja, da consciência adquirida por meio da observação e experiência (empírica) e a redução fenomenológica, sendo o próprio juízo (racional) do sujeito que deverá ser questionado.

A fenomenologia em questão é a principal fonte filosófica adquirida por Brandi. O termo originado por Husserl refere que o mundo é um fenômeno, ou seja, a consciência adquirida quando um sujeito está afrente de um objeto. Porém, este pensamento deve ser revelado, deixando de lado as interpretações prévias e pessoais. Dessa forma, as obras que interferem no contexto atual, sem eliminar a sua essência, devem ser tratadas como objeto, de acordo com Husserl, para ambos serem interrogados excluindo o empirismo. Assim, será possível a conservação e o respeito sobre a integridade daquilo que chegou até nós sem prejudicar o seu futuro. (BRANDI, 2008).

Consequentemente, Brandi (2008) inclui que a obra de arte se aproxima como um circuito fechado, podendo apenas intervir por meio da conservação da totalidade original e do reforçamento da estrutura material comprometida. Na conservação, a ação deve limitar-se as intervenções já ocorridas ou por efeitos devido ao tempo que desconfiguraram por acréscimos ou modificaram, detalhes que por sua vez entram na linha do tempo daquela obra como uma segunda fase em relação a sua origem, ao contrário da repriminção, que é um ato empírico, nessa ação, a intervenção se coloca no lugar do artista, retorna ao passado e seus aspectos primordiais excluindo a atualidade.

No tratamento das lacunas sobre as obras de arte, não deve haver dúvidas na reconstituição de seus elementos materiais, porém se caso algum detalhe não for identificável poderá ser considerada a análise da sua essência para dizer se aquilo pode ser original ou semelhante ao princípio. Isso deve ser reconhecido à primeira vista e admitido por meio dos princípios e fundamentos da lógica, ou seja, a união de conclusões óbvias identificadas rapidamente que não ultrapassam a *epoché*. (BRANDI, 2008).

Conforme ditado por Brandi (2008), na restauração dos monumentos considera-se os mesmos fatores utilizados nas obras de arte em geral. No entanto, as normas da restauração das obras de arte estarão presentes na estrutura formal da arquitetura diferente daquelas entendidas na acepção empírica anteriormente. A diferença então, é que a obra arquitetônica não depende somente da essência e sim da espacialidade na qual foi construída. Assim, a conservação do ambiente interior possibilita reconstruí-la, ainda que não totalmente. Já no exterior, a conservação assegura o espaço que contorna o ambiente,

dando a possibilidade de reconstrução só com a anastilose, que é o restauro usando os elementos arquitetônicos originais ou uma técnica similar sem alterar nenhuma medida.

Dessa maneira, coloca-se em primeiro instante, o “testamento” do monumento como exterior. Em segundo lugar analisar os problemas que identificaram as alterações do sítio que modificou ou ausentou o monumento original. Portanto, dessa classificação surge alguns efeitos, como a invalidação como obra de arte devido a alteração que modifica mais a estética do que a existência histórica; a falsificação por meio de materiais e reconstrução do monumento em outro lugar; e a legalidade da decomposição e recomposição ligada apenas para preservação do monumento dentro do sítio onde foi criado. O sítio de que tanto se fala, pode-se ser um ambiente natural que também as vezes é monumental mesmo sendo um constante sujeita a mudanças devido a ação da natureza. (BRANDI, 2008).

Para Brandi (2008), a conservação de ambos os elementos, seja ele ambiente natural ou monumental, foi delineado em duas questões solucionais baseadas no “testamento” citado. Quando ambos não forem compatíveis com os dados espaciais originais, deverá ser levantado o máximo possível de informações que possam estar de acordo com a ideia primordial. De outro modo, se o ambiente e monumento estiverem de acordo, se diferenciando com poucas alterações ou forem princípio de mimesis, deverão ser reconhecidos e distinguidos. Então, poderá ser admitida uma reconstituição do que desapareceu, mesmo sendo falsos, pois estes, conservaram não degradando a qualidade artística do ambiente. Caso a obra não for cópia, o ambiente deverá ser reconstituído com base nos dados espaciais originais.

Ao longo de toda a formulação da teoria de restauro crítico-brandiana, vem moldando-se pelas mais diversas linhas de pensamento, sendo a mais influente a do Alois Riegl, no qual se preza pela temática de conservação juntamente a própria experiência crítica e de suas pesquisas estética e filosófica. Para então compreender a teoria da restauração de Brandi, é necessário perceber qual o senso comum perante a restauração, ocorre de maneira pré-conceitual: “Em geral, entende-se por restauração qualquer intervenção voltada a dar novamente eficiência a um produto da atividade humana.” (BRANDI, 2008, p.25). Dessa forma, o teórico os separa em dois tipos de restauração, sendo o primeiro relativo aos manufaturados industriais e o segundo em relação as obras de arte.

Sendo o restauro crítico uma teoria marcante de Cesare Brandi, que entram os mais diversos âmbitos no processo do restauro, levanta-se o motivo de uma obra de arte ser de fato obra de arte, e como isto influencia no ato, ou seja, como a obra irá condicionar e guiar o restauro. Em especial, elas podem passar a ser uma existência meramente trivial, comum na vida das pessoas até que então, comece um reconhecimento singular, até que se permita o início da consciência que faz dele uma obra de arte. Isto é, quando ela começa a fazer parte do mundo, e de cada indivíduo, que aceite a arte como um produto da espiritualidade humana. (BRANDI, 2008).

Já na restauração no âmbito da obra de arte relacionada ao juízo de artiscidade, significa que a restauração é comum com outros produtos e representa apenas uma fase complementar relacionada com a qualificação que a intervenção recebe. Com isso, pode-se perceber que o processo só começa a partir do momento em que a obra é reconhecida com a devida importância. Além do mais, este mesmo desenvolvimento de reconhecimento deve-se levar em conta três instâncias propostas por Brandi, no qual uma irá influenciar na materialidade e duas na mente humana.

A primeira instância que é a da materialidade, abrange elementos das obras de arte onde sua importância vai além de sua materialidade, não permitindo ser um elemento isolado e específico, no qual não é fator principal em dadas situações. Já a dupla instância sobre a consciência humana, se dá pela instância estética, que corresponde ao fato da obra ser considerada obra de arte, detalhe que a levou a ser o que é, juntamente com a instância histórica, que lhe compete como produto humano realizado em um certo tempo e lugar e que em certo tempo e lugar se encontra. (BRANDI, 2008).

Logo Brandi (2008) percebe que o restauro é diretamente relacionado ao reconhecimento da obra e em como o restauro contribui para que as sensações sejam transmitidas ao futuro. Desse modo o primeiro princípio do restauro de Cesare Brandi é de qual, “A restauração constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplici polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão para o futuro”. (BRANDI, 2008, p.30).

Porém, mesmo ainda existindo o primeiro princípio do restauro, no qual considera os fatores históricos e a importância da obra, deve-se levar em conta cuidados a serem tomados na atuação do restauro que acabará acarretando duas consistências, a física e a material. A consistência física, a que representa o próprio local da manifestação da imagem, assegura a transmissão da imagem ao futuro e garante a recepção da consciência humana, muitas vezes se tornando primária se o principal objetivo for a transmissão para gerações futuras. Já a consistência material, se refere propriamente a obra de arte e em como estas obras possam durar mais tempo, tal processo que deve ser realizado por especialistas. (BRANDI, 2008).

Conseqüentemente, Brandi (2008) cria o primeiro axioma, no qual, restaura-se somente a matéria da obra de arte, sendo que na verdade a matéria da obra de arte é totalmente ligado à imagem, concepção da obra. Em casos de parte da obra de arte exigir sacrifício de uma parte da sua consistência material, a intervenção deverá concluir-se segundo aquilo que exige a instância estética citada anteriormente. Sempre sendo a primeira em qualquer caso, que busca não tornar a obra meramente resíduo. Porém, a instância histórica não pode ser deixada de lado, as obras de arte têm-se uma dúplici historicidade, aquela que é o ato de sua formulação e criação, referindo-se a um artista, a um tempo e a um lugar. Já a segunda provém do fato de ser o local onde está inserida em seu contexto e momento atual. O mesmo deve-se considerar que este momento atual irá tornar-se passado agregando à obra mais um significado em sua história, sendo tais períodos intermediários.

Dado tais conceitos, compreende-se que todo o momento da história deve ser considerado, os quais acabam compondo o sentido da sua instância histórica e em sua relação à instância artística, dá-se o segundo princípio do restauro de Cesare Brandi (2008):

“A restauração deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo”. (BRANDI, 2008, p.33).

Entretanto, no que diz respeito a instância da historicidade, depara-se com alguns problemas, sendo um dos mais discutidos, o fator da remoção e da adição. Outro problema são as questões que envolve a conservação ou da remoção de refazimentos. É muito importante analisar até que ponto vale a razão histórica e a razão estética, buscando uma linha de conciliação. Nos é dado os problemas da legitimidade da conservação ou da remoção, e isso é um obstáculo para quem acredita poder fundamentar a legitimidade da conservação só sobre o valor de testemunho histórico. (BRANDI, 2008).

Uma primeira análise que devemos fazer é sobre a legitimidade nas questões que envolve a conservação e a remoção da adição que uma obra de arte ganha com o tempo. É legítimo conservar ou remover uma adição pelo ponto de vista histórico, isso se não levar em conta o juízo estético sobre ser positivo ou não. Enquanto a remoção, mesmo sendo um ato do fazer humano, ela destrói um documento e não documenta a si próprio, onde acaba apagando uma parte desse passado, negando-o e falsificando um dado existente. Assim, através do ponto de vista histórico, a conservação da adição é legítima e a remoção deve sempre ter uma justificativa, deixando vestígios desse fazer na obra. (BRANDI, 2008).

Quando comparado com o refazimento e a adição não se vê muita diferença, porém um refazimento não é uma adição. O refazimento intervém no processo criativo na sua forma originária, refundindo o velho e o novo de forma que não os distinguem, reduzindo ao mínimo o intervalo de tempo desses dois momentos. (BRANDI, 2008).

Conforme Brandi (2008), a rigor da lógica pareceria que, enquanto vestígios de artisticidade permanecerem em um produto da atividade humana, por mais que este esteja mutilado, não se deve falar de ruínas e que, se aqueles vestígios estão de fato perdidos, não pode mais tratar-se de artisticidade, mas apenas de historicidade. E do ponto de vista estético não somos constrangidos a definir a área conceitual da ruína com o mesmo critério do ponto de vista histórico, pelo fato de, para nós, ser esteticamente uma ruína qualquer remanescente de obra de arte que não pode ser reconduzido à unidade potencial, sem que a obra se torne uma cópia ou um falso de si própria.

Por conseguinte, a restauração, como o fazer humano, se insere no processo de transmissão da obra de arte para o futuro, respeitando a complexidade histórica ao qual compromete à obra de arte.

Sendo necessário, a obra de arte como objeto suscetível de restauração, passar pela exposição da instância histórica. (BRANDI, 2008).

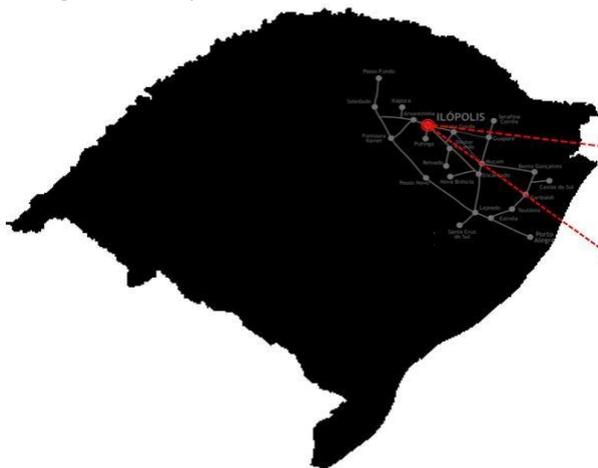
Porém para Brandi (2008) se tratando de ruínas, só se poderá chamar assim, algo que testemunhe um tempo, humano, sendo assim, ruína será o testemunho da história humana, com um aspecto bastante diverso ao que se revestia antes, tornando-a irreconhecível: “Por isso, a restauração, quando voltada para a ruína, só pode ser a consolidação e conservação de status quo, ou a ruína não era uma ruína, mas uma obra que ainda continha uma vitalidade implícita para promover uma reintegração da unidade potencial originária. (BRANDI, 2008, p.66)

Olhando para a obra como ruína, temos a oportunidade de fazer um exame com o intuito da restauração de primeiro grau, e a matéria que um dia fez parte dessa mesma obra voltou a ser matéria bruta. Esse primeiro grau deve começar onde a obra de arte acaba, no momento limite onde a obra de arte está prestes a cair no disforme. (BRANDI, 2008).

MUSEU DO PÃO

Localizado no Estado do Rio Grande do Sul em Ilópolis (Figuras 2 e 3), pertencente ao Caminho dos Moinhos, o Museu do Pão é um complexo de 1.011 m² (BRASIL ARQUITETURA, 2011), sendo um exemplar de representatividade cultural, onde, através das exposições e oficinas são preservadas as tradições e a arte de produzir o pão brasileiro, estimulando a interação entre a história, a cultura e a vida na comunidade. Foi construído em 1930 pelos imigrantes italianos, mas passou por um processo importante de restauração entre 2005 e 2007, por responsabilidade do escritório Brasil Arquitetura.

Figura 2. Mapa do Rio Grande do Sul



Fonte: Google Imagens, (2020) – Editado pelos autores.

Figura 3. Imagem por satélite



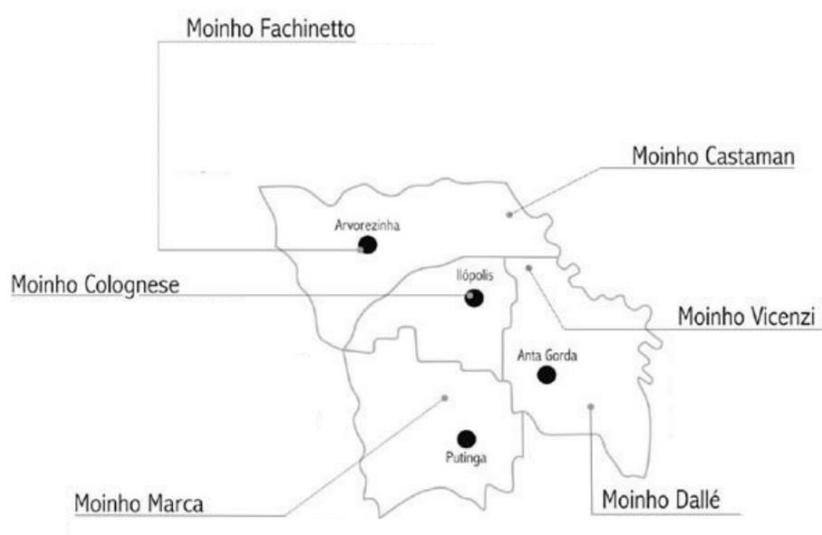
Fonte: Google Earth, (2020).

A influência da Itália no sul do Brasil e a história do Museu do Pão iniciou-se no final do século XIX e no início do século XX, onde na época em questão, grande parte do País foi ocupada por outras nacionalidades. Para a arquitetura, um dos maiores marcos italianos do Rio Grande do Sul, são as construções em madeira, conhecidos como Moinhos Coloniais, no qual muitos deles, eram utilizados para a produção de farinha e moagem do trigo.

Os irmãos José e Biaggio Tomasini e Pedro e Antônio Baú foram os responsáveis pela construção do Moinho Tomasini & Baú, sendo este o nome que lhe foi dado em 1930, devido a sociedade entre ambas as famílias. Porém em 1953, o prédio foi vendido para os Colognese, no qual alterou o nome para um dos mais significativos, o Moinho Colognese, e assim ao longo dos anos, o mesmo foi sucessivamente vendido de família para família, passando por diversas linhagens italianas, até que após 1987, os moinhos caíram no esquecimento devido aos abandonos e ausência de usos, caminhando para o desaparecimento e a degradação total. (PREFEITURA DE ILÓPOLIS, 2010).

Por conseguinte, em 2003 foi apresentado uma estratégia regional para a recuperação e reutilização dos moinhos espalhados ao longo do Vale Taquari. A ideia inicial, ganhou a participação e o apoio do escritório Brasil Arquitetura pelo objetivo de criar um passeio turístico, interligando um moinho ao outro, como uma rota cultural, denominado por “Caminho dos Moinhos” (BRASIL ARQUITETURA, 2011). Logo, a reutilização dos prédios precisara voltar à ativa no intuito de ganhar novamente a atenção dos turistas e dos próprios moradores locais, o “Caminho dos Moinhos” envolveram a recuperação de seis prédios, sendo compostos pelos moinhos Colognese, Fanchinetto, Marca, Dallé, Vicenzi e Castaman, (Figura 4), no qual ganharam também programações específicas e atrativas, além da ressuscitação da funcionalidade de cada um. É notório observar que a obra em estudo possui relação com os demais localizados no entorno, participando de um mesmo conjunto histórico e tombado. Através da grande repercussão, foi-se criado então, a Associação dos Amigos dos Moinhos do Alto do Vale de Taquari, ou “AAMoinhos”, em parceria com o IPHAN, que busca manter a preservação do patrimônio. (PORTAL DO VALE DO TAQUARI, 2010).

Figura 4. Caminho dos Moinhos



Fonte: Portal do Vale do Taquari, 2010 – Editado pelos autores.

O moinho de maior destaque conseqüentemente foi o Colognese, recebendo posteriormente o nome de “Museu do Pão” devido a sua preservada utilização na produção de farinha, derivando-se também na produção dos pães. O processo de restauração da obra iniciou em 2003 e conclui-se apenas em 2007, por responsabilidade de Francisco Fanucci e Marcelo Ferraz, no qual fazem parte do escritório de arquitetura. Resultando assim, no resgate da memória da população e das antigas tradições, ligados ao patrimônio imaterial da região, e na preservação da materialidade e elementos estruturais, sendo este o patrimônio material.

O projeto conta com o restauro do primeiro e principal prédio do moinho, no qual foi utilizado na época como espaço de fabricação, construído com a madeira araucária, de uma árvore típica da serra gaúcha, onde foram executados os devidos cuidados para preservar a sua materialidade e seu conceito inaugural, a arquitetura italiana, presente no telhado com declives acentuados, nas janelas retangulares distribuídas simetricamente, nas portas de madeira e em especial, nas fachadas frontal e laterais totalmente fechadas para o exterior (BRASIL ARQUITETURA, 2011).

Assim como os demais moinhos que ganharam novas funcionalidades, com o Museu do Pão não seria diferente, sendo adicionados as exposições de utensílios e materiais da época e oficinas de panificação. Para tanto, foram adicionados dois volumes em sua implantação, destinado aos novos usos. Estes, são formados em “L” e conectados por uma passagem aberta de madeira, material utilizado em abundância para se interligar com a primeira construção. (Figura 5).

Figura 5. Museu do Pão

Fonte: Greice Alana, (2017) – Editado pelos autores.

Neste pequeno complexo, todos os elementos fazem parte da história, desde a arquitetura, a materialidade, o paisagismo, os objetos até seus significados e representatividades. A distribuição das funções ocorrerá de acordo com os acessos aos volumes e a circulação entre ambientes, sendo a peça principal do conjunto o próprio bloco do moinho, que carrega uma coleção de pedras mó utilizadas na moagem do trigo, como exemplo (BRASIL ARQUITETURA, 2011). Mas as duas outras construções contemporâneas, como o bloco museu e panificação, abraçam a preexistência do moinho de maneira sutil, possibilitando a criação de novos diálogos com o entorno e um novo percurso de circulação, no qual se inicia na entrada da nova edificação e segue para adentro dos demais prédios.

Figura 6. Planta do Museu do Pão.

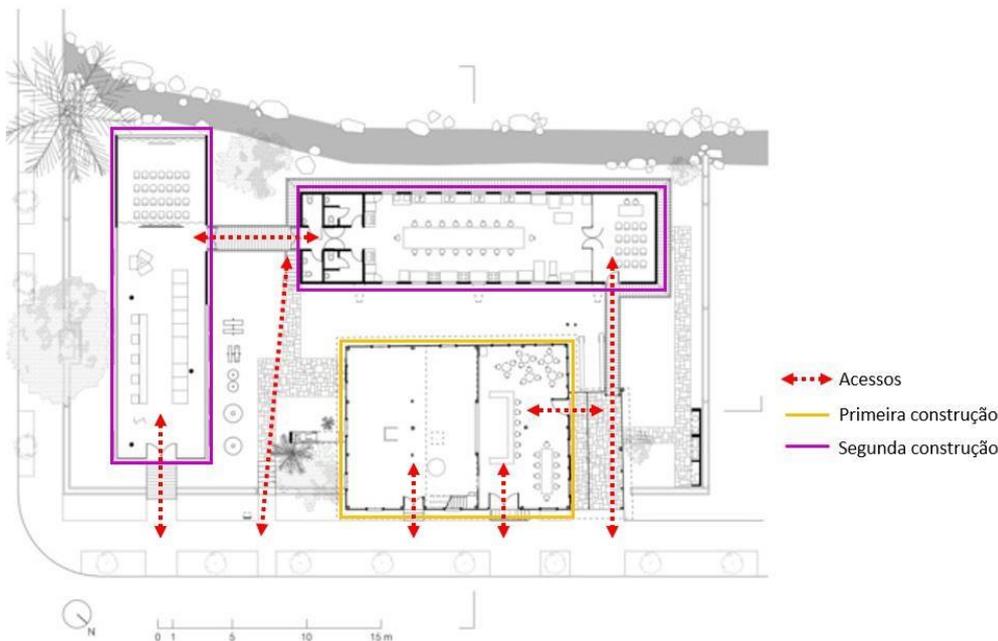
Fonte: Archdaily, (2011) – Editado pelos autores.

Ao analisar a planta do museu, nota-se facilmente o formato em “L” que possibilita a conexão entre um prédio ao outro. (Figura 6). Através do projeto de restauro e suas novas funcionalidades, o conjunto acabou se tornando novamente um marco para a região, sendo responsável pelo reencontro da

comunidade com a sua história, afirma Fanucci. O arquiteto também explica o cuidado que tiveram ao realizar a restauração, para não cair na invenção ou falsificação histórico do projeto, como dito nos conceitos brandianos. (BRANDI, 2008).

Em decorrência das novas construções, o complexo foi contemplado com novos fluxos, resultando em sete no total, sendo estes versáteis, pois os acessos são escolhas dos visitantes, se querem ir ao museu, no moinho ou na panificação, possibilitando também a circulação entre ambientes. Juntamente aos acessos, o Museu do Pão possui uma passarela ao ar livre, conectando um volume ao outro facilitando no fluxo, assim como, representam também uma distância física e temporal entre a preexistência e a intervenção. (Figura 7).

Figura 7. Planta do Museu do Pão.



Fonte: Archdaily, (2011) – Editado pelos autores.

Fazendo referência com a Araucária do moinho, os novos volumes possuem elementos que utilizam-se dessa mesma madeira, trazendo a ideia conceitual da união através da materialidade e a celebração da madeira típica e abundante da região, no qual estão presentes nas varandas que torneiam os prédios, nos painéis corrediços, na passarela e nos capitéis dos pilares, trazendo a memória a grande engenhosidade da estrutura composta por madeira no interior do moinho.

Entretanto, os novos volumes também contam com outros materiais elementares e estruturais, sendo estes o vidro e o concreto armado. Mas para não se desconectar com o prédio já existente, estes foram aplicados de maneira criteriosa, através do emprego de tecnologias. Como exemplo, o concreto armado que foi produzido com formas de ripas de madeira, dando continuidade as ripas verdadeiras do Araucária. (Figura 8).

Já para a utilização do vidro, os autores do restauro tiveram como conceito a transparência e a permeabilidade visual do exterior com o interior, fato inexistente no complexo preexistente. Do mesmo modo, partiram do ponto também, em que por ser o volume com um dos acessos principais do complexo, é de grande importância a fachada voltada para rua ser dinâmica e convidativa, atraindo assim, a atenção dos turistas de querer entrar e conhecer o interior do museu. (BRASIL ARQUITETURA, 2011).

Figura 8. Os três prédios do Museu do Pão.



Fonte: Archdaily, (2011) – Editado pelos autores.

Após conhecer a história do Museu do Pão e seu processo de restauração, nota-se que os arquitetos Fanucci e Ferraz, do escritório Brasil Arquitetura, optaram por seguir a linha doutrinada por Cesare Brandi, seguindo os conceitos defendidos pelo teórico. Em razão da memória cultural, em escala regional e escala arquitetônica que a obra como um produto da espiritualidade humana significou, o restauro apresentou-se um resultado positivo, no qual trouxe uma nova significância para o território, respeitando a cultura italiana e preservando a história preexistente

Por conseguinte, um dos conceitos mais notórios aplicado na obra, foi manter o máximo possível da originalidade do moinho, tanto que poucas foram as modificações, sendo elas quase nulas, algo complexo de se realizar já que o ato da restauração e o nível das intervenções necessárias para o restauro, dependem e se iniciam somente após os estudos das alterações que a obra sofreu com o tempo, que modificam sua matéria, a imagem ou ambas, no caso em estudo o Museu do pão que se encontrava em estado de abandono. Brandi defendia que a restauração é um ato filosófico e que se possível, preceda-se somente na materialidade da obra de arte, pois esta sofre modificações ao longo do tempo. Impondo um limite na intervenção restauradora, evitando assim, a degradação do seu verdadeiro significado. (BRANDI, 2008).

Ademais, antes de realizar um restauro, o teórico defende que é preciso conhecer a história do local da intervenção antes de se pensar em intervir, e compreender a dinâmica que a mesma possui para a região e sua representatividade na memória das pessoas. Devido a isso, é necessário a junção do campo da filosofia e conseqüentemente da sociologia, pois a restauração envolve toda a comunidade. Esse conceito foi adotado para a criação do projeto histórico e turístico “Caminho dos Moinhos”, apresentado anteriormente. (BRANDI, 2008).

Considerada como uma própria atualização da obra, Cesare Brandi afirma que a restauração deve visar o restabelecimento da potencialidade do seu uso, para a readaptação com a nova época. Sobretudo, a modernização da obra, assim chamado por ele, não pode inibir a construção preexistente, sem que se possa identificar o novo e o antigo: “A intervenção deverá ser sempre e facilmente reconhecível, mesmo que por isto venha a infringir a própria unidade a ser construída.” (BRANDI, 2008, p.47).

Porém para Brandi (2008) todas as intervenções devem tomar cuidado com a perda da autenticidade, “(...) Deverá ou poderá colaborar ativamente na intervenção sobre a matéria de que é construída a obra e sobre qual possam ter sido feitos acréscimos, superfetções, mascaramentos, até sepultamento voluntário ou não”. (BRANDI, 2008, p.92).

Vendo os pontos de Brandi (2004) o resultado o edifício do Moinho foi transformado em um museu de si mesmo, possibilitou com que voltasse a funcionar como um moinho, um documento histórico vivo, utilizando de seu maquinário da época, e internamente os espaços fossem reconstituídos respeitando sua configuração original, onde algumas portas e janelas precisaram ser refeitas, com o mesmo desenho anterior, mas com a utilização de madeiras novas.

Conforme Brandi (2004) em relação as lacunas que precisaram ser preenchidas na obra, por conta dos materiais degradados com o tempo, foram utilizados os mesmos materiais da época, de acordo com Brandi pode se utilizar de recursos de “próteses e enxertos”, onde estes se possível, devem ser realizados com o mesmo tipo de material do original. Nesse processo foi mantido o princípio de manter a autenticidade da obra por meio da técnica, mas em paralelo agrega-se valor ao museu quando o material utilizado em sua restauração foi a própria madeira de araucária, contemporânea à construção dos moinhos.

Assim como aconteceu na Pinacoteca do Estado de São Paulo, o Museu do Pão passou pelo mesmo processo em sua implantação, onde foi adicionado novos acessos de fluxo e construídos volumes para abrigar as atuais funções. Essas modificações não foram conflitantes com o prédio existente, pois através da maestria dos arquitetos, foram projetadas soluções que fazem a ligação entre o novo e o antigo, através da materialidade e dos elementos que a compõe, permitindo a revitalização e conservação sobre o tempo e abrindo a possibilidade de transmitir as sensações da obra para o futuro, que de acordo com Brandi, “A restauração constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplice polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão para o futuro”. (BRANDI, 2008, p.30).

Para Brandi (2008) além do ato filosófico, o processo de restauro similarmente depende do ato científico, respeitando os documentos históricos sendo este o lugar onde habita a complexidade da natureza da obra de arte, crucial e indispensável na restauração do Museu, pois mesmo com adições necessárias para sua revitalização e estabilidade nos tempos atuais no que diz respeito a instância da historicidade, não cometeu nenhuma fragilidade na legitimidade da obra e seu contexto visto que foi positiva a ação e como um testemunho do fazer humano diferente de uma remoção ela não destruiu ou falsificou o documento original, e sim resgatou sua unidade potencial, evitando assim, uma futura intervenção inadequada, que resultaria no falso histórico e artístico, “A restauração deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra, desde que isso seja possível sem cometer um falso histórico e artístico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra no tempo.” (BRANDI, 2008, p.33).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos estudos analisados, é notório observar que a restauração do Museu do Pão, sendo este, um complexo representativo da cultura e da história, foi um gatilho para que as interações da obra com a comunidade local voltassem a ser ativos, sendo de grande relevância para o cenário do Rio Grande do Sul, devido ao seu estado de abandono encontrado anteriormente. Necessitando de uma restauração, a iniciativa ocorreu pelos arquitetos do Escritório Brasil Arquitetura, no qual foram os responsáveis por aplicar os conceitos da Teoria da Restauração de Cesare Brandi na obra restaurada.

Os conceitos Brandianos foram de grande importância nesse processo, onde a aplicação dos seus pensamentos evidencia a importância do respeito com o tempo e a estética da obra. Essa formação de pensamento do restauro crítico, a construção de seus axiomas com o uso da fenomenologia como base, foi crucial para as pressupostas restaurações, de modo que preparou e possibilitou as futuras gerações, a evitar um falso histórico nas obras, sem perder seu caráter e sua identidade. Os arquitetos transpareceram esses conhecimentos ao realizarem a junção dos campos da filosofia e da sociologia, pois como profissionais responsáveis pela intervenção, entenderam que esse processo da restauração envolve toda a comunidade a qual a obra estava ligada, assim como uma memória coletiva.

O resultado do restauro do Museu do Pão apresenta-se positivo, juntamente com as readaptações que ocorreram para adequá-la em sua atual função, sendo fundamental para revitalizar e conservação. Dessa forma, nota-se que seu caráter original foi preservado, de forma que o novo não conflitasse com o existente, estabelecendo uma ligação entre ambos. Devido a isso, foi possível resgatar e potencializar o Museu e prosseguir em sua utilização e propagação da história contada desde o final do século XIX.

Sendo assim, chega-se à conclusão que para a restauração da obra ser bem sucedida, se faz necessário não ocultar a sua verdadeira identidade histórica, evitando uma historicidade falsa, pois cada obra possui sua autenticidade de época, de matéria e de tectônica. Porém, para prevenir todo esse processo, é de suma importância a obra ser protegida por uma restauração preventiva, antes que se chegue ao nível do abandono, assim como aconteceu com o Museu do Pão.

REFERÊNCIAS

BRANDI, C. **Teoria da Restauração**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BRANDI, C. **Teoria da Restauração**. Tradução de Beatriz Mugayar Kühl. Cotia - Ateliê Editorial, Coleção Artes & Ofícios, 2008.

CUNHA, C. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/03.032/3181>>. Acesso em: 2020-04-09.

DO CARMO, F (coord). **Cesare Brandi**, São Paulo, Vitruvius, fev. 2016 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.189/5946>>. Acesso em: 2020-04-08.

Museu do Pão. **ArchDaily Brasil**. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/8579/museu-do-pao-moinho-colognese-brasil-arquitetura>> Acesso em: 2020-04-15.

Museu do Pão. **Prefeitura Municipal de Ilópolis**. Disponível em: <<http://www.ilopolis-rs.com.br/siteantigo/site/pagina.php?id=15>> Acesso em: 2020-04-15.

Museu do Pão. **Projeto Designs**. Disponível em: <<https://www.arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/brasil-arquitetura-10-04-2008>> Acesso em: 2020-04-15.

RUFINONI, M. **Cesare Brandi e as Preexistências Urbanas**. São Paulo: Unifesp, 2018.

PAISAGENS RURBANAS: AS RELAÇÕES SOCIAIS NO ESPAÇO PÚBLICO DOS POVOADOS RURAIS DE DOM BASÍLIO – BA

Tiago Bonfim Dias, Victor Martins De Aguiar, Yeda Ruiz Maria

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: tiagobonfimdias57@hotmail.com

RESUMO

O espaço público é um palco de manifestações e apropriações que articulam interesses e esforços sociais envolvendo usuários com desejos e intenções distintas. É importante salientar que essas exteriorizações mesmo quando intuídas e adaptadas não implicam, necessariamente, em inadequação de uso ou indícios de marginalidade; podem, ao contrário indicar criatividade e capacidade de melhor aproveitamento das infraestruturas públicas e fornecer subsídios para futuras intervenções. Essas introjeções pelos utentes reforçam o conceito de estruturação dos espaços públicos contemporâneos, revelando a necessidade de flexibilização. A função essencial do espaço público é amparar os usuários nos diversos usos, oferecendo o suporte em infraestrutura e a possibilidade de transformação de acordo com o surgimento de novas demandas. Visto isso, esta pesquisa buscar analisar as apropriações da praça do Povoado de Lençóis no município de Dom Basílio – BA, espaço público implantado defronte à Igreja de Nossa Senhora Aparecida. O objeto em estudo é o único espaço de uso coletivo da população que reside neste povoamento distante 15,8 Km da área urbana. A praça nos últimos anos encontra-se abandonada, devido a sua enrijecida organização espacial não condizente as novas demandas de uso. O histórico vínculo religioso do espaço também contribui para o declínio das relações de uso e pertencimento dos moradores. Dessa forma, os levantamentos analíticos e as observações espaciais subsidiaram a composição do entendimento para com o espaço, complementando com revisão bibliográfica e documental.

Descritores: apropriação, espaço público, praça, urbano, Dom Basílio – BA.

RURBAN LANDSCAPES: SOCIAL RELATIONS IN THE PUBLIC SPACE OF RURAL PEOPLE IN DOM BASÍLIO – BA

ABSTRACT

The public space is a stage for manifestations and appropriations that articulates interests and social efforts involving users with desires and distinct intentions. It is important to emphasize that these exteriorizations, even when intuited and adapted, do not necessarily imply in inappropriateness use or signs of marginality; on the other hand, it can indicate creativity and the capacity to make better use of public infrastructure and provide subsidies for future interventions.

These introjections by users reinforce the concept of structuring of the contemporary public spaces, revealing the necessity of flexibility. The essential function of the public space is to compare users of different uses, offering support in infrastructure and the possibility of transformation according to the emergence of new demands. There fore, this research seeks to analyze the appropriations of the Praça do Povoado de Lençóis in the municipality of Dom Basílio - BA, public space implanted in front of the Church of Nossa Senhora Aparecida. The object under study is the only space for collective use by the population residing in this settlement, which is 15,8 km away from the urban area. The square in recent years has been abandoned, due to its stiff spatial organization not consistent with the new demands for use. The square in recent years has been abandoned, due to its stiff spatial organization not in line with the new usage demands. The historical religious link of the space also contributed to the decline in the use and participation of residents. Analytical surveys and spatial interventions support a composition of understanding for the space, complementing the bibliographic and documentary review.

Keywords: appropriation, public space, square, urban, Dom Basílio - BA.

INTRODUÇÃO

Os espaços públicos e privados compõem o território das cidades e, no contexto urbano os locais de acesso restrito constituem uma parcela significativa da malha citadina. A cidade pulsa pelo o que acontece além dos muros; o barulho, o trânsito, as pessoas, o comércio, a rua, as praças, os jardins ou outros lugares que estruturam parte da esfera pública. Estes espaços, portanto, são ocupados por diferentes indivíduos, em diversas horas do dia e com apropriações distintas; usos que são essenciais para a vivência urbana e socialização (MATOS, 2010).

As questões que permeiam a reflexão crítica sobre o espaço urbano ultrapassam as adversidades do desenho e do planejamento espacial como ferramentas técnicas de gerenciamento e soluções dos inúmeros problemas urbanos. Questões de identidade, cidadania, memória, afetos, gênero, relações, lutas por direitos sociais, etc., constroem o viver urbano; todos esses fenômenos presentes na vida da cidade acabam estruturando uma malha de relações complexas, onde o direcionamento do olhar contemporâneo se volta a refletir sobre como articular essas dinâmicas (TINOCO, 2017).

O espaço público é o espaço da sociedade, o espaço político como refere Hannah Arendth (2007) e nestes contornos é necessariamente um espaço simbólico. Assim, Narciso (2009, p. 272) explica:

Não se decreta a existência de um espaço público da mesma maneira que se organiza eleições. Constata-se a sua existência. O espaço público não é da ordem da vontade. Simboliza, simplesmente, a realidade de uma democracia em ação, ou a expressão contraditória das informações, das opiniões, dos interesses e das ideologias.

No âmbito urbano o espaço público tem uma função e pressupõe um uso, essa relação entre lugar físico e usuário está ligada com a organização espacial que pode potencializar ou inibir práticas capazes de amparar as imprevisibilidades da vida cotidiana. Na contemporaneidade essa convivência não se dá somente em função das dimensões objetivas dos indivíduos, mas, sim, incorporam cada vez mais aspectos subjetivos que abrangem a dimensão simbólica dos espaços, isto é, também passam a serem utilizados pela sua imagem, qualidade e conforto (MATOS, 2010).

Os espaços públicos definem-se como cenários de atividade e comportamento, isto é, como locais que estimulam ações e comportamentos espontâneos e a assistência ou participação nestes acontecimentos, como por exemplo, o simples passeio, o encontro com a natureza, descansar, brincar, jogar, o encontro com os amigos, o encontro com os outros, o "ver e ser visto" (MATOS, 2010, p. 21).

A apropriação do espaço público, desta maneira, envolve a interação recíproca entre usuário-espaço, onde, o utente se posiciona na conformação e modelagem dos lugares, de acordo com suas necessidades e desejos dentro do seu contexto social. Na contramão, o espaço ampara e acolhe os usos em uma relação mútua, a partir desse vínculo as pessoas e grupos encontram, ou não, sua identidade e pertencimento nos diversos lugares em que vivem (NARCISO, 2009).

A interatividade entre a vida na cidade e o espaço público é um campo complexo e efêmero, entender este universo não consiste apenas em trabalhar com as discussões sobre forma e espaço. Compreender essa gama de relações extrapola o campo técnico das respostas projetuais exigindo uma análise direcionada para a dinâmica efervescente que acontece além dos muros, deste modo, Gehl (2018, p. 02) explica:

O espaço público é entendido como ruas, becos, edifícios, praças, frades (obstáculos verticais delimitantes) ou balizas, tudo o que possa ser considerado parte do ambiente construído. A vida na cidade também deve ser entendida, no sentido mais amplo, como tudo o que acontece entre as edificações, na ida e na volta da escola, nos terraços, com as pessoas sentadas, em pé, caminhando, pedalando, etc. É tudo que podemos observar quando saímos à rua [...]

O espaço urbano é estruturado por uma comunidade humana e um meio físico em contínua interação e mutação, porém a linha fronteira entre os espaços rurais e urbanos cada vez mais se esmaece. Enquanto, as cidades tomam proporções territoriais aceleradas, dificultando o discernimento dos seus

limites, no contexto rural as confrontações e delimitações são demarcadas com clareza, evidenciando o vínculo entre público e privado (SILVA, 1997).

A oposição entre o rural e o urbano sinalizando um espaço desatualizado e o outro atualizado não tem efeito na contemporaneidade, visto que, são notáveis os processos de urbanização nos povoados rurais. Aspectos urbanos já estão presentes nos lugares mais afastados da vida citadina, evidenciando a composição de espaços que compartilham paisagens cada vez mais híbridas; a urbanização das estradas, o funcionamento do transporte público e escolar, assim como o acesso às redes de comunicação como: televisão, rádio e internet (MOREIRA, 2018). Com a ampliação e a intensificação das redes de transporte e de informação, aliada as transformações no campo do trabalho, intrincou-se a identificação das características socioculturais que correspondem à noção de uma ruralidade (SOUZA, 2009).

As complexas relações sociais no campo evidenciam fluxos culturais, além da forte presença de elementos antes vistos na cidade, conduzindo para uma ruptura das concepções essencialistas, que o colocam em oposição ao urbano. Na análise tradicional o rural e o urbano foram compreendidos como lugares distintos, onde um se apoiava no crescimento da industrialização-capitalista e o outro no antigo modo de conduzir a vida produtiva com costumes e hábitos entendidos como rudimentares (MOREIRA, 2018).

Nas cidades ocidentais a praça consiste em um elemento morfológico, com distinção espacial de outros espaços citadinos; dentro do traçado urbano estes espaços são resultados de alargamentos ou confluências da organização espacial e intencionalidade do desenho. A praça admite o desejo de um desenho formal anexado com o atendimento a um programa de necessidades específico, sendo assim, a praça assume o lugar com o objetivo do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas e manifestações sociais (LAMAS, *s/d apud* MENDONÇA, 2007, p. 298).

A investigação e análise desta pesquisa reconhece que os espaços públicos contemporâneos estão em constante mudança, não sendo suficiente mais apenas prover infraestrutura que acolha as necessidades cotidianas; os mobiliários, a iluminação, a arborização, os caminhos e acessos são essenciais, contudo, isolados não alcançam a completude das subjetividades presentes nos usos atuais. Compreender a esfera pública como um campo plural deve ser o posicionamento preliminar diante de qualquer intervenção urbana (TINOCO, 2017). A partir de este olhar, esta pesquisa propõe analisar a apropriação, o estado de abandono e o não uso da única praça do povoado de Lençóis no município de Dom Basílio – BA.

MÉTODOS

Esta produção científica foi construída com base na revisão bibliográfica e documental, possibilitando, desta forma, o entendimento de conceitos teóricos e práticos pertinentes ao trabalho. A compreensão da pesquisa permeou as discussões sobre a esfera pública, examinando a vida coletiva nos espaços públicos do meio urbano e rural, além de analisar a dinâmica urbana que se manifesta com traços similares na paisagem do meio rural. Todas as fundamentações necessárias para a percepção do conteúdo circundaram na praça do Povoado de Lençóis no município de Dom Basílio – BA. Primordialmente foram realizadas pesquisas bibliográficas e na internet acerca do processo histórico do sítio de implantação da praça, explorando os percursos e as camadas adquiridas ao longo de sua existência espacial.

Através de diálogos informais com moradores do povoado, foi possível traçar uma linha de compreensão do espaço, acerca da sua relação com os usuários e das conformações adquiridas ao longo do tempo. Também houve investigações no acervo teórico do professor Róbson Bonfim de Caires, professor com formação em História, que realiza pesquisas sobre a história de Dom Basílio – BA. Esse adensamento de repertório trata-se de uma ferramenta empírica, que busca perceber as questões objetivas e subjetivas da pesquisa, dentre elas: a relação do símbolo religioso com o espaço público, o vínculo entre os usuários e a praça na forma de se apropriarem, o desuso atual, e outros elementos relevantes.

As análises *in loco* sofreram readequações por conta da pandemia de COVID-19, o isolamento social impossibilitou atividades presenciais e observações das dinâmicas sociais no objeto de estudo. Contudo, alguns levantamentos na praça foram realizados anteriormente a pandemia e foram acrescidos da própria experiência e vivência no local. Este convívio permitiu conceber experiências e interações sólidas para a formulação de concepções sobre o lugar.

Essas observações foram integradas com registros fotográficos que amparam a visualização e a interpretação das informações descritas. Vale destacar, que as fotografias foram editadas no software *CorelDraw* com a finalidade de enfatizar os elementos significativos para o estudo desta pesquisa. Somado as fotografias, foram desenvolvidas representações gráficas (mapas) operadas digitalmente no programa *AutoCad* e tratadas posteriormente no software *CorelDraw*.

RESULTADOS

Dom Basílio é uma cidade do sudoeste do interior baiano, distante 609 Km da capital Salvador (Figura 01), com 11.355 habitantes, segundo o último censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). O município situa-se aos pés da Chapada Diamantina, região de serras, cachoeiras e encoberta pela caatinga, vegetação típica do sertão nordestino.

Figura 01. Localização da cidade de Dom Basílio no Estado da Bahia.



Fonte: Arquivo dos autores, 2020.

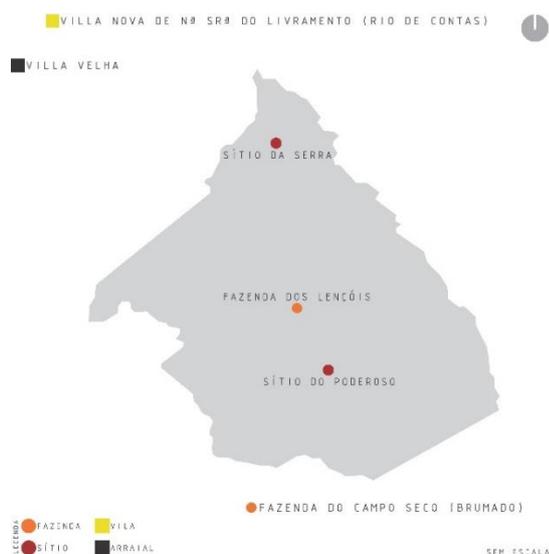
A ocupação territorial do Alto Sertão da Bahia ocorreu nas primeiras décadas do século XVIII, este apossamento derivou-se da descoberta de ouro por bandeirantes paulistas. O povoamento de esse sítio ainda desconhecido teve início em 1715, com a criação do primeiro agrupamento citadino da região, onde atualmente está localizada a cidade de Livramento de Nossa Senhora distante 23,2 Km do núcleo urbano de Dom Basílio. No início do século XVII o cenário de ocupação das terras banhadas pelos Rios Brumado e Paramirim era intenso, vale ressaltar, que essa colonização fez emergir inúmeras propriedades especializadas na criação de gado e na policultura de subsistência (CAIRES; CAIRES, 2018).

Na área, hoje compreendida como município de Dom Basílio, foram assentadas várias famílias, na qual o destaque, talvez pelo pioneirismo, fica por conta dos fundadores da “Casa Grande dos Lençóis”, Francysco d’Oliveira. Este primeiro desbravador construiu uma imponente “Fazenda”, com extensas faixas de terra, abrangendo todo o Vale do Brumado. Neste período histórico, Lençóis era formado por dois grandes sítios de arrendatários, foram eles; Serra e Poderoso. O Sítio da Serra foi destinado ao posseiro Manoel de Lima Cerqueira, que morreu em 1750 [...] Todos os moradores do Sítio Lençóis, com casa de morada na Serra, viviam da mineração, da criação de gado e de uma agricultura de subsistência [...] (CAIRES; CAIRES, 2018, p.35-36).

A Fazenda dos Lençóis esboçou seus primeiros passos através da iniciativa da família d’Oliveira, com gênese genealógica em Portugal e carregada de tradições judaicas; somando com traços mouras e ciganos. Esta família integrou um acentuado processo de ocupação dos sertões baiano nos primórdios do século

XVIII, a possessão do perímetro da Fazenda dos Lençóis compreendia toda a região, dispondo em seu domínio os Sítios da Serra e do Poderoso (Figura 02), dois relevantes sítios formados por famílias de agregados e posseiros da Casa Grande dos Lençóis (CAIRES; CAIRES, 2018).

Figura 02. Os domínios territoriais da Fazenda dos Lençóis em meados do Século XVIII.



Fonte: (CAIRES; CAIRES, 2018, p.21). Editado pelos autores, 2020.

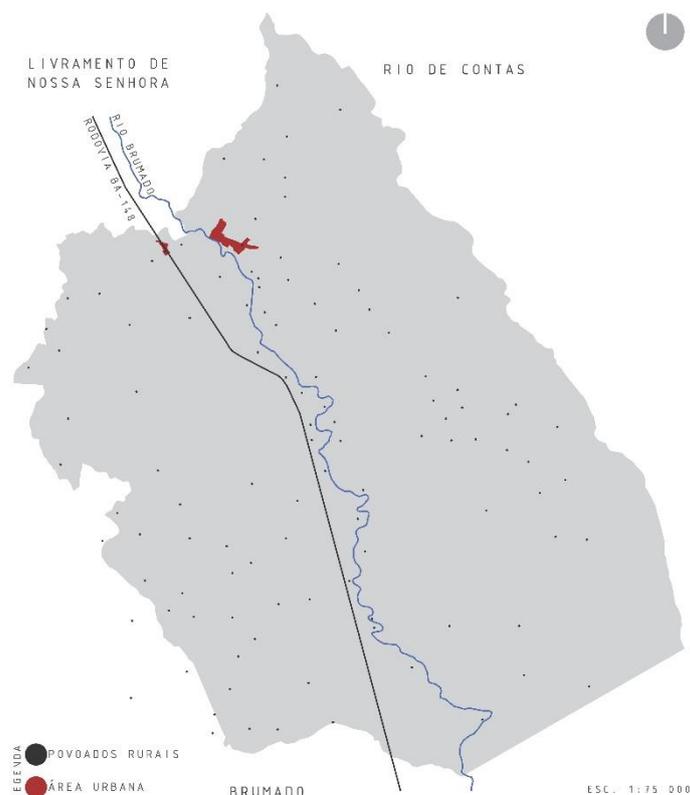
Por volta do ano de 1765 os Guedes de Brito nomearam o fidalgo português Capitão Joaquim Pereira de Castro para cuidar e organizar suas terras, que na época eram detentores de grandes propriedades de terra no interior baiano. Foram designados poderes ao mestre de campo no gerenciamento de assentamentos formados por famílias de agregados que residiam na área, e, essa atribuição fez com que o procurador dos Guedes de Brito ancorasse sua residência na Vila Velha, atual Livramento de Nossa Senhora (Figura 02). Tal designação conferiu poderes ao mestre de campo de desencadear um processo de fragmentação do território, que na época compreendia a Sesmaria do Alto Sertão da Bahia; esta segmentação ocorreu através da venda de terras, que consistia em transformar latifúndios em minifúndios familiares (CAIRES; CAIRES, 2018).

Como consequência da fragmentação territorial na organização geográfica do atual município de Dom Basílio, nos finais do século XVIII origina o processo de construção dos Currais da família d'Oliveira e Alves Pereira, principais núcleos familiares da época. A partir desse cenário surgiu a primeira nomenclatura do município de Dom Basílio, "Currallinho", influência das instalações dos currais para as fazendas de gado do local. O marco inicial da sua conformação como arraial, foi à construção da Igreja de São João Batista, erguida em 1880; padrão da identidade religiosa e cultural do pequeno povoamento. Currallinho se torna distrito da cidade vizinha Livramento de Nossa Senhora por volta de 1944, ação administrativa que altera o seu nome para Ibirocaim, denominação indígena de origem Tupi, e assim permaneceu até 1954. Posteriormente, a localidade chega então a sua terceira e última denominação, em homenagem ao Dom Frei Basílio Manoel Olímpio Pereira, natural daquelas terras. Quando somente em 05 de abril de 1962 é decretada pela Assembleia Legislativa baiana a emancipação política de Dom Basílio como município (CAIRES; CAIRES, 2018).

Atualmente, 2020, Dom Basílio tem um padrão domiciliar de 2.332 domicílios no contexto rural, em contraposição a 630 domicílios na zona urbana, de acordo com o censo demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essa territorialidade rural representa 78,73% dos domicílios existentes. As edificações residenciais rurais estão distribuídas entre os 108 povoados do município (Figura 03), na sua maioria sem infraestrutura básica, como: água encanada, rede de esgoto, espaços públicos de qualidade, comércio, saúde e educação básica; acarretando o deslocamento da população para outros

povoados com maior infraestrutura, para a cidade de Dom Basílio ou até mesmo para municípios vizinhos (IBGE, 2019).

Figura 03. Conformação geográfica dos povoados rurais e das áreas urbanas atuais do município de Dom Basílio.



Fonte: Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos da Prefeitura Municipal de Dom Basílio. Editado pelos autores, 2020.

O contexto rural do município de Dom Basílio – BA apresenta características particulares na sua forma de ocupação territorial, a maior parcela dos residentes do município está concentrada nos povoados rurais. No entanto, esse modo de apropriação espacial se opõe ao modo habitual do êxodo rural, que consiste na migração por seus habitantes do campo para o meio urbano em busca melhores condições de vida. Contudo, essa organização determina deslocamentos para a cidade em busca de serviços e atividades essenciais, ou seja, os moradores da zona rural não trocam o seu endereço para a zona urbana, exceto raras exceções.

Neste sentido, observa-se a ausência ou diminuição de espaços típicos do modelo rural tradicional, e verifica-se o surgimento de espaços com paisagens híbridas, pois assumem características urbanas. O estudo da praça da igreja de Nossa Senhora Aparecida no povoado de Lençóis, enfatiza a importância de espaços públicos com qualidade na infraestrutura e que atendam as necessidades cotidianas no intuito de minimizar os deslocamentos para a cidade. Vale destacar a relevância de potencializar usos existentes e possibilitar novas formas de apropriações desses espaços, considerando as peculiaridades e necessidades de cada comunidade rural.

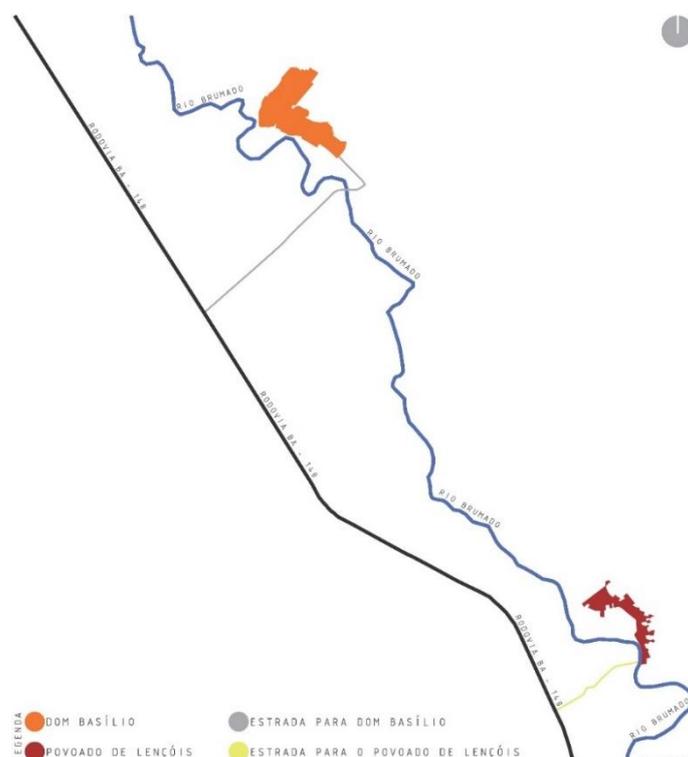
DISCUSSÃO

O povoado de Lençóis integra a malha rural de Dom Basílio, e, é um povoamento que carrega um peso histórico relevante, por ter sido um dos primeiros lugarejos habitados pelos precursores da história do município (CAIRES; CAIRES, 2018). Em relação ao contexto urbano, Lençóis está afastado 15,8 Km (Figura

04), então, alguns moradores realizam esse deslocamento com veículos particulares e a outra parcela em maior número se locomove em veículos coletivos, como: van, ônibus e nos caminhões “pau de arara”.

Este tráfego é realizado com frequência pelos moradores para que possam ter acesso ao comércio, serviços de saúde e educação, além de outras necessidades cidadinas. Alguns povoados do município dispõem de pequenas instalações que oferecem produtos utilizados no cotidiano das famílias, como: alimentos, produtos de limpeza, utensílios, remédios básicos, dentre outros produtos. Portanto, o deslocamento até a cidade fica restrito apenas para a realização de atividades com certo grau de complexidade.

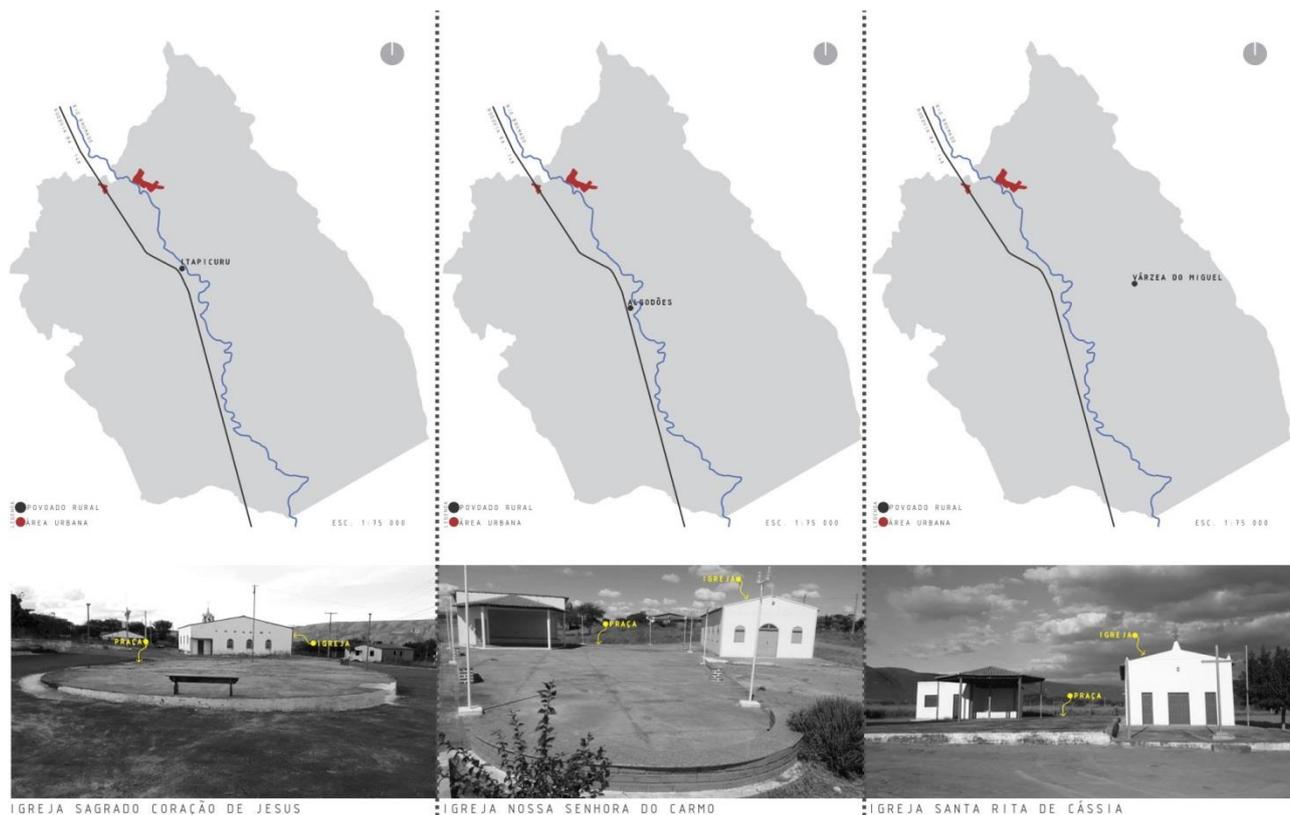
Figura 04. Localização geográfica da cidade de Dom Basílio e do Povoado de Lençóis.



Fonte: Arquivo dos autores, 2020.

Uma grande parcela dos povoados que compõem o contexto rural do município possui dentro do seu território de domínio a implantação de uma igreja, e, essa característica também está presente no meio urbano, portanto, são símbolos que carregam simbolismo e história entre os moradores. Essa representação religiosa catalisa na sua inserção a implantação de uma praça como amparo das atividades religiosas, ou seja, este espaço de uso coletivo não é concebido isoladamente; e além dessas condicionantes representa o único espaço de uso coletivo do povoamento. Notam-se essas peculiaridades na seleção de três povoados, são eles: Itapicuru, Algodões e Várzea do Miguel (Figura 05).

Figura 05. Localização geográfica, igreja e praça dos povoados de Itapicuru, Algodões e Várzea do Miguel.



Fonte: Imagens cedidas por Luiz Eduardo Neves Caires. Mapas arquivos dos autores, 2020.

É possível perceber que as características espaciais da praça dos três povoados rurais, possuem características semelhantes, aproximando de um modelo replicável sem analisar o local de implantação. Esta metodologia projetual direciona o uso dos espaços públicos para um horizonte de pouca identidade e nota-se uma limitada infraestrutura nos espaços públicos dos povoados apresentados acima, onde as praças contemplam alguns bancos e uma restrita iluminação pública, e no caso do povoado Algodões e Várzea do Miguel, observa-se a adição de uma pequena área coberta, um palco elevado e um depósito de materiais.

Diante desta verificação a fundamentação de Tinoco (2017) evidencia as questões que permeiam a reflexão crítica sobre o espaço coletivo, reconhecimento que ultrapassa as adversidades do desenho e do planejamento espacial como ferramentas técnicas de gerenciamento e soluções dos inúmeros problemas físicos do espaço. Questões de identidade, cidadania, memória, afetos, gênero, relações, lutas por direitos sociais, etc., constroem o viver coletivo; todos esses fenômenos presentes na vida social dos espaços públicos acabam estruturando uma malha de relações complexas, onde o direcionamento do olhar contemporâneo se volta a refletir sobre como articular essas dinâmicas.

Assim como uma grande porção dos povoados rurais de Dom Basílio, Lençóis possui um símbolo religioso de grande representatividade no lugarejo. Construído na década de 1970 tem como padroeira Nossa Senhora Aparecida, local que nos dias de 03 a 12 de outubro de todos os anos transpira fé e devoção, por conta dos festejos religiosos. Algumas atividades religiosas são realizadas na praça pública por conta do grande volume de devotos, como a missa da padroeira, comemorada no dia 12 de outubro de todos os anos (Figura 06).

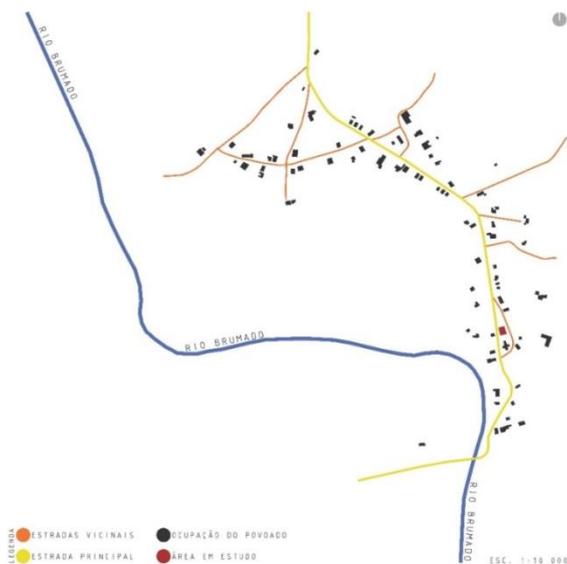
Figura 06. Missa em comemoração aos festejos de Nossa Senhora Aparecida no povoado de Lençóis.



Fonte: Imagem cedida por Tiago Soares. Editada pelos autores, 2020.

Defronte à igreja no ano de 1999 foi implantada uma praça com a finalidade de estruturar algumas atividades religiosas, objeto de estudo desta pesquisa (Figura 07). A implantação da Igreja, e posterior a da praça, estão as margens da estrada principal do povoado na porção sul, facilitando o acesso e assumindo o papel de marco visual. Este espaço público aparece em diversos povoados rurais com a mesma característica apresentada no povoado de Lençóis, isto é, a praça surge vinculada com o símbolo religioso. Esta peculiaridade concentra a vitalidade de uso do local, apenas na data dos festejos da padroeira, permanecendo sem uso intenso o restante do ano.

Figura 07. Ocupação territorial atual do povoado de Lençóis e a localização da Praça da Igreja Nossa Senhora Aparecida.



Fonte: Arquivo dos autores, 2020.

Conforme Lynch (1960) os marcos visuais são singulares no seu contexto de inserção, esse resultado pode ser alcançado de duas formas: visibilidade a partir de vários pontos ou no contraste local com os elementos mais próximos. A igreja do povoado de Lençóis compõe a paisagem rural com distinção do padrão construtivo residencial local (Figura 08), o pé direito duplo, o sistema de esquadrias, o campanário e o seu desenho formal são elementos que evidenciam a oposição com o seu entorno.

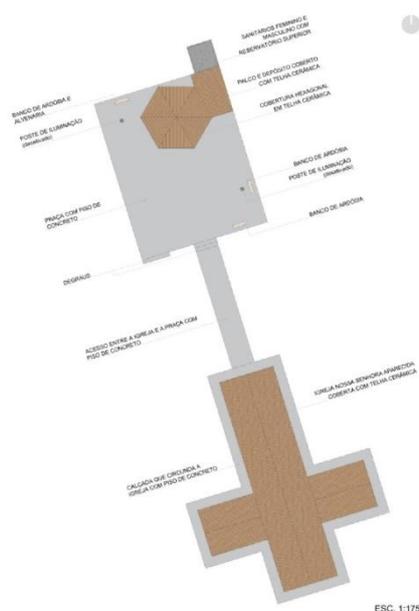
Figura 08. Relação da Igreja Nossa Senhora Aparecida com o seu entorno imediato de Lençóis.



Fonte: Arquivo dos autores, 2020.

O entorno imediato da praça não contempla inúmeras residências, e, a arquitetura da igreja de Nossa Senhora Aparecida ganha destaque através do grande campo visual que o arredor propicia. O acesso para a igreja e a praça é realizado pela estrada principal do povoado, que é de terra, e liga este a rodovia BA – 148. A praça da igreja não sofreu muitas intervenções ao longo da sua existência, e, apresenta uma cobertura hexagonal, um pequeno palco coberto, sanitários masculino e feminino, um depósito, 3 (três) bancos e 2 (dois) postes desativados (Figuras 09 e 10).

Figura 09. Planta baixa da praça da igreja Nossa Senhora Aparecida com as especificações da sua infraestrutura.



Fonte: Arquivo dos autores, 2020.

Figura 10. Infraestrutura da praça da igreja Nossa Senhora Aparecida do povoado de Lençóis.



Fonte: Imagens cedidas por Luiz Eduardo Neves Caires. Editadas pelos autores, 2020.

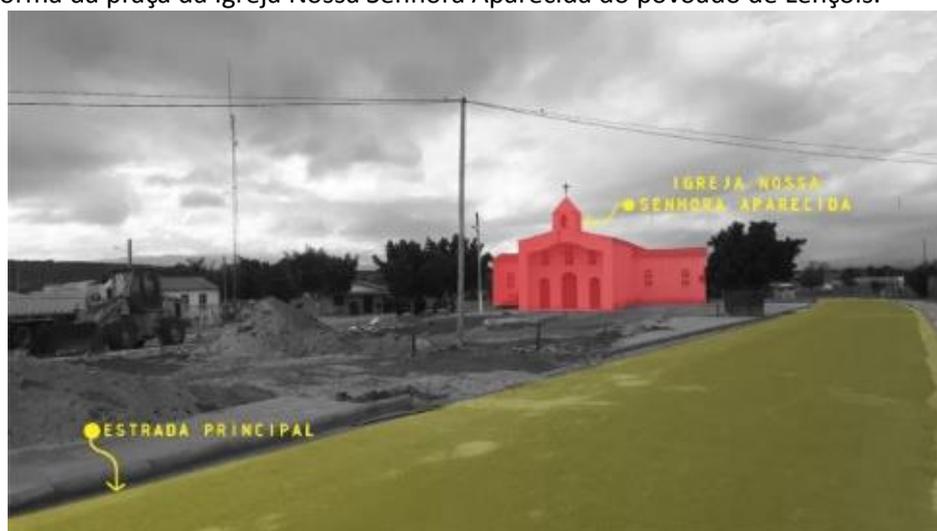
Sua infraestrutura precária, desse modo, não mais ampara as necessidades atuais de uso das famílias, essa ausência de atrativos acarretou o desuso do local. Para as famílias que residem no povoado a praça é o único espaço de troca coletiva, portanto, as relações se revelam importante para qualidade de vida no meio rural.

Esta organização espacial rígida que a praça é dotada, não ampara os usos que surgem e se transformam de acordo com as necessidades das famílias que residem no povoado, desta forma, o local de encontro e trocas coletivas se restringe ao espaço privado de cada residência. Contudo, é imprescindível para o espaço público acompanhar a mutação das apropriações realizadas pelos usuários, isto é, proporcionar vínculo e pertencimento das pessoas para com o lugar.

É importante ressaltar, que o levantamento analítico do lugar de inserção da praça oferece informações que promovem o entendimento sobre as particularidades deste espaço. Estas referências são subsídios que revelam o processo histórico, o público dominante, as atividades executadas na comunidade, as necessidades específicas, etc. Todo esse material constrói um perfil que auxilia na tomada de decisões projetuais que possam ser realizadas no local.

Atualmente a praça do povoado de Lençóis está num processo de revitalização realizada pela Prefeitura Municipal de Dom Basílio. A reforma iniciou em agosto de 2020, com os serviços de demolição da infraestrutura existente (Figura 11). Anterior a reforma da praça, a Prefeitura Municipal executou a pavimentação asfáltica da estrada principal do povoado, além de construir as calçadas margeando toda a extensão da estrada. Os serviços foram finalizados em outubro de 2019, e alteraram o traçado e a paisagem do povoado rural.

Figura 11. Reforma da praça da Igreja Nossa Senhora Aparecida do povoado de Lençóis.



Fonte: Imagem cedida por Luiz Eduardo Neves Caires. Editada pelos autores, 2020.

É importante evidenciar que assim como em diversos povoados rurais do município, no povoado de Lençóis possuem moradores que fabricam alguns produtos alimentícios e cultivam determinados frutos e

hortaliças (Figura 12). Esses produtos são comercializados em feiras livres na cidade de Dom Basílio e também em cidades vizinhas. Essas atividades típicas do meio rural, possuem potencial para serem estimuladas no formato de feira livre na praça do povoado, proporcionando desta forma, a interação e a dinâmica local.

Figura 12. Produtos fabricados e cultivados pelos moradores do povoado de Lençóis.



Fonte: Imagem cedida por Sinval Rodrigues Dias. Editada pelos autores, 2020.

CONCLUSÃO

Dentro do traçado espacial as praças possibilitam o desenvolvimento de diversas práticas e manifestações sociais, essas atividades recebem transformações de acordo com o surgimento de novas formas de apropriar-se do espaço. Essas experiências acabam refletindo na organização física dos equipamentos da praça, ou seja, como uma via de mão dupla elas podem potencializar ou minimizar as apropriações.

A praça do povoado de Lençóis no município de Dom Basílio-BA carrega vínculos históricos e religiosos para os moradores da comunidade, por conta do seu sítio de implantação no povoado e da relação direta com a igreja Nossa Senhora Aparecida. Esta conexão com o símbolo religioso surgiu posteriormente, como extensão para algumas atividades realizadas pela igreja. Contudo, a rigidez do mobiliário e dos elementos que compõem a praça, possivelmente ocasionou o processo de desuso do espaço.

A decadência de uso da praça e a degradação dos materiais construtivos, impulsionou a Prefeitura Municipal de Dom Basílio a realizar uma reforma, em 2020, que potencialize a materialidade do espaço, e que proporcione qualidade de vida para a população do povoado de Lençóis. Entretanto, vale salientar que a concretização da reforma objetiva melhorar exclusivamente a infraestrutura da praça, no que diz respeito aos: mobiliários, calçamento, acessos, sanitários, iluminação e proteção contra sol e chuva.

A revitalização dos componentes que oferecem suporte para a utilização da praça, possui relevância, porém, este tipo de resposta projetual não é suficiente para proporcionar outros usos; essas novas apropriações são importantes para manter a continuidade da praça, afim de que ela não entre em desuso. Outro ponto de atenção é a análise sobre o contexto do povoado e o entorno de implantação da praça; estes estudos são antecedentes ao projeto, como contribuição para o embasamento das decisões em projeto.

Portanto, a praça pressupõe um desenho formal que ampare a imprevisibilidade da vida; isto é primordial para a vitalidade do espaço público. A praça como lugar de efervescência da vida coletiva, é fundamental que ofereça suporte para novas demandas de uso, como: feiras-livres com produtos locais, eventos culturais, atividades recreativas, etc. Essa malha de interações e mutações entre o meio físico e o usuário, constituem os espaços público contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. A condição humana. 10° ed. Rio de Janeiro: Ed. **Forense Universitária**, 2007.

CAIRES, R. B; CAIRES, R.B. **A Casa Grande dos Lençóis** - Relações familiares entre o Capitão Calisto e o Major do Maranhão (Dom Basílio no Século XIX). 1. ed. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia – EGBA, 2018.

GEHL, J; SVARRE, B. **A vida na cidade: como estudar**. 1° ed. – São Paulo: Perspectiva, 2018.

IBGE Cidades – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **História e Censo demográfico do município de Dom Basílio – BA.** Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/dombasilio/pesquisa/23/25207?tipo=rankig>>. Acesso em: 14 jul. 2019.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Cambridge: The M.I.T. Press, 1960.

MATOS, F. L. Espaços Públicos e qualidade de vida nas cidades – O caso da cidade Porto. **Observatorium**, Uberlândia, v. 2, n. 4, p.17-33, 2010.

MENDONÇA, E. M.S. **Apropriações do espaço público: alguns conceitos**. Estudos e pesquisas em psicologia, UERJ, RJ, v. 7, n. 2, p. 296-306, ago. 2007.

MOREIRA, M. S. Cartografia em um contexto urbano: análise da religião evangélica em Paracambi – RJ. **Revista AMAzônica**, Belém, v. 22, n. 2, p. 8-29, 2018.

NARCISO, C. A. F. **Espaço público: ação política e práticas de apropriação. Conceito e procedências**. Estudos e pesquisas em psicologia, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 265-291, 2009. <https://doi.org/10.12957/epp.2009.9102>

SILVA, J. G. O novo rural brasileiro. **Nova Economia**, p. 43-81, v.7, maio de 1997. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaeconomia/article/view/2253/1193>. Acesso em: 18 de ago. 2020.

SOUZA, G. B. Paisagens rurbanas: a tensão entre práticas rurais e valores urbanos na morfogênese dos espaços públicos de sedes de municípios rurais. Um estudo de caso. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia, v. 21, n. 2, p. 181-192, 2009. <https://doi.org/10.1590/S1982-45132009000200012>

TINOCO, P. **Poéticas da cidade e o conceito de espaço público**. 2017. 129 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PROJETO ARQUITETÔNICO DE UM CENTRO DE ESPORTE E LAZER PARA O BAIRRO JOÃO DOMINGOS NETO EM PRESIDENTE PRUDENTE – SP: MEIO DE INTEGRAÇÃO SOCIAL ATRAVÉS DO ESPORTE.

Maria Laura Silva Rato

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: laurinhah.100@hotmail.com

RESUMO

O trabalho tem como proposta um Centro de Esporte e Lazer para um dos novos bairros implantados na cidade de Presidente Prudente, o Conjunto Habitacional João Domingos Neto. O mesmo foi entregue para os moradores sem muitos equipamentos urbanos para usos e um deles, trata-se de um espaço em que os moradores possam realizar e se sentirem estimulados a praticar atividades esportivas e de lazer, sendo assim, objetiva-se uma proposta projetual de um espaço onde o esporte sirva como meio de integração e ascensão social principalmente para os jovens do local, já que a criminalidade é um dos principais caminhos para eles atualmente, portanto, é utilizado levantamentos bibliográficos e documentais de autores como, Dumazedier (2000) e Marcellino (1998), além de análises realizadas no local e no entorno que ajudaram no direcionamento do projeto.

Palavras-chave: Arquitetura esportiva. Centro esportivo. Esporte e inclusão social. Conjunto Habitacional Jardim João Domingos Neto.

ARCHITECTURAL PROJECT OF A SPORT AND LEISURE CENTER FOR NEIGHBORHOOD JOÃO DOMINGOS NETO IN PRESIDENTE PRUDENTE - SP: MEDIA OF SOCIAL INTEGRATION THROUGH SPORT.

ABSTRACT

The work proposes a Sports and Leisure Center for one of the new neighborhoods in the city of Presidente Prudente, the João Domingos Neto Housing Complex. The same was delivered to residents without much urban equipment for use and one of them is a space in which residents can perform and feel encouraged to practice sports and leisure activities, thus, aiming at a project proposal of a space where sport serves as a means of integration and social ascension mainly for local youth, since crime is one of the main paths for them today, therefore, bibliographical and documentary surveys of authors such as, Dumazedier (2000) are used and Marcellino (1998), in addition to analyzes carried out on site and in the surroundings that helped guide the project.

Keywords: Sports architecture. Sport Center. Sport and social inclusion. João Domingos Neto Housing Complex.

INTRODUÇÃO

O esporte atualmente é um dos principais motivadores para o desenvolvimento social e cultural do ser humano, principalmente jovens e adolescentes, trazendo diversos benefícios para quem o realiza, sejam físicos, psicológicos, sociais, etc., além de ajudar na construção ética e moral do cidadão. Sendo um direito garantido pela Constituição Federal de 1988, juntamente com o lazer, o esporte é um grande auxiliador no combate ao mundo do crime e drogas, servindo como meio de inclusão social para os jovens, em especial o periférico (BICKEL; MARQUES; SANTOS, 2012).

Segundo Dumazedier (2000, p.32) o lazer é, qualquer que seja sua função, inicialmente, a liberação e o prazer, sendo diferenciado por três funções principais:

- ❖ Descanso: esta função tem por objetivo a liberação da fadiga, funciona como reparador de deteriorações físicas e nervosas provocadas por tensões resultantes das obrigações cotidianas e de trabalho.
- ❖ Divertimento, recreação e entretenimento: esta função liga-se à fadiga e a mesma diretamente ao tédio, sendo uma função que poderá servir como fator de equilíbrio ao cotidiano do ser humano, um meio de suportar a vida social.
- ❖ Desenvolvimento: esta função visa principalmente a personalidade do indivíduo, permitindo ao mesmo uma participação social maior e mais livre, tendo uma grande importância para o incremento da cultura popular.

Essas três funções são solidárias, estão sempre intimamente unidas umas às outras, visando proporcionar assim uma melhor qualidade de vida e um meio de fuga das obrigações cotidianas e de trabalho, já que o lazer como já dito anteriormente torna-se na maioria das vezes um momento de relaxamento e de prazer para quem o pratica.

Uma das práticas que desenvolvem como lazer é a esportiva, na qual grande parte das pessoas buscam praticá-la para o bem-estar e saúde, sendo uma alternativa de extravasar todo o estresse e tensão que o trabalho ocasiona (MARCELLINO, 1998). Contudo, ao pensar nos locais que serão realizados a atividade esportiva, se faz necessário um local apropriado e que atenda todos os públicos para a realização desta prática.

Portanto, há a necessidade de locais apropriados e seguros que possam atender e estimular esse público à prática de lazer e esporte, lugares onde se sintam confortáveis em estar e realizar as atividades, sejam elas em grupo ou individuais, locais que possuam estrutura adequada, manutenção periódica e que estejam localizados em pontos de fácil acesso, próximos às suas residências (WELD, 2011).

Desta forma, surge o interesse em desenvolver um equipamento urbano para o Conjunto Habitacional João Domingos Neto em Presidente Prudente – SP, um local com várias carências, financiado por meio do Programa Minhas Casa Minha Vida e entregue em 2015, contudo, sem contar, no momento da entrega, com equipamentos coletivos.

Devido às suas faltas, os moradores precisam deslocar-se para outras regiões da cidade para que possam atender suas necessidades. O equipamento de esporte e lazer proposto tem o intuito de servir como uma ferramenta contra a criminalidade, estimulando seus moradores através da prática esportiva e de lazer, ensinando valores importantes para os jovens e ajudando-os na construção como cidadão.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do artigo, baseia-se em levantamentos bibliográficos e documentais tendo como fonte grandes autores, sendo os principais Dumazedier (2000) e Marcellino (1998), entre outros, afim de se ter um aprofundamento sobre o tema de pesquisa.

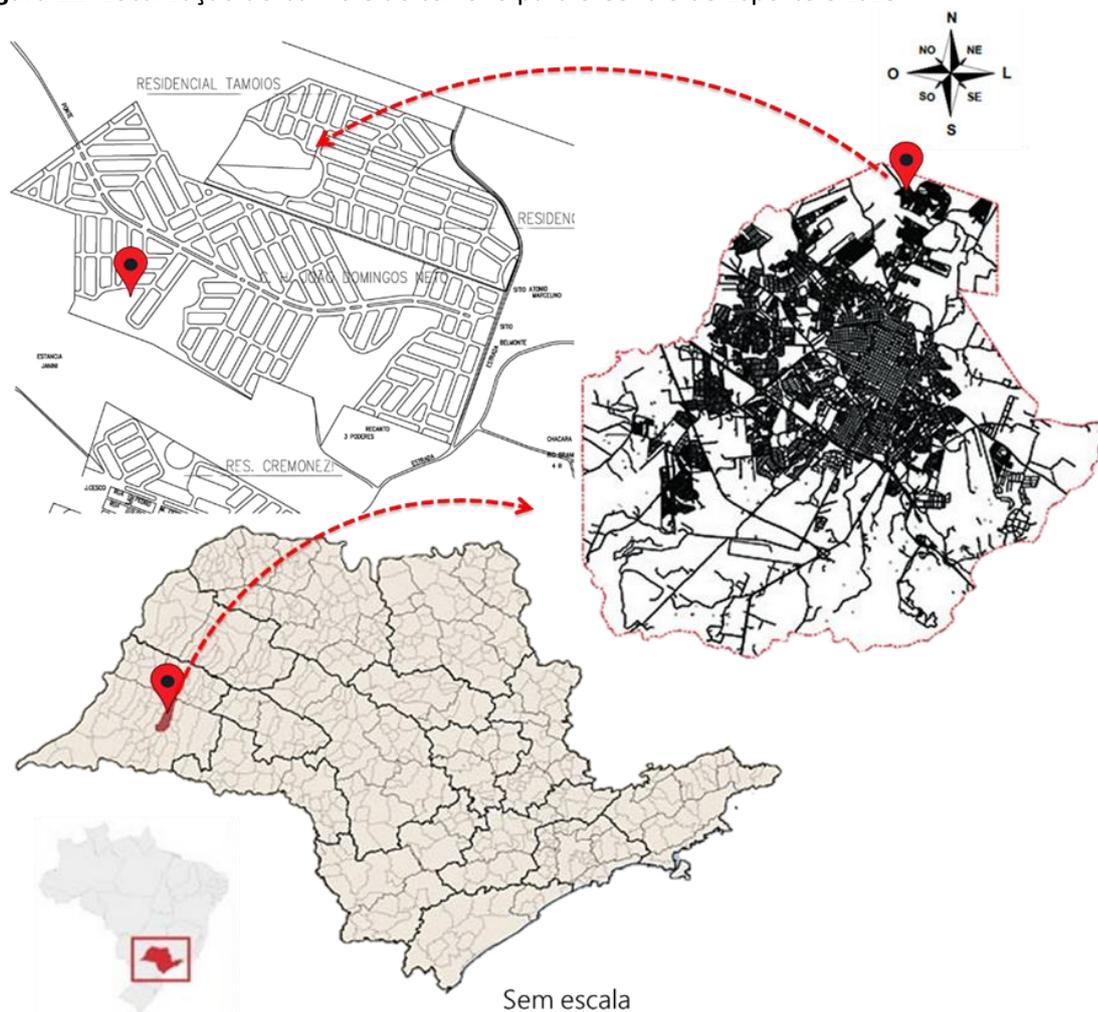
Foram realizadas também pesquisas de campo para coleta de informações sobre o local de estudo, análise socioeconômica, compreensão da necessidade de equipamentos urbanos para um bairro, análise do impacto que esses equipamentos podem trazer para a área, os benefícios éticos e morais que o mesmo proporcionará principalmente ao público jovens/adolescente, levantamentos métricos, fotográficos, etc.

A partir das informações coletadas e do estudo feito, será possível compreender como o equipamento urbano proposto irá ajudar na qualidade de vida das pessoas que residem no bairro em questão, e também um possível desenvolvimento e visibilidade para o mesmo em relação à cidade.

RESULTADOS

O Centro de Esporte e Lazer proposto encontra-se na região norte da cidade de Presidente Prudente, no Conjunto Habitacional João Domingos Neto (Figura 1), entregue para a população em 2015. O bairro faz parte do programa de interesse social Minha Casa Minha Vida do Governo Federal, conforme já citado, e atende famílias que tenham renda de até R\$ 1.800,00 (Caixa Federal, 2020), estando ainda em fase de desenvolvimento, já que foi inaugurado contando com poucas praças públicas.

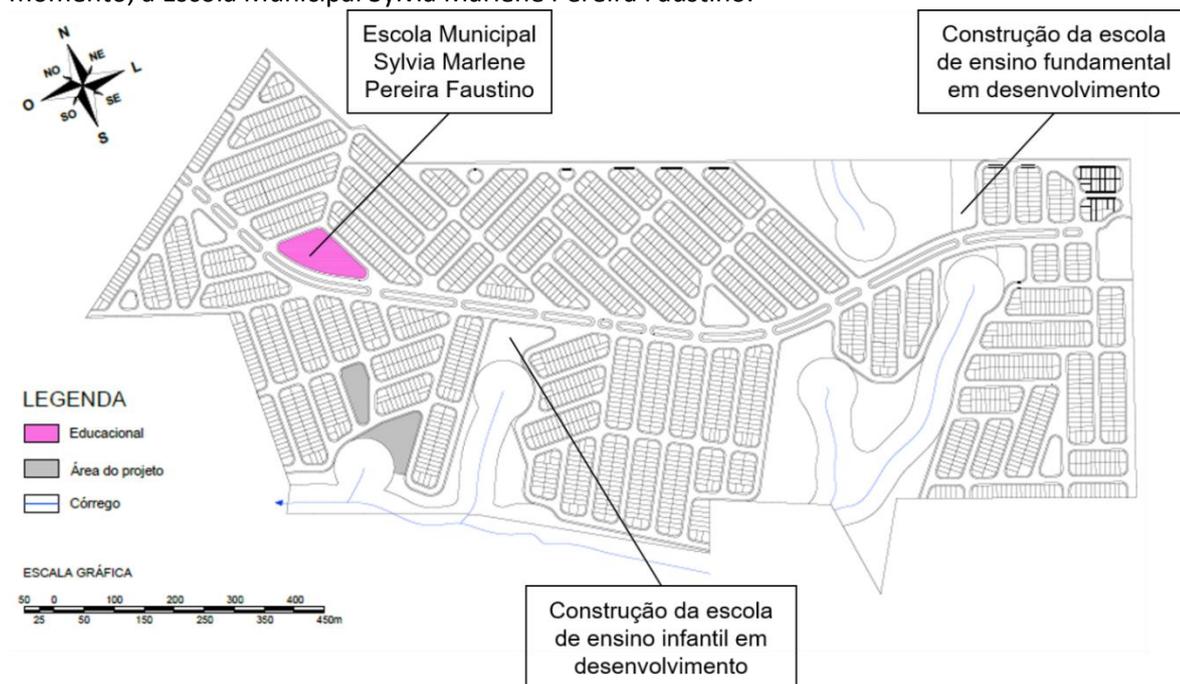
Figura 12. Localização do bairro e do terreno para o Centro de Esporte e Lazer.



Fonte: ABREU (2006). Pedro e Nunes (2012). Prefeitura Municipal de Presidente Prudente (2016). Editado por Maria Laura Silva Rato (2020). Acesso em: 06 mar. 2020.

Atualmente, o conjunto possui apenas uma escola: a Escola Municipal Sylvia Marlene Pereira Faustino, que se encontra localizada na porção oeste do conjunto, como mostra a figura 2. A escola foi inaugurada em 2016 e atende por volta de 150 crianças com idade entre 0 a 5 anos, há ainda a construção de duas novas escolas que irão atender aos ensinos infantil e fundamental, contudo, as obras encontram-se ainda em desenvolvimento.

Figura 13. Localização das áreas educacionais, com destaque a única em funcionamento no bairro até o momento, a Escola Municipal Sylvania Marlene Pereira Faustino.

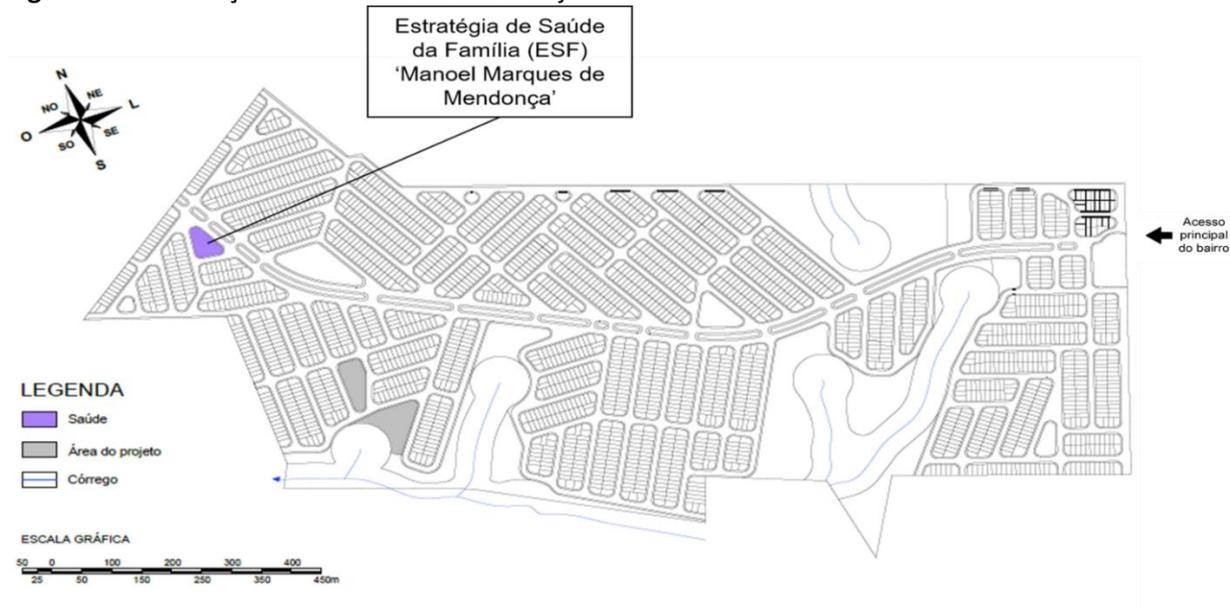


Fonte: Mayara Pissutti Albano Vieira (2019). Editado por Maria Laura Silva Rato (2020). Acesso em: 17 mai. 2020.

Quanto ao equipamento urbano referente a saúde pública, o conjunto conta com apenas um ponto de atendimento que se localiza a oeste do bairro próximo a escola municipal, localizado também na porção oeste do conjunto, estando em destaque na figura 3. O local foi inaugurado em 2016 e trata-se de uma Estratégia de Saúde da Família (ESF) 'Manoel Marques de Mendonça', e tem como objetivo a prestação de serviços básicos para os moradores.

Ao analisar a figura 3, é possível perceber que a ESF está muito distante do acesso principal do bairro (porção leste) do conjunto habitacional, o que dificulta um pouco o deslocamento das pessoas em busca de atendimento já que os horários de ônibus possuem um intervalo muito grande de um para outro, gerando a necessidade de um deslocamento a pé dependendo da necessidade do morador.

Figura 14. Localização da ESF existente no conjunto habitacional.



Fonte: Mayara Pissutti Albano Vieira (2019). Editado por Maria Laura Silva Rato (2020).
Acesso em: 17 mai. 2020.

Voltando o foco para equipamentos de esporte e lazer, o bairro possui algumas praças espalhadas por toda sua extensão, mas a maioria não oferece opções para recreação, sendo apenas uma área verde. Podemos considerar apenas três como principais pontos que a população utiliza, estando elas em destaque na figura 4.

A praça localizada à rua Maria Pelosi Cavali não oferece muitas atividades para recreação dos moradores, apenas espaços de convivência e um simples playground infantil. Já a praça do Wi-Fi, localizada bem ao centro do conjunto habitacional, oferece apenas espaços de convivência cobertos e pergolados, que possuem o intuito de proporcionar a permanência das pessoas no local para o uso gratuito de internet (VIEIRA, 2019).

Figura 15. Localização das áreas de lazer do conjunto habitacional.



Fonte: Mayara Pissutti Albano Vieira (2019). Editado por Maria Laura Silva Rato (2020). Acesso em: 17 mai. 2020.

Já a única área de lazer a proporcionar mais opções para a população é a localizada à rua Maria Creuza Caetano, e a mesma encontra-se ao lado do local onde é pensado o Centro de Esporte e Lazer, como mostra a figura 5, que irá funcionar em conjunto ao mesmo.

Figura 16. Localização do equipamento urbano ao lado do terreno onde é pensado o Centro.



Fonte: Mayara Pissutti Albano Vieira (2019). Editado por Maria Laura Silva Rato (2020). Acesso em: 17 mai. 2020.

A praça em questão oferece um espaço de convivência coberto, duas quadras de areia (uma para vôlei e outra para futebol), um playground infantil e uma academia de terceira idade com poucos aparelhos para prática, contudo, apesar de proporcionar algumas opções a mais que as outras praças, o local possui soluções projetuais que podem ser classificadas como pobres.

Sendo assim, nota-se que a população local não conta com muitas opções para a realização de atividades esportivas e de lazer, e as existentes estão em condições não adequadas para a prática, portanto, a proposta de um Centro de Esporte e Lazer para a região visa trazer esses espaços com mais opções de atividades para o bairro, sendo um ambiente em que os moradores se sintam seguros em estar e interagir.

DISCUSSÃO

O projeto do Centro de Esporte e Lazer para o Conjunto Habitacional João Domingos Neto tem como conceito a socialização dos moradores através do esporte e lazer, portanto, através de pesquisas e análises realizadas *in loco*, foi escolhido um terreno próximo a uma área de lazer existente no bairro (Figura 6), visando com isto potencializar as atividades já instaladas e a integração entre os dois terrenos. Sendo assim, o partido arquitetônico do projeto preocupa-se com aproveitamento da topografia existente nos dois terrenos de modo que proporcione um ambiente com arquitetura acolhedora, de integração e inclusão da comunidade ao local.

Figura 17. Localização dos terrenos.



Fonte: Google Maps (2020). Editado por Maria Laura Silva Rato (2020). Acesso em: 10 jun. 2020. Sem escala.

A escolha deste terreno se deu por conta da área de lazer já existente ao lado do mesmo, buscando gerar então uma integração entre os terrenos e seus espaços, proporcionando um local amplo e com atividades diversificadas para os moradores realizarem as práticas esportivas e de lazer. Sendo assim, as diretrizes projetuais buscam potencializar de forma adequada os usos e as possíveis demandas programáticas que o Centro de Esporte e Lazer possa vir a ter, na figura 7 mostra o estado atual dos dois terrenos.

Figura 18. Na imagem 1 temos uma foto do terreno para o Centro, já na imagem 2 é a área de lazer já existente.

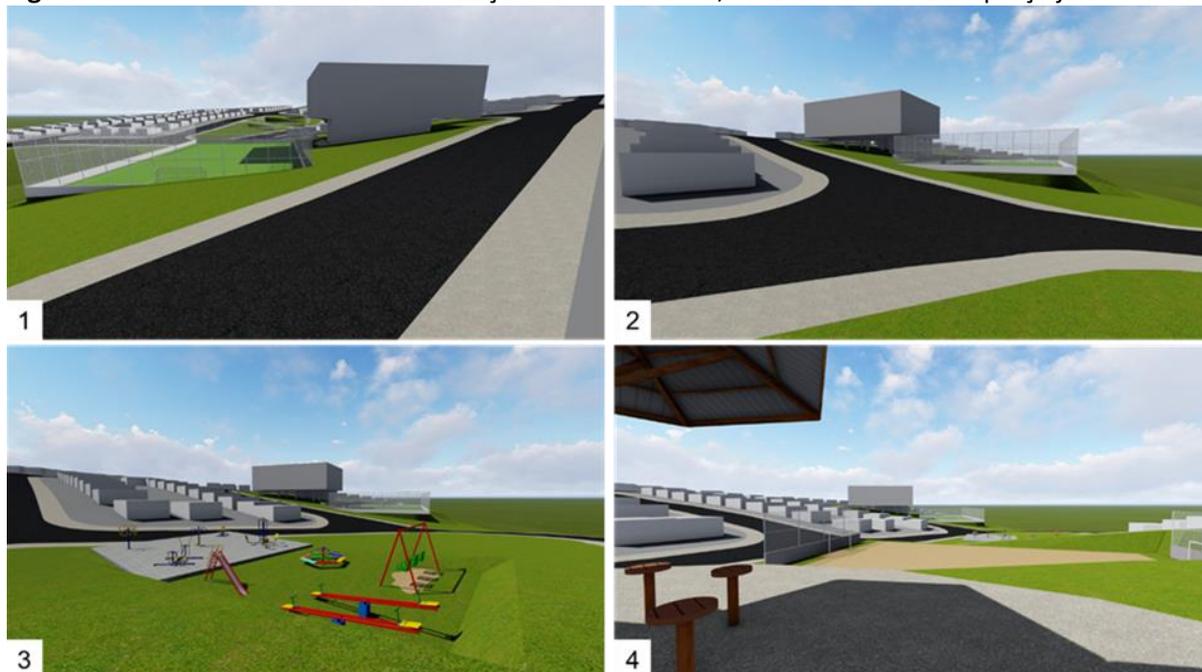


Fonte: Maria Laura Silva Rato (2020).

Para resolver as condições físicas e topográficas do local da obra, ponto de grande importância no projeto, é proposto utilizar-se de pilotis proporcionando assim a transição por debaixo do edifício. Outro ponto a ser levado em conta no desenvolvimento do projeto é o de propor um espaço que transmita aos moradores locais a sensação de acolhimento e pertencimento ao ambiente, onde eles possam ir e se sentir seguros em permanecer no mesmo, fazendo os usos de todos os espaços disponíveis.

A questão financeira é também fundamental para a realização do projeto, já que ao propor algo luxuoso é possível que os moradores não se sintam pertencentes e acolhidos para utilizar o local, então propor um espaço que esteja na realidade das pessoas e da cidade, com gastos não muito elevados e de rápida construção é um dos focos do projeto. Sendo assim, sua volumetria baseia-se em um bloco único retangular que devido a sua cobertura elevada por conta da quadra poliesportiva, irá se sobressair em relação ao seu entorno, tornando-se um destaque na paisagem local como mostra a figura 8.

Figura 19. Estudo da volumetria em relação ao seu entorno, tendo vistas 3 e 4 da praça já existente.



Fonte: Maria Laura Silva Rato (2020).

CONCLUSÃO

Portanto, o esporte tornou-se um meio de grande importância ao combate à criminalidade, ajudando a afastar jovens/adolescente desta realidade, e em conjunto com o esporte está o lazer, que gera uma qualidade de vida maior para a comunidade. Sendo assim, é necessário que haja locais de qualidade e que proporcione segurança para que os moradores locais se sintam à vontade para a realização das atividades.

Levando em consideração o bairro em estudo, Conjunto Habitacional João Domingos Neto, em Presidente Prudente – SP, percebe-se que há a carência de equipamentos onde a população possa praticar atividades de lazer e esportes, sendo, de grande importância o projeto proposto para a região, um Centro de Esporte e Lazer que visa proporcionar diversos espaços adequados para a utilização dos mesmos pela comunidade local, buscando assim, o desenvolvimento destes moradores e proporcionando não só esporte e lazer, mas também cursos básicos profissionalizantes que possivelmente contribuirá para a carreira profissional dos mesmos, além de trazer maior qualidade de vida e prestação de serviços para o bairro.

REFERÊNCIAS

BICKEL, Éderson A. MARQUES, Márcio G. SANTOS, Geraldine A. **“Esporte e sociedade: a construção de valores na prática esportiva em projetos sociais”**. 2012. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd171/esporte-e-sociedade-a-construcao-de-valores.htm>>. Acesso em: 20 de março de 2020.

DUMAZEDIER, Joffre. **“Lazer e Cultura Popular”**. 3ª ed. São Paulo. Editora Perspectiva. 2001.

MARCELLINO, Nelson C. **“Lazer e Esporte”**. 2ª ed. São Paulo. Editora Autores Associados. 2001.

VIEIRA, Mayara Pissutti Albano. **“QUALIDADE AMBIENTAL NA PRODUÇÃO DE HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL EM PRESIDENTE PRUDENTE/SP: o caso dos conjuntos Ana Jacinta e João Domingos Neto”**. 2019. Tese (Doutorado Análise e Gestão Ambiental) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2019.

WELD C. N., Quéfren. **“Esporte, desigualdade, juventude e participação”**. 2011. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, vol. 33, núm. 01, jan. – março, 2011, pp. 103 – 117. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbce/v33n1/a07v33n1.pdf>>. Acesso em: 08 de outubro 2019. <https://doi.org/10.1590/S0101-32892011000100007>

REVITALIZAÇÃO EM ÁREA DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE NO MUNICÍPIO DE TUPI PAULISTA-SP

Beatriz Santana De Almeida, Fabrícia Dias Da Cunha De Moraes Fernandes

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: bia_santana007@outlook.com

RESUMO

O presente trabalho refere-se a reflexões conceituais que tem como objetivo auxiliar no desenvolvimento do projeto urbanístico em um espaço público subutilizado na cidade de Tupi Paulista-SP, intervir para preservar e reabilitar a densa área verde existente, através da definição de um conjunto de diretrizes para a revitalização do local. Visa suprir as necessidades atualmente escassas na cidade de modo a inserir um novo espaço público de lazer e dotar a população de melhor qualidade de vida urbana e social. Os estudos transpassam considerações sobre o entendimento do que o público requer na cidade e a segregação socioespacial existentes nas atividades decorrentes da cidade, por meio de entrevistas a serem realizadas e demais levantamentos in loco. Ainda, o acréscimo de atividades culturais, mantendo o espaço vivo, caracterizando-o como um espaço coletivo e de interatividade social, levando em conta que a área de estudo se trata de uma área verde que anteriormente era utilizado e já conhecido pela memória dos cidadãos, e a partir deste, implantar a propositiva de convívio social, esperando que retome o funcionamento e melhore as problemáticas pontuadas da área. Para isso, a realização de uma revisão de literatura abordando assuntos relevantes para o desenvolvimento do projeto, como questões de espaço público, revitalização de áreas verdes, leis ambientais brasileiras. Em seguida, será realizado um levantamento in loco da área. Por fim, a realização do projeto arquitetônico por meio de desenhos em planta e maquete eletrônica a fim de explanar todo esse desenvolvimento projetual e compreende-lo como todo.

Palavras-chave: Espaço público. Revitalização. Área Verde. Tupi Paulista-SP.

REVITALIZATION IN A PERMANENT PRESERVATION AREA IN THE MUNICIPALITY OF TUPI PAULISTA-SP

ABSTRACT

The present work refers to conceptual reflections that aims to assist in the development of the urban project in a public space underutilized in the city of Tupi Paulista-SP, to intervene to preserve and rehabilitate the dense green area existing, through the definition of a set of guidelines for the revitalization of the site. It aims to meet the currently scarce needs in the city in order to insert a new public space of leisure and provide the population with better quality of urban and social life. The studies cross considerations about the understanding of what the public requires in the city and the socio-spatial segregation existing in the activities resulting from the city, through interviews to be carried out and other surveys on site. Furthermore, the addition of cultural activities, maintaining the living space, characterizing it as a collective space and social interactivity, taking into account that the area of study is a green area that was previously used and already known by the memory of citizens, and from this, will be implemented the proposition of social interaction, hoping that resumes the functioning and improve the problems scored in the area. For this, a literature review will be conducted addressing issues relevant to the development of the project, such as issues of public space, revitalization of green areas, Brazilian environmental laws. A documentary survey of the area will then be carried out. Finally, the realization of the architectural project through drawings in plant and electronic template in order to explain all this project development and understand it as a whole.

Keywords: Public space. Revitalization. Green Area. Tupi Paulista-SP.

INTRODUÇÃO

A área de estudo se trata de um espaço urbano subutilizado inserido na cidade de Tupi Paulista, interior do estado de São Paulo, chamado popularmente de Bosque. O espaço é assim nomeado por sua densa arborização, ladeado pelo Córrego Galante e também outros serviços da Prefeitura Municipal, caracterizando-o como uma Área de Preservação Permanente-APP. Já foi bastante utilizado antigamente e acabou sendo abandonado pelos moradores devido à falta de manutenção por parte da Prefeitura Municipal e a falta de propostas de atividades no local.

Atualmente, na cidade de Tupi Paulista-SP, estima-se que haja, aproximadamente, quinze mil habitantes, segundo IBGE (2019), devido a esse número de moradores, é caracterizado como uma cidade pequena e configura-se uma cidade com poucos recursos, notando a limitação no que diz respeito a saúde, lazer, esportes, comércio e outros. Assim, a população busca em cidades vizinhas por estes recursos atreladas a necessidade imediata, principalmente quando se trata de lazer e jovens.

Tendo em vista as áreas de convívio social, faz-se dele um espaço importante dentro da cidade pelo valor de memória que possui. A proposta se dá pela elevada escassez de espaços para esportes, lazer e atividades na cidade de Tupi Paulista - SP, principalmente para as crianças e adolescentes, que necessitam ainda mais de espaços de lazer e para a prática de esporte em sua formação e desenvolvimento.

O espaço utilizado pelos moradores, antigamente se tratava de uma área de lazer, com playground. Atualmente a situação em que se encontra, fez desse espaço um ponto de risco dentro da cidade, o que gera mais um problema, a segurança, havendo a necessidade da vigilância da polícia, principalmente no horáriionoturno.

Dentre os levantamentos para a viabilidade do projeto, tem-se que o local de estudo se trata de uma APP, onde se é necessário tomar alguns cuidados ao intervir em áreas como essa, atendendo as normas estabelecidas pelos órgãos de proteção do meio ambiente, como o CONAMA - Conselho Nacional de Meio Ambiente, IBAMA - Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais e Renováveis e MMA - Ministério do Meio Ambiente.

Além disso, devido as instalações do entorno imediato, o solo do terreno, mapeado como Parque Infantil, se trata de um solo contaminado devido aos poluentes liberados por estas instalações. O entorno possui um Almoxarifado Municipal, Matadouro Municipal, Viveiro, um ETE – Estação de Tratamento de Esgoto e um Centro de Reciclagem.

Juntamente com a Prefeitura Municipal de Tupi Paulista, o objetivo do presente trabalho é realizar a requalificação e revitalização do espaço, mantendo o lugar vivo e seguro para que as pessoas utilizem, caracterizado como área verde e de lazer, impedindo que volte a situação de desuso e que as crianças e adolescentes possam usar, onde os pais das mesmas se sintam seguros em permitir, bem como os adultos. Disponibilizando equipamentos e mobiliários urbanos suficientes para suprir a necessidade da população, assim como a participação ativa da prefeitura para colaborar com a limpeza, organização e manter o local vivo novamente.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Deste modo, como situação problema, o presente trabalho busca solucionar os seguintes questionamentos: Qual seu valor de memória para a cidade? Por que está em situação de desuso? Qual a importância da inserção de espaços de lazer na cidade? Quais atividades podem ser inseridas? Quais normas são importantes para a realização do projeto? Como trazer as pessoas de volta ao local? Como mantê-lo preservado?

Para obter os resultados acerca da problematização apresentada neste trabalho, como primeiro passo para sua produção, será realizada uma pesquisa exploratória, onde juntamente com as revisões bibliográficas e levantamentos de estudos na área a ser produzida e sobre o tema abordado, a Requalificação de um Espaço Urbano, proverá a fundamentação das questões levantadas afim pontuar as soluções a serem desenvolvidas no local.

O estudo deste trabalho será baseado em ideias e hipóteses de teóricos que apresentam significativa importância na definição e construção dos conceitos que serão abordados diante o desenvolvimento do trabalho, como questões sociais, espaços públicos, espaços para lazer e relacionados.

Para completar a justificativa teórica, serão realizados fichamentos de artigos, revisões bibliográficas e análises de documentos sobre o mesmo assunto em revistas, jornais, livros e relatórios, prevendo um maior conhecimento daquilo que será proposto, tendo em vista a melhoria dos resultados.

Também serão realizadas pesquisas qualitativas e de campo, visando conhecer o público alvo para então implantar o projeto pretendido futuramente, adequando o espaço a suas necessidades e atividades desejadas, podendo ser realizadas conjuntamente entrevistas na cidade, caso essa seja julgado necessário.

Assim sendo, o trabalho transcorrerá a partir dos dados coletados, visto que serão utilizados conceitos e ideias de outros autores, semelhantes com os objetivos desejados, para a construção de uma análise científica sobre o objeto de estudo. Além de todo o conteúdo teórico que será redigido, em paralelo, a realização de um projeto arquitetônico, onde serão produzidos desenhos de estudo e maquete eletrônica.

AS ÁREAS VERDES E DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE

Conforme Bargas e Matias (2011, p. 174), as definições de áreas verdes, áreas livres, arborização urbana, “têm sido frequentemente utilizado no meio científico com o mesmo significado para designar a vegetação intraurbana.”, porém estas definições não são sinônimas. Isto se dá devido à complexidade do mapeamento dessas áreas. Os autores definem áreas verdes como espaços com predominância de vegetação arbóreas, como praças, jardins públicos e parques. Mas a praça, por exemplo, só se classifica como área verde quando composta por vegetação com função de lazer.

Visto isso, o sistema de áreas verdes pode ser compreendido como um componente de espaços livres. As áreas verdes têm muito a contribuir para as cidades e a qualidade da mesma, além de trazerem de volta o equilíbrio ambiental, ainda proporcionam locais de lazer (BARGOS, MATIAS, 2011).

As Área de Preservação Permanente – APPs, são espaços territoriais legalmente protegidos, ambientalmente frágeis e podem ser públicos ou privados, urbanos ou rurais, cobertas ou não por vegetações nativas. (BRASIL, Ministério do Meio Ambiente, 2012). Estas áreas foram criadas no Brasil pela Lei nº 4.771, que institui o novo Código Florestal, promulgada em 15 de setembro de 1965. Atualmente, as APPs, foram definidas segundo a Lei nº 12.651/2012 (art. 3º) por:

II - Área de Preservação Permanente - APP: área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas. (BRASIL, Art. 3º, 2012).

Portanto, as APPs, assim como todas as Unidades de Conservação (UC), visam manter o equilíbrio ambiental que é de direito de todos os cidadãos, direito esse assegurado pelo art. 225 da Constituição, elas se destinam a proteger a ecologia, por meio da proteção dos solos, matas, lençóis freáticos e a vida. A preservação das APPs possibilita a valorização da paisagem natural, esses espaços exercem funções sociais relacionadas com a oferta de áreas de lazer, oportunidades de encontro, contato com a natureza, proporcionando uma maior qualidade de vida às populações urbanas. Sendo assim, é indispensável a presença de vegetação arbórea, pois ela traz diversos benefícios no ambiente urbano (BRASIL, 2012).

Sendo assim, a preservação das Áreas Verdes e das APPs são de suma importância para a qualidade das cidades frente a crescente urbanização, o que conseqüentemente causa grandes impactos ambientais, onde esta preservação gera uma melhoria no clima, no ar, além na estética das cidades e na ecologia.

A REVITALIZAÇÃO URBANA

A revitalização urbana atua principalmente na preservação de centros históricos e elementos de valor histórico, espaços que possuem vínculos com o passado coletivo, resgatando a memória do lugar. Contudo, existe a preocupação em não inibir a modernidade e o crescimento econômico, já que se trata de lugares com anos de existência. Não se limita em produzir belas imagens, mas estruturar áreas degradadas pelo tempo e aspectos sociais. A expressão revitalização urbana compreende diversos tipos de intervenção, que será aplicada de acordo com o contexto abordado (MOURA et al., 2006).

Segundo Moura et al. (2006) deixam claro que é importante traçar consensos e ideias para a

intervenção para que sejam seguidas e assim tomar posicionamento. E é nesse contexto que se discute as melhores opções referentes as políticas urbanas e territoriais associadas a revitalização. Portanto, entende-se que a revitalização é um processo de planejamento que analisa a médio e longo prazo as conexões entre pessoas, territórios e atividades.

A revitalização impõe a melhoria na qualidade do ambiente urbano, as condições socioeconômicas e a condição de um território, baseado numa visão global. Sua atuação não é rigorosa, mas se ajusta as condições impostas, recorrendo para a população e aos órgãos públicos para ajudarem nesse processo (MOURA et al., 2006).

Visto isso, de acordo com os autores Moura et al. (2006), a revitalização urbana deve constituir dois aspectos fundamentais: o sentido do lugar e também a sua implantação numa visão territorial, um local com identidade. Deve sempre se preocupar com os impactos que poderão ser causados, pois se desenvolve em uma visão de sustentabilidade da intervenção, na colaboração público/privado e na relação com as comunidades.

Unindo as ações de revitalização e as Áreas de Preservação, tem-se as políticas públicas do Brasil a serem vistas a princípio ao desenvolvimento e posteriores intervenções, isso devido aos cuidados a serem tomados diante da preservação do meio ecológico e das preexistências dos locais, de modo que as alterações no local não sejam prejudiciais ao meio.

POLÍTICAS PÚBLICAS AMBIENTAIS BRASILEIRAS

O termo políticas públicas possui várias definições, dentre elas, Vallejo (2005) diz que “todos os conceitos falam na associação entre as políticas, ações e atores, mas há autores que destacam que as políticas são caracterizadas também por não-ações” (VALLEJO, 2005, p. 22), ou seja, ações que o governo decide fazer ou não, mas que deveria ter feito. O autor ainda diz “A política pública (“policy”) tem um sentido mais amplo e compromissado com os interesses coletivos (saúde, educação, transporte, qualidade ambiental, etc) [...]” (VALLEJO, 2005, p. 22).

Vallejo completa dizendo que as políticas públicas na área ambiental são formadas por mais de um aparelho governamental e, com isso, não garante eficiência, é formado por um conjunto característico de políticas. Portanto, as ações tendem a impactar o meio ambiente, pois o governo toma medidas políticas sem fundamentar estruturas para mantê-las. (VALLEJO, 2005). Estes, interferem na concepção e fiscalização, direta ou indiretamente, de tais políticas, o que significa que as ações políticas estão relacionadas aos interesses dos grupos dominantes da sociedade. (PECCATIELLO, 2011).

As áreas definidas como APPs, protegidas pela legislação ambiental brasileira, surgiu em 1934, onde aconteceu a primeira edição do Código Florestal Brasileiro (Decreto 23.793/34). Pelo Código Florestal de 1934, prescrito no artigo 4º, considera “preservação permanente” o que se refere às florestas protetoras (BORGES, 2011). Essas florestas preservavam o regime das águas, evitava erosões, garantir a salubridade pública, dentre outras. (BRASIL, Código Florestal Brasileiro, 1934).

Na segunda edição do Código Florestal Brasileiro (Lei 4.771/65), as demais formas de vegetação existentes passarão a ser consideradas bens de interesse comum. (BRASIL, Código Florestal Brasileiro, 1965). Este fator pode ser considerado o precursor da Constituição Federal de 1988 por definir o meio ambiente como bem coletivo. Este código também evidenciou os cuidados com as APPs devendo ser mantidas e protegidas. (BORGES et al., 2011).

Com a intenção de tornar o Código Florestal possível, foi fundado pela Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA – Lei 6.938/81), o Conselho de Meio Ambiente – CONAMA. Segundo o autor Borges et al. (2011), o CONAMA tem como principal objetivo propor ao Conselho de Governo diretrizes políticas para o meio ambiente que visam fazer com que as normas legais sejam aplicáveis às múltiplas situações. Também é referência para as atividades potencialmente poluidoras segui-las, sendo um disciplinador das exigências legais.

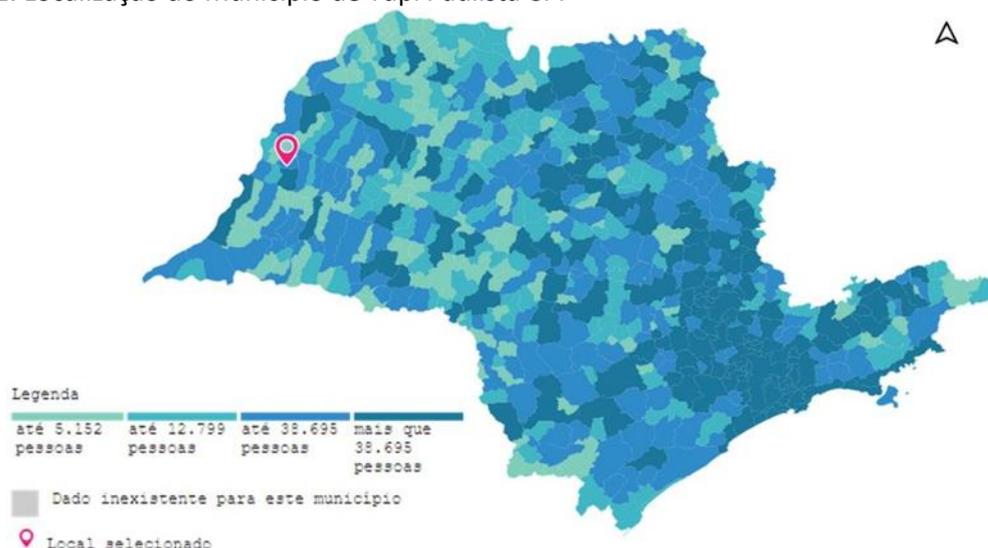
A Resolução CONAMA foi alterada, visando resolver questões como construções ilegais em áreas de preservação, visto isso, na Resolução nº 369/06 permite que intervenções de baixo impacto ambiental em APP sejam realizadas, sem que essas comprometam as funções ambientais naturais ou causem impactos significativos ou irreversíveis. (BORGES et al., 2011).

Para a preservação dessas áreas serem cada vez mais abrangentes, além da valorização da paisagem e do patrimônio natural, é necessário a “definição de normas para a instalação de atividades de esporte, lazer, cultura e convívio da população, compatíveis com a função ambiental dessas áreas.” (BRASIL, Ministério do Meio Ambiente, 2012).

Concluindo assim que, as APPs, em razão de sua função ambiental, são permitidas o acesso de pessoas e animais para aquisição de água e atividades de baixo impacto ambiental. A Lei 12.651/12 estabelece que nas APPs é autorizado a continuidade de atividades agrossilvipastoris, de ecoturismo e de turismo rural em áreas rurais consolidadas, mas isso depende da adoção de boas práticas de conservação de solo e água, uma vez que se trata de áreas com diversas fragilidades ambientais. (EMBRAPA... 2020).

A ÁREA SEGUNDO O MUNICÍPIO DE TUPI PAULISTA

Figura 1. Localização do Município de Tupi Paulista-SP.



Fonte: IBGE (2020). Editado pela autora (2020). Sem escala.

Entre os rios Aguapeí e do Peixe, banhado pelos ribeirões dos Marrecos e Nova Palmeira, em 1941, Lélío de Toledo Pizza e Almeida, proprietário de gleba de matas, fundou uma povoação. A atração de colonizadores se fez mediante a venda de lotes a preços acessíveis, após os trabalhos de desmatamento e arruamento feitos pelo engenheiro Francisco Cunha. A primeira denominação do loteamento foi “Tupy” (Figura 1), alterada posteriormente para Gracianópolis (IBGE, 2020).

O fator de desenvolvimento da localidade foi a cafeicultura, que se tornou a principal fonte de riqueza. Em 1944, com terras desmembradas dos municípios de Andradina e Presidente Venceslau e do Distrito de Ribeirão dos Índios, foi criado o Distrito de Paz de Gracianópolis.

Elevado à categoria de município com a denominação de Gracianópolis pela lei estadual nº 233, de 24-12-1948, desmembrado do município de Lucélia. Sede no atual distrito de Gracianópolis (ex-localidade). Constituído de 3 distritos: Gracianópolis, Monte Castelo e Oásis, ambos criados pela lei do município acima citada. Em 1953, o nome passou a Tupi Paulista, que hoje é constituído dos Distritos sede, Guaraciaba d’Oeste e Oásis (IBGE, 2020).

O Local de estudo do presente artigo se trata de uma APP, localizado na parte nordeste da cidade, na Vila São Pedro, próximo ao centro da cidade. O espaço é chamado popularmente de bosque, porém, há um parque infantil inserido em um recorte da área (Figura 2).

Figura 22. Obras de Revitalização no Bosque

Fonte: Autora (2020).

O Parque Infantil antes do projeto que está sendo realizado pela Prefeitura Municipal contava com playground, mesas de permanência, bancos e um banheiro dividido em masculino e feminino de concreto, sendo a única edificação do local, todos os mobiliários foram removidos para a execução da obra, exceto o banheiro. A maioria do mobiliário do playground era de ferro e alguns de madeira, a demarcação da área de cada brinquedo infantil de concreto com areia dentro do mesmo. As mesas e bancos eram de concreto e pintados com diversas cores para ressaltar a questão de o ambiente ser infantil.

Visto isso, as diretrizes a serem apresentadas para a introdução de um novo projeto é oferecer aos moradores de Tupi Paulista-SP um espaço que as pessoas possam utilizar conciliando lazer e desfrutar da beleza natural, presente no Bosque. Para o início do desenvolvimento do projeto, levou-se em consideração a flora e sua função ecológica, com espaços direcionados ao lazer e que garanta a função social do espaço.

Sendo assim, as decisões a serem tomadas partem da caracterização do local como uma APP e as instalações no entorno imediato, se tratando de um solo contaminado, respeitando a legislação pertinente e os princípios urbanísticos do local, mantendo as características originais da formação do local.

O projeto manterá as características originais da época de sua criação, adaptando a vegetação ao terreno e sua topografia e adaptará locais para a inserção de mobiliários urbanos que tornem o local agradável e atrativo à população, como bancos, luminárias, assim como espaços que proporcionem a prática de diferentes atividades para todas as faixas etárias, incentivando a realização ao ar livre. Caracterizando-o como um elemento de lazer e algumas atividades culturais e esportivas, para garantir a eficiência, tornando-se um local de múltiplas funcionalidades, além de ser sempre conectado com a conscientização ambiental.

As atividades pensadas para esta proposta visam estabelecer um novo uso para o Bosque, transformando-o em um local de convivência entre os moradores, que poderão sentir-se seguros no local e aproveitar do mesmo de diferentes formas, ao mesmo tempo em que valoriza e atribui a ele um papel fundamental na história ambiental e sociocultural da cidade, ampliando o lazer e a cultura no Município de Tupi Paulista-SP que atualmente se encontra um tanto insuficiente, e ainda atender as necessidades perante a APP, para preservar o local e não o degradar ainda mais ou causar danos permanentes.

A primeira diretriz pretende revitalizar o acesso principal pela Avenida Dona Júlia Sales, melhorando o acesso de pedestres. Neste acesso, há ao lado esquerdo a parte que recebe o escoamento de água da cidade em aberto, conforme mostrado na Figura 5, melhorando essa área de modo que não

fique evidente a abertura, trazendo mais segurança, adjunto da iluminação pública e melhoria asfáltica do local ao adentrar o espaço.

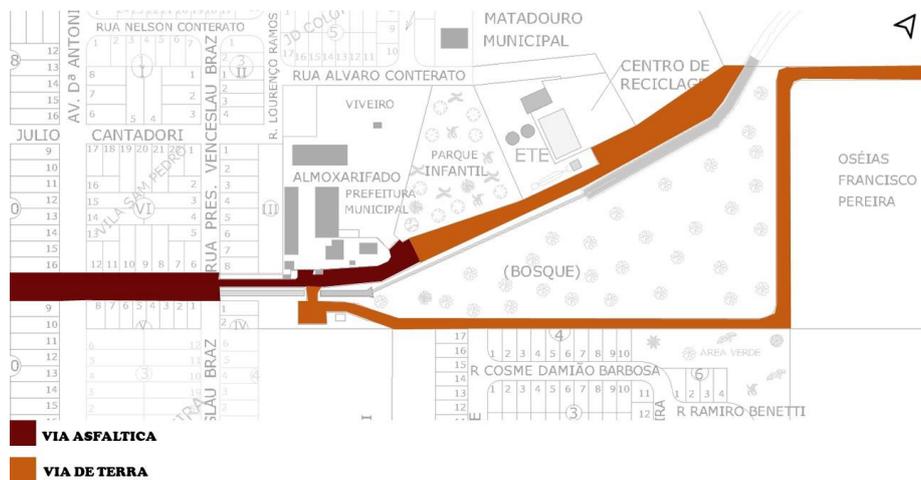
Figura 5. Maquete Eletrônica: Vista do Acesso pela Av. D.ª Júlia Salles atualmente



Fonte: Autora (2020). Sem escala.

A entrada de carros pela Av. D.ª Júlia Sales é limitada, pois logo a frente se depara com a APP e toda a área arborizada. O caminho se sucede com uma estrada de terra para a ETE e o Centro de Reciclagem, ao lado direito segue para uma segunda via de terra em direção ao bairro Jardim das Flores, passando no limite em que começa a APP, no mapa da Figura 6, que logo mais à frente direciona para as áreas rurais.

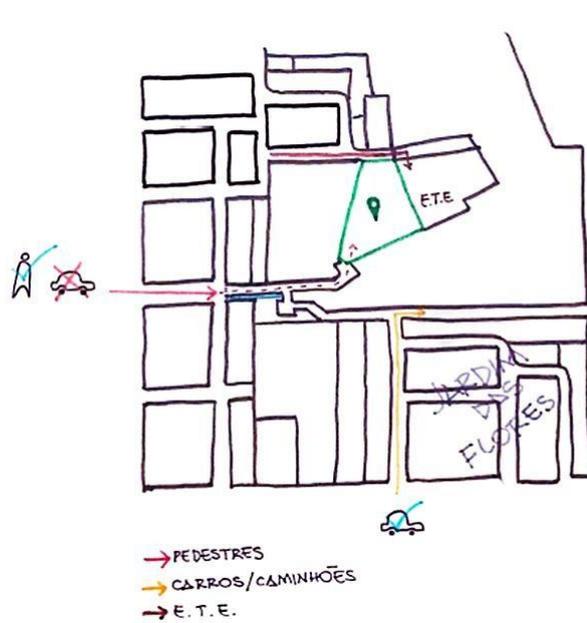
Figura 6. Limite Asfáltico da Av. D.ª Júlia Salles



Fonte: Prefeitura Municipal de Tupi Paulista (2019). Editado pela autora (2020). Sem escala.

Visto isso, pretende-se suspender a entrada de veículos pela Av. D.ª Júlia Salles e redirecioná-la para a Rua Fuad Soubhie, dentro do bairro Jardim das Flores, para acessar as áreas rurais fazendo com que o acesso pela avenida seja exclusivamente para pedestres, e restaurar o trecho que liga o bairro com o bosque, visto que o Centro de Reciclagem será redirecionado para outra parte da cidade menos urbanizada e a ETE poderá ser acessada pela Rua Álvaro Conterato, visto na Figura 7.

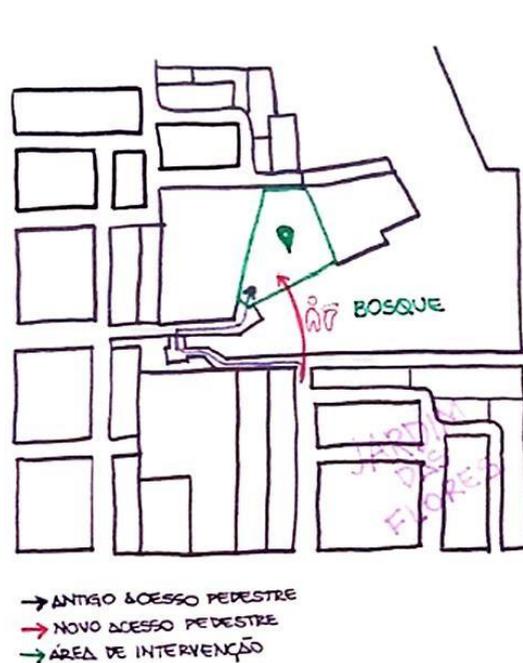
Figura 7. Croqui: Novo acesso de veículos para as áreas rurais



Fonte: Autora (2020). Sem escala.

Após, também planeja criar uma ligação entre a cidade e o Bosque, que é uma área bastante arborizada que fica entre o bairro Jardim das Flores e o Parque Infantil, para que toda a área tenha uma ligação e seja preservada e reconhecida como parte da cidade, tratando-se de uma área esquecida da cidade, devido as atividades do entorno imediato. Além disso, também criar um novo acesso pelo bosque para pedestres que vem do bairro Jardim das Flores, mostrado na Figura 8, deixando de ser o fim do bairro e ligando ele a parte central da cidade, o que reduziria a distância dos pedestres.

Figura 8. Croqui: Ligação do Bairro Jardim das Flores com a Área



Fonte: Autora (2020). Sem escala.

Juntamente com a interligação do Bosque com o Parque Infantil, abrir caminho do bairro Jardim

das Flores, também pretende-se revitalizá-lo para que seja uma área de contemplação, prevendo mantê-lo preservado assim como a área de intervenção do projeto, com plaquinhas pelas árvores e outras atividades de interação no local, mantendo-os como um local único. Sempre alterando o mínimo possível o perfil topográfico do terreno e nas árvores existentes, sendo estes originais do lote.

Estas propostas irão qualificar e potencializar ainda mais a área, contribuindo para uma circulação mais fluida e conseqüentemente convidativa. Com isso, irá melhorar o acesso de todos os lados da área, sendo possível acessá-la de três lugares distintos (Figura 9), sendo o principal pela avenida, interligando os bairros vizinhos, o que melhorará as condições para o funcionamento da proposta de se integrar a cidade.

Figura 9. Croqui: Bairros Vizinhos a Área de Intervenção



Fonte: Autora (2020). Sem escala.

Além disso, realocar as instalações da prefeitura, o Almojarifado Municipal, e demais ações poluidoras presentes no entorno, como o Centro de Reciclagem, o Matadouro e o Viveiro, visando melhorar e preservar o solo, para locais da cidade afastada da parte urbanizada. Somente a ETE não será possível realocar, mas para isso irá plantar árvores aromáticas, como o Eucalipto, para amenizar o mal odor causado pelo mesmo, criando uma barreira, visto na Figura 10.

Figura 10. Instalações do Entorno do Lote



Fonte: Prefeitura Municipal de Tupi Paulista (2019). Editado pela autora (2020). Sem escala.

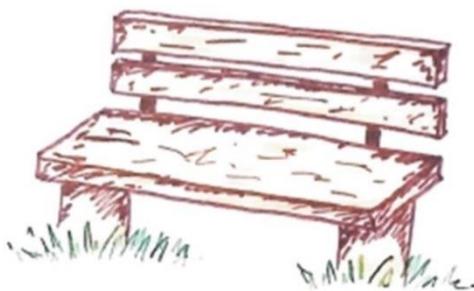
No lugar do Almojarifado da Prefeitura Municipal e do Viveiro, visto que dividem o mesmo lote, atribuir novos usos, como a administração e armazenamento do Bosque e um centro para atividades educativas da cidade no geral, não só para as que já vão acontecer por lá. Esta proposta irá diminuir parte da contaminação do solo e o fluxo de caminhões de lixo que entram, servindo assim como uma área de apoio.

Essas instalações fazem com que o solo seja predisposto a contaminação, há anos mantendo esses elementos químicos no solo, podendo afetar a saúde dos usuários. Devido a reforma que está ocorrendo atualmente no local, todos os equipamentos que existiam ali foram removidos, mas não foi indicado a descontaminação do solo antes da mesma.

Portando, para que seja segura para a utilização, o local deverá passar pelo processo de descontaminação do solo, de acordo com a Resolução CONAMA nº 420/2009, que gerencia as áreas contaminadas e a CETESB, que faz todo o procedimento para Gerenciamento de Áreas Contaminadas e descreve como deverão ser conduzidas todas as etapas do processo de identificação e de reabilitação de áreas contaminadas, de acordo com a Lei nº 13.577/2009 a qual apresenta um laudo comprovando sua viabilidade e licenciamento.

É desejado para o local um conceito de fluidez, conexões e interações, com interação com a natureza. Para que isso seja possível, no projeto, parte-se da utilização de mobiliários de materiais naturais, como madeira de reflorestamento, de modo que se integre ao espaço que é bastante arborizado (Figura 11), mantendo a identidade e a linguagem do local. Todos os materiais a serem utilizados deverão ser de fácil remoção e de baixa degradação ambiental, que além de conversar visualmente com o espaço, ainda o preserve.

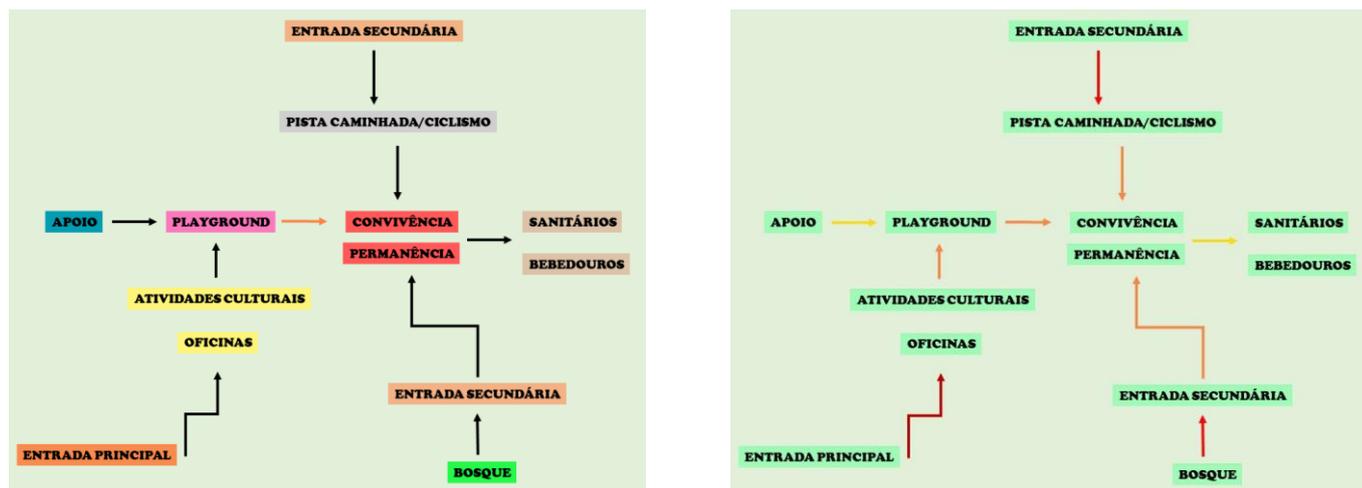
Figura 11. Mobiliário de madeira



Fonte: Autora (2020). Sem escala.

Visto isso, apesar da descontaminação a ser realizada, será distribuído tabladros de madeira de reflorestamento elevados do solo em áreas de circulação e de convivência para que as pessoas que irão utilizar o espaço não tenham contato direto com esse solo e juntamente evitar maiores degradações do mesmo, já que a ETE ainda permanecerá no local atual. Essa medida foi tomada a partir da referência da Praça Victor Civita, apresentada no Capítulo 5.1, onde devido a contaminação do local, para a segurança dos usuários, o solo foi elevado do chão.

Os ambientes de atividades serão interligados por caminhos e sem a utilização de barreiras físicas e visuais, visto no digrama de setorização da Figura 12, além das árvores já existentes, respeitando a topografia do local, sendo possível acessar todos os espaços. Procurando abranger todo o lote, a criação de espaços destinados a lazer e atividades físicas, como pista de caminhada e ciclismo, para incentivar a população a vivenciar mais o espaço, fazendo assim com que seja possível circular por todo ele.

Figura 12. Diagrama de Setorização e Fluxo

Fonte: Autora (2020). Sem escala.

Um parque com brinquedos para as crianças, espaço de atividades culturais, piqueniques e outras atividades. Entre eles, espaços de permanência com bancos e mesas. Os acessos ao projeto acontecem a partir dos bairros do entorno imediato, criando uma conexão, como citado anteriormente.

As atividades que deverão acontecer no local, como criação de mudas e plantio de árvores; oficinas de criação, unindo criatividade e educação; e oficinas de tijolo ecológico (Figura 13), tais quais podem se unir as escolas da cidade, enriquecendo o conhecimento dos alunos e incentivando a prática da ecologia e sustentabilidade na formação das jovens e crianças da cidade.

Os sanitários serão as únicas construções no local. Com a colaboração da oficina de tijolos ecológicos (Figura 13), o banheiro será construído com esse material, reforçando a ideia de sustentabilidade que o Bosque quer passar. Ladeando, a oferta de bebedouros para os usuários, aumentando o conforto do ambiente.

Figura 13. Croqui: Tijolo Ecológico.

Fonte: Autora (2020). Sem escala.

Além destas ações, é importante ressaltar que o local é totalmente mal iluminado e para melhorar sua utilização no período noturno, a resolução dessa problemática é essencial para que a segurança do local melhore, sendo possível utilizar o espaço também no período noturno. Assim, também será possível a promoção de atividades de manifestações culturais, como teatros e apresentações (Figura 14).

Figura 14. Croqui: Iluminação e Tablado Elevado.



Fonte: Autora (2020). Sem escala.

A vista disso, as intervenções visam conferir ao Bosque Municipal toda uma infraestrutura adequada que respeite o meio ambiente e o usuário do mesmo, garantindo-lhe de modo efetivo formas diferentes de convívio ao ar livre, passando a sensação de pertencimento, bem-estar e conforto para que, assim, ele ajude a conservar e preservar o local.

CONCLUSÃO

Como abordado anteriormente, o Bosque é assim nomeado pelos moradores devido a sua densa arborização apresentada no local. O local era bastante frequentado por jovens e crianças devido aos equipamentos que eram ofertados, mas atualmente foram removidos devido a nova proposta de reforma da Prefeitura Municipal, possuindo playground, sanitários e espaços de permanência.

A cidade tem elevadas temperaturas durante a maior parte do ano, assim, o microclima criado pela densa arborização traz total sensação de conforto para os usuários permanecerem, praticarem suas atividades e vivenciarem o espaço por muito mais tempo. Essa sensação que o espaço proporciona fica gravado na memória, fazendo com que aqueles que antes utilizaram o espaço se lembre sempre do sentimento, o que faz sempre querer voltar.

Além da lembrança que fica gravado na memória das pessoas, a utilização e a preservação desse espaço, por vários tipos de pessoas e ao passar das gerações, é de suma importância, pois a conscientização ambiental que ele passa é extremamente educativa para as pessoas, e as práticas que virão a ser utilizadas no cotidiano. O contato com a natureza e o verde das árvores é o que fazem o espaço permanecer vivo até hoje, mesmo depois de 15 anos sem manutenção.

O Bosque acabou sendo esquecido pois foi ficando descuidado, com alto acúmulo de folhas, muitos insetos, brinquedos quebrados e outros, o que foi afastando cada vez mais os usuários, até deixar de ser frequentado. Com isso, o lugar se tornou perigoso para se frequentar, pois, começou a ser utilizado por usuários de droga e conseqüentemente a necessidade de policiais fazendo ronda por lá. Além desses fatores, há também a má iluminação pública, sendo um local bastante escuro no período noturno, sendo esses os motivos do desuso.

A necessidade da instalação de novos espaços de esporte e lazer na cidade se dá pela escassez que a mesma apresenta e no crescimento dos jovens e crianças. É de suma importância para o desenvolvimento dos mesmos que haja disponível na cidade espaços para a prática de esportes, atividades e cultura, para a saúde física e mental e para a formação, não só de jovens e crianças, mas também para os adultos. O assunto foi melhor abordado no segundo capítulo.

Visto isso, a inserção destes espaços na cidade é essencial para o crescimento da mesma e para os

seus cidadãos. No local de estudo, podem ser inseridas espaços de lazer, atividades físicas e culturais, como playground infantil, para o público mais jovem, espaços de convivência e atividades físicas podendo ser utilizado desde o público adolescente até os mais idosos e espaços para atividades culturais, também abrangendo todas as idades. Todas essas atividades dentro das limitações do terreno, visto sua configuração como APP.

Se tratando de uma APP, ladeada por um córrego, atualmente canalizado, o qual recebe o escoamento de água da cidade, há suas limitações e leis a serem respeitadas na hora de intervir em locais como estes. Também devido as instalações do entorno imediato, o solo é contaminado, onde deve haver a ação de descontaminação e cuidados a serem tomados visando preservar o local e a saúde dos utilizadores. Portanto, antes da realização da mesma a averiguação das leis vigentes atualmente no Brasil é essencial.

Assim, para trazer as pessoas ao uso ativo do Bosque, acontece a revitalização e descontaminação do local, de modo que seja seguro e saudável aos usuários. Mas, além disso, a oferta de bons equipamentos e atividades são essenciais para que seja convidativo e conseqüentemente o comprometimento da Prefeitura Municipal, que estará sempre cuidando da limpeza e organização, assim, preservado.

É evidente a importância da consolidação de áreas verdes propícias à população, e a revitalização do Bosque Municipal vai ao encontro dos desejos do município que, atualmente, enxergam o local como um espaço degradado e abandonado, contrariando a necessidade de lugares adequados para passar horas agradáveis ao lado de familiares e amigos.

A falta de lugares adequados para atividades culturais, físicas e lazer prejudica a qualidade de vida da população, tão carente de benefícios sociais, e poder usufruir de um ambiente verde de qualidade trará proveitos enormes a saúde física e mental de todos os que frequentarem o local.

REFERÊNCIAS

BARGOS, Danúbia Caporusso; MATIAS, Lindon Fonseca. **Áreas Verdes Urbanas: Um Estudo de Revisão e Proposta Conceitual**. RSBAU, Piracicaba. 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/revsbau/article/view/66481/38295>> Acesso em: 25 de março de 2020.

BORGES, L. A. C.; REZENDE, J. L. P.; PEREIRA, J. A.; JÚNIOR, L. M. C.; BARROS, D. A. **Áreas de Preservação Permanente na Legislação Ambiental Brasileira**. Ciência Rural, Santa Maria, v. 41, nº 7, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0103-84782011000700016>

BRASIL. **Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012**. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa; altera as Leis nºs 6.938, de 31 de agosto de 1981, 9.393, de 19 de dezembro de 1996, e 11.428, de 22 de dezembro de 2006; revoga as Leis nºs 4.771, de 15 de setembro de 1965, e 7.754, de 14 de abril de 1989, e a Medida Provisória nº 2.166-67, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm> Acesso em 02 de março 2020.

BRASIL. **Ministério do Meio Ambiente. Áreas de Preservação Permanente Urbanas**. Disponível em: <<https://www.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/areas-verdes-urbanas/%C3%A1reas-de-prote%C3%A7%C3%A3o-permanente.html>> Acesso em: 30 de março de 2020.

BRASIL. **Ministério do Meio Ambiente. Áreas Contaminadas**. Disponível em: <<https://mma.gov.br/cidades-sustentaveis/residuos-perigosos/areas-contaminadas.html>> Acesso em: 13 de junho de 2020.

BRASIL. **EMBRAPA: Código Florestal – Área de Preservação Permanente**. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/codigo-florestal/entenda-o-codigo-florestal/area-de-preservacao-permanente>> Acesso em: 30 de março de 2020.

BRASIL. **Lei nº 4.771, de 15 de setembro de 1965. Institui o novo Código Florestal**. Disponível em:

<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4771-15-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em 10 de março de 2020. setembro-1965-369026-

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas**. Brasil, 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/tupi-paulista.html>>. Acesso em: 03 de março de 2020.

MOURA, D.; GUERRA, I.; SEIXAS, J.; FREITAS, M. J. **A revitalização urbana: Contributos para a definição de um conceito operativo**. CET - Centro de Estudos Territoriais. 2006. Disponível em <<https://repositorio.iscte.pt/handle/10071/3428>> Acesso em 11 de março 2020 <https://doi.org/10.7749/citiescommunitiesterritories.dez2016.012-13.art01>

PECCATIELLO, Ana Flávia O. **Políticas Públicas Ambientais no Brasil: da administração dos recursos naturais (1930) à criação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (2000)**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 24. Editora UFPR, 2011. <https://doi.org/10.5380/dma.v24i0.21542>

PORTAL ABC REDE TELECOM. **Iniciada as obras do projeto de Revitalização do Bosque Municipal Tupiense**. Prefeitura de Tupi Paulista, 20 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www.portalabcrede.com.br/portal/noticias/15249/iniciada-as-obras-do-projeto-de-revitalizacao-do-bosque-municipal-tupiense>> Acesso em: 14 de junho de 2020.

VALLEJO, L. R. **Políticas públicas e conservação ambiental: territorialidades em conflito nos Parques Estaduais da Ilha Grande, da Serra da Tiririca e do Desengano (RJ)**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2005.

TEORIA DE ALOIS RIEGL E SUAS APLICABILIDADES DE VALORES SOBRE A IGREJA PRESBITERIANA DE IEPÊ-SP

Sarah Musa Dos Santos, Fabrícia Dias Da Cunha De Moraes Fernandes

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: sarahmusa0@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo retrata a teoria de Alois Riegl, um importante teórico da Conservação, aplicada a Igreja Presbiteriana Independente de Iepê-SP, estudando através de sua história, originalidade e desenvolvimento durante a expansão da cidade. Para isso retratará as mudanças relacionadas a conservação, alteração e renovação. A metodologia baseada em revisão bibliográfica e documental como artigos sobre a teoria de Riegl, e nos livros sobre a história da cidade de Iepê com intuito de mostrar seu nascimento e evolução, e assim possibilitar a aplicação das teorias de Alois, sobre um monumento específico: a Igreja Presbiteriana de Iepê.

Palavras-chave: Valores. Kunstwollen. Igreja Presbiteriana. Alois Riegl. Iepê.

THEORY OF ALOIS RIEGL, AND ITS APPLICABILITIES OF VALUES ABOUT THE IEPÊ PRESBITERIAN CHURCH

ABSTRATC

This article portrays the theory of Alois Riegl, an important Conservation theorist, applied to the Independent Presbyterian Church of Iepê-SP, studying through its history, originality and development during the city's expansion. For that, it will portray the changes related to conservation, alteration and renovation. The methodology based on the articles by Riegl, and on the books on the history of the city of Iepê has been showing us its birth and evolution, and how to apply Alois' theories, on a certain monument: The Presbyterian Church of Iepê.

Keywords: Values. Kunstwollen. Presbyterian Church. Alois Riegl. Iepê.

INTRODUÇÃO

As atividades de criação e restauro tem origem nos séculos XVIII e XIX mesmo período em que acontecia a Revolução Industrial, período de grandes mudanças econômicas e sociais que foram realizadas na Europa, sobretudo na Inglaterra. Foi um processo que envolveu várias transformações em aspectos econômicos e sociais, ocorridos especialmente a partir desse fenômeno de transição na produção industrial. Além da modificação do trabalho artesanal pelo trabalho feito pelas máquinas, a energia de trabalho humana também foi substituída pela energia motriz. (BEZERRA, 2019).

Primeira Revolução Industrial evoluiu para a Segunda Revolução Industrial, nos anos de transição entre 1840 e 1870, quando o progresso tecnológico e econômico ganhou força com a adoção crescente de barcos a vapor, navios, ferrovias, fabricação em larga escala de máquinas e o aumento do uso de fábricas que utilizavam a energia a vapor. (HUNTER, 1991).

De maneira geral, além de marcar a transição da manufatura para a industrialização, a Revolução Industrial também possibilitou o fenômeno do Iluminismo, também conhecido como século das luzes e ilustração, foi um movimento intelectual e filosófico que dominou o mundo das ideias na Europa durante o século XVIII, "O Século da Filosofia". (MESQUITA, 2004).

Até estas datas, os monumentos sofreram diversas ações de conservação, alteração de uso e renovação, que não devem ser designadas de restauro, tal como hoje é entendido. Assim como a história

da arquitetura se modificou ao longo dos anos, alterando técnicas de construção e fundamentalmente os estilos. (MESQUITA, 2004. *Apud* LUSO, 2004, p. 42).

A criação e a conservação dos monumentos ditos “volíveis”, que se pode encontrar e apontar nas épocas mais remotas da cultura humana, não cessou, de forma alguma. Porém, “quando se fala do culto moderno e da conservação dos documentos, não é referido aos monumentos volíveis, mas os monumentos históricos e artísticos, conforme a dominação oficial vigente nos dias modernos, ao menos na Áustria”. (RIEGL, 1984, p. 31).

Dessa forma, os caminhos da preservação histórica estão baseados nos valores atribuídos aos monumentos e segundo Alois Riegl em sua obra *Der moderne Denkmalkultus* (o culto moderno dos monumentos) o autor os define como: valor de antiguidade, valor histórico, valor de rememoração intencional, valor de uso, valor de arte relativo e valor de novidade. (RIEGL, 1984).

Riegl também desenvolveu o conceito de “Kunstwollen”, que pode ser vagamente definido na vontade coletiva de arte. É mais profundo que a moda e refere-se à estrutura de crenças sociais intrínsecas compartilhadas, pois está conectada à produção artística e cultural. Observa-se a semelhança entre a ideia de Kunstwollen e Freud sobre o inconsciente coletivo, que estava sendo desenvolvido na mesma época.

Estabelecendo que o valor que é atribuído a um monumento histórico está diretamente relacionado com a vontade artística (kunstwollen) de cada época. (*Apud* KODAIRA, 2009, p. 02).

No início do século XX, a maioria de nós chegou à conclusão de que não existe um valor absoluto da arte e que é pura ficção considerar-se árbitros mais sábios do que os contemporâneos de mestres incompreendidos no passado.

MÉTODOS

O presente artigo pautado na teoria de Alois Riegl, foi desenvolvido a partir do livro “O Culto Moderno dos Monumentos” de Alois Riegl, onde abrange toda sua teoria e como seguiu essa trajetória de separação e classificação dos monumentos, separados por etapas de antiguidade, restauro e memória. Seguindo com os valores de atualidade utilitários, de arte, novidade e arte relativo, explicando cada detalhe e como separar as diversas arquiteturas e obras encontradas por todo o mundo.

Baseando-se no artigo “Alois Riegl, o conceito de Kunstwollen e o Barroco: Algumas considerações em História da Arte” de Carla Mary S. Oliveira, observa-se como foi desenvolvido a teoria “a vontade da arte”, baseado antes do livro do culto, Alois Riegl desenvolveu a teoria antes de classificar os conceitos de cada etapa. Onde para Riegl a kunstwollen representa a possibilidade de surgirem afinidades formais e estilísticas entre a produção artística de indivíduos oriundos de uma mesma época e de uma mesma região, abrangendo todas as áreas culturais.

Segundo Reis e Cunha (2006, p. 5), retrata seu modo de pensar e examina cada capítulo do seu livro, chegando à conclusão de que:

“Ao concluir observamos como Riegl conjuga um trabalho de radical repensamento e, pode-se dizer, de fundação conceitual, único e para muitos ainda hoje insuperado; mas nenhum antes dele se deteve com tanta perspicácia sobre a análise das razões mesma do conservar, procedendo sempre com rigor dentro do campo estritamente disciplinar, sem desvios nem quedas no senso sociológico e moralista de um lado, étnico-político e nacionalista de outro.”

Onde nos informa, que outros teóricos muito importantes que vieram após ele, se inspiraram nele. O artigo relembra um pouco de cada teoria, e alguns exemplos de como algumas obras se encaixam em certas definições.

A Igreja Presbiteriana Independente – IPI, de Iepê surgiu através de complicações políticas na época (entre 1910 à 1917), através dos livros - Subsídios para a História de Iepê, volume 1,2 e 3, podemos ter as informações sobre toda história do nascimento e desenvolvimento da cidade, a história conta sobre como a cidade foi desenvolvida através da Igreja Presbiteriana Independente - IPI, através de doações de terrenos para o novo desenvolvimento do patrimônio, porém, baseando-se nessas informações o trabalho pôde ser composto por etapas da época até o desenvolvimento final.

Após a compreensão das literaturas elencadas acima, promoveu um diagnóstico da Igreja considerando os valores estabelecidos por Riegl, Riegl apresenta 3 valores principais, entre outros. A IPI se encaixa em dois deles, onde foi aprofundado o estudo através de seu livro e informações sobre a Igreja.

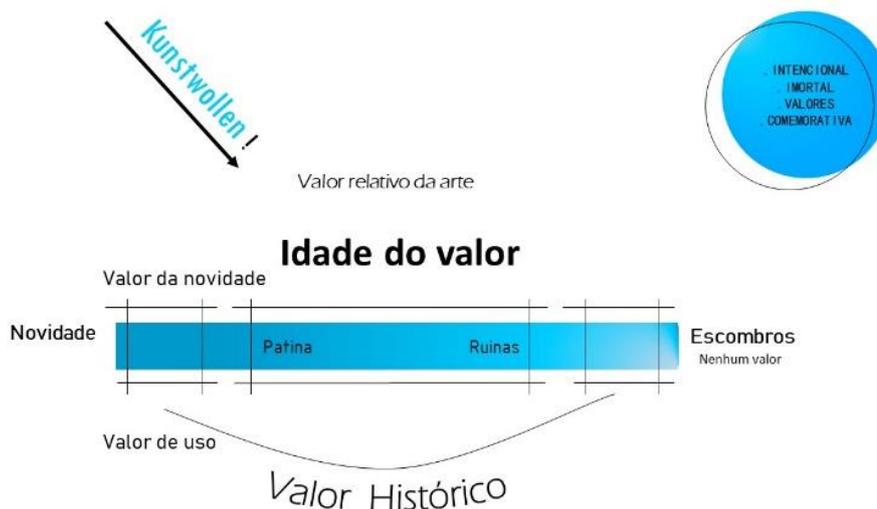
RESULTADO

O Kunstwollen de Alois Riegl não consiste nem na vontade individual nem na vontade coletiva, é o sentido imanente do trabalho. De acordo com isso, cada época do desenvolvimento humano busca uma forma de design única e não repetível, que não possa ser comparada a nenhum outro período. (BANGLE, 2015).

Ele tentou integrar esse conceito dentro de um princípio neokantiano em relação ao qual todas as obras de arte pudessem ser entendidas. Segundo Otto Paecht, historiador da arte treinado pelos sucessores de Riegl, o kunstwollen é antes a direção do impulso artístico de um povo em analogia com outro impulso; aquilo para o qual a natureza cria e estabelece suas próprias leis. (IBIDEM).

Riegl argumenta que o valor relativo da arte (conforme filtrado pelo "Kunstwollen") é inerentemente contrário ao valor da idade. Isso pode parecer incongruente, mas ele argumenta que a relatividade dos relacionamentos históricos prioriza para sempre o valor da novidade, em oposição ao valor da idade, que prioriza a aceitação e a celebração dos sinais de idade e decadência (1984, *apud* ERA ARCHITECTS, 2011).

Figura 1. O valor de Kunstwollen



FONTE: <http://www.eraarch.ca/2011/aloes-riegl-and-the-modern-cult-of-the-monument/> esquema traduzido e recriado por autor, 2019.

Dessa forma, o que interessa captar, de acordo com o ponto de vista riegliano, é a arte a partir de sua relação com uma concepção de mundo não necessariamente materialista ou dialética. Em vez disso, Kunstwollen atribui à arte uma certa autonomia relativamente à história material, coincidindo, tão-somente, com as manifestações concretas do espírito.

Segundo Bangle (2015, p.1) isso representou um afastamento acentuado do modelo anteriormente dominante da história da arte, que abordava as épocas de maneira hierárquica. Por exemplo, o Renascimento era considerado um auge da realização artística, o que implicava que os períodos antes (embrionário) e depois (declínio) são de alguma forma inferiores. Essa avaliação retroativa deixa de reconhecer as realidades vividas pelos artistas e descarta como insignificantes suas habilidades artísticas. Como escreveu o historiador de arte alemão Wilhelm Wörringer em sua obra *Abstraction and Empathy*: "o que parece do nosso ponto de vista a maior distorção, deve ter sido, na época, para seu criador a mais alta beleza e expressão de sua vontade artística".

Riegl (1984, p.11) retrata em seu livro que:

“O problema com *Kunstwollen* é que trata épocas inteiras como se fossem homogêneas e decididas. A maneira mais fácil de estender a ideia além de sua capacidade de carga é aplicá-la aos nossos tempos atuais”.

Riegl (1984), argumentou que nossa visão da história estava mudando para sempre, uma vez que é sempre filtrada pelas lentes dos “*Kunstwollen*”, ou nosso sistema de crenças culturais imediatas, que está constantemente mudando. Como descreve Kurt Forster (1982), o *kunstwollen* de nossa época determina profundamente a percepção do passado.

O valor histórico sustenta que, para ser culturalmente significativo, uma obra deve retornar à sua condição absoluta e original, uma restauração perfeita e completa. O valor da idade abrange as indicações de decadência e efeitos entrópicos do processo natural de destruição e defende a proteção e preservação dessa pátina e a ruína incompleta e fragmentária que expressa a passagem do tempo. (WOOD, 2000, p.40).

“A arte expressa a maneira como o homem quer ver as coisas moldadas ou coloridas, assim como o poético *Kunstwollen* expressa a maneira como o homem quer imaginá-las. O homem não é apenas um destinatário passivo e sensorial, mas também um ser ativo e desejoso que deseja interpretar o mundo de tal maneira (variando de um povo, região ou época para outro) que atenda de maneira mais clara e agradável aos seus desejos”.

Em *O Culto Moderno dos Monumentos* começou por justificar a noção de História nas teorias evolucionistas. Sem o acontecimento de um dado facto anterior, não poderia ocorrer o seguinte. Sendo assim a história estaria ligada a um passado irrepitível, esse distanciamento era fundamental, explicando os dois tipos de conjuntos de valores definidos por Riegl: de memória e de contemporaneidade. (NOGUEIRA, 2014).

No primeiro grupo estava o valor intencional, atribuído a um monumento quando este foi construído para manter viva uma memória específica de um acontecimento ou pessoa; e o valor não intencional, característico dos monumentos interpretados de modos distintos ao longo dos séculos e, por isso mesmo, valorizados de modo diferente, desde a sua concepção original até ao presente momento. (IBIDEM).

A criação desses monumentos intencionais remonta às épocas mais recuadas da cultura humana e, embora ainda hoje, segundo Riegl, não se tenha cessado de produzi-los, não é a este tipo de monumento que a sociedade moderna se refere quando se utiliza do termo, mas aos monumentos artísticos e históricos, ou seja, trata-se daqueles monumentos não-intencionais. (CUNHA, 2006).

“Não é sua destinação original que confere à essas obras a significação de monumentos; somos nós, sujeitos modernos, que à atribuímos” (RIEGL, A. 1984, p. 43)

A partir do século XV na Itália, as obras da Antiguidade começam a ser valoradas por suas características artísticas e históricas, não apenas por serem símbolos das grandezas da Grécia e Roma, assim a partir dessa mudança de pensamentos, surge um novo valor de rememoração, não mais aquele ligado à memória coletiva, mas o valor histórico-artístico. (IBIDEM). Em seu segundo capítulo, *Denkmalkultus* trata especificamente dos valores de rememoração, que se dividem em valor de antiguidade, valor histórico e valor de rememoração intencional.

No valor de antiguidade era valorizado o aspeto antigo, a marca da passagem do tempo sobre o material constituinte, como elemento definidor da sua antiguidade. Lembrava ao Homem o seu lugar no ciclo da vida e, por isso mesmo, era facilmente perceptível sensorialmente, sem necessidade de conhecimentos prévios, como era o caso do valor histórico. (NOGUEIRA, 2014).

O valor histórico vem do reconhecimento de que um determinado monumento representa um estado particular e único no desenvolvimento de um domínio da criação humana, ou seja, o monumento passa a ser identificado como documento histórico e, por essa razão, deve ser mantido o mais fiel possível ao estado original. (CUNHA, 2006).

O estudo sobre a Igreja Presbiteriana Independente de Iepê, entrará no estudo sobre suas teorias de valor histórico e antiguidade, podendo observar características que foram desenvolvidas e elaboradas

com o tempo, o estudo de Riegl sobre vários valores de diferentes tipos, podemos analisar diversas obras e ver em qual se encaixa.

DISCUSSÃO

Alois Riegl, nasceu em 1858, em Linz (Áustria), estudou na Escola de Viena, sendo um dos estudantes de primeira geração. Alois Riegl foi um dos fundadores da historiografia de arte moderna e da história da arte. Depois de ter passado seus estudos na área de Direito, se formou em Filosofia até chegar à História, onde recebeu uma sólida formação na pesquisa, apoiada no método filológico na sua aplicação de disciplinas como Paleografia, a Diplomática, entre outras. (NOGUEIRA, 2014).

Em 1886, trabalhou como curador do Museu de Artes Aplicadas de Viena. Logo após se tornou professor na Universidade de Viena, onde fundou a Escola Vienense de História da Arte. Riegl desempenhou um papel maior nos estudos sobre artes decorativas e na sua valorização no contexto geral. As manifestações artísticas estavam isentas de preconceitos das “artes maiores”, e então, estavam se escondendo e estudando as formas, e da iconografia existente, sem a carga de todas as questões relacionadas com a produção artística clássica. (CUNHA, 2006).

Logo após, Alois começou uma intensa produção literária e científica onde defendeu as suas ideias, destacando-se em 1894, com a obra: *Stilfragen: Grundlegen zu einer Geschichte der Ornamentik* (Problemas de Estilo: Fundamentos para uma história da ornamentação - sem tradução portuguesa), onde defendeu as leis do estilo sobre a natureza. (NOGUEIRA, 2014).

Quando publicado, entrou novamente para o corpo docente da Universidade, e se tornou professor efetivo em 1897, acumulou suas funções com as do Museu. Com a sua influência de como lidou e interligou a Universidade e o Museu, formou muito dos posteriores teóricos da área, sendo alguns nomes, conhecidos na área do século XX. (IBIDEM).

Riegl por demonstrar a importância pela a igualdade das artes, e mostrar sobre a valorização de períodos artísticos (onde muitos foram considerados decadentes), tornou-se um dos defensores da arte do período romano, e logo após do Barroco. “Na primeira etapa dedicou-se, quando encarregado, do Instituto Arqueológico Austríaco, com a realização dos levantamentos dos objetos de arte aplicada da época romana existentes no país. Porém na segunda etapa, a sua grande contribuição foi por via oral, em suas aulas”. (NOGUEIRA, 2014, p. 2).

Para o autor em cada época existiu uma *kunstwollen* (vontade da arte) única, baseada em diferentes enquadramentos, não podendo, por essa razão, ser comparada à de outros períodos. Esta ideia apoiava-se na existência de um processo evolutivo e relativo, onde a ideia de uma “força criadora” distinta em cada época servia como base de justificação. Este aspecto condicionaria a aparência da obra ou, adotando a sua linguagem, o seu estilo. (NOGUEIRA, 2014).

Segundo Riegl (1984, p.11), usa a antítese da capacidade técnica na imitação da natureza, constatando que as formas sofrem mutações ao longo do tempo, e então começa a observar as raízes dos fenômenos que fazem consistir no processo espiritual criativo:

“De acordo com os conceitos mais modernos, acrescentaremos a isso a ideia mais ampla de que aquilo que foi não poderá voltar a ser nunca mais e tudo o que foi forma o elo insubstituível e irremovível de uma corrente de evolução ou, em outras palavras, tudo que tem uma sequência, supõe um antecedente e não poderia ter acontecido da forma como aconteceu se não tivesse antecedido por aquele elo anterior”.

É na ideia de evolução que Riegl localiza o valor histórico do monumento, definido como uma obra criada pela mão do homem, e elaborada com o objetivo determinante de manter sempre presente na consciência das gerações futuras, algumas ações humanas ou destinos. Ele separa sua teoria em três categorias: valor de antiguidade, valor histórico e valor volitivo da memória. (RIEGL, 1984).

VALOR DA ANTIGUIDADE

A antiguidade de um monumento, apresenta-se, pelo seu aspecto inatual. Em contraposição com o tempo presente, a antiguidade revela-se como algo incompleto, à qual falta coerência, a dissolução da forma e da cor, que constituem características claramente opostas de um objeto moderno. (RIEGL, 1984).

Segundo Riegl (1984, p.50), “uma casa recém-construída, com o revestimento desmoronando ou oxidando, perturba o observador, que exige de uma casa nova uma perfeição no acabamento da forma e da policromia”. Naquilo que foi criado, os sinais de ruína não agem de forma expressiva, mas de forma irritante.

Então pode-se observar, que as formas mecânicas e químicas tendem a desagregar novamente o indivíduo em seus elementos, a fundi-lo novamente na natureza amorfa. É pelos traços desse exemplo que reconhecemos que um monumento não se originou em um tempo recente, e assim aparece os traços de um valor de antiguidade. A antiguidade se exprime mais pelo efeito óptico da decomposição da superfície. (RIEGL, 1984).

Riegl (1984, p.53) nos conta em seu livro que “conforme em que os monumentos se degradam, as ruínas tornam-se cada vez mais pitorescas quanto mais partes são sujeitas à dissolução; o seu valor de antiguidade, provocado pelas partes cada vez menos numerosas, com a crescente degradação fica cada vez menos extenso. O culto da antiguidade trabalha a favor da sua própria destruição”.

O valor de antiguidade representa o aspecto não moderno do monumento, é visto como um organismo natural que traz as marcas do desgaste provocado pelo tempo e pelas forças da natureza. (RIEGL, 1984).

VALOR HISTÓRICO

O valor histórico é testemunho de uma época, de um estágio da evolução humana que pertence ao passado, o monumento deve ser mais fiel possível ao aspecto original que lhe foi dado no momento da criação. O monumento original deve manter a autenticidade “para uma futura atividade de restituição histórico-artística” (pag. 11). Seu público é constituído pelos membros das classes mais cultas, que são obrigados a admitir que o prazer despertado por um monumento não reside apenas na antiguidade, mas também na satisfação de poder classificá-lo dentro dos conceitos estilísticos por eles conhecidos. (RIEGL, 1984).

O valor histórico de um monumento resulta do fato de ele representar um estágio evolutivo individual de um domínio qualquer da atividade humana, interessando somente sua criação original como obra humana. Portanto, “o valor histórico observa o monumento original como intocável, não se trata apenas de conservar os traços da idade, as alterações provocadas pela influência da natureza, mas trata-se muito mais de conservar um documento, o mais autêntico possível, para uma futura atividade de restituição histórico-artística”. (IBIDEM).

O culto do valor histórico deve zelar pela manutenção dos monumentos no seu estado atual, levando à exigência de uma intervenção que tenha o curso da evolução natural, no limite dos poderes humanos.

VALOR VOLITIVO DA MEMÓRIA OU COMEMORAÇÃO

O valor intencional de comemoração tem esse objetivo de nunca deixar que um monumento faça parte do passado, permitindo que permaneça na consciência das gerações futuras, sempre presente e vivo, sendo assim, tornando uma ligação com os valores de atualidade. O valor volível de comemoração pretende ser o presente eterno, a essência incessante. (RIEGL, 1984).

O caráter do valor volível de comemoração como um valor de atualidade é expresso inclusive pela proteção das intervenções destrutivas da mão humana que sempre recebe da legislação. (IBIDEM).

RELAÇÃO DOS VALORES DE ATUALIDADE

Do ponto de vista desse valor, existirá desde logo a tendência de considerar o monumento não como tal, mas como uma estrutura moderna, exigindo que o monumento antigo tenha a aparência externa de toda obra humana em estado de formação, que dê a impressão de integralidade e de não ter sido

afetado pelas influências naturais. Primeiro, trata-se de valores práticos ou utilitários, no segundo, de valores e arte. (RIEGL, 1984).

O VALOR UTILITÁRIO OU DE USO

Segundo Alois Riegl (1984, p.66):

“O caso de um velho edifício, hoje ainda em uso, que tem que ser conservado em estado tal que possa alojar as pessoas, sem pôr em risco suas vidas e saúde. Toda trinca nas paredes ou no teto, ocasionada pelas forças da natureza, deve ser fechada imediatamente, a fim de evitar, dentro do possível, a penetração de umidade.”

As exigências negativas do valor utilitário são inevitáveis ao levar em consideração as necessidades materiais (sensoriais) dos homens, que exigem a não manutenção de um monumento no caso em que sua degradação natural pode colocar em risco a vida de pessoas (como uma queda). “É necessário considerar que o valor de bem-estar físico das pessoas é superior às necessidades ideais do culto de antiguidade”. (RIEGL, 1984, p.67).

Pois, mais energeticamente que o valor histórico, o valor de antiguidade deve se opor-se à retirada de um monumento fora de seu contexto em certa medida orgânico e ao seu encerramento em museus, ainda que dessa forma ele consiga ser mais seguramente dispensado da necessidade de restauração. (RIEGL, 1984).

O VALOR DE ARTE

Todo monumento possui um valor de arte, havendo duas exigências ao querer moderno da arte, sendo a primeira: de que o valor da arte moderna, participa dos mesmo valores de períodos anteriores da história da arte, ou seja, toda obra de arte moderna que acabou de conformar-se como tal, deve apresentar uma integralidade de forma e cor sem qualquer dissolução. A segunda é a expressão de arte relativa, pois não se trata de um valor objetivo ou de validade permanente, mas sim de um que se encontra em constante mutação. (RIEGL, 1984).

O VALOR DE NOVIDADE

Como todo monumento, “conforme sua idade e o favor ou desfavor de outras circunstâncias, sofreu de uma forma mais ou menos intensa o efeito desagregador das forças da natureza, a integralidade de forma e cor exigida pelo valor da novidade lhes é todo modo inacessível”. (RIEGL, 1984, p. 70).

Se um monumento com traços de degradação deve satisfazer ao querer da arte moderno, faz-se necessário que os traços da degradação sejam eliminados, ganhando a obra o aspecto do original, pela reconstrução da sua forma e cor. O valor de novidade, só pode ser observado de uma forma que simplesmente contradiz o culto do valor de antiguidade. (RIEGL, 1984).

O valor de novidade sempre foi o valor de arte das grandes massas com pouca cultura, ao passo que o valor de arte relativo, ao menos desde o início dos tempos modernos, foi apreciado somente por aqueles que dominavam uma cultura estética. (IBIDEM).

O VALOR DE ARTE RELATIVO

No valor de arte relativo existe a possibilidade de que as obras de gerações passadas sejam não apenas testemunhas de que a força criadora humana pode vencer a natureza, mas que também possam ser apreciadas em relação à especificidade da sua concepção, forma e cor. Segundo o ponto de vista moderno, não existe um cânone de arte objetivamente válido (Marcel Duchamp, foi um desses apoiadores). As obras que datam muitos séculos são mais valorizadas do que as obras modernas e até mesmo obras que no seu tempo despertaram pouco interesse ou pesadas críticas, são hoje apresentadas como grandes manifestações plásticas. (RIEGL, 1984).

A avaliação superior dos monumentos mais antigos, era justificada por estarem naqueles tempos, os artistas e suas obras mais próximos do valor de arte absoluto do que artistas modernos. (IBIDEM).

O PATRIMÔNIO DE SÃO ROQUE

O Patrimônio de São Roque surgiu entre 1921-1922, com uma área de dez alqueires de terra doados pela Companhia Brasileira de Colonização (hoje conhecida como CAPISA). A doação do patrimônio foi feita a Igreja Católica Romana, e logo foram surgindo os primeiros ranchos agrupados, e vendas. Construíram um templo ou capela, e essa capela pertencia à Paróquia de Conceição de Monte Alegre, faziam-se casamentos, batizados, procissões, todo tipo de cerimonial religioso do catolicismo. (ALMEIDA, 2002).

Depois de um tempo começaram a surgir vários protestantes no Patrimônio, os cultos começaram a ser na casa de um dos protestantes, e certa noite, quando estava terminando o culto, chegou um grupo de homens armados e mandaram, por ordem do padre que parasse com a cantoria, pois incomodava o vigário. Depois disso, o primeiro protestante que faleceu, por ordem do padre, não consentira que fosse sepultado no cemitério de São Roque, foi sepultado do lado de fora, na beira da cerca, no sítio do Sr. Antônio Rafael, onde havia um cafezal. (ALMEIDA, 2002).

Chico Maria, foi um homem eleito pelo povo para comandar a cidade antes do Padre chegar, teve a ideia de construir uma escola para as crianças aprenderem a lerem e escreverem, contratou seu irmão para construir, então foi a São Roque falar com os dirigentes sobre onde poderiam construir o salão, mas, alegaram que Chico Maria por ser Protestante não podia construir nem possuir nada no patrimônio. (IBIDEM).

Certo dia foi organizada a primeira Igreja Presbiteriana Independente na casa do irmão Tertuliano Machado Coutinho, em 17/04/1921 (FIGURA 2), foram arrolados 74 membros professos e 113 crianças batizadas, foi quando Chico Maria teve ideia de fundar um outro patrimônio dando-lhe o nome de “Liberdade”, desejando que todos tivessem direitos iguais, independente da religião ou sem religião, onde todos poderiam construir o que quisessem e ali moram quem quisesse. (ALMEIDA, 2002).

Então surge uma grande questão, “quem cederia as terras para o patrimônio?” (p. 32), Antônio de Almeida Prado, sobrinho de Chico Maria, reconhecendo a dificuldade e necessidade decidiu ceder suas terras (uma área de 10 alqueires) para o patrimônio da Liberdade (onde hoje está Iepê). Em um dia de sábado demarcaram o perímetro urbano, no sábado seguinte as primeiras ruas, e a cada sábado um novo espaço era aberto, as ruas, ranchos, e mais ranchos. Julia de Almeida Ramos cedeu uma área de mais de uma quarta das terras para o cemitério (que corresponde ao atual), e assim surgiu o patrimônio Liberdade. (IBIDEM).

A IGREJA PRESBITERIANA DE LIBERDADE

Em 1921, todos ainda moravam no Patrimônio do São Roque, haviam os católicos e protestantes, após a reunião com o Rev. Elias José Tavares na casa do irmão Tertuliano Machado Coutinho, foi decidido criar um novo patrimônio onde todos pudessem viver tranquilamente, logo após, os moradores do São Roque decidiram eleger um prefeito para tomar decisões, e foi eleito o Sr. Chico Maria (causando muitas brigas), devido aos conflitos religiosos e políticos, o Cemitério de São Roque foi cercado por seus dirigentes católicos, que deixaram para o lado de fora da cerca as sepulturas de dois protestantes. (IBIDEM).

Chico Maria, com o apoio de muitos pioneiros, idealiza a criação de um novo Patrimônio onde houvesse liberdade e respeito a todos os credos e formas de pensamento e valorização da educação: uma Cultura de Paz. E então surge o Patrimônio de Liberdade, com o edifício pioneiro da primeira igreja em madeira chamada Igreja Presbiteriana Independente de Três Coqueiros. A organização da IPI de Três Coqueiros deu-se em 21/04/1921. (SANT’ANA, et al. 2003).

A primeira referência do Patrimônio Liberdade é feita em maio de 1925, o primeiro templo construído em madeira localiza-se onde é o salão social da IPI, as reuniões sendo feitas no salão da Escola Pública do Patrimônio. A partir da segunda metade da década já passada a fase inicial de estabelecimento da nova comunidade evangélica, onde a igreja assume o “juizado de pequenas causas” (pág. 24, vol. 2) que era zelosa pelo bom testemunho de seus membros. (IBIDEM)

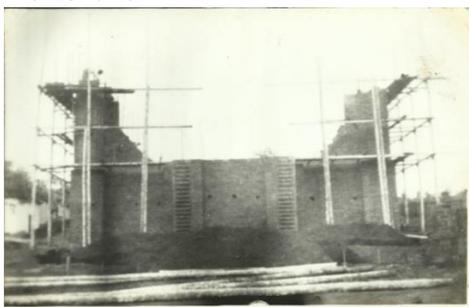
Figura 2. Primeiro templo em madeira



Fonte: Museu Histórico da IPI de Iepê, 1938.

Com as terras doadas pelo protestante Antônio de Almeida Prado, e a mão de obra de Henrique Rangel com seu carro-boi puxava tijolos e terra para o aterro, então é inaugurado o templo IPI em 21/07/1940. Puderam então erguer a igreja em alvenaria, os tijolos de barro eram feitos pelos próprios protestantes em suas casas durante a noite, e levados ao dia para construir, janelas, e telhas foram doações de pessoas mais ricas. (SANT'ANA, et al. 2003).

Figura 3. Construção do Templo em alvenaria



Fonte: Museu Histórico da IPI de Iepê, 1940.

Chico Maria, foi um grande idealizador na construção, seu sonho era ver a igreja erguida, uma igreja protestante, com torre, cúpula e um relógio (Chico Maria faleceu 3 meses antes do término da igreja), após a igreja ser concluída (FIGURA 5), a primeira igreja em madeira passou a ser escola a escola dominical por um tempo. A Escola Dominical da IPI de Liberdade, nos tempos do Rev. Jonas Dias Martins, contava com mais de 400 alunos, referida como a maior escola do Brasil. (AMARAL, et al. 2004).

Figura 4. Crianças da Escola Dominical da IPI



Fonte: Museu Histórico da IPI de Iepê, 1940.

Com a IPI inaugurada, uma construção daquele porte em uma comunidade rural e sertaneja, foi razão para grande admiração nas redondezas fora dela. (IBIDEM).

Figura 5. Inauguração da IPI de Liberdade



Fonte: Museu Histórico da IPI de Iepê, 1940.

IPI NOS DIAS DE HOJE

A igreja fica localizada no centro da cidade, é um edifício histórico, pioneiro na cidade, o quarteirão todo é composto por edifícios que vieram logo após a igreja, fica em frente à praça pública central da cidade, sendo um conjunto: a igreja, o salão, o museu, o estacionamento, a casa. Edifícios que compõem o espaço da igreja sendo representativo para a religião, a igreja em escala monumental destacada com sua vegetação ao entorno da fachada, igreja protestante situada em frente à praça central da cidade, simétrica e com uma grande torre, o edifício se relaciona diretamente com a praça da igreja e com o estacionamento, onde foram fechados por um portão. Ao seu entorno cada elemento tem um valor histórico.

Figura 6. Igreja IPI e as características arquitetônicas.



Fonte: Foto autoral e modificada por autor, 2019.

A igreja foi construída com várias características que estavam na época, a planta da IPI foi feita por um alemão que estava no Patrimônio São Roque, ao começar a erguer e igreja observa-se características da arquitetura Luterana, ligada a Reforma Protestante, e a trajetória de Martinho Lutero, a arquitetura luterana está ligada ao ecletismo, apresentando elementos arquitetônicos neoclássicos, com a torre, a cúpula, uma mistura com o neogótico nas janelas, e românico. Uma mistura com detalhes de uma

arquitetura alemã. Conforme finalizada apresenta elementos art-déco, como o escalonamento, o uso das formas geométricas (FIGURA 6).

Através das análises de Riegl (1984, p.15), podemos observar que a igreja apresenta o valor de antiguidade, que é:

“A antiguidade se exprime mais pelo efeito óptico da decomposição da superfície-influência do tempo, pátina -, do desgaste de ângulos e cantos, que revela, portanto, a inexorável e implacável ação de dissolução provocada pela natureza”.

E também apresenta o valor histórico, pois com toda a sua necessidade, e como todo trabalharam para criar um lugar religioso onde todos pudessem se expressar e ser da sua maneira. A IPI foi construída por um conjunto de pessoas com o intuito de ser um lugar melhor, e para Riegl (1984, p.11) é definido como:

“Uma obra criada pela mão do homem e elaborada com o objetivo determinante de manter sempre presente na consciência das gerações futuras algumas ações humanas ou destinos (ou a combinação de ambos)”.

A igreja é implantada em forma retangular no terreno, obtém recuos frontais, o acesso pode se dar pela fachada frontal, lateral esquerda onde encontra-se o museu e uma abertura para a rua, pelos fundos onde é o estacionamento, e pela lateral direita onde está o salão que antigamente era a escola dominical. Sua relação com o público é indiretamente, tem um pequeno muro e portões a fachada, e logo após um recuo frontal de 9 metros, contendo adições de volumes conforme se observa a escada e a igreja são elevadas a 4 metros do chão, a parte da nave tem 6m de pé direito, onde a parte da torre é composta por 3 patamares, a igreja é composta por 350m de altura total do começo da escada até a ponta da cúpula.

Figura 7. Elementos da igreja



Fonte: MHIPI de Iepê, 2014.

Os revestimentos externos sendo a pintura, a escada e os muros em concreto, e os pisos da entrada da nave em mármore, e logo após madeira (interior) (FIGURA 7). A circulação sendo totalmente planta livre na parte da igreja, com salas laterais ao lado do coro onde a sala esquerda se dá acesso ao pavimento de baixo da igreja, localizada as salas de estudo dominical entre um grande corredor, e a sala direita acesso ao estacionamento a rua de cima, podendo obter circulação em todo entorno em volta da igreja, passando pelo salão, estacionamento, jardim, museu e a saída para a rua lateral, frontal e fundos.

Contém a circulação horizontal e vertical (na torre). Planta da igreja totalmente simétrica como na fachada. Sendo bem iluminada composta por 5 vitrais em cada lado da igreja, com a iluminação colorida, cada sala de estudo dominical possui 1 janela. Sendo restrito somente o pavimento de baixo e a torre são restritos, o restante da igreja é aberta e contém a circulação por todo o pátio (FIGURA 6). O revestimento interno é composto pela pintura, o assoalho de madeira da igreja e os pisos de cerâmica, o forro em madeira, e o sistema construtivo sendo os tijolos em barro, feito a mão pelos moradores em suas residências, levando durante o dia e ajudando a construir a igreja, com doações das janelas e elementos

para a igreja, aos poucos os moradores ergueram, materiais utilizados: tijolo de barro, tijolo comum, lajota, concreto, madeira, sua cobertura em telhas de barro, e substituída pela telha de zinco.

DE LIBERDADE PARA IEPÊ

Logo após os protestantes doaram terras para a construção da prefeitura, da igreja católica e do cemitério municipal. A igreja foi o edifício pioneiro do Patrimônio Liberdade, e logo após, quando solicitado Liberdade passou a ser cidade, mudaram o nome para Iepê (que na linguagem guarani significa: Lugar Único).

CONCLUSÃO

Alois Riegl foi de suma importância acerca das questões de conservação dos monumentos históricos, elaborou um conjunto de reflexões destinadas a fundar uma prática, a motivar as tomadas de decisão, a sustentar uma política. Deu passos fundamentais para consolidar a preservação de bens culturais como um campo disciplinar autônomo, que deixou de ser apenas um "auxiliar" da história da arte, passando a assumir características próprias, podendo, por sua vez, oferecer contribuições para a própria historiografia e para a criação artística contemporânea. Elaborou teorias, que permanecem válidas ainda hoje, contendo elementos que podem ser continuamente utilizados.

Ao aplicar o seu estudo sobre a Igreja IPI de Iepê, conclui-se que a igreja entra no valor histórico e de antiguidade, ao observar suas fotos podemos ver as marcas do tempo surgindo conforme ao passar dos anos, e no histórico sobre toda a sua história de como surgiu através de uma necessidade por causa de conflitos religiosos, e por ser um marco da cidade, pois a cidade se desenvolveu através da igreja, por conta dos protestantes serem donos das terras, e através de bom ato, ajudaram na evolução e crescimento da cidade.

Conclui-se que a restauração deve ser vista hoje como ato crítico, baseada sempre na relação de fatores estéticos e históricos que estão presentes na obra, mas excedendo tais aspectos para abordar também seu fator cultural: ou seja, levar em consideração a teoria do restauro e sua historiografia até hoje, significado, simbologia, valor social e econômico, funcionalidade, gestão e visões à sua transmissão ao futuro.

REFERÊNCIAS

CUNHA; REIS, Claudia. Alois Riegl e o culto moderno dos monumentos. Disponível em : <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/05.054/3138>. Acesso em: 13 de jul. 2020.

ERA ARCHITECTS. Alois Riegl e o culto moderno do monumento. Disponível em: <http://www.eraarch.ca/2011/aloes-riegl-and-the-modern-cult-of-the-monument/> acesso em: 12 de out. 2019.

KODAIRA. Resenha: O legado moderno na cidade contemporânea: restauração e uso. Disponível em: <https://designresearch.sva.edu/research/kunstwollen/>. Acesso em: 05 de set. 2020.

MÁLAQUE, E; SANT'ANA, K; ZAKIR, N. Subsídios para a História de Iepê. 1 ed. Iepê: Sant'ana, 2002.

MÁLAQUE, E; SANT'ANA, K; ZAKIR, N. Subsídios para a História de Iepê. 2 ed. Iepê: Sant'ana, 2003.

MÁLAQUE, E; SANT'ANA, K; ZAKIR, N. Subsídios para a História de Iepê. 3 ed. Iepê: Sant'ana, 2004.

MESQUITA, J. Os filósofos da política: iluminismo, a filosofia da ilustração. 1 ed. Senado Federal: Editora Brasília, 2004.

NOGUEIRA, A. Os Valores dos Monumentos: a Importância de Riegl no Passado e no Presente. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa/CIEBA, 2014, Lisboa. Resumos. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2014. p. 1-44.

OLIVEIRA, Carla. Alois Riegl, o conceito de Kunstwollen e o Barroco: algumas considerações em história da arte. Revista nº 28, 2013. Resumos. São Paulo: Saeculum, 2013. p. 1-15.

RIEGL, Alois. O Culto dos Moderno dos Monumentos. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 1984.

WOOD, Christopher. O leitor da escola de Viena: política e método histórico da arte da década de 1930. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

VIVÊNCIAS URBANAS DAS MULHERES NO JARDIM ESPLANADA EM TEODORO SAMPAIO – SP

Bruna Eduarda De Lima Santos, Victor Martins De Aguiar E Yeda Ruiz Maria

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: brunaels@hotmail.com

RESUMO

O espaço urbano é constituído por diversas manifestações culturais e sociais advindas das vivências produzidas pela população, de modo, que fica evidente a importância de se criar locais mais inclusivos e participativos. Entretanto, os modelos às quais as cidades estão sendo projetadas seguem um parâmetro socialmente construído a partir das necessidades do gênero masculino. Tal prerrogativa incide na vulnerabilidade e insegurança tanto física quanto emocional, que consequentemente influenciam as formas de apropriação do espaço urbano pelas mulheres. Bairros periféricos, lotes vazios e insuficiência de iluminação pública são entre os fatores que reprimem as apropriações e até mesmo causam certa apreensão para a circulação das mulheres, tal como se nota no bairro Jardim Esplanada em Teodoro Sampaio-SP. Constituído a partir da linha férrea da cidade na década de 1961 o bairro passou por diversas mudanças ao longo dos anos em razão da sua desativação em 1981. Deste modo, este trabalho tem como objetivo analisar os usos urbanos por mulheres no Jardim Esplanada, buscando compreender os fatores de vulnerabilidade e a insegurança existentes na área. Para tal entendimento, foram necessárias observações diretas no perímetro do bairro, a fim de identificar os pontos de insegurança existentes e vivenciados pelas mulheres por meio de um “mapeamento intuitivo”, onde tais levantamentos foram complementados com revisão bibliográfica e documental.

Palavras - chave: mulher, direito à cidade, planejamento urbano, Jardim Esplanada, Teodoro Sampaio-SP.

URBAN EXPERIENCES OF WOMEN IN THE JARDIM ESPLANADA IN TEODORO SAMPAIO - SP

ABSTRACT

The urban space is constituted by diverse cultural and social manifestations resulting from the experiences produced by the population, so that the importance of creating more inclusive and participative places is evident. However, the models to which cities are being designed follow a socially constructed parameter based on male gender needs. This prerogative focuses on vulnerability and insecurity, both physical and emotional, which consequently influence the forms of appropriation of urban space by women. Peripheral neighborhoods, empty lots and insufficient public lighting are among the factors that repress appropriations and even cause a certain apprehension for the circulation of women, as noted in the Jardim Esplanada neighborhood in Teodoro Sampaio-SP. Built from the city's railway line in the 1961s, the neighborhood has undergone several changes over the years due to its decommissioning in 1981. Thus, this work aims to analyze the urban uses by women in Jardim Esplanada, seeking to understand the factors of vulnerability and insecurity in the area. For this understanding, direct observations will be necessary in the neighborhood perimeter, in order to identify the points of insecurity existing and experienced by women through an “intuitive mapping”, where such surveys were complemented with bibliographic and documentary review.

Keywords: woman, right to the city, urban planning, Jardim Esplanada, Teodoro Sampaio - SP.

INTRODUÇÃO

O termo gênero é advindo de uma construção cultural de partes atribuídas aos sexos que limita espaços e estabelece as relações envolvendo o público e o privado. Partes estas, vistas em conjunto mesmo

que tenham formas de convivência opostas, podendo significar a formação das relações urbanas e domésticas a partir da hierarquia patriarcal existente (MONTAGNER; MUXI; 2014).

Por definição as formas de utilização do espaço público, a partir das práticas de vivência e a relação direta que o ambiente possui com a diversidade de pessoas existentes, trazem consigo fatores que estão ligados constantemente nas noções e práticas cidadãs da população dentro da cidade (GALLETI, 2017).

Somando-se a isso, Lefebvre (2011), dispõe que o direito à cidade equivale ao direito à vida urbana, com ideias de caráter político, produtivos e emancipatórios de maneira a propor a produção de um espaço urbano onde as pessoas possam ser capazes de tomar o controle da vida cotidiana.

Ao que tange as condições ao direito à cidade, questionando os princípios liberais de cidadania, é fundamental considerar identidades diferentes que habitam no contexto urbano. Um aglomerado de pessoas, que incluem identidades sociais, como: gênero, raça, classe social, etnia, religião, orientação sexual, e entre outros aspectos a qual se relacionam e podem contribuir para uma vivência desigual onde consequentemente resulta em discriminação e violência (GALLETI, 2017). Aspecto relacionado ao sistema de poder e opressão que as afetam, principalmente numa desigualdade de gênero, tendo em vista que as mulheres se encontram mais vulneráveis a violências no espaço público.

Inserindo o Brasil em tal contexto, o país se desenvolveu a partir de um sistema colonial, escravista e patriarcal, de modo que toda sua economia era voltada para abastecer Portugal. Desta maneira, as cidades brasileiras foram moldadas seguindo um padrão onde o homem branco era o detentor dos poderes, gerando assim uma sociedade pautada na segregação da população indígena, negra e pobre, sendo que o gênero feminino também estava inserido nessas camadas no âmbito de “servir”, porém, as mulheres do país não deixaram de lutar pelo seu espaço (MELO, 2017).

Com a incorporação de leis urbanas no Brasil e já no século XXI em concordância com o que estabelece a Constituição Federal, o Estatuto da Cidade⁹ e a Resolução 25 do Conselho Nacional das Cidades¹⁰, a elaboração de um Plano Diretor é um serviço coletivo, que deve ser feito com participação popular em todas as etapas, pensando na cidade como um todo. Entretanto, as formas de planejamento e desenvolvimento das cidades não tem se constatado levar em consideração a apropriação das mulheres no espaço urbano, visto que, ideologias modeladoras de comportamento incidem sobre estas por meio de leis e normas, repercutindo na utilização do espaço construído (GONZAGA, 2004).

A insegurança é algo constantemente enfrentado pelas mulheres dentro do perímetro urbano, principalmente devido ao planejamento urbano insuficiente de determinadas áreas, deixando-as ociosas e com pouca circulação e iluminação, principalmente nos períodos noturnos. Desta forma, a mobilidade das mulheres fica limitada, pelo fato de sentirem vulneráveis e suscetíveis a uma violência já que o espaço não oferece subsídios necessários para protege-las (GALLETI, 2017).

[...] as práticas cotidianas das mulheres são produto das relações de gênero, as discriminações e desigualdades nessas construções resultam da ordem patriarcal, que separa as esferas públicas e privadas, fazendo com que a vivência da mulher no espaço urbano seja diferenciada do homem, expressando-se nos sentimentos de medo e insegurança que fazem com que essas adotem táticas que acabam as excluindo desses espaços (GALLETI, 2017, p. 2).

De acordo com a pesquisa #meninapodetudo¹¹ (2015), a partir de 2.285 mulheres entrevistadas, com idades entre 14 e 24 anos, 90% delas já deixaram de fazer alguma coisa por medo de sofrerem violência, como sair à noite, usar determinada roupa ou até mesmo de responder alguma cantada e assédio sofrido e, 77% delas relataram já ter sofrido algum tipo de violência. Essa pesquisa tinha como objetivo o

⁹ BRASIL. **Lei 10.257 de 10 de julho de 2001**. Dispõe sobre o Estatuto da Cidade. Brasília, 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10257.htm>. Acesso em: 23 jul. 2020.

¹⁰ BRASIL. Diário Oficial da União. **Resolução 25 de 18 de março de 2005**. Dispõe sobre a elaboração de Planos Diretores a todos os Municípios, de acordo com a Lei nº 10.257/01 (Estatuto da Cidade). Brasília, 2005, p.102. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/524527/pg-102-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-30-03-2005>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

¹¹ Pesquisa nacional realizada pelo Énois Inteligência Jovem; Instituto Vladimir Herzog; Instituto Patrícia Galvão, 2015. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/fontes-e-pesquisas/wp-content/uploads/sites/3/2018/08/ENOIS_meninapodetudo2015.pdf> Acesso em: 04 ago. 2020.

recorte de gênero, com foco em como o machismo e a violência afetam as mulheres das classes C, D e E, moradoras de 370 cidades brasileiras. Vale ressaltar, que durante esta pesquisa a palavra “rua” foi a mais citada nas 2.285 respostas às perguntas: “A violência contra a mulher aparece em seu dia a dia? Como?”. O espaço público foi visto, pela maior parte das entrevistadas, como um local em que não há segurança ou respeito pelas mulheres, o que resulta em sentimento constante de medo.

Nos espaços públicos como ruas, calçadas e praças, a instalação e a constante manutenção dos mobiliários urbanos como: bancos, lixeiras e principalmente a iluminação pública, podem facilitar o uso de todos, inclusive das mulheres, assim como a criação de áreas públicas de lazer que levem em consideração as necessidades de toda a população de forma igualitária, sem distinção de gênero ou idade. Consequentemente, “[...] as redes de infraestrutura são indispensáveis para garantir a produção econômica e, ao mesmo tempo, responder as necessidades de reprodução social” (VOSGUERITCHIAN, 2015, p. 84).

Visto isso, vale ressaltar a importância de o planejamento urbano em possibilitar a apropriação das mulheres nos ambientes públicos, marcando a sua presença e contribuindo para a sua inclusão, tirando a predefinição de mantê-las as margens e a segregação. Assim, cabe analisar essa maneira de proceder, de modo que possa abranger os aspectos sociais e ações, não só dos profissionais responsáveis pelo planejamento urbano, mas de todos os cidadãos, de onde devem partir as discussões sobre o tema e que em consequência possam proporcionar conhecimento sobre a cidade e suas apropriações.

Deste modo, o presente trabalho tem como objetivo compreender as dinâmicas de apropriação dos espaços urbanos e os pontos de vulnerabilidade vivenciados pelas mulheres no Jardim Esplanada em Teodoro Sampaio – SP, e como podem ser aplicadas formas de incentivo ao uso de áreas urbanas para as mesmas. Fundado entre as décadas de 60 e 70 juntamente com o desenvolvimento da linha férrea, o bairro hoje, 2020, configura-se dentro de uma morfologia periférica, em relação ao perímetro do município, abrigando condicionantes urbanas que limita as interações entre os cidadãos, trazendo insegurança para as mulheres, perdendo assim as relações de pertencimento e convívio coletivo.

MÉTODOS

Para obter o objetivo estipulado por este trabalho, conforme aprovado pelo Programa de Especial de Iniciação Científica (PEIC), foi necessário analisar os registros históricos e os investimentos do poder público ao longo dos anos, para compreender a morfologia urbana no desenvolvimento do Jardim Esplanada em Teodoro Sampaio - SP. Além disso, foram realizadas visitas durante os meses de janeiro a março de 2020, dentro do perímetro do bairro em dias e horários diferentes, que por meio de observações diretas foi possível identificar e pontuar os locais de maior vulnerabilidade e insegurança vivenciados pelas mulheres, assim como as formas de apropriação existentes.

Após a coleta de dados dos aspectos sociais e de infraestrutura do bairro, a partir da elaboração de croquis e “mapas mentais”, foram realizados diagramas e mapas digitais com o auxílio do *software Illustrator* a fim de auxiliar a compreensão dos levantamentos urbanos. Para ampliar as percepções espaciais do Jardim Esplanada, também foram realizados levantamentos fotográficos, destacando pontos específicos do bairro e houve a preservação da identidade dos moradores que transitavam no espaço, a partir da edição e desfoque de seus rostos e evidenciando pontos específicos do espaço.

As percepções físicas e dinâmicas sociais das mulheres moradoras do bairro, observadas nos levantamentos, foram sintetizadas em forma de “mapas mentais” conforme propõe Kevin Lynch (1997), evidenciando as concepções de legibilidade do espaço urbano por parte de seus moradores. Estes “mapas mentais”, foram complementados e embasados de acordo com a revisão bibliográfica, na conceituação de termos em livros, artigos, teses, dissertações e pesquisas científicas sobre: urbanismo feminista, planejamento urbano e direito à cidade.

Devido ao distanciamento social decretado em todo estado de São Paulo, a partir de março de 2020, por conta do avanço da pandemia de COVID-19 no país, houve o fechamento das escolas e creches no município de Teodoro Sampaio, além de haver restrições ao uso das praças e demais espaços públicos¹².

¹² TEODORO SAMPAIO. Decreto Municipal nº. 2.566, de 7 de abril de 2020. Declara Estado de Calamidade Pública no Município de Teodoro Sampaio e dispõe sobre a adoção de novas medidas para intensificar o combate ao novo coronavírus (COVID-19), 2020.

Desta forma, os levantamentos e registros das apropriações foram reduzidos dentro do período da quarentena, entretanto, vale ressaltar que os resultados não foram prejudicados, pois foi possível mapear e identificar os pontos de vulnerabilidade e as vivências urbanas antes das restrições sanitárias estabelecidas.

RESULTADOS

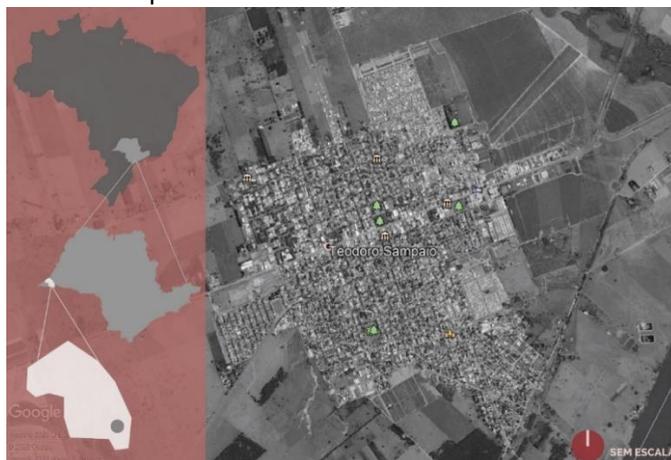
Os resultados obtidos estão fundamentados a partir do processo histórico de ocupação e desenvolvimento do bairro Jardim Esplanada e como atualmente, 2020, ele é formado dentro do perímetro do município de Teodoro Sampaio – SP. À vista disso, é apresentado respectivamente, a localização do município e a sua formação urbana; o desenvolvimento do Jardim Esplanada e seu processo de ocupação, evidenciando o número de vazios urbanos¹³ existentes e os aspectos negativos desencadeados na malha urbana; a pontuação de aspectos de infraestrutura e acessibilidade no bairro, levantados a partir de visitas no local, e por fim, as políticas públicas existentes no município com relação ao planejamento urbano e a inserção da mulher na vivência coletiva.

CONTRA USOS URBANOS: HISTÓRICO E COMPREENSÃO MORFOLÓGICA

As cidades do interior territorial dos estados, trazem consigo características não mais presentes nas grandes cidades. São municípios que ainda possuem aspectos da vida rural em suas funções e até mesmo na formação do desenho urbano (GATTI; ZANDONADE, 2017). Tal aspecto é visivelmente constatado na observação das cidades que integram a região do Oeste Paulista.

Localizado no extremo oeste do estado de São Paulo, e distante cerca de 653,8 km da capital do estado, São Paulo, o município de Teodoro Sampaio (Figura 01), assim como as demais cidades da região se desenvolveu a partir da inserção da linha férrea pela FEPASA (Ferrovia Paulista S.A.). Fundada em 07 de janeiro de 1952 por José Miguel de Castro Andrade e Odilon Ferreira, a cidade recebeu este nome em homenagem ao Engenheiro Theodoro Sampaio que foi responsável pelo primeiro levantamento geográfico do Pontal do Paranapanema em 1886 (TEODORO SAMPAIO, s.d).

Figura 1. Localização de Teodoro Sampaio no estado de São Paulo.



Fonte: Google Earth (2019), editado pelos autores, 2020.

Segundo Souza (2002), a implantação da linha férrea refletiu positivamente no território, de modo que a circulação de pessoas e a visualização de potencialidades econômicas, apoiado no transporte de passageiros e de cargas, impulsionou a conquista do título de município de Teodoro Sampaio em 28 de fevereiro de 1964 a partir do decreto de lei nº 8.092, conseqüentemente dando subsídios para a sua emancipação política administrativa em 21 de março de 1965.

¹³ “Expressando sua multiplicidade de significados, os vazios urbanos abrangem desde a inexistência de construção, à não ocupação, à desocupação, à decadência, ao não uso e ao subaproveitamento dos espaços, sejam eles terrenos ou edificações consideradas como urbanos [...]” (BELTRAME, 2013, p. 115).

Com o início da década de 70 o declínio do sistema ferroviário instalado já era um fator existente, a queda da produção agrícola e madeireira foram os fatores que contribuíram para a desativação do Ramal em 1981. Entretanto, mesmo que a ferrovia tenha ficado economicamente inviável para a região, no ano de 1988 houveram iniciativas de reativação do Ramal por parte da área técnica da FEPASA; onde tal fato só seria concretizado caso a ferrovia atendessem recomendações específicas, condições estas que não foram atendidas, levando conseqüentemente a retirada dos trilhos no ano de 1999, restando hoje (2020) apenas algumas ruínas da antiga estação ferroviária de Teodoro Sampaio no bairro Jardim Esplanada (SOUZA, 2002).

A configuração urbana dentro do município se deu a partir da área remanescente a linha férrea, local este que durante a ascensão da ferrovia foi um dos pontos nodais da economia e da circulação de pessoas na cidade. Entretanto, com a desativação do Ramal de Dourados, as prioridades do deslocamento mudaram, sendo focalizadas no centro definido a partir da Avenida Cuiabá, já que a mesma se interliga com as rodovias intermunicipais e conseqüentemente possui uma circulação maior de pessoas (Figura 02).

Figura 2. Avenida Cuiabá e ligação com as rodovias intermunicipais.



Fonte: Google Earth (2019), editado pelos autores, 2020.

As produções do espaço urbano geram diferentes centralidades devido ao deslocamento do comércio, dos serviços públicos e do lazer, estas transformações acabam indo de acordo com as funções de cada lugar, de modo que a cidade tende a privilegiar determinadas áreas, no sentido de abrir avenidas, impedir ou determinar usos específicos, o que incide diretamente na sociabilidade, na valorização ou desvalorização de bairros, acentuando desta maneira a desigualdade (CARLOS, 2007).

O bairro Jardim Esplanada, se constituiu em Teodoro Sampaio a partir das décadas de 60 e 70, sendo popularmente conhecido como “bairro da estação” e abrangendo uma área bem maior do que é atualmente, por conta da estação ferroviária e extensão do ramal de Dourados (SOUZA, 2002).

Localizado na porção leste do município, o Jardim Esplanada possui uma ocupação predominantemente de residências, com comércios de bairro pontuais como: mercearias, padarias e até pequenas lojas, estando a uma distância aproximada de 1,8km do centro comercial (Figura 03). Devido à falta de demanda necessária e as distâncias a ser percorridas no município, o mesmo não dispõe de transporte público coletivo para o deslocamento dos moradores a outros bairros da cidade, com exceção do transporte escolar que é realizado regularmente, atendendo todas as escolas de ensino público.

Figura 03. Localização do bairro Jardim Esplanada em relação ao centro de Teodoro Sampaio



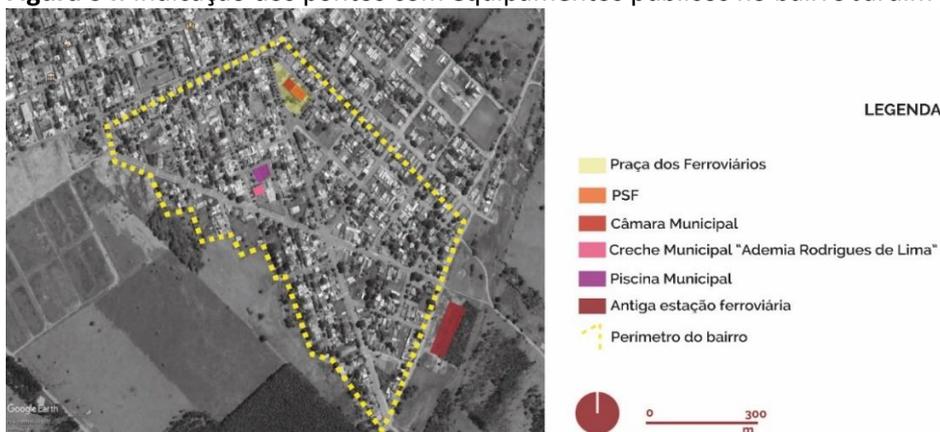
Fonte: Google Earth (2019), editado pelos autores, 2020.

Os equipamentos públicos no perímetro do bairro, são voltados para as necessidades básicas, há uma creche, uma escola técnica que provisoriamente está em um prédio público, um Posto de Saúde da Família (PSF), uma Piscina Municipal, a Câmara Municipal e uma academia ao ar livre destinada para idosos na Praça dos Ferroviários (Figura 04). Deste modo, nota-se que o bairro não possui áreas destinadas ao uso coletivo, com exceção da piscina, principalmente não há respaldos necessários para que as mulheres utilizem áreas públicas de lazer.

A implantação de equipamentos de lazer deve possuir também uma dimensão de gênero: de um lado à necessidade de lazer para seus filhos e de lugares seguros para que crianças e adolescentes possam usufruir de educação, cultura e entretenimento; de outro a necessidade de lazer e descanso para as mulheres se identifica como prioritária a implantação de equipamentos de lazer em imóveis abandonados da cidade em especial na periferia (CYMBALISTA; CARDOSO; SANTORO, 2008, p. 14).

As atividades de lazer promovidas pelo poder público são focadas nas praças situadas no centro da cidade, mais especificamente na Avenida Cuiabá. A falta de áreas de convívio público, lotes vazios e abandonados e a insuficiência de iluminação pública em determinados pontos no Jardim Esplanada, agrava os fatores de insegurança nas mulheres do bairro.

Figura 04. Indicação dos pontos com equipamentos públicos no bairro Jardim Esplanada.

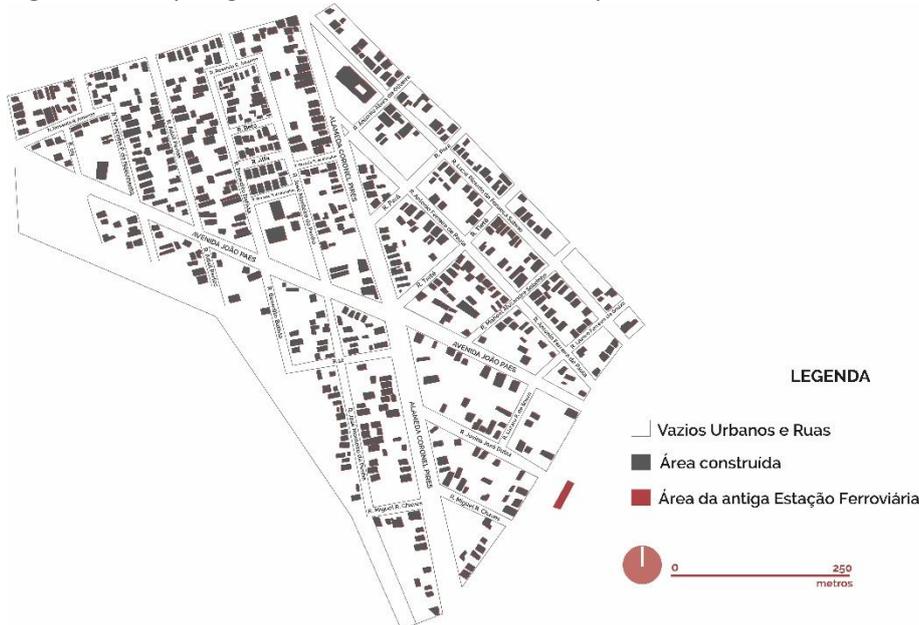


Fonte: Google Earth (2019), editado pelos autores, 2020.

Segundo informação informal da Secretaria de Obras e Planejamento do Município, em 2019, muitos proprietários dos lotes comprados no período de loteamento do bairro, mudaram para outras

idades e outros até já faleceram, o que ocasionou muitas ocupações irregulares, e abertura de processos de usucapião¹⁴, de modo que o bairro possui o menor índice de lotes registrados em cartório, estes são responsáveis por grande parte das áreas ociosas e de vulnerabilidade para as mulheres moradoras do Jardim Esplanada conforme demonstra o mapa da Figura 05.

Figura 05. Mapa figura-fundo do bairro Jardim Esplanada.

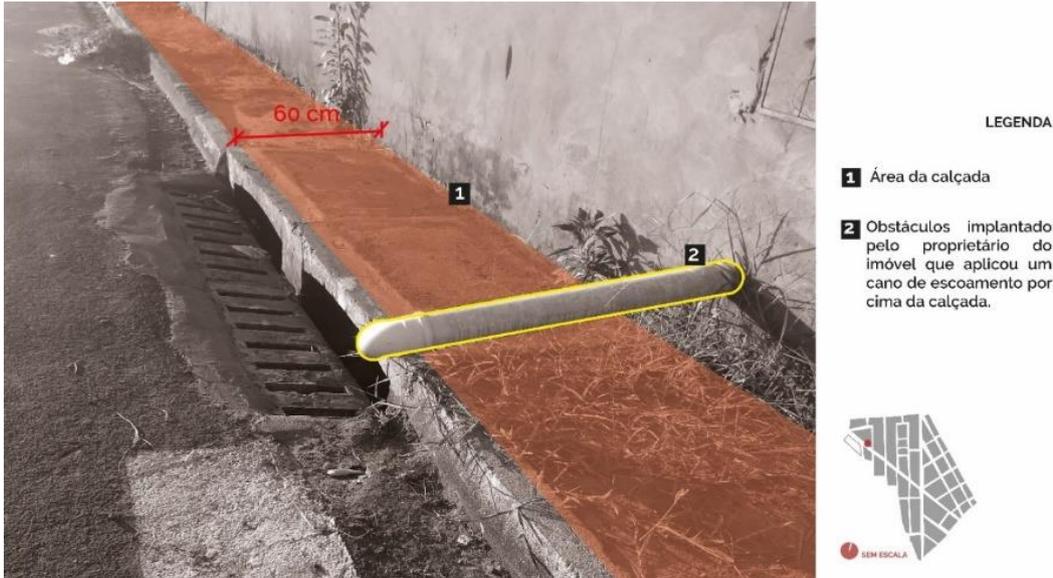


Fonte: *Google Earth (2019)*, editado pelos autores, 2020.

Mesmo que sem pavimentação, as calçadas no bairro são os espaços de maior interação entre os moradores e a rua, entretanto, como algumas ruas ficaram muitos anos sem pavimentação, percebe-se que alguns proprietários acabaram invadindo a área destinada à calçada. Esta questão resultou em locais em que o tráfego de pedestres acontece na rua, fato que, prejudica a locomoção das mulheres com crianças no momento em que vão à creche do bairro pela Avenida João Paes, por exemplo (Figura 06).

¹⁴ "Aquele que possuir como sua área ou edificação urbana de até duzentos e cinquenta metros quadrados, por cinco anos, ininterruptamente e sem oposição, utilizando-a para sua moradia ou de sua família, adquirir-lhe-á o domínio, desde que não seja proprietário de outro imóvel urbano ou rural" (BRASIL, 2001).

Figura 06. Obstáculos e redução da calçada devido a apropriação inadequada no bairro Jardim Esplanada.



Fonte: Arquivo dos autores, 2020.

Durante os levantamentos notou-se que alguns postes estão obstruídos por resíduos de pássaros que utilizaram do local para a realização de ninhos, o que prejudica a iluminação pública e devido à falta de manutenção pode até causar algum dano à parte elétrica. Além disso, construções abandonadas são encontradas com frequência no perímetro do bairro, gerando áreas ociosas e de insegurança para as mulheres no período noturno, visto que, o lote também se encontra com muita sujeira e com árvores sem a devida poda (Figura 07).

Figura 07. Construções abandonadas no Jardim Esplanada.

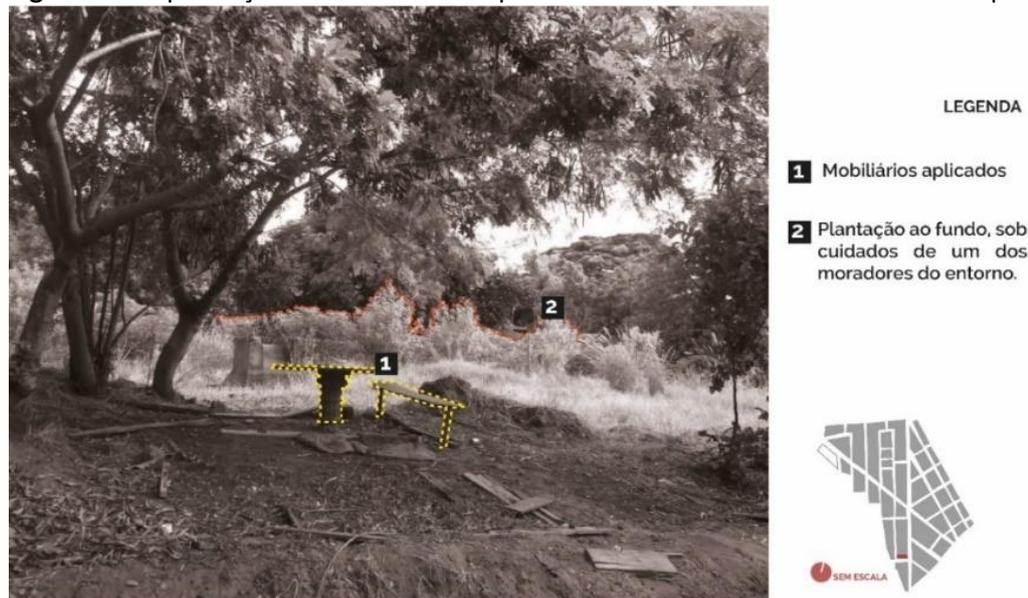


Fonte: Arquivo dos autores, 2020.

A necessidade por mais espaços de lazer principalmente nas áreas mais próximas a estação ferroviária, onde ainda não possui pavimentação, é notada pela implantação improvisada pelos próprios

moradores de bancos e mesas em uma das áreas vazias existentes, entretanto, tal espaço, já apresenta traços de abandono consequentemente causando insegurança nos períodos noturnos para as mulheres (Figura 08).

Figura 08. Implantação de mobiliários improvisados em vazio urbano no Jardim Esplanada.



Fonte: Arquivo dos autores, 2020.

Compreendendo os aspectos de formação do bairro e levando em consideração as defasagens na infraestrutura as quais foram identificadas, é válido rever as leis existentes acerca do desenvolvimento urbano do município de Teodoro Sampaio - SP, a fim de compreender as dinâmicas políticas aplicadas com relação as vivências urbanas.

Por possuir mais de vinte mil habitantes Teodoro Sampaio, estabeleceu na lei municipal nº 21 de 10 de outubro de 2006, sob aprovação do então prefeito José Ademir Infante Gutierrez, o Plano Diretor da cidade onde se instituiu as diretrizes de desenvolvimento municipal, com características de ocupação e leis complementares para o devido funcionamento do plano. Entretanto, pouco foi de fato colocado em prática no desenvolvimento urbano da cidade.

Das leis estabelecidas como complementares ao plano, a lei de uso e ocupação do solo não chegou a ser realizada (até o momento da entrega do presente trabalho), não há parâmetros estabelecidos na prática e nem um mapa com as demarcações das áreas e lotes do município. A lei de parcelamento do solo nº 28 de 16 de maio de 2007, estabelece definições e algumas diretrizes a serem seguidas nos processos de parcelamento e construção.

Mesmo com a existência das leis, ainda há uma quantidade considerável de construções realizadas sem alvará de construção, caracterizando a ocupação como irregular, de modo que na maioria das vezes estas apropriações ocorrem sem o acompanhamento de um profissional, o que consequentemente provoca problemas futuros, tanto estruturais, quanto legalmente, quando se trata de um lote em processo de usucapião.

Diante do quadro urbanístico que Teodoro Sampaio apresenta, e observando a necessidade de melhorias, em outubro de 2019 o então prefeito Ailton Cesar Herling determinou um grupo para a revisão do Plano Diretor de 2006¹⁵, na intenção de transformar este em uma colaboração participativa com a população, a fim de implementar o plano de mobilidade urbana municipal, até o momento da entrega deste trabalho, o processo já se encontra na fase de apresentação do diagnóstico para a população.

¹⁵ TEODORO SAMPAIO. Decreto municipal nº 2.534 de 30 de outubro de 2019. Dispõe sobre: "Institui Grupo de Trabalho destinado ao acompanhamento da revisão da Lei Complementar nº 21, de 10 de outubro de 2006, que dispõe sobre o Plano Diretor de Teodoro Sampaio, bem como a elaboração e a implementação do Plano Municipal de Mobilidade Urbana".

Embora mesmo sem a efetiva implantação de um espaço público que atenda às necessidades diretas das mulheres em Teodoro Sampaio, no ano de 2004, pela iniciativa da então vereadora Sueli Di Gesu e sob o mandato do prefeito Paulo Alves Pires, determinou-se juridicamente a criação do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher¹⁶, vinculado à Secretaria de Assistência Social, com a intenção de formular diretrizes, programas e políticas públicas relacionadas com a promoção da melhoria das condições de vida das mulheres e a eliminação de todas as formas de discriminação e violência contra as mesmas, de modo a assegurar-lhes plena participação e igualdade nos planos político, econômico, social, cultural e jurídico. Entretanto, tal lei só existe teoricamente, nada do que foi exposto na mesma foi colocado em prática.

É necessário, portanto, ampliar as concepções do planejamento urbano municipal para que o mesmo reconheça o território como espaço também pertencente a mulher, como cidadã, tendo direito de usufruir do espaço público e garantir subsídios como estabelece o Estatuto da Cidade. Diante disso, pode-se levar em consideração que o município possui leis e aparato jurídico para a determinação do ambiente urbano, entretanto, cabe ao poder público colocar em prática, para garantir os direitos de seus moradores e incentivar a apropriação dos espaços públicos.

DISCUSSÃO

A discussão acerca das vivências urbanas das mulheres no Jardim Esplanada em Teodoro Sampaio – SP estão apresentadas de acordo com as visitas realizadas *in loco* no bairro seguindo a ordem cronológica destas, evidenciando os locais de maior vulnerabilidade e quais são os espaços mais utilizados por elas. Dentre esses espaços, vale destacar a existência dos equipamentos de uso público e coletivo no bairro e suas formas de apropriação.

VIVÊNCIAS URBANAS E OS PONTOS DE VULNERABILIDADE LEVANTADOS EM VISITAS IN LOCO NO JARDIM ESPLANADA

O Jardim Esplanada, dentro da configuração urbana do município de Teodoro Sampaio - SP encontra-se em uma porção periférica em relação ao centro comercial, concentrando uma parcela considerável de moradores com menor renda e havendo poucas opções de atratividade em seus espaços públicos, o que reflete diretamente nas formas de apropriação das mulheres no espaço urbano. Como até o momento da entrega do presente trabalho, 2020, o município de Teodoro Sampaio - SP não dispõe de um mapa de zoneamento, as análises urbanas apresentadas foram realizadas de acordo com observações diretas no local.

A primeira visita de campo realizada no perímetro do Jardim Esplanada, foi no dia **27 de janeiro de 2020**, por volta das **17:30h**. O acesso ao bairro, se deu a partir da Alameda Coronel Pires, obtendo o primeiro contato por meio da Praça dos Ferroviários e Câmara Municipal, indo em direção a antiga estação ferroviária; a percepção obtida inicialmente foi quanto a concentração de crianças na praça, mais especificamente na pista de skate, inaugurada em janeiro de 2020¹⁷, variando a faixa etária entre crianças, adolescentes até pessoas de meia-idade.

A movimentação predominante na praça era de homens, sendo avistada apenas duas mulheres conversando em um banco paralelamente à lateral da praça, em frente a uma das casas (Figura 9). Seguindo a visita pela rua Antônio Ferreira de Paula, pode-se notar uma quantidade relevante de lotes vazios e subutilizados, variando entre áreas de hortas e construções completamente abandonadas, o que possibilita a formação de áreas de insegurança nos períodos noturnos.

¹⁶ TEODORO SAMPAIO. Lei Municipal nº 1.374 de 15 de junho de 2004. Dispõe sobre: Cria o Conselho municipal dos direitos da mulher e dá outras providências. 2004.

¹⁷ A construção, foi aprovada conforme o convênio nº 37/2018 firmado com a Secretaria de Estado de Esporte, Lazer e Juventude, sendo finalizada em janeiro de 2020 (TEODORO SAMPAIO, 2019).

Figura 09. Mulheres fazendo uso da calçada em frente à Praça dos Ferroviários na Al. Coronel Pires em 27 de janeiro de 2020.



Fonte: Arquivo dos autores, 2020.

No cruzamento da Alameda Coronel Pires com a Av. João Paes, foi possível perceber que a calçada e a rua são locais de ampla circulação e permanência de mulheres e crianças, seja ela apenas para conversar ou apenas para ficar olhando as crianças que brincam nas ruas (Figura 10).

Figura 10. Mulher fazendo uso da calçada para observar as crianças no Jardim Esplanada em 27 de janeiro de 2020.



Fonte: Arquivo dos autores, 2020.

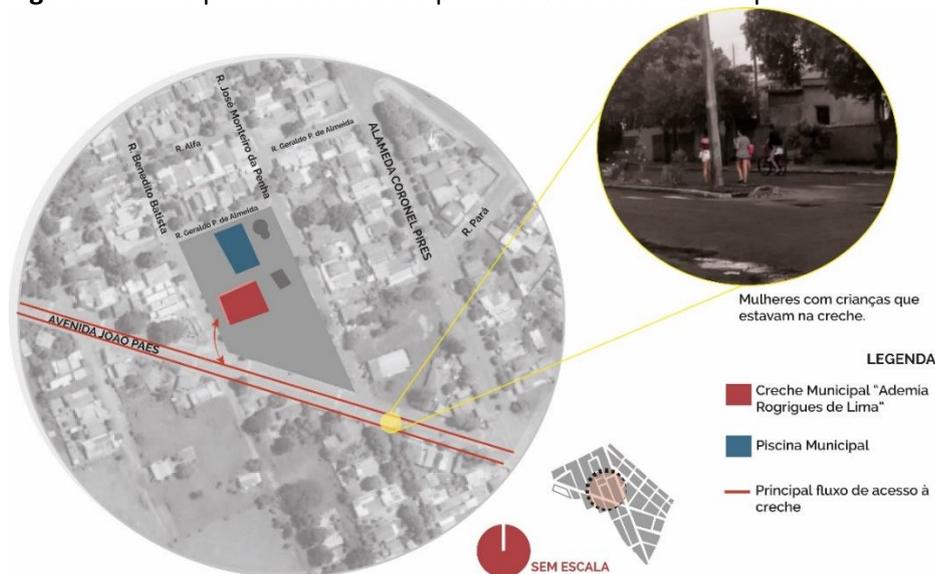
Com as recentes reformas de infraestrutura urbana promovidas pela prefeitura em 2018¹⁸, algumas vias foram pavimentadas, havendo a aplicação de sinalização e elementos de acessibilidade como: faixas de pedestre; porém, tais elementos sem uma calçada acessível que as pessoas possam utilizar, perdem o sentido, já que os pedestres têm que trafegar pela rua.

Com o início do período escolar, a movimentação de crianças e mulheres dentro do perímetro do bairro aumenta consideravelmente, devido à creche municipal “Ademia Rodrigues de Lima” e as escolas de

¹⁸ Execução de obras de infraestrutura urbana (guia e sarjeta; pavimentação asfáltica; rampas de acessibilidade e sinalização viária), na Alameda Coronel Pires e Avenida João Paes, Jardim Esplanada, conforme o convênio nº 849/2014 (TEODORO SAMPAIO, 2018).

ensino fundamental e superior dos bairros paralelos. Deste modo, a segunda visita do dia **14 de fevereiro de 2020**, por volta das **16:00h** pode-se perceber um fluxo maior de mulheres transitando principalmente pela Avenida João Paes (Figura 11).

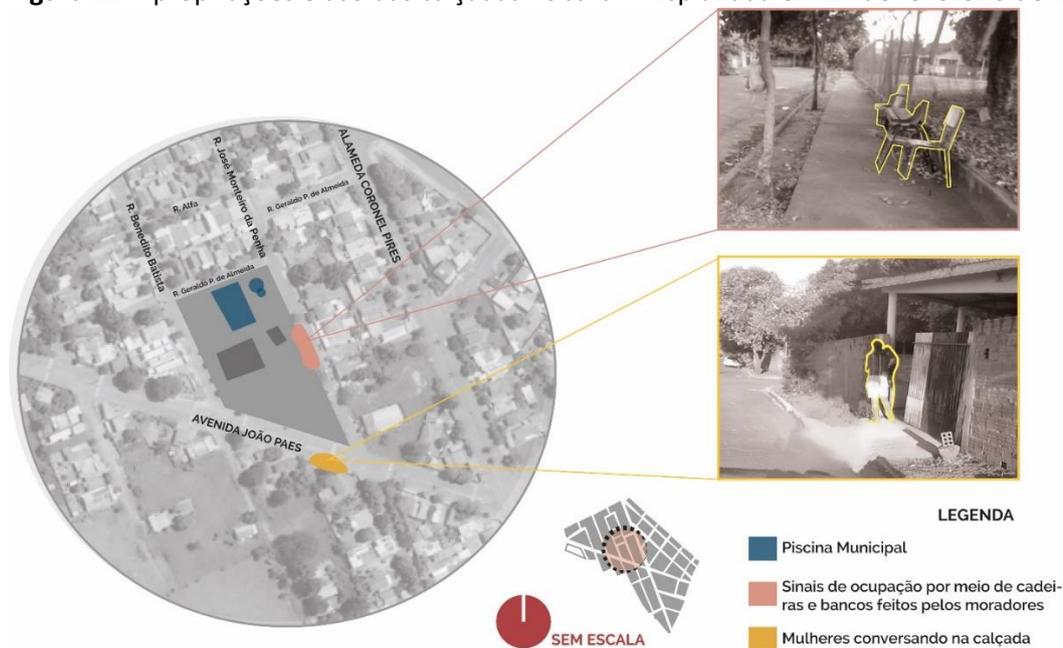
Figura 11. Principal fluxo de acesso para a creche do Jardim Esplanada em 14 de fevereiro de 2020.



Fonte: Google Earth (2019), editado pelos autores, 2020.

Durante a visita de campo ficou perceptível a forma como os moradores possuem uma familiaridade maior com as calçadas, utilizando-as como espaço de permanência, se reunindo com cadeiras e estendendo o uso da varanda, tida como um local privado, para o espaço público. Tal condição, também é estendida aos arredores de equipamentos públicos como a piscina municipal, onde nos períodos de maior movimento as pessoas tendem a se concentrar em frente as casas (Figura 12).

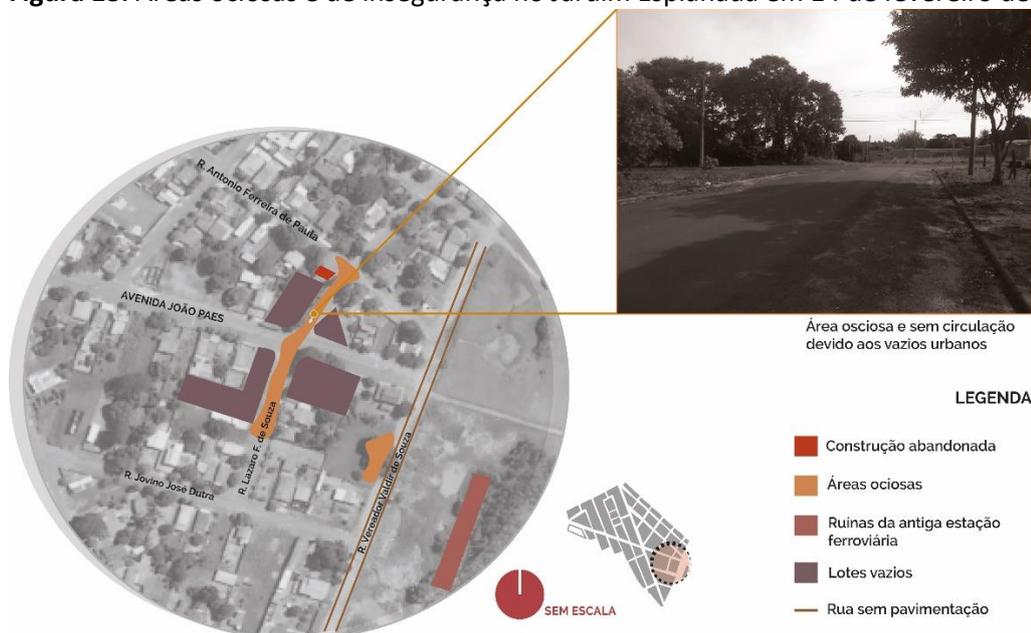
Figura 12. Apropriações e uso das calçadas no Jardim Esplanada em 14 de fevereiro de 2020.



Fonte: Google Earth (2019), editado pelos autores, 2020.

Seguindo pela Avenida João Paes, até o cruzamento com a Rua Lázaro Ferreira de Souza, pode-se perceber um aumento da quantidade de vazios urbanos, apresentando construções abandonadas e lotes sem utilização e manutenção necessária. No momento da visita, não havia pessoas transitando nas ruas e nem ocupando as calçadas, deixando o local com um aspecto vazio, podendo provocar sensações de insegurança nas mulheres (Figura 13).

Figura 13. Áreas ociosas e de insegurança no Jardim Esplanada em 14 de fevereiro de 2020.



Fonte: Google Earth (2019), editado pelos autores, 2020.

Os bares e os pequenos comércios de bairro apresentam um papel importante para a movimentação dos moradores do Jardim Esplanada, de modo que se constatou uma presença maior de pessoas, principalmente de mulheres nestes locais, durante o levantamento.

A visita do dia **16 de fevereiro de 2020** ocorreu por volta das **08:00h** da manhã, a partir da Avenida João Paes, caminhando em direção a antiga estação ferroviária, pode-se perceber uma circulação baixa de mulheres circulando pelo bairro, diferentemente do fluxo visualizado nos períodos da tarde. Em sua maioria, as interações percebidas estavam voltadas para a limpeza das calçadas, como pode ser captado na Rua Antônio Ferreira de Paula (Figura 14).

Figura 14. Mulher fazendo limpeza da calçada no Jardim Esplanada em 16 de fevereiro de 2020.

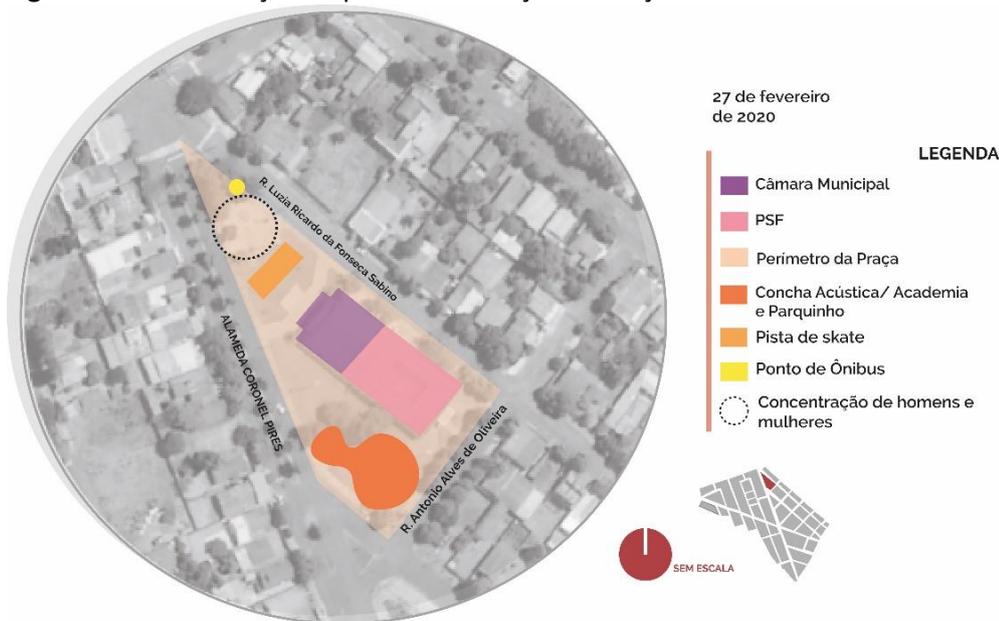


Fonte: Arquivo dos autores, 2020.

A construção civil dentro do perímetro do bairro é algo muito presente, sendo marcada pela presença de construções não finalizadas, que juntamente com a falta de manutenção do lote e insuficiência de iluminação possui um aspecto de abandono, o que conseqüentemente provoca locais de vulnerabilidade e insegurança para as mulheres, visto que o fluxo de pessoas nas ruas é durante os horários do dia.

A partir da construção da pista de skate em frente à Câmara Municipal dentro do perímetro da Praça dos Ferroviários, notou-se durante a visita do dia **27 de fevereiro de 2020** por volta das **17:00h**, que o fluxo neste trecho é maior se comparado com os demais. Considerando que na rua Luzia Ricardo da Fonseca Sabino, paralelamente à Praça, possui a existência de um ponto de ônibus dos estudantes das escolas públicas do município, que periodicamente transporta estes, contribuindo para a circulação de pessoas no local, nos horários em que este transporte passa (Figura 15).

Figura 15. Concentração de pessoas na Praça dos Praça dos Ferroviários em 27 de fevereiro de 2020.



Fonte: Google Earth (2019), editado pelos autores, 2020.

Durante a visita realizada, ficou perceptível que o uso da praça do bairro não acontece de maneira homogênea, visto que não foi presenciada apropriações no parquinho e na academia dos idosos, onde tal fato pode ser explicado pela falta de áreas sombreadas, e, pelos equipamentos e mobiliários serem de metal e concreto, que devido a incidência de sol direta sobre os mesmos, contribui para o aumento da temperatura e conseqüentemente impossibilita o uso neste horário.

A visita do dia **7 de março de 2020**, por volta da **18:00h**, caminhando a partir da Alameda Coronel Pires em direção à Praça dos Ferroviários, pode-se encontrar as mesmas formas de apropriação dos dias anteriores, uma concentração maior na área próxima à pista de skate, já na área dos fundos, o parquinho e os demais equipamentos não havia uso. A concentração, em sua maioria, era de mulheres acompanhadas das crianças, idosos sentados nos bancos e crianças e adolescentes sem acompanhamento andando de bicicleta e brincando na pista de skate (Figura 16).

Figura 16. Apropriações na Praça na Praça dos Ferroviários em 07 de março de 2020.



Fonte: Arquivos dos autores, 2020.

Pode-se perceber que as mulheres que estavam no local, possuíam uma faixa etária visivelmente bem variada entre 20 e 40 anos, algumas conversavam entre si e outras apenas observavam as crianças. Por conta do ponto de ônibus, a concentração delas começa antes das 17:00h, horário em que o transporte costuma chegar, e algumas, permanecem no local até um pouco depois das 18:00h abrindo espaço para as crianças brincarem.

A partir dos pontos de vulnerabilidade levantados durante as visitas realizadas nos períodos diurnos, evidenciando os pontos ociosos e de insegurança físicos existentes dentro do perímetro do Jardim Esplanada, durante a visita do dia **08 de março de 2020**, por volta das **19:30h**, ficou perceptível a maneira como os moradores do bairro se comportam nos períodos noturnos.

Mesmo com os investimentos realizados pelo poder público em melhorias na infraestrutura, ainda sim a insuficiência de iluminação pública em determinados pontos no bairro, aumentam a insegurança e diminuem as apropriações, principalmente para as mulheres. Diferentemente do que foi possível identificar em outros horários, no dia da visita, não foi visualizado mulheres utilizando as calçadas ou até mesmo a praça do bairro.

Na Praça dos Ferroviários, a partir da recente implantação da pista de skate, foram adicionados novos pontos de iluminação na parte frontal da Câmara Municipal, mantendo o local mais iluminado. Com isso pode-se constatar que, nos períodos noturnos as apropriações assim como as anteriores, se concentram na parte frontal da Praça, na pista de skate especificamente, por adolescentes predominantemente meninos, o que já não acontece na área do parquinho e academia dos idosos, onde ainda possuem áreas mais escuras devido à concentração de algumas árvores, até nas ruas paralelas à praça, o que pode influenciar na falta de uso desta área (Figura 17).

Figura 17. Relação de uso no período noturno na Praça dos Ferroviários em 08 de março de 2020.



1. Uso da pista de skate, se mostrando um local mais iluminado após a reforma.



2. Local vazio e com pontos escuros devido a falta de iluminação direta embaixo das árvores

Fonte: Arquivos dos autores, 2020.

Ao basear-se nos estudos realizados dentro do perímetro do Jardim Esplanada, verificou-se que o mesmo possui equipamentos urbanos instalados, e, certo investimento nos edifícios públicos e de serviço aos moradores e ao município. Entretanto, fica evidente que as mulheres são parte integrante da vivência do bairro e que necessitam de espaços de uso coletivo a qual elas possam se sentir seguras, dentro de um contexto que pode ser analisado, onde se possui diversas problemáticas físicas e sociais de apropriação do espaço, limitando as vivências femininas.

As mulheres vistas utilizando a praça e os demais espaços do bairro, em sua maioria, estavam acompanhadas dos filhos, sobrinhos ou netos, sentadas e apenas observando as crianças, não possuindo uma relação muito próxima de apropriação. Desta forma, é importante destacar a necessidade de haver locais de uso coletivo favoráveis a população, visto que, a praça do bairro não dispõe de investimentos em atividades culturais ou atrativas, que juntamente com a quantidade significativa de vazios urbanos no Jardim Esplanada, gera áreas de instabilidade nos períodos noturnos.

O direito à cidade e a perspectiva de gênero no que diz respeito a integração de todas as formas de apropriação é uma discussão realizada a muitos anos, onde a criação de espaços igualitários é um dos grandes desafios. De modo que tornar aparente a diferença, é um dos primeiros passos a serem tomados para a construção de um cenário mais participativo para as mulheres, abrindo possibilidades delas se expressarem a partir da sua própria experiência.

Portanto, pode-se concluir que há uma disparidade nas formas de apropriação do espaço urbano do Jardim Esplanada com relação as mulheres. Deste modo, vale ressaltar a importância de o planejamento urbano em possibilitar a apropriação das mulheres nos ambientes públicos, marcando a sua presença e contribuindo para a sua inclusão, por meio de ações sociais, não só dos profissionais responsáveis pelo planejamento urbano, mas de todos os cidadãos, de onde devem partir as discussões sobre o tema e que em consequência possam proporcionar conhecimento sobre a cidade e suas apropriações.

REFERÊNCIAS

BELTRAME, G. Vazios urbanos: notas sobre a escassez social do imóvel urbano. *Intersecções*, 2013, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p. 113-138.

BRASIL. **Lei 10.257 de 10 de julho de 2001.** Dispõe sobre o Estatuto da cidade. Brasília, 2001. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10257.htm> Acesso em: 04 ago. 2020.

CARLOS, A. F. A. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.

GALLETI, C. C. H. **Direito a cidade e as experiências das mulheres no espaço urbano**. 2017. In: 41º Encontro Anual da Anpocs. GT34 - Urbanidades possíveis nos múltiplos usos da rua. Caxambu, 2017. p. 1-20.

GATTI, S.; ZANDONADE, P. **Espaços públicos: Leitura Urbana e Morfologia de Projeto [dos pequenos territórios às cidades médias]**. Coordenação do Programa Soluções para Cidades. São Paulo, ABCP, 2017.

GONZAGA, T. O. **A cidade e a Arquitetura também mulher: conceituando a metodologia de planejamento urbano e dos projetos arquitetônicos do ponto de vista de gênero**. 338f. Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, São Paulo. 2004.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro. 2011.

MELO, G. O. **Urbanismo pela perspectiva de gênero**. 67f. Trabalho de conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. São Paulo, 2017.

MONTANER, J. M; MUXÍ, Z. A cidade próxima: O Urbanismo sem Gênero. In: **Arquitetura e Política: Ensaio para Mundos Alternativos**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

SOUZA, J. M. **Memorial Theodoro Sampaio: sua gente, sua história, sua geografia**. Teodoro Sampaio: Gráfica Gonçalves, 2002.

TEODORO SAMPAIO. **Prefeitura Municipal de Teodoro Sampaio**, s.d. Página Inicial/ Imprensa/ História. Disponível em: <<https://www.teodorosampaio.sp.gov.br/?pag=T1RjPU9EZz1PVFU9T0dVPU9HST1PVEE9T0dFPU9HRT0=&idmenu=214>> Acesso em 05 ago. 2020.

TEODORO SAMPAIO. **Prefeitura de Teodoro Sampaio**, 06 jul. 2018. Página Inicial/ Imprensa/ Notícias/ Execução de Obras remanescentes de infraestrutura urbana. Disponível em: <<https://www.teodorosampaio.sp.gov.br/?pag=T1RVPU9EZz1PV0k9T1RrPU9UUT1OMIE9T0dNPU9XST1PR1U9T0dNPU9HWT1PV009T1dZPQ==&id=1867>> Acesso em: 05 ago. 2020.

TEODORO SAMPAIO. **Prefeitura Municipal de Teodoro Sampaio**, 19 set. 2019. Página Inicial/ Imprensa/ Notícias. Disponível em: <<https://www.teodorosampaio.sp.gov.br/?pag=T1RjPU9EZz1PVFU9T0dVPU9HST1PVEE9T0dFPU9HRT0=&idmenu=214>> Acesso em: 03 ago. 2020.

VOSGUERITCHIAN, A. B. **Infraestrutura e projetos de regeneração urbana**. 2015. 431f. Tese de Doutorado na área de Planejamento Urbano e Regional, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, São Paulo, 2015.

RESUMOS DE PESQUISA

A COMPANHIA PAULISTA DE ESTRADA DE FERRO - A FERROVIA COMO ELEMENTO DEFINIDOR DA LOCALIZAÇÃO E DO TRAÇADO DE CIDADES NO INÍCIO DO SÉCULO XX.....	2328
INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DA ARQUITETURA HOSPITALAR: IDENTIFICAÇÃO DE POTENCIAIS LOCAIS DE PROLIFERAÇÃO DE MICROORGANISMOS.....	2329
JARDINS VERNACULARES EM CASAS DE MADEIRA EM LONDRINA PR - ESTUDO DE CASO	2330
PAISAGEM VERNACULAR CÊNICA NO NORTE DO PARANÁ - FAZENDAS E MORROS	2331
PROPOSTA DE UM CENTRO DE AUXÍLIO E ABRIGO PARA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA DA CIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE - SP.....	2332

Arquitetura e Urbanismo
Pesquisa (ENAPI)
Comunicação oral on-line

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA - UNOESTE
Ciências Sociais Aplicadas
Arquitetura e Urbanismo

A COMPANHIA PAULISTA DE ESTRADA DE FERRO - A FERROVIA COMO ELEMENTO DEFINIDOR DA LOCALIZAÇÃO E DO TRAÇADO DE CIDADES NO INÍCIO DO SÉCULO XX

ALFREDO ZAIA NOGUEIRA RAMOS
HUMBERTO YAMAKI

No início do século XX, com o avanço cafeeiro no Oeste Paulista, a CPEF projeta sua expansão rumo a divisa Oeste do Estado. Esta via férrea foi fundamental no processo de colonização do interior paulista, ocupando terras devolutas no espigão entre os rios Peixe e Aguapeí. Da estação inicial (Piratininga, 1905), 41 cidades foram implantadas ao longo da ferrovia até o fim da linha (Panorama, 1962). No Mapa do Estado (RODRIGUES, 1932), é possível identificar o prolongamento da CPEF, indo até a cidade de Marília e cortando o território não explorado (ilustrado com matas e índios selvagens) entre as ferrovias da Companhia Sorocabana e Noroeste. O objetivo principal é a identificação, neste trecho da CPEF, das variáveis definidoras da localização, implantação dos núcleos coloniais e sedes de patrimônios que serviram as suas estações, revelando assim, as etapas históricas de criação dos municípios, sua relação com a expansão da ferrovia e a consequente identificação dos módulos de concessão nas antigas fazendas sedes ao longo da linha oeste da CPEF. A metodologia inclui: o estudo de mapas da ferrovia da CPEF e do avanço colonial no Estado; a análise de influência geográfica (rios e relevo) na implantação da ferrovia; a análise da divisão territorial em Terras de Concessão, Fazendas (sedes/patrimônios) e estradas ou caminhos rurais que se abriam e interligavam-se com a linha férrea, seguindo cláusulas do Decreto de Colonização estadual (1907). Os resultados foram: a pesquisa bibliográfica histórica da CPEF; identificação do traçado da CPEF e a distribuição de estações ao longo da linha férrea; identificação de diretrizes de localização de estações e cidades confrontadas com o Decreto de Colonização do Estado (1907) e a Concessão da Ferrovia da CPEF; identificação de tipologias segundo a implantação (serras ou planície); coleta de planos de cidades projetadas no trecho Piratininga a Panorama; estudo de caso preliminar de análise de Fazenda (terras de concessão), como núcleo colonial e cidades como sede e por fim; análise morfológica dos planos, com ênfase na sua relação com a ferrovia. Conclui-se que a CPEF seguiu as diretrizes dos Decretos de Colonização (SP) e de Concessão da ferrovia CPEF; as análises morfológicas dos planos identificaram uma diversidade de soluções em relação a linha férrea e por fim, a implantação da ferrovia e cidades pelos espigões e planícies é potencial para formação e identificação futura de pontos de visão de paisagem cênica da região.

INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DA ARQUITETURA HOSPITALAR: IDENTIFICAÇÃO DE POTENCIAIS
LOCAIS DE PROLIFERAÇÃO DE MICROORGANISMOS

THAYS CAROLINA CARRION LORENTE
MARCUS VINICIUS PIMENTA RODRIGUES

A qualidade do edifício hospitalar está diretamente ligada à saúde dos seus usuários, conforto, qualidade e eficiência são essenciais para manter o ambiente saudável. Nos Estabelecimentos de Assistência à Saúde (EAS) as Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS) são consideradas um problema grave de saúde pública, a alta taxa de mortalidade reflete diretamente na saúde do paciente e na qualidade dos serviços oferecidos pelas instituições ligadas à saúde. O ambiente hospitalar, deve atender as legislações que permeiam os conceitos arquitetônicos, garantir condições de conforto e promover a segurança e saúde dos seus usuários, evitando que o ambiente físico exerça influência positiva na disseminação de microrganismos que sejam prejudiciais à saúde humana. Este trabalho teve como proposta desenvolver e aplicar um Instrumento de Avaliação da arquitetura hospitalar a fim de auxiliar a identificação de potenciais ambientes através das condições ambientais favoráveis ao crescimento de microrganismos. A metodologia baseia-se em um estudo quanti-qualitativo constituído de três etapas: coleta dos dados sobre as características arquitetônicas e ambientais de um Hospital de Ensino; organização dos dados e desenvolvimento do instrumento de avaliação; aplicação do instrumento para identificar os locais potenciais de proliferação de microrganismos. Foram avaliados 35 ambientes, distribuídos em 3 blocos que possuem entre 4 e 6 pavimentos. Os ambientes avaliados foram classificados de acordo com potencial em contribuir para o crescimento de microrganismos. A aplicação do instrumento identificou 13 ambientes com alto potencial para crescimento de microrganismos, 15 ambientes com médio potencial e apenas 7 apresentaram baixo potencial. As características arquitetônicas associadas às condições ambientais podem favorecer o crescimento de microrganismos, apesar da principal forma de transmissão ser através da microbiota do paciente. Entender a dinâmica microbiológica é fundamental para auxiliar o projetista do ambiente hospitalar. O instrumento pode permitir a avaliação e identificação de ambientes que possuem condições ambientais propícias para o desenvolvimento de microrganismos, auxiliando o desenvolvimento de medidas de prevenção e controle dos potenciais focos de proliferação de microrganismos nesses ambientes, além de utilizar as características arquitetônicas como medida de prevenção frente às IRAS

JARDINS VERNACULARES EM CASAS DE MADEIRA EM LONDRINA PR - ESTUDO DE CASO

ERICA AKEMI MATSUDA
HUMBERTO YAMAKI

Em período de pandemia, o isolamento social levou à observação intensa e diária do jardim da própria moradia, uma casa de madeira. Resultou em elaboração de croquis e aquarelas do jardim e pomar que parecem remeter a vistas reconhecíveis na cidade. As floradas, a colheita de frutas, a horta e o significado de cada planta para o morador, ou ao próprio proprietário, revelam a importância de jardins em bairros tradicionais. A pesquisa trata do estudo de jardins vernaculares em casas de madeira em Londrina - PR, a partir do estudo de caso, a própria habitação. Consideramos vernacular, os jardins tradicionais, comuns, que seguem uma linguagem popular na escolha de espécies e distribuição no terreno. Como metodologia e inventário, desenhos de observação e a elaboração de levantamento florístico com identificação de espécies, tempo de plantio, locais de origem, e significados das plantas no estudo de caso, possibilitaram a análise comparativa preliminar de tipologias de jardins com mais de cinquenta anos. Os jardins tradicionais foram reconhecidos no levantamento aerofotogramétrico da base histórica municipal e comparados com a malha urbana atual, em que se percebeu a permanência de certas características ao longo dos anos. Como resultados, o estudo apontou que os jardins vernaculares de Londrina têm como característica a grande variedade de espécies vegetais. A sua disposição reflete crenças populares, intenções ornamentais como o plantio em um canto para preencher o vazio ou, ainda, apontam indícios de uma nova tradição. No estudo de caso, o jardim e o pomar se mostraram um repositório de elementos que caracterizam os jardins tradicionais da cidade. Árvores frutíferas plantadas há décadas no lote reforçam o apego ao chão. Existe forte vínculo emocional do proprietário original e familiares, principalmente na época da colheita da hoje rara laranja champagne. O apego aqui tratado é o fenômeno que fortalece as permanências. Sobretudo, através do estudo de caso, foi possível repensar as tipologias de jardins tradicionais como componente da Paisagem Vernacular em Londrina.

PAISAGEM VERNACULAR CÊNICA NO NORTE DO PARANÁ - FAZENDAS E MORROS

BRUNO JOSÉ RODRIGUES FRANK
HUMBERTO YAMAKI

Em relação com o ambiente natural os indivíduos procuram constituir uma paisagem com base não somente em suas necessidades econômicas, mas também com a esperança de constituição de um lar, da expressão de valores culturais e de gozo estético, definindo assim uma Paisagem Cênica (qualidades e/ou atributos visuais que a torna atrativa devido ao valor estético). No Norte Pioneiro do Paraná, os morros constituem parte fundamental da Paisagem cênica e são "enquadrados" por muitas fazendas na região, cujo estudo constitui o objeto da pesquisa. O objetivo desta pesquisa é identificar paisagens cênicas que se utilizem de morros ou demais acidentes geográficos como elemento de identidade visual e elencar os componentes mais comuns e atributos e qualidades. Os procedimentos de avaliação de paisagens cênicas consistem, essencialmente, na análise visual dos atributos constituintes da paisagem dando-lhes valoração cênica. O processo de coleta de informações se dá por meio de levantamentos prévios de imagens de satélite aéreas das fazendas com forte potencial cênico. Podemos destacar os seguintes resultados: (1) O inventário de Paisagens-Tipo comuns por toda área de pesquisa; (2) Identificação e mapeamento de fazendas e morros na região de Cambará; (3) Diagrama de estruturação espacial: porteira, sede, morro. Definindo um conjunto com amplitude e profundidade cênica. Com isso foi possível a identificação e mapeamento de fazendas e morros na região de Cambará. Desenvolvemos também um diagrama de estruturação espacial: porteira, sede, morro. Definindo um conjunto com amplitude e profundidade cênica. Conseguiu-se identificar diversas fazendas ou propriedades que possuem relação visual com os morros. Constatou-se, em grande medida, que os componentes de ordem nas fazendas, definem direta ou indiretamente uma relação com morros dominantes, que servem de pano de fundo para a sede, agregando e articulando estes conjuntos. Até o momento, um conjunto de fazendas foram identificadas através do cruzamento de mapas históricos e trabalhos de campo. A escolha do local de sede para a fazenda obedecia a alguns critérios fundamentais: a visibilidade de estrada, o acesso à água e o estabelecimento de moradias e áreas de plantio. Essa estruturação levou em consideração aspectos do relevo e do potencial do uso do solo, e a escolha de pontos em que houvesse uma relação com morros, denotando aspectos simbólicos na escolha de locais de instalação. Órgão de fomento financiador da pesquisa: CAPES/Cnpq

PROPOSTA DE UM CENTRO DE AUXÍLIO E ABRIGO PARA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA DA
CIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE - SP

THAYS CAROLINA CARRION LORENTE
JÚLIA BEATRIZ MENDES DOS SANTOS

A população em situação de rua se encontra espalhada em pontos estratégicos dentro do cenário urbano, próximos a malha central e equipamentos públicos. Entende-se por população em situação de rua um grupo heterogêneo composto por pessoas de diferentes realidades, mas em comum a pobreza absoluta. Apesar de heterogêneo, há particularidades e razões para que se encontrem em tal situação, porém há algumas condições para fazer da rua seus respectivos lares, ligadas de um modo geral ao desemprego, vícios em álcool e drogas e rompimentos de vínculos familiares. Segundo Quintão (2009) indivíduos que habitam as ruas são aqueles que sobrevivem à rua, utilizando como moradia, de forma circunstancial ou permanente. Portanto, é necessário compreender as principais causas desse fenômeno e suas consequências a fim de propor um espaço que atenda às necessidades dessa população. O objetivo é propor um centro de auxílio e abrigo para essa população na cidade de Presidente Prudente/SP., que proporcione não só o abrigo, mas o apoio e inserção dos usuários na sociedade. Foi realizado levantamento teórico através de análises bibliográficas e levantamentos através de mapas a fim de encontrar pontos de pernoite dentro da cidade em questão; análises urbanísticas do espaço escolhido e desenvolvimento de diretrizes projetuais para inserção de um abrigo em Pres.Prudente/SP A população em situação de rua busca ocupar áreas de adensamento das atividades comerciais e de serviços. Os principais pontos de permanência ficam na Praça da Bandeira, embaixo do Viaduto Comendador Tannel Abbud (atrás do camelódromo) e na Praça dos Pioneiros ao lado do terminal rodoviário da cidade. Áreas considerada de maior inclusão, com tráfego intenso de veículos, recursos fartos, alto fluxo de pessoas e baixo número de residências, são os locais mais procurados, ou seja, não são locais que possam gerar reclamações com a presença dessa população. (FURINI, 2013). É possível afirmar que a escolhas desses pontos de pernoite são meios estratégicos de sobrevivência, mais fáceis de conseguir recursos necessários para sobrevivência, como alimento e ajuda com higiene. As análises possibilitaram entender como a população em situação de rua se estabelece dentro da cidade de Presidente Prudente, e como se faz necessário a disponibilização de um local que possa fornecer abrigo e apoio, com uma arquitetura que possa gerar uma construção significativa e acolhedora para que haja uma reinserção dessas pessoas na sociedade.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

A CONSTRUÇÃO DE UM PROTÓTIPO DE FECHAMENTO EM ALVENARIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	2334
A FALTA DE REFERENCIAL NEGRO ACADEMICAMENTE E PROFISSIONALMENTE	2335
A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: RELATO DO PROJETO "FEPASA - UMA QUESTÃO DE LAÇOS E MEMÓRIAS EM TARABAI - SP"	2336
A IMPORTÂNCIA DA INTEGRAÇÃO DA PRÁTICA E TEORIA PARA A FORMAÇÃO ACADÊMICA DE ARQUITETOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	2337
INSURGÊNCIAS URBANAS: A ÓTICA DO COMMUM URBANO SOBRE A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE TARABAI - SP.	2338
INTERVENÇÃO URBANA: RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESTACIONAMENTOS NA AVENIDA BRASIL EM PRESIDENTE PRUDENTE-SP	2339
O CENÁRIO DE ACESSIBILIDADE EM UM CIDADE UNIVERSITÁRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	2340
PERCURSO VER A CIDADE - A ACESSIBILIDADE NO CENTRO URBANO DA CIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE-SP	2341
REURBANIZAÇÃO DE ESPAÇO PÚBLICO NO RESIDENCIAL FLORENZA - "PRAÇA DO SEMEADOR"	2342
VIVÊNCIA URBANA PROPORCIONADA PELO NUCELO DE PESQUISA E EXTENSÃO EM URBANISMO - PRATICAS COLABORATIVAS EM PRESIDENTE PRUDENTE/SP DA UNOESTE	2343

A CONSTRUÇÃO DE UM PROTÓTIPO DE FECHAMENTO EM ALVENARIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

MARIA EDUARDA PRADO SANTOS
LETICIA DE VASCONCELOS BARRIONUEVO
MARIANA MORAES BUENO DE OLIVEIRA

Atualmente há no mercado uma grande variedade de opções quando tratamos de fechamentos verticais em suas diversas estruturas, desde alvenaria convencional ao pau a pique. É importante a capacitação dos profissionais encarregados de tomar essas decisões para que suas escolhas sejam sempre as mais adequadas nas diversas situações. A partir da necessidade dessa capacitação faz-se necessário envolver o estudante na prática direta das atividades e, assim o aproximá-lo de problemáticas envolvidas no processo. O presente trabalho tem como objetivo relatar as experiências de três estudantes de arquitetura e urbanismo durante a execução de um protótipo de alvenaria, desenvolvida na disciplina de Tecnologia da Edificação III da faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Santa Catarina. Após executarmos a construção do protótipo do início ao fim, foi possível perceber alguns pontos importantes do processo de projeto. Primeiramente, é fundamental conhecer os materiais e seus desempenhos para que realização do projeto seja plena. Outro ponto de suma importância diz a respeito à valorização de todas as etapas de trabalho e das pessoas que as executam, uma vez que cada um possui experiência específica para realizar com maestria algum tipo de atividade. Órgão de fomento financiador da pesquisa: recurso próprio A atividade, realizada em abril de 2019 e com duração de 5 horas, teve como objetivo criar um modelo de alvenaria no qual pudéssemos entender a complexidade da execução do mesmo. O início da atividade se deu na conferência dos materiais, separação desses e cálculo das devidas quantidades. Nos foram disponibilizados 24 tijolos, azulejos, um tipo de argamassa pronta e materiais para fazê-la in-loco, além de ferramentas básicas como colher de pedreiro, esquadro, desempenadeira e nível. Realizamos o projeto do protótipo em sala, a fim de definir o tipo de assentamento das fiadas e como seria aplicado o revestimento disponível. Após termos o terreno nivelado, assentamos a base do nosso protótipo e demos início ao assentamento dos tijolos em cutelo com junta de amarração, utilizando as duas argamassas disponíveis. Realizamos ainda o reboco e assentamento de duas peças cerâmicas no modelo. Por fim, elaboramos relatório com as considerações do processo de execução, orçamento do projeto e demais análises necessárias para fixar a teoria, como cálculo de desempenho térmico e requisitos para atendimento da Norma Brasileira 8545-1984.

Ensino (ENAENS)
Comunicação oral on-line

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA - UNOESTE
Ciências Sociais Aplicadas
Arquitetura e Urbanismo

A FALTA DE REFERENCIAL NEGRO ACADEMICAMENTE E PROFISSIONALMENTE

VICTOR LUCAS COSTA GOMES
YEDA RUIZ MARIA

Pesquisas feitas durante o ano de 2018, o IBGE apontou que 78,8% dos jovens brancos entre 18 e 24 anos estão no Ensino Superior. Entre os negros na mesma faixa etária, essa porcentagem cai para 55,6%. É importante pontuar também que negros e pardos representam 55,8% da população brasileira e, portanto, por mais que sejam maioria nas universidades públicas, ainda estão proporcionalmente sub-representados. Uma das bases da cultura ocidental moderna é a ideia do eurocentrismo. Nessa visão de mundo, tudo o que vem da Europa - cultura, artes, línguas, religiões, política - e das sociedades europeias é vista como superior em relação aos demais povos da América, África, Ásia e Oceania. Foi com esse pensamento que vários países europeus trabalharam pela expansão de seus modos de pensar e agir ao redor do mundo, subjugando as demais culturas. Com as universidades isso não foi diferente. No Brasil, a primeira foi a Escola de Cirurgia da Bahia, criada em 1808 na esteira de outras benesses introduzidas na colônia para receber a família real portuguesa. Relatar o quão desafiador, como estudante negro, é frequentar a faculdade. Foram 5 anos da faculdade de arquitetura e urbanismo. Bolsista. Em trabalhos individuais a dificuldade financeira se agravava. Muitas vezes se recorre a familiares próximos para ajudar com compra de material e para passagem de transporte público. Trabalhos em grupos são raros por não ser um perfil aceitável perante a maioria. O programa Arquitetas Invisíveis, iniciativa profissional da arquitetura para trazer nome de mulheres, principalmente negras, a um panorama adequado sobre o assunto. Ainda que seja o início de um processo, a presença de alunos negros nos cursos de graduação já estimula mudanças e discussões que ainda não são familiares a todos os pesquisadores. Tendo em vista que a maioria de profissionais no meio são brancos, a discussão sobre a pauta e a inclusão de mais pessoas negras nas universidades traz o peso e o reconhecimento para um possível reparo histórico. Concluindo assim, é suma importância a presença de atuais e futuros alunos profissionais nas discussões em sala de aula e na visibilidade desses profissionais no mercado de trabalho. Órgão de fomento financiador da pesquisa: UNOESTE Tem - se a vivência e busca por referenciais bibliográficos como os principais métodos.

Extensão (ENAEXT)

Comunicação oral on-line

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA - UNOESTE
Ciências Sociais Aplicadas
Arquitetura e Urbanismo

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: RELATO DO PROJETO "FEPASA - UMA QUESTÃO DE LAÇOS E MEMÓRIAS EM TARABAI - SP"

FELIPE DA SILVA PAULINO
VICTOR MARTINS DE AGUIAR
YEDA RUIZ MARIA

Os centros urbanos desempenham importante papel para a construção e perpetuação da memória social coletiva, tornando-se responsáveis por conferir identidade a determinados grupos, fundamentando os "lugares de memória", que segundo Pierre Nora (1993), são necessários já que a memória humana não é natural e depende da sua fixação na eternidade. A partir desta prerrogativa, que também é vivenciado pelos alunos da rede de ensino municipal de Tarabai, foi desenvolvido com eles, entre os meses de fevereiro e março de 2020, um conjunto de atividades a fim de fomentar discussões participativas a respeito da importância da Estação Ferroviária para o município. Deste modo, o objetivo deste trabalho foi apresentar e explicar aos alunos da E.M.E.F Profª Jorgina de Alencar Lima a história da Estação Ferroviária de Tarabai - SP e sua importância para o crescimento da cidade, discutindo também suas possibilidades de usos futuros. Para tanto, a fim de preservar a identidade individual das crianças, seus nomes e imagens foram preservados, exigindo a prévia autorização de pais e responsáveis para que os mesmos participassem das atividades práticas. As atividades não foram finalizadas como previamente planejado, em consequência da pandemia de COVID-19 e da suspensão das aulas presenciais. Entretanto, fomentar discussões similares a realizada com os alunos da E.M.E.F Profª Jorgina de Alencar Lima, salientam a importância da memória urbana e da educação patrimonial, e pode despertar o engajamento da população na gestão desses espaços históricos e novas práticas urbanas. Órgão de fomento financiador da pesquisa: Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE). O primeiro encontro ocorreu junto aos professores e coordenadores da escola, em que foi apresentado os objetivos das atividades e as etapas aplicadas. Neste momento, foi possível sanar as dúvidas sobre o projeto. O segundo e terceiro encontro, foram realizados junto aos alunos do 9º Ano A e dedicados à apresentação do projeto e o histórico das estradas férreas no Brasil, sua chegada e importância para a cidade de Tarabai, consecutivamente. No último encontro houve a visita in loco na Estação Ferroviária do município junto aos alunos, proporcionando o reconhecimento espacial da situação de abandono do espaço. Além disso, foi aplicado uma dinâmica usando mapas impressos e post-its em cores variadas, separando os alunos em grupos e incentivando-os a identificar diferentes sensações na área da Estação, como medo, segurança, locais de diversão, que gostam e onde passam.

Ensino (ENAENS)
Comunicação oral on-line

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA - UNOESTE
Ciências Sociais Aplicadas
Arquitetura e Urbanismo

A IMPORTÂNCIA DA INTEGRAÇÃO DA PRÁTICA E TEORIA PARA A FORMAÇÃO ACADÊMICA DE
ARQUITETOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

MARIANA MORAES BUENO DE OLIVEIRA
MARIA EDUARDA PRADO SANTOS
LETICIA DE VASCONCELOS BARRIONUEVO

Ao estabelecer a relação de dependência entre prática e teoria, entende-se que uma não existe sem a outra. Embasada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as atividades práticas fundamentam as decisões tomadas em projeto através do conhecimento empírico e de análises de ensaios que, posterior ou juntamente, são estudados teoricamente. O presente trabalho tem como objetivo relatar as experiências de três estudantes de arquitetura e urbanismo durante atividades práticas desenvolvidas na disciplina de Tecnologia da Edificação III da faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Santa Catarina. A atividade possibilitou a associação da teoria adquirida em sala e prática realizada. Através do contato com os participantes da obra (que em sua maioria eram pais dos alunos) pudemos compreender os estágios de uma obra sustentável, e além disso, a percepção de como a arquitetura e materialidade das construções integram o desenvolvimento intelectual, espiritual, artístico e físico de seus usuários. Órgão de fomento financiador da pesquisa: recurso próprio A atividade, realizada na última semana de junho de 2019 com duração de 5 horas, teve o propósito de relacionar conhecimentos teóricos adquiridos com a prática in-loco de uma ampliação da escola Amanayé/ Florianópolis - que possui metodologia Waldorf - com métodos construtivos de wood frame, bambu e fechamentos de osb, cordwood e pau a pique. A obra se encontrava na etapa de vedação vertical e a experiência foi desenvolvida em torno dessa atividade. Instruídas pelo escritório de arquitetura idealizador do projeto, realizamos o processo de composição do fechamento: retirada de galhos e pedras do barro areado, adição do barro vermelho, a mistura dos componentes e adição de água até a formação de uma mistura homogênea e posteriormente, o acréscimo de palha na mistura. Também foi realizado o processo de aplicação do fechamento, que consiste em umedecer o local em que será aplicada a massa e assentá-la entre os frames de madeira, sempre evitando espaços vazios entre a massa.

INSURGÊNCIAS URBANAS: A ÓTICA DO COMMUM URBANO SOBRE A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE
TARABAI - SP.

FELIPE DA SILVA PAULINO
VICTOR MARTINS DE AGUIAR

A emancipação e discussão dos termos *commum* e/ou *commons* têm como protagonista a economista Elinor Ostrom (1990), que os caracteriza como práticas realizadas através da autogestão comunitária, sendo uma alternativa viável e a mais adequada em determinados contextos de compartilhamento de bens, tangíveis ou não. Na contemporaneidade, vários coletivos urbanos se engajam em cocriar e reativar espaços públicos através da reaproximação comunitária local e da autogestão discutida pela autora. A partir das metodologias aplicadas por estes coletivos, foi desenvolvido um projeto com o intuito de reaproximar temporariamente os moradores de Tarabai da antiga Estação Ferroviária do município, que atualmente se encontra em estado de abandono. Buscou-se também testar as potencialidades que as novas mídias sociais podem desempenhar no processo de reaproximação comunitária de espaços públicos abandonados, fomentando discussões sobre sua importância para a história e catalisar agentes que desejam aplicar os conceitos de *commons* sobre a autogestão da Estação Ferroviária. Os resultados coletados por meio das interações dos moradores de Tarabai nas redes sociais dedicadas a Estação Ferroviária e do encontro realizado no local demonstram, portanto, que existe por parte dos munícipes interesses em reaproximar-se do espaço e da história da cidade. Houve inicialmente a criação de uma página nas redes sociais do Facebook e Instagram, nomeadas de "@linhadotempo.tarabai". Neste espaço, vínculos de memórias foram iniciados através de postagens que destacaram a história da Estação. Além disso, foram vinculadas nessas redes sociais algumas discussões iniciais sobre o local. Posteriormente, no mês de janeiro de 2020 uma convocatória foi divulgada nas páginas do Facebook e Instagram, convidando todos os moradores a comparecer na Estação Ferroviária com o objetivo de discutir sobre sua importância e como a situação de abandono poderia ser revertida através de trabalhos colaborativos. O encontro foi marcado e ocorreu no dia 25 de janeiro de 2020. Apesar das condições favoráveis, poucos participantes compareceram ao encontro, prejudicando o aproveitamento que este poderia oferecer aos próprios moradores. Embora a baixa adesão, uma atividade envolvendo mapas foi aplicada, onde foi solicitado aos participantes que expressassem graficamente seus desejos em relação a Estação, coletando dados para a elaboração de diretrizes no Trabalho de Conclusão de Curso.

Ensino (ENAENS)
Comunicação oral on-line

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA - UNOESTE
Ciências Sociais Aplicadas
Arquitetura e Urbanismo

INTERVENÇÃO URBANA: RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESTACIONAMENTOS NA AVENIDA BRASIL EM
PRESIDENTE PRUDENTE-SP

BEATRIZ DE STEFANI CARDOSO
VICTOR MARTINS DE AGUIAR

O trabalho final da disciplina de Urbanismo II, do 5º termo do curso de Arquitetura e Urbanismo, tinha como premissa propor uma intervenção urbana no centro de Presidente Prudente - SP, que é composto pelo núcleo histórico da cidade e, pelo atual centro comercial. O objetivo da atividade era indagar aos discentes a reflexão sobre a importância histórica e comercial da área e, focado nesses pontos, pensar em alternativas para potencializar as centralidades existentes. Este trabalho, portanto, contribuiu na reflexão dos estudantes em relação aos centros urbanos, pois, muitas vezes, seus processos de descentralização e degradação são pertinentes aos arquitetos e urbanistas para que eles proponham novas soluções projetuais a fim de recuperar a qualidade de vida das cidades. A fim de reconhecer esses pontos, foram realizados levantamentos e análises urbanas com o intuito de definir diretrizes urbanísticas, considerando principalmente o aporte teórico de Jane Jacobs e Douglas Farr (autores de "Morte e Vida de Grandes Cidades" e de "Urbanismo Sustentável", respectivamente) e de autores regionais sobre a formação e a consolidação do centro de Presidente Prudente (Arthur Magon Whitacker e Silvia Regina Pereira). Posteriormente, através de orientações em sala de aula, os discentes discutiram entre si e com o docente suas ideias e referências arquitetônicas para validar ou não seus projetos. Em seguida da análise das referências, foram estabelecidas as relações de escala macro e micro da intervenção na área de estudo, iniciando assim o projeto. A região central de Presidente Prudente tem carência de espaços públicos, conforme notado nos levantamentos e nas análises urbanas. Dessa forma, a intervenção urbana, no trabalho final, propôs a resignificação de dois estacionamentos privados em um trecho da Avenida Brasil. Ao devolver os espaços destinados aos carros às pessoas na forma de espaços públicos, pretendeu-se reestabelecer a conexão entre elas e o centro, a partir da implantação de espaços de convivência, acessibilidade, mobiliários, arborização e iluminação. Um dos estacionamentos foi transformado em um espaço de relaxamento e tranquilidade dentro de uma área adensada, através do emprego de espelhos d'água, mobiliários de descanso e arborização adequada. Já no segundo, mais próximo da linha férrea e de edifícios históricos, criou-se um espaço de vivência arborizado com seu entorno, sendo capaz de receber atividades culturais ao ar livre.

O CENÁRIO DE ACESSIBILIDADE EM UM CIDADE UNIVERSITÁRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

LETICIA DE VASCONCELOS BARRIONUEVO

MARIANA MORAES BUENO DE OLIVEIRA

MARIA EDUARDA PRADO SANTOS

Tema recorrente no contexto urbano, a acessibilidade é discutida desde 1981 quando a ONU declarou o ano como Ano Internacional da Pessoa com Deficiência. Os estabelecimentos de ensino devem, por lei, proporcionar condições de acesso e utilização de todos os seus ambientes para pessoas portadoras de deficiência ou mobilidade reduzida. O presente trabalho tem como objetivo relatar as experiências de duas estudantes de arquitetura e urbanismo durante uma investigação no Campus Reitor João David F. Lima/ Florianópolis, desenvolvida na disciplina de Tecnologia da Edificação I da faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Através das análises pudemos notar a presença de iniciativas para garantir a acessibilidade, mas a negligência em relação ao assunto é perceptível. Rampas improvisadas pelos próprios alunos ou com inclinação maiores do que o aceitável, pisos podotáteis que acabam ou começam em lugar nenhum, falta de placas táteis e calçadas irregulares ao redor do campus foram as principais observações feitas. Do ponto de vista acadêmico enxergamos nossa futura profissão como forma de oferecer condições dignas a todos os seus usuários dos diversos espaços e para isso, é necessário que deixemos nossos olhares mais críticos, a fim de criar uma arquitetura verdadeiramente democrática e inclusiva. Órgão de fomento financiador da pesquisa: próprio pesquisador Realizada ao longo do primeiro semestre de 2018, a atividade se deu em três etapas: estudo de normas, investigação e compatibilização dos dados. Durante a primeira etapa foi importante constar os tipos de deficiência que resultam na limitação da mobilidade, além de uma leitura atenta da Norma Brasileira 9050, que trata de diretrizes espaciais que garantem a acessibilidade em edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos. A escolha do campus universitário se deu pelo compromisso que essas instituições possuem com a democratização do acesso e inclusão, além de ser um espaço que deve servir toda a comunidade. Utilizando trenas e fitas métricas, medimos as principais rampas dentro do campus, desde acesso a blocos até ponto de ônibus, fotografamos pisos e placas táteis, além da pavimentação escolhida em percursos entre blocos. Após isso, com o auxílio da norma e calculadora, fizemos a verificação de inclinação das rampas e presença e estado dos outros elementos.

Extensão (ENAEXT)

Comunicação oral on-line

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA - UNOESTE
Ciências Sociais Aplicadas
Arquitetura e Urbanismo

PERCURSO VER A CIDADE - A ACESSIBILIDADE NO CENTRO URBANO DA CIDADE DE PRESIDENTE
PRUDENTE-SP

BEATRIZ DE STEFANI CARDOSO
YEDA RUIZ MARIA
VICTOR MARTINS DE AGUIAR

O percurso urbano, parte do projeto "Ver a cidade", foi realizado no ano de 2020 no centro da cidade de Presidente Prudente, proposto pelo URB COLAB (núcleo de urbanismo), e proporcionou desenvolvimento do olhar de alunos acerca das questões relacionadas as problemáticas relativas à acessibilidade dentro de sua principal centralidade: a Praça 09 de Julho. Ela apresenta grande valor histórico, social e simbólico para a cidade, e por isso passou por diversas reformas a fim de permitir e abrigar as mais diversas atividades e encontros conforme as demandas da população. A partir disso, a atividade propunha avaliar de maneira prática se essas atualizações permitiam livre acesso de pessoas, através do uso de cadeiras de roda pelos discentes. Passar pelas dificuldades encontradas por cadeirantes aproximou-os de suas necessidades e problemáticas, principalmente com relação a vida urbana e quanto à necessidade de se criar espaços amplamente acessíveis. Essa experiência foi gratificante para muitos e de extrema importância para ajudar a formar profissionais que, futuramente, irão se atentar em criar espaços acessíveis já que sentiram na própria pele as dificuldades. Órgão de fomento financiador da pesquisa: Unoeste Assim, os alunos poderiam perceber por si mesmos a importância da acessibilidade, tanto para o acesso a lugares, como para a própria experiência do viver e ver as cidades. O Núcleo de Urbanismo, com colaboração do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI), conseguiu cadeiras de rodas para que os alunos participantes do URB COLAB pudessem avaliar os obstáculos, as rampas e a regularidade dos pisos da Praça 09 de Julho e de seu entorno. Em equipes, os discentes se revezavam e se ajudavam enquanto discutiam e anotavam os apontamentos e questionamentos que encontraram durante o percurso, assim todos tiveram a oportunidade de vivenciar a acessibilidade e a ausência dela. Foram oferecidos pelo Núcleo de Urbanismo materiais de anotações e direcionamentos sobre quais os principais pontos a serem observados. Após isso, todos se juntaram e, com o auxílio dos professores, conversaram sobre a experiência e as conclusões que chegaram, além de apontar a relevância do experimento para a ampliação de seu olhar, tanto como futuro profissional, mas também como cidadão.

REURBANIZAÇÃO DE ESPAÇO PÚBLICO NO RESIDENCIAL FLORENZA - "PRAÇA DO SEMEADOR"

ANÁGELA ALVES SIEBRA DA SILVA

YEDA RUIZ MARIA

Para que um espaço público se torne um cenário dinâmico de lazer e permanência de pessoas, deve haver identificação, por parte dos usuários locais, dos atributos oferecidos por este espaço. Quando os moradores locais, que são o público-alvo de uma praça, não a enxergam como um espaço potencial para a realização das atividades cotidianas ocorrentes no bairro, o espaço, intencionado para fins de lazer, é convertido em ócio e abandono. Questões como a insuficiência de iluminação pública e de arborização adequada reforçam essa ausência de adesão do espaço, pela insegurança e desconforto consequentes. Como atividade inaugural das noções urbanísticas no curso, essa atividade teve como objetivo a proposta projetual de reformulação de uma praça já existente no bairro Residencial Florenza, em Presidente Prudente, São Paulo, a fim de impulsionar a participação cívica dos moradores. Considerando o processo analítico, a detecção das problemáticas e as proposições que pudessem solucioná-las, foi possível concluir que a afinidade dos espaços públicos com a cultura e identidade do local em que estão inseridos é de suma importância, pois atrai usos mais frequentes, tornando o espaço vívido, seguro e zelado pela própria comunidade. Órgão de fomento financiador da pesquisa: Unoeste A princípio, foram realizadas visitas no local, que possibilitaram levantamentos das condições de iluminação, arborização, infraestrutura de calçadas e vias, como também entrevistas com os moradores, fundamentais para a identificação das principais atividades por eles realizadas, para que o novo espaço projetado pudesse acomodar devidamente os usos já consolidados ali. Para complemento, foram desenvolvidas análises de insolação e ventilação incidentes no terreno em relação ao seu entorno imediato através de simulações utilizando maquete volumétrica, para direcionar as inserções projetuais de modo a potencializar o conforto térmico. Conforme coletado nas análises, parte do terreno era direcionado para fins de plantio, funcionando como uma horta comunitária, zelada pelos próprios moradores para uso coletivo. Diante da relevância dessa atividade, o projeto de reurbanização considerou a ampliação da horta como principal conceito, bem como a adaptação de mobiliários já existentes - quadras poliesportivas e academia da terceira idade - e inserção de novos espaços, como pista de caminhada, mirante para permanência e contemplação da paisagem em aproveitamento da topografia, sanitários e área para descanso e orientação comunitária.

Extensão (ENAEXT)

Comunicação oral on-line

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA - UNOESTE
Ciências Sociais Aplicadas
Arquitetura e Urbanismo

VIVÊNCIA URBANA PROPORCIONADA PELO NUCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO EM URBANISMO -
PRATICAS COLABORATIVAS EM PRESIDENTE PRUDENTE/SP DA UNOESTE

TIFANY ALVES MENEZES DOS SANTOS
YEDA RUIZ MARIA
VICTOR MARTINS DE AGUIAR

Conhecer o espaço urbano, sendo ele um local articulado e socialmente vivenciado, é entender a sua formação a partir das pessoas, visto que o modo em que a cidade e o espaço criam o seu formato, os mesmos estão inteiramente em função dos cidadãos. Tem-se como objetivo relatar experiência urbana de percurso no bairro Vila Marcondes em presidente Prudente - SP. A atividade extensionista contribuiu para o senso crítico dos alunos na avaliação das qualidades físicas e sociais de uma área urbana, possibilitando a aplicação do conhecimento em outras disciplinas da graduação e posterior formação. Órgão de fomento financiador da pesquisa: Unoeste Discutiu-se, em sala de aula, sobre a formação histórica da cidade e suas respectivas centralidades a partir de textos disponibilizados pelos docentes. Encontrou-se em ponto estratégico e realizou o percurso, obtendo-se assim registros através de croquis, fotografias e notas, de aspectos físicos e sociais, sejam positivos ou negativos. As informações coletadas pelos acadêmicos foram debatidas em momento posterior